

**Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Estadual de Campinas**

Contando histórias: fixers em Sarajevo

Andréa Carolina Schvartz Peres

**Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz
Supervisor Estágio Sanduíche: Prof. Dr. Muhidin Mulalić (IUS - Sarajevo, BiH)**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

P415c **Peres, Andréa Carolina Schvartz**
Contando histórias: fixers em Sarajevo / Andréa Carolina
Schvartz Peres. - - Campinas, SP : [s. n.], 2010.

Orientador: Omar Ribeiro Thomaz.
Co-orientador: Muhidin Mulalic.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Jornalismo – Bósnia-Herzegovina. 2. Etnologia. 3.
Bósnia- Herzegovina – História. 4. Sarajevo (Bósnia-
Herzegovina) – História – Cerco, 1992- I. Thomaz, Omar
Ribeiro. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: Telling stories: fixers in Sarajevo

Palavras chaves em inglês (keywords) : Journalism – Bosnia and Herzegovina
Ethnology
Bosnia and Herzegovina – History
Sarajevo (Bosnia-Herzegovina) –
History – Siege, 1992-

Área de Concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutor em Antropologia Social

Banca examinadora: Omar Ribeiro Thomaz, Amnéris Ângela Maroni, Paula
Montero, Heloisa Buarque de Almeida, Sebastião do
Nascimento

Data da defesa: 20-12-2010

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social

Andréa Carolina Schwartz Peres

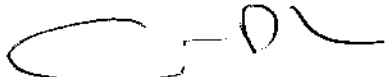
“Contando histórias: fixers em Sarajevo”

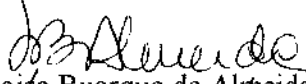
Tese apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz.

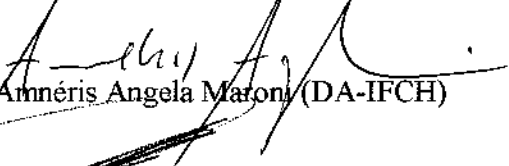
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora no dia 20 de dezembro de 2010.

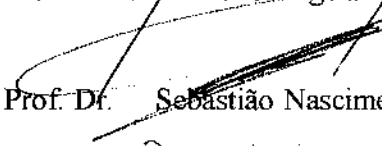
Comissão Julgadora:

Titulares:


Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz – (DA-IFCH) - (Presidente)


Profª. Dra. Heloisa Buarque de Almeida (FFLCH-USP)


Profª. Dra. Annéris Angela Maroni (DA-IFCH)


Prof. Dr. Sebastião Nascimento (Universität Flensburg)


Profª. Dra. Paula Montero (FFLCH-USP)

Suplentes

Profª. Dra. Mariza Corrêa (DA-IFCH)

Prof. Dr. Federico Guillermo Neiburg (UFRJ)

Prof. Dr. Ronaldo R. M. de Almeida (DA-IFCH)

**Campinas
dezembro/2010**

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
Resumo	9
Notas gráficas e de pronúncia	11
Notas sobre o uso de idioma estrangeiro no texto, abreviações e grafia dupla	13
Nota sobre os nomes das pessoas	16
 PREÂMBULO	 17
 INTRODUÇÃO.....	 21
Apresentando o fixer.....	22
O fixer no jornalismo internacional	25
A guerra na Bósnia e Sarajevo	27
Organização da tese.....	35
 PARTE 1 – CONSTRUINDO AS QUESTÕES	 37
 Capítulo 1. Entre Balcanismo e Civilização	 39
1.1. Imagem dos Bálcãs	39
1.2. Questão nacional na ex-Iugoslávia e na Bósnia-Herzegovina.....	48
 Capítulo 2. Sobre o método. Localizando os <i>fixers</i> no debate antropológico, ou Por uma antropologia do trabalho de campo.....	 71
O antropólogo no trabalho de campo	72
Entre o informante e o intérprete.....	73
Tradução e mediação cultural.....	78
 PARTE 2. Contando a história: fixers em Sarajevo	 85
 APRESENTAÇÃO. Sobre a pesquisa de campo	 85
Chegando a Sarajevo	85
Encontrando os fixers	88
Aprendendo idiomas	96
Sobre a autoctonia, ou a origem dos muçulmanos da Bósnia	102
A pesquisa.....	104

CAPÍTULO 1. Jornalistas	109
Perguntas	110
Correspondentes internacionais e fixers	113
Em Sarajevo	125
Elogio ao jornalismo internacional.....	128
Aprendendo com os profissionais	133
Objetividade, neutralidade e verdade.....	134
Uma vida diferenciada durante a guerra	143
Histórias.....	145
Quando o fixer vira a história	149
Mídia local e controle da mídia	151
 CAPÍTULO 2. A guerra	 175
Guerras na Bósnia.....	176
O cerco	205
 CAPÍTULO 3. Mas por quê?	 241
Ex-lugoslávia	241
A guerra como obra de outros	257
Mas afinal, isso é Balcãs.....	276
 CAPÍTULO 4. Sarajevo hoje: rock <i>versus</i> turbo-folk.....	 281
 CAPÍTULO 5. Na Republika Srpska.....	 293
Lugares.....	298
A guerra.....	306
APÊNDICE: Sobre o Kosovo, pela televisão.....	330
 CAPÍTULO 6. Quem é quem	 337
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 361
 BIBLIOGRAFIA.....	 373
 FILMES CITADOS	 388
 APÊNDICE	 389
I. Relação dos entrevistados.....	390
II. Mapas.....	394
III. Fotografias.....	399
IV. Músicas e textos originais.....	429

AGRADECIMENTOS

Agradeço à International University of Sarajevo (IUS), especialmente ao programa “Strategic Analysis and Risk Assessment” da Faculdade de Artes e Ciências Sociais (FASS) dessa universidade, ao meu supervisor Prof. Dr. Muhidin Mulalić e aos professores e funcionários dessa universidade, que me deram todo o apoio que precisei durante a pesquisa de campo, especialmente ao Professor Mehmet Can, ao então co-reitor Emir Hadžikadunić, à Azra, ao Mirsad, ao Šerif, à Sabiha, ao Jasmin, à Sadina, ao Amir, ao Enes e ao Bakir.

Agradeço muito à Capes, que me ofereceu a bolsa de estágio sanduíche, e à Fapesp, que proporcionou que eu realizasse todo o restante do doutorado com bolsa de estudos.

Agradeço à Associação de Jovens Lingüistas e Tradutores (*Udruženje mladih lingvista i prevodilaca*), onde tive minhas aulas de bósnio em Sarajevo com a professora Sandra Zlotrg. E à professora Katarina Kemeter Vidmar, com quem iniciei meus estudos de croata no Brasil, grande amiga e professora.

Agradeço aos amigos, que, sem eles, nada disso teria sido emocionalmente possível:

À querida Halide
À Sandra e ao Teno
Ao Igor e ao pessoal da galeria
À Valida e ao Mumu
Ao Amir T. Lunjo e à Irina
Ao Dražen Simić e ao Senad Kamenica
Ao Ado, e família Pintol (Ibro, Fatima, Lejla e Faris)
À Edina Kamenica, ao Asaf Bećirović, à Leila Viteskić, à Sađa e ao Željko Majstorović e ao Željko Ivanković
À Emina, do Holiday Inn
Ao Carl e ao Peđa
À Kris Dunaeva e à Ju Rosalen
À Adriana Marcolini

Agradeço a minha mãe, ao meu pai, ao Xan, à Márcia, à Eni e aos familiares queridos.

Agradeço ao Daniel, e à família Toledo, com carinho. E a todos da Associação Cultural Cachuera!.

Agradeço ainda ao Frei Marko, ao Jovan Divjak, ao Eli Tauber e à Suada Kapić.

E um agradecimento mais do que especial às minhas vizinhas (e vizinhos): família Vehabović (minha grande amiga Lela, Senka, Meho, Kenan e Atko), Seka, Hajro e Sanela, Adila e Adisa, Ševala, Fata e Nisveta. Sem elas (eles), meus dias em Sarajevo não teriam tido o mesmo brilho.

Agradeço à banca da qualificação, sua leitura atenciosa e instigantes comentários: Professoras Dra. Guita Grin Debert e Dra. Heloisa Buarque de Almeida.

Do IFCH, agradeço à Marta, ao Héctor e à Érika, meus queridos. E, seguramente, aos professores e funcionários da secretaria, especialmente à Professora Mariza Corrêa e à Maria José, e à turma de doutorado em Antropologia Social de 2005.

Agradeço ainda à Professora Safa Jubran, do Instituto de Letras Orientais da FFLCH/USP e ao professor Aleksandar Jovanović da FE/USP, e às bibliotecas do IFCH/Unicamp, da FFLCH/USP e da FEA/USP.

E a todos que conheci durante a pesquisa: Aida Alibalić, Aida Čerkez, Aleksandar Vasović, Amira Maca Sadiković, Amra Abadžić, Amra Hadžiosmanović, Amra Kebo, Andrej Đerković, Antonio Prlenda, Asja Rasavac, Belmin Karamehmedović, Boba Lizdek, Boris Kavić, Boro Kontić, Cardeal Vinko Puljić, Damir Omeragić, Dražen Šimić, Dubravko Lovrenović, Edin Karahusić, Edina Bečirević, Eldar Emrić, Eldina Jašarević, Elissa Helms, Elvis Barukčić, Erich Rathfelder, Fahira Fejzić, Hakija Hadžalić, Hana Prguda (Umihana), Hare Osmanagić (Muharem), Hazim Okanović, Jadranko Katana, Jakob Finci, József Pandur, Konstanty Gebert, Leana Lugić, Marcus Tanner, Menada Koso-Suljajvić, Merdijana Sadović, Miloš Šolaja, Miran Jelenek, Mladen Pehar, Nataša Čengiće, Nerminka Emrić, Nevenko Erić, Ognjen Begović, Philippe Deprez, Predrag Doder, Radul Radovanović, Rialda Musafaendić, Sabina Ćosić, Sabina Nikšić, Samir Krilić, Samira Krehić, Samra Lučkin, Sandra Kukić, Sanja Baranac, Sanja Mahač, Sava Radovanović, Senad Hadžifejzović, Senada Kreso, Senka Kurtović, Srećko Latal, Šefko Hodžić, Veran Matić, Vlada Marjanović, Vlado Azinović, Vojislav Stjepanović, Zdravko Grebo, Zdravko Ljubas, Zenit Đozić, Zijad Mehić e Zlatko Dizdarević.

Agradeço especialmente a Meldijana Arnaut e ao “Institut za istraživanje zločina protiv čovječnosti i međunarodnog prava” pela enorme doação de livros.

Agradeço ainda a todos aqueles que fizeram parte do meu dia-a-dia na Bósnia, em São Paulo e em Campinas, desculpe se não vos citei aqui!!!

E agradeço ao Omar, meu orientador, a quem dedico este trabalho.

RESUMO

A partir de pesquisa de campo em Sarajevo sobre *fixers* e outros que trabalharam para os jornalistas estrangeiros durante a guerra na Bósnia-Herzegóvina, pretendo pensar o lugar desses sujeitos na constituição de uma fala sobre o conflito.

Paralelamente, penso a guerra enquanto um contexto de elaboração de discursos e identidades, que se revelaria de modo especial por meio destes sujeitos que procuro analisar.

Os *fixers* são os intérpretes, os guias que tornaram possível o fazer jornalístico durante a guerra – em um lugar estrangeiro e de língua estrangeira para os grandes veículos internacionais de imprensa, predominantemente norte-americanos e europeus, que realizaram a cobertura do conflito e a transmitiram para todo o globo.

Penso os *fixers*, portanto, como reveladores dos processos elencados acima e, também, como emblemáticos para se pensar o próprio fazer antropológico e o lugar do intermediário, sempre presente no campo, mas, na maioria das vezes, ausente nas etnografias.

Esse trabalho é sobre eles, e como contam e entendem a sua história e a construção do estado na Bósnia.

ABSTRACT: “Telling stories: fixers in Sarajevo”

Considering the field research in Sarajevo about *fixers* and those people who worked for foreign journalists during the war in Bosnia and Herzegovina, I analyze their role in the making of the history about the conflict.

Besides that, I consider the war as a context of elaboration of discourses and identities that can be noticed through the subjects I analyze.

Fixers are the translators, the guides who made the work of journalists during the war possible – in a foreign country, a strange language – for the great Media Corporations, mainly American and European, who covered the conflict and broadcasted it worldwide.

I think that the research about *fixers* shed light on the processes quoted before, and eventually, on the anthropological work itself, concerning the role of the “intermediary”, always present on the field, but mostly absent in the ethnographies.

Hence, this thesis is about those people and about how they are telling history and thinking the building of the State.

REZIME: “Pričanje priče: fikseri u Sarajevu”

Uzimajući u obzir terenski rad u Sarajevu o *fixerima* i ljudima koji su radili za strane novinare za vrijeme rata, analiziram njihovu ulogu u konstrukciji priče o historiji Bosne i Hercegovine.

Pored toga, promišljam rat kao kontekst u kojem se uspostavljaju diskursi i identiteti, što se može primijetiti preko ljudi koje analiziram.

Fikseri su prevoditelji, vodiči koji su omogućavali rad novinara tokom rata – u stranoj zemlji na stranom jeziku – za velike medijske kuće, posebno američke i evropske, koje su prenosile sukob i emitirale ga širom svijeta.

Istraživanje o fikserima osvjetljava spominjane procese, i na kraju, sam antropolški rad, u smislu da su oni i medijatori, uvijek prisutni na terenu, no većinom odsutni u etnografiji.

Dakle, ovaj rad je o njima i o tome kako pričaju i razumiju svoju historiju i državu.

NOTAS GRÁFICAS E DE PRONÚNCIA

Exceto os nomes dos países e de suas capitais, que escrevo como se escreve no Brasil, mantenho a grafia original dos nomes de cidades, rios e pessoas.

Posto isso:

C pronuncia-se ts, como tsunami

Č pronuncia-se tch, como em tchau, mas um pouco mais forte.

Ć pronuncia-se tch, como em tchau, mas um pouco mais fraco

D pronuncia-se d, como em dedo

DŽ é uma letra, e não duas, como pode parecer, e pronuncia-se dj (como o *j* de *jump*, em inglês), forte

Đ pronuncia-se dj – como em dž –, mas mais fraco

G pronuncia-se g, como gato

H pronuncia-se rr, como em carro

J pronuncia-se como o i dos ditongos, como em Sarajevo (Saraievo)

K pronuncia-se c, como em casa

LJ é uma letra, e pronuncia-se lh

NJ é uma letra, e pronuncia-se nh

R pronuncia-se r, como em caro

S pronuncia-se s, como em salada

Š pronuncia-se ch

T pronuncia-se t, como em tatu

Z pronuncia-se z, como em zebra

Ž pronuncia-se j, como em jaca

As demais letras possuem sons como os da língua portuguesa.

O alfabeto cirílico utilizo raramente, de qualquer forma, cabe a transcrição abaixo:

А > A	Н > N
Б > B	Њ > NJ
В > V	О > O
Г > G	П > P
Д > D	Р > R
Ђ > Đ	С > S
Е > E	Т > T
Ж > Ž	Ћ > Č
З > Z	У > U
И > I	Ф > F
Ј > J	Х > H
К > K	Ц > C
Л > L	Ч > Č
Љ > LJ	Ў > DŽ
М > M	Ш > Š

Observação: o ć e o č (ћ/ч), e o đ e o dž (ђ/џ) possuem diferenças sutis para nós, de língua materna portuguesa, pois quase inaudíveis e muitas vezes irreproduzíveis.

NOTAS SOBRE O USO DE IDIOMA ESTRANGEIRO NO TEXTO, ABREVIACÕES E GRAFIA DUPLA

As citações em inglês e espanhol mantenho no original, sem tradução.

Não faço citações em bósnio-sérvio-croata (salvo algumas exceções), traduzindo diretamente o texto para o português. Não conversei com ninguém em português na Bósnia-Herzegóvina, portanto todas as citações de emails ou conversas que vierem no texto em português são traduções minhas do bósnio-sérvio-croata. As conversas que foram em inglês, foram citadas em inglês na maior parte das vezes. Na bibliografia, igualmente, traduzo em local apropriado o título dos livros bósnios-sérvios-croatas, para que o leitor saiba minimamente do que tratam.

Escrevo *bošnjak*, *četnik* e *ustaša* como em inglês, *bosniac/bosniacs*, *chetnik/chetniks*, *ustasha/ustashas*. Para mulher *bosniac*, tomo a liberdade e escrevo *bosniaquinha* (em bósnio-sérvio-croata é *bošnjakinja*).

Cito um livro de Dubravko Lovrenović, que para traduzir seu título, tomei a liberdade de inventar uma palavra. Hum é como se chamava a região da Herzegóvina na Idade Média, húmios é o adjetivo/substantivo inventado por mim para denominar coisas e pessoas desse lugar.

Os termos para os quais existe a forma dicionarizada em português, como *dervixe*, *paxá*, *imã*, entre outros, foram privilegiados.

Para facilitar a leitura, utilizo somente Bósnia, ao invés de Bósnia-Herzegóvina, em diversos momentos do texto. Note que em alguns, principalmente quando faço citações, pode aparecer a forma abreviada BiH (pronuncia-se *Beirrá*), pois é assim que as pessoas falam e escrevem. Do mesmo modo, o Exército Nacional iugoslavo pode aparecer somente como JNA (pronuncia-se *iina*), o Exército da Bósnia Herzegóvina, como ABiH (*Armija BiH*), entre outras abreviações.

O leitor pode notar ainda a grafia dupla de alguns nomes.

“Herzegóvina” e derivados podem vir como proparoxítonas ou como paroxítonas. Eu optei pela versão acentuada, proparoxítona, pois se aproxima mais da pronúncia local, mas ambas as grafias estão corretas na língua

portuguesa. Nas citações, a grafia original é respeitada e não sinalizada, como poderia fazer escrevendo “(sic)”.

No inglês (e mesmo no português), idioma da maioria dos livros aqui consultados, muitas vezes o *đ* é substituído pelo *dj*, e sinais diacríticos são por vezes ignorados. Assim, eu opto por escrever *Oslobođenje* (jornal de Sarajevo) na grafia original, nas citações ele virá por vezes escrito *Oslobodjenje*. O mesmo vale para o nome de alguns autores: Neven Anđelić, por exemplo, no seu livro traduzido para o inglês, está como Neven Andjelic. E assim por diante.

Algumas abreviações utilizadas no texto:

ABiH: Armija Bosne i Hercegovine (Exército da BiH)

BiH: Bósnia-Herzegóvina

CE: Comunidade Européia

EUA: Estados Unidos

HDZ: *Hrvatska demokratska zajednica*, União Democrática Croata

HVO: *Hrvatsko vijeće obrane*, Conselho de Defesa Croata

ICG: International Crisis Group

IUS: International University of Sarajevo

JNA: *Jugoslovenska narodna armija*, Exército Nacional Iugoslavo

MBO: *Muslimanska bošnjačka organizacija*, Organização Bosniac Muçulmana

NDH: *Nezavisna država Hrvatska*, Estado Independente Croata

OHR: *Office of the High Representative*

ONU: Organização das Nações Unidas

OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte

RS: Republika Srpska

SDA: *Stranka demokratske akcije*, Partido da Ação Democrática

SDP: *Socijaldemokratska partija*, Partido Social-Democrata

SDS (СДС): *Srpska demokratska stranka* (Српска демократска странка), Partido Democrático Sérvio

SFRJ: *Socijalistička federativna republika Jugoslavija*, República Federativa Socialista da Iugoslávia

SKBiH: *Savez komunista BiH*, Liga dos Comunistas da Bósnia-Herzegóvina
SNSD (CHCД): *Savez nezavisnih socijaldemokrata* (Савез независних социјалдемократа), Liga dos Social-Democratas Independentes
TO: *Teritorijalna odbrana*, Defesa Territorial
TPI: Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia, sediado em Haia (Holanda).
UE: União Européia
UNHCR: United Nations High Commissioner for Refugees
Unicamp: Universidade Estadual de Campinas
UNPROFOR: Union Nation Protection Force for Former Yugoslavia
UNTAES: United Nations Transitional Administration for Eastern Slavonia, Baranja and Western Sirmium
URSS: União Soviética
USP: Universidade de São Paulo
VJ: *Vojska Jugoslavije*, ou Forças Armadas Iugoslavas
VRS: *Vojska Republike Srpske*, Forças Armadas da Republika Srpska

NOTA SOBRE OS NOMES DAS PESSOAS

Nenhuma das pessoas com quem conversei fez alguma ressalva no sentido de omitir ou mudar o seu nome. Resolvi, contudo, manter o primeiro nome das pessoas e o sobrenome abreviado, com o intuito de facilitar a leitura. Seus nomes e sobrenomes estão no anexo 1, “Relação dos entrevistados”.

PREÂMBULO

Quem uma vez bebe das águas da Baščaršija

(Sevdalinka¹. Domínio público)

Um dia vim
conhecer a cidade de Sarajevo
era então moço
solteiro e jovem
pensei em ficar
somente um ou dois dias
mas em Sarajevo me passou
toda a juventude

Quem uma vez bebe das águas da Baščaršija
não pensa mais jamais em se ir de Sarajevo

Sede de amor
encontra uma fonte
nessa cidade
aproximei-me
palpitou meu
coração fortemente
a sarajevana me oferecera
seu cântaro cheio de água
esqueci de onde vim
e para onde o caminho me leva

Quem uma vez bebe das águas da Baščaršija
não pensa mais jamais em se ir de Sarajevo

Sede de amor
facilmente se incendeia
como chama no fogo
pelo cântaro precisei
dar-lhe um anel
casei-me jovem
tornei-me sarajevano
de onde é meu amor
de onde eu sou

Quem uma vez bebe das águas da Baščaršija
não pensa mais jamais em se ir de Sarajevo
jamais

¹ Sevdalinka é um tipo de canção popular bósnia, urbana e antiga.

Sarajevo é uma cidade linda, sedutora. Diz-se que quem bebe uma vez de suas águas, não a deixa nunca mais.

Encravada no vale do rio Miljacka, a cidade se forma ao longo do rio e sobe um pouco nos morros que a circundam.

Nascendo na Baščaršija, a cidade cresce sentido Ilidža, do período otomano, passando pelo austro-húngaro, e daí, os prédios da época do socialismo. Hoje, novos prédios, altos e envidraçados, estão encravados no meio de construções antigas e outras não tão antigas.

Sarajevo é uma cidade que se conhece, cada bairro, cada rua, cada ruela. Sarajevo é uma cidade que pertence àqueles que nela habitam.

Às vezes, as marcas nas paredes, das bombas e de seus estilhaços, que choveram durante os quase quatro anos de guerra, passam despercebidas. Sim, a cidade está quase toda reconstruída. Mas muitos buracos permanecem e alguns prédios ainda estão destruídos ou semi-destruídos, como a Vijećnica, o famoso city hall em estilo eclético neo-mourisco, construído pelos austro-húngaros no final do século XIX. Foi city hall por um tempo e depois biblioteca nacional. Alvo de um bombardeio em agosto de 1992, foi totalmente destruída e foram queimados quase todos os livros e documentos. Restou-lhe a estrutura externa.

Outras marcas que chamam a atenção são aquelas percebidas no asfalto. Em alguns lugares, essas marcas foram pintadas de vermelho, destacando ainda mais os locais onde caíram as bombas e seus fragmentos ao redor, são as chamadas “Rosas de Sarajevo”. Não puderam pintar todas, segundo um amigo meu, porque eram muitas. Foram pintados, assim, aqueles locais onde as bombas mais mortes provocaram.

É uma cidade, contudo, onde a beleza fala mais alto. E onde o cerco adquire outro significado. Foi um cerco à cidade e contra a cidade.

“Sarajevo tem *duh*”, é o que as pessoas dizem. Em português, “Sarajevo tem alma”.

Meu objetivo era encontrar aqueles que trabalharam para os jornalistas estrangeiros durante a guerra. Ao longo de minha pesquisa encontrei muito mais. Vizinhos e amigos fizeram parte da minha vida. As pessoas me acolheram. Café

nas vizinhas, bom dia para os taxistas, longas conversas na vídeo-locadora, aulas de bósnio, conversas na vendinha, em um cotidiano de risos e sorrisos.

Cheguei a Sarajevo em agosto de 2007. Retornei ao Brasil em setembro de 2008, após ter concluído a pesquisa de campo.

Após três meses no Brasil, entretanto, voltei a Sarajevo novamente, não para pesquisa de campo, mas para trabalhar na tese, naquele lugar que passou a ser minha segunda casa. Fiquei dez meses na cidade desta vez, trabalhando nos dados de campo, aperfeiçoando o idioma e vivendo perto dos meus novos amigos.

INTRODUÇÃO

As guerras na ex-Iugoslávia tiveram constante cobertura da mídia internacional durante os anos 1990. Tal cobertura só foi possível devido ao apoio e suporte locais.

Em Sarajevo, uma estrutura foi montada para receber e acomodar o pessoal internacional. A maioria dos jornalistas, juntamente com suas equipes, ficou hospedada no hotel Holiday Inn, que funcionou durante toda a guerra. O prédio da televisão nacional foi organizado logística e espacialmente para abrigá-los. E diferentemente dos habitantes da cidade, eles podiam entrar e sair livremente da cidade, com suporte da ONU, nos aviões da Unprofor (Union Nation Protection Force for Former Yugoslavia).

Muitas pessoas da cidade começaram, então, a trabalhar para esses jornalistas. O câmera (*cameraman*) da televisão, por exemplo, foi contratado para ser câmera de alguma rede de televisão estrangeira. Jornalistas locais foram contratados para serem fixers e repórteres das diversas agências, rádios, jornais ou redes de televisão que em Sarajevo aportavam. Moças encontraram uma oportunidade de “fazer algo bom”, como me diziam, para sua cidade e de ganhar algum dinheiro, ajudando-os, organizando encontros, fazendo as traduções necessárias. E ainda, rapidamente aprenderam como fugir dos franco-atiradores e a melhor maneira de se chegar a algum ponto da cidade. Ou seja, além de traduzir, filmar, agendar reuniões e entrevistas, eles ainda garantiam um mínimo de segurança para as equipes de jornalistas estrangeiros.

Partindo da indagação sobre o papel do intermediário no trabalho de campo antropológico e constatando a importância destes personagens para o sucesso da cobertura jornalística, enquanto intermediadores entre os jornalistas que contaram a guerra para o mundo e a guerra propriamente dita, resolvi realizar essa pesquisa.

Apresentando o fixer

(...) eu e meus colegas, instantaneamente, individualmente e simultaneamente, reconhecemos Edin como um verdadeiro achado. Um guia disposto, de bom coração, para mostrar os horrores e mistérios gloriosos de um lugar que foi empurrado para o fim do mundo, e depois tirado de lá em cima da hora... E cada um de nós queria um pedaço de Edin. “Edin, me mostra isso!”. “Edin, quem eu vejo ali em cima?”. “Edin, traduza pra mim, por favor, por favor!”. Ele não se aborreceu conosco. Algumas vezes nós o divertíamos... (...) Mas ele sempre tentava concretizar nossos desejos jornalísticos. Edin parecia conhecer todo mundo, conseguia entrar em qualquer casa... Ele nos apresentava para a polícia e aos governantes... Ele fazia as introduções necessárias... E, no final do dia, conhecia o bar mais próximo (Joe Sacco, 2001, p. 12-13).

Fixer é o termo jornalístico que define o papel desempenhado pelo personagem citado acima. É utilizado para designar as pessoas locais que são contratadas pelos jornalistas estrangeiros por possuírem “maior conhecimento” do que estes sobre o lugar e a situação e por falarem outros idiomas, além do seu próprio; podem ser jornalistas locais, mas não o são necessariamente: organizam entrevistas, indicam personagens e fazem as traduções necessárias.

Nas palavras de Aleksandar Vasović², que trabalhou como fixer para diversos veículos de imprensa estrangeiros e como jornalista da rádio B92, de Belgrado, durante a guerra (além de ter trabalhado com fixers em outros países onde esteve como repórter),

Fixers, interpreters and drivers are noble professions and are based on professionalism. Fixers were there to fix things. To essentially do the job of producers. They would set up a field operation, deal with logistics, set up interviews, overlap the role of interpreter, journalist and a logistics expert. Many were probably the best reporters from their respective capitals. People with contacts, sources, phonebooks. Journalists trusted their lives to fixers. A field reporter without a fixer is good for nothing.

² Correspondência via email, em 2007.

A importância do fixer no campo jornalístico cresce, assim, na medida em que este campo se afasta dos grandes centros que produzem a notícia ou informação – como Estados Unidos e Europa Ocidental, onde se localizam os grandes jornais e agências de notícias internacionais – e na medida em que se faz necessário o uso de uma língua estrangeira ao lugar e comum aos jornalistas para que a comunicação seja possível.

Na Bósnia-Herzegóvina, falava-se o servo-croata³, língua que hoje, assim como a iugoslávia, não existe mais. Utilizava-se – e ainda se utiliza – os alfabetos latino e cirílico, sendo que em Sarajevo predomina o alfabeto latino – durante a guerra, o alfabeto cirílico foi paulatinamente sendo deixado de lado.

A cobertura jornalística internacional da guerra só foi viável, portanto, pela existência de indivíduos que, conhecendo o inglês, o francês, o alemão, o castelhano, entre outras línguas, disponibilizaram-se a desempenhar o papel de intérpretes, pois a esmagadora maioria dos jornalistas dos grandes veículos de imprensa – alemães, britânicos, franceses, italianos, espanhóis – simplesmente desconhecia qualquer das variantes das línguas locais.

A partir de pesquisa anterior, sobre a cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-iugoslávia (PERES, 2005), reuni uma série de relatos que remetiam em algum momento ao fixer. Marcelo Spina, por exemplo, na cobertura da guerra na Bósnia, então repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*, conta⁴ que tivera um “fixer” na Croácia de nome Marinko, que conhecera em um café, conversando sobre o Brasil. Spina conta que, como Marinko estava desempregado, ele o acompanhara “de graça” em sua cobertura, indicando caminhos e pessoas e traduzindo os relatos. Spina não tinha dinheiro para contratar um fixer “de

³ A língua servo-croata era a língua oficial da ex-iugoslávia, falada na Croácia, na Bósnia-Herzegóvina, na Sérvia e em Montenegro (e aprendida nas demais repúblicas iugoslavas – Eslovênia e Macedônia – e nas províncias autônomas da Sérvia – Kosovo e Voivodina). Após a guerra e a independência destes territórios, cada um deles renomeou sua língua oficial. Passamos a ter então as línguas croata, sérvia, bósnia e montenegrina, sendo que na Bósnia-Herzegóvina fala-se bósnio, croata e sérvio, conforme a etnia/nacionalidade/religião da pessoa. As diferenças entre elas são regionais e dialetais – algumas palavras e sotaques distintos – além do alfabeto (as línguas bósnia e croata usam o alfabeto latino, as línguas sérvia e montenegrina, o alfabeto cirílico). O debate em torno da nomeação/definição da língua terá adiante um tratamento mais detalhado.

⁴ Em entrevista à autora realizada no dia 5 de abril de 2004. Marcelo Spina é jornalista e esteve na Bósnia-Herzegóvina em 1992 e na Bósnia-Herzegóvina e na Croácia em 1995.

verdade”, mas pagava as refeições de Marinko e quando saíam da cidade, no caso Zagreb, pagava sua hospedagem. Rebeca Kritsch, também repórter de *O Estado de S. Paulo*, diferente de Spina, assim que chegou à Bósnia-Herzegovina foi à procura de um “intérprete”. A rede de televisão americana CNN foi quem indicou a intérprete de Kritsch, que, em suas palavras⁵, foi sua tradutora, guia e amiga. Maja era o seu nome e, segundo Kritsch, refletia em si a “mistura étnica” da Bósnia, pois seu ex-marido era muçulmano, seu pai, falecido antes da guerra, era sérvio, e sua mãe, muçulmana. Segundo Kritsch, Maja usava o sobrenome de solteira, sérvio, ou o sobrenome de casada, muçulmano, conforme a situação, manipulando assim sua “etnia”. E foi utilizando o sobrenome sérvio que conseguiu tirar a sua mãe de Banja Luka durante a guerra, quando a cidade foi dominada pelos sérvios. Kennedy Alencar (1999), enviado especial do jornal *Folha de S. Paulo*, na cobertura da guerra no Kosovo, em 1999, não teve “fixers”, mas teve um “motorista”, o taxista Mirko Bozic (sic.), que trabalhou para ele em Belgrado até ser enviado para servir na defesa do Exército iugoslavo comandando uma artilharia antimíssil.

Vemos nesses exemplos que nem sempre *fixer* foi o termo utilizado pelos jornalistas: Rebeca Kritsch considerava Maja a sua intérprete e guia e Kennedy Alencar teve um “motorista”. Opto pelo termo *fixer*, contudo, no intuito de reunir todos esses sujeitos.

Vemos assim que o *fixer* é aquele que leva o jornalista para a cobertura, faz a tradução e acaba sendo, além de um empregado, um parceiro, uma companhia.

O termo em inglês é utilizado no campo jornalístico, tanto no Brasil, como na Bósnia, e deriva do verbo *to fix* – *fixer* é aquele contratado “to fix the things”, ou seja, estabelecer, arrumar, organizar e possibilitar o trabalho do jornalista em terra estrangeira.

⁵ Em entrevista à autora realizada no dia 25 de outubro de 2003. Rebeca Kritsch foi enviada pelo *O Estado de S. Paulo* para cobrir as primeiras eleições livres na Bósnia-Herzegovina pós-guerra, em 1996.

O fixer no jornalismo internacional

Existem muitos trabalhos sobre jornalismo e o papel da mídia no mundo contemporâneo. Entretanto, sobre jornalismo internacional e especificamente sobre o jornalista expatriado, temporária ou permanentemente, ou seja, como enviado especial ou correspondente internacional, e sobre seu trabalho, existem poucos. E menos ainda sobre o papel/importância do fixer no campo da produção de notícias e informações.

Ulf Hannerz, em “Foreign news” (2004), por exemplo, faz uma etnografia dos correspondentes⁶, quem são eles, para quem trabalham, onde moram, com quem se casam, o que escrevem, como escrevem etc.. Ele faz, portanto, o mapeamento dessas pessoas, dos lugares por onde passam, dos acontecimentos que cobrem e das “linhas de história”⁷.

O autor revela em seu trabalho que existem lugares privilegiados onde esses correspondentes ficam estacionados – geralmente grandes cidades da Europa (Ocidental) e dos Estados Unidos. Salvo exceções: como em casos extraordinários (guerras e acidentes naturais), quando há um fluxo de jornalistas para outros lugares que não os mais centrais; ou quando estão estacionados em lugares estratégicos, como Oriente Médio e China, atualmente. O autor destaca ainda os jornais, redes de televisão e agências de notícias que possuem um número considerável de escritórios espalhados pelo mundo – agências como a Associated Press (americana), a France Presse (francesa), a Reuters (inglesa), a EFE (espanhola), para além de alguns jornais e redes de TV também desses países.

Deste modo, na época das guerras na ex-Iugoslávia, houve um fluxo expressivo de jornalistas para a região dos Bálcãs, ainda mais se tratando de uma

⁶ Sobre correspondentes internacionais, ver também Stephen Hess, “International News & Foreign Correspondents” (1996) e Greg McLaughlin, “The war correspondent” (2002).

⁷ “Linha da história” (*story line*) é o mote a respeito do assunto sobre o qual se fala (ou se escreve), que, segundo Hannerz (2004), dá coerência à história e organiza e simplifica a narrativa jornalística. Hannerz cita, por exemplo, o conflito árabe-israelense como a linha da história de uma cobertura em Jerusalém, ou seja, uma cobertura em Jerusalém dificilmente não terá como mote tal conflito e a relação entre palestinos e israelenses.

guerra “no quintal da Europa”, como se costumava dizer. Vinculados às principais agências de notícias e jornais do mundo, a esmagadora maioria não falava os idiomas da região e nunca havia estado no lugar e nem pensado sobre as particularidades de sua história. Criou-se então uma economia de produção de notícias e informação que durou anos, enquanto duraram as guerras e algum tempo depois inclusive, e que mobilizou inúmeras pessoas locais.

Tendo isso em vista, penso os jornalistas como tradutores e difusores privilegiados de posicionamentos, visões de mundo e linhas de história. Os assumo como nossos tradutores daquilo que foi, no entanto, primeiro traduzido para eles. E é aqui que entram os fixers e o pessoal local que produzia informação ou ajudava na produção desta durante a guerra e, muitos deles, ainda hoje.

Por fim, cabe citar dois trabalhos jornalísticos sobre fixers. O primeiro é um artigo de Elisabeth Witchel (2004) para a revista do Comitê para Proteção dos Jornalistas (CPJ). Neste artigo, a autora enfatiza o perigo que os fixers correm, sendo contratados cada vez mais, no caso da guerra no Iraque, por exemplo, para irem às frentes de combate no lugar do próprio jornalista. Muitos, portanto, passam a ser perseguidos e mortos pelo governo ou milícias locais em situações como essas. O que nos coloca as questões a respeito do que precisamente eles faziam no trabalho com os jornalistas durante a guerra na Bósnia e quais as consequências deste trabalho em suas vidas.

O segundo trabalho para o qual chamo a atenção é a história em quadrinhos (HQ) de Joe Sacco, jornalista autobiográfico (é autor, narrador e personagem de suas histórias), correspondente independente e cartunista. Recentemente publicou uma HQ de nome “The fixer: a story from Sarajevo” – em português: “Uma história de Sarajevo” (2005)⁸. A HQ conta a trajetória do fixer de Joe Sacco, Neven, e aborda sua habilidade em conseguir mais e mais dinheiro do jornalista e o fato do jornalista depender deste sujeito – por ter medo de ficar sozinho numa terra estranha e perigosa e por precisar de um amigo, de um companheiro, e de alguém que lhe contasse uma “boa história”. Essa “boa

⁸ A semelhança do título da tese e do livro deste autor é uma grande coincidência.

história”, que Joe Sacco intercala com a sua própria junto a Neven em Sarajevo, é a de vários líderes de milícias que lutaram durante o cerco defendendo a cidade⁹.

São trabalhos que tratam o fixer na situação de conflito. Eu penso o fixer, para além de sua atuação nestes momentos, como um contador da história. Fui, então, a Sarajevo, atrás dessas histórias.

A guerra na Bósnia e Sarajevo

There was virtually no mixed community left in Bosnia or Croatia which had not been touched by the disease of ethnic cleansing and murder. The Moslems of the Drina valley, northern Bosnia, the Lašva valley, western and eastern Hercegovina had been massacred in an unprecedented example of racist militarism in post-war Europe. The Croats of central Bosnia and large parts of the Posavina had been driven away for ever, as had the Serbs of the Krajina. The former Yugoslavia has become the arena of a vast population exchange, engineered chiefly by Milošević and Tuđman, and has been executed through a series of small, very vicious war (Misha Glenny, 1996, p. 288).

De acordo com Weine (2000), o saldo final da guerra na Bósnia, pelas estimativas do governo bósnio, é de 130 mil pessoas mortas e desaparecidas (esse número pode chegar a 200 mil, conforme a fonte). Acredita-se que mais de 2 milhões de pessoas foram deslocadas ou são refugiadas em alguma parte do mundo, ou seja, pelo menos metade da população pré-guerra deixou suas casas durante o conflito¹⁰ (Cf. BANKS; MURRAY, 1999; BOUGAREL; HELMS; DUIJZINGS, 2007; VEJVODA, 1996). Em Sarajevo, Kurspahić fala de 10 mil mortos, dentre estes, 1800 crianças (2003, p. 121).

Uma sucessão de eventos, segundo Bette Denich (2000), substituiu o consenso por um modelo de oposição interétnica. Eventos como a morte do Marechal Tito em 1980, seguida pela grave crise econômica que abateu a ex-Iugoslávia nos anos 1980, a crescente autonomia das repúblicas e províncias

⁹ Poderia também citar o interessante artigo de Bishara, sobre fixers e jornalistas locais na Palestina (2006), ou o artigo de Palmer e Fontan sobre fixers e jornalistas no Iraque (2007).

¹⁰ De acordo com o censo de 1991, na Bósnia viviam 4.377.033 pessoas (NACIONALNI..., 1993).

iugoslavas, o fim do tabu socialista em relação ao nacionalismo (que passa a ser cada vez mais manipulado pelas mídias e pelos partidos e líderes locais com propósitos políticos), a procura de culpados para a crise, manifestações de cunho econômico paulatinamente acrescidas de conotações nacionalistas, e as disputas constitucionais pela descentralização ou centralização da ex-Iugoslávia, contribuíram neste processo, onde o dissenso entre os líderes políticos em relação ao processo de democratização do país, entre outros motivos, culminou nas declarações de independência da Eslovênia e da Croácia (em 25 de junho de 1991). Em setembro de 1991, a Macedônia realiza um referendo, com boicote da minoria albanesa e 90% de votos pró-independência. Em outubro de 1991, os representantes da Macedônia e da Bósnia deixam a presidência iugoslava. Também em outubro deste ano, a Assembléia bósnia declara a soberania da república, fazendo com que seus membros sérvios a deixem. E no final de 1991, tanto a Macedônia como a Bósnia-Herzegovina entregam à União Européia um pedido de reconhecimento das independências. Na Bósnia, esta é condicionada a plebiscito, marcado para os dias 29 de fevereiro e 1 de março de 1992. Muitos sérvios boicotaram o referendo, e dos 64% que votaram, 99% foi a favor da independência. Esta é proclamada no dia 3 de março de 1992¹¹.

O reconhecimento internacional dessas independências foi o estopim dos confrontos armados¹².

As guerras na ex-Iugoslávia começaram na Eslovênia, em 1991, quando esta república e a Croácia declararam sua independência de Belgrado (capital da antiga Iugoslávia), mas logo se concentrou somente nas regiões de maioria sérvia

¹¹ Para uma cronologia completa dos eventos na ex-Iugoslávia, de 1980 a 1995, ver Bougarel (2004).

¹² A Macedônia foi reconhecida somente em fevereiro de 1994, sem testemunhar, então, confrontos armados (que se verificaram no ano 2001, entre forças macedônias e milícias locais albanesas). Como a Grécia não admite que a Macedônia tenha o mesmo nome que a Macedônia grega, seu nome oficial permaneceu como Ex-República Iugoslava da Macedônia (FYROM) e o reconhecimento se deu, apesar da pressão e embargo econômico gregos à Macedônia na época. Em novembro de 2004, os Estados Unidos reconheceram o nome "Macedônia" para a Macedônia. Ninguém na região usa o nome reconhecido (FYROM). Também eu, nesta tese, escrevo somente "Macedônia".

da Croácia, Krajina e Eslavônias, onde foi estabelecida a República Sérvia da Krajina¹³.

No final de 1991, uma trégua foi estabelecida, com as forças sérvias dominando 22% do território croata, e tal situação manteve-se até o final da guerra na Bósnia, quando a Croácia, em uma forte ofensiva, a Operação Relâmpago (*Munja/Bljesak* ou *Blijesak*), seguida da Operação Tempestade, (*Oluja*), expulsou os sérvios das regiões onde viviam há séculos. Tal ofensiva poupou somente a Eslavônia Oriental, que foi reintegrada à Croácia em 1997¹⁴.

No começo de 1992, grande parte do território bósnio foi tomada por milícias sérvias, e sua capital, Sarajevo, cercada.

A guerra na Bósnia-Herzegovina e o cerco a Sarajevo duraram quase quatro anos, de 1992 a 1995, quando foi assinado o Acordo de Dayton, e foi uma guerra que “re-organizou” simbólica e espacialmente as diferentes identidades nacionais na Bósnia – Sérvia, Croata e Muçulmana/Bosniac¹⁵.

Pode-se dizer que foram várias as guerras, e não só uma a guerra na Bósnia.

Além dos lados da guerra, definidos pelas categorias nacionais (sérvios, croatas e muçulmanos/bosniacs), diversos foram os campos de combate, os alinhamentos e posicionamentos entre as partes, que se rearranjavam de acordo com lealdades locais/regionais. Foram várias as guerras também, pois diferentes são as histórias sobre a guerra, como pretendo mostrar ao longo da tese.

¹³ Ver mapa 5 anexo, com as regiões croatas sob domínio sérvio entre 1991-1995 (p. 397).

¹⁴ A reintegração das regiões da Eslavônia Oriental, Baranja e Srem Ocidental se deu, conforme acordo assinado em novembro de 1995 entre o governo croata e o representante sérvio, após período de transição, quando a região ficou sob administração de um representante apontado pela ONU (UNTAES). Cf. SECURITY COUNCIL, 1996. Sobre o conflito na Croácia, ver Grandits e Promitzer (2000). Sobre o período pós-guerra na região de Knin, ver Leutloff-Grandits (2006).

¹⁵ Escrevo apenas nesse momento Sérvio, Croata e Muçulmano/Bosniac com letra maiúscula. Era deste modo que se distinguia *Nação* (com letra maiúscula) de adscrição religiosa na ex-Iugoslávia. “Muçulmano” entra aqui, portanto, como uma categoria de pertença nacional, e não necessariamente religiosa. O termo bosniac (*Bošnjak*) passou a ser utilizado para definir “nacionalmente” a população muçulmana a partir de 29 de setembro de 1993 (o termo foi estabelecido pela Assembleia Bosniac – *Bošnjački sabor* – e depois ratificado pelo parlamento). Durante a guerra, o termo “muçulmano” foi o mais utilizado pela imprensa e organismos internacionais para definir essas populações, e ainda é utilizado hoje em dia na Bósnia, apesar do termo bosniac ter encontrado forte adesão. A partir daqui, opto por escrever tais nacionalidades com letra minúscula, de acordo com a norma gráfica da língua portuguesa.

Em conformidade ao Acordo de Dayton, a Bósnia-Herzegóvina está hoje dividida em duas entidades, com grande grau de autonomia cada uma, a Republika Srpska (ou República Sérvia, com 49% do território) e a Federação da Bósnia-Herzegóvina (ou somente Federação, ou *Federacija*, como as pessoas de modo geral a chamam, com 51% do território), além do distrito de Brčko, sob supervisão internacional, onde ainda se espera uma resolução que defina a qual entidade irá pertencer.

O acordo reconhece, ainda, três nacionalidades constitutivas, a sérvia, a croata e a bosniac (demais grupos nacionais – minorias ou etnias – entram na categoria “outros”).

A Federação, como o nome diz, é uma federação formada por dez cantões autogovernados¹⁶, alguns com maioria bosniac, outros com maioria croata. A Republika Srpska possui maioria sérvia.

Além da divisão territorial e nacional, o poder é também dividido, no sentido de assegurar um equilíbrio entre as nacionalidades. Todavia, há poucos órgãos do governo comum, dentre eles, destaca-se a presidência colegiada rotativa, formada por integrantes das três nacionalidades constitutivas.

Tanto as entidades, como os representantes de cada uma das nacionalidades, possuem poder de veto no que tange às resoluções do governo central. Tal mecanismo se verifica também no nível das entidades.

Nas palavras de Džihana e Jusić, “The range of power-sharing mechanisms is so far-reaching and extensive that they tend to paralyse the political system, making it extremely difficult to propose and undertake policy reforms in any area”, dado que tal mecanismo não é contrabalanceado por outros de cooperação entre as entidades ou nacionalidades (2008, p. 85).

De todo modo, o Alto Representante das Nações Unidas (OHR, ou *Office of the High Representative*), cargo existente desde 1995, supervisiona o

¹⁶ São eles: *Unskosanski*, na região de Bihać; *Posavski*, no noroeste da Bósnia; *Tuzla*, na região de Tuzla; *Zeničko-dobojski*, na região de Zenica e Doboj; *Bosansko-Podrinjski*, na região de Foča e Goražde; *Srednjobosanski*, na região da Bósnia Central e Travnik; *Hercegovačko-neretvanski*, na região de Mostar; *Zapadnohercegovački*, no norte herzegóvino, na região de Široki Brijeg; *Kanton 10* (ou Cantão 10, antigo *Hercegbosanski*), na região de Livno; e *Sarajevo*. Ver mapa 2 anexo (p. 394).

cumprimento do Acordo de Dayton (cujo anexo 4 nada mais é que a Constituição da Bósnia-Herzegovina), controla para que haja algum consenso entre as partes e possui altos poderes, os chamados *Bonn Powers* (desde a reformulação do acordo em 1997), que lhe permite impor leis, vetar decisões do governo central ou das entidades e depor um governante/representante democraticamente eleito.

Para Hayden (2000), Dayton construiu assim uma “ficção legal” na Bósnia, que serviu para preservar a “ficção” do estado, sem alteração de suas fronteiras, ao mesmo tempo em que, o fato de ser um estado fictício fez com que aqueles que o rejeitaram, concordassem com a sua existência. Um estado, portanto, onde o consenso é impossível, e daí o papel do Alto Representante das Nações Unidas, que possui poderes legislativos e executivos, para não dizer ditatoriais, com o objetivo de garantir sua funcionalidade¹⁷.

Há, assim, uma divisão imposta no âmbito da política e uma união imposta também, se não sob a forma de cooperação, sob a forma de obrigação diante do Acordo de Dayton – imposta pelo Alto Representante e, cada dia mais, “aconselhada” para que a Bósnia possa se candidatar a uma vaga na UE (União Européia).

De qualquer forma, independentemente da funcionalidade ou não do estado, ou de como os líderes políticos vão lidar com as políticas impostas, seja pelo OHR, seja pela UE, como as pessoas percebem o país foi a minha pergunta, particularmente àqueles que conheci em Sarajevo.

Mas por que Sarajevo?

O cerco a Sarajevo, face ao que se falava na imprensa durante a guerra, sempre me chamou particular atenção.

¹⁷ Nas palavras de Bougarel, Helms e Duijzings, “The ‘Bonn powers’ (...) enabled the High Representative to remove some major obstacles to the implementation of Dayton, but in the long run this threatened to distort Bosnian political life and deprive local institutions of any real power and legitimacy” (2007, p. 9). Tal poder passou a ser, contudo, contestado, e a Republika Srpska – na figura de Milorad Dodik, primeiro-ministro – ignorou as últimas tentativas do Alto Representante de recorrer a eles (sobre isso e os desenrolares da administração do OHR na Bósnia nos últimos anos, ver Parish, 2007). De todo modo, há alguns anos planeja-se fechar o OHR, e ao seu fechamento, está condicionada a candidatura da Bósnia a uma vaga de membro da União Européia. Ver ainda, Lexau (2004).

Em primeiro lugar, Sarajevo era caracterizada como cidade multicultural por excelência. Os próprios jornalistas que muitas vezes sublinhavam a inimizade secular das três etnias/nacionalidades em conflito na Bósnia – muçulmana, sérvia e croata –, chamavam a atenção para o caráter multiétnico da cidade.

Cito abaixo duas passagens, ambas publicadas pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, a primeira, de Ejup Ganić, na época, membro da presidência bósnia:

A Bósnia era um país pequeno, multiétnico. Seu povo defendia o direito de viver junto, da mesma forma civilizada que viveu durante séculos. Sempre houve casamentos interétnicos lá. Se fossem dividir a Bósnia e a Herzegovina em regiões étnicas, a linha divisória passaria dentro dos quartos de dormir. (GANIC apud NOLASCO, 1993, p. 12)

Os corpos de Bosko Brckic e Admira Ismic completam o quinto dia numa zona de ninguém à margem do Rio Miljacka, em Sarajevo, enquanto forças sérvias e autoridades muçulmanas discutem de que lado enterrá-los. Ele era sérvio; ela era muçulmana. Tinham 25 anos e namoravam desde o curso colegial. Foram mortos quarta-feira por um atirador sérvio quando tentavam fugir da capital bósnia para a Sérvia. A mãe de Bosko quer que sejam enterrados juntos. (AMOR..., 1993, p. 10)

O jornalista Leão Serva, enviado especial do jornal *Folha de S. Paulo* à Bósnia para cobrir a guerra, chama de “clichê” o fato dos bósnios se apresentarem como “uma mistura solidária dos três povos” usando como exemplo suas próprias famílias mistas (1992, p. 2-13).

Não obstante, cabe notar aqui certa nostalgia, que se refere a um “quando éramos” (logo, não somos mais) vizinhos, amigos, amantes. Transparece assim uma mudança na percepção desta convivência multiétnica na cidade, também relatada pelos jornalistas durante a guerra, ou seja, as pessoas lamentavam, entre outras coisas, que seus antigos vizinhos eram seus atuais inimigos...

Acompanhado por guia militar, caminha-se em silêncio 50 metros por uma trincheira estreita (...). Esse caminho frio, úmido e tenso leva até várias guaritas subterrâneas. (...) Numa delas encontrei o soldado Jasmin, 37 anos (...). Ele contou que do outro lado, alguns de seus inimigos mortais são ex-amigos de Sarajevo, de sair, beber e se divertir. Nesses dias difíceis eles já não se vêem, mas aos gritos, ainda conversam sobre suas famílias, sobre a vida. Passam frio juntos, dão risadas, se insultam e trocam tiros todas as noites. Estão separados pela guerra e apostam quem vai morrer primeiro. (COSTA NETTO, 1994, p. 26)

O fixer Neven, personagem da HQ de Joe Sacco (2005), também nota uma diferença. Neven alistou-se na milícia bósnia Boinas Verdes (Zelene beretke)¹⁸ para defender a cidade que tanto amava,

eu decidi apostar minhas fichas na Bósnia. Não sei mesmo por quê. Sou nacionalista no sentido de que amo meu país. Mas não odeio ninguém. Essa tolerância é parte da nossa cidade natal, Sarajevo, onde diferenças étnicas são muito menos importantes do que em outras partes da Bósnia. (...) Eu amo essa cidade. (SACCO, 2005, p. 27)

Todavia, Neven foi convidado a se retirar em 1993 de sua unidade militar, pois, como ele era sérvio, estava custando dois soldados adicionais, um para proteger os outros dele, e outro, para proteger ele dos outros. Falando sobre isso em 1995, Neven afirma, “Perdi os meus ideais (...). Não tem lugar pra caras como eu. Não há nada pelo que valha a pena lutar” (2005, p. 76). Segundo Sacco, “a guerra ultrapassou o Neven. A guerra foi em frente e o deixou para trás. E o Neven vai dizer que ele desistiu da guerra... Mas na verdade foi a guerra que desistiu do Neven” (2005, p. 76).

Para finalizar, um último motivo que nos leva justamente a Sarajevo, e não a outra cidade bósnia, diz respeito à enorme concentração de jornalistas na cidade para cobrir o conflito.

Apesar dos jornalistas terem trafegado por todo o território bósnio durante os anos de guerra, ou seja, terem coberto os demais enclaves “protegidos” da ONU, como Srebrenica, Tuzla, Žepa, Bihać e Goražde¹⁹, e outras cidades da guerra, como Mostar, Travnik, Vitez, Banja Luka, Pale, Bijeljina etc., foi em Sarajevo que se concentraram os jornalistas, as coberturas, a ajuda humanitária.

¹⁸ Os Boinas Verdes (Zelene beretke) eram uma milícia bósnia/muçulmana formada por voluntários.

¹⁹ Tais cidades tinham população predominantemente muçulmana e eram enclaves em território “inimigo”, por esses motivos foram consideradas áreas de segurança da ONU (*safe areas*) e deveriam receber alimentos e proteção militar. Sarajevo foi também considerada “safe area” dado o seu “caráter único”, “as a multicultural, multi-ethnic and pluri-religious centre which exemplifies the viability of coexistence and interrelations between all the communities of the Republic of Bosnia and Herzegovina, and of the need to preserve it and avoid its further destruction” (SECURITY, 1993, p. 2). Sobre essa resolução, ver também Donia (2006, p. 3) e Hansen (2006).

Feita esta apresentação, proponho aqui analisar tal contexto de transformação social e de percepção, não a partir do relato dos jornalistas, como vimos, ou de intelectuais e estudiosos da região, mas sim, a partir dos fixers, que estavam “cercados por sérvios” nas montanhas, mas também por centenas de jornalistas em busca de uma “boa história” e de um “bom guia” na cidade.

Cabe acrescentar ainda que, se por um lado a imprensa – mas não só, também intelectuais, ONGs, Nações Unidas etc. – participou ativamente de processos de categorização dos “povos” da região (em “sérvios”, “muçulmanos”, “croatas”, “albaneses”...), reiterando desta maneira a suposta inevitabilidade dos conflitos testemunhados²⁰, por outro, não fez mais do que usar de categorias nativas, seus marcadores de diferença, definidores dos grupos, das linhas de combate e dos sujeitos políticos. Categorias estas, portanto, que remetiam tanto às distinções entre *narod* e *narodnost*, utilizadas para organizar a República Federativa Socialista Iugoslava²¹, como às formas utilizadas na década de 1990 para demarcar as linhas divisórias entre as repúblicas e as linhas divisórias das partes em guerra.

Tendo isso em vista, torna-se imperativo retornarmos a Sarajevo e àqueles que primeiro nos informaram, pois informaram aos jornalistas, as causas que acirraram a rivalidade e que crivaram sua sociedade, e os caminhos que o conflito seguiria. E daí a necessidade de um retorno a esses sujeitos: quem são eles e como pensam o que aconteceu?

²⁰ Cf. PERES, 2005.

²¹ *Narod*, cuja tradução literal é *povo* e, na sua acepção moderna, *nação*, era o termo utilizado na ex-Iugoslávia para definir a nacionalidade (com estado-nação ou república), escrito em inicial maiúscula (Eslovenos, Sérvios, Croatas, Muçulmanos, Macedônios, Montenegrinos) – na Bósnia, sendo comum o termo de origem latina *nacija* (“nação”). *Narodnost*, cuja tradução literal é *nacionalidade*, escrito também em inicial maiúscula (Albaneses, Húngaros, Ciganos etc.), era o termo utilizado para definir as minorias étnicas e nacionais (sem estado-nação ou república). Sobre essas distinções, ver Bringa (1993), Bougarel (2004), Muršić (2000).

Organização da tese

Organizei a redação da tese em duas partes.

Na primeira parte, apresento o universo de questões que me levaram a campo. Sendo assim, o primeiro capítulo é sobre uma imagem dos Bálcãs, que, de acordo com pesquisa anterior (PERES, 2005), teria norteado o que se escreveu sobre as guerras dos anos 1990 na região. Neste capítulo apresento ainda de que modo se organizavam as nações e nacionalidades na ex-Iugoslávia.

No segundo capítulo, por sua vez, apresento as questões antropológicas que me levaram a discutir particularmente o papel do fixer nessa história. Deste modo, trago aqui o debate sobre o intermediário no trabalho de campo antropológico e sobre o informante, além do debate sobre tradução e mediação cultural.

A Parte 2 da tese é constituída pela etnografia realizada em Sarajevo no período que vai de agosto de 2007 a setembro de 2008 e de fevereiro a dezembro de 2009.

Num primeiro momento, discorro sobre a minha chegada a Sarajevo e as primeiras questões que então surgiram e que acabariam por delinear os rumos da pesquisa.

No primeiro capítulo, sobre jornalismo, apresento os fixers, conto como se organizava a mídia internacional na Bósnia durante as guerras, como era o trabalho dos correspondentes internacionais e o que o pessoal local pensava deles e de seu trabalho conjunto. Por fim, não poderia falar da imprensa na guerra, sem falar sobre a imprensa de guerra, e aqui retomo trabalhos que analisaram o papel fundamental da mídia local na propaganda de guerra e na propagação do medo e da suspeição.

O segundo capítulo é sobre a guerra. Como as pessoas perceberam ou não que a guerra era iminente, como foi o cerco a Sarajevo e como o viveram.

No terceiro capítulo, apresento como pensam o que aconteceu e quais seriam, da sua perspectiva, os motivos do conflito armado. Isso nos obriga a

pensar na ex-Iugoslávia, nos organismos internacionais, numa imagem dos Balcãs, e na divisão entre campo e cidade.

O quarto capítulo é sobre como vêem a cidade hoje e, evidentemente, como percebem as transformações de Sarajevo.

O quinto capítulo é sobre a Republika Srpska, ou seja, sobre o que ouvi “do outro lado da fronteira”. Embora tenha concentrado minha pesquisa de campo em Sarajevo, realizei várias incursões a outras partes do país, com destaque para Banja Luka, Pale, Istočno Sarajevo, Bijeljina e Mostar (esta, na Federação).

Por fim, o sexto capítulo, é sobre quem é quem afinal na Bósnia. Após um relato fortemente marcado por categorias étnico-nacionais, pretendo aqui propor um esforço de relativização, ou mesmo, de questionamento destas mesmas categorias.

Trago ainda algumas considerações finais, a título de fechamento, e um apêndice, onde trago a relação dos entrevistados, alguns mapas, fotografias e as músicas e poesias, que foram citadas na tese, na língua original.

PARTE 1 – CONSTRUINDO AS QUESTÕES

Antes de adentrar nos dados de campo propriamente, aprofundo aqui algumas questões que nortearam a construção da pesquisa. No primeiro capítulo, apresento alguns autores que analisaram a existência de uma imagem recorrente dos Bálcãs que, atrelada a um universo discursivo, esteve presente na cobertura das guerras na ex-Iugoslávia. E conto um pouco da história da região, especificamente no que tange seus diferentes grupos e a questão nacional na ex-Iugoslávia e na Bósnia-Herzegovina, especificamente. No segundo capítulo, retomo o debate na antropologia sobre o lugar do intérprete e do informante no trabalho de campo e sobre a questão da mediação cultural.

Capítulo 1. Entre Balcanismo e Civilização

1.1. Imagem dos Bálcãs

Por ocasião das guerras na ex-Iugoslávia, uma profusão de informações sobre a região, as pessoas que lá viviam e suas histórias, chegaram até nós pelos meios de comunicação, nos trazendo uma imagem dos Bálcãs.

Na análise da cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia (PERES, 2005), constatei a existência de um discurso hegemônico sobre as guerras na ex-Iugoslávia, que repetidamente nos lembrava que a Iugoslávia fora um país criado artificialmente, uma associação de várias línguas, etnias e religiões, e que por esses motivos não poderia ter dado certo. Enfatizava-se assim, na imprensa, o postulado, “um estado para uma nação (ou povo), uma nação para um estado”, e imputava-se como causa do “problema iugoslavo”, o motivo “cultural”. Ou seja, além de serem diferentes, os iugoslavos eram diferentes que não conseguiam conviver, dado os conflitos, ódios e ressentimentos históricos. Desta maneira, no intuito de explicar as guerras, a imprensa anulava, muitas vezes, histórias e culturas, ao transformarem-nas em características naturais e imutáveis dos povos dos Bálcãs, retirando assim a historicidade dos eventos que aconteceram e fixando visões e divisões de mundo.

Foi possível apreender, entretanto, dois discursos principais sobre a guerra na Bósnia. O discurso hegemônico, citado acima, que predominou na cobertura da imprensa brasileira, e outro, revelado também por este primeiro, espécie de nostalgia pluralista em face da guerra e de um futuro dividido etnicamente. O primeiro apontava para certo provincianismo ligado à imagem dos Bálcãs, o segundo reivindicava o multiculturalismo da região que, vinculado a um discurso da tolerância, não compreende o conflito e rememora um passado de convivência pacífica.

Não só no Brasil, cuja cobertura internacional pode ser vista como “restrita”, pois dependente dos despachos das agências de notícias internacionais, da cobertura de grandes jornais de outros países (principalmente da Europa e dos

Estados Unidos) e cujos livros sobre o assunto são quase inexistentes (tanto de autores brasileiros como possíveis traduções sobre o assunto), também nestes despachos, nos grandes jornais internacionais, em alguns livros de autores consagrados, constatou-se uma recorrência de explicações sobre as guerras, na qual é como se as guerras da década de 1990 na ex-Iugoslávia fossem uma espécie de prova do que há muito vinha se dizendo sobre a “natureza” e a “cultura” dos Balcãs, sendo que, os “cientistas” que colheram tais evidências, foram os jornalistas, que, guiados pelos fixers, testemunharam também tais eventos. Existe, assim, podemos dizer, uma tradição discursiva sobre os Balcãs, que teria norteado a escrita jornalística e as explicações sobre as guerras.

Cabe analisarmos aqui como os fixers se pensam, ou não, igualmente informados por este imaginário (ou tradição discursiva), relacionam-se com ele e apresentam-se então ao mundo. Ou seja, um ponto é como um imaginário sobre um lugar norteia o que é escrito sobre ele, o outro, são as diferentes formas como as pessoas do lugar interagem com esse imaginário, confirmando-o ou não.

Posto isso, dado que estou tratando da construção de discursos e da posição ocupada pelos intérpretes e guias desses jornalistas, antes de adentrar no universo desses sujeitos – de suas falas, relatos e modos de ver, ser e compreender o que aconteceu – apresento aqui tais explicações comuns, introduzindo no debate alguns autores que analisaram sua recorrência.

Retomo com este propósito especialmente os trabalhos de Maria Todorova (1997) e Larry Wolff (1994) para mostrar como se construiu uma determinada imagem dos Balcãs.

Partindo da interpretação de Edward Said (1990) sobre o orientalismo, esses autores procuraram analisar como o “Ocidente” *inventou* e *imaginou* os Balcãs e o Leste europeu, produzindo uma “imagem congelada” destas paragens, e como essa imagem se configurou ao longo do tempo, até os dias de hoje.

Imaging the Balkans (1997), de Maria Todorova, como o próprio título diz, é um “imaginar” os Balcãs, não em suas paisagens e “culturas”, mas no sentido de como ele tem sido imaginado, concebido, entendido e interpretado. Em um período que vai do século XV ao século XX, Todorova nos faz refletir sobre relatos

de viajantes, diplomatas e missionários (italianos, franceses, alemães, russos, ingleses e americanos), sobre textos jornalísticos e acadêmicos, e sobre relatos e literatura dos próprios “povos balcânicos”.

Primeiramente, ela sublinha que o termo balcanização, tal como o conhecemos hoje, que remete à fragmentação de unidades políticas em unidades menores, geralmente acompanhada de violência, foi cunhado no pós-Primeira Guerra Mundial (justamente quando a criação da Iugoslávia foi o oposto disso) e que no período após a Segunda Guerra Mundial, durante a Guerra Fria, o termo “balcanização” começou a ser utilizado de forma genérica, com o sentido de desgraça e desonra entre as pessoas, ao mesmo tempo em que racionalizava e legitimava a dominação ocidental, ao caracterizar os países africanos saídos do jugo do imperialismo franco-britânico. “Balcanização” começou também a se destacar no contexto das relações internacionais, como sinônimo de corrupção e insegurança no mercado financeiro, ou como um *melting pot* perigoso e sinônimo de desumanização, desesteticização e destruição da civilização. Em relação à região dos Bálcãs, o termo, entretanto, caiu em desuso, dado o não-alinhamento da ex-Iugoslávia com a URSS e a existência da Grécia e da Turquia não-comunistas, sendo utilizado, para as regiões comunistas dos Bálcãs, o termo Leste europeu, e para as outras, o mais neutro e preferível naquele momento, Sudeste europeu (*South-Eastern Europe*).

“Balcânico” e derivados entram em voga novamente com o esfacelamento da República Federativa Socialista da Iugoslávia, já que com o fim da Guerra Fria e derrocada dos estados comunistas da Europa do leste, os Bálcãs são foco de uma nova onda de ofensas ligadas à “balcanização”, face à consolidação definitiva do capitalismo e do cristianismo, significando, justamente, a total não-europeidade dos Bálcãs e a impossibilidade civilizatória da região.

Para entendermos tal taxionomia, de acordo com Todorova (1997), devemos ter em conta que até finais do século XVIII, as populações dos Bálcãs eram denominadas otomanas ou cristão-turcas, e os Bálcãs, de *Volksmuseum* (Museu de Povos) da Europa. A opinião dos viajantes, nesse período, oscilava entre o encantamento e (mais raramente) a rejeição. Havia a percepção dos

Balcãs como uma entidade geográfica e cultural distinta da Europa e tais viajantes funcionavam como jornalistas, moldando-se a certa opinião pública e expressando-se de acordo com a visão dominante de seu tempo, gostos e preconceitos.

No século XIX, segundo Todorova (1997), dois modelos próximos de percepção, que informavam atitudes de classe, acabaram prevalecendo: o aristocrático e o burguês. O modelo aristocrático identificava-se com os governadores turcos e foi dominante até meados do século XIX; o modelo burguês, por sua vez, era contra o aristocrático, e foi o que impôs os estereótipos mais prejudiciais aos Balcãs, rejeitando os otomanos, “contrários ao progresso”, e instaurando uma nova dicotomia, entre o progressivo e o reacionário, o avançado e o atrasado. Ambas as visões se aproximavam, no entanto, pelo eurocentrismo e pelo desdém aos camponeses. No século XIX, a dicotomia cristão/muçulmano deixa de ser, portanto, tão relevante e a dicotomia entre progresso e atraso entra em vigor.

No início do século XX, todo o acúmulo de conhecimento sobre os Balcãs foi então categorizado e internalizado na forma de estereótipo, isto em decorrência de uma série de turbulências que acometeu a região naquele momento: instabilidade em vários países dos Balcãs, o assassinato do rei da Sérvia, Aleksandar Obrenović, em Belgrado²², a crise na Bósnia, com a anexação do território pela Áustria-Hungria, as Guerras Balcânicas e, por fim, o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando e de sua esposa (grávida), em Sarajevo, por Gavrilo Princip, sucedido pela Primeira Guerra Mundial.

Em face de um momento de superioridade das potências imperialistas européias e de relativa paz na Europa pré-Primeira Guerra Mundial, a região passou a ser vista como violenta e politicamente agitada.

Além disso, não podemos esquecer que este período caracterizou-se também pelo forte racismo e pela ciência a serviço da estética, quando estudos sobre mestiçagem, pureza racial e suas implicações culturais atingiram um ápice,

²² A defenestração do Rei Aleksandar Obrenović e a mutilação de sua esposa, a Rainha Draga, em 1903, são então vistas como “estilo” eslavo, racial e primitivo de assassinato.

culminando nas futuras políticas de eugenia e limpeza ou purificação racial, e quando as teorias evolucionistas/progressistas juntaram-se às teorias racialistas, sendo os Bálcãs exemplo vivo de atraso e degeneração racial, dado a sua população misturada e miscigenada.

No entre-guerras se deu o período subsequente de internalização do estereótipo e de frases feitas que passaram a classificar o balcânico em parte como oriental e em contraposição ao ocidental. Deste modo, se o oriental caracterizava-se pela sujidade, passividade, ódio às mulheres, intriga, ineficiência, falsidade, oportunismo, preguiça, supersticiosidade, letargia e incompetência burocrática, o balcânico, por sua vez, seria tudo isso e também cruel, grosseiro, instável e imprevisível. Já o ocidental caracterizava-se pela limpeza, ordem, autocontrole, força de caráter, senso de lei, justiça e eficiência administrativa.

Nas palavras de Todorova (1997, p. 137), os conflitos da década de 1990 foram descritos, portanto,

as if the mountaineers of seventeenth century have reentered the political stage of the late twentieth unmarked by any change. (...) The present Yugoslav atrocities, and in general Balkan atrocities (...) are the expected natural outcomes of a warrior ethos, deeply ingrained in the psyche of Balkan populations. Balkan violence thus is more violent because it is archaic, born of clan societies, whose archaic forms reveal the “disharmonic clash between prehistory and the modern age”²³.

Por fim, a negação do império otomano é feita frente ao ideal dos estados nacionais europeus de homogeneidade religiosa e étnica, que os Bálcãs não possuem e que a Europa atingiu em nome da democracia, mas pagando um preço moral e humano sobre o qual não se fala: homogeneizaram-se através da “balcanização” que eles próprios, segundo Todorova, imputam ao outro da Europa, os Bálcãs.

Este percurso proposto por Todorova nos revela assim um pouco por que os conflitos que aconteceram na ex-Iugoslávia foram compreendidos de uma determinada forma não muito concorde com o que pensam historiadores ou especialistas na região, incluindo a própria Maria Todorova.

²³ Aqui, Maria Todorova (cf. nota 90, p. 210) cita Michael Weithmann (1995, p. 41; 1993, p. 9).

Larry Wolff (1994), por sua vez, aborda o Leste europeu como um todo, do qual os Bálcãs fariam parte. Para ele, até o Iluminismo, a divisão da Europa se dava entre norte e sul, o sul sendo as terras bárbaras. Com o Iluminismo, este eixo se deslocou para o leste, ou seja, para as terras que faltavam ser descobertas e para onde foram os viajantes e filósofos do século XVIII, ou seja, para Rússia, Polônia, Bálcãs otomano, Boêmia, Criméia e Hungria. Desde então, a Europa do leste passou a ser definida pela ambigüidade – em relação às certezas do Oriente (definido pela oposição às também certezas do Ocidente). O Leste europeu estaria desta maneira entre o Oriente e o Ocidente, entre a barbárie e a civilização.

Para Larry Wolff, contudo, inventar não é criar algo que não existe, e sim, eleger determinadas características, em detrimento de outras, para escrever e inscrever o lugar. No caso do Leste europeu, esta invenção baseou-se, literalmente, no “entrar” e “possuir”, que, para ele, foram aspectos da experiência do viajante do século XVIII, sugestivos da maestria sexual e intelectual da Europa sobre o Leste europeu. Em “mapear” e “imaginar”, que diferente de exemplos da ciência e da fantasia, estariam correlacionados, pois foi a partir da imaginação fantástica dos homens do Iluminismo que a Europa do leste foi mapeada. E no “endereçar”, via correspondência entre os filósofos do Iluminismo e os monarcas locais, que buscavam modelos de civilização para si mesmos. Assim, inventou-se o Leste europeu, o que fez com que o Oeste europeu fosse então também inventado, em contraposição ao seu outro, sob o parâmetro da “civilização”.

Tendo em vista este debate, Dušan Bjelić (2002, p. 15) afirma,

As a regime of knowledge, *Balkanism* relies on figurative language and metaphor. For the Ottomans, as well as for the Western colonial cultures, the Balkans formed the “bridge” between the East and the West, a metaphor naturalized by Ivo Andrić in his Nobel Prize-winning novel, *The Bridge over the Drina*.

Ivo Andrić é um autor clássico para região e “The bridge over the Drina” (1995), como Bjelić chama a atenção, é um livro emblemático. Nele, Andrić narra várias histórias, de diversos personagens, que têm em comum a ponte sobre o rio Drina, na cidade de Višegrad, na Bósnia-Herzegovina. O livro começa com a

construção da ponte logo que os otomanos conquistaram a região e termina com a Primeira Guerra Mundial. De acordo com Mary Olsen, a ponte de Andrić separou ou uniu, em ciclos de cooperação e conflito, muçulmanos, sérvios, croatas, húngaros, judeus, e outros, em 500 anos de história, quando governos, políticos, famílias e personagens locais se foram, mas a ponte permaneceu (1993, p. 96) – e eu diria: a Bósnia permaneceu.

O “balcanismo”, enquanto “regime de conhecimento”, como vimos acima²⁴, discurso sobre o outro, modo de organizar o pensamento e classificar os povos, será utilizado também pelas próprias repúblicas ex-iugoslavas como base de distinção, onde estes e outros países dos Bálcãs vão construir sua identidade em oposição ao outro oriental – os turcos otomanos – sob o parâmetro da civilização. “Ocidente” e “civilização” apresentam-se então em sinonímia e a distinção entre quem é mais ou menos ocidental/civilizado se verificará também internamente, e em vários níveis.

A idéia de “Europa” passa a ser, assim, segundo Bakić-Hayden (1995), a de uma Europa cristã quase naturalizada, apesar dos séculos de contato com judeus e muçulmanos, onde eslovenos e croatas vão imediatamente se caracterizar – e serem caracterizados – como europeus²⁵; e os sérvios, por sua vez, segundo esta autora, vão clamar sua cristandade bizantina enquanto europeidade, escudo contra o avanço do islamismo em direção ao ocidente, percebendo-se assim enquanto mais europeus do que aqueles que se assumem como muçulmanos europeus. Estes, por fim, distinguem-se dos de fato orientais, não-europeus.

Srdjan Vucetic, em um interessante artigo sobre piadas na ex-lugoslávia, nota que esse esquema de Bakić-Hayden “não funciona” no caso dos montenegrinos, que, embora também sejam cristãos ortodoxos, são ilustrados

²⁴ Cf. BJELIĆ, 2002, p. 15.

²⁵ Tal distinção pôde ser verificada também na cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-lugoslávia, onde freqüentemente nos deparávamos com caracterizações da Eslovênia e da Croácia enquanto as repúblicas “mais ocidentalizadas” da ex-lugoslávia, sempre relacionadas “culturalmente” ao ocidente e a valores ditos “mais ocidentais”, como a democracia, a liberdade, o desenvolvimento, a civilização, em contraposição às demais repúblicas e províncias ex-iugoslavas, tradicionalistas, comunistas, atrasadas e orientais (islâmicas e ortodoxas) (Cf. PERES, 2005, p. 80).

pelo imaginário local/regional como preguiçosos, incultos e atrasados²⁶. Além deste aspecto, este autor chama a atenção ainda que o esquema de Bakić-Hayden exclui a comunidade local depreciada por excelência: os *roms*, ou ciganos (2003, p. 12), grupo também muito presente nas piadas²⁷. Segundo Vucetic, as piadas, ou “intergroup humour”, dividem, abusando de categorias depreciativas, como “primitivos” e “idiotas”, ao mesmo tempo em que supõem a convivência entre os grupos.

É evidente, a meu ver, que tais piadas remetem a um imaginário que tem como principal oposição a entre o rural e o urbano, ou terras altas (montanhas) e terras baixas (vales/cidades), e não somente à oposição entre Ocidente e Oriente. Fato este que vai de encontro ao que encontrei em campo, onde a dita “primitividade” do outro pode ser encontrada, ou em uma religiosidade extremada, ou em “atitudes camponesas”, ou, basicamente, em um suposto comportamento que vai contra o suposto requinte e cosmopolitismo da cidade, da vida urbana, como veremos especialmente no capítulo 3 e 4 da parte 2.

E é nesse sentido que foi possível notar como os próprios sarajevanos vêem a si mesmos como mais civilizados e europeus que seus vizinhos do restante da Bósnia. E bosniacs vão dizer que os muçulmanos da Bósnia são diferentes, pois são mais ocidentalizados, praticando um islamismo “mais moderno” (Cf. HELMS, 2008), no qual, entre outras coisas, a maioria das mulheres não usa o véu islâmico e o consumo de bebidas alcoólicas é comum.

²⁶ Segundo Looney, as piadas bósnias estereotipizam do seguinte modo os nacionais da ex-Iugoslávia: bósnios são estúpidos, tolos e ingênuos; montenegrinos são preguiçosos e orgulhosos; sérvios são agressivos; croatas são frios e reservados; e eslovenos são egoístas e homossexuais (2009, p. 24). São infinitas as piadas, e alguns exemplos podem ser encontrados em Vucetic (2003), Looney (2009), ou em livrinhos de piadas, como o que cito na bibliografia (Cf. NAJBOLJI..., s.d.). Trago aqui algumas delas: Um montenegrino, um bósnio e um esloveno apostam uma corrida de 100 metros. O esloveno vence. Por quê? O montenegrino desistiu e o bósnio se perdeu no caminho... (Cf. VUCETIC, 2003, p. 8, tradução minha) Outra: Por que os montenegrinos são tão preguiçosos? Porque um dia um bósnio lhe disse: “deixe-me explicar...” (Cf. VUCETIC, 2003, p. 8, tradução minha). Etc..

²⁷ Um exemplo: o pequeno cigano pergunta ao pai. “Papai, como se veste a cueca?”. O pai lhe dá um tapa na cabeça e responde: “Já não te disse mil vezes! Na frente amarelo, atrás, marrom.” (NAJBOLJI..., s.d., p. 39). Outro exemplo: o policial corre até o cigano e diz: “pare, pare!”. O cigano responde, “pare você, não tem por que correr!”. E o policial pergunta: “qual a receita do bolo cigano?”. O cigano começa: “Roube três ovos...” (NAJBOLJI..., s.d., p. 27). Tais exemplos vão de encontro – infelizmente – ao modo de se estereotipizar ciganos que ouvi algumas vezes em campo: como sujos e ladrões.

Nesse sentido, não raramente, ouvi minhas vizinhas (todas muçulmanas) falando sobre o aumento de mulheres muçulmanas na cidade (especialmente na região onde eu morava) vestindo o *nikab* (ou *niqāb*, túnica preta que as cobre dos pés à cabeça, deixado apenas um vão para os olhos). Segundo elas, “Sarajevo nunca teve isso” e que isso é influência do oriente, assim como as novas e enormes mesquitas de dois minaretes construídas após a guerra com financiamento de países do Oriente Médio (diferentes das mesquitas bósnias, pequenas e com apenas um minarete), que mudam a cara da cidade e elas dizem não gostar²⁸.

Posto isso, a Bósnia-Herzegovina, sobretudo Sarajevo, seria o “coração da Europa”, como ouvi inúmeras vezes, pois ponte (e não, fronteira) entre o leste e o oeste, entre o “Ocidente” e o “Oriente”, e desse modo, símbolo de união e tolerância entre os povos, e não o contrário.

²⁸ A extravagância das novas mesquitas se choca à simplicidade e beleza das mesquitas bósnias (cf. pequena mesquita em Banja Luka, foto anexa, p.416), integradas à paisagem urbana. Aqui vale a pena contar uma pequena anedota. Um dia, passeando de carro com o amigo e jornalista Senad K., perguntei das mesquitas em geral em Sarajevo, se já havia tantas antes da guerra, e apontei para a mesquita árabe em Otoka (bairro de Sarajevo), e ele disse: “isso aí é um foguete!”. Aí perguntei por que essas são foguetes e as outras não são. E ele explicou que é porque as outras são antigas, e não existia foguete naquela época...

1.2. Questão nacional na ex-Iugoslávia e na Bósnia-Herzegovina

From its foundation, Sarajevo has recognized distinctions among its inhabitants based on their religion, ethnicity, nationality, or some blend of the three. An ethnic key has been in effect as long as the city has existed, even if it has not always been known by that name. Although social democrats and communists indignantly rejected the ethnic key as anachronistic, it guided many of their appointments to key leadership positions and never wholly disappeared from political life. During the decades of socialist rule from 1945-92, national differences became less relevant in public life and were blurred by considerable intermarriage, but the distinctions never vanished. Diversity, rather than assimilation, has been the Sarajevo's hallmark for the past five and a half centuries. Common life was a product of reaching across ethnonational boundaries rather than erasing them. (DONIA, 2006, p. 354-355)

Apresento aqui um histórico sobre como se organizaram nacionalmente os territórios da ex-Iugoslávia, com ênfase na Bósnia-Herzegovina, tendo em vista as perguntas: que lugar é esse?, como se conformaram os estados-nacionais que conhecemos hoje?, como pensar a formação das categorias nacionais na Bósnia e sua relevância no universo político?

Antes de tudo, um parêntese. Pode parecer estranha, à primeira vista, a confusão dos termos “etnia”, “religião” e “nacionalidade”. Tais termos se confundem no contexto local, pois estão ligados uns aos outros e às formas como a identidade foi objetificada ao longo do tempo.

Tendo em vista que a região, por séculos, esteve sob domínio de impérios multinacionais, o otomano e o austro-húngaro, seguido do Estado iugoslavo, a relação de sinonímia entre os termos, onde etnia pode ser vista como base da nacionalidade, que têm como princípio a religião, ou a ascendência religiosa, prevalece, mas não sem debate e/ou “certezas” referentes à autoctonia (que coloca em questão, algumas vezes, o que é etnia e etnicidade), principalmente no caso da Bósnia, como veremos.

A Bósnia aparece, nesse meio, como um território que permanece – assim como sua população, seja ela sérvia, croata, bosniac, ou “outra” –, ou seja, como um espaço geográfico cujas fronteiras se mantiveram relativamente inalteradas

por séculos²⁹ até o Acordo de Dayton, que inscreveu finalmente uma nova fronteira, a que existe na atualidade entre as entidades sérvia e muçulmano-croata.

Tendo isso em vista, trato aqui das distinções oficiais entre os diversos grupos na ex-Iugoslávia, para, na Parte 2, vermos como tais categorias funcionaram – ou não – nos contextos da guerra e do pós-guerra.

Como mencionei anteriormente, durante o regime socialista, havia três categorias oficiais relativas à identidade nacional e referentes a direitos nacionais. A primeira categoria, “nações da Iugoslávia” (*Jugoslavenski narodi*), englobava os sérvios, os croatas, os eslovenos, os macedônios, os montenegrinos e os muçulmanos (estes últimos puderam assim se declarar a partir do censo de 1971). Cada uma delas possuía um lar nacional em uma das repúblicas – exceto a Bósnia-Herzegovina, formada por três nações (sérvios, croatas e muçulmanos) – e possuía direitos constitucionais de igual representação política. A segunda categoria, “nacionalidades da Iugoslávia” (*narodnosti* ou *nacionalnosti*), tinha garantida a diversidade de direitos culturais e lingüísticos, e reunia dez grupos, segundo Bringa (1993, 1995), como os albaneses, húngaros e, no começo dos anos 1960, também os muçulmanos³⁰. A terceira categoria eram os *outros*, que incluía judeus, russos, iugoslavos, valacos, gregos etc. (Cf. BRINGA, 1993). Muitos dos autores pesquisados, entretanto, apontam somente para a distinção entre *narodi* (nações) e *narodnosti* (nacionalidades), onde os “outros”, apontados por Bringa, entrariam na categoria de *narodnosti* (nacionalidade). Bougarel (1996, p. 25), por exemplo, aponta como nacionalidades (*narodnosti*) ou “minorias nacionais” (termos que toma como sinônimos), os albaneses, húngaros, ciganos, turcos, italianos, russos, eslovacos, valacos etc..

Uma pesquisa sobre a atuação política destes grupos durante o regime socialista caberia ser realizada, de todo modo, adiante que as nações e nacionalidades tinham representação política nos parlamentos das repúblicas e

²⁹ Salvo os poucos anos quando foi dividida em *banovinas* e durante a Segunda Guerra Mundial, como veremos.

³⁰ É incrível, mas não consegui encontrar quais são as demais nacionalidades iugoslavas que entravam nesta categoria.

províncias, e no caso da Bósnia, também na liderança do partido e na presidência colegiada iugoslava³¹. Além de se fazerem especialmente presentes nas festas populares, com suas canções tradicionais, vestes típicas, bordados etc., sendo exemplo vivo (e ideológico) da “fraternidade e unidade” vigente na SFRJ (República Federativa Socialista da Iugoslávia). Mesclavam-se, contudo, no exército (JNA), nas ligas comunistas locais e enquanto classe trabalhadora.

Tone Bringa (1993) aponta três legados ideológicos em relação a esse sistema classificatório: o sistema *millet* otomano (ou de comunidades religiosas), a doutrina stalinista e a doutrina wilsoniana, utilizada na criação dos estados-nacionais pós-Primeira Guerra Mundial.

Apesar de ter rompido com Stalin em 1948, Tito concebe o Estado iugoslavo como também dividido em diferentes nacionalidades, onde o equilíbrio de poder entre elas era fundamental, ainda mais após as sangrentas guerras que tiveram lugar no território da ex-Iugoslávia, no período da Segunda Guerra Mundial (Cf. BRINGA, 1995). A influência stalinista estaria assim no uso da categoria *narod* (“nação”), que, para Stalin, seria “a historically formed and stable community of people which has emerged on the basis of a common language, territory, economic life and psychological make-up, the latter being manifest in a common shared culture” (BROMLEY; KOZLOV, 1989, p. 426 apud BRINGA, 1993, p. 123)³². Donia e Fine Jr. afirmam nesse sentido que

Borrowing heavily from Stalin and the Soviet nationality model, Tito elaborated the twin ideas of full national self-determination³³ for Yugoslavia's nationalities and, simultaneously, a strong, centralized Party organization that would be the sole political expression of each nation's will. (1994, p. 147)

³¹ Mesmo quando a categoria “muçulmano” não era vista como categoria nacional, somente como religião, não significava que estes não tivessem alguma forma de representação na esfera política. Nas palavras de Banac (1996, p. 144), pensando nos anos 1940, “the literature of the period did not attempt to define the Muslims in any specific ‘ethnic’ sense but recognized them as a community with rights equal to that of Serbs and Croats”.

³² Ver também: BANAC, 1994, p. 21.

³³ A autodeterminação nacional incluía o direito de secessão, que o Partido Comunista, por sua vez, assegurava que não fosse exercido (Cf. DONIA; FINE JR., 1994, p. 148). Hayden, entretanto, afirma que essa cláusula não era clara na constituição iugoslava de 1974, que, ao mesmo tempo em que admitia a possibilidade de secessão (na introdução), estipulava que as fronteiras externas da Iugoslávia só poderiam ser alteradas com consenso de todas as repúblicas (no artigo 5) (2000, p. 183).

O sistema *millet* otomano, por sua vez, dividia os habitantes do império de acordo com a religião, onde o líder espiritual de cada grupo era também seu líder político. Os *millet* não-muçulmanos não tinham que se submeter à xariá, o código de leis islâmico, respeitavam seus próprios líderes religiosos e eram por eles regulados/governados (Cf. BANAC, 1994, p. 64).

A influência deste sistema na definição das comunidades nacionais na ex-Iugoslávia pode ser verificada na criação das identidades nacionais baseadas na religião da comunidade. Deste modo, pode-se explicar a correspondência entre católicos e croatas e cristãos ortodoxos e sérvios, além dos muçulmanos, a quem darei um pouco mais de atenção daqui em diante.

Para se falar dos muçulmanos bósnios, Banac (1996) – assim como, inúmeros autores – começa por expor a configuração religiosa pré-otomana na Bósnia, quando havia a Igreja Bósnia (igreja cristã considerada herege pelo Papa e tida como dualista por muitos estudiosos³⁴), uma considerável presença franciscana e monastérios ortodoxos, especialmente no leste de onde é hoje a Herzegóvina.

Com o domínio otomano na Bósnia, a partir de meados do século XV, a conversão ao islamismo da população local foi considerável. Nas palavras de Buturovic (1995),

For a number of complex socio-political reasons, a large number of Bosnians, primarily the followers of the Bosnian church, chose to convert to Islam in the course of the 15th and 16th centuries. The number of new converts surprised even the Ottoman authorities and, as a result, Bosnia came to be perceived as the western stronghold of the imperial polity throughout the four and a half centuries of Ottoman rule.

³⁴ De maneira bem simplificada, as igrejas dualistas ou maniqueístas (que seria a igreja dos bogomilos, dos cátaros etc.) são aquelas que têm na figura do diabo também uma divindade. Existiria assim um equilíbrio entre o mundo espiritual e o material, entre Deus e o Diabo, entre as forças do bem e as forças do mal. As igrejas dualistas pregavam uma vida ascética e sem símbolos religiosos, como modo de se distanciar do reino das trevas, material, e de se elevar ao reino espiritual, de Deus. Tais elementos do dualismo, segundo Malcolm (2002), vão contra os elementos da Igreja Bósnia encontrados na região, que possuía sim riquezas, lugares de culto, e onde muitos símbolos – incluindo a cruz – podiam ser encontrados. Há uma disputa entre intelectuais que discordam do caráter dualista da Igreja Bósnia e aqueles que o defendem, tratarei mais sobre isso na segunda parte desta.

O maior número de conversões teria se dado, assim, entre os adeptos da Igreja Bósnia³⁵. Porém, houve conversões no interior das comunidades católicas e ortodoxas e foi considerável o número de conversões do catolicismo para o cristianismo ortodoxo, religião mais bem vista no império otomano, cujo Papa ficava em suas fronteiras, em Constantinopla (Cf. BANAC, 1996).

Pode-se de certo modo dizer que os otomanos nunca forçaram a conversão³⁶ e que o sistema *millet* contribuía para a preservação das igrejas cristãs na Bósnia (Cf. BANAC, 1996, p. 131).

Os convertidos ao islã conformavam, todavia, uma comunidade privilegiada³⁷, embora isso não significasse, segundo vários autores (Cf. BUTUROVIC, 1995; DONIA; FINE JR., 1994; entre outros), segregação social: “numerous popular narratives bear witness to a continuous interaction among these religious communities, as well as a shared sense of regional patriotism” (BUTUROVIC, 1995).

Nos anos 1990, os privilégios da comunidade muçulmana, durante os séculos de domínio otomano na região, serão descritos pelo nacionalismo sérvio e croata como séculos de opressão. Ao mesmo tempo, ouvi diversas vezes muçulmanos descrevendo o regime otomano como profundamente tolerante e igualitário³⁸. Donia e Fine Jr. (1994) enfatizam, nessa linha, que não é a história em si, mas o uso que é feito dela que leva as pessoas a pensarem que foram

³⁵ Malcolm (2002) discorda dessa teoria. Ao contrário do que se imagina, segundo este autor, não houve conversão em massa dos membros da Igreja Bósnia para o islamismo, simplesmente o fim desta Igreja coincidiria com a invasão otomana. Sobre religião na Bósnia ver: Malcolm (2002), Ramet (2002), Mojzes (1998), entre outros.

³⁶ Malcolm sublinha que embora a Bósnia fosse governada por muçulmanos, não se podia chamar este estado de um “Estado islâmico”, já que não houve uma política de conversão ou de repressão de outras comunidades, “the only state policy was to keep the country under control and extract from it money, men and feudal incomes to supply the needs of the Empire further afield” (2002, p. 49).

³⁷ “Non-Muslims paid extra taxes, they were subject to a large number of special restrictions, and they were treated as definitely inferior in status” (JELAVICH, 1983, v. 1, p. 40).

³⁸ Na IUS, universidade onde realizei estágio, logo na entrada, um pôster enorme nos informa esse imaginário: nele, está transcrito em inglês e em turco o decreto/juramento (*ahdnama*) do sultão Mehmed Khan (ou Mehmed II, o Conquistador), de 1463, por ocasião da conquista otomana da Bósnia. Nele, o sultão ordena tolerância, respeito e segurança a todos que residam em seu império, não importando suas crenças ou origens. Em outros momentos, seremos lembrados que foram os otomanos que acolheram os judeus fugidos da Península Ibérica durante a Inquisição.

séculos de ódio; houve, sim, vários momentos de conflito ao longo do tempo, mas estes não se davam na base religiosa necessariamente (como quando líderes muçulmanos locais lutaram contra o governo central otomano, ou quando cristãos e muçulmanos se uniram contra a ocupação austríaca no fim do século XIX, entre outros).

Com a decadência do Império Otomano no século XIX (acompanhada por movimentos nacionais em vários dos territórios sob seu domínio), o Congresso de Berlim, em 1878, reformula a configuração dos Bálcãs, reconhecendo as independências da Romênia, da Sérvia e de Montenegro, e dando à Áustria-Hungria o direito de ocupar e administrar a Bósnia (que, em 1908, é anexada a esse império).

Cabe lembrar que a Sérvia conseguiu sua autonomia dos otomanos em 1830, e movimentos nacionalistas (ou nacionalizadores), no século XIX, apontavam para uma crescente consciência nacional sérvia e croata, cujos estados abarcariam idealmente suas comunidades vizinhas na Bósnia, visando à nacionalização dos ditos “muçulmanos eslavos”. Data deste período, a reforma lingüística de Vuk Karadžić, responsável pela unificação das línguas eslavas da região (Sérvia, Croácia, Montenegro e Bósnia), ao mesmo tempo em que as pensava enquanto “língua sérvia”³⁹. Deste momento, é o *Načertanije* (Esboço), de Ilija Garašanin, que, como ministro do interior da Sérvia, em 1844, publica este claro projeto político irredentista, que clamava pela concentração de todos os sérvios em um mesmo território e da Sérvia como a melhor opção para os estados vizinhos. Por fim, podemos citar o movimento ilírio croata, que, apesar de visar à unificação dos eslavos do sul, pode ser interpretado como um projeto político pan-croata⁴⁰.

Também o legado otomano nos Bálcãs aproximaria tais países entre si (exceção talvez à Croácia), e pode ser visto nas palavras turcas, na literatura, na

³⁹ Tratarei em mais pormenores essa e outras reformas lingüísticas na apresentação da parte 2.

⁴⁰ Segundo o historiador Ivo Banac (1994), os ilírios seriam, de acordo com algumas fontes, os antepassados dos eslavos, de acordo com outras, entram como sinônimo de “croatas” – e aí uma tendência a um pan-croatismo, onde todos os eslavos seriam na realidade croatas... Já ouvi também que os ilírios seriam os verdadeiros autóctones dessa região, anteriores aos eslavos, antepassados dos adeptos da Igreja Bósnia, logo, dos bosniacs (Cf. BAČANOVIĆ, 2009).

cozinha, na beleza da arquitetura (com suas casas, pontes, estalagens, mesquitas) e no urbanismo, que busca a harmonia com a natureza, seus rios, jardins e cursos de água (Cf. JELAVICH, 1983; TODOROVA, 1997)⁴¹.

Para Donia (2006), a proximidade e a paridade entre as estruturas religiosas no centro de Sarajevo podem ser vistas, entretanto, como reflexos da administração austro-húngara, especialmente na figura de Benjamin Von Kalláy (que por duas décadas trabalhou no sentido de moldar Sarajevo e a Bósnia na sua visão de estado e sociedade iluminista européia): “Their urban plan reflected and encouraged Sarajevans’ propensity to live together and to worship in close proximity to one another in the central city” (2006, p. 92).

Sarajevo foi fundada em meados do século XV e os diversos momentos que passou podem ser percebidos na cidade. Ivana Maček (2009, p. 25) descreve-os da seguinte forma:

All towns in the Ottoman Empire were structured by division into quarters, *mahale* (pl.), or distinct districts. Each *mahala* (sing.) belonged to a different religious congregation, with its characteristic place of worship. The larger religious groups had a larger number of *mahale*. Sarajevan *mahale* [pl.] occupy the eastern, amphitheatric part of the city; the view shows a striking concentration of minarets and church towers. After the Hapsburg Empire annexed Bosnia in 1878, Austro-Hungarian architects began building to the west of the older Ottoman center. This phase of its growth makes downtown Sarajevo resemble any Central European city center from the end of the nineteenth century and the beginning of the twentieth.⁴²

Foi sob os austros-húngaros que se tentou inventar o que Donia (2006) chama de “patriotismo multiconfessional bósnio”, ou *bošnjaštvo* (que eu poderia traduzir aqui como um “ser bósnio”, que abarcaria todas as definições religiosas/nacionais locais). Tal política objetivava fazer frente ao nacionalismo

⁴¹ Por balcânicos, Todorova (1997) entende os albaneses, búlgaros, gregos, romenos e ex-iugoslavos, com exceção dos eslovenos. Já Jelavich (1983) fala em termos dos estados-nacionais dos citados por Todorova, não cita a Croácia, e sublinha as regiões de Kosovo e Sandžak. (Sandžak – ou Sandžak de Novi Pazar – é uma região de maioria muçulmana. Fez parte da Bósnia até 1878, hoje se localiza parte na Sérvia e parte em Montenegro, entre a Bósnia, a Sérvia, Montenegro e Kosovo. Muitos de seus habitantes se identificam também como bosniacs e é freqüente a emigração destes para a Bósnia).

⁴² Poderíamos acrescentar ainda o desenvolvimento no século XX, durante o período socialista, quando a cidade cresceu vertiginosamente do centro para oeste, e a década de 1970-80, quando, por ocasião das Olimpíadas de Inverno de 1984, a cidade ganhou dois novos bairros – Dobrinja e Mojmilo.

sérvio vizinho e não alimentar laços com a Croácia, mas não encontrou a desejada popularidade.

PRIMEIRA IUGOSLÁVIA

Maria Todorova (1997), rebatendo as análises que vêem os Bálcãs como um “barril de pólvora”, um “cadinho” de etnias, religiões e nacionalidades, com tradição de conflitos seculares imemoriais, argumenta que a clivagem nacionalista passou a predominar nos Bálcãs no século XIX, justamente quando a região começava a se europeizar, ou seja, a ocidentalizar-se e a modernizar-se, o que levou à perda do legado imperial otomano e à assunção e incentivo ao homogêneo e burocrático estado-nação europeu como forma normativa de organização social.

Tal configuração se concretizou com os acordos de paz pós-Primeira Guerra Mundial, que redesenharam as fronteiras dos novos estados-nacionais e alteraram “o conjunto de reciprocidades que regulava as relações entre os distintos grupos etnolingüísticos existentes na Europa centro-oriental” (THOMAZ, 1997, p. 13).

Hannah Arendt (1989) aponta para o surgimento, então, das minorias nacionais na Europa Oriental e Meridional, tal como as conhecemos na atualidade; da mesma forma, consolida-se a existência de povos sem estado em contraposição aos povos estatais na Europa Central e Ocidental. Deparamo-nos com um dos processos responsáveis pela ruptura do (precário) equilíbrio entre o estado (âmbito da lei) e a nação. Em suas palavras,

O pior aspecto dessa situação não era o fato de que se tornava natural às nacionalidades serem desleais com o governo que lhes fora imposto, e aos governos oprimirem suas nacionalidades do modo mais eficiente possível, e sim que a população nacionalmente frustrada estava firmemente convencida – como, aliás, todo o mundo – de que a verdadeira liberdade, a verdadeira emancipação e a verdadeira soberania popular só podiam ser alcançadas através da completa emancipação nacional, e que os povos privados do seu próprio governo nacional ficariam sem a possibilidade de usufruir dos direitos humanos. (ARENDR, 1989, p. 305)

Para Jelavich (1983), houve uma mudança fundamental na forma dos estados, cujas comunidades, que, se antes (sob império otomano e habsburgo) tinham certa autonomia, passam a ter então uma identificação muito mais abstrata com o poder – burocratizado e centralizado. Além disso, segundo esta autora, a configuração de tais novos estados modernos após a Primeira Guerra Mundial mantivera ou criara territórios em disputa, tais como: a Macedônia na Iugoslávia, disputada pela Grécia e pela Bulgária; a Ístria e a Dalmácia, disputadas pela Croácia e Itália; a Voivodina, objeto de disputa entre o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos e a Hungria; o Kosovo, disputado também pelo reino dos eslavos do sul e pela Albânia. Todas essas disputas, e muitas outras, irão, se olharmos para o mapa do Leste europeu e Balcãs do período anterior à Segunda Guerra Mundial, formatar as linhas de conflito e alianças durante a Segunda Guerra, e as linhas de conflito no interior dos próprios países.

De todo modo, foi nos acordos de paz pós-Primeira Guerra Mundial que se reconheceu, em 1918, o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (rebatizado Iugoslávia em 1929), uma monarquia constitucional, sob a dinastia sérvia dos Karađorđević.

A criação do estado sul-eslavo conformava-se com o ideário nacional que tem na língua, no passado histórico comum⁴³ e no território seus fundamentos, e mostrou-se como a solução mais adequada naquele momento, quando se almejava a libertação dos grandes impérios que, de formas diferentes, encontravam-se no seu ocaso político – o otomano e o austro-húngaro.

Nas palavras de Banac (1994, p. 406-407),

The divisions inherent in the national movements of the Serbs, Croats, and Slovenes, the three principal nationalities of Yugoslavia, were not, however, sufficient to forestall the rise of a single South Slavic state. The credit for this feat must be ascribed to the ideology of unitaristic Yugoslavism. It captured the imagination of the South Slavic intelligentsia in Austria-Hungary and could be accepted by the Serbian elite without any significant departures from all the traditions and trappings of Serbian statehood.

⁴³ No caso, a chegada dos povos eslavos à região no século VII.

O pan-eslavismo, pensamento em voga na região desde meados do século XIX, era também uma forma de nacionalismo, onde a Croácia e a Sérvia especificamente, segundo Jelavich (1983, v. 2), extrapolando a identidade religiosa, passavam a ver seus vizinhos como seus iguais – povos eslavos (ou ilírios) e falantes da mesma língua.

No entanto, a unificação no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, segundo Banac (1994), dava a sensação para os sérvios de que estes não perderam nada, só ganharam, mas para croatas e eslovenos, fora uma decisão tomada de acordo com as contingências da época (como o risco de partes da Croácia serem dadas à Itália, entre outros) e devido à inabilidade de seus políticos no poder de proporem outra solução. Depois da unificação, segundo este autor, a negação da individualidade nacional facilitou a introdução do centralismo, que, ao invés de levar ao unitarismo iugoslavo, levou à supremacia sérvia.

Deste modo, o entre-guerras é marcado por diversos movimentos políticos e partidos nacionais resistindo à hegemonia sérvia.

Na Bósnia, a resistência muçulmana – contra medidas sócio-econômicas⁴⁴ e ideológicas do governo central – se objetificou na fundação do partido político JMO (*Jugoslovenska muslimanska organizacija*, Organização Iugoslava Muçulmana), liderado por Mehmed Spaho. Na Constituição de 1921 (Constituição *Vidovdan*), aprovada graças ao apoio do JMO, entre outros partidos de oposição, a integridade territorial da Bósnia foi garantida, mas a ausência de chefia muçulmana em seus distritos levou ao descontentamento dentro desse partido. Spaho, entre outros, inclinou-se para a oposição e cooperação com partidos croatas, levando à emergência do bloco federalista de oposição – contra a Constituição *Vidovdan* e a hegemonia sérvia – sufocado pelo golpe real de 1929, que substituiu a monarquia, pela ditadura do Rei Aleksandar Karađorđević⁴⁵.

A ditadura deu ao rei poderes ilimitados. A Constituição foi suspensa, a assembléia, abolida, e as fronteiras históricas da região, eliminadas, com o

⁴⁴ “The main agenda was to defend the existing patterns of land distribution, perpetuating in consequence societal cleavages along confessional lines. It is under these circumstances that the political consciousness of Bosnian Muslims began to emerge” (BUTUROVIC, 1995).

⁴⁵ Cf. BANAC, 1994, 1996.

redesenho do território, agora dividido em nove províncias ou *banovinas*. A Bósnia, por exemplo, acaba por ser dividida em quatro *banovinas* – Vrbaska, Drinska, Primorska e Zetska⁴⁶ –, que incluíam partes da Croácia, Sérvia e Montenegro.

Embora se clamasse então o sentimento supranacional iugoslavo (data de 1929, também, a mudança do nome do país para “Iugoslávia”), tais medidas aprofundaram a dominação sérvia, que formavam maioria em seis *banovinas* – os croatas eram maioria em duas, os eslovenos, em uma, e os muçulmanos, em nenhuma. Os sérvios continuaram dominando os principais postos no governo, os eslovenos receberam alguns destes, os croatas continuaram sub-representados, e os muçulmanos, nas mais baixas posições (Cf. JELAVICH, 1983, v. 2, p. 200-201).

Jelavich aponta que as políticas centralistas sérvias desse período criaram sentimentos de amargor e hostilidade entre sérvios e croatas especificamente. Eslovenos e muçulmanos bósnios, segundo ela, apesar dos movimentos de oposição, souberam aproveitar melhor os dois momentos políticos da Iugoslávia pré-Segunda Guerra Mundial (monarquia constitucional e ditadura monárquica).

Em 1934, o Rei Aleksandar Karađorđević é assassinado em Marselha, juntamente com o ministro das relações exteriores francês, a mando já do movimento nacionalista croata “ustasha” (*ustaša*), fundado na Itália por Ante Pavelić, com suporte de Mussolini. Seu primo, Pavle Karađorđević, assume o trono, e acaba por relaxar a ditadura e o centralismo sérvio, até a maioridade de Petar II (então com 11 anos). Este é colocado no trono em 1941, com 17 anos, por um golpe militar. Neste momento, apesar do Príncipe Pavle ter assinado o pacto com o Eixo, a incerteza em relação ao novo governo, que enfrentava oposição em relação à adesão ao pacto (seguramente, entre outros motivos), faz com que a Alemanha invada a Iugoslávia. Os ustashas assumem assim o poder na Croácia e um aliado dos alemães, o general Milan Nedić, é colocado no governo da Sérvia.

⁴⁶ Ver mapa 8 das *banovinas*, anexo (p. 398). As *banovinas* receberam nomes derivados de rios da região, exceto a *banovina* litorânea. Eram elas: Dravska (do rio Drava), Savska (do rio Sava), Vrbaska (do rio Vrbas), Dunavska (do rio Danúbio), Moravska (do rio Morava), Drinska (do rio Drina), Zetska (do rio Zeta), Primorska (do litoral) e Vardarska (do rio Vardar).

O Rei Petar II foge então para Londres, onde instaura o governo no exílio da Iugoslávia em guerra.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Durante a Segunda Guerra e com o domínio do Eixo, a Iugoslávia é dividida entre Alemanha, Itália, Bulgária e Hungria.

Deste modo, partes da Dalmácia foram para a Itália; as regiões de Bačka e Baranja⁴⁷ e parte da Eslovênia, para a Hungria; o restante da Eslovênia foi dividido entre a Alemanha e a Itália; a Bósnia ficou sob controle da NDH (*Nezavisna država Hrvatska*, ou Estado Independente da Croácia, estado fantoche nazista), também sob ocupação alemã (a leste) e italiana (a oeste). A maior parte da Macedônia e uma pequena parte da Albânia são entregues à Bulgária. Grande parte da Albânia ficou sob domínio da Itália, juntamente com grande parte de Kosovo e partes de Montenegro. Outras partes de Kosovo foram divididas entre a Alemanha e a Bulgária. Montenegro foi para Itália. E a região de Banat, na Sérvia, para a Alemanha. A Sérvia ficou sob administração do general Milan Nedić, aliado ao Eixo.

Nesse momento, paralelamente à guerra de âmbito internacional, várias guerras internas tiveram curso na Iugoslávia⁴⁸. Uma, do Eixo (Alemanha e Itália) *versus* a Iugoslávia; outra, uma guerra civil de extremistas croatas, os ustashas (de maioria croata e fascista⁴⁹) *versus* as populações sérvias da Bósnia e Croácia, com genocídio de judeus, ciganos e sérvios (no final de 1941, a maioria dos judeus já estava em campos de concentração, também na Sérvia, sob Milan Nedić); e outra, também civil, entre duas organizações de resistência, os chetniks/*četnik* (milícia de maioria sérvia e monarquista, sob liderança de Draža

⁴⁷ Ver mapa 7 anexo, da partição da Iugoslávia durante a Segunda Guerra Mundial (p. 398).

⁴⁸ Cf. MALCOLM, 2002, p. 174.

⁴⁹ Ante Pavelić vai liderar o movimento ustasha e governar o então Estado Independente Croata (NDH), fundado no início da Segunda Guerra Mundial – englobava grande parte da atual Croácia e toda a Bósnia-Herzegovina. Ante Pavelić era membro de um partido de oposição croata, o Partido Croata dos Direitos (*Hrvatska stranka prava*), e fugiu da Iugoslávia em 1929 após o golpe ditatorial do Rei Aleksandar Karađorđević. Como o apoio de Mussolini, criou o movimento *ustaša* (Insurreição).

Mihailović⁵⁰, que queria o retorno dos Karađorđević ao poder) contra os partisanos (guerrilha comunista liderada por Josip Broz Tito⁵¹); todas acompanhadas de violência interétnica. Cabe lembrar, contudo, que por um momento, em 1941, partisanos e chetniks lutaram do mesmo lado. Em outro, Alemanha e Itália se dividiram, a Itália apoiando os chetniks, contra os ustashas, apoiados pela Alemanha...

SFRJ (República Federativa Socialista da Iugoslávia)

A Iugoslávia socialista foi fundada após a Segunda Guerra Mundial, fruto da até pouco antes impensável vitória partisan – contra o Eixo, contra os chetniks e contra os ustashas⁵².

Bratstvo i jedinstvo (Fraternidade e Unidade) foi o lema dos partisanos na Segunda Guerra e da República Federativa Socialista da Iugoslávia (SFRJ, *Socijalistička federativna republika Jugoslavija*), que então nascia.

Sob este lema, Tito mantém a Iugoslávia unida e em relativa harmonia, embora o faça a partir de arranjos constitucionais de tendências cada vez mais

⁵⁰ Dragoljub (Draža) Mihailović era então o ministro do exército do Rei Petar II, que fugira para o exílio em Londres e que estava, teoricamente, do lado dos Aliados. Mihailović faz parte ainda hoje de uma iconografia popular nacionalista sérvia. Durante minha viagem a Belgrado, em março de 2008, tive a chance de presenciar as manifestações contra a independência do Kosovo, cuja declaração se dera semanas antes. Lá, a figura de Mihailović aparecia estampada nas camisetas de jovens manifestantes, juntamente com a de Ratko Mladić, liderança militar sérvia na guerra na Bósnia (acusado de genocídio e outros crimes de guerra e procurado pelo TPI, Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia). Como veremos, o termo “chetnik” foi utilizado novamente nas guerras dos anos 1990, como nome de uma milícia sérvia que então guerreava (os *Četnici* (pl.) de Vojislav Šešelj), e geralmente para distinguir “nossos sérvios” daqueles que “nos bombardeavam”: os chetniks.

⁵¹ Josip Broz Tito, filho de pai croata e mãe eslovena, nasceu em 1892, em Kumrovec, na Croácia, cidade quase na fronteira com a Eslovênia. Na Primeira Guerra, lutou pelo exército austro-húngaro e foi capturado na fronteira com a Rússia, de onde escapa e participa da revolução de 1917. Volta para a Iugoslávia e envolve-se com o Partido Comunista, que se encontrava na ilegalidade desde 1921, é preso em 1927 e depois em 1929, devido às atividades ilegais no partido. Em 1934, sai da prisão. Em 1937, passa a ser o primeiro secretário do Partido Comunista da Iugoslávia – partido até então fraco e com poucos adeptos (12 mil, em 1941). Com a guerra, lidera a resistência comunista. (Cf. DONIA, FINE JR., 1994).

⁵² Essa vitória, inimaginável em 1941 (se pensarmos que não tinham apoio ainda nem da URSS, nem dos Aliados), as batalhas e a resistência partisan foram descritas em inúmeros filmes rodados no pós-guerra, dentre eles: “Sutjeska” (1973), “Bitka na Neretvi” (Batalha no Neretva) (1969), “Valter brani Sarajevo” (Valter defende Sarajevo) (1972), “Užička republika” (República Užice) (1974), “Igmanški marš” (A Marcha no Igman) (1983), “Klopka za generala” (Cilada para o general) (1971), entre outros, que marcaram toda uma geração e que foram indicados para mim diversas vezes durante a pesquisa de campo.

descentralizadoras e nacionalizantes⁵³ (quando não, por políticas repressivas) que, de algum modo, serviam para equilibrar a relação entre as repúblicas e controlar o poderio sérvio (maioria numérica na Sérvia e na Iugoslávia, e grande minoria nas demais repúblicas e províncias).

Donia e Fine Jr. esclarecem que diferentemente do momento anterior, da monarquia iugoslava, quando se acreditava que os sul-eslavos se homogeneizariam numa nacionalidade única iugoslava (ou sérvia, dependendo do ponto de vista), os partisans/comunistas “asserted that the nations of Yugoslavia were distinct and should be treated equally” (1994, p. 147). O princípio de igualdade nacional, ainda segundo esses autores, opunha-se, portanto, tanto ao centralismo da Grande Sérvia monárquica, defendida pelos chetniks, quanto ao nacionalismo extremista croata dos ustashas.

Já durante a guerra, a liderança partisan estabelecera que a Iugoslávia pós-guerra reconheceria cinco nacionalidades: macedônia, croata, sérvia, montenegrina e eslovena. Segundo Donia e Fine Jr. (1994, p. 148), como o apoio dos muçulmanos da Bósnia era fundamental, Tito reconheceu seu status diferenciado em numerosas declarações e apelos, além de reconhecer a Bósnia como uma das unidades federativas iugoslavas.

De todo modo, pode-se dizer que os muçulmanos, particularmente os religiosos, sofreram nas primeiras décadas do regime. Embora a Constituição de 1946 garantisse a liberdade religiosa, na prática, neste ano, a lei sagrada (xariá) foi abolida; em 1950, há a proibição do véu islâmico e os *maktabs* (*mekteb*) (escolas islâmicas de ensino básico) são fechados; em 1952, a ordem dos dervixes é banida e suas tekkes (ou *tekija*, estalagens para dervixes⁵⁴) na Bósnia (e não, na Macedônia e no Kosovo) são fechadas. Só uma associação islâmica foi permitida e apenas uma madraçal (*medresa*, ou *madrasā*), a de Sarajevo. Livros islâmicos só voltariam a ser publicados no país em 1964 (Cf. DŽAJA, 2004; MALCOLM, 2002).

⁵³ Dado que eram políticas que davam cada vez mais poder às repúblicas e províncias autônomas.

⁵⁴ *Tekke* é o termo inglês e *tekija*, o termo em bósnio-sérvio-croata, não encontrei um termo equivalente na língua portuguesa. O mesmo vale para o termo *mekteb*, em bósnio-sérvio-croata, ou *maktab*, termo utilizado em inglês.

Sobre o véu islâmico, o filme “Azra” (1988) mostra a “libertação” das mulheres em praça pública em uma performance simbólica onde todas tiram o véu ao mesmo tempo. Duvido que isso tenha se dado sem violência, e ouvi histórias de mulheres que não saíram mais de casa após a proibição do uso do véu.

Malcolm cita ainda relatos de muçulmanos que eram obrigados a comer carne de porco quando prestavam serviço militar ou participavam nas frentes de trabalho voluntárias, e que oficiais comunistas eram aconselhados a não circuncidarem seus filhos (MALCOLM, 2002, p. 195). Também ouvi relatos nesse sentido⁵⁵.

Muitas dessas medidas encontraram resistência: textos islâmicos circulavam, crianças eram educadas não nos *maktabs*, mas nas mesquitas, a ordem dos dervixes manteve-se, não mais nas *tekkes*, mas nas casas etc. (Cf. MALCOLM, 2002). E, entre o fim dos anos 1950 e ao longo dos anos 1960, tais políticas foram progressivamente relaxadas, sobretudo como consequência da criação do movimento dos países não-alinhados, composto em grande medida por países do Terceiro Mundo, muitos dos quais, muçulmanos.

A questão nacional na ex-Iugoslávia aparecia, então, aproximadamente a cada dez anos, nos censos populacionais. As pessoas eram, sim, registradas com a nacionalidade no nascimento, mas tal informação, diferentemente de alguns países comunistas, não constava nos documentos de identidade. E a identificação dos muçulmanos variou consideráveis vezes.

Até 1971, os bósnios muçulmanos não possuíam status de “nação” (ou *narod*). Em 1948, havia a opção no censo de se declarar “muçulmano (como religião) de nacionalidade/nação não declarada”, ou “muçulmano sérvio” ou “muçulmano croata”: a maioria dos muçulmanos se declarava então como “muçulmano de nacionalidade não declarada” (Cf. MALCOLM, 2002). Com a Constituição de 1953, passa a vigorar uma política iugoslavista, a opção “iugoslavo”⁵⁶ passa a existir e a opção “muçulmano” deixa de ser uma

⁵⁵ Um amigo, por exemplo, disse que só comeria carne de porco uma vez na vida, quando estava prestando serviço militar, não sabia que era carne de porco, quando descobriu, passou mal...

⁵⁶ A categoria nacional “iugoslavo”, apesar de possuir adeptos, especialmente na Bósnia, entre os muçulmanos, por falta de uma categoria de identificação própria durante algum tempo, e entre os

possibilidade. Segundo Malcolm, novamente, os muçulmanos vão optar aqui por “iugoslavo, nacionalmente não declarado”, demonstrando que havia uma clara relutância destes em se declararem como sérvios ou croatas. Malcolm afirma, nesse sentido, que a divisão da Bósnia entre Sérvia e Croácia não se deu na ex-Iugoslávia porque sérvios e croatas nesse país viviam misturados e pelo fato de “os muçulmanos ainda não terem se decidido a respeito de sua identidade nacional” (HÖPKEN *apud* MALCOLM, 2002, p. 197, tradução minha), ou seja, se optavam pela nacionalidade sérvia ou croata.

Na década de 1960, a política oficial começa a mudar. Aleksandar Ranković, vice-presidente iugoslavo, chefe de segurança, conservador sérvio, responsável por muitas medidas repressivas no Kosovo até então e por promover práticas discriminatórias contra populações não-sérvias, é afastado do governo, mais poder é dado às repúblicas e províncias, e Tito passa a contar cada vez mais com a liderança comunista bósnia, em face de tendências liberais ou nacionalistas na Sérvia e na Croácia.

“Muçulmano” passa a ser visto como grupo nacional, ou nação. A primeira medida nesse sentido foi o reconhecimento, no censo de 1961, do “muçulmano” como *narodnost* (nacionalidade), permitindo ainda que se declarassem como membros de outra nação (como “sérvio”, “croata” ou “não declarado”). Na Constituição de 1963, os três grupos são igualmente referidos.

A campanha pelo M maiúsculo conotativo de grupo nacional (e não, religião) foi comandada, segundo Malcolm (2002), por Muhamed Filipović, até hoje personalidade importante no meio intelectual sarajevano. Apesar deste ter sido expulso do Partido após isso, o M maiúsculo foi oficializado em 1968 (com oposição, segundo este autor, da Sérvia e da Macedônia, que temia que seus

sérvios que se identificavam com o regime, assim como a categoria “soviético” na URSS, eram tidas, no início, como o fim político desejável para as nações membros desses Estados. Na ex-Iugoslávia, como a categoria não vingou (entre outros motivos), emendas constitucionais que davam maior autonomia e poder político às diversas nacionalidades passaram a vigorar a partir da década de 1960. Sobre a ex-Iugoslávia, ver Bringa (1995) e Malcolm (2002); sobre a União Soviética, ver Hirsch (2005).

muçulmanos deixassem de se identificar como macedônios⁵⁷), e no censo de 1971, já estava presente como possibilidade de identificação nacional (*narod*)⁵⁸.

Malcolm aponta para duas tendências na Bósnia no que tange a identidade muçulmana. Uma secular, que reivindicava o status de grupo nacional para os muçulmanos, e outra, de reavivamento da crença religiosa islâmica. É revelador, assim, a notoriedade do futuro presidente da Bósnia, Alija Izetbegović, que escreveu o livro “Declaração Islâmica”⁵⁹, pensando nos termos de uma comunidade muçulmana mundial – a *umma* (comunidade, em árabe) – e buscando uma reconciliação entre a tradição religiosa e o progresso, tanto que, seguido a este, em 1975, ele escreve “Islã: entre o Oriente e o Ocidente”, publicado em 1984 (apud DŽAJA, 2004).

Este momento de “renascimento” religioso, poder-se-ia dizer, foi facilitado pela política de maior abertura da época e da relação entre os países não-alinhados (que a Iugoslávia liderava), muitos deles, muçulmanos. Neste período, muitos estudantes foram estudar em países árabes, da mesma forma que estes países enviavam estudantes para a Iugoslávia. Em 1977, uma faculdade islâmica de teologia foi fundada em Sarajevo com recursos da Arábia Saudita.

⁵⁷ Interessante é que de fato notei certo “irredentismo” nesse sentido durante a minha pesquisa de campo, onde muçulmanos eslavos do Kosovo, Sérvia, Macedônia, Montenegro ou Sandžak passam a se identificar como “bosniacs”. Não sei, contudo, como essas populações se identificavam anteriormente. E parece-me que irredentismo não é um bom termo para definir essa situação, pois suspeito que não se trata de uma identificação nacional em relação aos bosniacs da Bósnia, mas sim, um modo de reivindicar para si uma categoria legítima que os situe como muçulmanos e eslavos, ao mesmo tempo em que os diferencie dos demais em seu território, no caso, dos albaneses, sérvios e outros.

⁵⁸ Cabe lembrar ainda que nesse momento um dos braços direitos de Tito e primeiro-ministro da Iugoslávia, de 1971 até sua morte, em 1977, foi Džemal Bijedić, que além de muçulmano bósnio, foi um forte advogado do reconhecimento da categoria “muçulmano” como nação. Sua morte, quando o avião particular onde estava colidiu com uma montanha a caminho de Sarajevo, é vista por muitos como um assassinato. Ibro, um amigo, um dia me contou em detalhes essa história (e começou a contá-la, pois lhe perguntara: “afinal, quando tudo começou?”). Segundo ele, Džemal viajava para Sarajevo para o aniversário de seu filho. No avião, estavam sua esposa, o cozinheiro, o piloto, entre outros. Jovanka Broz, esposa de Tito, quando Džemal deixava Belgrado, entregou-lhe um pacote, “presente para o filho”, disse-lhe, mas, na verdade, era a bomba que causaria a explosão do avião. Depois disso, Tito, que estava sempre acompanhado da esposa, não apareceu mais com ela... O motivo do atentado teria sido justamente o poder que os muçulmanos passavam a ter no governo, sendo Bijedić, um dos possíveis sucessores de Tito. Claro, isso é um boato, mas boatos, como bem sabemos, também fazem história.

⁵⁹ IZETBEGOVIĆ. *Islamska deklaracija*. Sarajevo: Bosna, 1990. Tratarei em mais detalhes deste livro na parte 2.

No final da década de 1970, algumas políticas no sentido de frear o desenvolvimento do islamismo na Bósnia foram realizadas. A principal delas foi, em 1983, o processo criminal contra intelectuais acusados de “fundamentalismo” e “nacionalismo muçulmano”, quando, entre os 12 condenados, estava Alija Izetbegović, condenado a até 12 anos de prisão. A prova judicial contra Izetbegović foi justamente o seu livro, “Declaração islâmica”. Após cinco anos, em 1988, Izetbegović deixa a prisão.

Tendo em vista este percurso histórico, pode-se dizer que durante a Iugoslávia socialista houve um forte apoio às políticas nacionais, entendidas aqui como aquelas das repúblicas e províncias constitutivas da Federação (SFRJ), paralelamente ao fortalecimento dos partidos comunistas regionais e a um aparato repressivo e vigilante, que tinha como objetivo principal impedir/reprimir o nacionalismo.

A idéia de que as comunidades ou grupos nacionais eram reprimidos e sufocados e de que a SFRJ era uma panela de pressão prestes a explodir é problemática. Na verdade, esta visão não dá conta das políticas de nacionalidades da própria SFRJ, especialmente àquelas levadas adiante a partir da década de 1960. Por outro lado, esta visão estanca a existência do aparato repressor é incapaz de incorporar a dinâmica suposta em formas de sociabilidade que perduraram ao longo do tempo, baseadas em relações de vizinhança (*komšiluk*), amizades, casamentos etc., verificadas na Bósnia e na Croácia, países especialmente afetados pelas guerras dos anos 1990.

No caso da Bósnia, não houve tentativa de se impor uma identidade nacional bósnia ou herzegóvina sobre as três nacionalidades, e chegava-se a encorajar a “auto-expressão étnica”, desde que não organizada em grupos.

As distinções nacionais eram parte da política na SFRJ, onde cotas nacionais se verificavam no nível da federação e o nacionalismo era visto com maus olhos. As repúblicas e províncias eram representadas no governo e no exército e, na Bósnia, apesar de não haver um sistema rigoroso de cotas, pessoas de todos os “grupos étnicos” faziam parte da liderança do Partido (Cf. ANDJELIC, 2003), havendo rotatividade dos membros desses grupos também entre os

escolhidos como representantes da Bósnia na presidência federal iugoslava. Nas palavras de Anđelić: “Potential domination of any ethnic group was prevented by unwritten rules that were always respected. The leadership’s main concern had always been ethnic equality and Tito’s policy of ‘brotherhood and unity’” (2003, p. 40).

Face ao que foi dito até agora, alguns autores vão encontrar na descentralização da SFRJ, o alimento do nacionalismo, outros, vão localizá-lo na abertura democrática, que, em um momento de grave crise econômica e dado a ausência de uma sociedade civil organizada, abriu espaço legítimo às vozes nacionalistas no governo, constantemente reprimidas pelo regime socialista até então.

Robert Hayden (2000) não localiza na Constituição de 1974 (aquela que deu ampla autonomia às repúblicas e províncias) o que ele chama de “nacionalismo constitucional”, que tornou legítimas as secessões e as formas de governo altamente discriminatórias que surgiram nas primeiras eleições livres de 1990. Sim, a Constituição de 1974 dava poderes às repúblicas de fazerem reformas constitucionais, desde que não contradissem a constituição federal.

A primeira a realizar emendas foi a Eslovênia, no final de 1989. Tais emendas não iam aparentemente contra o poder central (mas aproveitavam-se de ambigüidades presentes no texto da constituição federal ou davam-lhe novas interpretações), ao mesmo tempo em que inscreviam a base do que seria o “estado confederativo de repúblicas soberanas”.

With its adoption of the confederal position, Slovenia (and soon Croatia and Serbia) refused to be bound by the decisions of the Constitutional Court and began to ignore federal laws, thereby destroying both of these mechanisms and the main source of political power for the federal government. Without these mechanisms, disputes within the federation could be resolved only by force or by capitulation to the intransigent positions of other parties. (HAYDEN, 2000, p. 48-49)

A Constituição de 1974 vislumbrava ainda duas soberanias, que se limitavam mutuamente: de um lado, a classe trabalhadora e todos os trabalhadores, de outro, as nações e nacionalidades. A soberania da classe

trabalhadora baseava-se, contudo, na ideologia da autogestão socialista⁶⁰, com o fracasso desta, só restou a ideologia da nação (Cf. SAMARDŽIĆ, 1990 apud HAYDEN, 2000, p. 75).

A Constituição de 1974, ainda, garantia máxima autonomia a cada república, ao mesmo tempo em que as protegia, demandando unanimidade e consenso no que dissesse respeito às grandes decisões dentro da federação (SFRJ). Essa idéia de democracia consensual não funciona, contudo, quando não há consenso, e não funciona em uma federação formada por nações, e não mais por cidadãos ou trabalhadores, que, com o enfraquecimento do poder central, passaram a buscar proteção na república-mãe.

Assim, as reformas constitucionais que seguiram a da Eslovênia em 1989, em todas as repúblicas, revelaram uma “lógica política moderna suprema”⁶¹, baseada na idéia de um estado-nação etnicamente definido, “being played out in the circumstances of an ethnically mixed region” (HAYDEN, 2000, p. 6), levando à instabilidade do estado e tornando o poder federal uma mera abstração.

A idéia de democracia nesses países, segundo Hayden, não estaria, assim, vinculada a uma noção de igualdade entre os cidadãos, mas à noção da criação de um estado nacional para a maioria, maioria esta, definida etnicamente. Um sistema, portanto, que institucionalizava a discriminação contra minorias, colocando-as fora do corpo político, apesar de tão nativas quanto a nação dita soberana (2000, p. 15). Hayden especifica que tal sistema discriminatório não excluía as minorias somente dos direitos de votar e ser eleito, mas dos direitos à propriedade, ao trabalho e à residência, ao mesmo tempo em que incluía cidadãos de outros estados, segundo o viés do pertencimento étnico – como no caso da Croácia, em relação aos croatas da Bósnia, por exemplo, excluindo os sérvios que habitavam o território.

⁶⁰ O sistema de autogestão foi idealizado por Edvard Kardelj, braço direito de Tito. De acordo com este, a propriedade é social, ou seja, os trabalhadores e os conselhos de trabalhadores eram os donos da fábrica ou empresa, e não o Estado. Porém, de acordo com Silber e Little (1996, p. 36), o sistema na realidade era muito confuso e não dava para se dizer ao certo quem era proprietário de quê.

⁶¹ Lógica moderna, ao mesmo tempo que reveladora da inconsistência do direito internacional, que favorece a autodeterminação, desde que não se modifique fronteiras nacionais (Cf. HAYDEN, 2000, p. 79).

Segundo Hayden, a comunidade internacional aceitou esta lógica, primeiramente reconhecendo os estados secessionistas, e subseqüentemente, em cada uma das soluções políticas para a Bósnia, incluindo o Acordo de Dayton, todas elas, baseadas na mesma lógica constitucional que levou ao fim da ex-federação iugoslava.

Nesse sentido, Julie Mertus (2000) desenvolve um argumento interessante ao comparar o Acordo de Dayton com os acordos pós-Primeira Guerra Mundial, dado que ambos teriam recompensado os vitoriosos da guerra no processo de paz e basearam-se no princípio “uma nação, um estado”, ignorando outras comunidades.

O Acordo de Dayton, deste modo, teria cimentado definitivamente a divisão dos povos na Bósnia em três “nacionalidades” apenas, já que seus habitantes teriam que optar por serem sérvios, croatas ou bosniacs, deixando, segundo Mertus, quatro “categorias”⁶², os mistos, os albaneses e húngaros, os que querem se identificar com outra coisa, e os que não querem ser enquadrados em categorias, sem lugar na nova classificação (ou seja, nem minorias, nem nacionalidades/*narodnost*). A categoria “outros”, por sua vez, impele as pessoas que não se identificam como bosniacs, sérvios ou croatas à completa invisibilidade, não resolvendo o problema da identidade do grupo, pelo contrário, criando nova base para conflito (Cf. MERTUS, 2000, p. 240).

A divisão em duas entidades criou assim um sistema de governo baseado nessas três nacionalidades, ou melhor, dividido entre elas, perpetuando, segundo Mertus, “the rule of consensus that previously [no começo da década de 1990] worked so well to block any chance of democratic decision-making and promote national splintering” (2000, p. 241).

A guerra é, sem dúvida, o lugar paradigmático onde se dá a “práxis” da nação, em termos de tomada de consciência nacional e, especialmente, de oposição desta ao “outro”. É impossível não pensá-la, portanto, como o evento

⁶² Eu não as denominaria “categorias”, já que algumas das denominações que ele cita vão justamente contra essa noção.

crítico por excelência, ou seja, um evento que sinaliza ou revela mudanças, redefinindo categorias tradicionais e dando lugar a novas modalidades de ação histórica (Cf. DAS, 1995). O Acordo de Dayton, entretanto, pressupôs que as divisões nacionais fossem a única verdade neste processo.

Escreveu-se assim uma nova carta constitucional, que é um documento vazio, pois não-funcional (na medida em que pressupõe o consenso entre diferentes nações que até “ontem” guerreavam entre si e que ainda hoje rejeitam, os sérvios da Republika Srpska particularmente, o estado comum) e que é eficaz somente sob coerção, exercida pelo Alto Representante das Nações Unidas ou pelo desejo de ser membro da União Européia, além de ser fundamentalmente discriminatória.

Não se buscou abrir espaço para a atuação de outros atores sociais – organizações de oposição, sociedade civil, intelectuais etc. – sobre os quais, sim, a guerra teve grande papel na constituição de suas identidades, dado que se posicionaram exatamente contra a divisão da Bósnia e a erosão do passado comum das diversas comunidades e indivíduos nesse território, como veremos; foram, entretanto, completamente ignorados.

Sentaram-se, assim, à mesa de negociações, os mesmos que fizeram a guerra: Alija Izetbegović (presidente da Bósnia), Franjo Tuđman (presidente da Croácia) e Slobodan Milošević (presidente da Sérvia)⁶³. Tuđman e Milošević não eram nem representantes das comunidades croata e sérvia da Bósnia, e continuaram, contudo, ditando o rumo de “suas comunidades” no território vizinho...

Retomarei ao longo da tese vários momentos dessa história, do pré e pós-guerra e da guerra em si. Não pretendi esgotar aqui o debate, somente apontar alguns aspectos da história e das linhas do debate que situarão minimamente o espaço político com o qual as pessoas com quem conversei durante a pesquisa

⁶³ Não quero com esta afirmação os nivelar de maneira alguma. Milošević estava sendo julgado por crimes de guerra e genocídio, pelo TPI, quando morreu na prisão em Haia (em 2006). Tuđman morreu bem antes, em 1999, e nunca foi indiciado. À Izetbegović, nunca couberam acusações deste tipo.

de campo dialogaram. Pessoas estas, cuja escolha, esclareço no capítulo a seguir.

Capítulo 2. Sobre o método. Localizando os *fixers* no debate antropológico, ou Por uma antropologia do trabalho de campo

Intérprete s. Pessoa que possibilita a mútua compreensão entre dois indivíduos, que falam idiomas distintos, repetindo para cada um deles o que, para vantagem do intérprete, deveria ser aquilo que o outro diria.

Definição de intérprete segundo Ambrose Bierce (*The devil's dictionary*) (apud BARREMAN, 1990, p. 148).

Esta pesquisa não seria possível se não me inquietasse, desde o início, a posição emblemática dos *fixers* no trabalho dos correspondentes internacionais e a pergunta acerca do papel que tiveram na produção de uma imagem da Bósnia e da guerra, que fora divulgada mundo afora.

O esforço em localizar o *fixer* no debate antropológico começou, assim, primeiramente, com a pergunta de quem seria ele na etnografia.

Procuro neste capítulo, portanto, reconstruir o caminho realizado por vários antropólogos que pensaram o trabalho etnográfico e a construção do texto antropológico, apontando abordagens teórico-metodológicas no estudo sobre mediação cultural e o lugar do intérprete no trabalho de campo. Pretendo mostrar deste modo o potencial analítico de se estudar estes que escolhi estudar.

Dos trabalhos de cunho mais epistemológico, que se voltaram para o texto antropológico ou para a presença e influência do antropólogo na pesquisa de campo e na escrita etnográfica aos trabalhos que trataram do informante e da influência deste na etnografia, todos estes apontam para etapas de análise relacionadas ao trabalho de campo que se vinculam à tradução e a cada um dos sujeitos ou agentes em interação na pesquisa.

Divido este capítulo de acordo com este percurso. Em primeiro lugar, trato do antropólogo no trabalho de campo, para, em seguida, estabelecer um diálogo com alguns autores que pensaram o informante no trabalho de campo. Introduzo então a noção do intermediário – assistente, intérprete etc.. E discorro sucintamente sobre a teoria da mediação cultural. Ao longo deste percurso, localizo os *fixers* no debate.

O antropólogo no trabalho de campo

O esforço em se pensar o trabalho antropológico passa por cada esfera da produção etnográfica, desde o dia-a-dia do trabalho de campo até a produção do texto antropológico.

O texto antropológico, por si só, revela estilos narrativos, descreve lugares, tempos e pessoas, conta daquele que o escreveu, e pode ser lido e analisado enquanto texto (Cf. CLIFFORD; MARCUS, 1986), onde a circunstância da pesquisa de campo e os meios que a possibilitaram são explicitados e descritos em toda a sua complexidade ou são, por vezes, ignorados.

Renato Rosaldo (1986) traz uma discussão interessante sobre isso, quando analisa *Os Nuer* de Evans-Pritchard e *Montaillou* de Le Roy Ladurie. Rosaldo nota que tanto na obra do antropólogo, como na do historiador, as políticas de dominação que permearam a produção da informação não são colocadas em questão. Rosaldo nos conta, para demonstrar este ponto, que Evans-Pritchard, por exemplo, acreditava que seus informantes sabotavam suas entrevistas e o tratavam como um estranho porque esse era o jeito deles se comportarem, o jeito como eles eram. Faltou ao antropólogo, portanto, segundo Rosaldo, olhar para si mesmo e perceber que isto acontecia num contexto histórico específico de ataques e ameaças coloniais aos Nuer, ou seja, num contexto de desconfiança e dominação, sendo o antropólogo, ele mesmo, financiado pelo poder colonial. Sendo assim, um texto como o de Evans-Pritchard, de acordo com Rosaldo, pôde, utilizando-se da retórica descritiva, passar por cima de todas as políticas de dominação de sua época, anulando o contexto da pesquisa.

Este e outros textos que pensaram o texto antropológico em si desmistificam então a figura do antropólogo, de sua objetividade e positividade, e do presente etnográfico. Com isso, retórica descritiva e relações de poder são também levadas em conta.

Deste modo, concordando com alguns autores e autoras (autoras, principalmente), que analisaram a influência do gênero no trabalho de campo⁶⁴, questões como, “how were my data affected by the kind of person I am, by my sex or other apparent attributes, and how did my presence alter, positively or negatively, the flux of life under observation” (GOLDE, 1986, p. 5) devem ser colocadas, ou ao menos, serem pensadas. Ou seja, citando Bell (1993, p. 2), fazemos trabalho de campo estabelecendo relações, aprendendo a ver, pensar e ser em outra cultura, mas fazemos isso como pessoas de determinada idade, orientação sexual, crença, educação, identidade étnica, classe social, como mulheres e como homens. Elementos estes também colocados na relação entre jornalistas e “locais” durante a guerra.

Somos nós mesmos, portanto, personagens de nossas etnografias, no sentido que estamos muitas vezes, senão sempre, negociando com as pessoas, sendo simpáticos, mostrando um lado de nós que consideramos o mais palatável⁶⁵. E certamente tudo que nós fazemos, também os fixers o fizeram para os jornalistas e para mim durante a pesquisa de campo, como: escolher informantes e informações, escolher o quê e como traduzir, ou sobre o que falar.

Entre o informante e o intérprete

Etnógrafo e informantes são assim co-produtores da informação (Cf. RUDIE, 1993). Walter van Beek (1991), discorrendo sobre a obra de Marcel Griaule (1966) sobre os Dogon revela tanto esta co-produção de relatos, como a influência do antropólogo nos resultados da etnografia.

Beek afirma que a etnografia é sempre mediada pelas idéias e preconcepções do antropólogo e do informante. Tendo isso em vista, ele vai demonstrar como o trabalho sobre os Dogon de Marcel Griaule foi totalmente

⁶⁴ Cf. BELL; CAPLAN; KARIM, 1993; GOLDE, 1986.

⁶⁵ Mas, claro, como Paul Rabinow sublinha, não é possível ser “não-pessoa” ou “persona” o tempo todo – “a smiling observer” (1977, p. 46) – e, no seu caso, o fato de isso não ser sempre possível, foi determinante para os tipos de relação que estabeleceria com seus sujeitos/informantes.

manipulado e que Griaule teve considerável influência na estruturação coerente dos relatos e no conteúdo das conversas que tinha com seus sujeitos.

Griaule, de acordo com Beek, percebia o trabalho de campo enquanto uma operação militar, que objetivava penetrar as defesas culturais, forçar a revelação dos mistérios e elucidar os códigos do adversário (1991, p. 153). Em resposta a isso, seus informantes lhe diziam o que ele queria ouvir. Griaule, por sua vez, os corrigia e complementava as informações com seus próprios dados⁶⁶. Deste modo, os informantes diziam o que o antropólogo queria ouvir e este ajudava os informantes a saberem o que dizer. Nas palavras de Beek, a etnografia sobre os Dogon foi o produto de uma interação complexa entre “a strong-willed researcher, a colonial situation, an intelligent and creative body of informants, and a culture with a courtesy bias and a strong tendency to incorporate foreign elements” (1991, p. 157).

Para além dos informantes, Beek fala também de Kogèm, o assistente e tradutor de Griaule⁶⁷, e mostra como este foi transformado, devido à pesquisa de Griaule e devido a sua função de intérprete (entre o antropólogo e Ogotemmêli), de tradutor em informante especial entre os Dogon:

Kogèm (...) did not remain an interpreter but with the help of Griaule entered the army and eventually attained the rank of captain. In the latter part of his life he presented himself as an initiate in Dogon thought, considering Ogotemmêli's revelations sacred truth. He liked to view and present himself as one of the old men of the Dogon, one of the very wholly initiated. (1991, p. 155)

Percebemos assim que Beek concebe o intérprete quase como um não-outro, um sem palavra, dado que lhe espanta este passar a ocupar a posição que Ogotemmêli ocupara outrora. Porém, de intérprete a informante, cabe nos perguntar em que medida, em todos os casos, seja no jornalismo, seja na antropologia, tal distinção não deixa de fato de existir. A meu ver, estranho não é

⁶⁶ “He confronted his informants with items, be they artifacts, plants, animals, or stars, and expected them to provide adequate information immediately” (BEEK, 1991, p. 154).

⁶⁷ Marcel Griaule (1966), em suas entrevistas com Ogotemmêli, apresenta Kogèm rapidamente, como seu assistente negro, que o acompanhou nos 33 dias de entrevistas. O que precisamente ele fazia, além de acompanhá-lo e “colocar, raras vezes, alguma questão”, não ficamos sabendo neste livro. Beek e Griaule divergem na grafia dos nomes dessas pessoas, mantive a de Beek.

Kogèm ser transformado em informante, como parece para este autor, mas sim, não ser também deste modo pensado.

Antes de entrarmos no universo do intérprete propriamente dito, sobre o informante ainda cito, em mais pormenores, a análise de Peter Metcalf (1998) de seus “intermediários etnográficos” – nome que ele dá para os que eu chamo aqui, até agora, de “informantes”. Segundo ele, os etnógrafos são “outsiders” e, especialmente no começo de suas pesquisas, são socialmente incapazes e lingüisticamente inadequados. Ou seja, aqueles que escolhem gastar seu tempo com os antropólogos certamente têm sua própria agenda (1998, p. 327), e, podendo suprimir informações e transmitir outras, são ambivalentes em suas atitudes. Compreender tal agenda e as razões do informante é compreender um pouco do que ele tem a dizer.

No caso, uma das informantes de Metcalf pediu para ser enterrada com o livro do antropólogo, a quem tanto dificultou, anos antes, a coleta e entendimento dos cantos fúnebres dos Lelak no Bornéu. Este evento fez com que o antropólogo finalmente compreendesse os motivos que levaram a informante a atrapalhar sua pesquisa. Dificultar o trabalho do antropólogo era uma forma de resistência à banalização de seus ritos, diante de um futuro que ela percebia como transformador do mundo que conhecera e que dera sentido a sua vida. Ela queria somente preservar a dignidade dos ritos e evitar transformá-los em trivialidades ou simples registros no livro de um antropólogo. O pedido de ser enterrada com o livro se dá em um momento posterior, onde sim, o mundo que conhecera e dera sentido a sua vida se transformara totalmente. Metcalf elenca diversos possíveis motivos que levaram sua (não)informante a querer ser enterrada com o livro, entre eles, que sim, o livro representava os ritos que ela queria preservar, os ritos que a ela pertence, fechando assim o ciclo de um mundo que não mais existe.

Vincent Crapanzano (1985), por sua vez, centra-se em um “informante especial”, Tuhami⁶⁸, e reconhece a importância do que ele chama de “assistente de campo”. Segundo este autor, no encontro etnográfico, o que está em questão é

⁶⁸ Marroquino, casado com uma “she-demon” (*jinniyya*), espírito objeto de interesse especial por parte do antropólogo.

o conhecimento do outro e de sua realidade, e cabe ao antropólogo, portanto, desenvolver estratégias analíticas de pesquisa, sendo uma delas, o uso do assistente de campo. Lhacen (pseudônimo), seu assistente, foi quem “encontrara” Tuhami. Antes disso, ambos visitaram vários lugares, ensaiaram juntos a pesquisa e tornaram-se “amigos”. Lhacen, em suas palavras, deu-lhe acesso a um mundo mais imediato e íntimo de informantes. Os encontros de Tuhami e Crapanzano aconteciam na casa de Lhacen. E, segundo Crapanzano, ele e Tuhami precisavam de Lhacen, pois precisavam de certa distância etnográfica, que o papel de Lhacen propiciava, ao mesmo tempo em que este evitava possíveis constrangimentos, impedindo que a relação parecesse ser entre dois estranhos. Lhacen seria a terceira parte fundamental da relação, necessária para a comunicação intersubjetiva, exercendo assim significância simbólica, pois guardador da palavra e da verdade, da constância e da continuidade. Foi com o passar do tempo que o papel de Lhacen mudou, sem deixar, todavia, de ser importante. Crapanzano conta que quando ele e Tuhami já estavam se entendendo e reconheceram a importância de um para o outro, do *nós* que se criara entre eles, Lhacen passou a cumprir a função de *spokesman*, identificado ora com um, ora com outro, no vai e vem do diálogo.

Tendo em vista tais relatos, parece-me o “assistente de campo” uma espécie de sopro no ouvido do antropólogo. Há, no entanto, um abismo entre o trabalho de campo, que interage com esses diversos sujeitos, e a escrita antropológica; entre o “experimento”, termo que Crapanzano usa para definir seu livro⁶⁹, e o relato etnográfico em toda a sua complexidade. Tal abismo eu transfiro, igualmente, para a relação jornalista/intérprete, pois certamente esse leque de relações esteve posto também para eles.

É Gerald Barreman quem nos dá mais algumas indicações sobre o papel do intérprete. Barreman pesquisou em uma aldeia na Índia, entre os Paharis⁷⁰. Durante a sua pesquisa, ele teve um primeiro assistente, brâmane, de casta alta, que, tendo ficado doente, foi substituído por outro assistente, um muçulmano,

⁶⁹ “Tuhami: portrait of a Moroccan” (1985).

⁷⁰ Dados de “Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia” (BARREMAN, 1990).

pertencente a uma casta baixa. A pesquisa de Barreman tomou então um rumo contrário ao que ele supôs primeiramente. Barreman acreditara, à primeira vista, que sua pesquisa seria prejudicada pela troca do assistente-intérprete, porém, o fato deste não ser mais de status alto permitiu que membros de castas mais baixas contassem mais coisas para o antropólogo e que membros da casta alta não se preocupassem tanto em passar uma determinada impressão de rigidez em relação a status e comportamento, rigidez esta que estavam preocupados em passar para ele devido à presença do intérprete brâmane. Ou seja, a mudança do assistente-intérprete, além de abrir outras portas para a pesquisa, foi ela mesma reveladora do comportamento de seus sujeitos e da dinâmica da sociedade que pesquisava.

Barreman baseia seu relato na apresentação do *self* de Erving Goffman⁷¹, nas relações face-a-face. Certamente Goffman é um autor que contribuiu bastante para essa questão – do que dizer ou deixar de dizer, do que mostrar ou esconder, de como agir para transmitir determinada impressão. Terei isso em vista no decorrer da pesquisa, apesar de não adentrar especificamente neste autor ou no campo da fenomenologia. Ainda mais porque trato de um evento passado, o que implica distanciamento no tempo, memória e mudança.

Por esses exemplos aqui citados vemos como o intérprete (ou assistente de campo) é aquele que, em alguma medida, torna o trabalho de campo possível, é capaz de mudar seu rumo ou, simplesmente, é parte integrante do processo de coleta de informações e de conhecimento do outro.

Nesta mesma linha, acredito que o papel do intermediário/intérprete/fixer no jornalismo é igualmente ou mais importante, na medida em que grande parte dos jornalistas recebe deles suas primeiras lições a respeito das pessoas e dos lugares sobre os quais escreve.

⁷¹ Cf. GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Nova York: Doubleday, 1959 apud BARREMAN, 1990.

Tradução e mediação cultural

Para Rabinow, o trabalho de campo é um processo de construção intersubjetiva de modos liminares de comunicação, um processo público, portanto. Em suas palavras,

Whenever an anthropologist enters a culture, he trains people to objectify their life-world for him. (...) Therefore, anthropological analysis must incorporate two facts: first, that we ourselves are historically situated through the questions we ask and the manner in which we seek to understand and experience the world; and second, that what we receive from our informants are interpretations, equally mediated by history and culture. (1977, p. 119)

Assim,

Anthropological facts (...) existed as lived experience, but they are made into facts during the process of questioning, observing, and experiencing (...). This means that the informant must first learn to explicate his own culture, to become self-conscious about it and begin to objectify his own life-world. He must learn to “present” it to the anthropologist, to an outsider who by definition does not understand even the most obvious things. (1977, p. 152)

Outros autores, como Ingrid Rudie (1993) e Pina Cabral (2003, 2005), sinalizam tal questão, acreditando na possibilidade de comunicação entre culturas, se se levado em conta o processo de mediação.

A teoria da mediação cultural, proposta por Paula Montero (que veremos em detalhes mais adiante) ou a aversão de Mauro Almeida (2004) ao relativismo pós-moderno passam todas por essa problemática. Tais antropólogos parecem, portanto, tentar resgatar certo olhar e fazer antropológicos, criando teorias e métodos para se pensar o encontro e a própria possibilidade da antropologia, em sua reflexividade.

Pina Cabral (2003), neste sentido, afirma que mesmo que nunca saibamos como os textos traduzidos são compreendidos, existe um horizonte narrativo, onde emissor e receptor aceitam que são semelhantes e partilham tal contexto de semelhança.

Penso que é nesse horizonte de signos partilhados que, não sem conflito, realizou-se a comunicação entre fixers e correspondentes internacionais durante a guerra.

O livro *Deus na aldeia* (2006), organizado por Paula Montero, consiste em vários ensaios escritos por antropólogos, mas não só, que abordam a missionação dentro da perspectiva metodológica e analítica definida pela noção de mediação.

Apesar da questão da mediação ser colocada neste livro enquanto teoria, acredito que ela nos fornece um método para situarmos nossos sujeitos e nossa análise, e acaba constituindo-se uma síntese de muito do que vimos até aqui em termos de reflexão sobre o trabalho de campo antropológico.

Sublinho aqui alguns aspectos deste livro, com o intuito de elaborar um diálogo com a minha pesquisa, no que se refere à busca de um caminho metodológico-interpretativo para se pensar o lugar do fixer na construção de discursos sobre a guerra na Bósnia e seu lugar, de forma genérica, no trabalho de campo antropológico. Embora este seja um livro sobre missionação, estou pensando não nos termos específicos do debate (igreja, missionários, catequistas, xamãs, indígenas etc.), sim, na metodologia empregada para esclarecê-los, ou seja, no esforço de se buscar uma teoria que dê conta do encontro intercultural, dos vários atores nele envolvidos e do conhecimento (ou conjunto de significações) que é produzido neste contexto.

Paula Montero organiza o livro a partir de alguns conjuntos de questões, que exponho rapidamente por virem de encontro a questões que eu mesma me deparei na elaboração do projeto e na condução da pesquisa de campo.

O primeiro é o problema metodológico das relações entre antropologia e história, ou seja, a questão da aproximação entre o material histórico e a observação antropológica dos fenômenos contemporâneos. Tal problema se fez presente ao longo de minha pesquisa, isto, pois, por um caminho aparentemente inverso, eu busco, a partir da observação antropológica dos fenômenos contemporâneos, pensar, junto com “meus sujeitos”, a história.

O segundo conjunto de questões refere-se ao uso dos conceitos religião e cultura. Montero visa “explodir” a sinonímia presente na antropologia entre tais

conceitos e reconstruir sua dinâmica, já que são conceitos criados em determinados ambientes histórico-sociais e reelaborados em outros.

O terceiro conjunto de questões diz respeito à estratégia da tradução nas relações de mediação. E daí a necessidade de uma análise das operações simbólico-práticas da tradução enquanto *locus* privilegiado para observação dos processos de produção de uma espécie de “convergência de perspectivas” (2006, p. 20-21). O processo de tradução é assim um movimento contínuo de cruzamento e reposição de “fronteiras”, sejam territoriais, étnicas ou políticas, e fixação de novas diferenças.

O quarto conjunto de questões, de natureza mais sociológica, é sobre o privilégio da noção de rede na análise das relações sociais e simbólicas. Este ponto é interessante para a minha pesquisa porque chama a atenção para a importância do estabelecimento de redes sociais para o trabalho de campo e do uso de intérpretes, tanto mais qualificados, quando maior rede de conexões possuam. A escolha dos intérpretes está, segundo ela, ligada a este fato, já que privilegia “os indivíduos de maior amplitude de visão sobre a sociedade e a tradição indígena”, recaindo assim “sobre aqueles indivíduos que, por desempenharem papéis como os de xamã, cacique e anciãos, ocupam lugares de centralidade e transversalidade nas redes translocais” (2006, p. 21-22).

O último conjunto de questões remete ao modo de se construir uma perspectiva teórica adequada ao problema da interculturalidade, que enfatize os sentidos produzidos nas relações (MONTERO, 2006, p. 12). Visa assim, compreender como se produz historicamente e socialmente a “convergência de horizontes simbólicos” entre grupos indígenas e missionários, no caso. O foco é no espaço social e simbólico de suas relações quando o esforço de generalização se impõe. Neste sentido, o espaço da mediação cultural seria justamente o *locus* dessas relações generalizadoras. “Religião” e “civilização”, por exemplo, seriam, conforme essa análise, conceitos generalizadores concebidos pela Europa para incorporar a alteridade em seu sistema de comunicação. A ênfase está colocada, portanto, “nas ‘lógicas práticas’ investidas nessas relações e em seu modo de

agenciar sentidos para produzir um acordo circunstancial sobre a ordem do mundo” (MONTERO, 2006, p. 23).

A *mediação* entra aqui como o espaço de generalizações decorrentes da interação social, ou seja, o processo simbólico e material de incorporação das relações mais ou menos locais às relações globais. Para Montero, a compreensão deste processo está intrinsecamente ligada à compreensão dos *agentes de mediação* e de suas práticas, pois eles que possuem competência no domínio dos códigos e propõem conexões de sentido⁷². Neste livro, o missionário é o agente mediador escolhido, existem contudo outros agentes possíveis, como os funcionários da Funai, os catequistas indígenas, os xamãs, os antropólogos etc.. Tais agentes escolhem que códigos acessarem e quais se apropriarem.

Montero chama a atenção ainda para os *intermediários* no trabalho de campo, dizendo que os padres que inventariaram culturas nativas, o fizeram a partir de “informantes privilegiados”, como chefes e xamãs – ou seja, agentes de mediação –, que eram *intermediados* muitas vezes por índios formados nos internatos⁷³. (Que índios são esses, o que dizem, o que pensam dos agentes de mediação, seriam as minhas perguntas, se minha pesquisa fosse neste contexto).

Porém, para Montero, tais conjuntos de questões só podem ser enfrentados, se há um encontro cultural duradouro. No caso dos jornalistas, dificilmente um correspondente tem um encontro duradouro com seus informantes ou fixers, o mesmo podendo valer, algumas vezes, para os antropólogos. Acredito, todavia, que tais pessoas, jornalistas, ou antropólogos, podem sim ser mais que indivíduos, ao ocuparem lugares sociais relativamente definidos. O fixer, neste sentido, pode trabalhar para um jornalista hoje, para outro amanhã, mas acredito que a relação com esses sujeitos, o espaço de mediação cultural e os acordos circunstanciais podem ser apreendidos por se tratar de um mesmo tipo de relação.

Montero enfatiza o acordo que há sobre as significações, os interesses e as alianças, mas não nega que os processos de mediação envolvam coerção, desigualdade e conflito. Nesta perspectiva, não podemos esquecer que eu trato do

⁷² Grifos meus.

⁷³ Grifos meus.

trabalho de um sujeito, fixers/jornalistas locais, num momento de guerra e violência, significativamente diferente, portanto, do contexto 15 anos depois, que eu me deparei em Sarajevo. Além disso, a relação posta entre jornalistas e fixers, no contexto da guerra na Bósnia, era, a meu ver, de acordo sim, mas de total desigualdade e dependência, financeira e simbólica, já que precisavam, os fixers, de dinheiro e de voz, ou seja, de alguém que falasse deles para o mundo.

Em face dessa discussão, acredito ainda que a minha pesquisa engloba dois momentos, duas traduções, uma que se refere à relação entre o fixer e o jornalista, e a outra, à relação entre eu, a antropóloga, e o fixer. Nesse sentido, convém sublinhar a significativa diferença e algumas semelhanças entre a posição ocupada pelo antropólogo em campo e a do jornalista. O antropólogo, neste caso, sou eu.

Cheguei a Sarajevo já tendo alguns conhecimentos da língua local, fato este que era positivamente reconhecido, somado ao propósito de morar na cidade por um ano. Porém, o que me fazia diferente dos “internacionais” que rodam por Sarajevo e que por lá passaram durante a guerra era significativo para as pessoas que me cercavam, como amigos e vizinhos. Não consegui saber se essa diferença era realmente significativa para aqueles que entrevistei uma única vez durante o trabalho de campo, pessoas que, com pouco conhecimento do contexto em que eu estava inserida, disponibilizavam algumas horas de seu dia para conversar comigo em algum café na cidade. Não obstante, as entrevistas eram na maioria das vezes na língua local e a minha apresentação como doutoranda em antropologia social proporcionava que os entrevistados olhassem com outros olhos para o meu lugar, ou seja, como alguém que fica, e não, como alguém que passa por Sarajevo.

Algumas dessas pessoas, encontrei novamente; outras, cruzava por acaso no meu dia-a-dia pela cidade. Dia-a-dia este, como veremos no capítulo a seguir, preenchido por outras pessoas, como vizinhos, conhecidos, amigos e jornalistas/fixers, que se tornaram amigos depois, e que deram vida, por assim dizer, aos relatos.

Por outro lado, o formato “entrevista”, por mais aberto que fosse, mostrou-se também interessante. Ao mesmo tempo em que significava uma conversa, a princípio, entre dois estranhos, que se encontravam uma primeira vez, para falar sobre um tema interessante para o entrevistado e para o entrevistador, tal formato foi de encontro a um dos objetivos da pesquisa.

Nas entrevistas, eu era claramente uma *outsider*⁷⁴, que (para alguns) não fazia idéia do que realmente havia acontecido⁷⁵, deste modo, cabia a eles me contarem o que aconteceu e por quê. O formato entrevista proporcionava assim que eles me contassem o que têm como certo, ou seja, aspectos de certo modo formatados da história e de que imagem da Bósnia-Herzegovina e de sua história eles querem passar, fato este que ia de encontro às minhas perguntas – relacionadas, neste momento, muito mais a um universo discursivo do que a práticas, sem desatentar para o fato, citando Fabian (1990), de que temos que pensar a realidade da representação, sua presença, também enquanto práxis. Deste modo, “fazemos” (nós, antropólogos) o outro a partir de nossas práxis e representações, e assim também tais sujeitos “se fizeram” para mim, quando escolheram o que dizer e como se apresentar.

Para finalizar essa parte 1, acrescento ainda algumas observações.

Cheguei a campo tendo em vista as questões nesta parte apresentadas, ou seja, tendo em vista o debate sobre os discursos sobre a região, sobre as políticas de objetivação das nacionalidades presentes na ex-Iugoslávia socialista, sobre o informante no trabalho de campo e todo debate sobre a construção do texto e pesquisa etnográficos e a teoria da mediação cultural.

⁷⁴ Não que eu não fosse a todo tempo e a toda hora, mas é evidente a diferença entre a relação com um amigo de campo e um entrevistado.

⁷⁵ Muitos que entrevistei começavam o relato informando coisas básicas, como: “o cerco durou de 1992 a 1995”. Logo, felizmente, percebiam que eu estava bem familiarizada com nomes e datas, e apresentavam-me as questões que norteiam o debate sobre a guerra atualmente, como veremos ao longo da tese.

Em campo, novas questões surgiram, e outras continuaram como pano de fundo somente, pois não tão presentes. Citando Rabinow,

In the dialectic between the poles of observation and participation, participation changes the anthropologist and leads him to new observation, whereupon new observation changes how he participates. But this dialectical spiral is governed in its motion by the starting point, which is observation. (1977, p. 79-80)

Perguntei-me, contudo, muitas vezes, sobre a necessidade de trazer para cá esse debate teórico, da forma crua como o trouxe, quase que desgarrada das observações de campo, ao menos neste momento. Todavia, no universo de relações presentes no meu trabalho de campo, se este debate não informa diretamente sobre os sujeitos analisados, ele informa sobre o antropólogo, dado que, com tais questões, cheguei a campo e elaborei minhas primeiras perguntas. Foram tais questões, igualmente, que me levaram justamente aos fixers e demais entrevistados, e não, aos meus vizinhos, amigos, taxistas, vendedores.

Partindo, portanto, da idéia de que os intermediários participam do processo de elaboração de discursos, ou que, simplesmente, o lugar que ocupam os coloca em uma posição tal que os leva a elaborar para si tais discursos; e pensando que este lugar que ocupam, no conjunto de relações em que estão implicados, soma-se ao fato de que a guerra e o cerco, enquanto evento crítico, os provoca ainda mais à tomada de posição e re-elaboração de preceitos; volto a eles, portanto, e os transformo em meus informantes especiais – nem intérpretes, nem fixers, mas informantes.

PARTE 2. Contando a história: fixers em Sarajevo

APRESENTAÇÃO. Sobre a pesquisa de campo

Chegando a Sarajevo

Cheguei a Sarajevo no dia 16 de agosto de 2007. Um secretário da universidade onde realizei estágio de doutorado sanduíche, a International University of Sarajevo, foi me buscar no aeroporto e me levou para o alojamento de estudantes em Ilidža, onde ficaria hospedada até encontrar um lugar para morar.

Os dois primeiros meses foram então para me instalar na cidade e conhecê-la minimamente.

Freqüentei então assiduamente a universidade e nela fiz minhas primeiras amizades. Desde o início, disponibilizaram-me um escritório, onde trabalhei muito no começo, e como, por ser período de férias, meu co-orientador não se encontrava em Sarajevo, cuidamos de questões burocráticas referentes à minha estadia (até então) de um ano no país.

Paralelamente começou a minha jornada para encontrar um lugar para morar. Todos na universidade se ofereceram para me ajudar. Meu bósnio, insuficiente na época, tornava muito difícil eu conseguir fazer isso sozinha⁷⁶. Um dos secretários então falou, “compre o *Super oglasi*” (“Super Anúncios”, um jornal de classificados que sai às sextas-feiras). Acredito que duas sextas-feiras cheguei com o jornal na universidade, mas como estavam sempre muito ocupados, resolvi tentar sozinha. Com um mapa de Sarajevo de um lado e um dicionário de outro, fui decifrando as palavras e imaginando bairros bons de morar, que não fossem

⁷⁶ Nos dois anos que antecederam minha ida a campo, tive aulas particulares de croata, com uma professora em São Paulo. Se é verdade que este esforço fora fundamental, quando cheguei a Sarajevo pouco conseguia compreender do idioma, que foi aprendido de fato no dia-a-dia da pesquisa de campo.

nos *brdo* (“montes”, os morros repletos de casas e ruelas que circundam Sarajevo) e que não fosse em Ilidža⁷⁷. Resolvi, ao invés de ligar, enviar mensagens para os anúncios que disponibilizavam email. Entre a sorte e a intuição, após um mês em Sarajevo, mudei para um apartamento no bairro de Mojnilo, no distrito de Novi Grad (Cidade Nova), onde fiquei instalada até setembro de 2008: um apartamento ótimo, num bairro melhor ainda. Em uma parte relativamente nova da cidade, Mojnilo foi construído para abrigar os jornalistas estrangeiros que cobriram as Olimpíadas de Inverno de 1984; foi muito destruído durante a guerra, mas já está totalmente reconstruído, inclusive as fachadas dos prédios (diferente de muitos prédios em Sarajevo, que ainda apresentam marcas dos bombardeios). Tive um pouco de intuição, pois, com a desculpa de poder circular mais, pegar mais ônibus, demorar mais tempo para chegar aos lugares, não quis morar na parte badalada da cidade, o centro, onde mora a maioria dos estrangeiros que vêm a Sarajevo⁷⁸, alguns dos quais, que conheci depois, me perguntavam, “mas Mojnilo? O que você foi fazer lá?”. Morando no centro, talvez não tivesse também estabelecido as boas relações de vizinhança que estabeleci em Mojnilo (está certo que isto nunca poderemos saber...), onde, única estrangeira do bairro, esforçando-se para falar a língua, fui muito bem recebida, com carinho e cordialidade.

Durante este tempo, andei muito, conheci todos os museus da cidade, as principais igrejas e mesquitas, me perdi por ruelas, visitei antigos fortes e muitos cemitérios e memoriais. Fui passear em Vrelo Bosne (em Ilidža), um parque muito bonito que abriga a nascente do rio Bosna, fui passear em Stari Grad (distrito Cidade Velha) e fiz caminhadas ao longo do rio Miljacka. E experimentei as

⁷⁷ O problema de Ilidža, na minha intuição inicial, não era somente porque era longe do centro – localizando-se no extremo oposto do centro da cidade (ver mapa 4, p. 396). Ilidža é uma parte de Sarajevo que até algumas décadas atrás era considerada lugar de passeio, piquenique, pois perto da montanha Igman e da nascente do rio Bosna (Vrelo Bosna). Durante a guerra, o bairro foi tomado por forças sérvias e seus habitantes não-sérvios fugiram para dentro da cidade. Ou seja, além de longe, foi um bairro que não esteve cercado, pelo contrário, foi usado pelo cerco. Considerei essas questões e resolvi não morar lá.

⁷⁸ Sarajevo continua sendo atraente para estrangeiros como destino turístico, mas também como local de trabalho para muitos, ligados a organizações humanitárias e organismos da ONU em atividade no país.

comidas: comi *pita* e *ćevapi* e minha primeira *baklava*⁷⁹, aprendi a beber iogurte junto com as refeições e a demorar uma hora para tomar um cafezinho⁸⁰.

E conheci Amir Telibečirović (Amir T., daqui em diante), com quem me corripondi por email durante algum tempo antes de ir para Sarajevo. Jornalista e amigo, Amir me ajudou muito neste início, com mapas e dicas e histórias da cidade. Foi incumbido a me ajudar a encontrar algum professor de bósnio e disse-me que Mojmiło era um bom lugar para se morar, se eu não me importasse com o fato de ser longe do centro (30 minutos de trólebus).

Na faculdade, entretanto, a opinião a respeito do bairro era outra. Um dos secretários da universidade, por exemplo, enfático, me disse: “tem muitos drogados por lá e não se pode andar à noite”. Estranhei a resposta já que os prédios eram bem bonitinhos, com suas fachadas reconstruídas, e não me deparei com nenhum drogado quando fui ver o apartamento. Depois notei que muito se fala desses “drogados” e do aumento da criminalidade relacionada à venda e uso de drogas e às máfias da região.

Sarajevo é, no entanto, uma cidade muito segura, onde as pessoas circulam de dia e de noite. Eu mesma andei muitas vezes sozinha à noite e nunca me senti ameaçada, assediada ou em situação de risco. Mas as pessoas realmente estão cada vez mais preocupadas, e lêem diariamente nos jornais as notícias de jovens mortos de overdose, assaltos, roubos de carro e, por vezes, assassinatos e estupros ocorridos no país. Certamente notícias como essas eram extremamente raras e não faziam parte do cotidiano de notícias.

⁷⁹ *Pita* é uma torta de massa folhada que pode vir recheada com queijo (*sirnica*), espinafre (*zeljanica*), carne (*burek*), abóbora (*tikvenica*) ou batata (*krompiruša*). *Ćevapi* são uns bolinhos de carne compridinhos que se come com um pão que se chama *somun*, que tem a forma do pão sírio, mas é mais gordinho e saboroso, e acompanha cebola crua picadinha. *Baklava* é um doce maravilhoso – “muito doce”, eles costumam dizer – feito de massa folhada, recheado de nozes picadinhas, com uma calda de açúcar. Chamo a atenção para essas comidas, pois são o que tem de mais típico em Sarajevo, todos comem e todos gostam.

⁸⁰ Café é uma instituição na Bósnia-Herzegóvina, as pessoas têm o tempo do café, e não se pode tomar café rápido, conversa-se entre um golinho e outro, quando se molha a língua e saboreia-se o café. Existe até um substantivo, *ćeif*, que define sentimentos de satisfação e prazer e que é também utilizado para descrever o ato de tomar o café, ou como ele deve ser.

Tendo me instalado, pensei, hora de começar a trabalhar. Tinha, obviamente, como objetivo número 1, encontrar “meus fixers”. E como objetivo número 2, encontrar um professor de bósnio. E como fazer isso?

Encontrando os fixers

Ainda no Brasil, acreditava que Amir T. me ajudaria a encontrar meus primeiros fixers. Porém, chegando a Sarajevo, Amir, que foi soldado durante quase toda a guerra, disse-me que não conhecia ninguém e que certamente todos teriam ido embora da Bósnia.

Meu orientador, professor Omar, então sugeriu que eu fosse até o hotel Holiday Inn, onde os jornalistas ficavam hospedados, que descobrisse os cafés que freqüentavam e quais seus locais de sociabilidade – ou seja, uma forma de entrar em contato com aqueles indivíduos que tinham se relacionado diretamente com os correspondentes internacionais.

Resolvi seguir sua orientação, porém logo descobri que pouquíssimos bares funcionaram durante a guerra, e nenhum assiduamente, não servindo, portanto, de ponto de encontro específico para os correspondentes internacionais, que se reuniam para beber e conversar no próprio Holiday Inn e no prédio da televisão.

Chegando a este hotel, disse na recepção, num bósnio terrível, que estava fazendo uma pesquisa sobre Sarajevo e que gostaria de conhecer alguém que tivesse trabalhado lá durante a guerra. Disseram-me que quase toda a equipe tinha mudado, mas que eu poderia obter mais detalhes com a moça que cuidava do bar. Assim conheci Emina, que desde então, mas principalmente no começo da pesquisa, visitei freqüentemente no hotel e com quem tive longas conversas. E a primeira coisa que descobri com Emina foi que quase todos os garçons e funcionários do hotel, com a exceção de alguns homens que em determinados períodos serviram ao exército, trabalharam lá durante a guerra. Porém, em nossas conversas, parecia não ser relevante falar dos jornalistas, mas sim, sobre amores, família, Tito, sobre como as coisas eram antes, durante e depois da guerra. E não foi lá que encontrei meus fixers...

Conheci então, por acaso, Andrej Đerković, num seminário sobre violência que participei como ouvinte em setembro de 2007⁸¹. Em uma conversa com os participantes do evento sobre a minha pesquisa, uma das participantes me disse que seu marido, original de Sarajevo, tinha sido fixer durante a guerra e que me apresentaria a ele. Artista plástico e escritor, Andrej foi extremamente receptivo, informou-me que fora o único fixer em Dobrinja, bairro de Sarajevo que esteve cercado pelas forças “sérvias” (ou “forças agressoras”)⁸² e passou-me alguns contatos, dentre os quais, o de Suada Kapić.

Suada realizou um extraordinário trabalho de rememoração do cerco a Sarajevo, editando uma enciclopédia sobre o cerco, com documentários, mapas, depoimentos etc. (Cf. KAPIĆ, 2000), material este doado por ela à biblioteca da Unicamp. Também ela me passou alguns contatos.

E planejei minha ida ao Mediacentar Sarajevo, instituto de pesquisa em jornalismo. No Brasil, em minha busca por um co-orientador em Sarajevo, entrei em contato com Boro Kontić, jornalista e diretor deste instituto. Chegando lá conversamos rapidamente, pois ele estava muito ocupado, não se lembrava de mim e disse que não poderia me ajudar – quase um ano depois eu viria a entrevistá-lo como parte da pesquisa. Porém, lá conheci Dražen Simić, jornalista, que da mesa ao lado ouvia a nossa conversa e lia jornal. Ele e um funcionário do instituto me passaram mais alguns nomes.

E a partir daí encontrei meus fixers. Estabeleci uma rede de contatos que cresceu de uma maneira que só consegui esgotá-la no último mês da pesquisa de campo, em 2008⁸³.

⁸¹ Workshop “History and Theory of Violence in the 20th Century. Collective violence: emergence, experience, remembrance”, promovido pelo Center for Interdisciplinary Memory Research, Essen/Germany, do Institute for Advanced Study in the Humanities, em colaboração com Friedrich Ebert Stiftung (Sarajevo, Bósnia-Herzegovina), realizado em Sarajevo entre os dias 26 e 30 de setembro de 2007.

⁸² O cerco a Sarajevo se deu pelo estabelecimento de tanques e franco-atiradores nas montanhas ao redor da cidade. Porém, no bairro de Grbavica, o cerco adentrava a cidade, e no bairro de Dobrinja, no começo da guerra, o cerco se consolidou ao redor do bairro, que acabou se constituindo como um enclave bósnio ou, como eles definiam, “território livre bósnio”, separado da cidade pelas “forças agressoras”. Sobre a situação em Dobrinja, ver Kubert (1996).

⁸³ Lembrando que em 2009 retornei a Sarajevo tendo já finalizado as entrevistas. Voltei para viver lá e escrever a tese.

No final, conversei formalmente com 80 pessoas. Algumas delas mais de uma vez. Entretanto, somente metade destas trabalhou para jornalistas estrangeiros durante a guerra na Bósnia.

E aqui convém sublinhar um ponto importante. Desde o início, constatei que minha noção de fixer deveria ser ampliada. Isto por ser um termo específico que não reúne todos os ajudantes dos jornalistas – guias, tradutores, motoristas etc. – ora denominados fixers, ora não. Sendo assim, apesar do termo “fixer”, em jornalismo, definir aquelas pessoas contratadas para fazer as traduções e organizar encontros e entrevistas, a pesquisa acabou por englobar também todos aqueles que trabalharam para os veículos de imprensa estrangeiros, incluindo, câmeras, técnicos de som, editores, fotógrafos, produtores⁸⁴ e jornalistas locais, que, de certo modo, estavam também “fixing the work of the foreign journalists” em Sarajevo. Eram eles a equipe local dessas organizações e foram eles que estabeleceram minha rede de contatos, indicando uns aos outros. Meu campo acabou sendo, portanto, o campo construído pelos meus contatos.

Dessas pessoas que encontrei, muitas estão ainda vinculadas às mesmas organizações de mídia que trabalharam durante a guerra, ou passaram a trabalhar para as concorrentes. E encontrei somente os que trabalharam para grandes veículos de imprensa, como as agências de notícias *Associated Press*, *Agence France Presse*, *DPA* e *Reuters*, e para grandes redes de televisão, como WTN, CNN, BBC, ABC, ZDF e ARD. Alguns trabalharam para jornais e revistas, mas bem menos do que eu supunha encontrar antes de começar a pesquisa. Imaginava, por exemplo, que fosse encontrar a fixer⁸⁵ que tinha trabalhado para o *The New York Times*, mas não encontrei. Quando perguntava por estas, a resposta mais comum era que tinham aproveitado a oportunidade e saído de Sarajevo durante a guerra, já que todos aqueles vinculados às organizações de

⁸⁴ Os produtores exerciam uma função muito parecida com a dos fixers, apesar de “produtor” não ser utilizado como sinônimo para “fixer”. Eram aqueles que possibilitavam o trabalho principalmente das equipes de televisão, dando apoio logístico e organizando as filmagens. Geralmente acumulavam as funções de produtores e intérpretes.

⁸⁵ Eram geralmente mulheres, as fixers. Isto, pois os homens, exceto médicos e jornalistas, tinham que servir ao exército. Falarei mais sobre isso no capítulo 1, a seguir.

mídia ganhavam credencial de jornalistas e podiam, assim como seus patrões, entrar e sair da cidade, ou seja, podiam fugir da cidade⁸⁶.

Com essas pessoas tive o que chamo de “conversas mais formais”, já que não eram entrevistas propriamente ditas, porém seguiam determinados tópicos. Perguntava como tinha sido o trabalho com os jornalistas, para quem haviam trabalhado, como conseguiram o trabalho, e o porquê da escolha. Conversava ainda sobre Sarajevo, as transformações pelas quais a cidade teria passado, como era a vida antes, durante e depois da guerra. Também procurava saber um pouco sobre sua trajetória pessoal, o que estudara, sua idade no início da guerra, onde e com quem morava, como aprendera a falar inglês ou outras línguas estrangeiras. Conversava ainda sobre sua origem familiar e tentava perceber seu posicionamento no interior de um complexo espectro político. E, evidentemente, perguntava sobre a guerra, como fora, os porquês, o que pensava do Acordo de Dayton e da situação política atual da Bósnia. Foram, na maioria das vezes, longas conversas.

Raramente perguntava sobre a nacionalidade, religião ou etnia daquele com quem estabelecia contato, pois acreditava que essas surgiriam na conversa se fossem relevantes. E de fato surgiram.

Além de tentar saber quem eram essas pessoas, o que pensavam sobre os acontecimentos na Bósnia e na antiga Iugoslávia, como perceberam o fim da Iugoslávia e o início dos conflitos na Croácia e Eslovênia e a especificidade de Sarajevo, procurei compreender, por meio também de outras fontes, o momento imediatamente anterior à guerra, atenta para algumas idéias referentes à realidade multicultural de Sarajevo⁸⁷ e da Bósnia-Herzegovina.

⁸⁶ A questão da credencial de jornalista aparece freqüentemente na literatura local. Em *Konačari* (2006), de Nenad Veličković, por exemplo, romance que se passa durante a guerra, a única possibilidade para um dos personagens que não quer ir para o exército é fugir da cidade. O que só conseguiria fazer se comprasse uma credencial de jornalista para poder voar nos aviões da Unprofor, e se pagasse aos soldados (capacetes azuis) ucranianos da Unprofor para levá-lo ao aeroporto (segundo alguns dos meus entrevistados – Vlado A., por exemplo –, eram eles, os ucranianos, que faziam a maioria do trabalho ilícito na cidade em troca de dinheiro, e que sim, te buscavam em casa e te tiravam de Sarajevo).

⁸⁷ Robert Donia (2006) aponta, contudo, que antes dos anos 1990, os sarajevanos não descreviam sua cidade como “multicultural”, mas em termos de “vida comum” (*zajednički život*), onde a noção

Meu universo de relações e, portanto, meu universo de pesquisa não se restringiu aos fixers, ou às pessoas que trabalharam para a imprensa internacional.

Estabeleci contato com jornalistas locais, também responsáveis pela produção de notícias durante o cerco à cidade, visto que a TV local continuou funcionando⁸⁸, assim como o jornal local (o *Oslobođenje*), além de rádios locais e novas rádios que então surgiram. Procurei conversar também com intelectuais, para entender como pensam o conflito, e, por fim, com líderes religiosos.

Como a divisão da sociedade se dá entre croatas, sérvios e bosniacs, a qual pode ser também entendida como uma divisão entre católicos, cristãos ortodoxos e muçulmanos, respectivamente, considerei relevante ouvir as lideranças religiosas, porta-vozes que foram durante a guerra, e ainda são, de suas respectivas comunidades “nacionais-étnico-religiosas”. Infelizmente, não fui recebida nem pelos líderes muçulmanos – tentei insistentemente contatar o *reisu-l-ulema* (ou *Ra'īs-l-ulama*) Mustafa ef. Cerić⁸⁹ e o *naibu-reis*⁹⁰ Izmir ef. Spahić – e nem pelo metropolita Nikolaj Mrđa, da Igreja Ortodoxa Sérvia. Porém, se o que interessa aqui é uma posição formal da comunidade religiosa em questão, pude encontrá-la em outros meios. Contudo, essa busca por líderes religiosos me fez conhecer Frei Marko Oršolić, da Igreja Franciscana, o Cardeal Vinko Puljić, da Igreja Católica, e Jakob Finci e Eli Tauber, da comunidade judaica (*Jevrejska zajednica*). Frei Marko e Eli Tauber tornaram-se meus amigos, no sentido de que nos encontramos várias vezes, viajamos juntos e tomamos muito café.

As conversas com essas outras pessoas, que não os fixers apenas, ajudaram-me a ter uma idéia a respeito da produção interna de notícias e da

de vizinhança (*komšiluk*) e termos derivados eram sublinhados, enfatizando-se noções como tolerância e diversidade.

⁸⁸ Os programas eram emitidos também por rádio dado a falta de energia elétrica a maior parte do tempo.

⁸⁹ O *reisu-l-ulema* é o representante maior da comunidade islâmica (*Islamska zajednica*) da Bósnia. Literalmente, o termo significa o chefe dos conhecedores da religião. O termo *efendija*, por sua vez, vem geralmente abreviado “ef.”, entre o nome e o sobrenome; significa aquele que é um estudioso do islã, educado na religião, e pode significar, simplesmente, “senhor”.

⁹⁰ O *naibu-reis* seria o vice do *reisu-l-ulema*.

produção interna de uma fala ou conhecimento sobre a história recente e não tão recente da Bósnia-Herzegovina.

Tal “produção” encontrei também no meu dia-a-dia pela cidade. No bairro, começando na porta de casa, nos cafés no apartamento ao lado com a senhora minha vizinha, passando pelo clube dos aposentados embaixo do prédio onde morava, indo um pouco mais longe, na vendinha das moças desbocadas, na vendinha dos moços religiosos de Sandžak, com o padeiro kosovar, com o casal de jovens bonitos da vídeo-locadora, com os taxistas que fazem ponto na rua.

No clube de aposentados, onde aposentados e aposentadas, mas não só, reúnem-se para tomar café, jogar xadrez, dominó, dados e baralho e onde, aos sábados, reúnem-se para cantar e dançar ao som do acordeão e canções populares (*narodna muzika* e *sevdalinka*)⁹¹, fiz também algumas amizades, tomei muito café e participei de algumas excursões, para praias, parques e montanhas.

Na universidade, tinha outras conversas. Trata-se de um centro de ensino superior, fundado por turcos não seculares. A maioria dos seus estudantes vem da Turquia, muitos por não poderem fazer curso superior em seu país, por terem cursado escolas religiosas, ou, no caso das jovens, por usarem o véu islâmico, proibido nas universidades turcas. A universidade está vinculada ao processo de Bolonha, de padronização das universidades européias, mais um atrativo para os estudantes. A grande maioria do corpo docente é estrangeira e as aulas são em inglês, o que torna a faculdade atraente também para bósnios que querem aperfeiçoar uma segunda língua. Do corpo administrativo, muitos conseguiram sair da Bósnia durante a guerra, alguns moraram na Alemanha, outros foram para a Turquia, muitos estudaram na Malásia (especificamente na Universidade

⁹¹ *Narodna muzika* é a música popular ou *folk*. Muitas são de domínio público. A música popular ou *folk* sofreu uma transformação a partir dos anos 1970, com a introdução de novos ritmos e batidas eletrônicas, e passou a se chamar *novokomponovana* (novas composições) ou turbo-folk, como se usou chamá-las a partir dos anos 1980. Alguns chamam esse novo estilo também de *narodna*, e os que a cantam, *narodnjaci*. As *sevdalinks*, como vimos no Preâmbulo, são um tipo de música popular bósnia, que falam de amor e de suas cidades, e são consideradas por muitos o “símbolo da nação”. São músicas antigas e urbanas (e não *folk*), algumas possuem séculos de existência, remontando ao período otomano. Pode-se encontrar em toda a região, particularmente na Sérvia e na Macedônia, canções antigas urbanas parecidas, em sua melodia, harmonia e poesia, que recebem, contudo, outros nomes, e que, para um especialista, certamente possuem mais diferenças do que as que eu possa ter notado.

Internacional Islâmica da Malásia, International Islamic University Malaysia). Lá aprendi muito sobre islamismo e encontrei toda uma infra-estrutura que possibilitou minha pesquisa em Sarajevo, e tive conversas sempre muito instigantes com o meu co-orientador Prof. Dr. Muhidin Mulalić.

Sair de Mojmiło geralmente significava “ir à cidade”, ou ir ao centro. O centro começa na Cidade Velha (Stari Grad), em Baščaršija/Bistrik⁹², passa pela Ferhadija, rua badalada da cidade, com suas butiques e cafés mais requintados, e termina em Marijin Dvor/Skenderija, onde começa Novo Sarajevo (Sarajevo Novo), depois Novi Grad (Cidade Nova) e, por fim, Ilidža. (Mojmiło e Alipašino Polje, onde ficava o segundo apartamento onde morei, ficam em Novi Grad).

Baščaršija é onde começou a cidade, bairro antigo, com suas inúmeras lojinhas de artesanato, tapetes, jóias, sapatos, trabalhos em cobre, rendas, tecidos, couros, com seus cafés e doçarias, suas *buregdžinicas* (onde se come *pita*) e *ćevabdžinicas* (onde se come *ćevapi*), com suas mesquitas, sinagogas, a igreja ortodoxa antiga e as catedrais católica e ortodoxa. Também lá conheci algumas pessoas, dentre elas, Igor, da galeria de artes, Valida, dona da pensão, e Adnan e Ibro, da sapataria – todos, referências afetivas fundamentais para o meu dia-a-dia na cidade, e que me forneceram informações preciosas sobre sua história recente e dinâmica atual.

Nunca conseguia saber precisamente como seria meu dia, muito menos, o dia seguinte. Isto, pois, em Sarajevo, não se agenda um encontro ou uma conversa com antecedência, e muitos encontros foram marcados em cima da hora, e os combinados com antecedência sempre tinham que ser no último instante confirmados. Assim, uma manhã inicialmente livre era inaugurada com uma série de telefonemas. No começo estranhava, pois após a minha apresentação, meu interlocutor geralmente respondia constrangido, “desculpe, adoraria conversar com você, mas agora não posso”, eu explicava então que não precisava ser naquela hora, podia ser mais tarde ou num outro dia. Assim, meus encontros eram marcados, geralmente a qualquer hora do dia em algum café no centro; e, entre um e outro, dependendo de onde eu estava, passava no hotel ou

⁹² Se olharmos para os dois lados do rio.

na galeria, na pensão, na sapataria, no banco⁹³, na faculdade... e claro, na aula de bósnio, sobre a qual me estenderei mais adiante.

Nos finais de semana, dedicava-me ao caderno de campo, já que nessa rotina sem rotina, meus finais de semana eram quase sempre “livres”: arrumar a casa e “escrever caderno de campo” eram atividades obrigatórias. Por vezes, ia à locadora e alugava três filmes: um nacional ou “local” (*domaći*) mais recente, um partisan⁹⁴ e um americano para relaxar. De qualquer modo, na medida em que o tempo avançava, passei a freqüentar bem menos a locadora, e os dias começaram a passar bem mais rápido... e as semanas e os meses e, por fim, o ano.

Posto isso, meus dias se organizavam em torno de compromissos geralmente recém-agendados, os quais consistiam basicamente em encontrar meus fixers, telefonar-lhes, escrever o caderno de campo, ir à universidade pelo menos uma vez por semana, ter aulas de bósnio, e claro, passar de tempos em tempos na Valida, na galeria, no clube de aposentados, na sapataria, no Holiday Inn, e ligar de tempos em tempos para o Amir T.. Cuidar, enfim, para que os poucos e frágeis vínculos criados não se rompessem.

Meu objetivo? Dar sentido a esse universo de falas, sorrisos e olhares que vivenciei, tentando localizar os sujeitos da pesquisa nesse contexto e trazer para o leitor o que eles falam da guerra, da vida e de Sarajevo.

⁹³ Quando ia ao banco geralmente reservava meia hora pelo menos, pois sabia que ficaria conversando com os meninos do caixa e com o segurança: o Fikret, o Admel, a Sabina e o Emir.

⁹⁴ “Filme nacional”, ou *domaći* (que significa “do lugar”), nunca significou bósnio somente, nem para mim, nem para o casal da locadora, mas da região da ex-Iugoslávia – aqui, entretanto deve-se ter em mente que o casal da locadora estava interessado que eu aprendesse a língua, então não podemos concluir precipitadamente que não diferenciem filmes bósnios, de filmes da região, apesar de muitos destes serem de fato co-produções inter-regionais (da Sérvia, Croácia, Bósnia e Eslovênia, especialmente). Filmes partisan, ou *partizanski*, como eles chamam, reúnem uma enormidade de filmes da época de Tito, sobre alguma batalha importante ou sobre algum herói ou inimigo da Segunda Guerra Mundial, como vimos.

Aprendendo idiomas

Digamos que minha pesquisa de campo começou dois anos antes de chegar a Sarajevo a partir do árduo e sem fim estudo da língua.

No Brasil, estudei a língua croata, com uma professora croata – Katarina Vidmar –, que emigrara para o Brasil logo após a Segunda Guerra Mundial.

Chegando à Bósnia, Amir se encarregou de me ajudar a encontrar um professor de bósnio. E encontrou. Comecei a estudar a língua bósnia com a professora Sandra Zlotrg no início de outubro de 2007, na Associação de Jovens Lingüistas e Tradutores da Bósnia-Herzegóvina (*Udruženje mladih lingvista i prevodilaca u BiH*).

Formada em lingüística e literatura bósnio-servo-croata, conversamos muito sobre estes tópicos, nas duas vezes por semana que tinha aulas com ela, de uma hora e meia cada uma, durante todo o período em que estive na Bósnia (e, de certo modo, até hoje).

Após estudar croata no Brasil, comecei a estudar bósnio em Sarajevo e notei que nas vezes em que estive na Republika Srpska (parte sérvia da Bósnia) e na Sérvia, a língua em que conversava era o sérvio. E era elogiada por membros das três comunidades: “como você fala bem a língua croata”, me diziam os croatas; os sérvios com quem tive contato também me elogiavam, “como você fala bem a língua sérvia”; evidentemente, fui mais elogiada em Sarajevo por falar bem a língua bósnia.

O multilingüismo na Bósnia-Herzegóvina é um fato. Todos dominam pelo menos os três idiomas: sérvio, bósnio e croata. E isso não é piada, apesar de ser também. Páginas na internet de órgãos oficiais do governo, por exemplo, trazem as três versões; currículos, no campo do idioma, apresentam, entre outras línguas, essas três.

Trata-se, contudo, de iniciativas que merecem respeito. A instituição da língua oficial servo-croata se deu em consonância aos propósitos políticos iugoslavos, baseada nas iniciativas pan-eslavistas do século XIX de normalização do idioma. Com as guerras dos anos 1990, continuar chamando a língua de servo-croata ou croata-sérvio (*srpskohrvatski* ou *hrvatskosrpski*) deixa de fazer sentido, e

todos os países da região passam a denominar sua língua com o nome da nação (ou do país, no caso da Bósnia). Assim, na Sérvia fala-se sérvio, na Croácia, croata, em Montenegro, o montenegrino, e na Bósnia, fala-se sérvio, croata ou bósnio dependendo da nacionalidade do falante da língua em questão. Sim, é uma resposta política ao fim do Estado iugoslavo – alguns vão dizer que é uma resposta “esquizofrênica” (Cf. TELIBEČIROVIĆ, 2009), termo que certamente provocaria estranheza em ouvidos antropológicos por seu apelo inegavelmente patológico. De qualquer modo, estão de acordo no seguinte: ninguém mais fala o servo-croata (ou croata-sérvio).

Existe, contudo, uma discussão lingüística em torno desta temática. Srdjan Jovanović, em “Serbo-croato-bosno-montenegrin?: making order out of chaos” (2008), argumenta que por razões lingüísticas e somente por essas pode-se classificar uma língua enquanto língua. Não há, portanto, segundo ele, razões lingüísticas para isso no caso do sérvio, croata, bósnio e montenegrino, e que devemos continuar denominando-as “servo-croata” (ou “croata-sérvio”)⁹⁵. O artigo poderia até ser interessante, mas peca por dados históricos equivocados ou por desconhecimento destes, o que poderia tornar a análise mais séria e aprofundada. Destaque-se ainda que as razões políticas, para mim óbvias, não são levadas em conta. Por outro lado, é surpreendente que o aspecto político não é usado como argumento nem pelos políticos e representantes dos estados que o autor cita (e que, acredito, neste caso as fontes que utiliza são legítimas) e que igualmente recorrem a razões lingüísticas e criam ou aprofundam diferenças vernaculares para justificar a separação da língua.

Mas que língua é essa?

Pensando em termos lingüísticos, a (antiga) língua servo-croata pode se apresentar nos dialetos *štokavski*, *kajkavski* e *čakavski*; sendo o *štokavski*, o dialeto mais comum na ex-Iugoslávia, e o *kajkavski* e o *čakavski* encontrados basicamente na Croácia.

⁹⁵ Tal denominação foi acordada em 1954 em Novi Sad. De todo modo, desde 1850, no acordo literário em Viena, foi assumido que na região se fala uma mesma língua. Sobre esses acordos, ver Greenberg (2008).

O dialeto *štokavski* apresenta-se nas formas de falar (*izgovor*) *ekavski* (*ekavica*), *ijekavski* (*ijekavica*) e *ikavski* (*ikavica*). Encontramos a forma de falar *ekavski* na Sérvia basicamente; a *ijekavski*, em grande parte da Bósnia (incluindo Sarajevo), na Croácia, em Montenegro e em Sandžak; e a *ikavski*, em regiões da Dalmácia e Eslavônias, na Croácia, e em algumas partes da Bósnia.

A diferença entre essas formas de falar, como se pode notar, não acompanha as fronteiras nacionais, além de ser mínima e as pessoas se entenderem perfeitamente – a palavra “flor”, por exemplo, conforme a região, pode ser *cvet* (*ekavica*), *cvijet* (*ijekavica*), ou *cvit* (*ikavica*); a palavra “leite” pode ser *mleko* (*ekavica*), *mlijeko* (*ijekavica*), ou *mliko* (*ikavica*), e assim por diante. (A diferença entre essas formas de falar tem origem na letra *jat*, que havia no eslavo antigo, que, como me explicou Sandra, minha professora, ninguém sabe ao certo que som tinha, mas que era como um ditongo entre as letras *i* e *e*).

Quanto aos dialetos, seus nomes – *kajkavski*, *štokavski* e *čakavski* – derivam do modo de se perguntar “o quê” – *kaj*, *što/šta* ou *ča*. Há outras diferenças entre eles, mas são compreensíveis entre si, igualmente.

Banac (1994) explica que entre os croatas, o movimento ilírio, liderado por Ljudevit Gaj, entre os anos 30 e 40 do século XIX, fez frente à imposição da língua húngara nos territórios croatas, estabelecendo uma língua croata comum. Gaj escolhe, assim, dentre as três zonas dialetais da Croácia – ou seja, dentre o *kajkavski* (ao redor de Zagreb, norte da Croácia, parecido com o esloveno), o *čakavski* (Ístria, litoral croata e dalmatino e ilhas do Adriático) e o *štokavski* (demais regiões, falado também pelos sérvios) –, o *štokavski*. Apesar da maioria dos adeptos do movimento ilírio falarem o *kajkavski* e os melhores trabalhos literários serem, então, segundo Banac, neste dialeto, o *štokavski* tinha mais falantes, inclusive, pensando-se em termos sul-eslavos. Mesmo assim, o movimento uniria aos croatas – da Croácia-Eslavônia, Dalmácia e Bósnia – e não aos sul-eslavos como um todo.

Entre os sérvios, a Igreja Ortodoxa já oferecia uma coesão nacional. A reforma de Vuk Karadžić, todavia, vai buscar menos na Igreja ou na linguagem literária (chamada de *crkvenoslavenski jezik*, “língua eslava da Igreja”), e mais nos

camponeses, a sua base, optando assim por um *štokavski* popular⁹⁶ e ampliando a noção de serbianidade (*serbdom*) para todos aqueles que falavam o *štokavski*, não importando a religião ou a forma de falar – todos seriam considerados, portanto, sérvios (Cf. BANAC, 1994).

Tais movimentos não foram movimentos assimilatórios propriamente ditos, mas uniformizadores da língua literária na região da ex-Iugoslávia, podendo ser vistos como pan-sérvios, pan-croatas ou pan-iugoslavos.

Não houve, contudo, uma uniformização dialetal. Encontra-se falantes ainda hoje do *kajkavski* e do *čakavski* na Croácia, apesar de escreverem e estudarem o *štokavski*; e muitas regiões são marcadas por suas formas de falar locais, sejam elas *ikavski*, *ijekavski* e *ekavski*, apesar de não se estudar, nem se escrever em *ikavski*⁹⁷.

Para além das formas de falar e dos dialetos, há diferenças lexicais regionais e alfabetos distintos: as regiões ortodoxas utilizam especialmente o cirílico; na Croácia, utiliza-se o alfabeto latino; e na Bósnia, ambos. Durante a ex-Iugoslávia, ambos os alfabetos eram ensinados nas escolas, e na Bósnia, faziam parte do dia-dia. O jornal *Oslobođenje*, por exemplo, costumava usar os dois alfabetos em uma mesma edição do jornal, somente alternando as páginas⁹⁸.

Mesmo sendo semelhantes as (chamadas) três línguas da região (ou quatro, se incluirmos o montenegrino), pela forma como as pessoas falam e que palavras escolhem empregar em determinados contextos, pode-se reconhecer cada uma delas ou, ao menos, de que região a pessoa provém.

⁹⁶ Sandra me explicou que no século XIX na Sérvia havia a língua popular e a *standard*, ou “língua eslava da igreja”, que, para exemplificar, ainda usava letras, incluindo o *jat*, para as quais não havia mais sons; usava palavras russas e antigas palavras eslavas; e os gerúndios eram usados como adjetivos, assumindo declinações que na língua falada ninguém utilizava mais há séculos. Vuk Karadžić então disse: “não queremos mais a língua eslava da igreja, queremos uma língua que todos entendam”. Como ele era da Herzegóvina, explica Sandra, ele sabia que o dialeto dessa região (*štokavski-ijekavski*) era o que tinha mais falantes, então o assumiu como língua vernacular sérvia. Reformou o cirílico, eliminando letras para as quais não havia sons e inventando novas letras para sons que existiam. Ljudevit Gaj vai fazer o mesmo no alfabeto latino, criando letras como o *lj*, o *nj* etc..

⁹⁷ Para uma discussão detalhada sobre as reformas lingüísticas, as diferenciações lexicais, dialetais e nas formas de falar, além dos processos que levam atualmente à separação da língua, ver Greenberg (2008).

⁹⁸ Durante a guerra, o alfabeto cirílico deixou de ser utilizado. Não sei a data precisa, mas em setembro de 1992, as páginas do jornal já eram todas no alfabeto latino.

Tendo isso em vista, apresento agora como eu percebi as diferenças entre as três línguas faladas na Bósnia: a sérvia, a croata e a bósnia⁹⁹.

A língua sérvia é a língua falada pelos sérvios, não importando se *ekavski* ou *ijekavski*, e caracteriza-se pelo uso do alfabeto cirílico.

A língua croata é a língua falada pelos croatas. Utiliza o alfabeto latino e caracteriza-se, entre outras coisas, pelo purismo, ou seja, pelo não uso de palavras consideradas novas incorporadas à língua, estrangeirismos ou, mais especificamente, latinismos, anglicismos etc.. Por exemplo, em Sarajevo e na Sérvia se fala *univerzitet*, que quer dizer “universidade”; na Croácia e nas regiões de maioria croata da Bósnia-Herzegóvina, principalmente na Herzegóvina, fala-se *sveučilište*. Diz-se que houve uma reinvenção da língua no pós-guerra no sentido de tornar o croata mais croata¹⁰⁰.

De qualquer forma, muitas palavras são diferentes e elas vão sim ser utilizadas pelos croatas da Bósnia, como são utilizadas pelos croatas da Croácia e como não são utilizadas pelos outros bósnios da Bósnia (sérvios, bosniacs, ciganos, judeus...). Sendo assim, palavras de uso comum, como “mil”, *hiljada* em bósnio e sérvio, e *tisuća*, em croata, ou como, “provavelmente”, *vjerovatno* em bósnio e sérvio, *vjerojatno* em croata, entre outras, aparecem nas conversas mais triviais, e nota-se então a diferença.

A língua bósnia é a língua falada pelos bosniacs, mas também por muitos sérvios, croatas, bósnios e outros da Bósnia que assim preferem denominar sua língua. Também utiliza o alfabeto latino e caracteriza-se, entre outros elementos, pelo uso de palavras derivadas do turco. Palavras essas que, mesmo de uso comum, como *džezva* (a panelinha que se usa para fazer o café), não pude encontrar em alguns dicionários croatas, por exemplo, embora encontrasse no

⁹⁹ Todos falam *štokavski*.

¹⁰⁰ E não só em relação ao croata, também em relação ao bósnio e ao sérvio ouve-se afirmações neste sentido, de que houve uma reinvenção da língua, onde palavras antigas foram incorporadas ao cotidiano como forma de marcar identidade. Infelizmente, não pude avaliar em que medida antes das guerras as pessoas falavam mais parecido ou não, ou em que medida isso aconteceu em Sarajevo, onde se fala *kafa* (café), de modo geral, até hoje, apesar dos sérvios e croatas gostarem de dizer que em Sarajevo se fala *kahva*, que seria a versão turca e “antiga” da palavra, que ouvi somente algumas vezes (o *h* no meio de algumas palavras é uma dessas “inovações” percebidas na língua bósnia).

dicionário servo-croata da época da ex-Iugoslávia. E há outras palavras que, referindo-se à religião, também serão diferentes, como as relacionadas a enterros, onde entre cristãos e ateus é *sahrana* e entre muçulmanos, *dženaza*, e assim por diante.

Alguns autores afirmam ainda que palavras de origem árabe/turca passaram a fazer parte do vocabulário comum em Sarajevo durante a guerra¹⁰¹. Palavras como, *merhaba* (ou *marhaba*), ao invés de *zdravo* (“olá”); *allahimanet*, cumprimento muçulmano para “adeus”; *selam alejkum/alejkumu selam* (ou *assalām alaykum/alaykum assalām*), cumprimento muçulmano para “olá”, mas quem chega fala o primeiro, quem responde fala o segundo, e que quer dizer que “a paz esteja contigo”/“contigo esteja a paz”; ou somente, *selam* (olá, “paz”); ou o verbo *selamiti* (saudar); são expressões que eu mesma logo aprendi, pois ouvia cotidianamente.

Certamente essa é uma explicação simplificada para o que eu percebi no dia-a-dia. De todo modo, paralelamente aos movimentos nacionais, questões como autoctonia e língua penetram na vida política e cotidiana, como penetraram no século XIX e, novamente, nos anos 1990, com novas, se não, “reformas” (como foram chamadas as políticas de uniformização da língua no século XIX e estabelecimento de uma língua comum), reinvenções de fato da língua, com a reincorporação de palavras em desuso no vocabulário cotidiano e eliminação de outras, além de, no caso montenegrino, a invenção de duas novas letras, o *ś* (ou *ć*, em cirílico) e o *ž* (ou *ž*, em cirílico), que representam sons até então entendidos como “sotaque” regional¹⁰².

Chamo a atenção para esse tópico, pois ele é revelador dos processos de demarcação e reconhecimento identitários que vêm se desenrolando na Bósnia e região desde a desagregação da ex-Iugoslávia, onde a língua bósnia trava uma luta por reconhecimento, sendo negada por muitos enquanto língua.

¹⁰¹ Cf. ARMAKOLAS, 2007; MAČEK, 2007, 2009; VELIČKOVIĆ, 2006.

¹⁰² Não confundir com as letras *š* (ou *ш*) e *ž* (ou *ж*).

Mas todos falam o mesmo idioma, sem dúvida (ou, por enquanto...), que quando não recebia o nome de sérvio, croata ou bósnio, recebia o nome s-h-b¹⁰³, ou simplesmente era referenciado por um “naš” (nosso)¹⁰⁴.

O estudo desta língua e o esforço em aprendê-la nortearam minha vida em Sarajevo, sem exagero. E, motivo de muita piada, foi também motivo de aproximação.

A despeito das dificuldades que ainda hoje me deparo, em textos literários, gírias e piadas, por exemplo, não consigo imaginar minha pesquisa sem o meu bósnio (que é como eu o referencio, pelo menos em Sarajevo), mesmo no começo, quando ele era realmente muito limitado.

Apesar de a pesquisa ser sobre intérpretes, fixers, jornalistas, ou seja, sobre pessoas cuja maioria fala inglês, para alcançar esse universo, os primeiros contatos em bósnio foram cruciais. E rapidamente percebi que a língua é o meio mais simpático de se chegar às pessoas e de se mostrar verdadeiramente interessado.

A partir de março, abril de 2008, ou seja, após seis meses na Bósnia, parei de falar inglês, minhas conversas/entrevistas passaram a ser inteiramente na língua local.

Sobre a autoctonia, ou a origem dos muçulmanos da Bósnia

A disputa em torno da representação da população muçulmana ou bosniac da Bósnia – caracterizada pelos “outros” por expressões como “são na realidade sérvios” ou “são na realidade croatas” – se dá também no campo do reconhecimento étnico e da autoctonia.

(Quase) todos – bosniacs e outros – concordam que descendam das tribos eslavas que chegaram à região no século VII da era cristã (apesar de alguns cogitarem que seja das tribos ilírias, que, supõe-se, habitavam a região antes dos eslavos chegarem...)

¹⁰³ Ou *srpski-hrvatski-bosanski* (sérvio-croata-bósnio).

¹⁰⁴ Ouvi frequentemente esse “naš” em Sarajevo em frases como: “vamos conversar em inglês ou no ‘nosso’ [idioma]?”, eu respondia, “pode ser no nosso”, e as pessoas riam, afinal, o nosso deles não me incluía.

Porém, os bosniacs (trato aqui dos discursos hegemônicos) dizem que são os verdadeiros bósnios, pois descendem dos bogomilos, povo que teria habitado a Bósnia durante a Idade Média, adeptos da Igreja Bósnia, cristianismo considerado herege pelos ortodoxos e católicos da época.

Seus praticantes teriam, durante o domínio otomano, se convertido em massa ao islamismo – e daí a relação de ancestralidade dos muçulmanos/bosniacs com esses “autóctones”. Neste sentido, sérvios e croatas seriam também bósnios, pois nunca deixaram este território, mas, por serem ortodoxos e católicos, passaram a se identificar com as nações vizinhas.

Os sérvios, por sua vez, vão dizer que os bosniacs são na realidade sérvios ou croatas que se converteram ao islã, e os croatas vão dizer o mesmo dos bosniacs, que são croatas ou sérvios que se converteram ao islã – isso quando não os vêem como uma população estrangeira, “turca”, que deve ser, portanto, temida.

A idéia de que foram os bogomilos, tais habitantes ancestrais, relaciona-se com a presença no território bósnio dos *stećci* (pl. de *stećak*), túmulos que datam da Idade Média, cujas inscrições em cirílico antigo (na realidade, *bosančica* ou cirílico bósnio¹⁰⁵) apontariam para uma vertente dualista/maniqueísta do cristianismo, tal como a encontrada entre os bogomilos da Bulgária. Muitos autores negam esta tese¹⁰⁶, apontando sim para a influência das Igrejas Bósnia, Ortodoxa e Católica e de elementos pagãos nas inscrições dos *stećci*, e alguns elementos já islâmicos, do começo da ocupação otomana.

Não obstante, seja a Igreja Bósnia maniqueísta, seja ela a Igreja dos bogomilos, seja ela cristã com elementos pagãos, é nela que se encontram as explicações que ouvi sobre as primeiras conversões para o islã na Bósnia, e também as explicações a respeito de uma identidade nacional e étnica bosniac, que não teria seu fundamento apenas na religião, mas também em uma ancestralidade comum, enraizada no território.

¹⁰⁵ Cf. LOVRENOVIĆ, 2009. Ver foto anexa (p. 420).

¹⁰⁶ Cf. DONIA; FINE JR. (1994); LOVRENOVIĆ (2008, 2009); MALCOLM (2002).

Enraizamento este que não encontra dificuldade de ser demonstrado no caso das comunidades sérvias e croatas, que, desde antes da ocupação otomana, teriam nas suas Igrejas, o motivo e a prova de sua ancestralidade nacional.

A pesquisa

Por mais que eu tenha ido a campo com várias questões, como as que foram apresentadas nos capítulos anteriores, referentes ao intermediário no trabalho de campo e à construção da notícia e de um imaginário sobre a região dos Bálcãs, minha proposta desde o início era ouvir o que os fixers tinham para me dizer, quais os aspectos importantes que por eles seriam sublinhados.

Deste modo, não tinha muitas perguntas específicas. Inclusive, alguns entrevistados, mais de uma vez, perguntaram-me por que eu não tinha perguntas. Esperavam talvez um questionário, não sei. De qualquer modo, explicava que já havia feito várias perguntas (eles que não teriam percebido) e as entrevistas fluíam como conversas informais, que de fato era o que eu queria, acompanhadas geralmente por um bom café.

Minhas questões, basicamente, objetivavam situar o entrevistado na época da guerra, antes e hoje, ou seja, seu nome, idade, formação, trabalho, e perguntar da guerra e de como era o trabalho com os jornalistas estrangeiros.

Do trabalho com os jornalistas, apesar de algumas críticas, de modo geral, em Sarajevo, eles os elogiavam, dizendo que aprenderam muito com os melhores, e citavam os nomes dos mais conhecidos jornalistas que cobriram a guerra – Christiane Amanpour, da CNN, Martin Bell, da BBC, Kurt Schork¹⁰⁷, da Reuters, entre outros – sublinhando que graças a eles, houve a intervenção internacional (os ataques da OTAN em 1995) que colocou fim à guerra.

Se tratando da guerra, por sua vez, uma série de tópicos apareceu, e depois de um tempo viraram perguntas, por exemplo, após ouvir várias vezes a frase “Sarajevo mudou muito”, passei a perguntar, “de que modo a cidade

¹⁰⁷ O jornalista Kurt Schork cobriu a guerra em Sarajevo principalmente, e foi morto juntamente com o câmera Miguel Gil Moreno de Mora quando cobriam a guerra em Serra Leoa em 2000. Hoje a rua do aeroporto de Sarajevo chama-se Kurt Schork.

mudou?”. Os tópicos que apareceram, em linhas gerais, foram: (a) como foi o trabalho com os jornalistas estrangeiros durante a guerra, (b) como estava a cidade, como as pessoas seguiam suas vidas sob os bombardeios, por que não deixara a cidade, o fato dos sérvios a terem deixado, a situação de outras cidades na Bósnia; e ainda; (c) explicações para guerra; (d) história, onde questões referentes à autoctonia, posição geográfica, imagem dos Bálcãs, língua, apareceram, e (e) sobre o período anterior à guerra, como era no socialismo e como foi o momento imediatamente anterior ao conflito, ou seja, o crescimento do nacionalismo e do medo, a manipulação da mídia e a percepção de que haveria ou não guerra; e por fim, (f) sobre o pós-guerra, como é a vida agora, a cidade, a relação com os demais, a opinião face aos acontecimentos contemporâneos (que aponta para um nacionalismo se não crescente, sempre presente), o Acordo de Dayton, a divisão da Bósnia em duas entidades, a religião, o quem é quem, a reorganização populacional do território.

Sim, daria para escrever um livro sobre cada um desses tópicos, e, de fato, existem livros sobre quase todos eles. Meu objetivo, todavia, é apresentá-los como ouvi, discutindo-os e os relacionando a outros relatos, e, claro, indicando bibliografia complementar, quando houver.

Como sublinhei na apresentação anterior, conversar com fixers implicou conversar com aqueles que os fixers achavam importante que eu conversasse, ou seja, com os câmeras e técnicos de som e com os jornalistas locais, que podem até ter trabalhado também como fixers, mas trabalharam especialmente como *correspondentes* das agências, jornais e redes de televisão estrangeiros e/ou como *jornalistas* da rede de TV, agência e jornais locais. Indicaram-me também intelectuais e líderes religiosos e sublinharam a importância de eu conversar com jornalistas fora de Sarajevo, e daí minhas viagens a Banja Luka, Pale e Bijeljina, na Republika Srpska, Belgrado e Zagreb.

No meu dia-a-dia, percebia ainda que as definições da guerra, implícitas nos “tópicos” elencados acima, não pertenciam somente aos “entrevistados”. Eram compartilhados, ou contraditos, como no caso das conversas que tive na Republika Srpska.

Trato aqui desses tópicos, apresentando ao leitor esse grande slide (Cf. DAS, 1999), para falar da guerra na Bósnia e, especificamente, do cerco a Sarajevo.

Começo, contudo, com uma primeira apresentação das pessoas com quem conversei.

Dentre os que chamo aqui de fixers, de modo geral, onde incluo câmeras, técnicos de som, produtores, editores e intérpretes, conversei com 31 em Sarajevo. A maioria tinha em torno de 25 anos, a idade variando de 18 a 40 anos na época da guerra, 18 mulheres (Aida A., Aida Č., Amra A., Amra H., Asja R., Boba L., Edina B., Eldina J., Hana P., Leana L., Merdijana S., Rialda M., Sabina Ć., Sabina N., Samra L., Sandra K., Sanja B., Valida V.) e 13 homens (Andrej Đ., Belmin K., Eldar E., Elvis B., Hakija H., Hare O., Miran J., Mladen P., Predrag D., Samir K., Srećko L., Vlado A., Zijad M.).

Conversei ainda com outros 20 jornalistas locais em Sarajevo, que trabalharam especialmente para a mídia local, a idade variando entre 18 e 45 anos na época da guerra, 6 mulheres (Edina K., Leila V., Nerminka E., Samira K., Senada K., Senka K.) e 14 homens (Amir T., Antonio P., Asaf B., Boro K., Dražen S., Edin K., Jadranko K., Senad H., Senad K., Šefko H., Zdravko G., Zdravko Lj., Zlatko D., Željko I.).

Entre os fixers e jornalistas locais citados acima, sublinho que alguns, como Boro K., Jadranko K., Senad H., Sandra K., Belmin K. e Vlado A., trabalharam para a mídia local e estrangeira; Asaf B. e Amir T. foram soldados; Dražen S. e Antonio P. eram jornalistas e soldados; Zdravko Lj. e Damir O. (que cito a seguir) trabalharam no setor logístico do exército alguns dias por semana e os demais, na agência de notícias bósnia e na televisão, respectivamente.

Para além dessas pessoas relacionadas diretamente à mídia, conversei com intelectuais como Dubravko L., Meldijana A., Fahira F. e Suada K.; com os intérpretes Amira S., Senada K. e Damir O., que trabalhavam para a ONU, para o governo e para a televisão local, respectivamente; com Zenit, do grupo de comediantes Nadrealisti; com József Pandur, consultor político do então Alto Representante das Nações Unidas para a Bósnia-Herzegovina, Miroslav Lajčák; e

com Jovan Divjak, segundo comandante da ABiH durante a guerra e, hoje, presidente de uma ONG que cuida de órfãos e viúvas da guerra, a Associação Educação Constrói a Bósnia (*Udruženje Obrazovanje gradi BiH*). Tais falas entrarão aqui como contrapontos às falas dos fixers/jornalistas locais, acrescentando, explicando, dialogando com elas.

Entre os líderes religiosos, conversei com Frei Marko Oršolić, Jakob Finci, Cardeal Vinko Puljić e Eli Tauber. Como não consegui conversar com líderes religiosos ortodoxos ou muçulmanos, ficou difícil estabelecer um contraponto. Os chamarei para debate, todavia, quando couber.

Tive a oportunidade de conhecer em Sarajevo alguns jornalistas estrangeiros que cobriram a guerra na Bósnia. Estive assim com Philippe Deprez e Erich Rathfelder, que ainda vivem em Sarajevo, e conversei com Konstanty Gebert e Marcus Tanner. Eles me contaram um pouco como foi a cobertura, falaram dos seus trabalhos e da importância dos fixers, contaram da organização da mídia, além de suas impressões sobre o cerco e a guerra.

Amir T., Valida V. e Dražen S. nunca entrevistei, são meus amigos. Dražen é jornalista e foi também soldado durante a guerra; Valida tinha um restaurante/pensão durante a guerra e trabalhou como intérprete algumas vezes; e Amir foi soldado e hoje é jornalista, foi meu principal “guia”, se assim posso dizer, em Sarajevo.

Na Republika Srpska estive com 3 fixers/câmeras e 2 jornalistas: Duško T., Radul R. e Vojislav S., e Nevenko E. e Miloš Š., respectivamente. A Republika Srpska nos leva, contudo, a um universo específico de argumentos, que será tratado em capítulo específico.

Minhas conversas em Belgrado não concordam com as da Republika Srpska e será usada como contraponto em alguns momentos do texto, assim com as falas que ouvi em Zagreb. Em Belgrado estive com Veran Matić, diretor da B92¹⁰⁸, com Aleksandar V., jornalista da B92 e fixer, Sava R., fotógrafo, e Vlada

¹⁰⁸ A Rádio e hoje Rádio e Televisão B92 foi um dos únicos veículos de mídia da Sérvia que não estava em poder do governo ou de colaboradores do governo de Milošević na década de 1990 e que fez oposição a este. Apesar de não ter sido fechada, sofreu diversos atentados e seus jornalistas foram por vezes ameaçados, além de não ter conseguido autorização para usar uma

M., fixer/intérprete da BBC. Em Zagreb, estive com Boris K., câmera, Dražen Š.¹⁰⁹, câmera, técnico de som e produtor, e Sanja M., que trabalhou no escritório de diversas agências de notícias.

Feita esta apresentação, divido esse relato em seis capítulos: Jornalistas, A guerra, Mas por quê?, Sarajevo hoje, Na Republika Srpska, e Quem é quem.

antena de maior amplitude, ou seja, seu raio de difusão até 1996 não atingia mais do que a cidade de Belgrado. Em 1996, via internet, eles conseguiram ampliá-lo, cobrindo quase toda a Sérvia. Cf. THOMPSON, 1999.

¹⁰⁹ Não confundir o Dražen S. (ou Simić), meu amigo, jornalista em Sarajevo, com o Dražen Š. (ou Šimić), câmera de Zagreb.

CAPÍTULO 1. Jornalistas

No começo da agressão os esperamos carinhosamente, felizes que estavam aqui em grande número e que o mundo todo iria saber a verdade sobre o nosso sofrimento, especialmente, a causa dele. Esperávamos-lhes nas conferências de imprensa, os olhando como emissários da verdade abençoados com coletes à prova de balas, máquinas fotográficas japonesas e prometidos Marlboros, que sacavam dos bolsos; e longamente e detalhadamente lhes narrávamos o que realmente acontecia aqui. Éramos incansáveis quando precisávamos lhes contar das características históricas da Bósnia, sobre a nossa convivência secular e pacífica (...), nosso desejo sem fim de sermos parte da Europa. Eles nos escutavam atenciosamente, pensativos, concordando com a cabeça, até ouvirem o barulho da detonação e, percebendo que a granada caíra perto, saíam para fotografar as vítimas. Sentiam-se tocados até serem patéticos, quando falávamos da nossa soberania e de como éramos seculares [laicos]. Percebemos então que o que enviavam ao mundo era diferente do que falávamos para eles (...). Passamos a ser, todos nós, apenas história passageira, e no fim, dava no mesmo se o epílogo era alguma família massacrada ou a abertura do cinema na guerra. Importava somente que a história fosse suficientemente bizarra. (...) Hoje os sarajevanos não notam mais os correspondentes estrangeiros. Hoje, como deve ser, nós todos fazemos nossos trabalhos: eles fotografam e nós somos mortos. (...) A razão dessa mortandade, de modo geral, não importa mais. (Karim Zaimović, 2008)¹¹⁰

Apresento neste capítulo como foi a presença da mídia internacional em Sarajevo durante a guerra, principalmente o que foi dito sobre ela por meus entrevistados. Divido este capítulo em: Perguntas; Correspondentes internacionais e fixers; Em Sarajevo; Elogio ao jornalismo internacional; Aprendendo com os profissionais; Objetividade, neutralidade e verdade; Uma vida diferenciada durante a guerra; Histórias; Quando o fixer vira a história; e Mídia local e controle da mídia.

¹¹⁰ Tradução minha. Apesar da edição da revista ser de 2008, o artigo é originalmente de março de 1993. Karim Zaimović era cartunista, escritor e jornalista (durante a guerra escrevia para a revista *BH Dani* e tinha um programa na Rádio Zid). Foi morto em um bombardeio em agosto de 1995, em Sarajevo. Dele é o livro *Tajna džema od malina* [O segredo da geléia de framboesa] (2005), um dos livros mais incríveis que já li.

Perguntas

Como vimos, foi possível demonstrar em pesquisa anterior (Cf. PERES 2005) como algumas informações foram recorrentes na explicação dos conflitos pela imprensa e conformaram um discurso hegemônico sobre a guerra. Neste, a Iugoslávia é vista como um país criado artificialmente, uma associação de várias línguas, etnias e religiões e que por isso não poderia ter dado certo, já que a possibilidade do Estado nacional estaria ligada à homogeneidade populacional étnico-nacional. Não que as guerras na ex-Iugoslávia não tenham se dado também nessas linhas, nacionais ou étnicas, mas a imprensa ao se prender meramente a estas categorias, enquanto categorias estanques, imputava ao “problema iugoslavo” características naturais e imutáveis aos “grupos” em questão, onde estaria dada tanto a inevitabilidade do conflito, como a impossibilidade de sua resolução.

Ir a Sarajevo e encontrar pessoas que estavam diretamente ligadas aos jornalistas estrangeiros foi um modo por mim encontrado de pensar a construção deste quadro explicativo. Fui com a pergunta, portanto, o que é que estes sujeitos dizem? Tais falas são também falas nativas?

No começo, acreditava que as pessoas concordariam comigo e criticariam os jornalistas por terem divulgado uma imagem tão perniciosa e que influenciara políticos do mundo inteiro a não tomarem posição, pois, se o conflito é inevitável, não há nada a fazer¹¹¹.

Além disso, a imagem do jornalista, com uma máquina fotográfica atrás de uma barreira que o protegia, esperando uma pessoa atravessar a rua e ser morta por um franco-atirador, apareceu durante a pesquisa¹¹², mas certamente não foi a única.

¹¹¹ Dražen S., jornalista e amigo, citou uma entrevista com Bill Clinton, então presidente dos EUA, onde este admite que fora influenciado por um livro que afirma que está nos genes dos povos dos Bálcãs matarem-se uns aos outros e que, portanto, não havia nada a fazer. Ver também: Rieff, 1996, p. 256.

¹¹² Karim Zaimović, no artigo na revista *BH Dani* de 1993, citado acima, escreve: “Era um dia frio e nublado, mas sem neblina, e com uma visibilidade adequada para o trabalho dos agressores franco-atiradores. Passo pela ponte que todos os dias atravesso para ir ao trabalho (...), sempre correndo algum risco. Pois tanto esta, como as outras pontes de Sarajevo, os franco-atiradores têm

Para as pessoas com quem conversei, havia jornalistas que realmente queriam ajudar (Jadranko K.); outros que eram como “urubus em cima de carniça” (Andrej Đ); outros que eram profissionais e competentes e entendiam muito bem o que estava acontecendo (Aida A., Senka K., Vlado A., Samra L., entre outros); alguns, que pensavam que estavam num safári (Vlado A.); outros que sentiam pena (Sabina Ć); ou ainda, os que chegavam com muito preconceito e com uma direção definida do editor (Senad K.).

Queriam sangue e nada mais, e dizer que era um conflito tribal onde matavam uns aos outros (...). No começo da guerra fui transportar uns estrangeiros do aeroporto para a televisão. Aí um deles me perguntou: “o que você é?”. E eu respondi: “sou bósnio”. Mas eles não entendiam! Porque chegavam aqui e queriam colocar todos em *boxes*: muçulmano, croata e sérvio. Quando eu respondi que era bósnio, aquilo não combinava com o pensamento que faziam da Bósnia. (Senad K.)

De todo modo, o mesmo Senad K. acredita que “tiveram um papel importantíssimo na resolução do conflito, pois provocaram a reação intelectual, que levou à reação política nos principais países do mundo – França, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. Foi uma reação em cadeia”.

E não é somente Senad K. que pensa deste modo. Miran J. diz que “as imagens da guerra salvaram a cidade”, e também muitos outros com quem conversei pensam assim, e logo mudei de idéia, parei de procurar respostas a questões antigas e resolvi ouvi-los. E, conforme o tempo ia passando, passei a pensar os fixers e toda a rede de pessoas que estabeleci contato mais como uma porta de entrada para se falar da Bósnia do que para se falar dos jornalistas estrangeiros (*strani novinari*)¹¹³.

como que na palma de suas mãos. Antes de alcançar a relativa segurança de algum prédio ao redor (...), percebo o fotógrafo estrangeiro com a máquina fotográfica na mão (...) escondido atrás de um vaso de concreto. (...) Viro a cabeça e noto que o repórter (...) se levanta e aponta sua objetiva em minha direção. Percebo que ele espera a minha morte.” (ZAIMOVIĆ, 2008, p. 97).

¹¹³ Adotei aqui a categoria que eles utilizam para definir tais jornalistas: “jornalistas estrangeiros”. “Correspondente internacional” talvez faça sentido no campo jornalístico, na medida em que se trata de um sujeito internacional, que não está em lugar algum definitivamente, ao mesmo tempo em que está em toda a parte, ou seja, é um termo que remete à noção de circulação. Tratando-se do lugar que os recebe, a Bósnia, “jornalista estrangeiro”, a meu ver, cabe melhor como categoria que define o lugar dessas pessoas.

A verdade é que este era o tópico menos interessante das conversas. Eles não falavam muito dos jornalistas estrangeiros para quem trabalharam e não contaram muitas histórias sobre eles. Falavam, de maneira geral, que “tinha uns que não sabiam nada e queriam só fazer carreira, mas a grande parte era muito boa e estava realmente interessada em mostrar o que estava acontecendo”. E então contavam do seu próprio trabalho, da sua vida e do que pensam sobre a guerra e o futuro da Bósnia.

Penso, nesse sentido, que eles foram para mim informantes especiais, como apontara em capítulo anterior, pois me abriram ao universo de temas que vêm sendo debatidos desde a guerra até hoje na Bósnia. O fato de falar de jornalismo ser uma porta de entrada não significou, entretanto, que esta não nos apontasse caminhos para as perguntas que se seguiriam, que é o que veremos neste capítulo.

Desde já, sublinho ainda que o que trago nesta parte são relatos, ou melhor, fragmentos de relatos, organizados por mim com o objetivo de, ao final, termos uma imagem de como os fixers – e aqueles por eles indicados – pensam o seu trabalho com os jornalistas, a guerra e a Bósnia.

Correspondentes internacionais e fixers

Somos 250 pessoas, de todas as mídias do mundo, que seguem guerras. Mídia impressa, foto, câmera, televisão... Todos nós nos conhecemos. De Christiane Amanpour até o francês, o inglês, a alemã etc.. Somos como um circo que vai viajando e se estabelecendo nos lugares. Isso até 2003, quando nos vimos pela última vez. A maioria esteve aqui também nos anos 1990. O cerne é o mesmo. Tem os colegas de outras mídias, que você conhece através das guerras, e tem sempre uns jovens que chegam para se afirmar, para mostrar que são bons – estes são mortos rapidamente, chamamos-lhes de Prêmio Pulitzer¹¹⁴. (Dražen Š.)

Stephen Hess, em seu livro sobre correspondentes internacionais afirma que o conhecimento do idioma local não é irrelevante, mas também não é crucial para o trabalho do correspondente. Citando um anúncio do *The Washington Times* para a contratação de correspondentes, este descrevia que procurava acima de tudo pessoas “Who have demonstrated track record over a number of years of strong and thorough in-depth reporting, clear and lively writing, and an ability to organize stories effectively” (1996, p. 80). O conhecimento do idioma local sendo apontado como indicado, mas não fundamental.

A proficiência na língua local, segundo Hess, pode ser verificada, entretanto, principalmente entre aqueles correspondentes que já haviam morado fora, em um mesmo lugar, como no caso de Marcus Tanner (este jornalista, que conversei por ocasião da pesquisa, foi, desde 1988, correspondente do jornal *The Independent* para os Bálcãs, estabelecido em Belgrado). O interessante disso é que, como nota Hess, quanto mais experiente é o correspondente, em mais países ele esteve e menos idiomas domina.

Entre os jornalistas estrangeiros que conheci em Sarajevo, Erich Rathfelder, Philippe Deprez e Konstanty Gebert, todos eles falam a língua local, mas não

¹¹⁴ Prêmio a trabalhos jornalísticos, de literatura e música. É um dos maiores prêmios – ou o maior – a trabalhos de excelência no campo jornalístico.

falavam quando chegaram para cobrir as guerras, e recorreram a fixers e intérpretes.

Deste modo, o correspondente internacional, mais do que uma pessoa conhecedora de várias línguas – sempre haverá fixers e intérpretes onde quer que estejam – é o profissional que sabe coletar informações, conversar com pessoas, colocar perguntas e organizar tudo isso de um modo que seus leitores ou ouvintes entendam, além de ter um “compromisso com a verdade”, como me explicou Senad K..

Mais do que contar a guerra durante a guerra, tais correspondentes internacionais vão também escrever livros sobre suas coberturas, e a quantidade destes é imensa quando o assunto é guerra na Bósnia.

Roger Cohen, correspondente do *The New York Times*, escreveu “Hearts grown brutal” (1998), onde intercala dados históricos/fatos às histórias de quatro famílias, que foram laceradas durante a guerra na Bósnia (1992-1995) e durante a Segunda Guerra Mundial, seja pela morte de algum parente, seja pela fuga ou separação; não sem insinuar, a meu ver, a idéia de ciclos de violência, ou da “repetição da história”, “característicos” da região. Tom Gjelten, correspondente da National Public Radio, escreveu “Sarajevo daily” (1995), sobre o cerco a Sarajevo e o jornal *Oslobođenje*, especialmente sobre algumas pessoas que trabalhavam neste jornal. Ed Vulliamy, correspondente do *The Guardian*, escreveu “Seasons in hell” (1994), sobre a guerra na Bósnia, com ênfase nos campos de concentração Omarska e Keraterm e na região de Travnik. Mark Thompson escreveu “Forging war” (1999), em Zagreb, durante a guerra, que é sobre a mídia local na Bósnia, Croácia e Sérvia e seu papel no conflito, antes e durante as guerras na ex-Iugoslávia. Martin Bell, correspondente da BBC, escreveu “In harm’s way” (1996), sobre a sua cobertura, com enfoque na atuação das forças da ONU na Bósnia. Joe Sacco, citado anteriormente, escreveu as HQs, “Uma história de Sarajevo” (2005), sobre o fixer Neven e os líderes das milícias atuantes em Sarajevo durante o cerco, e “Área de segurança Gorazde” (2001), sobre este enclave. Chuck Sudetic, correspondente do *The New York Times*, escreveu “Blood and vengeance” (1998); neste livro, Sudetic acompanha a história de uma família, que

foge para Srebrenica durante a guerra (até então porto seguro para muitas pessoas expulsas da Bósnia Oriental) e que fica nesta cidade até o dia do massacre¹¹⁵. Poderia ainda citar “Slaughterhouse”, de David Rieff (1996), “The fall of Yugoslavia”, de Misha Glenny (1996), “The Death of Yugoslavia”, de Laura Silber e Allan Little (1996), “Blood and honey”, de Ron Haviv (2000), “A witness to genocide”, de Roy Gutman (1993), “My war gone by, I miss it so”, de Anthony Loyd (2001), entre outros.

Muitos livros chegam a substituir os “acadêmicos”, ou somam-se a estes, em seu caráter historiográfico. Outros esclarecem aspectos da cobertura. E todos estes citados revelam, a meu ver, o envolvimento emocional do jornalista em face dos horrores testemunhados, sejam eles, as atrocidades, genocídios e campos de concentração, sejam eles, a apatia e impotência dos organismos internacionais diante da realidade descrita.

Alguns citam os fixers, podendo-se notar referências a fixers e intérpretes particularmente nos agradecimentos ou notas ao leitor. O jornalista Tom Gjelten, por exemplo, em suas notas ao leitor, afirma:

I had not visited the region before my editors assigned me there, and I do not speak the Serbo-Croatian. I therefore relied on interpreters to assist me in my interviewing. Fortunately, many of journalists at *Oslobodjenje*, the Sarajevo newspaper that is focus of this book, are fluent English speakers during the month I spent there. (1996, p. IX)

Ed Vulliamy, nos agradecimentos de “Seasons in hell”, elenca primeiramente inúmeros jornalistas e fotógrafos, “colegas” do *The Guardian*, dentre outros jornais e redes de televisão britânicos, norte-americanos, franceses e um espanhol, e afirma que, se não fosse pela coragem desses jornalistas, a

¹¹⁵ Em Srebrenica ocorreu o maior genocídio na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. No começo de julho de 1995, calcula-se que cerca de 8 mil homens (no caso, entre 12 e 75 anos aproximadamente), muçulmanos, tenham sido assassinados. A operação em si, de execução desses homens, ocorreu rapidamente, consumando-se em questão de dias. A data oficial para rememoração do massacre é dia 11 de julho, quando, desde 2003, ocorrem os enterros coletivos dos corpos (partes deles) recém-identificados. Tais enterros se realizam em Potočari (ver fotografias anexas, p. 421-422), vila ao lado da cidade, onde se localizava o batalhão da ONU durante a guerra, de soldados holandeses, e onde hoje está construído o memorial e cemitério das vítimas de Srebrenica. Sobre Srebrenica, ver: HERO, 2007; RIEFF, 1996; SUDETIC, 1998; entre outros.

“tragédia Bósnia” não teria sido vista nem ouvida, mas agradece também “for the unsung labours of interpreters and fixers, who take all the risks without getting the bylines, notably Tamara Levak, and Erica Zlomislić to whom I am indebted for translating on the road and from documents and videos for this book” (1994, p. XI).

Martin Bell e Mark Thompson citam pessoas que conheci. Thompson, nos agradecimentos; Bell, ao longo do relato. Estive durante a pesquisa de campo com Vlada Marjanović, em Belgrado, e com Vlado Azinović, em Sarajevo. Ambos trabalharam como intérpretes, fixers e, no caso de Azinović, como auxiliar de pesquisa. Vlada trabalhou com Martin Bell, com quem estive durante toda a guerra, aparecendo no relato deste jornalista (Cf. BELL, 1995). Vlado trabalhou com Mark Thompson em Zagreb, em 1993, para quem fez a pesquisa dos artigos que seriam analisados para a elaboração do livro; ou seja, segundo ele, foi ele quem escolheu os artigos de acordo com os acontecimentos-chaves que pensaram juntos ou não. Em relação aos demais jornalistas, não consegui encontrar seus fixers.

Tive a oportunidade de conhecer em Sarajevo o jornalista Konstanty Gebert, do jornal polonês *Gazeta Wyborcza*, com quem conversei muito sobre o papel do fixer. Gebert, como apontara acima, é fluente na língua local, mas não era no começo da guerra, portanto recorreu inúmeras vezes a fixers:

When I first came to Bosnia, in August 92, I knew nothing about the place. I was simply the first correspondent my people had available. This means that once I hit ground, once I have safely landed my parachute¹¹⁶, I had to find the fixer. Somebody who would be able to translate the local language for me, do my research for me, set up my appointments for me, but most important, tell me what the story is.

Essa fala foi parte de uma aula/seminário que realizou por ocasião do “Research Training Seminar ‘Media and Conflict’”, em setembro de 2008, onde discorreu sobre a importância dos fixers em locais de conflito e sobre as dificuldades de se fazer bom jornalismo internacional¹¹⁷. Hoje seus fixers são seus

¹¹⁶ No jargão jornalístico, o jornalista “para-quedista” é aquele que “cai de para-quedas” em algum lugar que mal conhece para fazer uma cobertura, geralmente ficando pouco tempo no local.

¹¹⁷ Ele afirma que há sim boas matérias (“good stories”), mas dificilmente se tem uma boa cobertura, que seria o conjunto de reportagens sobre um assunto determinado.

amigos, que visita sempre que vem à cidade. Pedi a Gebert para que me colocasse em contato com eles, ele diz que tentou, mas se recusaram, por serem seus amigos e porque faz tempo que aconteceu a guerra, ou seja, “não se lembram e não querem ser lembrados”, nas palavras de Gebert,

Dear Andrea, they said they no longer know what happened, and that they think of me as their friend, not just a journalist they had worked with for some time a long time ago. Basically, I think they are happy not remembering – or, at least, not being asked to remember. (mensagem pessoal¹¹⁸)

Felizmente não tive problemas nesse sentido. A maioria dos que contatei aceitou participar da pesquisa. Talvez apenas umas cinco pessoas recusaram-se, alegando falta de tempo, muito trabalho ou motivos pessoais¹¹⁹.

Como afirmei anteriormente, conversar com os fixers – que era meu primeiro foco – implicava conversar com aqueles que os fixers achavam importante que eu conversasse, ou seja, com os câmeras, técnicos de som, editores, fotógrafos e jornalistas locais.

Deste modo, acabei encontrando pessoas que trabalharam principalmente para as agências de notícias e de imagens Associated Press (AP) e APTV (hoje APTN, americanas), France Presse (AFP, francesa), Reuters e Reuters TV (antes Visnews, inglesas), e WTN¹²⁰; e para as redes de televisão alemãs, ZDF e ARD, e americanas, ABC e CNN.

Muitos trabalhavam principalmente para esses veículos de imprensa ou para a mídia local, mas podiam trabalhar como *free-lancers* para outros. E aí, diversos foram citados, como a rede de televisão britânica BBC e a rede de televisão espanhola TVE, programas como o *Glas Amerike* (Voz da América/The Voice of America), jornais como *The New York Times* e *The Washington Post*, o *El*

¹¹⁸ Mensagem recebida por email no dia 25 de setembro de 2008.

¹¹⁹ Como a esposa do jornalista belga Philippe Deprez, que foi sua intérprete durante a guerra, que não quis conversar comigo pelos mesmos motivos dos fixers de Gebert.

¹²⁰ Segundo Hess (1996, p. 195), em 1992, as maiores agências de imagens (*video news agencies*) eram a Visnews (renomeada Reuters TV em 1993) e a World Television News (WTN) – 80% adquirida pela ABC –, ambas baseadas em Londres, mas que empregavam trabalhadores locais. Em 1994, a AP entrou para o ramo televisivo, de produção de imagens jornalísticas, chamada APTV e baseada em Londres, com clientes fora dos EUA.

Mundo, espanhol, o *Yomiuri Shimbun*, japonês, e rádios como a RFI (Radio France Internationale) e a Radio Free Europe (*Radio Slobodna Evropa*).

Como se pode notar, com exceção do jornal japonês, minha amostra foi basicamente européia e norte-americana. Indagando-me sobre esse fato, entrei em contato com Jasmina Karić, que durante a guerra cuidava das credenciais dos jornalistas estrangeiros que chegavam a Sarajevo¹²¹. Procurava pelos registros desses veículos de imprensa, mas ela me informou que não existem mais e enumerou as agências/redes de TV/jornais/rádios que por mais tempo ficaram na Bósnia: CNN, ZDF, ARD, ABC, SBS, AFP, AP/APTV, ETA (Áustria), IRNA (Irã), KUNA (Kuwait), Mena¹²² (Egito), *The Washington Post*, Ansa (Itália), RFI (Radio France Internationale), Huriet (Turquia), Zaman, Deutschwelle, ABC (rádio da Inglaterra), HRT (Croácia). Desta lista, e excluindo as que citei anteriormente, tive contato apenas com pessoal que trabalhou para a HRT em Zagreb, eles cobriam basicamente Bósnia Central e Mostar, onde se deu o conflito “croata-muçulmano” em 1993-1994.

Philippe Deprez, por sua vez, citou a CNN, a ARD e a ZDF como os principais veículos de mídia em Sarajevo. E o jornalista Kurt Schork, da Reuters, “que morreu em Serra Leoa e esteve o tempo todo aqui [em Sarajevo]”.

Alguns começaram a trabalhar para eles antes da guerra na Bósnia. Edina B., por exemplo, começou a trabalhar para a WTN em 1991, pois “como já havia guerra na Croácia, eles sabiam que a próxima seria na Bósnia” (Edina B.). Começou então a trabalhar como produtora local da WTN, cobrindo da Bósnia, a guerra na Croácia: “Era mais simples daqui cobrir a parte ocupada da Croácia, pois tínhamos uma equipe mista, eu como produtora e jornalista bosniaquianha, muçulmana, e o câmara que era sérvio. Era uma boa combinação, já que ninguém estava em guerra com a Bósnia ainda”.

¹²¹ Quem me deu o contato de Jasmina foi a jornalista e intérprete Senada Kreso. Explicou que trabalhavam juntas no governo bósnio e que os jornalistas estrangeiros que chegavam a Sarajevo tinham que adquirir primeiro uma credencial de jornalista com a ONU e depois com eles. A credencial possibilitava que fizessem seu trabalho, ou seja, que fossem nos *briefings* da ONU (informes oficiais à imprensa), cobrissem as linhas de frente e passassem por barricadas, quando autorizados pelos comandantes locais.

¹²² Middle East News Agency.

Como a maioria dos jornalistas que foi para Sarajevo não falava a língua local, o inglês foi geralmente utilizado como idioma comum, não importando a procedência do veículo de imprensa.

Eles não costumavam ficar muito tempo na cidade, de duas a três semanas em média, alguns iam embora e voltavam algum tempo depois, alguns voltaram inúmeras vezes. Sendo assim, quando por algum motivo – geralmente quando o aeroporto estava fechado – tais jornalistas não podiam vir para a cidade, a equipe local continuava o trabalho de seus patrões, fazendo a cobertura e enviando as imagens e textos.

Segundo Samir K., como “fixers” trabalhavam principalmente moças, de uns 20 a 25 anos, que sabiam falar inglês e que aproveitaram a oportunidade para sair do país, e que por isso não conhece muitos fixers, somente jornalistas. E explicou que a diferença entre jornais, de um lado, e agências e redes de televisão, do outro, é que esses últimos contratavam profissionais locais, e os jornais trabalhavam com seus próprios jornalistas e com fixers, que não sabiam nada de jornalismo.

Essa informação vai de encontro com a minha rede de informantes, cuja maioria trabalhou para agências e redes de TV basicamente.

Em relação aos homens que tratei como “fixers”, exceto Elvis B., que estava na Bósnia Central e não em Sarajevo, todos eram câmeras ou técnicos de som, ou jornalistas locais que já trabalhavam como jornalistas antes da guerra.

Jornalismo durante a guerra era considerado esforço de guerra. Jornalistas (e não, fixers, mas sim, jornalistas, câmeras, técnicos de som e editores), médicos e mulheres eram os únicos que não tinham obrigação de servir ao exército¹²³. Deste modo, a grande maioria de homens com quem conversei e que trabalharam como jornalistas, câmeras, editores e técnicos de som, seja para a mídia local, seja para a mídia estrangeira, não serviram ao exército. Explicaram sua luta como uma luta pela verdade, para mostrar ao mundo o que acontecia em Sarajevo e na Bósnia como um todo.

¹²³ Muitas mulheres, entretanto, serviram ao exército como voluntárias, trabalhando na cozinha, no setor administrativo e como soldados.

Pode-se ainda notar, na apresentação desta parte, que o número de fixers mulheres é maior do que o de homens, e que são mais novas também (a maioria tinha em torno de 25 anos). No caso dos jornalistas locais, isso se inverte, não são predominantemente tão jovens e a presença masculina é maior.

Posso explicar por que há mais garotas como fixers: os homens deviam servir ao exército e ser fixer não era considerado esforço de guerra. Não posso, todavia, explicar por que a maioria de jornalistas profissionais era homem e não mulher, pois entraria numa discussão que nos remete à predominância masculina na esfera pública em geral na Bósnia e na ex-Iugoslávia, principalmente da geração mais velha, e não tenho dados precisos para entrar neste debate.

As mulheres com quem conversei, algumas continuaram trabalhando para a mídia, outras voltaram a sua carreira anterior (letras, economia, direito, história, psicologia, medicina...). Algumas já eram jornalistas ou já trabalhavam na mídia. Somente uma, Meldijana A., serviu ao exército, como soldado.

Adianto, contudo, desde já, que a importância que eu dei ao fixer de forma alguma reflete a importância que alguns com quem conversei deram ao fixer.

Para Aida Č., “os fixers são o mais baixo escalão do jornalismo (abaixo deles, só os motoristas)” e nada mais faziam do que receber ordens: o fixer estava lá “*to fix the things*”, “*to fix the other people stupid ideas*” e não para dar “palpites” ou sugestões.

Aida Č. foi fixer da AP e hoje é diretora do escritório dessa agência em Sarajevo. Antes da guerra, nunca havia trabalhado como jornalista. Em 1995, ganhou um prêmio em Nova York de melhor repórter de guerra. Contou-me que começou a trabalhar como fixer quando, por acaso, em 1992, um jornalista a abordou na rua, perguntando-lhe se falava inglês, e ela falava. Chegou uma hora, entretanto, que, como não agüentava mais a estupidez de algumas reportagens, começou a sugerir matérias, e que isso a transformou na repórter que é hoje; e que é isso que a diferencia e a alguns colegas seus dos demais.

Segundo ela – e outros com quem conversei –, tais jornalistas já chegavam com as histórias que queriam. Por exemplo: uma história de uma família croata comemorando o natal. O trabalho de Aida era então encontrar essa família croata:

“Isso era estúpido! Com tanta coisa mais importante!”, disse. E citou as histórias do zoológico, “sobre o pobre urso que não tinha o que comer”. Começou então a dar palpites: “que tal depois de irmos ao zoológico, darmos uma passada no hospital, onde tem umas crianças na incubadora, que por falta de energia vão todas morrer amanhã?”, “ou vão morrer de fome por falta de leite ou comida?”. Disse que eles só pediam alguma sugestão no final do dia, quando o jornalista virava para ela e perguntava, “onde tem um bom restaurante para o jantar?”, “Um bom restaurante?! Acorda. É guerra. Não tem comida em Sarajevo”, dizia. Esse jornalista que perguntou do restaurante era “um texano na Bósnia!”, exclamou, não fazia idéia do que estava acontecendo.

Contou ainda do jornalista que pegava o relato imparcial da ONU:

O soldado da ONU, um barulho terrível de tiros e granadas e o relato oficial: “estamos num cessar-fogo atualmente em Sarajevo”. E o jornalista fazia a reportagem sobre o cessar-fogo debaixo de uma chuva de granadas. E só no final do artigo escrevia, ou nem escrevia, “apesar do cessar-fogo, ouve-se tiros na cidade”.

Um dia o jornalista foi embora e ninguém mais voltou, isso em 1993. Aida Č. já havia aprendido a mexer no telefone satelital e começou então a enviar matérias e notícias para o escritório em Viena (a notícia era enviada primeiro para Viena e depois transmitida para a rede de compradores da AP). E assim virou repórter e chefe do escritório em Sarajevo.

Srećko L. tem uma história parecida: “no começo, o correspondente dizia o que queria fazer e para onde queria ir, e você o acompanha, traduz, *drive him around*. Depois disso, comecei a escrever e a fazer tudo sozinho. Apenas combinávamos quem ia cobrir o quê”.

Dražen Š, câmera de Zagreb, que trabalhou para a AP durante a guerra, comenta que o jornalista estrangeiro precisa sempre dos locais, ou seja, de um tradutor, um câmera e um motorista. E contou que em alguns casos o local vai e o

jornalista fica. E deu o exemplo de uma cobertura que realizou no Iraque, onde, em Sadr City, só entrava seu câmara¹²⁴.

A chave era saber inglês para ser contratado¹²⁵, conta Srećko L, que começou a trabalhar para a agência de notícias estatal cobrindo os *briefings* da ONU e o pessoal da AP notou que ele falava muito bem inglês. Depois de uns dois dias, conseguiu o trabalho na agência.

Srećko não era jornalista antes da guerra. Começara a faculdade de economia, não havia se formado ainda quando a guerra começou. É jornalista ainda hoje e trabalha para o Banco Mundial em Sarajevo.

Eldina J. conta que uma amiga quem lhe falou que a rede de TV alemã se instalava na cidade e procurava um tradutor “que conhecesse a cidade, soubesse dirigir e tivesse noções de jornalismo”. Ela só falava alemão, havia se formado em língua e literatura alemã na Universidade de Sarajevo, mas foi contratada mesmo assim. 95% das pessoas, segundo ela, que trabalhavam como tradutores para jornalistas estrangeiros só sabiam o idioma, nada mais. Seu trabalho consistia em contar para os jornalistas o que os políticos falavam e o que saía na imprensa local, e fazer *vox populi*, ou seja, perguntar para as pessoas na rua o que pensam, o que querem etc.. Os jornalistas faziam a matéria final. Ela não escolhia que matérias fazer, os jornalistas vinham com os temas e quando acontecia alguma coisa, a reportagem era feita em cima do que acontecia. Eles dependiam, portanto, dos locais: sem eles, só poderiam falar com a ONU, e isso devido ao desconhecimento do idioma.

Eldina trabalhou com a ARD de 1992 a 2003. Hoje leciona língua e literatura alemã numa universidade da cidade. Fez seu mestrado na Alemanha, em Mídia e Comunicação Intercultural, sobre o *Oslobođenje* e a dificuldade em se conseguir informação durante a guerra, pois, segundo ela, quem estava no cerco

¹²⁴ Sobre a dependência cada vez maior do jornalismo internacional de pessoal local na cobertura do conflito no Iraque, especialmente por uma questão de segurança e pela diminuição de correspondentes internacionais, que saibam a língua e tenham, ao menos, algum conhecimento daquilo que cobrem, ver Palmer e Fontan (2007).

¹²⁵ Conversando com a minha vizinha Adisa, que tinha 15 anos no começo da guerra, sobre como eram então as escolas, ela me contou que fez todo o ensino médio em porões e que não perdeu nenhum ano, porém não aprendeu inglês, pois não havia professor, estavam todos trabalhando para os estrangeiros...

não sabia o que acontecia na Bósnia, ou mesmo em Sarajevo¹²⁶. Os telefones não funcionavam, as linhas de frente eram perigosas, não havia eletricidade e quem trabalhava na mídia impressa não tinha papel para imprimir o jornal. Sarajevo não sabia o que acontecia nas outras partes Bósnia e vice-versa, conta também Rialda M.. A principal forma de comunicação era o rádio amador, por meio do qual, a comunicação com outras áreas era ainda possível.

Os câmeras e técnicos de som, diferentemente dos fixers, não trabalhavam com os jornalistas estrangeiros diretamente. Elvis B. conta que chegou a ir filmar sozinho pela Bósnia Central. Hare O. disse que trabalhavam sempre sozinhos em Sarajevo – ele e Čenga –, colocavam a legenda nas filmagens e mandavam para Londres, onde ficava o escritório da WTN, depois APTV¹²⁷.

Poucos problematizaram o papel dos fixers.

Philippe Deprez, correspondente internacional em Sarajevo, conta que presenciou alguns casos de matérias mal feitas devido ao intérprete, que mudava o relato do entrevistado para este parecer mais palatável e no final ficava algo totalmente *non sense*.

Dražen S., jornalista e soldado durante a guerra, contou, ridicularizando um pouco a minha pesquisa, que todos mentiram para mim, ou não contaram toda a história. Pois, na realidade, os fixers costumavam trabalhar para o serviço secreto, passando informações para os jornalistas (sempre ávidos para terem uma exclusiva) interessantes para o seu governo. Isso aconteceu de todos os lados, segundo ele. Citou o caso de fixers e intérpretes da Unprofor, que copiavam para o seu governo os mapas de localização de minas, que os soldados da ONU possuíam. E deu o exemplo recente de uma moça que foi demitida do OHR (*Office of the High Representative* ou escritório do Alto Representante das Nações Unidas

¹²⁶ Infelizmente não falo e nem leio alemão. Ela quem me contou sobre o que é seu mestrado. Deixo aqui a referência: JASAREVIC, Eldina. *Medien Im Krieg – Zwischen Unwissen Und Propaganda: Der Fall Oslobodjenje* Unter Besonderer Berücksichtigung Der Hasssprache. Mestrado em Mídia e Comunicação Intercultural. Europa-Universität Viadrina Frankfurt (Oder); Universität St. Kliment Ohridski Sofia. Soemz – Südosteuropäisches Medienzentrum. Aug. 2004. [A mídia na guerra, entre o desconhecimento e a propaganda: o caso do *Oslobodjenje*, com enfoque no discurso de fomento ao ódio].

¹²⁷ Martin Bell (1996) cita Hare O. e Čenga como os maiores produtores de imagens do cerco a Sarajevo.

para a Bósnia-Herzegovina) de Brčko, pois descobriram que trabalhava como espiã para o governo da Republika Srpska.

Acredito serem possíveis tais relatos, porém não encontrei nenhum fixer que me contara alguma história neste sentido. A que mais se aproxima, talvez, seja a de Elvis B., que diz ter feito filmagens noturnas de espionagem de posições sérvias para a ABiH (Exército da Bósnia-Herzegovina), em troca, a agência para quem trabalhava, a WTN, sem saber como, ganhou imagens exclusivas de um fronte onde ninguém conseguira chegar até então. E se explica:

Minha obrigação, como homem e patriota e de quem fugiu do exército, era fazer alguma coisa que eu podia fazer. De qualquer modo, essa filmagem noturna foi feita onde o HVO¹²⁸ e a *Armija BiH* estavam juntas contra o Exército sérvio-bósnio. Pois nunca assumi o lado muçulmano ou croata, mas sempre ajudei o lado mais fraco, e o Exército sérvio-bósnio tinha nas costas a ex-JNA, com canhões, aviões etc..

¹²⁸ O HVO (Conselho de Defesa Croata) era um braço do exército da Croácia, operando na Bósnia desde 1992, sob comando do quartel-general de Zagreb. Cf. VASIĆ, 1996.

Em Sarajevo

Naquele tempo, especialmente em Sarajevo, você tinha todas as principais mídias internacionais. E havia uma infra-estrutura local constante, de fixers, motoristas, gente alugando apartamentos, intérpretes, jornalistas, câmeras e técnicos de som. Todos os jornalistas que sabiam língua estrangeira foram contratados durante a guerra para trabalhar para uma ou outra mídia. Estamos falando de centenas. Esse recrutamento aconteceu bem no começo, em 92, 93. Você tem então pessoal local trabalhando, mais todos esses correspondentes visitantes, da CNN, BBC, ABC, CBS etc.. Então é quase todo Holiday Inn e metade do prédio da televisão a disposição deles. (Srećko L.)¹²⁹

Sim, os jornalistas estrangeiros estavam basicamente em Sarajevo.

Philippe Deprez foi para Sarajevo em um dos aviões da ONU que saíam de Split¹³⁰ trabalhar como *free-lancer* para a rádio estatal belga em 1993. Para entrar na cidade, segundo ele, o jornalista precisava de credencial, colete à prova de balas e capacete. Veio sem dinheiro, alugou um apartamento e comprou um carro. No início achava que não precisaria de carro, que poderia andar a pé e conversar com as pessoas sem ele, mas comprou para poder viajar. Preferia viajar sozinho para não arriscar a vida de sua intérprete e futura esposa¹³¹. Usava a EBU (European Broadcasting Union), que cuidava das transmissões de imagens via satélite, para enviar as matérias.

Erich Rathfelder trabalhou como correspondente dos jornais *Die Tageszeitung* (de Berlim), *Die Presse* (de Viena) e *Tages-Anzeiger* (de Zurique). Costumava ficar uma semana em Sarajevo e depois ia para Split enviar matéria, pois alugar telefone satelital das agências era muito caro. Às vezes, ao invés de

¹²⁹ Ver fotos anexas do Holiday Inn (p. 404) e do prédio da televisão (p. 406).

¹³⁰ Split é uma cidade no litoral da Croácia, na Dalmácia. Era o principal ponto de conexão dos vôos da ONU/Unprofor de Sarajevo para o resto do mundo.

¹³¹ Erich Rathfelder, pelo mesmo motivo, preferia viajar sozinho, “não queria arriscar a vida de mais alguém”.

Split, ia para Vitez, onde a base inglesa da Unprofor, que segundo ele servia ao Serviço Secreto Britânico, disponibilizava o uso gratuito dos equipamentos para enviar as matérias (“era interessante para eles, pois assim ficavam sabendo das coisas”).

Sobre o serviço secreto e de espionagem contou que esta é outra longa história. E citou o caso de um amigo seu, jornalista, assassinado em um país europeu devido a uma investigação que conduzia sobre tráfico de órgãos de pessoas mortas na guerra, coordenada por pessoal da Unprofor...

Marcus Tanner descreve o contexto em que estavam¹³².

Working in Sarajevo was both easy and difficult; the small size of the city meant one rarely missed a major story, and although the phone lines went down quite early on, there were a number of people selling the services of satellite phones, so one could usually file without that much difficulty.

The main problem was that the constant sniping and bombing kept us indoors much of the time, while the lack of electric power meant you had to file while there was still some daylight.

Then again, the strain of living in the besieged city meant you had to get out fairly soon; it felt a bit like swimming under water. After a while, you wanted to come up for air. The shortages of food meant there was little to eat and drink was extremely expensive. All I remember in the hotel Holiday Inn was smuggled-in Montenegrin wine that cost a fortune and tasted revolting¹³³. It became very claustrophobic, living in the Holiday Inn, which was practically the only functioning hotel, and following a story that barely changed from one year to the next. I left in 1994, too early to see the end of the war. *By then, many of the most interesting people in the city had got out, and it had lost a lot of its vibrancy and multi-ethnic character. It was becoming what it is now, a Muslim city*¹³⁴. It was somehow a lot less interesting by 1994, and by then the prospect of the Serbs actually overrunning it was remote, so the story had lost some of its former urgency.

Em Sarajevo, funcionava ainda o *pool* de agências de imagens, que tinha como propósito diminuir o número de jornalistas mortos, o que, para alguns com quem conversei, diminuía a concorrência, para outros, não. De qualquer modo, desde sua criação em 1992, segundo Martin Bell (1996), onde quer que fosse a próxima batalha, só haveria uma equipe de filmagem em campo. O que talvez explique, acredito eu, o rol de imagens da guerra, que, apesar de serem muitas,

¹³² Correspondência via emails, em março de 2008.

¹³³ Os vinhos montenegrinos são geralmente muito bons!

¹³⁴ Grifos meus. Sobre a transformação da cidade, tratarei no capítulo 4.

são sempre as mesmas, e geralmente das câmeras locais, que eram contratados pelas agências. Este *pool* durou até agosto de 1995, quando a nova agência de imagens da AP (APTV) recusou-se a participar do *pool*, instaurando novamente a concorrência entre tais agências no campo de batalha bósnio.

Hakija H. acredita que a câmera que impediu que unidades inimigas entrassem na cidade, enquanto que, nas cidades pequenas, faziam o que queriam. Srebrenica, sim, estava cheia de soldados da ONU, porém, segundo ele, ONU não é jornalista, não é mídia, não é televisão.

Ouvi, assim, histórias de que a limpeza étnica só foi possível em outras partes da Bósnia porque a mídia não estava lá, ou que o cerco a Sarajevo foi estrategicamente pensado pelos “agressores” – “sérvios”, “chetniks”, ou simplesmente “eles” – para chamar a atenção da mídia para Sarajevo, enquanto o resto do território bósnio era limpo e “reorganizado” etnicamente (Senada K., Hana P., entre outros).

Mas ouvi também histórias de que a mídia internacional tinha mais acesso à informação, justamente porque seus jornalistas transitavam pelo território e cobriram os outros lados da guerra, e não só Sarajevo. Foram os jornalistas estrangeiros, por exemplo, como muitos frisaram, que descobriram os campos de detenção/concentração¹³⁵ na Bósnia Oriental (Samira K., Senka K., entre outros).

De todo modo, a maioria dos jornalistas estrangeiros ia para Sarajevo e de lá realizava a cobertura. Isto porque, segundo Amra A., não havia razão para ir para outro lugar, “Mostar talvez, mas aí eles cobriam de Zagreb. Srebrenica, em um dia foram todos mortos, como em Bijeljina, onde tudo terminou em um dia. Tuzla e Zenica estavam relativamente tranquilas”.

¹³⁵ *Logor* é o termo utilizado por todos, o mesmo que foi utilizado durante a Segunda Guerra Mundial, e quer dizer “campo de concentração” (diz-se somente *logor*, que significa “campo” e pressupõe-se pelo contexto que é campo de concentração – aqueles que sobreviveram, são chamados de *logoraši*). O termo para prisão é *zatvor* e para detenção *pritvor*, que acredito que seriam os utilizados caso quisessem dizer “campo de detenção”, termo que foi muito utilizado pela mídia internacional, de maneira geral.

Elogio ao jornalismo internacional

Os jornalistas que estiveram aqui eram nossa ligação com o mundo. Graças a eles tínhamos contato com o estrangeiro e podíamos contar o que estava acontecendo. Eram muito respeitados e arriscavam suas vidas para estarem aqui e, no final, acabaram se envolvendo, ao ver tanto sofrimento. (Samra L.)

Vlado A. ficou de 1995 a 1998 sem conseguir ler nada: “síndrome pós-traumática”, explica. Em 1998, leu o livro de Roger Cohen, “Hearts grown brutal” (1998)¹³⁶. Ficou então muito emocionado, pois até então não conseguia acreditar que o que aconteceu com ele tinha realmente acontecido, que “não foi só você que viu o mal, outros também viram”. Em suas palavras:

Roger Cohen, que foi à Sarajevo pela primeira vez durante a guerra, sentia como você o mesmo acontecimento. Depois que você vive o trauma, você não sabe mais se é normal ou saudável mentalmente. Quando você vê que o outro, estrangeiro, americano, judeu, viu o mesmo que você, você então percebe que está ok.

De acordo com todos com quem conversei, tais jornalistas estrangeiros realmente fizeram um bom trabalho, na medida em que mostraram para o mundo o que estava acontecendo em Sarajevo. E mais, dizem que se os jornalistas não estivessem lá, ninguém sabe quantos anos mais poderia ter durado a guerra.

Senad Kamenica, em sua dissertação de mestrado, entrevistou Richard Holbrooke, ex-embaixador dos EUA na ONU e um dos arquitetos do Acordo de Dayton, segundo este (Holbrooke):

Bosnia had a storyline, a very clear storyline, and as a result of that storyline the press, led by the New York Times and CNN had an amazing impact on policy in the United States and UN; I think there was comparable coverage in Europe. (...) the reason the West finally, belatedly intervened in Bosnia was heavily related to media coverage. The

¹³⁶ O livro trata em linhas gerais de famílias que se separaram devido à guerra. Alguns que foram embora da Bósnia para nunca mais voltar, casamentos mistos que se romperam por terem visões distintas a respeito dos fatos etc.. Um retrato da guerra que, a meu ver, revela uma mistura de desesperança, raiva e conformismo diante dos “mesmos” motivos que geraram a guerra nos anos 1940, ou seja, nacionalismo, medo e intolerância.

reason Rwanda did not get the same kind of attention was heavily related to media coverage – or the lack thereof. (HOLBROOKE apud KAMENICA, 2002, p. 55)

Para Senka K., então jornalista do *Oslobođenje*, apesar de saber que muitos estrangeiros pensam “que somos burros, selvagens e sem educação, e que os Bálcãs são uma tribo selvagem de primitivos”, acredita que os jornalistas estrangeiros foram muito bons para a Bósnia, pois rapidamente viram quem era o culpado e quem não era, entenderam que era uma guerra de soldados contra civis e descobriram os campos de concentração. Em suas palavras: “Se existisse CNN na época do Hitler, muito menos judeus teriam sido mortos no Holocausto”.

Aida A., todavia, se diz um pouco desapontada. Também pensara que se trabalhasse para os jornalistas, as pessoas veriam a verdade e viriam ajudar. Mas todo dia testemunhava coisas terríveis, via os mortos, os tanques, as metralhadoras, o cerco a Sarajevo, e nada acontecia. Mas disse que de modo geral os jornalistas que vieram eram muito profissionais. E citou os bons jornalistas que passaram por lá: Roy Gutman (explicou: ganhou Prêmio Pulitzer), John Burns (Pulitzer também), Christiane Amanpour.

Amra A., por sua vez, foi um caso especial. A primeira reação que teve, quando telefonei para ela apresentando a minha pesquisa, foi de total repulsa ao tema. Em primeiro lugar, disse que cansou de conversar com “gringo”, que ninguém entende nada, que lhe “dá nos nervos” falar da guerra. Expliquei então que seria muito importante conversar com ela, pois só havia ouvido falarem bem dos jornalistas estrangeiros. Ela então retrucou, “quem fala bem é porque não conheceu nenhum”¹³⁷... Finalmente concordou em se encontrar comigo. Na entrevista, contudo, disse mais ou menos o mesmo que os demais, que eles foram importantes no sentido de mostrar o que acontecia e que, de fato, no final, fizeram com que a comunidade internacional interviesse. Disse que tinha jornalistas bons e ruins e que os melhores vieram para Sarajevo. Explicou que o que a incomodava era que sempre a olhavam como uma história possível e que quando

¹³⁷ Amra A. era tradutora da Reuters, hoje é casada com um fotógrafo inglês desta mesma agência. Vivem juntos em Sarajevo.

não acontecia nada, cinco mortos apenas, por exemplo, ficava um clima de tensão terrível no hotel, pois “*feature stories*”¹³⁸ não se faz todo dia: guerra é adrenalina”.

Andrej Đ. criticou bastante os estrangeiros de modo geral. Disse que vinham profissionais, como os do *Le Monde* ou o John Burns (do *The New York Times*), mas vinham muitos “garotos” também, que só queriam fazer carreira e que, sobre cada corpo morto, iam como urubus. Contou que alguns jornalistas reportavam livremente em Dobrinja e depois vendiam informações para os sérvios, sobre a localização da fila d’água, por exemplo. E que muitas vezes não falavam a verdade, “o jornalista na frente da igreja ortodoxa, em frente ao meu prédio, diz, ‘estou agora no subúrbio sérvio’. 11 km adiante, na frente da catedral, ele diz, agora estou no ‘subúrbio católico’”¹³⁹ (Andrej Đ.).

Facilmente se podia reconhecer um diletante, que só queria dinheiro, segundo Vlado A., e jornalistas sérios, que sabiam o que estavam fazendo e entendiam o que acontecia. Merdijana S. explica que o jornalista ruim era aquele que queria sair e reunir o máximo possível de material, pois não sabia o que queria de fato, esses eram os que estavam mais em perigo, e um perigo desnecessário. Aleksandar V. complementa essa idéia e acredita que os jornalistas que morreram, a maioria era porque não ouviam seus fixers, são pessoas, portanto, que acham que nada lhes pode acontecer.

Lembro-me de um jornalista da Sky News que era viciado em adrenalina. Ele chegava e já falava, “quero ir na linha de frente, quero ir aonde tem mais tiro...”. Cheguei a perguntar para ele como não sente medo, que tem outras histórias que podiam ser feitas, e ele sinceramente me respondeu que só se sentia vivo assim, em situações perigosas. O importante para ele não era a história, não era transmitir o que acontecia, mas sim, a coisa egoísta de fazer a cobertura interessante para si. (Merdijana S.)

¹³⁸ Hannerz opõe *feature stories* às notícias quentes do dia, aos fatos, acontecimentos. Em suas palavras, “feature stories can be news of difference, of people thinking, acting, or living in some unfamiliar way” (2004, p. 32), são portanto reportagens mais complexas ou que trazem histórias de vida. Sabina Č. explica que requerem entrevistas e pesquisa, para se chegar ao que chamou de “comprehensive picture”: “Um exemplo: a situação da educação na Bósnia [riu], se eu fosse escrever essa matéria hoje, eu entrevistaria professores de literatura, professores do ensino básico, para saber por que as crianças saem da escola sem saber nada, eu entrevistaria os pais, as crianças, jornalistas, eu reuniria pessoas com diferentes opiniões para ter uma visão (a *comprehensive picture*) da situação, o leitor veria então que há muitos lados, aspectos, pois eu apresentaria estes diferentes lados”.

¹³⁹ Não eram subúrbios, mas partes da cidade.

Leana L. trabalhou para a ZDF para que “fizessem alguma coisa”. Queria mostrar a situação horrível que eles passavam em Sarajevo, e, de fato, conta que no começo todos gostavam deles, todos queriam mostrar o que acontecia e falar alguma coisa, então a câmera era muito bem-vinda. Mas depois, “as pessoas ficaram muito decepcionadas, e com a ONU também... Precisávamos às vezes de duas horas para conseguir alguém para falar qualquer coisa. Ninguém queria falar nada, passaram a odiar a câmera”. De qualquer modo, segundo ela,

jornalistas como Christiane Amanpour e Martin Bell fizeram as pessoas verem que não eram selvagens aqui, e as coisas que mostravam passaram para o plano político, na Casa Branca. A ZDF, igualmente, influenciara a política alemã. Foi uma forma de terem pago, finalmente, o que a gente trabalhou todos aqueles anos.

Edina B., no entanto, migrou para Londres em 1993. Disse que era muito pesado, perigoso e humilhante o trabalho.

Por um lado, aquele medo constante, uma experiência terrível. Por outro lado, enquanto equipe local, sentia-me humilhada. No sentido de que, quando os jornalistas estrangeiros chegavam (não todos, não quero generalizar), eles tinham aquele jeito colonial, como se fôssemos escravos, que tínhamos que fazer tudo.

E por relativamente pouco dinheiro, fazíamos a maior parte do trabalho, pois estes estrangeiros ganharam muito dinheiro com o trabalho aqui. E nós, por bem menos, colocávamos nossas vidas em risco diariamente.

E eles comportavam-se como grandes patrões, nos olhando freqüentemente como se fôssemos uma raça inferior. Sendo assim, estávamos diante dessa injustiça permanente, não somente devido aos chetniks que nos bombardeavam, mas também devido a esses chefes que aqui chegavam.

Essa postura dos estrangeiros em relação à gente foi a gota d'água, a razão principal de eu ter ido embora.

Após esse relato, citou bons jornalistas que vieram e que tinham um “profundo entendimento do caso bem especial que é a Bósnia”.

Elvis B. concorda com Edina B., que alguns jornalistas eram “bem legais”, mas “outros te tratavam como se você fosse um qualquer: talvez se acostumaram com aqueles que vivem em casinhas de pau-a-pique na África”. E contou de

quando cruzou com Christiane Amanpour na cidadezinha próxima a Kiseljak¹⁴⁰, onde morava no começo da guerra e trabalhava em um restaurante¹⁴¹:

Era 1993, eu ainda não trabalhava para jornalistas estrangeiros. E a ouço falando no restaurante onde eu trabalhava... Como aquela mulher podia entender tudo que estava acontecendo aqui?! Fui então suficientemente mal-educado para me aproximar dela e perguntar: “Com licença, por favor, vejo que você entende bem a situação aqui, você veio dos EUA, há quanto tempo chegou?”, “Há dez dias”. “Veja bem”, eu disse, “eu nasci aqui, cresci aqui, vivo aqui faz vinte anos, e não consigo entender o que acontece à minha volta. Por favor, me explique”. Depois disso eu comecei a trabalhar com os jornalistas estrangeiros, nos encontramos várias vezes, ela não me falava nem “oi”, mas se lembrava muito bem de mim.

Leila V., jornalista local, trabalhava em um instituto de pesquisa em crimes de guerra (*Institut za istraživanje zločina protiv čovječnosti i međunarodnog prava*, ou Instituto de pesquisas sobre crimes contra humanidade e contra o direito internacional), que fornecia dados também para estrangeiros e se mostrou sempre muito irritada quando eu perguntava dos jornalistas estrangeiros, que, segundo ela, depois de três dias em Sarajevo já se consideravam *experts* em Bósnia, mas não entendiam que se tratava de uma agressão à nação. Tom Gjelten, para Leila, foi um dos poucos jornalistas que entendeu “a essência do problema, e escreveu um livro incrível sobre o *Oslobođenje* e sobre como as pessoas tentavam sobreviver”¹⁴².

Mladen P. e Predrag D. vão dizer que os jornalistas estrangeiros sentiam muito medo: “não saíam do hotel”, “não desciam do avião”, foram algumas frases que ouvi. O pessoal local acabava fazendo todo o trabalho, segundo eles. Nas palavras de Predrag D., “eles ficavam no escritório mandando o material que eu produzia”.

¹⁴⁰ Kiseljak, na Bósnia Central, segundo Elvis B., era como uma pequena Casablanca. Os jornalistas passavam lá por comida e combustível, mas isso antes da guerra muçulmano-croata.

¹⁴¹ Elvis B. desertara do exército em Sarajevo e saíra da cidade com a família para Brestovsko, vila na Bósnia Central, em Kiseljak. Começou a trabalhar para jornalistas estrangeiros, pois passavam sempre pelo restaurante onde trabalhava e perceberam que falava bem inglês. Sua família acabou sendo expulsa de lá, quando começou o conflito muçulmano-croata em 1993, e fugiu para a Alemanha; ele continuou na Bósnia, entre Bósnia Central e Split, trabalhando para os jornalistas.

¹⁴² GJELTEN, Tom. *Sarajevo daily: a city and its newspaper under siege*. New York: Harper Collins, 1995.

Ou seja, quase todos os relatos concordavam que os locais trabalhavam muito, faziam grande parte do trabalho, ou eram fundamentais para o mesmo. Mas concordam também com o fato de que há jornalistas bons e ruins, e que, sejam eles “diletantes” ou “profissionais”, fizeram carreira depois disso. Nesse sentido, é só olharmos, por exemplo, para o “nosso” Leão Serva, que foi enviado especial do jornal *Folha de S. Paulo* durante a guerra na Bósnia, passou duas semanas entre Bósnia e Croácia, cinco dias em Sarajevo, escreveu um livro sobre o cerco a Sarajevo e a guerra de modo geral¹⁴³ e virou figura de destaque no Brasil quando o assunto é guerra na Bósnia.

Aprendendo com os profissionais

Para além da cobertura em si, muitos me disseram que conviver com esses jornalistas foi a melhor escola de jornalismo que poderiam ter tido.

Mladen P., que trabalhou para a ARD, era técnico de som e aprendeu com um jornalista alemão o ofício de câmera. Elvis B. era um jovem de 20 anos que havia recém-entrado na faculdade de engenharia e que falava muito bem inglês, desertou do exército e foi trabalhar para jornalistas estrangeiros; com eles, aprendeu tudo: gravação de áudio, edição, filmagem e fotografia. Hoje ele é fotógrafo da AFP e trabalha também como *free-lancer*. Srećko L. era jornalista da AP e, segundo ele, “Enquanto eu ajudava os correspondentes internacionais a trabalharem, eles me ensinavam como escrever, no estilo do jornalismo ocidental. Eram extremamente bons e experientes”. Samir K., também jornalista da AP (“no final do ano de 1992, eu já era correspondente de guerra da AP e deixei de ser soldado. Fiquei como correspondente até o final da guerra e, em 1996, fui ser chefe do escritório da agência em Lisboa”) conta que sua maior escola de jornalismo foi durante a guerra, quando, toda a noite, sentava para conversar com grandes nomes do jornalismo, como Christiane Amanpour e Bob Reid, que cobriu a Guerra no Vietnã. Segundo ele, os melhores foram mandados para Sarajevo. Perguntei por que eram os melhores. Ele respondeu que são os melhores, pois

¹⁴³ SERVA, Leão. *A batalha de Sarajevo*. São Paulo: Scritta, 1994.

dominam a técnica jornalística, de saber escrever, contar a história, e fazer as pessoas falarem, mesmo quando não querem.

Aida Č., por sua vez, com eles compreendeu por que valia a pena continuar em Sarajevo. Disse que um dia, conversando com um jornalista estrangeiro, ele disse que sabia que seu trabalho não mudaria o mundo e não ajudaria talvez em nada a Bósnia. Contou então que os alemães diziam que não sabiam de nada, quando indagados sobre seus vizinhos judeus sendo levados durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo esse jornalista, ninguém vai poder dizer isso da guerra na Bósnia, pois ele vai responder que é mentira.

Objetividade, neutralidade e verdade

Um jornalista que assume posição, positiva ou negativa, em relação a algo, se transforma em um instrumento de propaganda. 80% das imagens não são neutras, pois não separamos muito bem o profissional do pessoal. (Elvis B.)

A definição de objetividade e neutralidade é bem simples, segundo Kunczik: “Busca-se a ‘objetividade’ ou a ‘neutralidade’ citando-se tanto defensores como adversários de uma mesma questão” (2002, p. 261). Tal jornalismo objetivo, segundo este autor, faz sentido em um “meio relativamente estável” (idem, p. 262). O que não é exatamente a definição de um país em guerra.

Nas minhas conversas em Sarajevo, notei que objetividade, neutralidade e verdade eram termos que apareciam freqüentemente para definir o trabalho da imprensa internacional. Tais aspectos, como veremos, se revelavam no emprego “adequado” de termos, no controle da emoção e no uso de fontes variadas.

Em relação aos termos que empregavam, o termo “sérvio bósnio” ou “forças sérvias”, por exemplo, era preferido, no lugar de “chetnik”, “agressor” ou “sérvio”. Samir K. diz que o mesmo acontecimento, no jornal local, saía como “chetnik mata civis”, e na AP, “sérvios bósnios, com bombardeio, mataram tantas pessoas”. Amra H. lembra quando a Republika Srpska foi reconhecida, eles pararam de

reportar os sérvios como “rebeldes sérvios”, mas como “sérvios da Republika Srpska”.

Os jornalistas locais ou fixers trabalhavam, assim, no sentido de escrever ou relatar como deveriam, usando “termos neutros” ou indicando a fonte – Eldina J. conta que mesmo sabendo quem atirava neles, tinha que noticiar que “de acordo com fontes bósnias”, “eles” atiravam na gente – e faziam um trabalho interno, como me disseram, de deixar a emoção de lado, de “ser objetivo e saber se controlar” (Samir K.).

Sabina Č., todo dia, ela ou um colega, ia contar os corpos no necrotério, “pois não se podia confiar nos números oficiais”,

Você não pode sentir emoção, você a coloca num buraco e vai trabalhar. Você tinha que ir lá, ver quantas mulheres, crianças; como foram atingidos; você anotava e voltava para reportar. (...) E você fica anestesiada. Antes da guerra eu não podia ver sangue, nem no cinema. E lá ia eu, tinha que ver se era bebê, mãe, soldado, civil... eu não gostava, mas eu ia, e fiz bastante dinheiro, e minha família sobreviveu. Não há lugar para sentimento. *I really didn't feel. It is survival and doing your job.*

Aleksandar V., de Belgrado, conta que, como fixer ou jornalista, “aprendeu a não ficar emocionalmente afetado pelo que acontecia”, pois, profissionalmente, ao se levar pela emoção, o relato deixa de ser imparcial. Diz que depois de um ano, mais ou menos, sofrendo pelo país e pelos seus amigos e relacionamentos, conseguiu se “elevar ao nível do observador”,

agora estou apenas monitorando, disse a mim mesmo, estou apenas reportando, e deixava minhas emoções para o tempo livre, quando eu não estava trabalhando, aí eu fazia ligações para ver como estavam os amigos na Croácia, na Bósnia, e mandava comida para as pessoas que eu conhecia em Sarajevo.

Boris K., de Zagreb, cobriu a Bósnia Central, como câmera da Visnews/Reuters TV. Ele conta que na guerra da Bósnia conseguia ser mais neutro que na guerra na Croácia, que era seu país, e que os jornalistas estrangeiros, quando passavam muito tempo em Sarajevo, perdiam a neutralidade, pois “a guerra passava a ser a guerra deles também”. Nas palavras de Vlado A.,

[Eles] transmitiam a parte do que acontecia aqui, o sofrimento das pessoas, que não tinham nada, não tinham o que comer, o que beber, sem luz, sem água, sem gás, e alvo de franco-atiradores todos os dias, que não atiravam ao acaso, mas mirando. Se você chega como jornalista, não tem como não ver isso. Para alguns, isso era atraente e eles faziam a história de safári: como a do jornalista da CNN para quem eu trabalhei, que fazia um programa infantil, acabou a gasolina do carro perto do Holiday Inn, o jornalista correu para o hotel, pegou a câmera e começou a me filmar, como eu tentava sair do carro e escapar dos franco-atiradores. Para outros, isso era tão chocante, humanitariamente chocante, que você vai escrever um livro como o que fez Roger Cohen, correspondente do *The New York Times*¹⁴⁴.

No caso da Bósnia, o trabalho de muitos com a mídia estrangeira era no intuito de mostrar a verdade, de contá-la, portanto, ao mundo.

Nesse sentido, particularmente para câmeras e fotógrafos com quem conversei (Mladen P., Hare O., Hakija H. etc.), a imagem era considerada o melhor meio de se mostrar a realidade. A verdade é tida, portanto, como uma fotografia, um slide. A imagem de um massacre mostra que o massacre aconteceu, e ponto final. Hakija H. afirma: “ver que pessoas comuns, civis, são mortas, isso é a verdade”.

Entretanto, o uso da imagem como forma de mostrar a verdade sem mostrar a verdade foi constante durante a guerra. Senad H. (então âncora da televisão estatal bósnia, em Sarajevo), falando sobre o massacre no Markale (uma feira de frutas e verduras no centro da cidade), em fevereiro de 1994, e de como foi a propaganda de guerra via mídia, disse que o âncora e editor do noticiário da Televisão Republika Srpska, Risto Đogo, começou o programa deitado, fingindo-se de morto, com uns tomates e verduras em volta. Em seguida, “ressuscitava” e dizia que o massacre não acontecera, bonecos que foram filmados para chamar a atenção da comunidade internacional¹⁴⁵. Dražen S. contou que em 1991, por exemplo, saiu uma foto no *Politika*, jornal de Belgrado, de um massacre na Krajina (região da Croácia), com muito sangue e pessoas mortas; segundo este jornal, eram sérvios mortos por croatas, mas a mesma foto foi utilizada por um jornal de

¹⁴⁴ COHEN (1998), op. cit..

¹⁴⁵ Kurspahić descreve este noticiário dizendo que Đogo termina o relato deitado no chão do estúdio, com a pose de falsa vítima e levantando três dedos, saudação típica sérvia, que simboliza a vitória (2003, p. 101).

Zagreb, com a legenda de que eram croatas mortos por sérvios – ele próprio não sabia se eram sérvios ou croatas¹⁴⁶. E claro, as histórias que rodaram o mundo sobre os muçulmanos atirarem neles mesmos com o objetivo de provocarem comoção e intervenção internacional. Eu mesma acreditei nisso em alguns momentos do meu mestrado, como no que cito abaixo (PERES, 2005, p. 114),

Os combates se intensificam nas últimas semanas de agosto de 1992 em Sarajevo. O prédio do governo bósnio e dois prédios do batalhão da ONU ucraniano são atingidos. Suspeita-se que o morteiro que atingira o prédio da ONU tenha vindo de soldados bósnios¹⁴⁷. Não foi a primeira e nem a última vez que exames balísticos comprovavam que os muçulmanos atiravam neles mesmos, isto porque queriam uma intervenção militar efetiva dos organismos internacionais no conflito, e para tanto, tentavam provar, ou inventar, as atrocidades dos principais suspeitos, os sérvios.

Após este evento suspeito, outros vieram, como os massacres no mercado Markale (um deles, citado acima), onde só algum tempo depois se comprovava que as bombas teriam vindo, de fato, de posições sérvias, apesar de que, na Republika Srpska ainda não se acredita nisso. No caso acima, não tenho outros dados sobre este bombardeiro em particular, mas me recuso a acreditar que seja verdade. Sim, há uma postura ética neste sentido, elaborada nos anos que vivi em Sarajevo e em face dos relatos que ouvi, como o de Irina, que trago abaixo, dentre inúmeros outros.

Irina, esposa de Amir T., contou que estava do lado do mercado quando caiu a bomba e que ela mesma poderia ter sido morta. Meses depois, numa das tréguas que fizeram em Grbavica (bairro de Sarajevo sob poder das forças sérvias durante a guerra)¹⁴⁸, sua mãe veio vê-la (seus pais, sérvios, foram para Banja Luka no começo da guerra). E que, conversando, elas chegaram a brigar, pois sua mãe não podia acreditar que tinha acontecido o massacre no Markale, mesmo ela, filha única, dizendo que estava lá no dia em que caiu a bomba e que viu com os próprios olhos. A propaganda, principalmente via televisão, segundo Irina, foi tão

¹⁴⁶ Para o mesmo exemplo, ver Scott (2007, p. 30).

¹⁴⁷ Cf. SERVA, Leão. Guerra ameaça forças da ONU. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1992. Mundo, p. 3-1. Enviado especial a Sarajevo.

¹⁴⁸ Grbavica abria por umas 24 horas e as pessoas vinham ver os parentes em Sarajevo.

forte que as pessoas não acreditam mesmo, nem em Markale, nem em cerco, nem em Srebrenica¹⁴⁹.

Diante desse universo de falas e de lugares, os preceitos do jornalismo, imparcialidade, neutralidade, objetividade e verdade, no caso da guerra na Bósnia, significaram cobrir os três lados do conflito – ou seja, o lado sérvio, o lado croata e o lado muçulmano/bosniac. (Senad K., para citar um exemplo, comentando minha proposta de pesquisa, disse que eu não precisava conversar com mais ninguém – quando nos conhecemos eu devia ter falado com umas dez pessoas apenas –, bastava eu conversar com uma pessoa “significativa” de cada um dos lados – de Mostar, Banja Luka e Sarajevo – para ter uma boa visão do que foi a guerra e a cobertura da guerra.)

Neste sentido, há um suposto – compartilhado também localmente, visto que foram meus próprios informantes que me disseram que eu deveria conversar com cada lado – de que a guerra se deu nessas divisões. Divisões estas, que foram também seguidas pelas grandes agências de notícias e redes de televisão, principalmente, que possuíam uma rede de funcionários em Belgrado (capital da Sérvia, então Iugoslávia), Pale (capital da auto-proclamada Republika Srpska, cidade vizinha a Sarajevo), Banja Luka (atual capital da Republika Srpska¹⁵⁰) e Zagreb (capital da Croácia).

Essa rede de funcionários concordava com as divisões da guerra não apenas porque os locais de um lado não eram bem-vindos no outro, mas também porque era perigoso e quase impossível trafegar entre os lados por caminhos hoje lógicos¹⁵¹ e porque distintos eram os acontecimentos, as histórias e as versões em cada um deles.

E mais do que o fato de que, segundo meus informantes (não só em Sarajevo), para eu entender a guerra, eu deveria conversar com os três lados,

¹⁴⁹ Tratarei sobre isso no capítulo 5, sobre meus entrevistados na Republika Srpska, e no tópico adiante “Mídia local e controle da mídia”.

¹⁵⁰ Desde 1998.

¹⁵¹ Para se ir de Sarajevo a Pale, por exemplo, são necessários vinte minutos de carro (ou menos). Durante a guerra, porém, Philippe D. conta que a única forma era ir de Sarajevo a Budapeste, de lá para Belgrado e de Belgrado para Pale. Martin Bell (1996) conta que, sim, era possível, mas perigoso e complicado, além de frequentemente significar viagem perdida, já que podiam ser barrados nos últimos *check points*, ou não conseguiam conversar com ninguém em Pale.

chama a atenção que era importante para eles que eu entendesse a guerra, não importava sobre o que era minha pesquisa. Ou seja, se o meu intuito era pensar a ligação deles com uma imagem da guerra difundida na mídia internacional, cada vez mais durante a pesquisa, a ligação com esses sujeitos era no intuito deles me mostrarem o que estava acontecendo e o que aconteceu na Bósnia, e não apenas em Sarajevo, e não apenas sua ligação com estrangeiros, ou sua trajetória pessoal.

Segui essa rede, contatando pessoas que trabalharam para os jornalistas estrangeiros de Zagreb e Belgrado, e atentando, especialmente, para os relatos de Sarajevo e da Republika Srpska – isto, pois, em Sarajevo, as forças croatas lutaram com as forças bosniacs contra as forças sérvias que cercavam a cidade (mesmo durante o conflito muçulmano-croata que se deu em Mostar e na Bósnia Central).

Estive, portanto, em Pale, Banja Luka e Bijeljina na Republika Srpska, onde contatei também fixers e jornalistas. E de fato, consegui então compreender o que as pessoas queriam dizer quando me falavam que eu deveria conversar também fora de Sarajevo para entender o que aconteceu na Bósnia. Estas conversas e encontros me mostraram o que na Bósnia é considerado óbvio por todos. Mostraram-me que a principal disputa pela definição da guerra se dá em como categorizá-la, se como “agressão” ou como “guerra civil”. Na Federação, o primeiro termo é o preferido, na Republika Srpska, o segundo. O objetivo da “agressão” era a criação da “Grande Sérvia” (ou da “Grande Croácia”), o objetivo da “guerra civil” era manter a Iugoslávia, ou destruí-la. Em ambos os casos, a justificativa para a violência era de que “estávamos apenas defendendo nossas casas”.

Sobre isso, Duško T., que trabalhou como fixer e assistente de produção para inúmeras redes de televisão e jornais cobrindo principalmente do “lado sérvio”, afirma: “cerco não é a palavra certa para o que aconteceu em Sarajevo, pois os sérvios atiravam de suas próprias casas, já que a maioria das casas ao redor da cidade era de sérvios”. O que contradiz a fala comum em Sarajevo de que os sérvios cercaram Sarajevo com uns 400 canhões (este número varia

conforme o relato, mas é sempre muito alto), além de tanques, armamentos pesados e franco-atiradores, por quase quatro anos, de onde bombardeavam e atiravam na cidade.

Posto isso, o trabalho dos jornalistas do lado sérvio, era cobrir o lado sérvio; do lado muçulmano/bosniac, era cobrir Sarajevo e o lado muçulmano em outras partes da Bósnia; e do lado croata, era cobrir o lado croata, quando a guerra se deu entre muçulmanos e croatas na região da Bósnia Central e Herzegóvina.

O que os editores em seus diversos países fizeram para unir esses fragmentos, numa guerra que foi definida nos termos “étnicos”, embora alguns defendessem uma Bósnia unida, outros, suas casas e sobrevivência, outros defendiam a manutenção da Bósnia ou parte dela na Sérvia ou Iugoslávia, e outros queriam apenas matar seus vizinhos¹⁵², é difícil saber concretamente (a menos, talvez, que se realize uma pesquisa analisando caso a caso; seria, contudo, uma pesquisa sobre o veículo de imprensa específico e os diversos atores que fizeram parte da cobertura, e não uma pesquisa em Sarajevo sobre a guerra na Bósnia e o que tais sujeitos, que viram e ouviram a guerra, estão contando para mim, 15 anos depois.).

¹⁵² Sobre isso, dentre outras conversas, lembro-me particularmente de uma que tive no Mosteiro Franciscano de Fojnica (na Bósnia), onde o assunto da mesa, onde comíamos carne e queijo e tomávamos café e cerveja, foi a guerra. As pessoas riam muito lembrando situações bizarras e terríveis ao mesmo tempo. Estávamos eu, Frei Marko Oršolić, Frei Mirko e um casal de amigos de Marko. E Frei Mirko começou a falar de Fojnica durante a guerra. Mirko explicou que em Fojnica, logo no começo da guerra, houve um acordo que estabelecia a paz na cidade, em que “as partes” assinaram com o General Morillon (então comandante da Unprofor na Bósnia). Porém, o acordo foi logo rompido e mataram o guarda do mosteiro. No jornal, saiu então que quem o matou foi o HVO (forças croatas) – o que mostrava o absurdo da situação, pois numa guerra dita “étnica” não faz sentido matar o guarda de um mosteiro católico se você é croata e, portanto, católico –, mas o homem que matou falou que matou porque estava com vontade de matar. Mirko concluiu dizendo que não dá para saber realmente o que aconteceu durante a guerra. Ele sabe o que aconteceu em Bistrik (bairro de Sarajevo), por exemplo, mas não faz idéia como estava Grbavica: “Teria que pegar a verdade de cada um e sair juntando, o que é outro problema”. Terrível também é o relato de Senad K., que foi capturado por “chetniks” e ficou seis meses em um campo de concentração sérvio em Pale, onde “levava porrada todos os dias”. Saiu de lá com todas as costelas quebradas. Perguntei o que eles queriam saber, ele disse que não sabe. Perguntei como era o campo, ele disse que era uma quadra fechada de basquete e que na hora de levar “porrada” os levavam para um outro lugar. Perguntei se ele conhecia algum dos sérvios que “davam porrada”. Ele disse que sim, um deles, estudaram juntos na escola básica, e foi um dos que mais lhe bateu.

Marcus Tanner nos dá algumas pistas sobre essa questão. Cito um trecho da entrevista abaixo¹⁵³:

M.Tanner - When we first heard reports of mass killings in these towns [na região do vale do Drina, no leste da Bósnia], we mostly dismissed them as exaggerations and propaganda. I remember reading the breaking reports on these events in and around Brcko, written by Roy Gutman, and thinking he must have been listening to a few sensationalist Bosniacs. In the event, they were largely true, but no one believed it at the time. Moreover there was a kind of doctrine at the time that “good” reporting was “balanced” reporting and that it was somehow unprofessional to hype up the scale of the Serbs’ atrocities. There was enormous pressure from the “desk” in London to play down what the Serbs were doing and “balance” it all out with stories of Bosnian and Croat atrocities.

A. Peres - How did you deal with the pressure from the desk/editors? Was it possible to do a “balanced” report?

M.Tanner - I wrote the occasional piece on “suffering serbs” to keep the desk happy.... how people in Serbia itself were earning less money and feeling anxious.... my heart wasn’t that much in it, as I didn’t think the Serb suffering was such a big deal in comparison to what was going on in Bosnia but I wrote the odd piece like that to stop people from accusing me of too much bias...

Pensando o processo de construção da notícia, de fato, se não fosse pelos fixers, a guerra não teria sido dita, se não fosse pelos câmeras, editores e técnicos de som, a guerra não teria sido vista nem ouvida. Possuem um papel fundamental, portanto. Mas o resultado de uma cobertura, ou mesmo de uma matéria no jornal ou na televisão, depende de muitos outros fatores.

As políticas editoriais variavam. Philippe Deprez, por exemplo, contou de seu trabalho com os jornais franceses *Libération* e *Le Figaro*. Como o *Le Figaro* não tinha política editorial, ele podia cobrir o que quisesse. Com o *Libération*, foi mais complicado, pois a editora-chefe era sérvia (Hélène Despic-Popovic) e, por isso, segundo ele, quando aconteceu Srebrenica, quis que ele fizesse uma matéria sobre a islamização da Bósnia e a construção de um hospital financiado pelo Kuwait...

¹⁵³ Nossa correspondência foi via emails, em março de 2008.

Ou seja, concordando com Jack Lule (2005, p. 101),

stories are shaped by many forces. Even as a story assigned, editors and reporters make sure they have a mutual understanding of “the story” (...). Colleagues may suggest their own interpretations. Expectations of the publisher or broadcast owner may be well known in the newsroom. Previous stories found in databases or clipping files have influence. Conventions and traditions, such as inverted pyramid leads¹⁵⁴ and codes of objectivity, guide research and writing.

Certamente não foi fácil, e a mensagem e solução depois de quase quatro anos de conflitos, que contou com campos de detenção e de concentração, torturas, assassinatos, massacres, genocídios, estupros, que separou famílias, que fez com que grande parte da população da Bósnia viva até hoje como refugiados em outros países¹⁵⁵ (ou como médicos, professores, estudantes, trabalhadores), é que a Bósnia precisou ser dividida em duas entidades e que a política a partir de então se daria com base nessa divisão.

¹⁵⁴ “Pirâmide invertida” é a “técnica de redação jornalística através da qual as informações mais importantes são dadas no início do texto e as menos importantes, em hierarquização decrescente” (MANUAL..., 1987, p. 157). O *lead*, ou lide, geralmente é o primeiro parágrafo do artigo, onde as perguntas-chaves relacionadas ao fato – “quem”, “o que”, “quando”, “onde”, “como” e “por que” – devem ser respondidas (idem, 1987, p. 85-86).

¹⁵⁵ Foram principalmente para a Suécia, Noruega, Canadá, Alemanha, Áustria, Austrália, Estados Unidos, Holanda e África do Sul (países que receberam essas pessoas ou lhes deram algum tipo de assistência); ou, para Israel, que no começo da guerra retirou o pouco que ainda restava da comunidade judaica de Sarajevo.

Uma vida diferenciada durante a guerra

Neven é um quebra-galho há dois anos, desde que – depois de ter sido afastado do exército – encontrou uma equipe de TV australiana filmando crianças brincando no lixo. “Fiquei puto”, Neven me contou, “Se vocês são tão corajosos por que não vão pra linha de frente fazer o seu filme?!”. “E eles me disseram que gostariam de ir, mas não tinham ninguém para guiá-los.” (...) “Trabalhei com eles por três dias... e quando o cara me deu 500 marcos, pensei que tivesse se enganado... Foi então que percebi que tinha encontrado uma nova carreira”. (SACCO, 2005, p. 48-49)

Fixers were doing it for MONEY. I was doing it for money and that was my one and only reason to do it. So as everyone else. (Aleksandar V.)¹⁵⁶

Aleksandar V., jornalista da B92 em Belgrado e fixer para os estrangeiros durante a guerra, frisou mais de uma vez que “ser fixer é fazer o que o cliente pede”, não interessa o que ele fará com a informação depois, pois é tudo por dinheiro.

Em Sarajevo, contudo, o imperativo moral é o que mais chama a atenção quando o trabalho era para a mídia estrangeira. Falam que o dinheiro era bom, que trabalhavam por dinheiro, mas que faziam isso para mostrar a verdade ao mundo (Miran J., Rialda M., Aida A. etc.). A questão da contribuição, do “fazer algo bom” para seu país, é colocada em primeiro lugar, dado que era a sua guerra, a sua casa e que precisavam de ajuda.

Em termos de riscos, tanto fixers como jornalistas locais corriam os mesmos riscos que as demais pessoas, já que as bombas não escolhiam quem matar e os franco-atiradores, sim, escolhiam, aleatoriamente. Ou, por vezes, podiam até ser maiores, se pensarmos que enquanto as pessoas iam para os porões se protegerem, eles saíam para a rua com os jornalistas para filmarem e fazerem suas reportagens. Não havia como não correr risco.

¹⁵⁶ Antes de conhecer Aleksandar Vasović em Belgrado, nos correspondemos por email. Esta frase foi ele quem escreveu, e a ênfase é dele.

Porém, de fato, as pessoas que trabalharam para os estrangeiros durante a guerra estavam vivendo muito melhor que os outros, que não tinham trabalho ou não tinham salário. “Se alguém te disse que não teve uma vida melhor, estará mentindo”, conta Amira S..

A presença dos jornalistas estrangeiros mostrava que “havia um mundo além do cerco” (Jadranko K., Samra L., entre outros). E a credencial de jornalista abria a possibilidade de irem, eles mesmos, embora da cidade.

Aida A. foi tirar férias na Líbia, “descansar, depois do massacre no Markale”, e foi para a Itália, onde pôde comprar fraldas para o bebê de sua irmã; Sabina N., Aida A. e muitos outros, em algum momento, foram para Split¹⁵⁷; Edina B. saiu de Sarajevo em 1993, foi para Londres e voltou somente em 1997. Samir K. foi para Las Vegas se casar durante a guerra. Eldar E. e Asja R., ambos da APTV, foram gravemente feridos quando caiu uma bomba no prédio da televisão¹⁵⁸ e a AP os levou para serem tratados em Londres. Merdijana S. saía de tempos em tempos, “a cada mês ou dois, era uma forma de não enlouquecer, eu ia para Ancona [na Itália], uns dois, três dias, me refazia um pouco psicologicamente, trazia comida e reunia forças”.

Diferentemente da maioria dos sarajevanos, eles tinham a possibilidade de escolha quando a questão era deixar Sarajevo. De qualquer modo, era mais fácil para eles saírem do país do que cobrirem a guerra em outras partes da Bósnia, com os jornalistas estrangeiros. A grande maioria optou por ficar, para não deixar suas famílias e para ajudá-las com o dinheiro e comida que ganhavam (Amira S., Sabina C., Sanja B.).

¹⁵⁷ Sabina N. explica que foi para Split e Londres (no escritório da agência), pois a APTV disse que a contrataria se ela tirasse umas férias, mas que, quando chegou a Split, foi dar uma volta e começou a chorar, pois se deu conta que não sabia mais como atravessar uma rua: “Fiquei realmente aterrorizada, toda noite, durante uma semana, pois não sabia mais viver no mundo normal. Como vou atravessar a rua, como vou às compras? Eu não sabia mais”.

¹⁵⁸ A bomba que caiu na televisão foi muito citada nos relatos. Não somente Eldar E. e Asja R. foram feridos, mas também Rialda M., Hana P. e outros. O prédio da televisão é um prédio gigantesco de concreto espesso e maciço. Segundo Senad H., as paredes do edifício têm um metro de concreto. A bomba que caiu lá foi uma bomba modificada, extremamente potente, mas por um milagre, segundo todos, só uma pessoa morreu. Senad H. fala em 3654 o número de granadas que foram atiradas no prédio da televisão durante a guerra. Ver foto do edifício anexa (p. 406).

Sim, tinham mais comida. Além de receberem comida dos jornalistas, que sublinhavam que iam para Sarajevo com a mochila cheia de chocolates (Aida A.), remédios e sopas de pacotinho¹⁵⁹. Eles mesmos traziam mantimentos nas vezes em que saíam da cidade, e o alto salário que recebiam (100 a 200 dólares por dia) possibilitava que comprassem no mercado negro.

Histórias

A rotina dos correspondentes internacionais e seus fixers era cobrir os fatos: bombardeios, mortos e feridos, negociações políticas e *briefings* da ONU. Além disso, histórias de vida e *vox populi*, faziam parte da cobertura, ou seja, histórias de como se vive e sobrevive numa cidade cercada, bombardeada e sob alvo de franco-atiradores, que escolhiam sob a mira do fuzil quem iriam matar naquele dia. Explicar a guerra não era um tópico das reportagens, já que, “obviamente”, tratava-se de uma “agressão” à cidade vinda das montanhas ao redor, questão que vou desenvolver no capítulo seguinte.

Segundo Edina B.,

We had very rough routine. We had... WTN had 5 deadlines. Not creative, difficult and dangerous. Every time, people hide from sheltering and we had to go out to make pictures of bombings, find dead bodies in the morgue or falling in the streets.

Para Aida A., a cobertura variava, cobriam histórias de vida, realizavam entrevistas com políticos, iam a hospitais, prisões, falavam com militares, e sempre cobriam as atividades cotidianas e os acontecimentos: “Sarajevo era sempre *top story* no mundo.”

¹⁵⁹ Fernando Costa Netto, jornalista brasileiro que esteve em Sarajevo em 1993 e 1994, conta que em 1994, quando voltou a Sarajevo, “já sabendo o que ia encontrar, levei uns 80 sacos de sopa Knorr escondidos na mala, dentro do sapato, em tudo quanto é lugar, eu fiz um tráfico de sopa Knorr para Sarajevo, e levei um pedaço de queijo e um monte de chocolate. Fizem uma festa quando eu cheguei, comecei a mostrar as coisas para as pessoas e começou todo mundo a chorar, a me abraçar, falando que aquele dia era o natal deles, que eles não tinham há muitos anos, foi uma cena muito impressionante” (Informação Verbal. Entrevista a autora realizada no dia 6 nov. 2003).

Para Samir K., jornalista local da AP, havia sempre o lado bom e mau das histórias que fazia. O lado bom é quando elas tinham um efeito positivo, e citou exemplos, como uma matéria que fez sobre o balé de Sarajevo, que iria montar o Bolero de Ravel. E “por que o Bolero de Ravel?”, perguntou. E o grupo respondeu que era porque no Bolero os bailarinos dançam descalços e, como eles não tinham sapatilhas, eles iriam montar o Bolero. Depois que fez essa matéria, uma ONG americana enviou sapatilhas para a companhia de balé de Sarajevo. Lembrou da história da corredora de Sarajevo [Mirsada Burić] que treinava para as Olimpíadas de Barcelona, no estádio Zetra, fugindo dos franco-atiradores. Ele fez a matéria e conseguiu que ela pudesse sair de Sarajevo e fosse competir nas Olimpíadas. Disse ainda que a primeira história sobre Zlata Filipović¹⁶⁰ foi ele quem fez. Conta que fora convidado para participar de um evento cultural na casa de um amigo durante a guerra e ouviu que uma das meninas estava escrevendo um diário, “não foi por menos, no dia seguinte, eu já tinha a matéria da Anne Frank da Bósnia, que foi comprada no mundo todo, o que, no ano seguinte, possibilitou que Zlata e sua família fossem para a França”.

O lado ruim, segundo ele, era se deparar com amigos e parentes feridos ou mortos, ou lidar com a preocupação com a sua mãe, amigos, primos, vizinhos. E contou do dia em que viu seu professor de engenharia sem um pedaço da perna, que acabara de ser arrancada por uma granada, e que durante o resto do dia não conseguira escrever nada, tamanho o choque...

No dia-a-dia, coisas engraçadas aconteciam. Amra H. contou do jornalista francês que debaixo de bomba ligava para a sua mãe dizendo que estava tudo bem em Zagreb, “ela não podia nem sonhar que ele estava em Sarajevo!”. E contou das refeições: como tinha jornalista do mundo todo, eles faziam cada dia uma comida diferente, ela amou a comida indiana, e eles amaram quando ela fez *pita*.

Segundo Sabina Č., fixer da Reuters,

¹⁶⁰ Zlata Filipović ficou conhecida no mundo todo como a Anne Frank da Bósnia. Seu diário foi traduzido em muitas línguas, inclusive em português (Cf. FILIPOVIĆ, 1994). Mas não foi somente Zlata quem escreveu um diário. Aponto desde já os relatos de Edo Hozić (2008), Elma Softić (1996) e Željko Ivanković (1995).

The stories here were written themselves, não era preciso procurar muito, não era necessário ser muito criativo, cada família tinha uma história: alguém foi embora, alguém estava escondido, alguém tentava conseguir dinheiro de alguma forma, alguém foi morto.

E “havia histórias maravilhosas pela cidade”, que Sabina ajudava os jornalistas a encontrarem. Como a história da *Haggadah*¹⁶¹ de Sarajevo, que fora salva novamente por um muçulmano, curador do Museu Nacional. E uma de suas favoritas, sobre um homem que cuidava dos cachorros de rua:

Quando a guerra começou, obviamente a gente não tinha comida nem para as pessoas, muito menos para os animais, e muitos deixaram a cidade correndo ou foram evacuados em ônibus e não puderam levar seus bichinhos. E o animal ficou na rua, cachorros de raça ficaram nas ruas, completamente desorientados, pois eles eram cachorros e gatos domésticos e de um dia para o outro: *street dog*. Então após alguns meses de guerra, já havia milhares de cachorros e gatos rodando as ruas procurando comida. Chegou um momento que o governo recolheu esses animais para matá-los porque ofereciam riscos à saúde, mas, antes disso acontecer, a gente encontrou esse homem, que estava recolhendo os cachorros e os levando para os lugares de coleta de lixo, essas caçambas de lixo, cada rua tem a sua. Hoje você vê algumas pessoas rodando os lixos, elas faziam isso durante a guerra também, mas esse homem – pois a gente costumava receber ajuda humanitária, latas de carne ou peixe, e as pessoas não conseguiam comer tudo – então esse homem pegava os cachorros, e tinha uns 60 cachorros o seguindo num certo momento, e os levava para passear. Ele ia com eles até o lixo e simplesmente abria as latas para os cachorros – porque as pessoas abriam as latas e depois davam uma fechadinha e jogavam fora –, desse modo, os cachorros podiam lamber o óleo ou comer qualquer coisa que tinha sido deixada lá dentro. Depois ele levava os cachorros para o rio, onde podiam beber água. Então, durante esse tour, você tinha a cidade toda em frente das casas esperando por ele. E a gente o encontrou e o entrevistou. E ele era um amor de pessoa, *the dog guy*. Eu não sei o que aconteceu com ele, mas a cidade começou a recolher os cachorros e a matá-los. E virou um problema também, pois ele morava nesta parte da cidade [no centro] e os cachorros começaram a esperar por ele em frente de sua casa, a noite toda, 60 cachorros, e às 6 da manhã, ele descia e ia levá-los no tour, e a mulher dele começou a enlouquecer, pois os cachorros pulavam nele, as roupas ficavam sujas, e ela tinha que lavá-las e não havia água. A história era hilária, mas ao mesmo tempo muito tocante, pois o que restou para ele?: cuidar dos cachorros.

¹⁶¹ Hagadá (ou Agadá) ou *Haggadah* quer dizer “passagem”. É um livro sagrado judaico que traz passagens bíblicas que relatam a saída dos judeus do Egito e as preces relacionadas a ela, lidas nas noites de *Pessah*, ou Páscoa Judaica. A Hagadá de Sarajevo data do século XIV. Stephen Schwartz a descreve como “the most beautiful and valuable illuminated Jewish manuscript in the world” (2005, p. 17-18). Provavelmente originária da Catalunha, a Hagadá foi trazida para a Bósnia no século XIX, e mais do que um livro, é um símbolo local do pluralismo cultural bósnio, tanto pela sua preservação, como pelas vezes em que foi salva, durante a Segunda Guerra Mundial e durante o cerco a Sarajevo, em 1992.

Havia histórias estranhas também que os fixers não gostavam muito, ou sentiam-se usados ou envergonhados.

Merdijana S. descreve o trabalho de um jornalista:

Lembro-me quando chegou um produtor da WTN e disse, “vamos filmar *sniper*”! Então a gente ia de carro, que não era blindado, por um caminho em Dobrinja, o *sniper* começava a atirar e ele: “pronto, filmamos *sniper*”, e aí a gente fugia. E você, como fixer, não podia dizer que não ia, você tinha que ir aonde eles quisessem.

Amra H., que trabalhava para a AFP, acredita que o trabalho do jornalista é extremamente cruel algumas vezes. E lembra quando enterraram os primeiros corpos em Srebrenica (isso em 2003), 600 de uma só vez, e que ela estava lá, e viu aqueles 600 buracos com 600 pás ao lado de cada buraco, e tinha que perguntar para as mulheres o que estavam sentindo naquele momento. Ela simplesmente não tinha coragem. Além de que, como não podiam falar com todas, tinham que escolher cinco, e o critério de eliminação era sempre quem havia perdido mais parente ou quem estivesse em pior situação.

Sobre Srebrenica também, Merdijana S. fala de uma “estrela” da ABC, que cobrira a guerra no Vietnã...

Final de junho de 95, fui para Split descansar, pela primeira vez, estava exausta, mas aí, muito rápido, aconteceu uma coisa terrível: Srebrenica caiu e me mandaram de Split para Tuzla. E fiz a matéria sobre Srebrenica. Eu estava com aquela estrela da ABC. Já no aeroporto, via-se as mulheres aterrorizadas e falava-se que milhares de pessoas tinham sido mortas, que foi um horror. Para mim foi muito difícil, pois a jornalista não acreditava em nada do que as pessoas falavam, dizia que a situação era muito improvável e, freqüentemente, procurava a BBC no rádio, que era, desde o começo, o nome da verdade, se eles noticiavam, podia-se noticiar. Aconteceu então que ela me perde o rádio e me faz ir de barraca em barraca perguntar para quem tinha perdido tudo, marido, filho, irmão, se alguém tinha roubado o rádio dela. Ela não podia admitir que tinha perdido, mas sim que alguém tinha roubado seu pequeno rádio. Quem precisava disso?! E não era só que ela não conhecia a situação, ela não tinha nem um pinga de compreensão e sensibilidade e empatia em relação ao que estava acontecendo.

Quando o fixer vira a história

O fixer (ou câmera, técnico de som, jornalista local...) era antes de tudo uma pessoa que vivia em Sarajevo, que possuía família em Sarajevo e/ou em outras partes da Bósnia ou do mundo, que obviamente estava vendo seu país, seu ex-país e sua vida sendo destruídos ou ameaçados, e que estava em contato cotidianamente com os jornalistas estrangeiros. Muito facilmente, portanto, podiam virar histórias¹⁶².

Amra A. não se sentia feliz em ser vista desta maneira, sentia-se, sim, profundamente incomodada com o modo que olhavam para ela e para seus amigos.

Valida V., que trabalhou algumas vezes como intérprete para jornalistas estrangeiros que se hospedavam em seu hotel¹⁶³, contou a história da vez em que trabalhou para uma rede de televisão francesa.

Foi com os jornalistas para a loja Benetton, que tinha acabado de abrir em Sarajevo¹⁶⁴. Estava muito feliz na ocasião, pois poderia comprar sapatos novos, já que há quase quatro anos não tinham o que comprar na cidade: “nem sapatos, nem calcinhas”. O jornalista lhe perguntou então se podia filmá-la experimentando os sapatos. Ela disse que sim, “afinal, estava ganhando 100 marcos por um dia de trabalho”. E ele começou a lhe fazer perguntas e a filmar, e ela respondia. E perguntou o que ela achava dos sapatos e da Benetton na cidade. Ela disse que achava muito bom, “parecia a cidade voltando a ser cidade”; e o jornalista lhe perguntou do preço, ela disse que era preço de Benetton. Depois de um tempo, um amigo seu comentou que a vira na televisão e que ela dissera que os sapatos eram caros, mas que para ela não eram. Ela ficou desolada, mudaram sua fala na tradução da televisão e pareceu que ela era uma “riquinha arrogante em pleno cerco a Sarajevo”. E não adiantava contra-argumentar com seu amigo, pois, de

¹⁶² Erich Rathfelder, jornalista alemão em Sarajevo, conta, nesse sentido, que tinha uma rede de amigos em Sarajevo, cada dia visitava um e já tinha uma história...

¹⁶³ Segundo ela, somente o Holiday Inn e o Meridian, como se chamava seu pequeno hotel, funcionaram durante a guerra.

¹⁶⁴ A loja abriu em Sarajevo em setembro de 1995. Cf. BENETTON..., 1995.

acordo com seu relato, a mídia faz o que quer e o que ela faz é o que vale, e ela podia falar o que quisesse, que sempre o que vai valer é o que está gravado.

Aida Č., por sua vez, me deu orgulhosa duas reportagens da AP sobre ela. Uma era sobre seu filho Igor, que tinha dois anos no começo da guerra, e sua mochilinha de pingüim, com dinheiro, fraldas, fotografias dele com seus pais, alguma comida e informações da tia na Alemanha, caso eles se separassem ou alguma coisa acontecesse com ela (DANISZEWSKI, 1992). A outra reportagem era sobre ele já na Alemanha, após ter fugido de Sarajevo em um comboio, na casa da tia-avó (BOEHMER, 1993). Contou que a AP fez ainda uma história dela e de Julijana, a fixer de Belgrado. Pois quando acabou a guerra, a AP organizou um encontro entre os escritórios, com os fixers e o pessoal que se ajudou durante o cerco e que não se conhecia pessoalmente, e que foi muito emocionante, são muito amigas até hoje.

Vlado A., por sua vez, foi “personagem” de um documentário sobre a vida cultural durante a guerra.

Começou me contando de quando a Vijećnica (a biblioteca nacional) foi incendiada, em agosto de 1992...

por dias e dias voaram páginas de livros queimados, eram uns 2 milhões de livros, pedaços pretos e algumas páginas, onde ainda se podia ver letras. A cidade toda fedia a papel queimado. Em 1994, entrei lá pela primeira vez depois disso. Estava com a TV Belga. E eles me filmaram. Eu era o guia deles pela cidade e personagem do documentário¹⁶⁵. E me filmaram quando entrei na Vijećnica e como fiquei em choque diante do que vi¹⁶⁶.

¹⁶⁵ Sobre o documentário, Vlado conta que foi um documentário fantástico e que chegaram muito bem preparados. O documentário era sobre a resistência das pessoas pela cultura, teatro, música, poesia em Sarajevo. Encontraram então artistas conhecidos ou relativamente conhecidos vivendo sob a luz de velas, lendo e escrevendo livros, poesia, tocando violino (Cf. Entrevista com Vlado Azimović). Não consegui encontrar o documentário e Vlado não se lembrava do título.

¹⁶⁶ Amir T. explica que “quando os chetniks destruíram a Vijećnica”, não o fizeram porque era um prédio histórico e simbólico, mas sim, para destruir o registro das propriedades privadas – que foram sendo estatizadas, segundo ele, durante o Reino iugoslavo, e mesmo durante a Áustria-Hungria, paralelamente à abolição dos títulos de nobreza otomanos (como os de begue, paxá e agá) (não confirmei essas informações). O mesmo aconteceu no dia 17 de maio de 1992 com o Instituto Oriental, em Marijin Dvor, que era um arquivo fechado, que tinha mais documentos que a Vijećnica. De lá não conseguiram recuperar nada, da Vijećnica, alguma coisa foi recuperada. Existem cópias de alguns desses documentos em Viena, na Eslovênia, em Istambul, mas os originais foram perdidos. Há um livro incrível sobre o Instituto Oriental e o que foi então perdido (Cf. KOLLER; KARPAT, 2004), que

O mesmo Vlado A. conta, entretanto, como se sentiu humilhado quando foi filmado pelo jornalista da CNN, com quem trabalhava, tentando sair do carro, fugindo dos tiros disparados pelos franco-atiradores.

Ou seja, ser usado como história não, necessariamente, é uma experiência negativa, como foi para Valida V., para quem o problema não era nem ser filmada, “afinal, por 100 dólares ao dia!”, mas sim, ter sua imagem adulterada, ou objeto de humilhação ou piedade.

Mídia local e controle da mídia

O jornalismo não é o mesmo quando você senta na sua casa, com sua mulher e filhos e teme pela vida deles e precisa ainda reportar, e quando você chega de alguma parte do mundo, do Brasil, por exemplo, ou dos EUA, para reportar. Para estes, isso nada significa, é só um lugar qualquer onde acontece uma guerra. Para nós, é toda nossa vida. (Boro K.)

Nossas notícias não tinham muitas fontes, só uma, o nosso exército ou o sujeito que foi para campo. A deles tinha um pouco mais. Sim, nós tínhamos também a comunidade internacional. Mas eles tinham o exército, a comunidade internacional, nós e “eles”. “Eles”, do outro lado da rua, os inimigos. (Boro K.)

Apesar de não ser precisamente o tema da pesquisa, o papel dos meios de comunicação locais na fabricação da guerra, incitando o medo e atizando o nacionalismo, e a forma como a mídia (e aqui se deve ter em mente também a mídia na Sérvia e na Croácia) foi quase totalmente cooptada a partir de meados da década de 1980 neste sentido, veio à tona, seja por pistas nos relatos, seja na indicação de dois livros como “imprescindíveis” para a minha pesquisa: “Prime

descreve o material de valor incomensurável que existia neste instituto, referente ao período sob o regime otomano: manuscritos em árabe, turco, persa e bósnio. O instituto foi fundado em 1950. Muitas pesquisas foram nele realizadas. Tenta-se recuperar o que foi perdido através dessas memórias, registradas em trabalhos acadêmicos e em microfilmagens e a partir de cópias existentes na Bósnia ou no exterior. O livro é uma introdução a esse universo de temas e fontes (perdidas, muitas delas).

time crime: Balkan media in war and peace” (2003), de Kemal Kurspahić, e “Forging war: the media in Serbia, Croatia, Bosnia and Hercegovina” (1999), de Mark Thompson. E de fato, segui o relato destes dois autores para escrever o breve esboço que se segue sobre a mídia durante o regime de Tito e como ela se transformou com a ascensão dos regimes nacionalistas na década de 1990 e final da década de 1980. Aproveito esse momento do texto também para introduzir fatos que antecederam o conflito armado.

Antes das guerras na ex-Iugoslávia, cada república e província autônoma tinha sua rádio e televisão estatais¹⁶⁷ e principais jornais e revistas, cujas diretorias e editorias-chefe eram apontadas pelo Partido Comunista local (a Liga dos Comunistas).

Na Bósnia, antes da guerra, todos os veículos de mídia e instituições do governo respeitavam as cotas nacionais, com igual (ou proporcional) participação das três nacionalidades constitutivas – muçulmana, sérvia e croata – além de iugoslavos¹⁶⁸ e outros.

Kemal Kurspahić percebe três momentos na história da Iugoslávia, ou “three different stages of searching for its brand of ‘socialism with a different face’” (2003, p. 6), que podem ser verificados também no desenvolvimento da mídia e da liberdade de imprensa.

O primeiro, de 1945 a 1950, foi marcadamente stalinista, baseado no modelo soviético de propaganda comunista e controle da mídia. O Comitê Central do Partido era encarregado de indicar editores-chefes e diretores, que filtrariam a

¹⁶⁷ As rádios e televisões eram identificadas com o nome da capital, ou seja, RTV Belgrado, RTV Zagreb e RTV Sarajevo. Após as independências desses Estados, cada uma renomeou sua rádio e televisão para RTV Sérvia (RTS), RTV Croácia (HRT) e RTV Bósnia-Herzegóvina (RTVBiH, depois BHRT). Cf. SCOTT, 2007; THOMPSON, 1999.

¹⁶⁸ Segundo Thompson (1999), a maioria era sérvia, pois estes se identificavam como iugoslavos. Acho problemática essa afirmação, pois me parece que o autor parte do pressuposto que, como “iugoslavo” é uma identidade inventada (como se as demais também não fossem), deve-se olhar quem eles eram “de verdade”.

informação que seria veiculada. A Tanjug¹⁶⁹ era a única responsável e autorizada a produzir notícias.

O segundo momento foi de 1951 a 1974. Em 1948, a Iugoslávia foi expulsa do Cominform (a agência de informação comunista liderada pela União Soviética, que reunia os partidos comunistas da Europa e os novos países comunistas, pós-Segunda Guerra Mundial).

Tito rompe então com Stalin e começa a vigorar na ex-Iugoslávia uma forte propaganda contra este e a União Soviética, e a projeção de uma imagem do país diferente da do Leste europeu¹⁷⁰. Segundo Kurspahić, isso favoreceu o jornalismo, que, embora ainda tenha indicado pelo Partido, os cargos mais altos (de editor-chefe e diretor), a implementação da autogestão nos mais diversos campos, fez com que editores e jornalistas passassem a ser contratados com base no profissionalismo. “Notícias internacionais” passaram a ser um tema de todos os jornais, e não somente da Tanjug, e a liberdade de imprensa se verificava na cobertura internacional e algumas vezes na cobertura de cultura e esporte. Política interna, críticas a Tito e ao Partido mantiveram-se como matérias proibidas até a década de 1960, quando houve momentos de maior ou menor liberdade de imprensa.

Nesse período, pode-se dizer que os principais veículos de mídia iugoslavos – cabe citar a Tanjug, agência de notícias iugoslava, o *Politika*, principal jornal da Sérvia, o *Oslobođenje*, principal jornal da Bósnia e as RTVs (rádios e televisões) – mantinham uma equipe de correspondentes em vários países da Europa, nos EUA e em países da Ásia e África que faziam parte do Movimento dos Países Não-Alinhados (movimento, como vimos, criado por Tito, que propunha ser e foi uma terceira via, neutra, durante a Guerra Fria).

Por fim, o terceiro momento, de 1974 a 1980, pós-Constituição de 1974, caracterizou-se pela descentralização da Iugoslávia. Mantém-se a lealdade

¹⁶⁹ *Telegrafska agencija nove Jugoslavije* (Agência Telegráfica de Notícias da Nova Iugoslávia). Só para lembrar, a “Velha Iugoslávia” foi a monarquia pré-Segunda Guerra Mundial.

¹⁷⁰ Várias pessoas são então perseguidas somente por demonstrar alguma simpatia ou simplesmente dúvida em relação a Stalin.

partidária, mas há o aumento do controle das repúblicas e províncias autônomas em todas as esferas da vida, inclusive sobre a mídia.

Após a morte de Tito, em 1980, a lógica se manteve a mesma. O controle da mídia e de outras esferas públicas já tinha sido transferido do governo federal, em Belgrado, para as capitais das repúblicas e províncias, e, em suas palavras,

Used to living under their beloved “father of the nation” for almost four decades, Yugoslav peoples – starting with the Serbs – were primed to embrace new, undisputed leaders. The media led the way. The Serbian media and intellectuals celebrated Milosevic as the “new Tito”, while the Croatian media portrayed Tudjman as the “father of the nation” (...). Similarly, most of the media offered new ruling parties the same slavish support they had provided to communists. (KURSPAHIĆ, 2003, p. 25)

Para Kurspahić, Slobodan Milošević é um dos grandes responsáveis pelo nacionalismo seguido de guerra na ex-Iugoslávia. E para ele, a mídia que fez Slobodan Milošević – particularmente a Rádio e Televisão Belgrado e o grupo *Politika* –, o apoiando, escrevendo contra seus oponentes, abrindo caminho para ele no poder. Foi ela que interpretou na chave nacionalista as manifestações e incidentes que aconteceram no Kosovo a partir de 1981. Foi ela que repetiu centenas de vezes na televisão sérvia a frase de Milošević no Kosovo, por ocasião de uma manifestação sérvia contra a “violência albanesa contra sérvios” em 1987, de que os protegia (violência esta isolada e muitas vezes sem cunho nacionalista, segundo Kurspahić)¹⁷¹. Foi a mídia também que armou o escândalo que tiraria o então presidente da Sérvia, Ivan Stambolić, do poder, abrindo caminho para que Milošević, como presidente da Liga dos Comunistas da Sérvia, o sucedesse¹⁷². Isso tudo acompanhado de expurgos na RTV Belgrado e no *Politika* de pessoal que não concordasse com a nova linha editorial em voga¹⁷³.

¹⁷¹ Slobodan Milošević fez então sua primeira aparição pública, justamente no Campo dos Melros (Kosovo Polje), onde se deu a lendária batalha e derrota do reino medieval sérvio contra o Império Otomano, em 1389. Lá, ele falou em nome de todos os sérvios da ex-Iugoslávia: “nada nem ninguém colocarão a autonomia e a liberdade sérvia em risco”.

¹⁷² Milošević era amigo próximo de Ivan Stambolić (sobrinho de Petar Stambolić, grande político comunista), que seguiu carreira política e levou Milošević consigo. Em 1987, Ivan Stambolić era presidente da Sérvia, e Milošević, presidente da Liga dos Comunistas da Sérvia. Stambolić deixou

Ou seja, segundo Kurspahić, “The Serbian media played a crucial role in Milosevic’s rise to power, not only promoting him publicly as a protector of all Serbs (...) but also in the direct involvement of key media executives in the conspiracy to bring him to power” (2003, p. 41).

Kurspahić cita ainda a política do jornal *Politika* e da RTV Belgrado de apoio ao nacionalismo sérvio e ao Memorandum da Academia Sérvia de Ciências e Artes (*Srpska akademija znanosti i umetnosti*, ou SANU). O Memorandum foi escrito por essa academia em 1986, como reação ao “genocídio” contra os sérvios no Kosovo. Denunciava este suposto genocídio e, entre outras coisas, o fato da Sérvia não possuir um estado nacional (pois dividida em três – Sérvia, Kosovo e Voivodina – e com populações também na Bósnia e na Croácia), além do domínio econômico da Eslovênia e da Croácia na Iugoslávia: “The entire document (...) was a list of Serbian grievances against ‘the others’ from ancient times to present-day Yugoslavia, and a battle cry to rectify those grievances” (KURSPAHIĆ, 2003, p. 33).

Nesse contexto, o governo sérvio começa a organizar passeatas na Voivodina, primeiramente, e depois em Montenegro, em apoio às “vítimas sérvias e montenegrinas no Kosovo” e contra os governos desses dois territórios, que acabaram, por fim, renunciando.

Do mesmo modo, após greve de fome de mineiros no Kosovo, seguida por manifestações de apoio vindas da Eslovênia, massas pedem ao parlamento de Belgrado que prendam Azem Vllasi, presidente dessa província. Este é preso e a

a presidência após desavença alimentada pela mídia, entre o presidente do Comitê da Cidade de Belgrado, Dragiša Pavlović, e Milošević. Pavlović se opunha a crescente campanha da televisão de Belgrado e do *Politika* de estigmatização dos albaneses no Kosovo. Stambolić escreve ao Comitê para não colocar Pavlović na pauta de discussões. Após isso, Dušan Mitević, membro do Comitê, amigo da família de Milošević, e um dos chefes da RTV Belgrado, divulga a carta de Stambolić, alegando que Stambolić usava indevidamente seu poder contra a liderança do Partido. Com Stambolić fora, Milošević assume a presidência da república. Cf. KURSPAHIĆ, 2003.

¹⁷³ Matthew Collin, em seu livro sobre a rádio B92, diz que além dos expurgos na mídia, Milošević colocou pessoal de sua confiança na Universidade de Belgrado, no Museu de Arte Contemporânea, no Teatro Nacional e na Biblioteca Nacional. Em suas palavras: “O regime começava a estender seus tentáculos, controlando todas as esferas da vida pública, desde a mídia até os sistemas judiciário e educacional, desde o exército até as artes” (2006, p. 69).

Sérvia finalmente aprova a reforma constitucional – por unanimidade – que anulava a autonomia de suas duas províncias autônomas, Kosovo e Voivodina¹⁷⁴.

Após isso, em junho de 1989, Milošević vai ao Kosovo na comemoração do 600º aniversário da Batalha de Kosovo e inicia uma campanha por todos os sérvios em um mesmo território (ou seja, pela “Grande Sérvia”), com ataques verbais a eslovenos e croatas e rememorações das atrocidades cometidas pelos ustashas na Segunda Guerra Mundial – com escavações, seguidas de exumações e “apropriados” funerais ortodoxos para as vítimas sérvias mortas pelo regime ustasha.

Aqui cabe um pequeno parêntese sobre o Kosovo¹⁷⁵.

Kosovo (ou “Kosova”, em albanês; ou “Kosovo i Metohija”, como o chamam na Sérvia e em Montenegro) é considerado o berço da civilização sérvia, com muitos monastérios ortodoxos e histórias – ilustradas em uma tradição de canções e poemas épicos –, que marcam o apogeu da Sérvia na Idade Média até a dominação otomana, consumada no ano fatídico de 1389, com a Batalha de Kosovo, no Campo dos Melros.

Foi durante as guerras balcânicas de 1912-1913 que Kosovo passou a fazer parte da Sérvia novamente (ou “voltou a fazer parte da Sérvia”).

Após a Primeira Guerra Mundial, albaneses kosovares começaram a ser deportados para a Turquia, em algumas tentativas, sem sucesso, de “desalbanização” da província, que só cessaram após meados da década de

¹⁷⁴ A Constituição de 1974 deu o direito a todas as unidades federativas de votarem suas próprias constituições e de terem presidentes, presidências, parlamentos, ministros, incluindo o de relações exteriores, e competências na economia, saúde e educação. No caso da Sérvia, as províncias tinham poder de veto para mudanças na constituição da Sérvia; a Sérvia, por sua vez, não tinha poder de veto em relação às constituições das províncias. Com a deposição dos presidentes de Kosovo e Voivodina e substituição destes por partidários de Milošević, a reforma constitucional de 1989 não pôde ser vetada (Cf. VEJVODA, 1996). Alguns falam que, nesse momento, a JNA tinha poderes o suficiente e deveria ter impedido a ascensão do nacionalismo e praticamente o “golpe” de Milošević, com controle então de 50% da SFRJ (Kosovo, Voivodina, Sérvia e Montenegro), mas não o fez (Cf. VASIĆ, 1996, p. 137).

¹⁷⁵ Cf. MALCOLM, 1998; MURŠIĆ, 2000; PERES, 2005, p. 135-137; RAMET, 2002; VICKERS, 1998.

1960, com as reformas constitucionais descentralizadoras de Tito e com o afastamento de Aleksandar Ranković do poder. Como afirmei anteriormente, Ranković era ministro do interior iugoslavo e responsável pelo aparato policial iugoslavo – UDBA, *Uprava državne bezbednosti*, a polícia secreta iugoslava. Considerado anti-albanês e centralizador, foi acusado de cometer crueldades contra albaneses do Kosovo e húngaros da Voivodina, até ser afastado do governo.

As reformas descentralizadoras, que davam maior autonomia para os habitantes do Kosovo, culminaram na Constituição de 1974, que só não deu o estatuto de república à província em nome. Com elas, criou-se também o “Fundo Federal para o Desenvolvimento Acelerado das Regiões Subdesenvolvidas”, do qual, 40% era destinado ao Kosovo, de fato, a região mais pobre da ex-Iugoslávia.

Este passou então por rápido desenvolvimento e urbanização, o que incentivou a formação de uma elite intelectual albanesa, favorecida pela reaproximação da Iugoslávia com a Albânia (possibilitando a troca de livros, de professores etc.) e pela abertura de postos de trabalho, antes ocupados basicamente por sérvios.

No começo de 1981, protestos estudantis por melhores condições na Universidade de Priština foram violentamente reprimidos pela polícia sérvia; as manifestações então se generalizaram e adquiriram conotações sócio-econômicas e nacionalistas¹⁷⁶: queriam o estatuto de república.

A resposta a estas e outras manifestações que se seguiram veio na forma de repressão, estado de emergência, prisões, violência etc., culminando na supressão da autonomia do Kosovo e da Voivodina.

Em 1989, entretanto, não houve apenas a supressão de uma autonomia política, mas também a supressão do direito de usar a língua albanesa nos meios

¹⁷⁶ Bougarel chama isso de “transferência nacionalista” de frustrações políticas e econômicas. E acredita que não podem ser vistas simplesmente como manipulação das elites políticas rivais, mas sim, encontram sua inteligibilidade nos modelos comunitários das próprias populações. Tais transferências, segundo este autor, com a crise econômica iugoslava dos anos 1980, espalharam-se por todas as comunidades e repúblicas. Nesse meio, Milošević e o papel da Igreja Ortodoxa Sérvia e da Academia de Ciências e Artes da Sérvia, segundo ele, são a regra, e não, a exceção (1996, p. 94).

de comunicação e escolas, a formação de uma polícia basicamente sérvia e uma política explícita de serbianização (língua, nomes de ruas, proibição de instituições culturais albanesas etc.).

Os albaneses foram então demitidos de quase todos os órgãos públicos – como saúde, cultura, educação e comunicação – e substituídos por funcionários sérvios e montenegrinos. E, levando em consideração que muitos dos bens e direitos sociais, como saúde e moradia, estavam diretamente ligados ao emprego da pessoa, muitos perderam inclusive o direito de residir em seus apartamentos.

Frente a essa situação, os albaneses se organizaram, recusando a legitimidade e a legalidade do Estado sérvio no Kosovo e formando um estado paralelo.

Em setembro de 1991, um comitê de partidos políticos, incluindo a Liga Democrática do Kosovo (LDK), presidida por Ibrahim Rugova, que seria então eleito presidente, elaborou a “Resolução para a Independência e Soberania do Kosovo”, submetida a referendo popular e aprovada.

No dia 19 de outubro de 1991, foi declarada a independência do Kosovo – não reconhecida internacionalmente, apenas pela Albânia. Paulatinamente, a administração paralela foi se consolidando, com a fundação de universidades paralelas, sistema de saúde, escolas, sistemas político e administrativo. E se, anteriormente, movimentos autonomistas kosovares pretendiam a manutenção do Kosovo enquanto sétima república dentro da SFRJ, após as secessões da Eslovênia e da Croácia, esta possibilidade logo deixou de existir, o objetivo passava a ser a independência e, para alguns, a união com a Albânia.

Paralelamente, em maio de 1990, Franjo Tuđman¹⁷⁷, do HDZ (*Hrvatska demokratska zajednica*, União Democrática Croata), assume a presidência da

¹⁷⁷ Tuđman era um historiador croata e antigo general da JNA. Foi diretor de um grande instituto histórico do Partido Comunista em Zagreb. Porém, foi expulso da Liga dos Comunistas da Croácia nos expurgos de líderes de orientação nacionalista, que atingiu seu ápice no final de 1971. Estava também entre os intelectuais croatas que minimizaram a extensão dos crimes cometidos pelos ustashas durante a Segunda Guerra Mundial, escrevendo um livro (*Bespuća povijesne zbiljnosti*

Croácia. (Para Kurspahić, “It was the Serbian leader’s drive for domination that all but ensured the victory of nationalist forces elsewhere” (2003, p. 61)¹⁷⁸).

Rapidamente, expurgos começam a ocorrer nas editorias dos principais jornais e rádio e televisão croatas. Antigos simpatizantes do regime ustasha, aliados dos nazistas na Segunda Guerra Mundial, retornam ao país e ganham posições no governo e em diversas instituições (como retribuição ao apoio destes e financiamento do HDZ), isso somado ao restabelecimento do kuna, como moeda, e da bandeira xadrez (usados nos anos 1940, pelo regime ustasha), a redução de sérvios nos quadros públicos, como polícia, administração pública e mídia, e a redução destes ao status de minoria.

Apenas dois meses após a eleição de Tuđman, a RTV Zagreb é renomeada HRT (Rádio e Televisão Croata), com aliados do Partido (HDZ) nas posições editoriais e de gerência. Expurgos na TV aconteciam ou porque o jornalista era sérvio, ou sua esposa/marido era sérvio/a, ou porque o pai era da JNA, ou porque não apoiavam o HDZ¹⁷⁹.

Esse é o quadro da mídia antes da guerra e que antecipou a saída da Eslovênia e da Croácia, primeiramente, e depois da Bósnia e da Macedônia, da ex-Iugoslávia¹⁸⁰.

Kurspahić vê continuidade, e não ruptura entre comunismo e nacionalismo na Croácia e na Sérvia, ao analisar o lugar da mídia em ambos os momentos. Em suas palavras:

[Realidade histórica sem saída]. Zagreb: Matica Hrvatska, 1990) onde reduz o número de sérvios mortos durante o regime nazista e classifica o campo de concentração de Jasenovac como um “mito”. Cf. DENICH, 1994, p. 376.

¹⁷⁸ Ver também Anđelić (2003).

¹⁷⁹ Cf. KURSPAHIĆ, 2003.

¹⁸⁰ Cabe citar, contudo, que havia alguma mídia independente durante a guerra tanto na Sérvia como na Croácia. Segundo Kurspahić, na Sérvia, pode-se citar particularmente a rádio e hoje rádio e televisão B92 e a revista *Vreme*. Outros veículos passaram um período na oposição até serem tomados pelo governo, como é o caso do jornal *Borba*, entre outros. Na Croácia, pode-se citar o *Feral Tribune*, o *Slobodna Dalmacija* (até ser tomado pelo governo também) e o jornal regional *Novi list*, de Rijeka, além da Rádio 101. Na Bósnia, o *Oslobođenje* e as revistas *BH Dani* e *Slobodna Bosna* podem ser citados.

“Patriotic journalism” in Serbia under Milosevic and in Croatia under Tudjman operated on the same simple formula: Yugoslav patriotism was replaced with Serb or Croat patriotism, Communist ideology with nationalist ideology, the old ruling party’s dictates with the new ruling party’s dictates. The new leaders used the same instruments to control the media: the appointment of the most loyal party ideologists to all top positions in the state-controlled media, especially radio and television and the leading national dailies, leaving them to appoint and control their own loyal editors. In both Serbia and Croatia, dozen of the best journalists lost their jobs resisting the patriotic call to spread hatred and intolerance. They were replaced immediately by others who were eager to serve, national enthusiasts who are perhaps best represented by a young, female Croatian TV journalist who proudly announced on the air, “I am ready to lie for my homeland!” (2003, p. 86).

Sobre a Bósnia, Kurspahić explica que por ser a república mais misturada, com pelo menos três nacionalidades constitutivas, sempre foi a que esteve sob maior controle do Partido¹⁸¹, o mesmo valendo para a mídia, onde questões nacionais eram evitadas a todo custo e o debate público sobre questões nacionais ou críticas ao Partido, nos jornais, rádio ou TV, simplesmente, não existia. Isso até meados da década 1980.

As Olimpíadas de Inverno de 1984 em Sarajevo trouxe uma revigoração geral da cidade. Anteriormente, citei o crescimento da cidade com a construção dos bairros de Dobrinja e Mojnilo. Somado a estes, podemos citar também a construção do conjunto desportivo Zetra, em 1982, e do hotel Holiday Inn. Kurspahić atenta também para um novo espírito nas artes e cultura, de modo geral.

Este revigoramento, todavia, veio acompanhado de grandes escândalos na cúpula da Liga dos Comunistas da Bósnia. Em 1987, descobre-se que um grande conglomerado agrícola e comercial, o Agrokomerc, dirigido por Fikret Abdić, foi construído com falsas notas promissórias. A investigação desse caso leva à deposição de muitos membros do Partido (incluindo o vice-presidente) e ao descobrimento de outros casos de corrupção, nepotismo e uso indevido de

¹⁸¹ Neste sentido, a principal característica do regime na Bósnia, nas palavras de Anđelić, era que “Every politician primarily fought nationalism in his own ethnic group” (2003, p. 41).

recursos públicos, que passam a ser noticiados pela mídia, que divulgava o que acontecia nas reuniões do Comitê Central.

Os antigos membros do Partido pedem então demissão ou o deixam e uma nova liderança mais liberal os substitui (com Zdravko Grebo, depois fundador da Radio Zid; Nenad Kecmanović, que será o representante dos reformistas nas primeiras eleições multipartidárias; Nijaz Duraković, entre outros)¹⁸².

No *Oslobođenje* e na RTV Sarajevo, editores e diretores, antes apontados pelo Partido, passam a ser eleitos com base no profissionalismo do jornalista. Muitas pessoas se desligam do Partido, especialmente trabalhadores, e, segundo Anđelić, manifestações contra o aumento da pobreza, greves, manifestações estudantis etc. passam a ter uma visibilidade que antes não tinham, pois a mídia ganha uma liberdade até então desconhecida e novos programas na rádio e na televisão passam a tratar temas até então proibidos.

Sobre o *Oslobođenje*, Kurspahić conta que o jornal torna-se um fórum para livre expressão de diferentes visões e idéias sobre o futuro do país, apoiando o pluralismo político e o projeto do primeiro-ministro da Iugoslávia, Ante Marković, de reforma política e econômica, que tratarei melhor mais adiante.

As populações sérvias e croatas da Bósnia, principalmente, não estavam imunes, entretanto, ao que acontecia nas repúblicas vizinhas¹⁸³:

Although the Bosnian media remained loyal to the tradition of inter-ethnic tolerance and refused to be drawn into nationalist propaganda, they couldn't protect Bosnians from the call to arms coming first from Milosevic's Serbia and then from Tudjman's Croatia. The Bosnian media market was free and open to all. Sarajevo Television, in addition to its own prime-time news journal, regularly broadcast evening news from Belgrade and Zagreb on its second channel. Bosnian kiosks carried alongside *Oslobodjenje* all the newspapers from Belgrade and Zagreb, already deeply engaged in the "media war". (2003, p. 95)

¹⁸² Cf. ANDJELIC, 2003.

¹⁸³ Anđelić (2003) acredita que o aumento do nacionalismo na Sérvia e nas outras repúblicas influenciaram principalmente a população fora das cidades. Segundo ele, nas cidades, uma sociedade civil organizada, democrática, começou a aparecer neste momento, trazendo demandas não vinculadas a questões políticas e/ou nacionais (ou seja, demandas por melhorias nas universidades, melhores condições de trabalho, manifestações contra a poluição em Tuzla e Zenica etc.).

As primeiras eleições multipartidárias que ocorreram na Bósnia em novembro de 1990 (concordando com as análises de Anđelić (2003), Denitch (1996), dentre outros), configurou-se praticamente como um censo étnico¹⁸⁴, pois as pessoas votaram em seus representantes nacionais.

Dois terços de cada “etnia”, segundo Anđelić (2003), votaram no partido que os representava, ou seja, para o SDA (*Stranka demokratske akcije*, Partido da Ação Democrática), muçulmano, o SDS (СДС, *Српска демократска странка*, Partido Democrático Sérvio, sob liderança de Radovan Karadžić¹⁸⁵) e o HDZ (*Hrvatska demokratska zajednica*, União Democrática Croata), que fizeram uma aliança contra a Aliança Reformista (SRSJ, *Savez reformskih snaga Jugoslavije*, Liga das Forças Reformistas da Iugoslávia, de Ante Marković) e o SKBiH-SDP (*Savez komunista BiH*, Liga dos Comunistas da Bósnia-Herzegovina-*Socijaldemokratska partija*, Partido Social-Democrata)¹⁸⁶.

O SDA, que representava os muçulmanos bósnios, surgiu em 1990, com a primeira reforma partidária que implementava o multipartidarismo na ex-Iugoslávia. Seu líder e fundador, Alija Izetbegović, foi o primeiro presidente da presidência bósnia, eleita neste momento¹⁸⁷.

¹⁸⁴ Segundo Bougarel (1996), os censos eram o único modo de expressar a nacionalidade durante a ex-Iugoslávia e davam a base para a distribuição dos postos mais altos de trabalho.

¹⁸⁵ Karadžić foi líder dos sérvios bósnios e presidente da Republika Srpska, auto-proclamada no começo de 1992. Em 2008, foi finalmente preso por genocídio e crimes de guerra e levado para julgamento em Haia, pelo TPI.

¹⁸⁶ Assim foi renomeada a antiga Liga dos Comunistas, agora dos comunistas reformados, que apoiavam as reformas econômicas. Suas desavenças com os Reformistas eram basicamente desavenças pessoais. Ambos os partidos se uniram finalmente em 1999 no SDP, sob a liderança de Zlatko Lagumdžija, ainda hoje, presidente deste partido. Cf. ANDJELIC, 2003, p. 180-181.

¹⁸⁷ A presidência era formada por sete membros que revezariam em sua liderança. Foi então formada por dois muçulmanos do SDA (Izetbegović e Fikret Abdić), dois croatas do HDZ (Stjepan Kljuić e Jure Pelivan, que assumiu o cargo de líder do governo, ou primeiro-ministro), dois sérvios (Nikola Koljević e Momčilo Krajišnik, que assumiu o cargo de líder do parlamento), e um “outros” (Ejup Ganić, também do SDA, que se auto-declarava como “iugoslavo”). Alija Izetbegović foi, deste modo, um dos vencedores das eleições em 1990. Como bem lembrou Denitch (1996), Izetbegović não fora então eleito presidente da Bósnia, e sim, membro de uma presidência formada por sete representantes. Uma cláusula na constituição, de dezembro de 1992, estabeleceu que ele continuaria como o líder da presidência enquanto durasse o conflito. Izetbegović governou o país durante a guerra e até 2000, em muitos momentos desprezando a presidência que representava, com anuência da comunidade internacional, que o via como o líder legítimo do país. Faleceu em 2003.

Tanto o SDS como o HDZ tiveram grande influência de Belgrado e de Zagreb, respectivamente; no caso do SDS, particularmente num primeiro momento.

Durante a campanha, foi interessante para tais partidos “nacionais” ou “étnicos” o aumento do nacionalismo na sociedade, para atraírem maior apoio popular. As igrejas católicas e ortodoxas incentivaram a adesão dos fiéis ao HDZ e ao SDS; o mesmo se verificando entre os muçulmanos, com os imãs atraindo pessoas para o SDA¹⁸⁸. Os três principais partidos nacionais mostravam ainda respeito em relação uns aos outros, pois conformariam um governo comum no futuro.

Mas, uma vez no poder, o que era uma coalizão contra os oponentes reformistas e comunistas, passou a ser um não-governo, sem consenso algum, cujo único objetivo era fortalecer a si próprio e ao seu grupo étnico-nacional. Concordaram, no entanto, em novamente controlar a mídia, escolhendo seus editores e diretores sob o regime de cotas étnicas, mas não conseguiram.

Com o início dos confrontos na Eslovênia e na Croácia, nas palavras de Kurspahić, “Bosnian media – Sarajevo Radio and Television and *Oslobodjenje* – faced the events leading to the violent disintegration of Yugoslavia under entirely different circumstances than their colleagues in Serbia and Croatia” (2003, p. 96).

O *Oslobodjenje* cobriu a guerra na Croácia mantendo-se objetivo, segundo Kurspahić, focando relatos terríveis sobre a guerra e usando a Hina (a recém-fundada agência de notícias croata) e a Tanjug, lado a lado. Ou seja, o que movia a mídia bósnia então era a sua oposição à guerra. Com as ambições de Tuđman e Milošević de dividirem a Bósnia, plano acertado por eles, acredita-se, em março de 1991 em Karađorđevo¹⁸⁹ (um sítio de caça de Tito), a posição da mídia passa a ser pela independência do país.

¹⁸⁸ Cf. ANDJELIC, 2003.

¹⁸⁹ Muitos não acreditam nesse plano. O Cardeal Vinko Puljić, por exemplo, acredita que Tuđman não teve nada a ver com a guerra na Bósnia, onde lutaram “nossos croatas”, ele somente defendeu a Croácia. Quando estive em Zagreb, ouvi que tal acordo é possível (Sanja M.), ou que só se soube deste depois da guerra (Boris K.). Segundo Anđelić (2003), o encontro foi para acertar a divisão da Iugoslávia, mas como não concordavam em relação à Krajina, houve guerra. Bougarel diz que o plano foi supostamente acertado no dia 25 de março de 1991 e apresentado a

Em agosto de 1991, o SDS começa a tomar antenas de transmissão da RTV Sarajevo e as redirecionar para captar os sinais vindos de Belgrado. A primeira foi em Kozara, entre Banja Luka e Prijedor, que cortou o sinal vindo de Sarajevo, transmitindo somente as emissões da RTV Belgrado em grande parte da Bósnia. Ou seja, antes mesmo da guerra, regiões como Banja Luka, entre outras, assistiam somente ao noticiário de Belgrado, logo, à propaganda veiculada por este, a respeito de como os sérvios são vítimas, e às notícias distorcidas sobre a guerra na Croácia e depois na Bósnia¹⁹⁰.

Constant war propaganda divided Serbs and Muslims who had lived together peacefully in Banjaluka, Prijedor, Sanski Most, Bosanski Novi, and dozens of other neighboring communities. Belgrade TV rhetoric concerning “threatened people”, “the reawakening of the Ustasha”, “national survival”, “the Croat-Muslim conspiracy”, and “the Islamic threat” replaced the traditionally balanced reporting of Sarajevo TV, gradually separating long-standing neighbors and even close friends. (KURSPAHIĆ, 2003, p. 98)

Logo após Kozara, outras antenas de transmissão foram tomadas. A recepção da TV Sarajevo ficou reduzida a menos da metade do território, isso em 1991, antes mesmo do referendo de 28 de fevereiro/1 de março de 1992, quando 65% das pessoas votaram pela independência, os sérvios boicotaram e o SDS instalou barricadas em Sarajevo e por todo o território, preparando-se para a guerra.

No dia 5 de abril, bósnios de todas as nacionalidades tomaram as ruas. Em frente ao parlamento, comemoravam o reconhecimento da independência e manifestavam-se pela paz¹⁹¹, quando tiros vindos do Holiday Inn, onde a liderança

Izetbegović em junho deste ano, o que não significava que as posições destes não fossem ambíguas – vide o acordo entre o SDS e o MBO (dissidência do SDA, fundado por Adil Zulfikarpašić), garantindo a integridade da Bósnia dentro da Iugoslávia; ou o plano de cooperação política e militar assinado em Zagreb, pela Bósnia e Croácia; ou o encontro secreto em Graz, de Mate Boban (líder dos croatas bósnios) e Karadžić, estabelecendo um compromisso territorial servo-croata na Bósnia; isso tudo em maio e junho de 1991, de acordo com este autor (1996, p. 102).

¹⁹⁰ Sobre a cobertura da TV sérvia da guerra na Bósnia, por exemplo, Kurspahić cita o relato da jornalista Milica Pešić, que analisou a cobertura. Segundo ela, em um ano, no jornal das 19h30 da RTV Sérvia, apareceu uma única filmagem de Sarajevo, de um prédio em chamas. Ou seja, as pessoas que viam a TV sérvia não viram o cerco a Sarajevo.

¹⁹¹ Bougarel fala em termos de confrontação entre a sociedade civil emergente (junto a movimentos pacifistas) e os partidos nacionais: “between 60.000 and 100.000 demonstrators massed in front of the Bosnian parliament, booing the parties in power and demanding that new

do SDS tinha escritórios, mataram duas mulheres (Suada Dilberović e Olga Sučić¹⁹²), dispersando a multidão.

Na Bósnia, assim como a política, assim como os lados da guerra, a mídia também se dividiu.

No começo do cerco, o *Oslobođenje* se manteve inalterado, porém os principais editores e diretores da TV Sarajevo foram embora. O SDA apontou os novos. Muitos destes que deixaram a televisão em Sarajevo ajudaram a formar a RTS (sérvia) em Pale, onde se instalou também o SDS e de onde se coordenou o cerco e os bombardeios a Sarajevo.

A já então RTVBiH passa a ser, segundo Kurspahić, gradualmente menos neutra e a qualidade passa a cair, pois além de muitos jornalistas terem deixado Sarajevo, muitos foram mortos.

A TV operou durante a guerra com duas antenas apenas, o que fez com que apenas Sarajevo – sem eletricidade a maior parte do tempo – “conseguisse” sintonizá-la, além de conviver com a impossibilidade de cobrir 70% do território, parte dele sob domínio sérvio e outra parte sob domínio croata, onde também se tomou algumas antenas, que foram redirecionadas para captar as emissões de Zagreb.

A partir de 1993, com os planos de paz sempre enfatizando a divisão étnica do território e as campanhas de limpeza étnica promovidas por “ultranacionalistas” sérvios e croatas (termo utilizado por Kurspahić), muçulmanos passam a se radicalizar e o governo bósnio, liderado pelo SDA, passa a enfatizar menos a

elections be held. Invading the first floor of the parliament, the demonstrator installed a ‘committee of national safety’. Condemned in almost identical terms by the SDS and the SDA, isolated by Serbian and Muslim militiamen, who blocked the arrival of convoys of miners and steel-workers from Tuzla, Zenica and Kakanj, abandoned by the civic parties, the demonstration was dispersed on the afternoon of 6 April 1992 by SDS snipers deployed on the roof of the Holiday Inn.” (1996, p. 102.)

¹⁹² A ponte Vrbanja (ou Vrbanja most), onde elas foram mortas, hoje se chama Ponte Suada Dilberović e Olga Sučić. Um artigo na edição especial da revista *BH Dani* (MULIĆ-BUŠATLIJA, 2008) conta que a ponte recebeu o nome Ponte Suada Dilberović em 1996 e que o nome Olga foi adicionado somente em 2001 (aprovado em 1999) graças à insistência da jornalista Edina Kamenica (entrevistada para essa pesquisa, e hoje, amiga) e do marido de Olga. O artigo não explica os motivos do esquecimento de Olga. Pode-se especular que Suada era uma estudante de apenas 24 anos e de ascendência muçulmana. Olga era uma funcionária pública de 34 anos, de ascendência croata.

questão da preservação de um território multiétnico. Posto isso, sérvios e croatas são paulatinamente marginalizados nos territórios sob domínio muçulmano. Kurspahić cita o aumento do número de extremistas islâmicos no exército e o aparecimento de jornais e revistas como *Ljiljan*, *Zmaj od Bosne*, e outros, que passam a incitar o ódio e o extremismo, condenando até mesmo os casamentos mistos.

Em Sarajevo, apesar de não haver domínio oficial sobre a mídia, alguma pressão foi exercida pelo governo, no sentido de não se permitir publicar matérias contra Izetbegović, seja sabotando o fornecimento de papel, seja obrigando o jornalista a ir lutar no exército, por exemplo (Cf. THOMPSON, 1999; KURSPAHIĆ, 2003).

Nenhuma das pessoas com quem conversei citou tais acontecimentos. Entretanto, o principal ponto de comparação entre a cobertura nacional e a internacional era no que tange à falta de informação e à falta de objetividade da mídia local principalmente.

Eldina J. conta que depois da guerra percebeu que nada sabiam, pois era muito difícil se chegar à informação, havia muita propaganda e muitos números imprecisos. O *Oslobođenje* mesmo, segundo ela, apesar da boa intenção, começou a fazer parte disso, pois “é impossível manter a objetividade quando você também é vítima da guerra, sua família, seus amigos”.

Paralelamente ao difícil acesso à informação, o jornalismo como esforço de guerra e o fato de que homens fortes e saudáveis podiam ficar filmando pela cidade ao invés de lutarem com seus pares na guerra é interessante.

Asaf B., soldado durante a guerra, hoje jornalista do *Oslobođenje*, acha que era um absurdo: “os caras ficavam sentados no *Oslobođenje* o dia todo!”. Segundo ele, somente Šefko Hodžić, que então me passara o contato, e que de fato esteve por frentes de combate o tempo todo, trabalhava. O próprio Asaf não quis ser jornalista durante a guerra, “pois não era possível dizer a verdade”.

A questão do jornalismo como esforço de guerra, a meu ver, entra portanto na questão que muitos apontaram, que se relaciona com o controle e importância da mídia em momentos críticos.

Do lado pessoal, o trabalho como jornalista era colocado como sendo um imperativo moral, justificado pela verdade que seria por ele produzida e transmitida ao mundo. No contexto da guerra, colocar o jornalista nessa posição, leva à questão sim, de que verdade era por eles produzida.

Essa questão, contudo, não era colocada por mim, mas vinha como resposta à pergunta sobre a diferença entre a mídia local e estrangeira. A segunda, como sendo uma mídia mais independente e imparcial (o que não deixava de ser objeto de crítica também, por parte de algumas pessoas com quem conversei¹⁹³); e a primeira, como sendo muito mais suscetível à manipulação. Nas palavras de Sabina Ć., por exemplo, “houve manipulação da mídia de cada lado, o governo bósnio tentava aqui, o sérvio lá, isso é um jogo antigo, *you control the information, you have the power*”. Além de números adulterados, como podemos ver no relato abaixo de Sabina,

Eram bem diferentes os nossos números [da Reuters] e os oficiais, que às vezes eram inflacionados, às vezes menores. Não sei se era propaganda deliberada aumentar o número das vítimas, talvez, mas às vezes havia falta de informação nas rádios... Muitas vezes eles não iam lá para contar ou alguém falava para eles darem um número predefinido, quem sabe? Mas na maioria das vezes não podíamos confiar nas informações que ouvíamos no rádio. E o princípio do jornalismo ocidental é dizer quem falou o quê. No caso, a Reuters vai preferir que eu conte os mortos, pois eu trabalho para eles e eles confiam em mim.

Houve também autocensura. Não colocariam uma informação no *Oslobođenje*, por exemplo, que pudesse de algum modo ajudar as forças sérvias. Nas palavras de Antonio P., então jornalista desse jornal, “Você não vai falar mal do seu país ou governo, ou escrever algo que pode ser usado como propaganda pelos sérvios”.

¹⁹³ Nas palavras de Senada Kreso, jornalista e tradutora, que trabalhou para o governo bósnio em Sarajevo durante a guerra, “Todos vinham com boas intenções. Mas a comunidade internacional não entendia o que estava acontecendo e os jornalistas também não, não conheciam a Iugoslávia, não entendiam o que acontecia e não entendiam por que cometiam erros. Chegavam com um formato imparcial e neutro, e isto que não podia. Se um sujeito atira em mim, não dá para ser neutro numa situação dessas, onde você é o mais fraco. E a comunidade internacional também, queria ser e foi imparcial! Por exemplo, Sarajevo estava cercada, para você receber comida da ONU aqui, ou seja, 1 kg de farinha, os sérvios tinham que receber também 1 kg de farinha, sempre metade nossa, metade deles. Mas a diferença é que eu estava faminta, e eles não, eles não precisavam, pois tinham comida. Se eu recebia almoço, eles também recebiam, e depois vendiam pra gente por muito dinheiro”.

Havia informações militares confidenciais. Havia um esforço de não deixar as pessoas perderem as esperanças: “era importante filmar linha de frente, para mostrar para as pessoas que tinha gente as defendendo” (Hakija H). E não havia nenhum cuidado em relação aos termos empregados. No noticiário da televisão bósnia (RTVBiH), por exemplo, Senad H. quase sempre chama os autores dos massacres de “chetniks” ou “agressores”¹⁹⁴, algo inconcebível na mídia internacional, mas justificado na mídia nacional por não caracterizá-los como “sérvios” somente, dado que muitos sérvios permaneceram na cidade.

Željko I. era diretor da recém-fundada agência bósnia de notícias, a BH Press, e também acredita que a cobertura da agência era mais limitada que a dos estrangeiros, pois transmitiam basicamente informações oficiais e notícias que recebiam dos militares, certamente já do jeito que poderiam ser divulgadas. Não podiam ver o outro lado, diferentemente dos estrangeiros, que tinham gente em toda a parte, tinham mais informação, estavam mais bem equipados: “eles podiam cruzar informações, mas meu jornalista Muhamed”¹⁹⁵ não poderia”. Sua prioridade era que seus jornalistas não fossem mortos, pois não ganhavam para isso.

Diferente dos estrangeiros, que ganhavam 10 mil marcos de salário e ainda tinham seguro de vida, eu os escondia no porão enquanto os estrangeiros estavam na rua. Não queria que os meus fossem mortos ou feridos. Como falaria para os pais que a garota que trabalhava comigo foi morta? Quem lhe deu dinheiro para morrer assim?! (Željko I.)

A BH Press trocava informações com agências internacionais, servia ao governo internamente e prestava serviços à sociedade também, como divulgar o bairro que receberia pão naquele dia (conforme me contou Zdravko Lj., que trabalhava nessa agência): não tinham salário, mas recebiam pão por prestar esse serviço.

¹⁹⁴ Cf. HADŽIFEJZOVIC (2002) e vídeo *Rat uživo*.

¹⁹⁵ Muhamed é um nome muçulmano, ou seja, de alguém que não podia sair de Sarajevo e, muito menos, cobrir os outros lados da guerra.

De qualquer modo, não foi dito na entrevista com Željko o que este escrevera em seu livro, *Tetoviranje identiteta*¹⁹⁶, que teve trecho publicado no *Oslobođenje* do dia 19 de maio de 2009:

Quando o redator destas linhas apontou também para crimes cometidos pela ABiH (já havia acontecido Neretvica, Vareš, Sušanj, Guča Gora, Buhine kuće, Grabovica...¹⁹⁷), alguém de cima silenciosamente o substituiu no posto de diretor da agência de notícias estatal BH-Press e paralisaram seu trabalho (...) de escrita do livro didático da 4ª série do ensino básico, embora até então ele fosse um daqueles pertencentes à categoria dos “respeitáveis”.

Sabina Ć. conta que realmente era difícil fazer uma “reportagem independente”,

eu pensava, eu vou sofrer as conseqüências se eu disser alguma coisa contra o governo bósnio, mas eu fiz, pois eu me recusava a acreditar que alguém iria me matar por isso. Eu reporte sobre a matança que um comandante muçulmano fez, um cara famoso, o Caco¹⁹⁸, ele estava aterrorizando a população sérvia e croata que vivia na

¹⁹⁶ Não li o livro, mas deixo desde já a referência: IVANKOVIĆ, Željko. *Tetoviranje identiteta*. Sarajevo: Rabic, 2009. [Identidade tatuada]

¹⁹⁷ Todas essas são cidades onde a ABiH cometeu crimes de guerra, como atacar e matar civis croatas e prisioneiros de guerra e queimar vilas. Estive em Vareš, onde vi uma vila sérvia que fora incendiada na guerra e disseram-me que a cidade hoje é basicamente muçulmana (antes a maioria era croata). Guča Gora, vila de Travnik, segundo matéria na revista *BH Dani*, foi base de Abu Hamza, mujahidin, e de mais 300 “guerreiros muçulmanos estrangeiros”, que expulsaram os croatas que viviam na vila e começaram a reunir jovens locais, muitos desses, conforme relatos, tornaram-se fanáticos, como os mujahidins (KARUP, 1998). São todos crimes cometidos pela ABiH, ou por soldados muçulmanos, contra populações croatas ou não-bosniacs.

¹⁹⁸ Mušan Topalović, conhecido como Caco, cantava e tocava em bares antes da guerra. Fez parte primeiramente dos Boinas Verdes e depois foi comandante da 10ª Brigada de Montanha, em Trebević, quando costumava pegar sérvios, artistas e intelectuais para cavarem trincheiras em lugares perigosos. Roubava equipamentos e mantimentos de oficiais da ONU, de jornalistas estrangeiros e de funcionários de organizações humanitárias. E enriqueceu no mercado negro durante a guerra. Foi morto quando o governo finalmente, no final de 1993, tentou capturá-lo e ordenou sua prisão e a de Ćelo (ou Ramiz Delalić), outro comandante e criminoso, que dizia ter participado do tiroteio no casamento ortodoxo, na Baščaršija, no começo da guerra (falarei mais sobre esse casamento adiante). Gjeltel conta que, realmente, o jornal *Oslobođenje* não reportava sobre eles, em parte por medo, já que a redação do jornal ficava nas proximidades do centro velho, onde atuavam, e em parte porque muita gente os admirava, e reportar sobre seus crimes poderia ocasionar um confronto entre muçulmanos nacionalistas (do centro e centro velho) e seculares (de Novi Grad e Novo Sarajevo): “*Oslobodjenje* reporters were clearly part of the latter group” (1995, p. 205). De todo modo, tais “criminosos”, segundo Žanić (2007), ocupavam um lugar simbólico no imaginário local (ou “cultura vernacular”, como o denomina) de nobres “foras da lei”, pois ao mesmo tempo em que “aterrorizavam” e roubavam, distribuíam pães (Ćelo) ou doavam o que roubavam para hospitais, crianças ou enfermos (Jusuf Prazina Juka, outro comandante, antigo criminoso, que foi encontrado morto em 1993 na Bélgica). De todo modo, Caco foi então morto e enterrado em um lugar qualquer, mas depois de três anos, já terminada a guerra, recebeu um

parte velha da cidade e matando e saqueando... Meu vizinho, um ortodoxo, sérvio, de 80 anos, ele foi morto por um local, pois no começo da guerra, ele tinha uma pequena casa e alguma comida, e esse sujeito o matou para roubar sua casa e sabia que porque ele era sérvio ninguém iria ligar. Mas eu e meu pai fomos atrás desse cara e perguntamos por que ele o fez. Você faz sua escolha por integridade, mas você não pode arriscar sua família.

A censura, a autocensura, o medo, a falta de eletricidade, de comida e de água não impediram, entretanto, que as pessoas com quem conversei e a população de modo geral continuassem a consumir e produzir jornalismo.

Os meios de comunicação mais importantes durante o cerco para o jornalismo e para as pessoas foram o rádio amador e o rádio.

Os jornalistas que trabalharam na mídia local vão dizer que o rádio amador que possibilitou a comunicação entre pessoas e entre jornalistas com outros territórios da Bósnia, de outro modo, impossíveis de serem contatados em alguns momentos.

Para as pessoas, de modo geral, era o rádio, o único meio muitas vezes de se saber o que estava acontecendo, para além do porão de seu prédio de apartamentos.

Zdravko G. conta que durante a guerra o rádio veio como ajuda humanitária, mandaram um rádio que podia ser ligado na tomada, mas que funcionava também a pilha, a luz solar e na manivela.

O noticiário da TVBiH era emitido também pelo rádio. Havia a Rádio Zid e a Studio 99. Os noticiários da Glas Amerike (A voz da América), Slobodna Evropa (Radio Free Europe), Deutsche Wells, BBC, entre outros, eram transmitidos pelo rádio na língua local.

A Rádio Zid, particularmente, foi considerada por muitos com quem conversei como símbolo de resistência cultural ao cerco em Sarajevo.

Nas palavras de Vlado A., que trabalhou nessa rádio,

funeral muçulmano apropriado no cemitério de *šehidi* (mártires) em Kovači, Sarajevo (falarei mais sobre os cemitérios de *šehidi* adiante).

A Rádio Zid resolveu trazer o mundo para Sarajevo. (...) Tentávamos mostrar que o mundo não terminava nesses morros ao redor de Sarajevo, mas que ainda existia Nike, coca-cola, consumo; que existia ainda cultura e tudo o que a gente foi parte antes da guerra. Então a gente não falava sobre o que acontecia em Sarajevo, pois isso todo mundo já sabia: quem atira na gente, quem é Alija Izetbegović, o que é o SDA...

Zdravko Grebo, fundador da rádio e professor da Faculdade de Direito de Sarajevo, conta que tinham uma proposta alternativa de programação, “como uma rádio normal, com uma mensagem política normal, que não era só ódio”. Havia, assim, o programa de Karim Zaimović (op. cit.), de histórias fantásticas e hilárias, o programa de música country, um programa feito por crianças todo dia de manhã, o programa de esportes, a previsão do tempo.

E mais, conta que pela rádio durante a guerra passaram todos aqueles que depois fizeram carreira na área em que trabalhavam, como Mirsad Purivatra, que hoje é diretor do Festival de Cinema de Sarajevo, Haris Pašović, grande nome do teatro bósnio, Semezdin Mehmedinović, escritor reconhecido, que hoje vive nos EUA etc.. Promoviam eventos em Sarajevo, como o Rock in the Siege, e editaram livros. A rádio, segundo Zdravko, servia para encorajar as pessoas.

Acredito ser importante enfatizar isso, pois Sarajevo, sim, é lembrado pelo cerco, mas para aqueles que passaram por lá, durante ou mesmo depois da guerra, como é o meu caso, Sarajevo é esse centro cultural, que se orgulha de sua arte, sua música, seu cinema, seu teatro, e que se orgulha de ter, durante a guerra, resistido neste sentido. As pessoas estavam produzindo arte durante a guerra, estavam tocando música em escombros e escrevendo poesia a luz de velas, como contou Vlado A.. Para Sarajevo durante a guerra, foram artistas conhecidos, e que são lembrados por isso. Ou seja, muito mais que dos jornalistas estrangeiros ou dos generais da ONU, tais pessoas do meio cultural sarajevano vão lembrar-se, assim, de Joan Baez, Bono Vox e Susan Sontag.

Ivana Maček fala que a explosão da vida cultural na cidade durante o cerco foi uma forma de resistência à situação imposta, além de ser um modo de expressar e compartilhar o que estava acontecendo. Em suas palavras, “these

were the symbols of resistance proudly pointed out to every visitor in the town” (2007, p. 55).

Muitos dos entrevistados me contaram assim do *Sarajevo Film Festival* (festival de cinema que acontece aos verões na cidade e que começou justamente em 1995, quando o país ainda estava em guerra), do programa humorístico de televisão *Top Lista Nadrealista* (“Os mais surreais”), da Radio Zid (“Rádio Muro”), do festival *Rock in the Siege*, do mapa do cerco produzido pela *Fama Production* (de Suada Kapić), das performances e exposições de arte, das peças de teatro, dos pôsteres e caricaturas, do humor, do jornal *Oslobođenje*.

Claro que nem todos lembram ou citam todos os eventos, sendo a lembrança consequência de sua posição ao longo do cerco. Andrej Đ., artista, por exemplo, contou-me das performances de arte que ocorreram durante o cerco. Zijad M., reitor da Faculdade de Artes Cênicas da Universidade de Sarajevo (ASU) e editor da ARD durante a guerra, citou a Radio Zid, o festival de cinema e o trabalho da ASU¹⁹⁹. Srećko L., primeiro jornalista com quem conversei em Sarajevo, quando ainda estava totalmente perdida na cidade, recomendou que consultasse os mapas de Suada Kapić (o mapa do cerco e o guia da sobrevivência)²⁰⁰, para depois conversar com ele novamente. Amir T., logo que cheguei à cidade, falou do programa *Top Lista Nadrealista* e de como eles previram a guerra na Bósnia²⁰¹ e continuaram rodando o programa durante o

¹⁹⁹ Sobre a Academia, ver documentário: “25 godina Akademije scenskih umjetnost u Sarajevu” (2007).

²⁰⁰ Ambos fazem parte da enciclopédia elaborada por Kapić (2000), que citei na introdução desta. O mapa do cerco, também anexo aqui em versão reduzida (mapa 4, p. 396), é um desenho de Sarajevo, espécie de caricatura, com as pessoas correndo, os tanques e morteiros nas montanhas e, no verso, notas explicativas sobre vários pontos da cidade. O guia da sobrevivência é, como o nome diz, um guia para se sobreviver ao cerco – mostra como as pessoas vivem, o que comem, como se aquecem etc.. Ambos estão em inglês e têm a ironia como marca característica. Trechos do guia da sobrevivência (*Sarajevo Survival Guide*) podem ser encontrados na internet (<<http://www.friends-partners.org/bosnia/surintro.html>>) ou em Razović e Wagner (1993), e o mapa do cerco (*Sarajevo Survival Map*), em <<http://www.famainternational.com/map/map-ff.htm>> ou em Kapić (2006).

²⁰¹ Segundo Sejo Sexon, um dos integrantes do grupo, as pessoas continuaram não acreditando na possibilidade de conflito: “We were artists. No one listened to us seriously. We were comedians. Everyone was laughing about our sketches. They were sketches like Monty Python, no one thought it could happen because our show was Top Liste Surrealists. The situation must be surreal, it must not be true” (apud LOONEY, 2009, p. 34). Vídeos do grupo podem ser encontrados na página da internet “You Tube” (<<http://www.youtube.com>>).

cerco. Zdravko G., fundador da Radio Zid, contou do festival *Rock in the Siege*, produzido pela rádio. Todos eles estavam ligados de algum modo aos eventos culturais que aconteciam e falavam-me deles procurando mostrar como a cidade seguia sendo cidade, apesar dos bombardeios.

Após esse extenso capítulo e particularmente após esta parte final, podemos concluir que, independentemente dos fixers e jornalistas locais em Sarajevo compartilharem ou não dos estereótipos que foram divulgados pela mídia ao redor do mundo, particularmente no Brasil, a propaganda nacionalista de cada uma das partes envolvidas na guerra na Bósnia, especialmente a mídia sérvia e croata, estava repleta desses estereótipos e mostraram sua eficácia prática e simbólica.

Vimos, por exemplo, como eventos isolados no Kosovo a partir de 1981 foram divulgados na linguagem do antagonismo étnico-nacional, separatismo e terror. Kurspahić cita o caso de uma mulher sérvia estuprada por um albanês do Kosovo divulgada do seguinte modo: “eles estão estuprando nossas mães e irmãs”; ou uma disputa de terras, divulgada como a expulsão de sérvios de seu “lar ancestral”; ou seja, casos isolados cujos culpados passam a ser todo um grupo, os albaneses, e o conflito torna-se inevitável.

De qualquer modo, se os termos da simplificação jornalística podem ser encontrados na propaganda nacionalista, primeiramente sérvia, depois croata, algumas vezes muçulmana/bosniac, a idéia de um nacionalismo adormecido pode ser encontrada na própria fala de Kurspahić, como vemos na citação abaixo:

These distortions, combined with the special place that Kosovo occupies in Serbian national mythology as the location of the historical battle against the invading Ottoman Empire in 1389 and the “cradle of Serbhood”, created the perfect mix to *awaken* Serb nationalism, which would eventually lead to the breakup of Yugoslavia. (KURSPAHIĆ, 2000, p. 30)²⁰²

²⁰² Grifo meu.

E aqui devo chamar a atenção de que há algo que parece paradoxal e que veremos principalmente no capítulo seguinte sobre a guerra, que é o desvencilhamento da elite intelectual sarajevana do que até pouco tempo antes podia ser objeto de piada, ou seja, dos estereótipos nacionais transfigurados a partir de meados da década de 1980 em nacionalismo. Como se a eles não coubesse nem a volta a um “nacionalismo adormecido”, nem ao “primitivismo”²⁰³ intrínseco a este.

²⁰³ Termo muito empregado para descrever os culpados da guerra e o que levou a ela: “primitivismo”. Discorrerei sobre isso nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2. A guerra

Sobrevivi.
(Šefko H.)

Quando cheguei a Sarajevo, doze anos após o final do conflito, inquietava-me como seria falar da guerra depois de tanto tempo. Mas não foi difícil. A vida de todos é pautada pelo antes e depois da guerra. Isto está imbricado nas conversas, por mais triviais que sejam, e os termos “antes” e “depois” geralmente dispensam o uso do substantivo “guerra”.

A guerra interrompeu e mudou carreiras, sonhos e planos. Quase todas as famílias que conheci em Sarajevo têm algum de seus filhos morando no exterior – alguns saíram antes da guerra, por outros motivos²⁰⁴, mas a grande maioria saiu no começo, durante e após o conflito²⁰⁵. As pessoas foram embora e continuam indo. Isso sem contar os filhos, mães e maridos mortos e desaparecidos. E mais, as pessoas continuam morrendo, doenças estranhas aparecem, de câncer e infarto morrem homens e mulheres relativamente jovens, de dores de cabeça, nos rins e nas costas, todos reclamam: são efeitos da guerra, alguns explicam²⁰⁶.

Acredito que ninguém saiu ileso.

Qualquer coisa que eu disser aqui será pouco. E qualquer coisa que me dissessem seria pouco igualmente. A guerra aconteceu, e sobre ela não há muito que falar. Como me disseram: posso ler, posso ver; mas, ouvir?, “quem não esteve aqui, não pode entender”.

²⁰⁴ A emigração durante o socialismo era bem comum, está certo que o motivo era predominantemente econômico. De acordo com Donia e Fine Jr. (1994), aproximadamente 2 milhões de pessoas da ex-Iugoslávia trabalhavam no exterior no começo dos anos 1970, principalmente, na Europa, e particularmente na Alemanha Ocidental, Áustria e Suíça. Grande parte desta população era proveniente da Bósnia, onde dados oficiais apontam que 9,2% de trabalhadores da Bósnia estavam empregados no exterior em 1971 (Cf. DONIA; FINE JR., 1994, p.188). Segundo estes autores, tais trabalhadores enviavam dinheiro e produtos, aumentando consideravelmente o nível de vida dos seus. A partir de meados dos anos 1970, esses países europeus, também em crise, começaram a mandar esses trabalhadores de volta pra casa.

²⁰⁵ Para depoimentos sobre jovens que deixaram o país durante a guerra, ver Lešić (1995).

²⁰⁶ Donia (2006) também identifica isso. Segundo ele, na década após o cerco, Sarajevo, “de acordo com muitos observadores”, experienciou grande quantidade de câncer, suicídio, alcoolismo, diabetes, doenças cardíacas, dentre outras – as causas seriam stress e desespero.

Foram muitos fatos: bombardeios, franco-atiradores, luta pela sobrevivência, além de ir ao trabalho e falar sobre a história, que eram as minhas perguntas. O relato da guerra não se deu, portanto, cronologicamente, e também não tinha relação, necessariamente, com datas marcantes, como Srebrenica, os massacres no Markale, mas sim, conforme eventos faziam parte das vidas das pessoas com quem eu conversei.

Guerras na Bósnia

Como coloquei na introdução, pode-se dizer que foram diversas guerras, e não só uma guerra na Bósnia.

Além dos lados da guerra, definidos pelas categorias nacionais (sérvios, croatas e muçulmanos/bosniacs), diversos foram os campos de combate e os alinhamentos e posicionamentos entre as partes, que se rearranjavam de acordo com lealdades locais e/ou conflitos internos em cada um dos partidos nacionalistas da Bósnia (SDA, SDS e HDZ)²⁰⁷.

Foram várias as guerras também, pois diferentes são as histórias sobre a guerra.

De qualquer modo, existiu o conflito entre sérvios e não-sérvios, caracterizado em Sarajevo como “agressão”, o conflito entre croatas e muçulmanos, nos anos de 1993 e 1994, e o conflito em Velika Kladuša (na região de Bihać), onde forças muçulmanas locais, aliadas muitas vezes a forças sérvias, combateram as forças do governo (ou Exército da Bósnia-Herzegovina, *Armija BiH*).

De maneira muito genérica, pode-se dizer que no norte da Bósnia, os territórios estavam sob domínio das forças sérvias e a guerra se dava entre sérvios e não-sérvios (croatas e bosniacs): na região de Posavina (na fronteira com a Croácia e Sérvia) e nas regiões de Banja Luka e Prijedor. O leste da

²⁰⁷ Bougarel (1996, p. 105), nesse sentido, cita os lóbis regionais dentro do SDA – Sarajevo, Bósnia Central, Herzegovina, Cazinska krajina (na região de Bihać) e Sandžak –, dentro do SDS – Bosanska krajina (com centro em Banja Luka), Herzegovina Oriental e Bósnia Oriental (com seu centro em Pale) –, e no HDZ – Bósnia Central e Herzegovina Ocidental.

Herzegóvina (que é a parte sul da Bósnia) e o leste da Bósnia como um todo, também estavam sob domínio das forças sérvias – cidades como Trebinje, Zvornik, Višegrad, Foča, Bijeljina e muitas outras podem ser citadas. Ambos foram territórios “limpos etnicamente”, como se consumou falar, onde muçulmanos, principalmente, foram varridos desses territórios.

Na Bósnia Central e Mostar, o conflito mais feroz foi entre forças croatas (HVO) e muçulmanas (ABiH), entre 1993 e 1994, culminando na destruição da ponte otomana em Mostar (*Stari most*, ou Ponte Velha²⁰⁸) e na divisão da cidade até hoje, onde populações muçulmanas foram expulsas do lado ocidental da cidade, que, segundo meus informantes, manteve-se relativamente intacto, apesar do conflito.

De Mostar, atirava-se em Dubrovnik, no conflito com a Croácia, em 1991; e em 1992, houve confrontos entre sérvios e não-sérvios na cidade.

Em 1991, houve conflitos entre sérvios e croatas também na Herzegóvina, e a vila croata de Ravno, em Trebinje, foi destruída pela JNA, em outubro deste ano, aparecendo como umas das primeiras cidades bósnias atacadas pelas forças sérvias.

No nordeste da Bósnia, a situação era outra, lá a guerra se deu principalmente entre forças muçulmanas, já que em 1993, Fikret Abdić (membro do SDA, eleito juntamente com Alija Izetbegović nas eleições de novembro de 1990 para a presidência bósnia) auto-proclamara a região de Bihać/Velika Kladuša (Cazinska krajina) território autônomo sob sua liderança²⁰⁹. Segundo Srećko L, essa foi uma das piores:

²⁰⁸ A ponte, construída entre 1557 e 1566, sucumbiu em novembro de 1993, após constantes bombardeios das forças croatas. Sua reconstrução foi finalizada em 2004. Ver foto anexa (p. 417).

²⁰⁹ Bougarel (1996) explica este evento da seguinte maneira. Em julho de 1993, Abdić clama que Izetbegović aceite o plano de paz Owen-Stoltenberg, caso contrário, a continuidade da guerra levaria ao desaparecimento dos muçulmanos. Em setembro, ele acusa Izetbegović de belicosidade e pede por um referendo em relação ao plano. Sem apoio político, ele proclama a “Província Autônoma na Bósnia Ocidental”, em 27 de setembro de 1993. Logo em seguida, começam os combates entre as suas forças e o 5º Corpo da ABiH, leal a Izetbegović. O debate em relação a esse plano causou dificuldades internas não somente na comunidade muçulmana (sim, Bougarel trata em termos de “comunidades”, e não, de lideranças políticas ou partidos). A sua aceitação pelos parlamentos da Republika Srpska e da Herceg-Bosna levou a desavenças também no interior dessas comunidades, que enfrentavam problemas relacionados à economia militar e ao

Pois foi literalmente uma guerra dentro da família: um irmão e pai de um lado, lutando contra dois outros irmãos do outro lado. E era tamanho o ódio, a crueldade e a raiva entre os dois lados que os americanos não podiam entender, pois ambos os lados eram muçulmanos, em uma pequena comunidade onde todos se conheciam.

ONU E ÁREAS DE PROTEÇÃO

Sobreviveram durante os primeiros anos da guerra alguns enclaves, que foram transformados em zonas de segurança sob proteção da ONU, como Bihać, citado acima, Goražde, Srebrenica, Sarajevo, Tuzla e Žepa.

Em Tuzla não houve muitos combates ou bombardeios, era porto seguro para refugiados vindos de muitas partes da Bósnia. Entretanto, quando a OTAN atacou posições sérvias em maio de 1995, estes revidaram e bombardearam Tuzla, no que ficou conhecido como um dos mais mortíferos incidentes da guerra. Neste dia, 25 de maio de 1995, uma bomba caiu em uma rua de passeio da cidade, na Kapija, onde jovens, principalmente, passeavam em uma noite agradável de primavera. Morreram 71 pessoas e mais de 100 ficaram feridas. O acontecimento quase não teve destaque na imprensa mundial, que se via diante da crise dos reféns – quando centenas de capacetes azuis foram capturados pelas forças sérvias e amarrados a postes, servindo de escudos humanos aos bombardeios da OTAN, que então cessaram. Boris K. descreveu o evento da seguinte maneira:

Este foi o pior massacre da guerra, causado por uma única granada, justamente no Dia da Juventude (*Dan mladosti*)²¹⁰, matou umas 90 pessoas. E foi por acaso que eu e um jornalista inglês estávamos lá. Tínhamos combinado uma conversa, mas ainda não tínhamos conseguido, e queríamos filmar uns presos sérvios na prisão militar da *Armija BiH*. Então nesse dia, a gente saiu, filmou alguma coisa e decidimos cancelar a conversa e no dia seguinte ir embora. Então fomos almoçar. Pensei em sair para beber algo em seguida, mas o jornalista inglês queria descansar. Isso talvez tenha salvo a minha vida. Pois a gente voltou para o hotel e escutamos quando lançaram a granada. Corri na janela e vi mais ou menos onde caíra. Depois de cinco minutos estávamos lá e filmamos o horror. Enviamos o material. E chegou a polícia, prenderam a gente e interrogaram. Pois para eles não era claro como alguém poderia ter chegado tão rápido no lugar do acontecimento. Eu me senti vazio, derrotado. Quando você vê tanta gente num mesmo lugar... Um horror. Gente levando a perna, sem braço, criança. Essa história, infelizmente, foi morta, pois militares sérvios, no dia seguinte, capturaram soldados da ONU como reféns e ninguém mais perguntou de Tuzla.

empobrecimento da população. Em Banja Luka, duas brigadas tomaram então o controle da cidade, no que ficou conhecido como “setembro 1993” (Cf. BOUGAREL, 1996, p. 107).

²¹⁰ O Dia da Juventude era comemorado todo 25 de maio. Falarei mais sobre esse dia adiante.

A história das forças da ONU na guerra é uma outra história (que não focarei neste trabalho) e revela o grande fracasso da comunidade internacional na Bósnia²¹¹ (e não só na Bósnia, como em outras partes do globo).

Srebrenica teve quase todos os seus homens mortos quando forças sérvias a tomaram em julho de 1995, sob os olhos das tropas da ONU holandesas²¹², e hoje pertence à Republika Srpska. Vitez, na Bósnia Central, caíra também, apesar das tropas britânicas e do episódio em Ahmići, uma vila nas cercanias de Vitez, massacrada por forças croatas, sem que os capacetes azuis ingleses pudessem fazer nada²¹³. Sarajevo, apesar das tropas da ONU (francesas, ucranianas e egípcias²¹⁴), foi cercado e bombardeado cotidianamente.

BÓSNIA ORIENTAL: VIŠEGRAD E BIJELJINA

Instigada pelo livro de Ivo Andrić, tentei conhecer Višegrad (hoje na Republika Srpska) durante meu tempo na Bósnia, mas não quis ir sozinha. A cidade é famosa pela ponte sobre o rio Drina²¹⁵, construída pelo vizir bósnio Mehmed-paša Sokolović no século XVI; inspirada nela, o escritor Ivo Andrić

²¹¹ Sobre isso, muitos autores escreveram. Ver, particularmente, Rieff (1996).

²¹² Vários indícios mostram que a matança em Srebrenica fora planejada. Valas comuns foram cavadas com antecedência para receber, acredita-se, os mais de oito mil homens que seriam mortos. E mais, havia valas primárias, secundárias e terciárias, ou seja, corpos algumas vezes se dividiam em várias partes por várias valas, onde eram atirados, retirados e atirados novamente. Tais valas não foram cavadas de um dia para o outro: matas tiveram que ser previamente cortadas, escavadeiras e caminhões, utilizados. Elvis B. descreve o que aconteceu em Srebrenica como a “matança sistemática de pessoas”: “eles separaram os homens com idade militar e mulheres e crianças. Mulheres e crianças, eles mandaram embora de caminhão, mas para os homens nunca existiu esse plano. O plano era matá-los. Não é terrível devido ao número de mortos: oito mil pessoas. É terrível pois isso foi pensado. Isso não é guerra, isso é matança.”

²¹³ Sobre este episódio, ver: Bell (1996) e o filme *Warriors* (1999), produzido pela BBC.

²¹⁴ Martin Bell explica que em julho de 1992 foi concordado que a Unprofor em Sarajevo seria multiétnica como a cidade, deste modo o comandante da Unprofor em Sarajevo, o canadense General Lewis Makenzie, foi substituído pelo general francês Philippe Morillon, e a tropa teria contingentes franceses (católicos), egípcios (muçulmanos) e ucranianos (ortodoxos), “All it lacked was Copts. The plan was that all the city’s constituent peoples would feel in some way spiritually befriended” (BELL, 1996, p.175).

²¹⁵ As cidades da Bósnia são lindas especialmente devido aos rios que passam por elas (e pontes que os atravessam), e cada uma tem o seu: o Drina, em Višegrad; o Neretva, em Mostar; o Miljacka, em Sarajevo; o Vrbas, em Banja Luka; o Lašva, em Travnik etc..

escreveu o maravilhoso livro *The bridge over the Drina* (1995)²¹⁶. Ninguém quis ir comigo. Diziam: “mas o que você vai fazer lá? Só tem a ponte para se ver e isso você pode ver nas fotografias”. Infelizmente acabei não indo para Višegrad, mas descobri que a ponte ganhou mais uma história: sob domínio das forças sérvias desde o início da guerra, corpos eram jogados do alto da ponte no rio Drina (Zijad M.) e muitos muçulmanos foram mortos.

A família de Hare O. é de Višegrad e teve que fugir. Sua irmã conseguiu fugir com um ônibus para Skopje (capital da Macedônia), seus pais fugiram pela mata, sua mãe foi ferida com um fragmento de granada e perdeu um olho.

Eu estava em Sarajevo. E depois de uns três meses, minha vizinha, que fugiu para Kiseljak, me liga, isso em 1993, e diz que minha mãe tinha sido ferida, nada sério e que estão agora em Kiseljak e vivos. Ficaram oito meses em Kiseljak, até começarem os combates entre o HVO e a ABiH... Fugiram para Visoko, onde ficaram mais oito meses, e depois, em 1994, pelo túnel²¹⁷, finalmente chegaram a Sarajevo. (Hare O.)

Com a Yutel²¹⁸, no começo de 1992, Hare O. foi a Bijeljina, acompanhando um comboio de políticos, que incluía Biljana Plavšić, membro do SDS, vice-presidente da auto-proclamada Republika Srpska durante a guerra²¹⁹.

²¹⁶ Sobre este livro, ver: capítulo 1 da parte 1.

²¹⁷ Em 1993, foi construído um túnel em Sarajevo que ligava a cidade ao “território livre”, como se dizia (ou seja, ao território sob domínio do exército bósnio). Passando sob o aeroporto, sua entrada era no bairro de Dobrinja, sua saída em Butmir – tinha aproximadamente 1,60 m de altura, 1 m de largura e uns 800 m de comprimento (ver fotos anexas, p. 407). Šefko H. passou 58 vezes pelo túnel, e disse que no final da guerra estava sendo construído um novo túnel sob o aeroporto, que não chegou a ser usado. Outra forma de sair da cidade era pela montanha Igman, mas era muito arriscada. Apesar de seu uso restrito (para militares e políticos), civis e alguns jornalistas locais com quem conversei passaram por ele (Jadranko K., Šefko H.). Quem voltava para Sarajevo, trazia armas, munições, remédios e mantimentos. Foi possível passar também um cabo de telefone e outro de energia elétrica, fazendo com que as pessoas na cidade tivessem eletricidade em algum momento do dia. Jadranko K. passou com 100 kg de comida quando voltou da Croácia uma vez, trazendo “conservas, temperos, chocolates, remédios e vitaminas”. Dražen Š., de Zagreb, contou que o túnel era “top secret”, sabia-se que existia um túnel, mas não se sabia onde. Sobre o túnel, ver: Kapić (2000) e o documentário *Tunel nade* (2007).

²¹⁸ A Yutel foi fundada em 1990 no governo de Ante Marković para ser uma televisão pan-iugoslava. Com as mídias todas em poder de governos nacionalistas na Sérvia e na Croácia, foi em Sarajevo e na Bósnia que ela encontrou lugar para se estabelecer fisicamente e com espaço adequado no quadro da programação da televisão bósnia, pois segundo Thompson (1999) e Kurspahić (2003), horários de madrugada na televisão sérvia e croata, faziam com que ela tivesse nenhuma visibilidade nessas repúblicas. A emissora durou até maio de 1992.

Antes de entrarem na cidade, Hare conta que já se ouvia tiros, gritos e barulhos. Disseram para sua equipe que não poderiam garantir sua segurança, e seu carro teve que dar meia-volta.

Dražen S. é de Bijeljina, mas morava já em Sarajevo, há anos, com sua esposa e filho. Dražen trabalhou como jornalista e como soldado ao lado das forças bósnias. Trabalhava quatro dias no jornal e quatro dias na linha de frente. Conta que Bijeljina mudou muito. 90% das pessoas que viviam na cidade eram muçulmanas (os sérvios viviam em volta), e hoje não são mais, são de diversas outras partes da Bósnia que fugiram para lá. Ele não conhece mais ninguém na cidade, que de 20 mil pessoas, o número de habitantes subiu para 60 ou 80 mil pessoas. Em Bijeljina, conta, chegaram nas casas muçulmanas e falaram: “você têm 15 minutos para saírem de casa, que tem um ônibus esperando”. Disse que tiveram sorte, pois em Prijedor, no norte da Bósnia, não deram 15 minutos, simplesmente saíram matando todo mundo.

ATROCIDADES

“A Republika Srpska só existe porque houve limpeza étnica”, ouvi mais de uma vez e é senso comum entre as pessoas com quem conversei (na Federação).

Além das cidades esvaziadas, existiram os chamados “campos de concentração”, como os de Manjača, Trnopolje, Keraterm e Omarska, próximos a Prijedor; Kotor Varoš, próximo a Banja Luka; Kula, Kasindolska, Ilidža, Vojničko Polje e Sonja²²⁰, em Sarajevo e arredores. Segundo Ed Vulliamy, “every small town, village or hamlet under Serbian control had its own prisons and camps” (1994, p. 115). Nestes campos, segundo depoimentos ouvidos por este jornalista, os prisioneiros eram mal alimentados (quando não ficavam dias sem comida ou

²¹⁹ Em 2001, Plavšić foi acusada de genocídio, entre outros crimes, pelo Tribunal Penal Internacional e condenada a 11 anos de prisão. Desde final de 2009, encontra-se em liberdade.

²²⁰ Meldijana A. explica que o campo Sonja era um campo de estupro que ficava em um hotel em Vogošća, cidade ao lado de Sarajevo. Contou-me que o comandante da Unprofor General Lewis MacKenzie sabia do campo e dos estupros. Há boatos de que tenha participado de alguns deles. Sobre isso, Dražen S. retruca: “duvido que tenha sido tão idiota. Aqui [em Sarajevo] havia garotas o quanto quisesse, com menos de 16 anos, e que por um maço de cigarros, fariam isso de boa vontade”.

água), torturados, espancados muitas vezes até a morte e humilhados das mais diversas formas, desde terem que cantar canções épicas ou patrióticas sérvias, como serem forçados a terem relações sexuais uns com os outros. Em alguns deles, havia mulheres também, estupradas cotidianamente. Meldijana A. explica, contudo, que não foram somente mulheres estupradas na guerra, mas também homens e crianças.

Samira K. comparou o campo de concentração de Omarska com “os de Hitler”, pois foi planejado para limpar e matar psicologicamente as pessoas: “[Radovan] Karadžić era psicólogo e sabia muito bem o que estava fazendo”, disse. Falou que os primeiros que foram enviados para os campos eram intelectuais, professores, médicos e empresários. E falou dos campos de estupro para mulheres, que chegavam a ficar três anos presas para terem os bebês.

The violation of women and girls took place either during the ethnic cleansing purges, in homes, barracks or public places, or else at the special “camps”. Some victims reported that they were told to “go and deliver fighting Serbs”. The centre at Zenica [Genocide Centre in Zenica] has accumulated evidence of seventeen “rape camps”, mainly in motels, schools, saw mills or private houses. Other women were taken from their homes to the fighting lines and subjected to “the most bestial of abuses”. In Foča, women tell of rape in public, in front of husbands and children, neighbours and other soldiers. (VULLIAMY, 1994, p. 199)

Frei Marko acredita, entretanto, que atrocidades ocorreram de todos os lados da guerra. Sérvios cometeram atrocidades em Bosanski Šamac (no norte da Bósnia) contra croatas e muçulmanos. Em Vitez, croatas mataram mulheres e crianças. E mujahidins fizeram coisas terríveis em Travnik contra sérvios, croatas e judeus...

Sim, houve mujahidins que lutaram na guerra na Bósnia, particularmente na região de Travnik e Zenica. Eram homens que vinham principalmente do Afeganistão, Turquia e Síria (Cf. VULLIAMY, 1994) para lutar em nome de Allah e ajudar o povo muçulmano que sofria na guerra. Se realmente eram “mujahidins”, ou “missionários”, ou “voluntários”, possíveis termos para definir seu papel, não importa muito, mas foram eles, segundo Erich R. e outros com quem conversei (Frei Marko O., por exemplo), que teriam cometido as atrocidades do lado muçulmano, como matar civis e prisioneiros de guerra e queimar vilas.

Segundo Erich, houve um processo de islamização e mudança de mentalidade durante a guerra mesmo em Sarajevo. Tal transformação verificou-se também no exército, quando Sefer Halilović deixou o comando e foi substituído por Rasim Delić. Forças croatas continuavam na defesa da cidade²²¹ e Jovan Divjak permaneceu no segundo comando da ABiH, mas Delić quem teria permitido a entrada dos mujahidins.

Em 1993, a ABiH, no sentido de fazer frente às acusações contra esses soldados, incorporou-os como unidade militar, a “El Mudžahid”, na 7ª Brigada Muçulmana, do 3º corpo do exército, na região de Zenica²²².

Segundo Vlado Azinović (2007), estes soldados eram utilizados especialmente para causar medo no inimigo e porque se sabia que eram mais corajosos e que tinham menos escrúpulos.

Nas palavras de Denitch (1996, p. 217),

The Bosnian government, with its back against the wall in 1992-93, used Islamic fundamentalists volunteers from the Middle East as fighters; they have committed systematic crimes against the non-Muslim population, have terrified the secular Bosnian Muslims, and have made the lives of peacemakers miserable. More dangerously, they have recruited local followers so that most of “mujahideen” are now not foreigners but local Bosnian Muslims, making it impossible for the Sarajevo government to keep its promise to get rid of them.

HERZEGÓVINA E BÓSNIA CENTRAL

Fui para Mostar (cidade central da Herzegóvina), pela primeira vez, em um dia de outono, quando me deparei com o rio mais verde e lindo que já vi na vida: o Neretva. A chegada em Mostar foi, entretanto, meio sinistra. Parecia-me tudo mais

²²¹ Apesar de uma região autônoma croata ter sido declarada na Herzegóvina em 1992, durante os anos de 1992 e 1995, os exércitos croatas (especialmente o HVO) e muçulmano (especialmente a ABiH) estavam juntos. E mesmo quando a guerra se deu entre ambos, em algumas regiões, como Sarajevo, muçulmanos e croatas lutaram do mesmo lado. Está certo que, segundo Antonio P., a unidade do HVO de Sarajevo foi então desmobilizada e os soldados passaram a fazer parte dos quadros da ABiH.

²²² Nem por isso deixaram de cometer crimes. De acordo com Vulliamy (1994, p. 294), essa brigada foi formada por fundamentalistas da Bósnia, Turquia, Afeganistão e Sandžak, acusados de terem matado civis croatas, terem profanado o monastério franciscano em Guča Gora, nas proximidades de Travnik, dentre outros crimes.

árido, uma modernidade feia, velha e um pouco suja. E demorei a perceber os lados da cidade – o lado ocidental e oriental, ou croata e muçulmano – que tanto se falava.

Mostar, assim como Sarajevo, tem também sua *čaršija*, ou seja, o centrinho comercial antigo, onde se vende principalmente artesanatos, alguns deles, chaveiros feitos com balas usadas durante a guerra. E de fato, a ponte velha é muito bonita, o rio, maravilhoso, e as casas, charmosas, com suas telhas feitas de rochas da região.

Há, no entanto, muito para ser reconstruído. E a cada prédio destruído, uma placa de “cuidado”, “risco de desabamento”, “proibida a entrada”. Algo que não se vê mais em Sarajevo.

De todo modo, é evidente a mentalidade voltada para o turismo: a ponte, a guerra, o Neretva e o centrinho comercial. E dizem que a noite ferve por lá e jovens de outras cidades viajam a Mostar para irem às discotecas locais.

Andei por horas na cidade.

Entre na mesquita Koski Mehmed-pašina, de 1617, onde um homem muito simpático, por eu ser a primeira brasileira que ele conhecia, me deixou entrar de graça na mesquita e subir no minarete²²³, despedindo-se de mim dando-me cartões postais da cidade. Todas as vezes em que voltei a Mostar, com amigos e familiares, esse homem abriu as portas da mesquita para nós.

Mas o mais interessante de tudo, não eram os lugares em si, mas a cidade como um todo, vazia, num domingo frio e ensolarado²²⁴, com seu lixo, seus gatos, seus muros furados de balas e prédios destruídos; uma sensação que atingiu seu cume com a visita ao cemitério partisan.

O cemitério partisan é um monumento gigantesco – de uns 100 metros de comprimento –, localizado em uma parte alta da cidade, do lado ocidental, e com lápides em forma de lírios²²⁵. Parábola das escolhas que estão sendo feitas na

²²³ Paga-se para visitar as mesquitas antigas de Mostar. Ver foto dele anexa (p. 417).

²²⁴ Voltei outras vezes a Mostar, em dias mais quentes e alegres. Mostar de fato recebe muitos turistas, da Bósnia e do mundo. A primavera e o verão dão mais cor e, claro, mais calor à cidade.

²²⁵ A flor de lírio foi escolhida como o símbolo da Bósnia em 1992, do mesmo modo que o fora durante a Idade Média. Esteve no brasão deste país até 1998, quando uma comissão para

Bósnia, esse monumento encontra-se abandonado, repleto de lixo e escondido, apesar de sua monumentalidade. Pareceu-me a história sendo apagada, e sendo recriada em cima dos acontecimentos contemporâneos²²⁶.

"Em Mostar, é possível sentir o ódio, o cheiro do ódio", comentou Senad K., quando retornei da cidade. Dražen S. explicou que "a guerra foi muito feia por lá, pois como a cidade é pequena, cada um sabe muito bem quem matou quem, e os católicos não vão para o lado muçulmano da cidade e nem os muçulmanos vão para o lado católico." Contou que parece que só sobraram umas três pedras da ponte original. E concluiu que talvez por essas coisas todas eu não tenha me sentido muito bem em Mostar.

Em março de 1994, após mais de um ano de conflitos na Bósnia Central e Herzegóvina, Haris Silajdžić, então primeiro-ministro bósnio, Mate Granić, ministro croata das relações exteriores, e Krešimir Zubak, representando a Herceg-Bosna, assinaram um acordo (em Washington e Viena), conhecido como Acordo de Washington, que colocava fim ao conflito muçulmano-croata e estabelecia a criação da Federação Muçulmano-Croata.

Todavia, muitos, até hoje, consideram a Federação uma frágil aliança, mais no nome, do que na prática²²⁷. Um exemplo disso é a situação atual de Mostar, que para além da vida cotidiana separada (como me foi dito), durante todo o ano de 2009, não conseguiu eleger um prefeito – assembléias eram divulgadas como as últimas, mas não se chegava a um acordo²²⁸. Infelizmente não fiz pesquisa em Mostar, e não pude me aprofundar no assunto. Pode-se, contudo, pelos relatos,

estabelecer símbolos mais neutros para a bandeira e para o brasão, o substituiu. O "lírio dourado" é também a maior condecoração de guerra para soldados e oficiais da ABiH.

²²⁶ Em Sarajevo, no bairro de Vraca, há também um imenso monumento partisan, que, igualmente, encontra-se abandonado e sujo, com garrafas, papéis, latas de cerveja etc. espalhados pelo local.

²²⁷ Pessoas com quem conversei e vários autores, como Bougarel (1996), Hayden (2000), Looney (2009), entre outros.

²²⁸ O prefeito é eleito pela assembléia municipal, eleita pelos cidadãos com voto direto. SDA e HDZ BiH não tinham maioria e queriam eleger o seu prefeito. Precisavam, portanto, do apoio da oposição e de partidos menores. Após 14 meses sem prefeito, Ljubo Beslić do HDZ BiH foi novamente eleito em dezembro de 2009.

vislumbrar minimamente como foi o conflito na região da Herzegóvina e Bósnia Central.

Elvis B., por exemplo, que estava com sua família em Brestovsko, em 1993, conta que “sentiu” quando a relação entre croatas e muçulmanos começou a se deteriorar e que começou a ouvir conversas que apontavam para o conflito iminente.

Você ouve o que as pessoas conversam e percebe que existe um problema. Em Kiseljak e Brestovsko, de maioria croata, tinha croata e muçulmano. Então de repente você ouve que fulano ficou sete dias na linha de frente do HVO em Visoko, que é muçulmano...

ACORDOS DE PAZ

De acordo com Kurspahić (2003, p. 115) e outros autores²²⁹, as iniciativas de paz contribuíram para a limpeza étnica na Bósnia na medida em que propunham divisões do território em linhas étnicas, que eram seguidas pelas forças combatentes, no intuito de adequar “do melhor modo possível” (via expulsão ou extermínio de populações) tais territórios aos mapas de paz elaborados pelos organismos internacionais (particularmente pela ONU e pela Comunidade Européia).

Em primeiro lugar, a própria Comissão Badinter da Comunidade Européia²³⁰ estipulou que os referendos que tivessem lugar nas repúblicas ex-iugoslavas seriam para estabelecer nações soberanas. Afirmar a soberania de uma nação era, entretanto, negar soberania às demais que dividiam o mesmo território.

O HDZ chegou a pleitear então que estas comunidades fossem organizadas na Bósnia de acordo com áreas ou cantões nacionais, idéia que foi, por José Cutileiro, negociador da Comunidade Européia, aceita depois – mesmo sendo, segundo Bougarel (1996, p. 101), algo impossível naquele momento, pois não havia uma única cidade no país que pudesse ser considerada croata, sérvia

²²⁹ Ver também: Bougarel (1996), Looney (2009), Rieff (1996), Vulliamy (1994) etc..

²³⁰ Em 1991, diante dos confrontos armados na ex-Iugoslávia, a Comunidade Européia convoca um comitê de arbitragem para a Iugoslávia, composto por presidentes das cortes constitucionais de cinco países da CE, liderado pelo jurista francês Robert Badinter. Cf. HAYDEN, 2000, p. 87.

ou muçulmana. Segundo Kurspahić (2003), isso deu a “ultranacionalistas” sérvios a desculpa para começar a limpeza étnica em territórios que consideravam sérvios.

Em janeiro de 1993, Lord David Owen (negociador da CE) e Cyrus Vance (negociador do secretário-geral da ONU) propõem criar dez cantões étnicos na Bósnia (ver mapa 3, anexo, p. 395). O que deu aos “ultranacionalistas” croatas a desculpa de limpar a Herzegóvina e a Bósnia Central (Cf. KURSPAHIĆ, 2003, este autor que utiliza o termo “ultranacionalista”). E, como citei anteriormente, o plano seguinte, de Owen e Stoltenberg, deu a Fikret Abdić a desculpa de proclamar um território autônomo em Cazinska krajina.

Diante desses planos, as alianças locais também se reconfiguram. Bougarel conta, por exemplo, que

On 4 April 1993 the HVO gave notice to the ABH [ABiH] to quit the territories specified in the Vance-Owen plan as Croatian provinces. The conflict between the two “allies” then burst into the open with the destruction of the HVO at Zenica and Travnik, and the encirclement of the ABH in the eastern part of Mostar. The Croat enclaves in Central Bosnia (Žepče, Vareš, Vitez and Kiseljak) could hardly have resisted without increasingly open support from the Serbian army. (1996, p. 105).

Posto isso, se em um momento, segundo Boris K., a ABiH estava com o HVO (em Tuzla, por exemplo), em outro, guerreavam entre si (na Bósnia Central), e mais adiante, você via o HVO levando combustível para o exército sérvio. Hoje se sabe, segundo ele, que um caminhão com tanque de combustível da principal companhia croata de petróleo foi para a Bósnia e ficou servindo aos sérvios que aterrorizavam Sarajevo. Boris se lembra também da tomada de Maglaj pelos sérvios, quando ficou claro que o HVO fizera um acordo com eles para liberarem uma barricada e os deixarem entrar.

No fim, a vida de todos mudou com a guerra. E a guerra na Bósnia Central não abalou somente os muçulmanos. Dražen S. tem uma amiga croata, que teve uma vida muito sofrida, “era menina ainda quando começou a guerra e sua família foi expulsa de Zenica, e de Zenica foi para Vitez. Fez faculdade em Mostar e agora vive em Sarajevo”. Sandra, minha professora de bósnio, de ascendência muçulmana (apesar de seus pais terem sido ateus), fez justamente o caminho

contrário, de Vitez foi para Zenica, após seus pais (que eram membros da TO²³¹) terem sido brutalmente assassinados em Vitez durante a guerra.

PELA BÓSNIA: RELATOS

Muitas vezes, contudo, os relatos que ouvi das demais cidades da Bósnia estavam relacionados à cobertura e ao perigo que os fixers/jornalistas enfrentaram.

Como na vez em que Samra L. foi com o jornal japonês *Yomiuri Shimbun* entrevistar o prefeito de Mostar, Mijo Brajković. Ele falou “tudo” sobre as pessoas que viviam na parte leste de Mostar, mas até então ninguém sabia o que ela era “por nacionalidade”. Porém, quando foram pegar autorização para fotografar a cidade, perguntaram seu nome e descobriram que ela era muçulmana, “uma bosniaquinha em Mostar Ocidental!” (sob domínio croata). E por isso furaram com facas os pneus do carro da equipe de jornalistas. Sentiu muito medo neste momento, mas acabaram conseguindo ir embora: “Mandaram arrumar o carro depois que eu falei pra eles que não iriam querer que o jornal de maior tiragem no mundo escrevesse como acabaram com o carro dos jornalistas”.

Nerminka E., que era repórter da RTVBiH na Bósnia Central e Herzegóvina, contou vários casos, como o de quando estava em Crno brdo, em Čapljina, e foram com um comandante na linha de frente filmar. “Esta linha de frente era em forma de V”, explica, “no centro estava a ABiH e, ao redor, chetniks, e foi o maior medo que passei na vida, pois estava lá e de repente dei de cara com um chetnik, que começou a atirar, e eu só corria corria, até que conseguimos nos esconder na mata”. Ou a história de uns meninos de Maglaj, que aprenderam a atirar jogando videogame e arrasaram na guerra, destruíram vários tanques, mas depois, quando

²³¹ Cada república da ex-Iugoslávia tinha a sua Defesa Territorial (TO, ou *Teritorijalna odbrana*). As TOs foram criadas no final da década de 1960, após a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia (Cf. VEJVODA, 1996). Segundo Jovan Divjak, comandante da TO bósnia, era estratégia da defesa iugoslava haver uma tarefa conjunta das TOs e da JNA. A TO da Bósnia, segundo ele, era a mais bem equipada, pois a Bósnia era estratégica topograficamente e geograficamente, com grandes montanhas e grandes vales de rios. Por isso, nela se localizava a mais forte indústria militar: em Sarajevo, produzia-se VBTP (veículo blindado de transporte de pessoal) e motores para tanques; em Konjic, produzia-se munição para armamentos leves; em Travnik, produzia-se canhões, lançadores de granada; em Vitez, explosivos etc..

a cidade foi tomada, foram todos mortos. Ou ainda a história de Cerska, perto de Srebrenica, quando, em 1993, disse para o general Philippe Morillon, comandante da ONU, que Srebrenica cairia. Lembrou-se então dos cachorros seguindo as pessoas na fila de refugiados expulsos da vila, quando esta fora tomada²³².

Šefko H. foi para Goražde uma vez em 1994.

O ministro de relações com a Unprofor [Osman Ratović], ele conhecia bem meu irmão, mas não eu. E ele disse, “agora estou com o presidente Izetbegović, vai uma delegação a Goražde, tem um lugar livre, Izetbegović te oferece o lugar, vai Nedžad Branković²³³, que vai te dar o documento”. Falaram para ele [Branković] não ir, pois os sérvios poderiam raptá-lo por causa do túnel (e ele acabou não indo, pois ficou com medo). Mas eu não sabia disso, depois que me contaram, quando nos encontramos. Fui com papel e caneta, para fazer anotações. A delegação foi acordada em Pale, Karadžić aprovou, a ONU e Alija Izetbegović. Os chetniks nos deixaram passar e em cinco horas estávamos em Goražde. Tomei quatro diazepam [Apaurin] para não morrer de medo e se comportar normalmente. Depois fiz umas dez reportagens para o *Oslobođenje* e para a televisão. Isso foi um milagre, um fenômeno, pois foi como se eu tivesse ido pra lua²³⁴. Fiquei lá dois dias. E aí passou na televisão, à noite, quando teve um pouco de eletricidade.

Em Vitez, a história era o conflito entre muçulmanos e croatas. Para Elvis B. acabou sendo sobre o comboio humanitário guiado por muçulmanos. O HVO parou o comboio, mataram o motorista e ele mesmo acabou de joelhos, na frente de um soldado do HVO, que lhe enfiou uma arma na boca.

Segundo Senad K., Mostar e Vukovar (na Eslavônia Oriental, Croácia) foram os dois lugares mais destruídos pela guerra, pois em Vukovar, 99% dos casamentos eram mistos, e em Mostar, 98%, então a guerra foi planejada e travada com o intuito de destruir, matar os núcleos, e separar as famílias. E conseguiu.

²³² Contou dos cachorros e da sua conversa com o general, mas não das pessoas morrendo de fome ou congeladas, fugindo por florestas minadas, como se verificou na região de Cerska, Srebrenica, Žepa e Kamenica, em fevereiro de 1993. E não porque não fosse importante, mas porque isso “se sabe”... As zonas de segurança da ONU, Srebrenica e Žepa, foram instauradas somente em maio deste ano.

²³³ Branković foi o principal engenheiro na construção do túnel sob o aeroporto de Sarajevo.

²³⁴ O único modo de ir para Goražde, enclave muçulmano transformado em zona de segurança da ONU durante a guerra, era passando por territórios sob domínio das forças sérvias.

Vlada M. comparou Vukovar e Goražde a Sarajevo. Disse que em Sarajevo as pessoas tentavam levar uma vida de aparente normalidade, mas que em Goražde as pessoas estavam enlouquecidas... Lembra-se das pessoas saindo das casas em Goražde enroladas em panos brancos. Em Vukovar, depois do cerco, lembra-se do rosto de horror das pessoas saindo dos porões e vendo a cidade completamente destruída. Para ele, Vukovar foi o pior lugar, “foram atiradas 2 milhões de balas sobre 2 mil casas e 40 mil habitantes, parecia uma cena de Goya, de ‘Os horrores da guerra’”.

Željko I. conta que viu muitos crimes e desgraças, pois a Bósnia era a mais misturada das repúblicas e não poderia se dividir assim, “um lado, outro lado, outro lado. Então aqui foi a pior destruição, de objetos culturais e religiosos, da economia, e onde ocorreu o maior número de mortes e crimes”.

A ABiH foi o exército que menos cometeu atrocidades, ouvi de muitos. Željko I. inclusive citou uma pesquisa – “do *The New York Times*” – que aponta que 80% das atrocidades foram cometidas pelos sérvios, 15% por croatas e 5% por bosniacs, “e não porque um é melhor, outro é pior”, conta:

Os sérvios pegaram todas as armas da JNA²³⁵, os croatas já haviam começado a se armar e a Croácia lhes dava armas também. Os bosniacs foram os últimos a se armarem, mesmo sendo maioria na Bósnia, por isso foram os que menos cometeram atrocidades. O exército comete crimes de acordo com seu poder. Os EUA são os que mais cometem crimes no mundo, pois possuem maior poder militar. A pergunta é: o que fariam os outros se tivessem as armas da JNA?

²³⁵ É senso comum que os sérvios eram maioria nos quadros do exército iugoslavo. Jovan Divjak, ex-comandante da Defesa Territorial bósnia e ex-segundo comandante da ABiH durante a guerra, concorda, e explica que a proporcionalidade era verificada apenas nas posições de comando. Segundo Denitch (1996), a JNA era a única instituição da ex-Iugoslávia onde o balanço étnico não operava totalmente. Ele aponta três motivos para a maioria sérvia entre oficiais e generais da JNA: sérvios da Bósnia, da Krajina e de Montenegro alistavam-se em massa em busca de melhores oportunidades; muitos sérvios dessas regiões participaram no movimento partizan, seus pais eram, portanto, veteranos de guerra; e no mais, Eslovênia, Croácia e Voivodina tiveram grande desenvolvimento industrial, o que tornou a carreira militar menos atrativa. Dražen S., nessa mesma linha, explica que para a escola militar iam principalmente os mais pobres, todavia, croatas, eslovenos e bosniacs não tinham interesse, enquanto que os sérvios, “tradicionalmente”, tinham mais interesse. Deste modo, em torno de 70% dos oficiais eram sérvios, no alto comando o equilíbrio nacional era respeitado.

A GUERRA NÃO CHEGARÁ A SARAJEVO

The shooting started in Bosnia first in cities close to the Serbian border, and although it was in our country we, in Sarajevo, still thought it was far away from us. Then it came closer and closer and artillery started pounding the Sarajevo old town. That's not where I live, so in my neighborhood we spoke about how "this is not close to us", without noticing how our safe world was shrinking. (CERKEZ-ROBINSON, 2006)

Mesmo vendo a guerra a cada dia se aproximando mais de Sarajevo, a maioria das pessoas continuou sem acreditar na possibilidade da guerra, e quando a guerra começou, acreditavam que ela duraria pouco. A idéia de que a guerra chegaria a Sarajevo, "onde todo mundo vivia junto" (Hakija H.) e onde "éramos tão misturados" (Hana P.), era simplesmente inconcebível. "As pessoas não podiam imaginar que a guerra passaria dentro das casas", contou Srećko L., "e foi exatamente o que aconteceu":

Você tem situações em Grbavica, onde a linha de frente era dentro da casa: por exemplo, um lado estava na cozinha e na sala, o outro, no quarto e no banheiro. Havia vários desses casos. Em Dobrinja, a fronteira entre a Republika Srpska e a Federação é uma rua. Um dos prédios era a linha de frente.

"Compramos reserva para a geladeira, carne e outras coisas! Mas cortaram a eletricidade e tivemos que comer tudo em um dia. Não estávamos preparados", lembra-se Amra A..

A mãe de Sabina Ć., no entanto, recusava-se a admitir que a guerra fosse iminente. E enquanto todos guardavam comida, ela dizia que só comia comida fresca e não em conserva. Já saqueavam supermercados, mas sua família continuava sem comprar nada.

Sabina Ć conta que as armas já haviam começado a sair da cidade e a ficar ao redor de Sarajevo e que havia trincheiras militares da JNA por toda a parte. Diziam que eram exercícios militares (Hare O., Senad H., Jadranko K.), e

acreditou-se nisso, já que a JNA ainda era vista como o exército que os protegia (Edina B.).

Poucos com quem conversei afirmaram que sabiam que haveria guerra, somente Samir K., Eldar E., Željko I., Šefko H. e Edina B.. Samir K. saiu de Grbavica pouco antes, pois sabia que o bairro seria ocupado pelos sérvios, já que eram maioria lá. Eldar E. estava em Zagreb quando a guerra estourou na Eslovênia e depois na Croácia. Voltou para ficar com sua família em Maglaj e depois foi para Sarajevo. Nerminka E., jornalista na RTVBiH, esposa de Eldar, contou que ele chegou da Croácia falando para todo mundo que haveria guerra, mas ninguém acreditou nele.

Algumas pessoas ignoravam a realidade. Acreditavam tão fortemente na idéia da Fraternidade e Unidade, do direito entre as nações, que escolheram ignorar que se preparava a agressão. Outros perceberam que era um processo já em curso, que não existia mais a JNA, que era um exército sérvio, trabalhando somente de acordo com o interesse sérvio e que tinha o plano de ocupar a Bósnia e começar o genocídio dos bosniacs. (Edina B.)

Hakija H. conta que muito antes da guerra dois escritores, Miroslav Krleža (croata) e Branko Ćopić (sérvio), escreveram que “quando Zagreb e Belgrado brigarem, na Bósnia, rolarão cabeças” (*“Kad god se u Zagrebu i u Beogradu svađaju, u Bosni će padati glave”*).

Entretanto, em Sarajevo, pensavam as guerras na Croácia e Eslovênia como sendo em outro país oficialmente (Andrej Đ.).

Estávamos muito seguros, pois vivíamos todos juntos, as três confissões: croatas, muçulmanos, sérvios; islã, catolicismo e cristianismo ortodoxo. Olhávamos os acontecimentos na Eslovênia e na Croácia, como se não fossem nossos amigos e filhos que também estivessem lá na JNA. Quando começou, foi um choque, e pensávamos que seria curta. Saíamos, passeávamos... (Samra L.)

Pensávamos, “ok, croatas são nacionalistas, sérvios também, aqui, nós estamos salvos etnicamente (*ethnic safe*), somos 30% casamentos mistos, multiétnicos, todos juntos”. Em Sarajevo, honestamente, mesmo depois ou durante a guerra, com as histórias de que o líder bósnio [Alija Izetbegović] começou a se tornar mais mono-étnico, nós não sentíamos isso, nós continuamos nos sentindo multiétnicos todo o tempo, e eu também, de coração. (Sabina N.)

Não se esperava que houvesse guerra. E mais do que isso, quando a guerra começou na Croácia, a gente achava que não chegaria à Bósnia, senão seria um caos, aí começou em Bijeljina, mas não poderia ser aqui. E quando começou aqui, “mas não pode durar muito, um mês, dois, os americanos vão atacar as áreas sérvias e vai acabar”. E a gente não se preparou para a guerra, esperei a guerra com um quilo de farinha e um de açúcar! (Merdijana S.)

Esse uníssonos, “aqui não poderia acontecer”, “aqui era diferente”, “todos juntos”, “misturados”, acompanhou-me todo o tempo em que estive em campo.

Sarajevo era como um oásis, relembra Hare O., com as pessoas na rua, os cafés lotados, “ninguém tinha idéia do que acontecia fora”, “quando se perguntavam se haveria guerra, poderia acontecer em qualquer lugar, mas não em Sarajevo” (Hare O., Senad H.).

Foram ingênuos (Samira K., Zijad M., Amira S.) ou estúpidos (Senka K.), mas poucos disseram que estavam mal informados. Samra L. e Hana P. apontaram isso, dizendo que eram muito manipulados. Aida A. e Željko Ivanković (1995) mencionaram a Yutel, emissora de TV iugoslava, que afirmava que não haveria guerra²³⁶. Muitos diziam que simplesmente desligavam a televisão, ou que eram muito novos – e eram mesmo – e simplesmente não se interessavam por política (Aida Č., Sabina N.).

E mais, Jovan Divjak, então comandante da TO bósnia (*Teritorijalna odbrana*) e, durante a guerra, segundo comandante da ABiH, conta que mesmo ele não acreditava. Em 1990, a presidência da Iugoslávia deu ordem para que todos os armamentos das TOs passassem para o controle da JNA (Cf. RAMET, 2002, p. 58), mas “a guerra na Croácia era longe...”

...aí em Bijeljina começaram as matanças e a incendiarem casas, isso em outubro de 1991, e começaram a expulsar as pessoas do vale do [rio] Drina. O primeiro bombardeio em Sarajevo foi no dia 4 de abril; Alija Izetbegović saiu na rua no dia 6 de abril e diz que não acontecerá nada. Eu pensei o mesmo. (Jovan D.)

Mesmo se houvesse guerra, pensava-se que esta não duraria tanto (Asja R., Sandra K., Samira K.), pois haveria intervenção internacional. A Bósnia era um

²³⁶ Segundo Željko Ivanković (1995, p. 25), quando se vê que a Yutel recebeu equipamentos da JNA e que o diretor de marketing desta emissora de televisão, dita “independente”, era pessoa próxima de Karadžić, “fica tudo mais claro, como e por que a Yutel lutou tanto contra os fatos”.

país reconhecido internacionalmente, a comunidade internacional não permitiria (Zijad M., Amra A., Leana L., Merdijana S.) e os jornalistas estavam lá (Amra A.).

Porém, é interessante apontar que no dia 10 de abril de 1992, Eli Tauber e sua família foram retirados de Sarajevo, como muitos outros judeus e familiares, pela Sochnut (Jewish Agency for Israel) e pelo JDC (American Jewish Joint Distribution Committee), e levados para Israel. Eli voltou doze anos depois, seus filhos não voltaram, como muitos outros, que permaneceram em Israel ou em algum outro país.

Frei Marko, por sua vez, foi para Munique. Sabia que haveria guerra, mas ninguém acreditou nele: “Uma coisa é se diferenciar, outra coisa é se dividir. Quando começa a divisão, a sociedade não tem outro futuro que não a guerra”. E foi isso que, segundo ele, estava acontecendo naquele momento.

Muitos “esperaram” a guerra tomando café.

Asaf B., três dias antes de começar o cerco²³⁷, estava sentado em um café com a namorada sérvia, falando que não haveria guerra. Começou o cerco, ela refugiou-se em Vogošća, onde vivia, e disse que não queria mais vê-lo. Nunca mais se falaram – tinham planos de se casarem logo depois. Terminada a guerra, ele foi procurá-la. Uma vizinha lhe disse que ela havia ido embora. Mora hoje em Bijeljina, casou-se e tem filhos. Durante a guerra os dois lutaram no exército, ela do lado de lá, no exército sérvio, e ele em Sarajevo.

Tom Gjeltén, em “Sarajevo daily” (1995), fala de Senka Kurtović²³⁸, que namorava um rapaz sérvio (o que até então era irrelevante), que conduzia um programa na Rádio Sarajevo nas noites de sábado. Aquele sábado, dia 4 de abril de 1992, seria o último dia em que se veriam. Dragan disse-lhe então que alguma coisa iria acontecer e que qualquer um, com alguma inteligência, deveria deixar a cidade. Senka não imaginava nem que seria a última vez que se veriam pessoalmente, nem que o veria dois dias depois, pela televisão, atuando como porta-voz da presidência do SDS, em Ilidža, e nem que fosse trabalhar na

²³⁷ A data que marca o começo do cerco é dia 6 de abril de 1992.

²³⁸ Que eu também tive a oportunidade de conversar para essa pesquisa, mas que não mencionou essa história.

televisão em Pale, onde abria seu programa dizendo, “Good evening, my dear Serb people” (1995, p. 43).

No dia 3 de abril, Aleksandar V., de Belgrado, sentava-se em um café em Sarajevo com Biljana Plavšić (op. cit.), Nikola Koljević²³⁹ e com o filósofo bosniac Muhamed ‘Tunjo’ Filipović (op. cit.).

Voltei no dia 5 para Belgrado e no dia 6 a guerra começou. No dia 3, sentávamos no café e eles diziam, “mas como guerra na Bósnia?!, não haverá guerra na Bósnia!” (“*kakav rat u BiH, nema rata u Bosni!*”). Biljana falava para o Nikola me dizer que não haveria guerra na Bósnia. Mas a Unprofor estava lá em Sarajevo e estavam todos prontos para a guerra: Patriotska Liga²⁴⁰, Zelene beretke, SDS, JNA, MUP BiH²⁴¹, a milícia SAO Romanija²⁴²... Belgrado já sabia que haveria guerra na Bósnia, só não se sabia quando começaria e como seria.

De fato, dois dias depois atacaram a manifestação pela paz na frente do Parlamento.

Dražan S. lembra-se do dia 5 de abril, quando, após a manifestação ser atacada por franco-atiradores em posição dentro do Holiday Inn, o próprio presidente da Bósnia, Alija Izetbegović (“o idiota do Alija”, segundo ele), apareceu à noite na TV e disse para todos dormirem em paz, pois não haveria guerra.

²³⁹ Nikola Koljević era um professor respeitado em Sarajevo – ensinava Shakespeare na Universidade de Sarajevo. Foi eleito membro sérvio da presidência bósnia nas eleições de novembro de 1990, mas largou esse posto para ser vice-presidente da Republika Srpska, em Pale, para desgosto e decepção daqueles que o conheceram antes em Sarajevo. Em 1997, se matou com um tiro na cabeça. (Cf. BELL, 1996; COHEN, 1998; JUDAH, 1997).

²⁴⁰ Segundo Vasić (1996), a Liga Patriótica (ou *Patriotska Liga*) foi formada como uma organização secreta paramilitar, aliada ao SDA, em março de 1991, mas sua importância é exagerada. Segundo ele, quando a guerra começou, nas batalhas ao redor de Sarajevo lutaram particularmente unidades especiais “muito bem-treinadas” da polícia bósnia, apoiadas por voluntários, geralmente conhecidos criminosos e mafiosos de Sarajevo.

²⁴¹ Ministério do Interior ou *Ministarstvo unutrašnjih poslova* (MUP). Possuía alguma organização no começo da guerra e armas, apesar de seu pessoal também ter se dividido – sérvios, croatas e muçulmanos. Instância superior à polícia.

²⁴² Romanija é uma cadeia de montanhas a leste de Sarajevo. As SAOs (*Srpske autonomne oblasti* / Regiões Autônomas Sérvias) foram estabelecidas já em 1991, na Bósnia e na Croácia. A proclamação da Republika Srpska da Bósnia-Herzegovina foi no dia 9 de janeiro de 1992. Antes disso foram proclamadas cinco regiões autônomas sérvias: na Romanija e Birač (com capital em Pale), Bosanska krajina (com capital em Banja Luka), Herzegovina Oriental (com capital em Trebinje), Semberija (com capital em Bijeljina) e Norte da Bósnia (com capital em Doboj). Cf. ČEKIĆ, v. 1, 2005.

No dia seguinte de manhã, começou o bombardeio a Sarajevo, com tanques, morteiros, lançadores de foguetes. E eu também fui idiota, pensei que não haveria guerra, mas bastante gente estava segura de que haveria, e se armaram e formaram unidades paramilitares. O SDS tinha as suas, o SDA, as suas. Só sei que da janela do meu apartamento, eu via como o tanque da JNA atirava do jardim da escola de polícia, em Vraca, que havia sido tomada pelos sérvios.

Segundo Aleksandar V., o cerco consumou-se definitivamente depois do ataque ao comboio militar na Rua Dobrovoljačka, quando o último quartel da JNA foi esvaziado. Até então, lembra-se de entrar e sair da cidade por Stup e que o bonde ainda funcionava.

O ataque ao comboio militar da JNA na Rua Dobrovoljačka, no dia 3 de maio de 1992, é um episódio menos contado em Sarajevo, mas muito importante para os sérvios na Republika Srpska, considerado crime de guerra pela Sérvia e pela Republika Srpska, que entraram recentemente com processo contra 19 pessoas, entre elas, Ejup Ganić e Stjepan Kljujić (membros então da presidência bósnia) e o então segundo comandante da ABiH, Jovan Divjak. Em linhas gerais, havia sido negociada nesse dia a libertação do presidente Alija Izetbegović, raptado pelo exército sérvio no aeroporto de Sarajevo, quando este retornava de Portugal. A libertação foi concordada em troca da libertação do último quartel da JNA de Sarajevo, em Bistrik, no outro extremo da cidade, e do general Milutin Kukanjac (comandante da JNA, em Sarajevo).

Quando os soldados da JNA saíam em comboio do quartel, foram atacados nesta rua. Muitos foram feridos, alguns mortos, quase todos raptados, para serem usados como moeda de troca depois. Armas e munições foram tomadas pelos soldados bósnios. O comandante da Unprofor, General MacKenzie, considera este dia o pior da sua vida, quando arriscou a vida de um líder de estado (Izetbegović) e do general da JNA (Kukanjac)²⁴³.

Neste momento, a competência de Kukanjac é questionada e ele é substituído pelo general Ratko Mladić. Paralelamente, a já proclamada nova Iugoslávia (formada pela Sérvia e Montenegro) decide retirar as tropas da JNA da Bósnia – permanecendo nesse território “somente os nativos”, ou seja, 80 mil

²⁴³ Cf. SILBER; LITTLE, 1996, p. 242.

soldados, com armamentos leves e pesados, que seria então parte do Exército sérvio bósnio, sob comando de Mladić.

Só ouvi falar desta rua, pela primeira vez, quando fui para o “lado sérvio”, e depois, somente em 2009 e 2010, com o processo contra os “mandantes” do ataque ao comboio. Em Sarajevo, ouvi que os bombardeios à cidade, neste dia, foram realmente terríveis.

Noel Malcolm (concordando com o que ouvi em Sarajevo) conta que as forças sérvias, em poucas semanas (cinco ou seis) de combates, conquistaram mais de 60% da Bósnia – Bijeljina, Zvornik, Višegrad, Foča, entre outras vilas e cidades – no que ele define como “an invasion of Bosnia planned and directed from Serbian soil” (2002, p. 238). Tais forças contavam com paramilitares sérvios²⁴⁴ (como os Tigres, de Arkan, as Águias Brancas, de Milan Lukić²⁴⁵, e os Chetniks, de Vojislav Šešelj²⁴⁶), o exército federal e forças locais sérvias das Regiões Autônomas Sérvias (SAOs).

²⁴⁴ Vasić explica que tais grupos paramilitares possuíam status de membros das forças armadas e geralmente eram grupos armados de voluntários organizados por alguns partidos políticos, exceto os Tigres (ou Guarda Voluntária Sérvia), de Arkan (o Željko Ražnatović, assassinado em 2000, em Belgrado). Segundo esse autor, ainda, tais grupos eram usados como arma psicológica para a limpeza étnica. Chegavam nas vilas aterrorizando a população, pilhando e estuprando, “They would make sure that the stories spread” (1996, p. 134), e na próxima vila não teriam tanto trabalho. Eram formados por 80% de criminosos e 20% de nacionalistas fanáticos, esses últimos, segundo Vasić, não duravam muito.

²⁴⁵ Milan Lukić foi condenado pelo TPI, em Haia, à prisão perpétua por perseguição política, racial e religiosa, tortura, extermínio, assassinatos e atos inumanos. O caso encontra-se em fase de apelação em relação à sentença. Cf. CASE..., 2010.

²⁴⁶ Vojislav Šešelj foi fundador do Partido Radical Sérvio (*Српска радикална странка*), em 1991. Hoje está sendo julgado pelo TPI em Haia pelos crimes de guerra e contra a humanidade cometidos durante as guerras na Bósnia e na Croácia.

OS SÉRVIOS SABIAM

Os sérvios não diziam nada, e os croatas e muçulmanos não sabiam. (Predrag D.)

Houve comissão em Belgrado e armação sérvia. Os sérvios daqui saíram antes, diziam que iam dois dias numa tia em Novi Sad [na Voivodina, Sérvia], por exemplo. Casa e rua não falavam a mesma coisa. A impressão é que o cerco foi de repente, mas se prepararam antes e armaram as pessoas. Muitos sabiam, muitos ficaram, e todos voltaram para vender o apartamento depois. (Amra A.)

Após e durante as entrevistas muitas perguntas surgiram. Por exemplo, como os sérvios que viviam em Sarajevo deixaram sua própria cidade para viver em Pale²⁴⁷? como puderam atirar das montanhas em suas próprias casas? e como souberam do cerco antes de todo mundo?

Ouvi respostas como, sim, eles foram mobilizados e não contaram para ninguém que haveria guerra; e muitas histórias, como a da minha vizinha Seka, que conta que pouco antes do cerco, uma vizinha sérvia lhe entregou as chaves do próprio apartamento e disse-lhe que estava indo para Belgrado passar as férias – “e nem época de férias era!”²⁴⁸ – mas que ela podia ficar à vontade e pegar o que quisesse da casa.

Saíram no final de 1991 e começo de 1992, “a saída foi secretamente organizada pelo SDS” (Hare O.). Gjeltén (1995) cita alguns casos de distribuição

²⁴⁷ Pale antes da guerra era uma pequena cidade, nas cercanias de Sarajevo, onde as pessoas costumavam ir nas férias de inverno para esquiar na montanha Jahorina e alguns tinham casas de campo (*vikendica*). Foi tomada logo no começo da guerra para ser a capital da Republika Srpska e, portanto, sede do governo sérvio bósnio, do alto comando das forças armadas, além de local onde foram estabelecidas a agência de notícias, a rádio e a televisão sérvias.

²⁴⁸ Há o tempo para tudo em Sarajevo. Não no sentido do tempo livre, mas no sentido do tempo que deve ser utilizado para a realização de algo. Deste modo, há o tempo do café com vizinhos e amigos (*komšije i jarani*), o tempo de ir para as montanhas no inverno, o tempo de ir para a praia no verão, o tempo do ramadã, o tempo das festas de fim de ano, o tempo de colocar flores em memoriais, o tempo de lembrar-se do genocídio em Srebrenica etc.. Posto isso, sair de férias em abril era algo que não fazia o menor sentido. As férias são sempre no verão, há exceções, claro, mas quando sérvios saem em massa de férias em março ou abril, com os carros carregados e no meio da noite, as pessoas dizem: “mas nem época de férias era!”

de armas por esse partido e de eles alertarem os sérvios de que haveria guerra, ordenando que deixassem a cidade²⁴⁹.

Esses que sabiam não falaram para os outros. Havia muitos amigos próximos: sérvio e croata, sérvio e muçulmano. A gente senta aqui hoje à noite, eu sérvio, você bosniaquinha, eu tenho filhos, você tem filhos, conversamos normalmente, tomamos café, chego em casa, faço a mala, pego as crianças, não te digo uma palavra e vou embora. Amanhã você bate na minha porta e eu não estou mais, peguei as crianças, dinheiro e fui embora, e você, minha amiga há vinte anos, nossas crianças brincam juntas, não te digo nada, nem para cuidar de suas crianças, pois vai haver guerra. E teve casos também desses que saíram, levaram seus filhos para Belgrado, voltaram, subiram no morro e começaram a atirar em você, com quem ontem bebeu café. (Vlado A.)

Vlado A. teve um amigo que fez isso: “quando acabou a guerra, voltou para Sarajevo, para ver como é que estava, e comportou-se como se nada tivesse acontecido, como se tivesse saído ontem a passeio, e não há quatro anos para Belgrado ou Pale”.

Em entrevista a revista *BH Dani* (2002), Senad Hadžifejzović explica:

Não posso e não quero ser no final o esperto que chega a alguma conclusão, mas realmente eu não podia imaginar que Dragan Alorić²⁵⁰, que hoje ninguém mais se lembra, iria conduzir noticiário em Pale após quinze dias do nosso último encontro. Ele era um cara legal e que só pensava em mulher. Não posso acreditar que ele seria o primeiro a bater na mesa dizendo que “estes precisam ser mortos”. Do mesmo modo, não podia imaginar que Velibor Golubović²⁵¹, apesar de ser genro do general Kukanjac, iria agir como agiu. Ou Risto Đogo²⁵²: ele era um rapaz bem-educado e até tímido, tinha uma boa carreira no rádio, era um dos mais jovens editores do programa informativo. Ilija Guzina²⁵³, até começo de abril, dizia como em sua cidade, Gacko, bosniacs e sérvios viviam bem²⁵⁴... As pessoas ao meu redor prestavam atenção em

²⁴⁹ Em um desses exemplos, o general Kukanjac, pessoalmente, alerta o jornalista do *Oslobođenje*, Đuro Kozar, que haveria guerra e que este deveria deixar a cidade. Kozar recusa-se a deixar a cidade ou aceitar de Kukanjac uma arma (Cf. GJELTEN, 1995, p. 88).

²⁵⁰ Dragan era o namorado de Senka K., que mencionei algumas páginas anteriores. (Cf. GJELTEN, 1995).

²⁵¹ Não descobri mais informações sobre ele.

²⁵² Vide capítulo anterior, sobre a cobertura na Republika Srpska do massacre no Markale. Risto Đogo, jornalista, cresceu e formou-se em jornalismo em Sarajevo. Em abril de 1992 já estava conduzindo noticiário na Rádio e Televisão da Republika Srpska em Pale. Seu corpo foi encontrado no rio Drina em setembro 1994, não se sabe se foi assassinado ou se morreu afogado.

²⁵³ Guzina foi ser editor da televisão sérvia em Pale.

²⁵⁴ A cidade de Gacko aqui aparece certamente imbuída de significado simbólico. A cidade, pelo censo de 1991, tinha a mesma quantidade de habitantes sérvios e muçulmanos (apesar das vilas ao redor possuírem população majoritária sérvia) (Cf. NACIONALNI..., 1993). No entanto, segundo Žanić, nessa cidade, na Herzegovina Oriental, os sérvios eram considerados, de acordo com o imaginário local, “os melhores sérvios, pois os mais puros e inabaláveis cristãos ortodoxos” (Cf.

Dubravka Kenić²⁵⁵, vista como um elemento do extremismo sérvio na TVSA, mas ela foi embora para Belgrado, e ninguém pode julgá-la de ter feito parte da sujeira da mídia.

Dražen S., mesmo sendo sérvio, permaneceu em Sarajevo, e não o avisaram que começariam a bombardear a cidade. Havia sérvios e sérvios, segundo ele. Ele não era como outros. E sabiam quem eram os seus sérvios e os outros sérvios.

Uns dez colegas sérvios de Željko I., também escritores, saíram de Sarajevo e foram para Pale, inclusive Radovan Karadžić, que além de psiquiatra e líder do SDS, era escritor. A maioria dos sérvios saiu, segundo Željko: “Falaram somente com as pessoas que tinham confiança e que sabiam que não diriam nada para ninguém”. O marido de sua irmã é sérvio, também eles receberam a informação, deixaram a cidade e não contaram para a família.

Ele fechou seu apartamento e disse que iria sair de férias... isso era começo de abril, não era verão, não era época de férias. Ou iam embora simplesmente, sem dizer nada, e na segunda-feira não apareciam no trabalho. (...) Eu tenho dois irmãos. Eu fiquei em Sarajevo, minha irmã em Pale com o marido, e meus dois irmãos em Vareš²⁵⁶, um no HVO, outro na ABiH (e meu cunhado nas forças sérvias). Um dos meus irmãos queria a Bósnia-Herzegovina unida, para o outro, ninguém perguntou nada, o mobilizaram, pois Vareš, no começo, estava sob domínio do HVO. O outro não concordou com a mobilização e foi para a ABiH, que estava perto de Vareš. Aí a ABiH atacou Vareš e esse meu irmão expulsou o outro...

Contudo, muitos ficaram na cidade “vivendo a mesma vida que a gente, e eles atiravam neles como atiravam na gente. Pois como temos uma mesma pertença étnica, não está escrito na testa quem é quem, o franco-atirador atira seja em quem for” (Samra L.), e por isso,

ŽANIĆ, 2007, p. 329), que na Segunda Guerra Mundial juntaram-se ao movimento chetnik. Por outro lado, nada nos diz que a afirmação do colega de Senad H. remetia ao imaginário simbólico da cidade. Mas em um contexto onde tudo podia ser lido na lógica do etno-simbolismo, utilizado pela propaganda pré-guerra, a afirmação de que até mesmo em Gacko, bosniacs e sérvios conviviam em harmonia é muito mais simbólica do que dizer o mesmo sobre Sarajevo, por exemplo.

²⁵⁵ Não descobri mais informações sobre ela.

²⁵⁶ Vareš é sua cidade natal.

nunca quis dizer que eles são “sérvios”, mas sim “chetniks”, ou “extremistas sérvios”, pessoas de comportamento extremo. Infelizmente, eles eram muitos. E a maior decepção para todos os sarajevanos é que todos os bósnios passaram juntos a vida toda, na amizade e em casamentos, e foi o primeiro vizinho²⁵⁷ que saiu para atirar na gente ou te levou para o campo de concentração. (Samra L.)

Para Vojislav S., Radul R. e Nevenko E., três jornalistas sérvios de Sarajevo com quem eu conversei e que foram para Pale no começo da guerra, tornou-se perigoso continuar na cidade.

Vojislav S. e Radul R. foram trabalhar para a Visnews/Reuters TV, cobrindo o “lado sérvio” da guerra, e hoje trabalham para a APTN. Ambos moravam então em Dobrinja. Segundo Vojislav S., “Não era seguro continuar em Sarajevo, ninguém podia garantir que não fossem nos pegar e matar”. Radul R. conta que

o pessoal da RTV Sarajevo pressionava ou para eu ir embora ou para eu trabalhar para eles. E em casa sentiam medo, que podiam ser mortos ou presos. Não dava para continuar na cidade, devido ao exército muçulmano e aos mujahidins que lutavam aqui. Atacavam o lado sérvio, matavam pessoas, e outras desapareciam.

Colocaram, então, o que puderam no carro e foram embora. O apartamento, que ganhara (pois quem trabalhava na TV ganhava apartamento), Radul vendeu em 1998, “por uma bagatela”, e comprou um apartamento em Pale.

Nevenko E., por sua vez, morava no bairro de Vraca e foi trabalhar na Srna, agência de notícias sérvia (da Republika Srpska), onde trabalha até hoje, e tem uma história parecida: “Fomos forçados a sair de Vraca, a casa ficava na linha de frente, e fomos então para uma casa de campo em Trebević, na vila sérvia onde meu pai nasceu”. Seus pais ficaram lá e ele foi para Pale trabalhar na Srna.

Irina, esposa de Amir T., de família sérvia, comentou que no começo do cerco chegaram a lhe dizer que não era seguro para ela ficar em Sarajevo, afinal, era guerra. Mas ela ficou mesmo assim e depois acabaram se acostumando com ela. E sublinhou que é muito diferente dizerem isso aconselhando e dizerem isso apontando uma arma para você, que foi o que aconteceu com muitos em Ilidža, onde morava Amir T.. Amir conta que então viu, pela primeira vez, “chetniks de

²⁵⁷ O primeiro vizinho é aquele da porta ao lado.

verdade” , que pareciam saídos de algum filme²⁵⁸. Segundo ele, os chetniks, “com suas barbas”, chegavam para “libertar” Ilidža: eles iam de porta em porta e “aconselhavam” as pessoas, apontando armas terríveis, a deixarem seus apartamentos (que estavam na “Ilidža sérvia”, como diziam) até meio-dia do dia seguinte, pois não se responsabilizariam pelo que lhes pudesse vir a acontecer.

Zijad M. e Vojislav S. eram vizinhos em Dobrinja e trabalhavam juntos na televisão, Zijad aprendeu com ele a filmar, confiava nele, não sabia que era sérvio. Quando Zijad foi preso pelos sérvios em Dobrinja, que estava então cercada, pediu para Vojislav tirar suas crianças de lá e levar para a cidade²⁵⁹, pois ele tinha carro da televisão estrangeira e era sérvio, poderia portanto passar em todas as barricadas/*check points* sem problemas. Nunca lhe deu satisfação.

Meldijana A. cresceu junto com sua amiga sérvia, Sandra. No dia 3 de abril sua amiga foi para Lukavica (subúrbio de Sarajevo, hoje, bairro de Istočno Sarajevo, ou Sarajevo do leste, ou ainda, “Sarajevo sérvio”). Lembra-se do *Bajram*²⁶⁰ de 4 de abril de 1992, e que nesse dia e nos seguintes, Sarajevo foi atacado. No dia 6 de abril, a Bósnia foi reconhecida como estado independente. No dia 16 ou 17 deste mês, Sandra liga para avisá-la que ela e sua família deveriam deixar o bairro – *Aerodromsko naselje* (Bairro do Aeroporto) – pois este seria tomado pelos sérvios. Sandra mora hoje em Bijeljina.

Pelos relatos, pode-se talvez concluir, do mesmo modo que os sarajevanos concluíram, que os sérvios saíram de Sarajevo pois sabiam que a cidade seria atacada. No entanto, para Ioannis Armakolas, que realizou pesquisa entre sérvios na Republika Srpska, “For the Serbs that left Sarajevo in 1992, a combination of fear, conviction, imitation and compliance with authorities made their decision to

²⁵⁸ Aqui, deve-se ter em mente a enorme produção cinematográfica iugoslava de filmes partisans, que mencionei anteriormente. Tais filmes versavam basicamente sobre a Segunda Guerra Mundial e a luta dos partisans pela libertação da Iugoslávia, lutando bravamente contra os ustyashas, os alemães e os chetniks. Os chetniks, nestes filmes, geralmente eram horrorosos e tinham barbas imensas e “caras de mau”.

²⁵⁹ Dizer “ir para a cidade” em Sarajevo significa geralmente ir para o centro, no caso de Zijad, pode significar simplesmente sair de Dobrinja, que é na periferia e estava sob cerco no começo da guerra, e cujo acesso, durante a guerra, era realmente difícil e perigoso.

²⁶⁰ *Bajram* (ou *Eid ul-fiṭr*) é a celebração que marca o fim do ramadã, mês do jejum islâmico. As pessoas então comemoram, fazem baklava, esperam amigos, parentes e vizinhos e visitam amigos, parentes e vizinhos. É uma data muito festiva.

move to Serb-dominated areas only natural”, o mesmo sendo verificado dentre aqueles que deixaram a cidade em 1996 (2007, p. 88)²⁶¹.

Os sérvios com quem conversei na Republika Srpska sublinharam que era perigoso ficar na cidade, e, de fato, conforme vimos, houve casos de violência contra sérvios em Sarajevo, por parte das gangues de Caco (Mušan Topalović), de Ćelo (Ramiz Delalić), de Juka (Jusuf Prazina), entre outras. Um amigo sérvio do jornalista Philippe D. resolveu sair de Sarajevo devido a casos como estes. De Mojmiro, ele foi para Stup e, de lá, para Ilidža, sob domínio sérvio. Lá os sérvios tentaram fazê-lo atirar em Sarajevo, ele não quis. Parece que matou seu comandante e fugiu. Hoje mora em Niš, na Sérvia.

Asaf B. explica que ser sérvio em Sarajevo durante a guerra era muito difícil. Ninguém confiava, principalmente no começo, já que houve casos muito comuns, como o de um prédio em Dobrinja, em que se sabia que havia um franco-atirador e que o morador Mehmed fez de tudo para que o exército bósnio não invadisse o apartamento de seu vizinho sérvio, Stefan; quando o exército entrou no apartamento, este estava repleto de armas. Ou outro caso, em Alipašino Polje, em que a tarefa de um sérvio era escrever os nomes de quem morava nos prédios: só isso bastava para definir quem era quem²⁶².

A verdade é que todo mundo conhece algum sérvio que foi embora, ou que foi para Pale, ou para outro lugar, chegando a situações não incomuns como a de Senad K., que foi espancado cotidianamente durante os seis meses em que ficou preso numa quadra de basquete – campo de concentração sérvio – por um colega de escola.

²⁶¹ Nesse mesmo livro, “The new Bosnian mosaic”, Stef Jansen (2007, p. 193-208) traz um relato muito interessante de um encontro entre três ex-colegas de trabalho em Tuzla, onde um deles, sérvio, é questionado exatamente a respeito disso, já que deixou Tuzla no dia anterior ao início dos bombardeios. Sua resposta é que sabia tanto quanto todo mundo que haveria guerra, ouvia-se tiros na cidade vizinha, ouvia-se rumores pela cidade. Os ataques a Tuzla foram constantes até a cidade ser declarada Zona de Segurança da ONU. Em 1995, entretanto, ocorreu em Tuzla um dos mais mortíferos bombardeios da guerra.

²⁶² Na Bósnia, não há número de apartamento, mas nomes, na porta, no interfone e na caixinha de correio.

A violência contra sérvios na cidade não aparece muito nos relatos, ou são relatadas como casos isolados, mas nem por isso, não são condenáveis, como vimos no relato de Sabina Č no capítulo anterior.

Não obstante, muitos sérvios permaneceram na cidade, onde viviam e morriam do mesmo modo que os demais. Foi-me frisado igualmente que nem todos os sérvios que saíram foram para as montanhas atirar nos seus vizinhos e na sua cidade. Alguns foram para Belgrado, outros, para outros países. Jovan Divjak é herói nacional, como muitos sérvios que ficaram e que são lembrados por isso.

Aida Č., colega de trabalho de Radul R. durante a guerra e ainda hoje, explica com calma que ele saiu de Sarajevo pois tinha uma visão política diferente em relação ao que acontecia:

Uns acharam que aqui tinha que ser Sérvia, outros, que tudo era um absurdo e que aqui é Bósnia: visões políticas, diferentes visões sobre o que isso tem que ser e sobre como classificam a si mesmos. Minha melhor amiga, sérvia, ficou o tempo todo aqui, ela não queria ser província da Sérvia, queria ser um país. Radul, por outro lado, queria que isso fosse Sérvia. Outros não acreditavam em nada e hoje estão no Canadá. Estatisticamente, a maioria dos sérvios deixou o país e a ex-Iugoslávia: “não vou atirar nos meus vizinhos e nem nos meus co-nacionais, vou embora, no Canadá não tenho que atirar em ninguém”. Para mim, estes são os melhores. E eu falei com muitos deles na Alemanha, um deles me disse: “politicamente eu estava do lado da Bósnia, mas isso iria me forçar a entrar no exército e atirar nos sérvios, pois era guerra e você tinha que ser soldado. Eu não queria nada disso, então fui embora e não quero voltar de jeito nenhum, nem para as férias. Só vou voltar no dia em que for completamente irrelevante quem é sérvio, quem é muçulmano, quem é croata, quem é judeu, como era na época da Iugoslávia, *I am a Yugo-nostalgic*”. Eu também, se eu fosse sérvia, estaria agora na Austrália. Eu aprecio essas pessoas.

A guerra, o cerco, os sérvios deixarem a cidade, tudo aparece, portanto, como uma surpresa, uma agressão, uma traição. Pois foram eles, “os sérvios” – muitas vezes assim chamados, mas também de “chetniks”, “agressores”, “exército de Karadžić”, “exército sérvio ou dos sérvios bósnios” – que cercaram Sarajevo com seu exército e suas armas: “havia 400 canhões ao redor da cidade, eles estavam em Pale, Ilidža, no Bairro do Aeroporto, em Hadžići, Trebević, Jahorina,

Ilijaš, Vogošća²⁶³. A única saída da cidade era pelo túnel²⁶⁴ e de avião, quando a Unprofor trazia ajuda humanitária” (Željko I.).

O cerco

Para mim, mesmo hoje é difícil entender, ainda acho inacreditável. A vida era completamente difícil, e simples, as pessoas tinham comida e água até o final do dia, e era isso. Você dorme bem e a manhã seguinte é um novo dia. Não há passado nem futuro, *in order to survive*. Se você pensa em passado ou futuro, você é morto, pois você deve estar sempre atento para sobreviver, como um animal. (Srećko L.)

O cerco a Sarajevo foi uma “agressão” em todos os sentidos: à vida, à definição de Sarajevo enquanto cidade multicultural, tolerante e cosmopolita, ao modo de ser “urbano” e “cultural” com o qual as pessoas estavam acostumadas e à alma/espírito da cidade (*duh*)²⁶⁵.

Como vimos, pelo fato da Bósnia ter sido a república mais “misturada” da ex-Iugoslávia em relação à “composição étnica” de seus habitantes, poucos com quem conversei acreditavam que haveria guerra, ou que a guerra chegaria a Sarajevo, mesmo quando em algumas cidades já estavam ocorrendo conflitos. Sarajevo era visto então como a “capital cultural da ex-Iugoslávia” e a Bósnia-Herzegovina como “a Iugoslávia em miniatura”, multiétnica e tolerante. Neste sentido, a incompreensão, o “como foi possível”, é ainda mais marcante.

Existem vários modos de se contar essa história.

Pode-se enfatizar a vida cotidiana e a luta pela sobrevivência, e aqui o trabalho de Suada Kapić é fabuloso e explica em detalhes como era a vida no cerco, e em tom de ironia, como fazer fogo, como fazer tortas (*pita*) de arroz ou urtiga, maionese sem ovos etc.²⁶⁶. Pode-se contar as histórias das diversas linhas de frente e batalhas: em morros como o Žuč, ou bairros como Dobrinja (com linhas

²⁶³ Bairros, subúrbios e montanhas que ficam na periferia ou próximos a Sarajevo.

²⁶⁴ Construído em 1993 sob o aeroporto. Ver nota op. cit. (nota 217, p. 180).

²⁶⁵ Termos estes, que ouvi em campo.

²⁶⁶ Cf. KAPIĆ, 2000; RAZOVIĆ, WAGNER (1993); SARAJEVO Survival Guide (Excerpts) (s.d.).

frentes em direção a Lukavica e Nedžarići), ou Mojmiło (também na fronteira com Nedžarići); ao redor de Grbavica (e aí sua fronteira com Hrasno e a linha de frente no cemitério judaico); na montanha Trebević; em Pale e na montanha Jahorina; ou, do outro lado, em Ilidža e na montanha Igman; e ainda Stup etc. (ver mapas 4, anexo, p. 396). Pode-se contar a história do Exército da Bósnia-Herzegovina (ABiH) e de seus comandantes, soldados, brigadas, e a de seus inimigos, como o exército sérvio e os grupos paramilitares Águias Brancas (*Beli orlovi*), os Tigres de Arkan (*Arkanovi tigrovi*), os Águas Azuis (*Plavi orlovi*), os *Četnici* de Šešelj etc.. Pode-se contar as histórias dos jornalistas, citados no capítulo anterior, que fizeram a cobertura da guerra na Bósnia e do cerco a Sarajevo. Pode-se contar a história da Unprofor e da ajuda humanitária e seu papel neutro durante a guerra, ou não, se pensarmos que seus blindados (VBTP²⁶⁷) protegiam a população de Sarajevo ao atravessar as ruas. Pode-se contar a história de famílias e das perdas que sofreram. Pode-se contar a história dos refugiados, expulsos de suas casas em outras partes da Bósnia, que procuraram refúgio “seguro” em Sarajevo, Tuzla, Zenica, Srebrenica e outras cidades. Pode-se contar a história dos sérvios que deixaram a cidade (“numa mistura de medo e convicção”²⁶⁸ e sob influência da propaganda sérvia). Pode-se contar a história da vida cultural durante o cerco, da resistência pela arte, pelo jornalismo (na figura do *Oslobođenje*), pelo teatro, música e cinema. Pode-se ainda contar a história dos criminosos, que enriqueceram durante a guerra, e do mercado negro. Pode-se contar a história da comunidade internacional, reorganizando-se em termos de alianças pós-queda do muro de Berlim, e da ONU. Pode-se enveredar pelas teorias da conspiração sobre a destruição da Iugoslávia, “almejada” pelos grandes poderes. Pode-se pensar o comércio e tráfico de armas. Pode-se pensar a entrada da heroína na Iugoslávia no final dos anos 1970, começo dos anos 1980, vista então como “algo bacana”, conforme um amigo de Belgrado me disse, e que teria atingido basicamente

²⁶⁷ VBTP é a sigla para “veículo blindado de transporte de pessoal”. São veículos blindados, com formato de tanque, para transporte de pessoal/soldados. Geralmente, ao invés de um canhão, comum nos tanques, possuem uma metralhadora de alto calibre, além de armamentos leves. Os veículos da ONU ou Unprofor costumavam ser estes blindados.

²⁶⁸ Cf. ARMAKOLAS, 2007, p. 88. Tradução minha.

jovens, filhos da classe média, de áreas urbanas (ou seja, “os que tinham uma mentalidade não nacionalista, moderna, democrática, estavam viciados, os que não, tomaram a frente dos processos políticos que se seguiram”), apesar de, em Sarajevo, dizerem que “antes” não tinha essas coisas...

Infinitas são as histórias. Como suspirou Šefko H. em um momento da nossa conversa, que durou mais de três horas: “Falar da guerra é um assunto sem fim”.

Obviamente, não falarei sobre tudo, nem tenho conhecimento para tanto. As seleções que foram feitas priorizaram portanto os temas que foram priorizados pelos meus informantes. E nesse sentido, segue-se o relato.

Em primeiro lugar, como sublinhado anteriormente, deve-se ter em vista que o cerco ou a guerra na Bósnia, para essas pessoas, não foi um conflito civil, ou étnico, ou religioso, mas sim uma guerra de ocupação e agressão iniciada pela Sérvia (Zijad M., Andrej Đ., Belmin K., Rialda M.)²⁶⁹. Na guerra existem soldados que combatem, explica Samira K., “aqui foi um jogo de matar civis”.

No começo, não havia ainda exército.

O governo se reuniu em abril de 1992 para reorganizar a defesa territorial da Bósnia (TO) e transformá-la no que viria a ser o exército, unificando assim, em Sarajevo, as forças que já trabalhavam na defesa da cidade, formadas basicamente por grupos de bairro (que reuniram as armas que as pessoas guardavam em casa), por policiais e por criminosos.

Paulatinamente, todos os homens em idade militar seriam mobilizados/convocados para o que seria a *Armija BiH* (ABiH), ou Exército da Bósnia-Herzegóvina, para defender a cidade e o país. Jornalistas e médicos, como vimos, não precisaram servir ao exército, já que suas atividades eram consideradas esforço de guerra.

²⁶⁹ Bougarel (1996) define a guerra na Bósnia como civil justamente por se tratar de um conflito onde as principais vítimas são civis, e não, soldados. Não concordo com essa definição, pois ela não faz sentido localmente, onde a noção de guerra civil está atrelada à noção de guerra étnica, onde todos lutam, e não apenas alguns, enquanto os demais sobrevivem, ou tentam sobreviver.

No começo, portanto, tanto em Sarajevo, como no resto da Bósnia, as pessoas se defendiam como podiam, grupos paramilitares, grupos de moradores do bairro, gangues, como quer que os chamassem, eram a defesa do país e da cidade (Amir T., Meldijana A., Merdijana S., Elvis B., Dražen S. etc.).

“Havia várias gangues em Sarajevo, no começo”, lembra-se Merdijana S., que conta que uma gangue local parou a equipe de jornalistas com quem trabalhava, apontaram armas e roubaram todo o equipamento. “Foi terrível para mim tamanha violência, se fosse em outro lugar, mas aqui!”. Explica que cada gangue tinha então a sua área, isso que lhe aconteceu foi em Bašćaršija, que era território do Célo²⁷⁰.

Em fevereiro/março de 1992 já havia também as milícias Zelene beretke (Boinas Verdes) e a Patriotska liga (Liga Patriótica), que, acredita-se, formaram-se em 1991. Eram grupos paramilitares, que ninguém soube me contar direito a história. Mesmo Jovan Divjak, então comandante da TO de Sarajevo, diz que só tomou conhecimento da Patriotska liga quando na TO foram incorporados alguns de seus membros, como Sefer Halilović, entre outros (Cf. DIVJAK, 2009). Sabe-se que a Patriotska liga era uma organização militar financiada pelo SDA e que a Zelene beretke era uma unidade militar de voluntários locais em Sarajevo, porém suas origens, papel e atuação são controversos (Cf. SORABJI, 2006).

De todo modo, são vistos como heróis. Sefer Halilović, por exemplo, foi comandante da Patriotska liga antes de passar para o comando da ABiH e é um dos ex-comandantes mais respeitados em Sarajevo, considerado herói por muitos e não-nacionalista, e de fato, “enquanto esteve no comando”, escreveu Ivan Lovrenović (2006), escritor e jornalista de Sarajevo,

the Army behaved in accordance with the principles contained in the famous Platform of the Bosnia-Herzegovina Presidency of April 1992, which declared that it was fighting a war for the defence of a multi-ethnic state of equal peoples and citizens. That was a truly heroic period, when the Army was commanded by generals such as Jovan Divjak and Stjepan Šiber²⁷¹, whose unwavering loyalty to Bosnia-Herzegovina scandalised the

²⁷⁰ Op. cit..

²⁷¹ Šiber seria o representante croata na ABiH, Divjak, o representante sérvio, e Halilović, o muçulmano. Na realidade, porém, estavam todos eles lutando por um estado multiétnico, como afirmou Lovrenović em seu artigo.

proponents of “pure” Croat and Serb ideas (and, as it soon turned out, their Bosniak equivalents as well).

As milícias e grupos armados de bairro, em Sarajevo, formaram-se, segundo Meldijana A., em resposta às barricadas do SDS, que se espalharam pela cidade após o resultado do referendo bósnio pela independência, em março de 1992.

Após a divulgação do resultado do referendo, em 2 (ou 3) de março de 1992, barricadas se espalharam pela cidade e bloquearam todos os acessos a ela (diz-se ou que foram organizadas pelo SDS, ou que já eram paramilitares sérvios em Sarajevo), onde homens mascarados (com uma meia no rosto) montavam guarda. Segundo Dražen S., não mostravam os rostos para não serem reconhecidos pelos seus vizinhos, dado que a maioria desses homens era sarajevana²⁷². A primeira barricada durou dois dias. Dražen S. explica que a JNA encenou algumas vezes colocar ordem na cidade, dispersando as barricadas, mas seu papel era ambíguo nesse momento, formavam-se as barricadas e a JNA “restabelecia” a ordem, ao mesmo tempo em que preparava o cerco ao redor da cidade, com tanques e morteiros. Com o começo dos bombardeios, ficou claro, definitivamente, que a JNA não mais os protegia, mas os bombardeava.

Em abril 1992, a polícia se dividiu, a maioria dos sérvios foram para as unidades militares sérvias, os croatas foram para a Herzegóvina, e os bosniacs ficaram, segundo Dražen S..

Poucos não-sérvios, neste momento, ainda faziam parte dos quadros da JNA. Com as guerras na Eslovênia e na Croácia, eslovenos e croatas deixaram de enviar seus jovens para o exército e muitos desertaram para servirem às defesas de seus países, já independentes. Na Bósnia, muitos bosniacs deixaram de enviar seus jovens em 1991. Amir T., por exemplo, completou 18 anos e recebeu a convocação para ir para o exército, que era obrigatório na ex-Iugoslávia, mas logo começou a guerra na Croácia e simplesmente não foi, “aprendeu tudo na guerra”, conta. Paralelamente, sérvios começaram a ser mobilizados em massa para ir

²⁷² Meldijana A. contou do colega sérvio que nem se escondia, abertamente apoiava as barricadas, com a máscara no rosto, e depois ia trabalhar.

para o exército e lutar nas guerras, e foram, ao contrário dos seus colegas das demais repúblicas ex-iugoslavas, que não foram, ou foram alguns apenas²⁷³.

Demorou ainda uns dois ou três meses, segundo Amir T., para se ter o começo do que seria a ABiH²⁷⁴, quando começaram a recrutar todos os adultos saudáveis para fazerem parte desta. Aqueles que não estavam aptos para serem soldados²⁷⁵ eram indicados a fazer o que melhor sabiam, deste modo,

somebody was helping wounded people, somebody was organizing water, electricity or gas supplies, someone worked as a reporter, making bunkers, sniper protection, cleaning and maintaining shelters and streets, delivering food properly etc. (Amir T.).

De fato, minhas vizinhas Aida, Ševala e Fata se conheceram durante a guerra, pois foram trabalhar na cozinha de uma base militar que abriu em Mojmiro, onde hoje é o supermercado²⁷⁶.

²⁷³ Vasić (1996) conta que a JNA, com o processo de descentralização do país, passou a ser uma das únicas instituições que ainda representava toda a Iugoslávia. Deste modo, o que as pessoas em geral dizem, de que “a JNA passou a ser sérvia”, não aconteceu de um dia para o outro, mas sim, no processo de enfraquecimento, desmoralização e inação da JNA, diante dos eventos do começo dos anos 1990, como a independência da Eslovênia, a guerra na Croácia e a política de Milošević. Este autor vai citar quatro expurgos dentro da JNA, onde a regra era: ia embora quem não concordasse com Milošević. No primeiro, em 1991, eslovenos e croatas deixaram o exército; no segundo, no começo de 1992, comunistas e aqueles pró-Iugoslávia deixaram-no ou foram demitidos; no terceiro, em maio de 1992, todos os não-sérvios foram expulsos, e os que ficaram na JNA foram obrigados a se juntarem às forças sérvias da Bósnia e da Krajina e ao VJ (*Vojska Jugoslavije*, ou Forças Armadas Iugoslavas). O último expurgo ocorreu visando àqueles que simpatizavam com Karadžić, quando Milošević rompeu com este, em maio de 1993, devido à recusa dele em aceitar o plano de paz Vance-Owen para a Bósnia. Sobre a mudança no caráter da JNA, de um exército Iugoslavo, para um exército sérvio, foi-me indicado, mais de uma vez o livro do general Veljko Kadijević, que deixou a JNA em janeiro de 1992. Não consegui encontrar o livro, mas deixo aqui, desde já, a referência: *Moje viđenje raspada: vojska bez države*. Beograd: Politika, 1993. [Minha visão da desagregação: um exército sem país].

²⁷⁴ Este tempo varia, alguns vão dizer que em abril ela já estava formada (Meldijana A.), outros, que em maio. Certamente foi um processo, que não aconteceu de um dia para o outro.

²⁷⁵ Aptidão aqui não significava treinamento militar – muitos não o tiveram, inclusive Amir T. e outros mais jovens ou de sua faixa etária (20 anos) – mas sim, serem saudáveis o suficiente, não importando a idade, a estatura ou a nacionalidade (Amir T.).

²⁷⁶ Da janela do meu apartamento em Mojmiro, eu via o supermercado, o morro que cerca o bairro e o bairro de Nedžarići, que ficara sob domínio das forças sérvias. Mojmiro estava bem na linha de frente. Minhas vizinhas contam que viam os tanques e que se escondiam no porão. O apartamento ao lado do meu foi o primeiro do prédio a ser atingido: uma bomba abriu um buraco gigante na parede e estilhaços acertaram Seka e Hajro. Seka não acredita como sobreviveram. Porém, tem dores de cabeça terríveis todos os dias e, quando estouram o foguete marcando o horário do *iftar* durante o ramadã (o jantar após o jejum, quando o sol se põe), ela se assusta e começa a chorar (o foguete, apesar de estourar na outra ponta de Sarajevo, na *Bijela tabija*, bastião antigo localizado em Stari Grad, pode ser ouvido em toda a cidade).

No começo de 1992, para “contribuir” com a formação do exército bósnio, o Conselho de Segurança da ONU aprovou o embargo de armas para a ex-Iugoslávia, afetando basicamente o lado muçulmano.

Os sérvios bósnios tinham apoio militar da Sérvia, cujas armas entravam pelo rio Drina, e os croatas bósnios tinham apoio da Croácia, com tropas e armas. E esse é o motivo por que a guerra durou três anos e meio. Apesar de serem mais numerosos, os muçulmanos bósnios não tinham armas. Sérvios e croatas bósnios não tinham tanto pessoal, mas tinham armas. (Srećko L.)

Armas e munições eram fabricadas em Sarajevo (Adnan, um amigo, trabalhou um tempo numa fábrica de granadas durante a guerra), outras chegavam pelo túnel, quando este fora concluído em 1993²⁷⁷ (contrabandeadas de algum lugar²⁷⁸ ou fabricadas em outras partes da Bósnia), outras eram improvisadas. Faltavam armas, mesmo assim, e uniformes.

Em contraposição às forças bósnias, portanto, “os sérvios estavam super organizados e com um exército muito bem armado” (Merdijana S.) e que sabia de tudo:

Um dia, no noticiário, um homem que era oficial da JNA concordou em conversar conosco... Eles sabiam onde a gente trabalhava, se tínhamos namorada, se tínhamos amante, onde morávamos, onde a mãe vivia, qual café freqüentávamos. Sabiam tudo. Isso porque o exército iugoslavo era o quarto maior do mundo. Tinham essas informações antes da guerra e durante a guerra, pois as mesmas pessoas ainda estavam lá. Sabíamos, portanto, contra quem lutávamos, e que tinham armas, granadas, canhões e aviões para 100 anos de guerra²⁷⁹ (Senad H.).

²⁷⁷ Nas palavras de Amir T., “Later, when a small tunnel under the Sarajevo airport was dugged, as the only safe passage to get in or out of the city, more ammunition and weapons for the defenders came. But never enough to break the siege and blockade from inside. It was a too small tunnel to get some heavy weapons, like artillery-tanks, cannons and similar. Only infantry machine guns, shot guns, little rockets and bullets were brought in. Also, medical supply, cigarettes, extra food, fuel etc.. It was all brought through this tunnel, and it was quite significant for the survival of the city”.

²⁷⁸ O exército bósnio dependia dos suprimentos de armas que vinham principalmente do Irã, Arábia Saudita, Paquistão e Turquia. Com o Acordo de Washington, entre as forças muçulmanas e croatas na Bósnia, armas começaram a entrar pela Croácia. Os EUA não participavam, mas fingiam não saber da entrada ilegal de armas na Bósnia. Boatos dizem que inclusive começaram a trazer, eles próprios, armamentos em seus aviões de ajuda humanitária.

²⁷⁹ A ONU proibiu o uso de aviões na guerra. Se voassem, a OTAN atacaria. Senad H. explica que, de qualquer modo, no começo da guerra bombardearam o leste da Bósnia com aviões e, no dia 6 de abril, Sarajevo. Uma notícia do jornal *Folha de S. Paulo* informou que, em novembro de 1994, sérvios lançaram bombas em Bihać, usando aviões vindos da Croácia (SÉRVIOS..., 19 nov. 1994, p. 2-10). Porém, de modo geral, os únicos aviões utilizados para bombardear a Bósnia foram os da OTAN.

Em abril de 1992, Elvis B. se apresentou na unidade militar onde morava, em Stup. Pouco tempo depois, em outubro ou novembro de 1992, desertou, “pensávamos que a guerra aqui seria bem simples e terminaria, o mais tardar, em três meses”. Entretanto, segundo ele, o exército logo começou a ficar diferente, e a relação entre muçulmanos e croatas já não rolava mais tão bem. Muitos apontaram, nesse sentido, que houve realmente uma mudança do exército, de um exército multiétnico, para um exército mais muçulmano.

Asaf B. morava em Alipašino Polje, mas fez questão de se alistar em Stup, justamente por esta ser uma brigada mista – a de Alipašino Polje, segundo ele, só tinha muçulmanos –, mas, aos poucos, sérvios e croatas foram deixando também a brigada de Stup... Amir T., igualmente, fez parte desta brigada. E conta que nela todos tinham apelidos sérvios, o que confundia os sérvios que captavam as ondas de rádio. Era a brigada que mais tinha sérvios em Sarajevo, “o comandante era sérvio também”, explica. E costumavam brincar: 102ª Brigada Motorizada (*102. motorizovana brigada*) era seu nome, mas a chamavam de 102ª Gloriosa Brigada Ortodoxa (*102. slavna pravoslavna brigada*). Ficavam em Stup, mas recebiam às vezes ordem de ir ajudar alguma frente de combate.

Esteve então em Vareš, e contou de seu amigo que pisou em uma mina, pois não conheciam os caminhos por lá. A mina explodiu e seu amigo bateu em um tronco de árvore. Amir foi correndo ajudá-lo (nem lembrou que podia também pisar em minas), e a bota do amigo estava esfaļalhada, mas a perna dele, intacta: “Essas minas são para os caras perderem a perna, não matam”. Contou essa história para falar que só no final da guerra conseguiu uma bota do seu número, pois calça 45, 46, e o exército não era bem equipado. Usou galocha a guerra toda, o que era bom para pisar na lama, pois não molhava, mas não era bom para correr. Aí, em 1995, um amigo lhe disse que um soldado da Unprofor tinha deixado uma bota e que era do número dele: “Era uma dessas botas anti-mina, acabei usando depois da guerra”.

Nerminka E. acredita que os soldados foram os que mais perderam com a guerra. Eles pararam de pensar em status, em o que fazer depois. Ela mesma

trabalhava na televisão, acabou a guerra e descobriu que não tinha cargo, função, nem nada oficial em relação à televisão, “foi um choque”.

Šefko H. acompanhou “a mais conhecida frente de combate” de Sarajevo, o monte Žuč: “O pior de todos. Fiquei lá com os comandantes”. Em um artigo de 2007, no *Oslobođenje*, Šefko escreve:

Até 1992, pensando no começo da agressão ao nosso país, muitos sarajevanos nunca haviam ouvido falar que existia o monte Žuč. Em dezembro de 1992, o Žuč passou a ser o monte mais importante e mais famoso do mundo. Hoje, 15 anos depois, as novas gerações possivelmente não sabem o que é o Žuč. E nós, cada vez mais o esquecemos. (HODŽIĆ, 23 dez. 2007, p. 33)

O Žuč foi linha de frente o tempo todo e era um morro extremamente estratégico para a defesa da cidade. No Žuč, conta Šefko H., a linha de frente chegava a 50 metros; em Nedžarići, ou na Trg Heroj, em Hrasno, podia chegar a três casas, ou um quarto, ou uma garagem: “Danilo Krstanović²⁸⁰ fotografou chetniks uma vez usando um espelho!”...

OS SÉRVIOS NÃO TOMARAM SARAJEVO

Várias histórias foram contadas de por que os sérvios não conseguiram tomar Sarajevo.

Como apontei anteriormente, dizia-se que não tinham pessoal suficiente, apesar de terem muita arma (Zijad M., Miran J., Srećko L.).

Essa fala concorda até certo ponto com o que me disseram em Belgrado, de que a JNA foi mal-sucedida no recrutamento de soldados na Sérvia e em Montenegro (Aleksandar V., Vlada M.). Vlada M. diz que apenas oito mil sérvios da Sérvia foram lutar nas guerras.

Aida Č, por sua vez, tem certeza que os sérvios atiravam para errar, pois se atirassem para acertar, teriam matado todo mundo em Sarajevo.

²⁸⁰ Danilo Krstanović foi um dos poucos que contatei que não quis falar comigo, disse que era muito ocupado, que não tinha tempo e nem iria ter para conversarmos. Trabalhou como fotógrafo da Reuters e do *Oslobođenje*.

Porém, como citei em um momento anterior, o cerco a Sarajevo é visto por muitos como estratégico. E afirmações de que não estavam interessados em tomar Sarajevo, ouvi mais de uma vez. Talvez apenas no começo, como sublinhou Zijad M., que conta que “no dia 2 de maio de 92 eles tentaram tomar a cidade de dentro da cidade, de Lukavica e do quartel Tito, ao lado do Holiday Inn, em frente ao Parlamento. A cidade queimou neste dia, mas não conseguiram”.

Como explicou Hana P., “o cerco não foi para dominar a cidade, mas sim uma estratégia: enquanto estavam todos os jornalistas concentrados em Sarajevo, os sérvios limpavam a Bósnia inteira.”²⁸¹

<><><>

Toque de recolher²⁸². Semezdin Mehmedinović (*Sarajevo blues*, 2004, p. 33)

Após o toque de recolher, a rua Tito está morta. Pode-se ouvir o som do vento batendo nos plásticos que cobrem as janelas sem vidro. Quando pára de soprar, ouve-se o andar dos gatos no asfalto. Então, da escuridão, aparece um homem: “Quem é você?”, pergunta. Um feixe fino de luz procura em mim uma credencial. Vão em direção um do outro – entre si se iluminam: o motorista debaixo de um capacete preto no jipe sem janelas, e – uma kombi, repleta de placas de ferro; nela, com letras amarelas, está escrito: dobrinja. Quando viro numa rua estreita, penso o seguinte, como em algum lugar, exatamente com este cenário, faz-se um filme de ficção científica; o figurante neste filme é menos mortal que Sarajevo. Menos real. Pela rua principal passara atentamente devido ao medo de, na escuridão, enroscar-me nos fios destroçados dos bondes; nesta rua não há fios, mas mesmo assim, ando com cuidado. Não se vê nada, mas sei que do meu lado esquerdo tem uma banca de jornal: seus vidros estão quebrados, a porta foi retirada, e dentro dela está vazio. As estantes do painel arrancadas pendem-se na parede. Daquilo que sobrou, alguma mão fez uma instalação: na vitrine sem vidros, pregada num varal, uma série de fotografias coloridas de Sarajevo. Há dias estão ali. O autor da instalação é anônimo. Basta somente esticar a mão e apanhar os cartões-postais; realmente é incrível que isso até agora não aconteceu.

²⁸¹ Nikola Koljević, político sérvio (op. cit.), chegou a admitir isso para o jornalista Ed Vulliamy, “Unlike the siege of Sarajevo, which was there for all see, the ethnic cleansing programme was not for public consumption (...). Sarajevo was designated a piece of violent theatre which would captivate world attention and draw it away from the principal programme” (VULLIAMY, 1994, p. 96).

²⁸² Logo no início do cerco foi instaurado o toque de recolher. À noite, Sarajevo ficava vazia. Por isso muitos jornalistas dormiam no trabalho, poucos podiam circular entre 10 da noite e 6 da manhã, e patrulhas policiais controlavam os *check points* pela cidade. Ver versão original da crônica, anexa (p. 430).

<><><>

O cerco é um fenômeno único, que revela um lado da natureza humana, de como é possível sobreviver ao terror e manter-se humano. (Suada K.)²⁸³

Não sei o que as pessoas comiam, acho que se ajudavam e juntavam o que tinham. No verão [de 1992], começou a ajuda humanitária, que era sempre... lembro-me de um pacote de bolacha de 1967, você não pode acreditar! Que tipo de comida pode durar 40 anos? Mas você come o que tem. Nojento. Mas isso manteve as pessoas vivas, pois outra comida não tinha. E madeira não tinha, e foi terrivelmente frio, as casas não estavam equipadas para aquecer com madeira, não se podia dormir. Não sei, mas as pessoas sobreviviam. Não tinha água e as pessoas guardavam água da chuva. Terrível. Em geral, nós não gostamos de nos lembrar disso, foi um tempo muito traumático, e todos pensavam que não duraria muito, que ia passar, e ninguém se preparou psicologicamente, fisicamente se agüenta. (Merdijana S.)

CRIANÇAS

Aida Č. contou do dia em que decidiu tirar seu filho de dois anos de Sarajevo. No comboio que deixava a cidade, estava tão apertado, mas tão apertado, que não conseguiria ficar. Viu que tinha um homem com uma janelinha aberta e pediu para ele segurar seu filho, ele aceitou. Disse-lhe que em sua mochilinha tinha 300 marcos e o endereço de uma tia na Alemanha, para ele ligar para ela quando chegasse a algum lugar, que ela iria buscar a criança. Contou que fez isso e desceu do comboio. E aí começou a chorar. E chorava e chorava e se perguntava e me perguntava como pôde entregar seu filho para um homem estranho. Podia nunca mais vê-lo, mas sabia que tinha que tirá-lo de Sarajevo²⁸⁴.

²⁸³ Ver também Kapić (2007).

²⁸⁴ Sua mãe conseguiu ir no comboio detrás e, em Zagreb, já com a criança, telefonou-lhe dizendo que estava tudo bem.

A questão da morte de crianças durante a guerra poderia ser um capítulo à parte. Não que não seja “normal” gostar de crianças. De qualquer modo, na ex-Iugoslávia, estas eram “nossas crianças”, que são tratadas até hoje como um ser sagrado. Nos bondes, se há um idoso e uma criança, o lugar vazio é para a criança. Se durante a Iugoslávia eram os pioneiros de Tito²⁸⁵, com suas boinas azuis com a estrela vermelha de cinco pontas e a gravatinha vermelha amarrada no pescoço, cantando músicas patrióticas, hoje elas não vestem mais as boinas nem as gravatinhas, mas continuam cantando músicas tradicionais e sevdalinkas para uma platéia boquiaberta.

Durante a Iugoslávia, ainda, havia o *Dan mladosti* ou o Dia do Jovem (25 de maio), e Tito mudou sua data de aniversário para coincidir com o 25 de maio. Neste dia, em um estádio lotado (Estádio JNA, em Belgrado), milhares de iugoslavos assistiam à cerimônia, que contava com apresentações musicais e coreografias. Nela, um jovem, cada ano de uma república ou província autônoma, entregava a Tito um bastão esculpido (*Titova štafeta*/Bastão de Tito ou *Štafeta mladosti*/Bastão da juventude)²⁸⁶ que já havia percorrido todo o país, passando por todas as suas “cidades, montanhas, rios e estradas” e pelas mãos de “trabalhadores braçais, agricultores e soldados” (Cf. GRIGOROV, 2008). Nas palavras de Dimitar Grigorov, o *Dan mladosti* apresentava Tito como um líder supranacional e era o maior acontecimento de massas da ex-Iugoslávia, no qual, a cada ano, participavam milhares de iugoslavos (2008, p. 106)²⁸⁷.

A criança é o exemplo da pureza, da inocência e do futuro, e é a vítima em sua essência quando o assunto é guerra. Ver essas crianças sofrendo e morrendo

²⁸⁵ Todos foram pioneiros. Os pioneiros (*pioniri*) eram as crianças iugoslavas de 7 a 15 anos. Realizavam um juramento a Tito e à SFRJ, aprendiam canções patrióticas e a serem bons pioneiros...

²⁸⁶ Ver fotos anexas (p. 424). Estive no Museu do Tito ou Museu 25 de Maio (*Muzej 25. maja*) em Belgrado, onde se encontra o túmulo de mármore de Tito. Além do túmulo, no museu há uma exposição de presentes recebidos por Tito de países, como a Iugoslávia, não-alinhados, e das repúblicas e províncias iugoslavas. Há a exposição do *Dan mladosti*, com os troféus/bastões do *Dan mladosti*, de todos os anos, com as fardas de Tito e as cartas de feliz aniversário. Há o escritório de Tito, onde todos os móveis são de madeira, com riquíssimos entalhes. E há a exposição de vestes típicas de várias regiões da ex-Iugoslávia.

²⁸⁷ A celebração continuou até 1989, com a entrega dos presentes aos presidentes da Iugoslávia, sob um retrato de Tito. Para mais informações sobre a cerimônia do Dia da Juventude, ver Grigorov (2008).

é do campo do indizível. Todos tentaram, contudo, expressar esse sentimento de alguma maneira. Mladen P. comentou como passa mal até hoje quando vê os vídeos da guerra com crianças mortas. Merdijana S. sublinha que o pior da guerra era quando atiravam em crianças, “ninguém podia com isso”. Leila V., para descrever o cerco, somente disse: “muitas e muitas crianças mortas em Sarajevo e mulheres e meninas estupradas”.

Philippe D. contou da bomba que caiu na escola em Alipašino Polje, que apesar de estar toda protegida com um paredão de concreto, seus estilhaços entraram por uma fresta matando três crianças e a professora, e ferindo as demais. Contou também da bomba que matou as crianças andando de trenó na neve e a mãe indo atrás da cabeça do filho que havia rolado longe. Nesse mesmo dia, Philippe foi conversar com o coronel da ONU, general Briquemont. Chegando lá, comentou a história com um dos capacetes azuis, que retrucou: “mas não sabemos se não são os próprios muçulmanos que atiram neles mesmos”²⁸⁸...

Miran J. acredita que as crianças da guerra nunca vão se recuperar, pois não se esquece a guerra, esta é um grande trauma. “Há uma pontezinha sobre o [rio] Miljacka, quando ele sai da cidade para Dobrinja”, conta, “um dia, um homem levou um tiro nessa ponte de um franco-atirador, e mais um e mais um, e não morria”. Seu filho, que tinha 7 anos de idade e já havia sido ferido uma vez, viu tudo, e viu como as pessoas dos dois lados da ponte queriam tirar o homem de lá, mas não havia como, pois continuavam atirando, até que finalmente ele morreu. Miran então explicou que a criança ou jovem de até 25 anos naquela época não tinha como assimilar o que estava acontecendo, tudo foi simplesmente uma experiência terrível (diferente de um adulto, que de certa forma consegue lidar com o que aconteceu) “e isso influencia o caráter desses jovens hoje”. E contou que são agressivos, depressivos, que não pensam no futuro e não possuem

²⁸⁸ Philippe ficou horrorizado com isso e contou-me do soldado da ONU morto com um tiro na cabeça dentro de um carro. Nesta ocasião, diz ele, a ONU adulterou as evidências para não conseguirem provar que o tiro viera da parte sérvia e, portanto, não precisarem tomar partido dos muçulmanos: “eles faziam de tudo para se manterem neutros e, por isso, o pessoal daqui odiava os capacetes azuis”.

valores: “o que eles viram de seus pais? Eles tentando sobreviver, roubando, saqueando, matando, ou sendo mortos”²⁸⁹.

Boa parte dos habitantes de Sarajevo sobreviveu. Aprenderam a viver em condições precárias e subumanas, sob constantes bombardeios (Mladen P. fala de 200 decibéis de granadas todos os dias); testemunharam horrores e mais horrores; muitos viveram nos porões durante os quase quatro anos de cerco; mas, como sempre enfatizam, não perderam a auto-estima, mantendo-se sempre limpos e perfumados e as mulheres lindas e maquiadas (Aida A., Edin K., Nerminka E., Senad K. etc.). Tentava-se manter um modo “normal de viver”, como me foi dito inúmeras vezes, ignorando o medo e continuando as atividades diárias, como ir ao trabalho ou à escola ou faculdade. Casamentos aconteciam, crianças nasciam, e novas atividades eram incorporadas ao dia-a-dia.

VIDA NORMAL

Apesar do caos da guerra e da insegurança causada pela violência e pela escassez dos meios de subsistência, meus entrevistados frisaram várias vezes que continuaram suas vidas “normalmente”. Desafiava-se o perigo ou simplesmente convivia-se com ele, incorporando-o à vida cotidiana. Ou seja, toma-se banho mesmo que para isso fiquem horas na fila d’água sob riscos de serem atacados. Vão ao trabalho, mesmo que tenham que andar 40 minutos e correr ao atravessar alguma rua. Um novo cotidiano extraordinário passa a ser ordinário e torna-se parte do dia-a-dia.

²⁸⁹ Realmente, em alguns momentos da pesquisa de campo, revoltava-me com o comportamento dos jovens e pensava no que Miran J. falou. Pois tive a impressão que os jovens em Sarajevo são realmente mal-educados. Nunca dão lugar no ônibus para os idosos. Um dia sentei do lado de um rapaz, a perna dele estava tão aberta, que tive que me espremer para sentar ao seu lado, e isso voltou a acontecer outras vezes. Ou quando andava na rua, ou entrava no ônibus, eles simplesmente te atropelam, passam por cima de você, para entrarem na sua frente, eles simplesmente não te enxergam. Muitos entravam no meu escritório na faculdade e saíam batendo a porta, sem fechá-la. Porém, aqueles mais próximos, que se relacionavam comigo, eram sempre muito amigos, simpáticos, afetuosos...

“A gente acordava, tomava café, quando tinha, fazíamos sexo e íamos ao cinema”, conta Andrej Đ., “as pessoas continuaram vivendo normalmente. Qualquer outra cidade teria parado de viver se você tem um dia sem eletricidade e medo. A gente, com um pouco de gás, fazia uma lâmpada. Essa é a mentalidade daqui”.

Aida A. precisava trabalhar para acreditar que “continuava normal”: “se você tem uma obrigação para a qual tem que se manter lúcido e sair do pesadelo, o tempo passa mais rápido”. E chegavam pessoas, segundo ela, saudáveis, que não estavam sob stress,

Em Sarajevo, todos sob stress, com fome, torturados, perturbados, preocupados; quem ia, não sabia se voltaria, quem ficava, não sabia se sobreviveria, uma terrível crise, e eu me relacionava com pessoas normais, que não faziam parte desse medo todo. (Aida A.)

Aida tinha um vestido amarelo e recusava-se a não usá-lo porque poderia ser alvo fácil de um franco-atirador. Nerminka E. também menciona seu casaco amarelo, não ligava para os franco-atiradores, achava que não queriam matá-la – e contou como era jovem e vaidosa, tal como as mulheres em geral em Sarajevo.

Não queriam viver só de pão e água, mas de algo mais, queriam cultura e arte, “era importante não viver só fisicamente, mas também psicologicamente” (Sandra K.). E foi a resistência das pessoas pela cultura – teatro, música, cinema, poesia – que ajudou as pessoas a sobreviverem à guerra (Vlado A., Andrej Đ., Suada K., Zdravko G., Sandra K. etc.).

“Vivia-se como se não fosse guerra. Foi a forma que as pessoas aqui descobriram para sobreviver a essa loucura”, conta Merdijana S.,

Mas como conseguiram manter-se saudáveis psicologicamente, eu não sei. E mulheres iam ao trabalho, as pessoas por água, cinco litros d’água, e não estavam sujas, mal vestidas, não se renderam. Peças de teatro aconteciam em porões, exposições. A cidade se organizou para viver dessa forma. As pessoas viviam normalmente. Começava um bombardeio, “ok, um pouco no porão”, aí parava o bombardeio, “vou à casa de uma amiga tomar café”, ou “vou pro trabalho”. E isso foi necessário para a vida seguir adiante.

De qualquer modo, era uma vida de riscos, tudo era perigoso, disseram-me muitos (Sandra K., Predrag D., Leila V., entre outros), em qualquer parte, podia-se ser morto. Vivia-se sob medos constantes, e apesar do medo, vivia-se.

Não obstante, novas situações surgiram, amigos se formavam não em cafés, como antes e depois da guerra, mas nas filas d'água, ou no restaurante militar (que foi onde minhas vizinhas se conheceram e são amigas até hoje), ou no exército, ou trabalhando para os estrangeiros. As pessoas que entrevistei citaram-se umas as outras não porque sabiam que o outro trabalhara para algum veículo de mídia estrangeiro, mas porque ainda se encontram, mantiveram-se em contato.

“Durante a guerra, as pessoas eram como uma só, não havia inveja, não havia conflito”, diz Nerminka E.. Ou, “vivíamos como numa grande família. E ainda tentávamos nos divertir²⁹⁰”. (Zdravko Lj.).

Edin K., fotógrafo, diz que trabalhava para não morrer psicologicamente, tinha que se defender. Mesmo depois de ter sido ferido na cabeça e perder quase 100% da visão, continuou fotografando.

Segundo Sabina N., “tudo funcionava, mantínhamos a impressão de vida normal. Minha irmã também estudava. Nós tínhamos aulas, provas, tudo”. Sanja B. começou a faculdade de artes durante a guerra. Ia quando era possível, e terminou depois. Zdravko Lj. fazia faculdade de jornalismo. Ia de manhã para a faculdade e depois para a agência de notícias bósnia, onde trabalhava:

Umas 7 da manhã, eu ia andando para a faculdade, de Hrasno, onde morava, até o centro, onde é a Faculdade de Ciências Políticas, demorava uns 45 minutos andando, pois não tinha transporte, essas coisas, depois – entre 12h e 14h – ia para o trabalho na agência [no prédio da presidência], e então voltava pra casa.

Foram organizadas escolas nos porões, explica Hakija H.. Não tinha aquecimento nem eletricidade, ia-se o quanto podia, mas ninguém perdeu anos de escola, a maioria inclusive não perdeu um ano sequer. “Era perigoso, sim, mas fazer o quê em casa?, tem que ir para escola! Pode parecer loucura, mas

²⁹⁰ Eldar E. e Amra H. mencionaram inclusive festas que aconteciam durante a guerra, e que eram as melhores, “as pessoas aproveitavam mais, viviam mais intensamente” (Amra H.).

tentávamos levar uma vida normal e tentávamos viver como se fosse a vida normal” (Hakija H.). As filhas de Šefko H., que hoje têm 31 e 33 anos, iam também à escola e ele costumava visitar seu irmão, em Buča Potok (bairro de Sarajevo), perto do *Oslobođenje*: “chegava na casa dele e ele no terraço, tranquilo”.

Porém, nada era como foi um dia. Ivana Maček diz que em Sarajevo eles chamavam essa vida de “imitação da vida”²⁹¹, ou seja, fazia-se de tudo para preservar uma forma normal de vida, nem que para isso, tivessem que se sujeitar a atividades altamente anormais e humilhantes (2007, p. 55).

Ivana Maček é antropóloga, natural da Croácia, e realizou sua pesquisa de campo em Sarajevo durante a guerra, nos anos de 1994 e 1995. Deparou-se com a noção local de “normalidade” também em sua pesquisa:

I found that people often used the concept of “normality” in order to describe some situation, person, or their way of living. The concept was charged with a sense of morality, of what was good, right or desirable. A “normal life” was a description of how people wanted to live, and a “normal person” was a person who thought and did things people found acceptable. Thus, “normality”, in its locally understood meaning, communicated social norms according to the person using it, and as such also often indicated her ideological position. (2007, p. 39)

Maček sublinha que, apesar de não ser percebida como tal, a normalidade é um processo em constante negociação (2007, p. 39). Em Sarajevo, este pôde ser verificado em dois contextos. Em um primeiro, as pessoas passaram a incorporar como normais novas atividades que nunca perceberiam como tais em outros contextos, como ficar horas nas filas d’água e de pão; como acordar no meio da noite, caso a luz ou a água voltassem, para então lavar roupa, passar aspirador de pó na casa, cozinhar. E passaram a agir com naturalidade diante das transformações da cidade e do crescimento da importância do islã na vida social e política. Em um segundo contexto, este processo se verificou nas formas de resistência: desde a vida cultural em si, até procurar um trabalho, ou inventar máquinas e receitas culinárias criativas. Tudo isto, com muito humor, como ouvi diversas vezes.

²⁹¹ Não ouvi esse termo durante minha pesquisa de campo, mas não deixa de ser interessante.

Todavia, em sua pesquisa, Maček notou que momentos de normalidade eram geralmente sucedidos por momentos de depressão e fraqueza e ruptura, sucedidos novamente pelo restabelecimento da normalidade, “This made me realize that notion of chaos functioned as a pause, a break from the exhausting enterprise of creating normal life” (2007, p. 53).

Para mim, contudo, após 12-13 anos do fim da guerra, foi a resistência que escolheram contar, e que transpareceu no relato de como viveram suas vidas durante a guerra. Não que não tenham me contado da guerra, não era outro o assunto, mas quando o tópico era falar de si, aparecia na minha frente o sujeito que se manteve normal, apesar da guerra, o que significava além da empreitada cotidiana de tomar banho, manter-se bonito e ir trabalhar, a empreitada política de se manter à parte do nacionalismo (o que tratarei adiante).

Manter-se normal não era simples, mas eles conseguiram. Ou ao menos, é essa a mensagem que querem passar.

Deste modo, ia-se a pé, ou de carro, fazendo caminhos até então inimagináveis para se escapar de franco-atiradores ou dirigindo a 150 km/hora pela avenida principal. Desafiava-se a guerra. Não se aceitava que esta ditasse sua vida dali em diante.

Hakija H. resolveu esperar a guerra passar para se casar, pois não sabia o que ia ser dele e de sua mulher. Disse que podiam morrer, ficar “inválidos”²⁹², e resolveram deixar para depois. Samra L., assim como muitos que conheci, resolveu ter filhos durante a guerra, para provar a si mesma, que era ela quem decidia sobre a sua vida, e não “eles”, queria ela mesma poder planejá-la. Aida A. teve o filho na guerra também, “meu filho é bebê da guerra”, conta. Sua irmã teve bebê em 1994, e em 1995, seu filho nasceu; Andi se chama, devido aos Andes: “ele nasceu às seis da tarde e no dia seguinte eu já estava trabalhando, não descansei nem um dia. Se fosse hoje, eu não faria isso”.

Amra H. casou duas vezes durante a guerra, em 1992 e em 1995. Seu segundo casamento foi no escritório da agência de notícias (AFP). Negociou com

²⁹² O termo para deficiente físico e mental na Bósnia é “inválido”.

a polícia de ter luz a noite toda (devido ao toque de recolher), arranjou uns dois geradores, passou a roupa do marido e preparou as comidas.

Alguns explicam que sim, as rotinas eram diferentes do que na época de paz. Muitas firmas pararam de funcionar, outras tinham uma rotina diferenciada. Por exemplo, não se recebia em dinheiro, mas em cupons²⁹³, cigarros²⁹⁴ ou pão (Sandra K., Samira K., Šefko H. etc.).

Apesar do unísono de que levavam a vida normalmente, pode-se notar então algumas discrepâncias. Muitos começaram a faculdade, diziam que funcionavam normalmente, mas grande parte só foi concluí-la anos depois da guerra (Sanja B., Asja R., Sabina N.). Mas talvez não devido à guerra, mas por já terem um emprego estável.

Para Elvis B., começou a guerra e “você pára de pensar como vai para a faculdade e passa a pensar como vai sair de casa”, não há mais faculdade, não há mais trabalho. Amra A. concorda, não há dinheiro, não há trabalho normal, não há firma e nem fábrica funcionando.

A rotina de Asja R., por exemplo, antes de conseguir trabalho, consistia em cuidar da casa e da irmã, sete anos mais nova (ela devia ter uns 19-20, a irmã, 13-14): “eu cuidava da minha irmã, limpava a casa, cozinhava, buscava água. E rapidamente o dia acabava, entre fazer o fogo, cozinhar, buscar água e sair um pouco”. Seus pais, ambos trabalharam durante a guerra, às vezes recebiam em salário, às vezes em cigarro, às vezes em comida, o pai no hospital e a mãe no governo.

²⁹³ Dražen S. explicou que esses cupons, ou vales, eram um dinheiro provisório – um “dinar bósnio” –, que substituiu o dinar iugoslavo, quando ainda não havia dinheiro bósnio.

²⁹⁴ Cigarro é uma instituição na Bósnia, e acredito que também na Sérvia. Não saberia dizer como é nos demais países da ex-Iugoslávia, mesmo tendo estado alguns dias em Zagreb – fiquei hospedada em um convento de freiras, e não tinha amigos por lá, então não saí, não vi como as pessoas vivem. Digo isso, pois todos fumam. Não fumar é exceção, e respeita-se o fumante. As pessoas te oferecem cigarros, quando não sabem se fuma, e mesmo quem não fuma, pode fumar. Eu tinha um amigo que gostava de fumar em alguns momentos para mostrar status, era a minha impressão. Ou, em outros momentos, quando se toma café e todos fumam, aceitar um cigarro demonstra que você está relaxado e integrado. Lembro-me de uma cafeteria que fui com Frei Marko, serviram o café e um cigarro acompanhando. Ele não fuma, mas fumou naquele dia. De qualquer modo, ninguém vai te obrigar a fumar, respeitam o não-fumante, mas se mostram surpresos se você é um deles.

Samira K. conta que as pessoas trabalhavam basicamente em troca de cigarro, e explica que como os preços eram absurdos, o cigarro virou moeda de troca, e valia mais que dinheiro. Ela não fuma e não fumava, então com o cigarro que recebia na televisão, trocava por comida e por tinta de cabelo, “muitos preferiam fumar a comer”, conta. Brincavam que recebiam em VBR (*višecijevni bacač raketa* ou lançador múltiplo de foguetes), pois o cigarro era distribuído amarrado em rolinhos igual a um lançador múltiplo de foguetes. Disse que isso é *duh*, o humor que ajudou as pessoas durante a guerra.

Sobre este humor, lembro-me de uma das primeiras coisas que Amir T. me contou (depois, claro, de me mostrar todos os vídeos dos *Top lista nadrealista*): pouco antes do cerco, apareceu uma pichação no correio central de Sarajevo, que dizia: “Aqui é Sérvia”. No dia seguinte, ao lado desta, escreveram: “Aqui é correios, seu idiota”. E esse é o humor que eles se orgulham, quando mesmo em contextos terríveis, faziam piadas.

<><><>

O espírito de Sarajevo, *duh*. Segundo Rialda M..

Rialda Musaefendić nasceu em Belgrado. Sua mãe era de Sarajevo, e quando o pai morreu, em 1991, voltaram para a cidade. Trabalhou como produtora para a WTN, participou da realização de alguns documentários da BBC sobre a Bósnia e hoje trabalha na BHT (televisão estatal bósnia).

Na Bósnia vivem pessoas especiais, que querem viver. Eu me apaixonei por Sarajevo. Sabe como? Quando você vê que a cidade não tem luz, não tem água, não tem comida, não tem transporte, todo dia a vida em perigo, sempre há tiros, sempre alguém é morto ou ferido, e nesse medo, você vê nas ruas mulheres lindas, limpas, arrumadas, maquiadas. Os homens, na linha [de frente], não tinham o que comer, não tinham roupas militares, nem botas, mas estavam arrumados, limpos. Mantiveram-se limpos, corpo e alma. Todos temiam a Deus, temiam e não roubavam... falo de gente comum, e não de mafiosos, que faziam o mercado negro. Esforçavam-se, e era muito difícil.

Na Praça dos Heróis [*Trg heroja*, em Hrasno], a Cruz Vermelha dava comida. 100 gramas de açúcar, farinha, para um mês ou dois, nem um pássaro conseguiria viver. E lá uma cantora de ópera, a Diva, que viveu mais tempo em Londres e Paris do que na Bósnia, fica lá e espera, e canta. Ou o ex-professor que toda a vida deu aula e sempre teve tudo para viver normal, e ele também, lá esperando. Ninguém olhava o que eram, mas como podiam ajudar uns aos outros. Esse é o *duh* que me fascinou.

SEM ÁGUA, SEM LUZ, SEM COMIDA, SEM GÁS, SEM AQUECIMENTO, SEM TELEFONE

A frase “estávamos sem água, luz, gás, comida, telefone e aquecimento” foi repetida por todos, sem exceção (Eldina J., Srećko L., Vlado A., Boro K., Jadranko K., Željko I. etc.). Cito alguns trechos abaixo:

Sarajevo é uma grande cidade, 500 mil habitantes sob cerco... e a cidade não tinha energia, não tinha gás, não tinha água, nem comida. Devido às bombas e explosões, não tínhamos janelas. Em janeiro, vivíamos no gelado, por meses. Nos outros lugares, se não tinha energia, pelo menos tinha água. Se tem mata, pode-se fazer fogo. Mas nada disso tínhamos. Os outros lugares estavam melhores do que aqui. (Željko I.)

Quando começou, acreditávamos que seria só por um instante. Então a gente brincava de aprender a cozinhar no fogo. Nunca na vida havíamos feito isso, somente na casa de campo ou no *camping*. E isso quem fazia era meu pai, meu irmão, e não eu. E como cozinhar, como fazer pão? Então no primeiro verão a gente teve que aprender como tomar banho, como se organizar para cozinhar, para trazer água, para se manter limpo, para fazer luz no óleo. Isso é um choque para quem vive na cidade. Coisas muito práticas. Como sobreviver, como não ficar doente, como comer, e como ficar limpo, e isso toma todo o seu dia. E assim passou o meu primeiro verão, em choque, além dos bombardeios constantes. Precisei de algum tempo para me dar conta de que essas coisas estavam acontecendo. Mas, mesmo assim, a gente ainda pensava em ir no verão para a praia, na Croácia, já que íamos sempre – é o ritual das pessoas aqui. Mas chegou fim de setembro e vimos que não haveria diversão. E assim passou o primeiro verão, quatro meses. Como um sonho ruim. Para minha mãe foi horrível. Na Segunda Guerra Mundial, ela perdera os pais, e crescera num orfanato. Ela então foi para o porão, sentia muito medo, e não saiu mais. (Leana L.)

Não tinha comida, água, gás, grande parte do tempo, então começaram a ligar o gás em uns horários loucos, e muitos foram vítimas também devido ao gás nas casas. E se queimava livros, memórias, o que se encontrasse pela frente, para tentar se manter aquecido. (Leila V.)

Aqui na cidade, diferente que no campo, não tinha como, para comer, farinha não tinha. Então a gente conseguia 1 kg de açúcar, 1 kg... Não tínhamos janelas, bombas caíam, então todo o prédio... como não tinha aquecimento, não tinha banheiro, terrível, realmente terrível, como num grande campo de concentração. E cada jardim era uma horta e os parques ficaram sem árvore alguma, porque as pessoas cortavam para cozinhar e se esquentar. (Aida Č.)

Durante a guerra, Aida Č. “foi descobrindo o mundo real”, “a lei do mais forte que sobrevive”, “a criação de um novo sistema”. Disse que da total anarquia, rapidamente as pessoas criaram um novo sistema para viver, baseado na ajuda

mútua. As casas se ajudavam. E fez-se novos amigos, “como num campo de concentração”.

Quando Sarajevo foi atacado no começo, as pessoas começam a ajudar umas às outras, não importava se se conheciam. Isso durou um certo período. Não tinha água, comida. Chega uma hora que não se sabe mais quando vai acabar, é um estado constante. Deste modo, o primeiro ano aqui foi o paraíso das relações humanas, sem nada ruim. Todos se sentiam os mesmos. (Jadranko K.)

Essa solidariedade, muitos lamentam que não existe mais. Segundo Philippe D., as pessoas se fecharam assim que acabou a guerra, e a mãe de Samra L. costuma dizer, “se não fosse a fome e o inverno e os bombardeios, posso dizer que era melhor na guerra, pois as pessoas eram mais próximas umas das outras...”

Hare O. contou que subia oito andares carregando mil litros d’água para seus gêmeos nascidos em 1995 e para sua esposa. “Alguém que não esteve aqui, não pode entender o que é isso”, disse, “não importa se estrangeiro ou bósnio”.

Segundo ele, os sérvios que controlavam o abastecimento de água e eletricidade. Eles liberavam quando queriam. Deste modo, tinham telefone às vezes, e água e energia de quando em quando.

Ivana Maček (2007) explica que em Sarajevo o problema não era a total falta desses itens – água, eletricidade, gás e telefone – mas a sua irregularidade e escassez – “This was one of the central strategies used against ordinary life and the civilian population in this war” (2007, p. 42). Segundo ela, ambos os lados da guerra ora cortavam, ora liberavam esses itens. Assim como eu, ela também ouviu que os cabos de eletricidade e canos de água passavam pelo território sob domínio das forças sérvias e que as pessoas se perguntavam por que ora liberavam tais itens, ora bloqueavam. Entretanto,

In September 1994 people were convinced that it was not only “the Serbs” but also their own government that was causing the cuts. The general opinion was that this was done in order to victimize the population of Sarajevo and thus gain points in the international political arena²⁹⁵. (MAČEK, 2007, p. 42)

²⁹⁵ Não ouvi relatos como este em Sarajevo, ouvi apenas que os sérvios que controlavam o abastecimento da cidade.

Segundo Maček, a irregularidade e escassez desses itens tornou, assim, qualquer rotina impossível em Sarajevo, mas que o seu suprimento ocasional, possibilitava que as pessoas colocassem seus padrões de normalidade em dia – tomando banho como estavam acostumadas antes da guerra, e não com paninhos e canequinhas, lavassem roupas na máquina, e não a mão, e passassem aspirador de pó em suas casas.

Alguns desafiaram a ausência de rotina, encontrando um trabalho, outros, trancaram-se nos porões ou enlouqueceram, e muitos estavam nas linhas de frente defendendo a cidade.

Valida V. conta que passavam fome mesmo, que tinham que repartir às vezes um pão entre ela, seu marido, sua sogra e seu cachorro. Falou do lixo que ficava acumulado e da proliferação de ratos na cidade. E contou que sua prima fez um aborto, com onze semanas de gravidez, pois estava muito fraca. E que assim como ela, muitas fizeram.

Estavam todos muito magros (Samra L. e Hakija H. me disseram quanto chegaram a pesar. Vi fotos de amigos como Irina, Bakir, Emir, entre outros, realmente impressionantes). Havia até uma piada, no humor negro típico sarajevano, da melhor dieta do mundo, bastava viver em Sarajevo sob cerco²⁹⁶.

Jadranko K. acredita que cidade sobreviveu devido ao mercado negro, que era a única forma de comprar comida, “a cidade se agüentou: pessoas comuns puderam sobreviver”. Segundo ele, este mercado conectava organizações humanitárias, Unprofor e mafiosos. Geralmente metade de um comboio humanitário era doada e a outra metade era vendida no mercado negro de açúcar, farinha e óleo: “Então esses caras – Unprofor principalmente – vendiam para a máfia local, que vendia para as pessoas por um preço 100 vezes mais alto” (Jadranko K.).

²⁹⁶ Para dados concretos sobre a alimentação durante o cerco a Sarajevo, desde os tipos de comida que eram distribuídos aos efeitos da fome no organismo, ver Milovanović (2007).

As pessoas não tinham nada, conta Sabina Ć., “mas você via o comandante da unidade militar rodando a cidade em jipes luxuosos, com muita comida e dinheiro, porque comerciavam com gente do outro lado...”. Ela mesma gastava seus dólares comprando no mercado negro: “Eu não me importei, fiquei feliz, alimentei meus pais. Algumas pessoas venderam suas jóias para comprar comida, por um quilo de farinha ou óleo. Eu faria o mesmo para sobreviver.”

Tanja, amiga de Frei Marko, falou da professora de matemática, uma conhecida sua, que casou com Juka²⁹⁷, um dos comandantes do exército bósnio. E no nascimento do terceiro filho, foram litros e litros de uísque e assado de carneiro.

Jovan Kovačić, correspondente da Reuters em Belgrado, escreveu sobre isso:

Os observadores experientes desse conflito acreditam que o estado de guerra em Sarajevo está sendo perpetuado tanto pelos interesses e regras do mercado negro quanto por qualquer outro motivo possível.

Poucas noites atrás, um jornalista estrangeiro que conversava com soldados bósnios que ocupavam uma área delicada da linha de frente foi convidado a acompanhá-los até uma festa num bairro ocupado pelos sérvios. “Como vocês podem fazer isso – atravessar para o território inimigo e voltar na mesma noite – e participar de uma festa com seus inimigos? Vocês não deveriam estar defendendo a cidade?”, perguntou o repórter estarecido. Os soldados responderam: “Não estamos mais defendendo a cidade. Estamos defendendo o mercado negro” (...). (KOWACIC, 31 out. 1993, p. 3-6).

MEDO, BOMBARDEIOS E FRANCO-ATIRADORES

Dražen Š. teve sua mais forte impressão da guerra da janela do Holiday Inn:

A larga rua em frente [*Sniper alley*] e o carro a 150 km por hora, então um gramado e a rua de passeio [*Vilsonovo šetalište*], e aí um prédio, e outro. Aqui, duas mulheres olham e pensam como começar a correr. No prédio, o franco-atirador. Elas querem correr até o Holiday Inn. No hall do Holiday Inn, um sujeito lê um livro normalmente. No gramado, uma mulher recolhe galhinhos para fazer fogo em sua casa. Aqui, alguém no carro. Uma mulher corre e lhe acerta o *sniper*. E a outra ainda pensa como atravessar a rua e chegar ao trabalho no Holiday Inn.

²⁹⁷ Op. cit..

Todos sentiam medo. Homens e mulheres. Trabalhadores, soldados e *podrumaši* (*podrumaši* foi o nome dado àqueles que não saíam dos porões, ou *podrumi*).

Samra L. sentiu medo todos os dias nos quatro anos de guerra. Seu pai foi morto logo no começo, e ela viu isso. “A guerra é uma grande ferida”, suspira.

Diariamente, as pessoas viam outras sendo mortas e feridas. E muitas que eu conheci perderam alguém próximo. Senka K. perdeu a mãe; Adila, minha vizinha, o filho; Igor, meu amigo, o pai; Meldijana A., o irmão (ele estava no exército, mas foi morto na cidade, por um estilhaço de granada que lhe acertou o coração) – ela entrou no exército depois disso. Amir T. conta que não perdeu ninguém próximo, “somente o pai”, e explica que seu ferimento não foi fatal, mas como era muito complicado chegar ao hospital, ele perdeu muito sangue e morreu no caminho; sua avó, de tristeza, morreu exatamente um ano depois que o filho, e um primo está desaparecido.

A forma como lidam com essas perdas, especialmente após Srebrenica, onde mulheres, principalmente, perderam quase todos os irmãos, maridos, filhos, pais e primos, é de humildade. Amir T. diz, “perdi somente meu pai, minha avó e um primo”, os outros não enfocaram tanto o lado pessoal nos seus relatos, priorizando outros assuntos. Muitas vezes, outra pessoa me contava quem perdera quem da família durante a guerra. Não é algo que se conta, portanto, facilmente. A maioria, inclusive, enfatizava que tivera sorte e não perdera ninguém próximo.

Cada momento em Sarajevo era perigoso e não havia lugar seguro, todos me disseram. Havia, contudo, algumas técnicas para se detectar o perigo. Primeiro, sabia-se mais ou menos onde estavam os franco-atiradores, então, corria-se para atravessar a rua, os capacetes azuis ajudavam com os seus blindados, servindo de barreira, e outras barreiras se espalharam pela cidade, como carros destruídos, bondes, contêineres de lixo, blocos de concreto. Os bombardeios, não era possível prever, mas como alguns fixers me contaram, depois da primeira bomba, no mesmo lugar, caía mais uma ou duas. Esperava-se um pouco, e então, seguia-se com os jornalistas.

Alguns com quem conversei tinham acesso a coletes à prova de balas e capacete. Quando Amra H. começou a trabalhar na AFP, ofereceram-lhe um colete, mas ela recusou, dizendo: “passei três anos dessa guerra sem colete à prova de balas e não morri, se agora eu colocar isso tenho certeza que tomo uma bala bem no meio da testa”.

Aida Č. conta que teve gente que se escondeu nos porões e que só saiu quando acabou a guerra. E que muitos começaram a alucinar e acabaram morrendo, “esperavam os aviões da OTAN, e teve muito caso do sujeito achar que ouvia o avião e, ao sair do porão, era atingido”.

A forma como as pessoas lidavam com o medo era, portanto, distinta. Maček (2007, 2009) conta que havia pessoas que simplesmente ignoravam o perigo, andando calmamente pelas ruas, fumando um cigarro na escada do Museu Nacional²⁹⁸ (Cf. ZAIMOVIĆ, 2005). Outras, racionalizavam: “morrem mais pessoas em acidentes de carro ou roubos em Nova York do que por franco-atiradores ou bombardeios em Sarajevo” (Cf. MAČEK, 2007, p. 53, tradução minha). Outras conviviam com ele, aprendendo a viver nessas novas condições, como vimos anteriormente. Outras, escondiam-se aterrorizadas...

As pessoas que entrevistei, de modo geral, não falaram mal dos *podrumaši*, respeitavam o medo alheio. Leana L. contou de sua mãe, que se escondeu no porão e não saiu mais até o fim da guerra, Merdijana S. contou que “teve gente que viveu três anos e meio no porão e sobreviveu”, mas que ela tinha que sair, mesmo com o sentimento de que poderia ser atingida a qualquer momento.

Šefko H. me contou uma história engraçada: um dia, conversando com uma garota de uns 18 anos, durante a guerra, ela simplesmente lhe disse que casaria com qualquer um, contanto que não fosse *podrumaš*.

Várias das críticas que ouvi em relação aos jornalistas, estrangeiros ou não, tinham a ver com essa idéia, de que aqueles que se escondiam valiam menos do que aqueles que resistiam ou lutavam. Sobre Senad H., âncora da TVBiH, ouvi de um jornalista, “eu atravessei o Igman e fui a pé de Sarajevo a Mostar durante a guerra; mas ele não fazia nada, todo dia um carro lhe buscava em casa, levava

²⁹⁸ O Museu Nacional ficava próximo à linha de frente.

para a televisão, e lhe trazia de volta para a casa”. Outro amigo, o Adnan, disse-me que “esses, com quem converso, não viram nada, ficavam o dia todo escondidos nos escritórios de suas agências e televisões; ele sim que viu, pois estava lá, nas linhas de frente, defendendo a cidade”. Asaf B., que citei anteriormente, na mesma linha, contou que foi ser soldado e que os jornalistas se escondiam o dia todo no *Oslobođenje* e somente o Šefko H. que trabalhava.

Mas mesmo nos porões, Sarajevo podia ser perigoso. Todo dia de manhã, Hare O. e Čenga, seu parceiro, rodavam pela cidade e depois iam aonde estava a família de Čenga, no Centro Velho (Stari Grad). “Aí um dia chegamos lá de manhã, todos sob poeira, o que aconteceu? Caiu uma granada no porão. No dia seguinte, foram embora num comboio” (Hare O.).

GRBAVICA E OUTROS BAIRROS

Citei já várias vezes o bairro de Grbavica nesta tese. Grbavica foi tomada logo no início do cerco. Dois filmes, um fantástico, outro que não gosto muito, tratam desse momento.

O primeiro é *Grbavica* (2006), a história de uma mulher e sua filha adolescente que acredita ser filha de um *šehid* (ou *chahīd*, mártir islâmico).

Šehid é o mártir (o complemento “islâmico”, não-islâmicos que colocam). Em todas as lápides (*nišani*) desses mártires, há o seguinte *āyāt* ou versículo do Alcorão: “E não digais dos que são mortos no caminho de Allah: ‘Eles estão mortos’. Ao contrário, estão vivos, mas vós não percebeis” (Alcorão, 2:154) (tradução do árabe de Helmi Nasr, em *Tradução...*, s.d.)²⁹⁹. Os mártires portanto não passam pelo dia do juízo, pois, absolvidos de todos os pecados, vão direto ao paraíso. São considerados mártires ou *šehidi* (pl.) aqueles que morreram na guerra em nome de Allah, ou em incêndios, ou que foram mortos dentro de casa, segundo Sandra, minha professora de bósnio.

²⁹⁹ “I ne recite za one koji su na Allahovom putu poginuli: ‘mrtvi su’. Ne. Oni su živi. Ali vi to ne osjećate” (Alcorão, 2:154).

Bougarel (2007) aponta para a polissemia e mesmo secularismo do uso do termo *šehid* na Bósnia, em sua generalização e no modo como hierarquiza aqueles que recebem esse status. Em sua generalização, pois engloba todos os muçulmanos bósnios mortos na guerra. No modo como hierarquiza, ao diferenciá-los dos não-muçulmanos mortos igualmente, às vezes, de uma mesma brigada, e ao diferenciá-los também entre si, em conformidade à *fatwā*³⁰⁰ que distingue entre primeiros *šehidi* ou segundos *šehidi*. Os primeiros *šehidi* seriam aqueles que morreram em batalha motivados pela religião puramente – estes seriam enterrados com a roupa que morreram³⁰¹ e teriam seguramente um lugar privilegiado no paraíso.

A história do filme “Grbavica” gira, então, em torno de uma excursão da escola, que custa uma fortuna, mas é de graça para filhos de *šehidi*, e da mãe, que trabalha dia e noite para poder pagar pela viagem da filha (mesmo esta sendo, supostamente, filha de *šehid*). A filha, desconfiada, começa a pressionar a mãe para que esta lhe conte a verdade sobre seu pai. A mãe, finalmente, desvenda que ficou em um campo de estupro em Grbavica, onde foi estuprada por vários homens e inúmeras vezes.

O segundo filme chama-se *Remake* (2003) e mostra a ocupação de Grbavica, fazendo um paralelo com a Segunda Guerra Mundial, onde história de pai e filho na guerra são contadas, uma 50 anos antes, outra, nos anos 1990.

Em Grbavica, não-sérvios foram varridos do bairro, que, como pode ser visto no mapa anexo (mapas 4, p. 396), era o ponto onde o cerco adentrava a cidade, chegando quase ao leito do rio. Por isso, a avenida em frente ao Holiday Inn era conhecida como Alameda dos Franco-Atiradores (ou *Sniper Alley*), pois era justamente detrás dessa avenida e dos prédios do Parlamento/Museu Nacional/Museu Histórico, do outro lado do rio, que os “chetniks” atiravam.

Grbavica não estava cercada, se pensarmos que Sarajevo está em um vale, cercado por montanhas. Do bairro de Grbavica, subindo o morro, tem o bairro de Vraca, e logo acima, a montanha Trebević, todos sob domínio das forças

³⁰⁰ *Fatwā* (ou *fetva*, em bósnio) é um pronunciamento legal, religioso, baseado na interpretação do Alcorão, da lei islâmica e da vida de Muḥammad.

³⁰¹ De acordo com o islã, não se lava os corpos dos *šehidi*, já purificados pelo próprio sangue.

sérvias, e de onde era possível viajar para qualquer lugar da então auto-proclamada Republika Srpska, ou seja, sudeste, leste e norte da Bósnia, Krajina e Eslavônias na Croácia, Sérvia e Montenegro etc.. Amir T. explica que, como Grbavica era um bairro militar, não tinha nem delegacia de polícia e foi muito fácil tomá-la e, de lá, Trebević.

Assim, de um lado, estava o cemitério judaico, uma das linhas de frente, do outro, Hrasno e a ponte Fraternidade e Unidade (hoje, Hamdije Čemerlića). Uma carta para cruzar esta ponte em Grbavica demorava de dois a três meses, conta Andrej Đ., e não eram nem cartas, mas bilhetes que a Cruz Vermelha levava, pois, assim como o avô de Srećko L., que ficou em Grbavica – “Não pudemos vê-lo durante toda a guerra, por três anos e meio, pois estávamos do outro lado” –, outras famílias e amigos foram deste modo separados.

“Os caras deram quinze minutos para as famílias muçulmanas deixarem seus apartamentos em Grbavica”, conta Dražen S. “E você sabe o que é isso? Você deixar tudo que construiu para trás, sua vida inteira?”. E me disse como viu as pessoas simplesmente atravessando a rua com uma trouxinha na mão, minúscula, que eram seus pertences, para o lado bósnio de Sarajevo. Afinal, uma rua era divisão entre a Grbavica ocupada e o lado bósnio de Sarajevo.

Edina K. viu de sua janela os horrores de Grbavica. Disse que os sérvios que atacaram Grbavica não eram de Sarajevo, mas de Sokolac, Han Pijesak e outras cidadezinhas. Na sua porta bateu Batko, ex-boxeador, “era um lobo, um selvagem, mas como era analfabeto, não sabia se quem morava lá era muçulmano”, conta³⁰². Edina saiu de Grbavica, com sua mãe, em setembro de 1992.

Dražen S., de Hrasno, na linha de frente com Grbavica, foi para Otoka.

³⁰² Veselin Vlahović Batko, nos primeiros meses de guerra, em Grbavica, calcula-se que, sozinho ou com a VRS (*Vojska Republike Srpske*, Forças Armadas da Republika Srpska) tenha matado dezenas de pessoas, estuprado, roubado, torturado etc.. Foi capturado na Espanha em março de 2010, após ficar, desde 2001, foragido da polícia de Montenegro, onde ele cumpria pena de três anos por um crime cometido em Novi Sad. Está preso em Sarajevo, onde será finalmente julgado pelos crimes cometidos durante a guerra.

Suada K. saiu de Grbavica com sua irmã. Hoje, de volta ao bairro, orgulha-se de suas árvores: “Veja como tem árvores grandes, os sérvios estavam aqui e não precisaram derrubar suas árvores”.

Em Grbavica “limparam” católicos e muçulmanos, e homens e mulheres foram estuprados, e também em Hadžići e Pale, conta Meldijana A..

De Ilidža, no outro lado da cidade, que citei anteriormente, fugiram os pais de Jadranko K.. A guerra começou em abril, em setembro eles foram para a cidade, conta, e ficaram em Alipašino Polje, num apartamento abandonado. E explica: “muitos apartamentos foram abandonados, e refugiados que foram expulsos de suas casas, vinham para esses apartamentos”.

A família de Amir T. morava desde os anos 1980 em Ilidža, em um apartamento da firma onde sua mãe trabalhava. Moravam lá, ele, sua irmã, sua mãe, seu pai e sua avó paterna. Tiveram que sair de lá com a guerra, o pai morreu logo em seguida, e depois de um ano, sua avó. A mãe ganhou então o apartamento em Alipašino Polje, em troca do de Ilidža, que foi todo destruído e saqueado, “no fim da guerra, quando os chetniks deixaram Ilidža e Grbavica, destruíram as propriedades”, conta Amir.

O avô do marido de Samira K. tinha uma biblioteca de mais de mil títulos também em Ilidža, “foi tudo destruído, além de um violino de uns 200 ou 300 anos, que hoje deveria valer uma fortuna”, conta Samira. Quando terminou a guerra, eles voltaram para ver o que tinha sobrado do apartamento: “nada, só quatro livros que estavam no alto da estante, continuavam lá. (...) Álbuns de fotografias! Por que eles tinham que destruir álbuns de fotografias?!”, exclamou indignada.

Meldijana A. morava no Bairro do Aeroporto (*Aerodromsko naselje*), saiu de lá no começo da guerra. Quando voltou, depois da guerra, estava tudo destruído: “os sérvios foram morar lá e quando saíram destruíram tudo”. Ela e sua família mudaram para Dobrinja em 1992, foram para a casa de um juiz, que deixara Dobrinja e fora então para a cidade.

Com o Acordo de Dayton, Sarajevo, apesar de considerada multiétnica, ficou na Federação, assim, áreas como o Bairro do Aeroporto, Ilidža, Grbavica, e municípios ao redor, como Vogošća, Hadžići e Ilijaš, voltaram para o domínio do

governo bósnio, e sérvios deixaram em massa a cidade. Histórias de que seriam massacrados pelo novo governo causaram pânico, e muitos deixaram suas casas em 1996. Em Sarajevo, entretanto, é consenso que o próprio governo sérvio propagou o medo e a propaganda entre os seus co-nacionais, que permaneciam até então na cidade. Meldijana A. explica que Momčilo Krajišnik³⁰³ disse para sua unidade militar retirar os habitantes sérvios de Sarajevo, “um verdadeiro arrastão foi feito”.

Amra H. explica que demorou ainda cinco meses para os sérvios “liberarem” Grbavica e um pouco menos para “liberarem” Ilidža e outras regiões:

Muitos sérvios deixaram então a cidade, com medo, atizado pelos próprios sérvios e pela propaganda de Karadžić e outros. Muitos foram para Srebrenica, que estava vazia. Desenterraram seus mortos e os levaram com eles, acreditando que não poderiam mais voltar à cidade.

ATAQUES DA OTAN E PAZ

Depois do ataque da OTAN, em maio de 1995, nunca se matou tanta gente e tanta criança em Sarajevo, relembra Amra H., e teve ainda o massacre em Tuzla, o massacre no Markale, depois Srebrenica, isto pois não havia mais plano tático, “só queriam matar, matar e matar”, conta.

Após este ataque da OTAN, capacetes azuis da ONU foram capturados pelas forças sérvias e usados como escudos humanos contra os bombardeios, que cessaram por um tempo.

Diante dos massacres, que continuavam, a OTAN e a Força de Reação Rápida começaram a agir³⁰⁴. Postos da ONU foram esvaziados, a OTAN iniciou

³⁰³ Krajišnik, do SDS, foi, antes da guerra, líder do parlamento bósnio e, durante a guerra, membro do governo em Pale. Em 1996, nas primeiras eleições pós-guerra, foi eleito membro sérvio da presidência bósnia. Ficou neste cargo até 1998. Em 2000, foi preso e julgado por crimes de guerra e contra a humanidade, genocídio, pogroms etc. pelo TPI. Foi condenado em todas as acusações – exceto a de genocídio –, totalizando 27 anos de prisão, pena esta que já foi diminuída para 20 anos. Cf. JUSTICY REPORT, 2006.

³⁰⁴ A Força de Reação Rápida, formada em junho de 1995, era composta por forças britânicas e francesas no solo, com o objetivo de proteger as forças da ONU ou ajudar em caso de retirada. Neste momento, lançaram ataques de artilharia contra posições sérvias.

ataques aéreos a posições sérvias, bombardeando alvos militares de real importância, enfraquecendo por completo as forças sérvias da Bósnia em vários pontos do país, como ao redor de Tuzla, Goražde, Pale, Sarajevo e Banja Luka. A Força de Reação Rápida, por sua vez, entrou em ação no Igman. Paralelamente, na Croácia, em resposta ao contra-ataque fortíssimo das forças croatas, sérvios são expulsos dos territórios sob seu domínio desde 1991 (Eslavônia Ocidental e Krajina), enfraquecendo as forças sérvias nessas regiões de fronteira. O Exército bósnio e o Exército croata avançam assim no nordeste da Bósnia³⁰⁵ e logo controlam metade do país. Nas palavras de Bougarel (1996, p. 112):

When, at the end of July 1995, the armies of the Serb Republic, and the Serb Republic of Krajina, supported by forces of Fikret Abdić, tried to take the Muslim enclave of Bihać, a Croatian offensive swept away the Serb Republic of Krajina and the “Autonomous Province of Western Bosnia” in the space of a few days, lifting the three-year siege on Bihać. One month later, on 28 August 1995, another terrible bombardment of Sarajevo provoked massive aerial strikes against Serb military infrastructures. The Bosnian and Croatian armies took advantage of this to break through the front line, which had remained practically unchanged since the autumn of 1992, and take, in the space of a few weeks, 15-20 per cent of the territory of Bosnia. On 5 October 1995 a ceasefire was negotiated on the basis of this new front line.

Ratko Mladić, comandante das forças sérvias na Bósnia, concorda assim em retirar os armamentos pesados de Sarajevo e a OTAN cessa os bombardeios. O aeroporto e as estradas a Sarajevo são reabertos. É o fim do cerco à cidade.

As partes decidem então pela paz. O acordo é estabelecido em Dayton, após três semanas de negociações, no dia 21 de novembro, e assinado no dia 14 de dezembro em Paris, por Slobodan Milošević, presidente da Sérvia, Franjo Tuđman, presidente da Croácia, e Alija Izetbegović, presidente da Bósnia. O acordo, como já foi dito, dividiu a Bósnia em duas entidades, a Federação e a Republika Srpska, e colocou fim à guerra.

Perguntei algumas vezes por que acreditaram que este acordo colocaria de fato um ponto final na guerra. Muitos me responderam que acreditaram pois finalmente os americanos entraram na história. Nas palavras de Aida Č, “acreditei,

³⁰⁵ A cooperação militar entre o exército croata, o exército bósnio e o HVO foi assinada no Acordo de Split, em 22 de julho de 1995 (Cf. BOUGAREL, 1996, p. 112).

pois chegaram os americanos, e porque alguns jornalistas, como Bob Reid, que era um gênio, e não era estúpido como muitos, disseram que era o fim”.

Amra H., durante os bombardeios da OTAN, dormiu como não dormia desde 1992, e a primeira coisa que fez, quando acabou a guerra, foi tomar um café com uma amiga em Visoko, que ficava a 10 minutos de Sarajevo, mas que não puderam ir durante os três anos e meio de cerco.

MAS POR QUE NÃO SAÍRAM?

Como vimos anteriormente, quem trabalhava para jornalistas ou organizações internacionais podia sair e entrar na cidade, nos aviões que traziam ajuda humanitária, com as credenciais que recebiam. Os aviões chegavam cheios e, teoricamente, voltavam vazios. O problema aqui era somente um: por vezes, o aeroporto era fechado e os vôos cancelados. Muitos jornalistas e fixers com quem conversei, ficaram “presos” em outros países, esperando que pudessem embarcar de volta para Sarajevo, o que, por fim, acabavam conseguindo.

No começo da guerra, principalmente, comboios retiraram pessoas da cidade. Citei anteriormente o caso do comboio judaico em abril de 1992, quando a grande maioria dos judeus da cidade pôde sair com suas famílias. Há casos que ouvi de pessoas que burlaram parentescos com judeus e conseguiram também sair nestes comboios. Vlado A. conta que houve comboios croatas para a Croácia e que milhares saíram desta maneira. Vimos anteriormente que muitos sérvios já haviam deixado a cidade, para Belgrado, outros países, ou outras cidades, como Pale, Bijeljina e Banja Luka, sob domínio das forças sérvias.

Vlado A. acredita que durante a guerra não havia mais que 120 mil pessoas na cidade – umas 150 mil, 200 mil, pelo menos, foram embora³⁰⁶. Explica que as retiradas eram organizadas, “comboios de centenas de ônibus (que eram

³⁰⁶ Esses dados divergem dos dados divulgados pela UNHCR [UN High Commissioner for Refugees] de 1994, que calcula que então viviam em torno de 440 mil pessoas na cidade. Destas, 140 mil seriam refugiadas de outras partes da Bósnia (Cf. MAČEK, 2007, p. 52). Tratarei de tais números mais adiante.

protegidos, e os sérvios permitiam) de crianças, mulheres e velhos, principalmente”. Homens em idade militar, de 16 a 66 anos, não podiam sair. Muitos me disseram também que casais mistos foram retirados da cidade no começo da guerra. Nas palavras de Miran J., “eu não quis sair quando a UNHCR fez a primeira limpeza étnica, retirando os casais mistos de Sarajevo³⁰⁷. Jornalismo é minha profissão e eu queria continuar trabalhando”. Sanja B. conta que poderia ter saído, se quisesse, com seu marido Damir O., ela cristã (“sou meio sérvia e meio croata”) e ele muçulmano.

Muitos pagavam para conseguir embarcar nos vôos que deixavam a cidade. Vlado A. conta que as pessoas pagavam uns 10 mil marcos para os ucranianos (mais freqüentemente) da Unprofor, que iam te buscar em casa, te colocavam no veículo da Unprofor (que os sérvios não podiam atacar) e te levavam embora. Na introdução desta, citei o livro de Nenad Veličković (2006), onde um dos personagens é uma dessas pessoas, que negocia com os soldados da Unprofor e compra a credencial de jornalista.

A grande maioria das pessoas que entrevistei, não precisou comprar credencial, pois já a tinham, e optaram por ficar na cidade. Ficar com a família (mãe, pai, irmã, irmão, esposa, esposo) foi o principal motivo elencado (Zijad M., Eldina J., Samir K., Amra H. etc.). E aqui, não é só ficar com a família, mas ajudá-la. Como vimos, estes que trabalhavam para os estrangeiros podiam proporcionar aos seus “melhores condições de vida”, se é que se pode falar em melhores condições, com bombas caindo sobre suas cabeças, mas sim, tinham mais comida e tinham dinheiro, podiam comprar no mercado negro e podiam trazer mantimentos do exterior.

Aida A. conta que foi para Split em 1994 cobrir o primeiro retorno de mulheres para Sarajevo. Ela disse-me que voltavam para cuidar de seus maridos, pois foram muitos os maridos que ficaram. Dos jornalistas com quem conversei, a mulher de Samir K. foi para a Itália, a de Zlatko D. foi para a Itália com os filhos, a de Dubravko L. foi para a Alemanha com os filhos. Senada, minha vizinha, foi com

³⁰⁷ Miran J. explica: “meu bisavô era esloveno e a esposa dele italiana. Ambos católicos. Meu pai é croata. Minha esposa, sérvia, ortodoxa. Meus dois filhos são sarajevanos”.

os três filhos para a Bulgária, seu marido ficou. Explica que conseguiu sair, pois sua família era grande. Diversos foram os casos, e não necessariamente os maridos encontraram outra mulher, mas segundo Aida A., este era o principal medo das mulheres que partiam.

Alguns elencaram que não saíram, pois não queriam ser refugiados em outros países. Sabina Č., por exemplo, disse que não saía, pois “não queria ser faxineira ou empregada doméstica na Europa e nem ir para a Síria ou Líbia morar com as suas tias. Eu disse para mim mesma que era melhor ficar aqui e morrer, do que ser um cidadão de segunda classe”. Contou que é formada em Direito e que sua profissão dificilmente poderia ser traduzida em um emprego no exterior. Foi embora da Bósnia em 1997, quando conseguiu uma bolsa de estudos na Columbia University, em Nova York:

Eu poderia ter continuado aqui com a Reuters, reportando sobre nada, ou voltar à carreira de Direito, mas não conseguia ver nenhum futuro aqui para mim, então decidi ir, deixei um dinheiro com meus pais, fiz MBA e não voltei mais. A elite educada foi embora antes, pois podiam, tinham habilidades que podiam vender ao redor do mundo, eu não as tinha, mas quando as reuni, também fui.

Merdijana S. não saiu, pois, apesar de ter recebido ofertas para trabalhar em Londres, “não queria deixar meu marido na guerra, minha família, que estava aqui, vizinhos e amigos”; e conta que uma vez, em agosto de 1992, fecharam o aeroporto em Sarajevo e ela ficou três meses presa em Zagreb, onde encontrou muitos refugiados, “que estavam psicologicamente mais doentes do que as pessoas que ficaram em Sarajevo, pois não eram bem-vindos em lugar algum”.

Muitos em Sarajevo vão dizer que são covardes, aqueles que foram embora, especialmente os homens que fugiram do exército, desertaram e deixaram suas famílias, “mas no final, acabam esquecendo e desculpando; porém, estes que saíram, quando voltam, têm um complexo terrível”, conta Merdijana S..

“The one that left is the traitor”, diz Aida Č., e explica que 95% das pessoas não tinham escolha e os que saíram são vistos como covardes. Contou que um dia estava andando na rua com uma amiga, depois da guerra, e que de repente um cachorro apareceu e fez que ia atacá-las. Sua primeira reação foi virar para o cachorro e fazer rrrrrr, como que atacando o cachorro, e sua amiga saiu correndo:

“Eu fiquei em Sarajevo, minha amiga não. E certamente a atitude dela foi a mais sensata, já que eu não tinha a menor chance contra o cachorro”, explica.

Alguns não saíram porque não quiseram. Hakija H. sentia-se no dever de cumprir seu papel na guerra, o de ser jornalista. Amira S. “escolheu ficar no lugar ao qual pertence”.

Após 12-13 anos do fim da guerra, muitos que acreditavam que quem saía é covarde, hoje, ponderam e acreditam, como Aida Č., que tiveram uma decisão sensata. Boro K. diz que teria sido mais inteligente ir embora, Samir K. diz que quem saiu, vive bem fora.

Edina B. saiu de Sarajevo pois sentia-se mal com o modo como os estrangeiros lhes tratavam. Foi para Londres em 1993, ficou lá até 2007. Quando voltou, os 2-3 primeiros anos foram terríveis, tratavam-na como traidora, menos sarajevana, pois não ficou na Bósnia durante a guerra. Hoje, acredita, ninguém mais liga para isso.

O termo para os milhares de bósnios que vivem hoje no exterior é “a diáspora”. Foram embora antes, durante e depois da guerra, e continuam indo.

CAPÍTULO 3. Mas por quê?

Quando Tito estava vivo, o nacionalismo não durava muito, pulso firme, prisão. E isso é melhor do que matar 200 mil pessoas na Bósnia-Herzegóvina – e falo de sérvios, croatas e muçulmanos. (Zijad M.)

Nessa guerra, lutou-se somente para ficar vivo, a questão da pátria uma logo foi esquecida, diferentemente da Segunda Guerra Mundial e dos partisanos, quando se lutava por um ideal. (Asaf B.)

Se no capítulo anterior, discorri sobre o cerco a Sarajevo e a guerra na Bósnia, aqui procuro apresentar de que modo os fixers e jornalistas locais em Sarajevo entendem a guerra e sua história.

Ex-lugoslávia

Na cobertura das guerras na ex-lugoslávia pela imprensa brasileira, o período histórico utilizado para explicar a guerra oscilava entre 500 e 50 anos no passado. A Iugoslávia socialista era vista, portanto, como uma suspensão da história daqueles povos, desde sempre predestinados a brigar por territórios separados e independentes.

Todavia, durante minha pesquisa de campo, a ênfase no regime anterior foi dada não como “uma suspensão temporária de conflitos”, como se usou dizer, mas como a prova de que sim, podiam viver juntos e que assim viveram.

Tim Judah (1997) aponta que a Iugoslávia de 1945 se propôs a ser de fato diferente da anterior, pois baseava-se no lema “Fraternidade e Unidade” (*bratstvo i jedinstvo*), segundo o qual, a Iugoslávia seria forte não porque seu povo era um só, mas justamente porque eram muitos.

“Tínhamos tudo” era a resposta mais comum que ouvia quando perguntava da Iugoslávia. E o que é “ter tudo” é a pergunta que faço aqui e que dá cor ao que Maček (2007, 2009) chamou de “normalidade”. “Normal”, em Sarajevo (pelo

menos), durante a ex-Iugoslávia, era poder viajar para outros países³⁰⁸, ter um nível de vida satisfatório, ter educação e assistência médica gratuitas³⁰⁹, ter casa própria, ter acesso à “cultura” e, especialmente, “não ligar para quem é quem”, ou seja, distinções étnico/nacionais/religiosas não eram importantes.

A singularidade do país era também enfatizada. Explicavam-me que a Iugoslávia estava fora do eixo leste-oeste, não era nem comunista, nem capitalista, “nem Estados Unidos, nem Rússia” (Hakija H., Samira K., Željko I., entre outros), mas sim, líder dos países não-alinhados, ou seja, “uma boa política para nós” (Hakija H.). E tinham liberdade, como quase todos me disseram: “na Europa, eles pensam que aqui era ditadura. Mas você tem 16 anos de [George] Bush no poder e isso não é ditadura!” (Andrej Đ.). “A Iugoslávia era ótima, Tito era ótimo. Não tínhamos nada, mas tínhamos tudo”, conta, rindo, Zlatko D..

Este “ter tudo” foi fortemente abalado, tanto pela guerra, como vimos, como pelo pós-guerra, como veremos nos capítulos subseqüentes.

Enquanto iugoslavos, éramos bem aceitos em todo o mundo, não precisávamos de visto, somente passaporte, podíamos trabalhar e viver bem com o salário, não precisávamos comprar ou alugar apartamento, os apartamentos eram do Estado, se trabalhássemos, tínhamos apartamento³¹⁰. Podia-se ir para toda parte na Iugoslávia, era um espaço único³¹¹ e ninguém perguntava qual a sua nacionalidade. (Zijad M.)

No sistema socialista, você tinha três meses de férias no verão³¹² e um mês no inverno, todos tinham carro e uma casa na montanha ou em outro lugar. O nível de vida era alto. O passaporte iugoslavo era o mais caro, pois tinha acesso ao leste e ao oeste, pois era um país não-alinhado, não precisava de visto para lugar nenhum. (Andrej Đ.)

³⁰⁸ Hoje uma das principais queixas na Bósnia é que precisam de visto para viajar. Acham isso um absurdo, dado que se consideram parte da Europa.

³⁰⁹ Samira K. menciona nesse sentido que o sistema de saúde era tão bom que quando a pessoa tinha que fazer uma operação que não havia na Iugoslávia, o Estado pagava para a pessoa ir fazer a cirurgia na melhor clínica especializada da Europa.

³¹⁰ Após a guerra, todos os apartamentos (que eram das empresas ou do Estado) passaram para o nome das famílias, que então neles viviam. Não houve expropriação de todos os bens no regime socialista. Somente grandes propriedades foram expropriadas e imóveis das igrejas/mesquitas. Indivíduos podiam ter um apartamento ou casa, e um terreno de até 10 hectares. Os maiores foram divididos e nacionalizados, assim como as fábricas.

³¹¹ Para Senada K. isso era fantástico. Ela, por exemplo, trabalhava em Sarajevo para uma revista em Zagreb, “Zagreb, Sarajevo, Belgrado, Ljubljana, Skopje, era tudo a mesma coisa, um só país”.

³¹² Zdravko Lj. conta que as empresas tinham hotel na praia e todos os funcionários tinham lugar para as férias, com o mesmo conforto que “o bacana” da Europa.

Expressões como, “o mais lindo período” (Mladen P.), “era divino” (Hakija H.), “era demais” (Eldar E., Leila V.), podem ser ouvidas, e de que “tínhamos liberdade”, “éramos misturados” e “não importava quem é quem” (Mladen P., Hakija H.).

Malcolm (2002), entretanto, aponta que a Bósnia era a república mais pobre em todos os aspectos da ex-Iugoslávia, só ficando na frente de Kosovo. Depois dessa província, a Bósnia era o lugar que tinha o maior índice de analfabetismo, a menor escolaridade, o maior índice de mortalidade infantil, a menor porcentagem de pessoas morando nas cidades, o maior índice de migração interna. O estabelecimento da nacionalidade muçulmana e as Olimpíadas de Inverno de 1984, em Sarajevo, melhoraram um pouco este quadro, segundo este autor, dando auto-estima e orgulho às pessoas na Bósnia.

Donia e Fine Jr. (1994) sobre isso vão dizer que “diversos autores” apontam para a desigualdade marcante na Iugoslávia, superestimando alguns dados e não levando em conta a extensão das transformações econômicas que o país passou, transformações estas, que os bósnios sentiram e que transformaram a Bósnia no centro da indústria pesada iugoslava, dado a existência de muitos recursos minerais e água, somada à construção de estradas: “Bosnia saw rapid development in its mining, steel, aluminum, and hydroelectric power industries and in the growing and packaging of agricultural products” (DONIA, FINE JR., p. 173)³¹³. Jovan D., como vimos, sublinhara a centralidade da Bósnia na produção armamentista da Iugoslávia; Zdravko Lj., igualmente, aponta que a Iugoslávia produzia a sua própria Kalashnikov.

E muitos vão contar como Sarajevo era “interessante antes da guerra”, com “muita arte, música, teatro” (Asja R.), que tratei nos capítulos anteriores.

Cabe citar ainda, como me foi dito, que se produzia arte de qualidade na Iugoslávia e consumia-se arte – filmes e música – do Ocidente. Vlado A. conta que ouviam música estrangeira na Iugoslávia, e que os países do leste só puderam

³¹³ Segundo esses autores, a consequência do desenvolvimento industrial – que não foi a mim mencionada em nenhum momento da pesquisa de campo – é que nos anos 1960 e 1970, Sarajevo era uma das cidades mais poluídas do mundo. Chamam atenção ainda para o brasão da Bósnia socialista: duas chaminés industriais soltando fumaça escura, sinal de orgulho e desenvolvimento.

ouvir Pink Floyd depois de 1990. Amir T. conta que podiam beber Coca-Cola; a idéia não era proibir, mas criar alternativas locais. A Iugoslávia produzia então a Cocka, refrigerante parecido com a Coca-Cola, produzido (e bem consumido) até hoje; e o rock n'roll, claro.

Falar sobre o rock n'roll iugoslavo teria que ser um capítulo à parte. Sim, podiam ouvir Pink Floyd, mas realmente não precisavam. O rock foi a música iugoslava, a meu ver, por excelência; e vinha, muitas vezes, repleto de mensagens políticas, que louvavam Tito e a Iugoslávia³¹⁴.

<><><>

Um dos *hits* patrióticos dos tempos de Tito, composto em 1979 por um dos ícones do pop-rock iugoslavo, Đorđe Balašević, é *Računajte na nas* (Conte conosco). Reproduzo abaixo a canção³¹⁵:

**Conte conosco
(Đorđe Balašević)**

Em nome de todos nós, que nascemos depois de 1950
Como juramento a Tito, eu canto um refrão
Não menciono o passado, nem batalhas longínquas
Pois nasci logo depois

Mas a vida antes de nós ainda esconde batalhas
E nos toma e nos toma como num redemoinho
Sei que nos espera, centenas de ofensivas
Temos então que zelar pela paz

Conte conosco
Alguns podem achar que fomos levados em um curso errado
Pois ouvimos discos e tocamos rock
Mas em algum lugar em nós há o fulgor das batalhas
E eu digo isso, pois eu sei bem
Conte conosco

Em nós, o destino dos dias futuros
Alguns até podem, talvez, temê-lo
Mas pelas nossas veias, corre sangue partisan
E sabemos por que aqui estamos
Conte conosco

³¹⁴ Sobre o rock iugoslavo, ver Ramet (2002).

³¹⁵ Ver versão original anexa (p. 430).

Aqui se vê, além do rock como uma voz patriótica, a mensagem que alimentou por anos a idéia “Iugoslávia”, ou seja, a luta antifascista dos partisanos durante a Segunda Guerra Mundial³¹⁶. O nacionalismo foi proibido durante o regime, assim como falar das atrocidades e crimes cometidos por todos os lados durante esta guerra. Paralelamente, o rock aparecia como a música de todos, pois a música de nenhuma nação ou nacionalidade em especial, e a música dos jovens, iugoslavos, ao mesmo tempo. Nele se cantava a força da juventude, a beleza da Iugoslávia e a permanência de sua luta.

Não só na música, entretanto, que a luta se fez presente. Pode-se dizer (apesar de ser algo sobre o qual não se fala) que “a luta permanente contra o fascismo” se deu acompanhada por uma “cultura da guerra”, do “conte conosco”, do “podemos lutar novamente pela Iugoslávia”, pois em “nossa veia corre sangue partisan”. Cultura esta, que fazia parte da vida dessas pessoas de diversos modos. Estava presente nos tempos de *pioniri* (pioneiros) e no tempo obrigatório que todos os homens passavam na JNA, geralmente em outra república ou província, quando completavam 18 anos, e relacionavam-se com jovens de todos os cantos do país. Estava presente nos filmes (como citei aqui diversas vezes). Era parte da educação das crianças e adolescentes, que, segundo Zdravko Lj., tinham suas primeiras aulas militares na escola, onde aprendiam primeiros-socorros, planos de contra-ataque, teorias sobre o Ocidente e estratégia. E solidificou-se no enorme investimento militar ao longo dos anos. Dražen S. mencionou construções militares monumentais, como um aeroporto subterrâneo (e base aérea militar) perto de Bihać, na fronteira entre a Bósnia e a Croácia (*Aerodrom željava*), para ser utilizado em caso de ataque nuclear (foi destruído durante a guerra dos anos 1990); e uma cidade na Bósnia, também subterrânea, para, em caso de ataques, servir de abrigo durante seis meses (nas proximidades

³¹⁶ Žanić analisa a terminologia militar no discurso político e da mídia durante a SFRJ, que falava de uma sociedade sob permanente ameaça, inclusive internamente, e polarizada entre amigos e inimigos. O vocabulário militar podia ser visto nas metáforas beligerantes, onde o Partido era o exército, cada atividade, uma batalha, uma linha de frente, e cada Estado como um bastião, uma fortaleza, do socialismo de autogestão, da fraternidade e da unidade (2007, p. 77).

de Konjic), “e assim a Iugoslávia faliu”, explica Dražen, devido ao enorme investimento militar, feito com divisas estrangeiras.

A Bósnia, por sua vez, aparecia nos relatos como o centro disso tudo. Dos investimentos militares ao rock n’roll iugoslavo. E Sarajevo, como a capital de tudo isso, especialmente, a capital do rock e da cultura.

Diversas bandas foram então citadas, a maior delas, sem dúvida, foi Bijelo dugme (Botão Branco), mas também Index, Teška industrija (Indústria Pesada), Plavi orkestar (Orquestra Azul). Foi impossível não aprofundar meus conhecimentos a respeito da produção musical local dos anos 1970 e 1980, particularmente. Em Sarajevo, nasceu também nos anos 1980 o movimento musical e artístico Novo Primitivismo (*Novi primitivizam*), que reunia várias bandas de rock da cidade, como a Zabranjeno pušenje (Proibido fumar) e Elvis J. Kurtović, além do grupo humorístico Top Lista Nadrealista, que, segundo Zenit, integrante deste grupo, que tive a oportunidade de conhecer, era o programa mais assistido nos finais dos anos 1980 em toda a ex-Iugoslávia e contribuiu para mudar a imagem da Bósnia, vista até então como “idiota e provinciana”.

As grandes firmas da Bósnia e as Olimpíadas de Inverno de 1984 foram também citadas.

Hare O., por exemplo, conta que eram bons tempos aqueles, “quando tinham liberdade e dinheiro, podiam viajar só com o passaporte iugoslavo e havia grandes firmas na Bósnia, como a Energoinvest³¹⁷”. Citou a geração de seu sócio, o Čenga, que é dos anos 1950, dez anos mais velho: “eles viveram a melhor época, no melhor lugar do planeta”. E falou das Olimpíadas, “como foi lindo, todos queriam somente que as Olimpíadas fossem boas, estavam alegres, satisfeitos. Mas hoje, tudo isso já era. Hoje não temos dinheiro, não podemos viajar, ninguém é feliz, não temos nada”.

Elvis B. contou que nunca tinha ido para Tuzla antes da guerra, ia para a praia na Croácia ou Montenegro, ia para Zagreb visitar parentes, ou para Belgrado. Seu pai era motorista de caminhão e sua mãe, contadora, “nada

³¹⁷ “Com plantas na Líbia, Egito, Argélia e negócios com os EUA”, complementar Zdravko Lj..

especial”, e mesmo assim tinham uma ótima condição de vida durante a Iugoslávia, além de um excelente sistema educacional. E mais,

Havia riquezas minerais na Bósnia até a costa do Adriático, campos de trigo, produção de alimentos em geral, seja carne, frutas ou verduras. Exceto alguma falta eventual, a ex-Iugoslávia tinha todas as riquezas, além de portos e refinarias de petróleo. A Europa não podia nos impedir de trazer petróleo dos países árabes. Todo o resto, tínhamos: indústria eletrônica e automobilística, armas e aviões. A Europa certamente influenciou o desmembramento da Iugoslávia. Se a Iugoslávia ainda existisse, o sujeito da Suécia viria pedir visto para vir para cá e não o contrário. (Elvis B.)

A Bósnia-Herzegovina era o coração da Iugoslávia. Aqui estavam os recursos naturais. A hidro-indústria e outras firmas, como a Hidrogradnja, a Energoinvest, a Agrokomerc, a Željezara Zenica (de aço), todas ficavam na Bósnia³¹⁸. Eram enormes e geravam muita riqueza. Essa história da Eslovênia e da Croácia serem as mais ricas é balela. A Eslovênia pode ser, mas o que a Croácia tem? Três meses de turismo no verão, só isso. (Samira K.)

Samira K. conta ainda que a Iugoslávia construiu a metade do Iraque e todos os *bunkers* (abrigos militares subterrâneos) deste país, que a JNA era a quinta força militar do mundo e que Tito era o mais inteligente dos homens, pois não permitia o nacionalismo e nem a religião no poder.

A religião era considerada do âmbito do privado. A política era uma só: Tito e o Partido Comunista. O inimigo era o inimigo interno: o nacionalismo.

A política se dava, portanto, respeitando o equilíbrio de poder entre as nações e nacionalidades, a nível federal (da Iugoslávia, SFRJ) e a nível local (repúblicas e províncias autônomas). Cada unidade da federação possuía o seu Partido Comunista – ou Liga dos Comunistas –, que tinha como um dos seus principais objetivos, não permitir o nacionalismo. Diversos autores sublinham que por isso, na Bósnia, o Partido era mais rigoroso, “cabia a cada político lutar contra o nacionalismo em seu próprio grupo étnico” (ANDJELIC, 2003, p. 41, tradução minha), como afirmei anteriormente.

³¹⁸ Apesar de serem firmas menores hoje, Dražen S. explica que a economia da Bósnia ainda gira em torno da produção de eletricidade, aço (ferro), alumínio (bauxita) e madeira, que servem ao mercado interno e para exportação. Segundo ele, a Bósnia é o único país da região que produz mais eletricidade do que necessita, e exporta, portanto. A Željezara Zenica, citada acima, era a maior produtora de aço da ex-Iugoslávia, e está hoje com a ArcelorMittal (multinacional). A Aluminijski kombinat Mostar, que produz alumínio, é a maior da região. Madeira, a Bósnia exporta em sua forma bruta, tendo que importar móveis. Poderiam ser citadas ainda a indústria de carvão, chumbo e zinco, a indústria têxtil e a indústria de tabaco (Cf. IDENTITY..., 2006).

Viver junto era normal (Eldina J.), nacionalistas eram presos (Zijad M., Dražen S., Hakija H.) e movimentos nacionalistas não duravam muito. Zijad M. cita o no Kosovo nos anos 1960, ou nos anos 1970 na Croácia, ou quando Alija Izetbegović e seus colegas foram presos em 1983, acusados também de nacionalismo.

Todos os líderes nacionalistas dos anos 1990, em algum momento, foram presos. Dražen S. brincou uma vez: “todos os criminosos de guerra, como Karadžić, Šešelj e mesmo Izetbegović³¹⁹, foram presos antes da guerra, se tivessem continuado na cadeia, a história poderia ter sido outra”.

Srećko L. conta que sua família estava totalmente alimentada pelo sistema socialista iugoslavo e não dava atenção, portanto, ao nacional...

Lembro-me da primeira vez quando me deparei com a questão nacional, eu fiquei totalmente confuso, pois no ensino médio, eu lembro, dois amigos meus estavam namorando, ela era muçulmana e ele era sérvio, e eles terminaram e ficaram destruídos com a separação, e eu fiquei confuso, pois quando um termina, o outro fica destruído, mas aqui os dois estavam destruídos. Eu falei com o meu amigo, “se vocês estão tão tristes, por que não voltam a namorar?” Ele disse que não podia, pois ele era sérvio e ela, muçulmana³²⁰.

Dražen S. me contou a mesma história, e não estudaram juntos. Algumas vezes isso aconteceu na pesquisa, os exemplos serem exatamente os mesmos. Talvez algo para estrangeiro ver, ou para estrangeiro entender, ou aconteceu de fato, não sei. Mas o que importa aqui, é que diferenças que não eram importantes, passaram a ser. Não que não soubessem quem era quem, mas não importava simplesmente. Zijad M. conta, nesse sentido, que antes podia acontecer das pessoas falarem que o casamento não daria certo, e deu o exemplo da sua tia que se casou com um sérvio e que todos disseram que o casamento não daria certo (estão juntos até hoje), “hoje o que me parece é que o casamento nem acontece”, conclui.

³¹⁹ Karadžić foi detido em 1985 por mau uso de fundos públicos, juntamente com Momčilo Krajišnik, então diretor de uma corporação estatal (Cf. GJELTEN, 1995), não chegaram a ser julgados. Šešelj e Izetbegović foram presos por nacionalismo.

³²⁰ Srećko L. é de 1967 ou 1968. Tinha 24 anos no começo da guerra. Isso deve ter acontecido no começo da década de 1980.

Alguns sublinharam a falta de liberdade religiosa. O que para muitos era um disparate, “pois o regime era liberal e a religião, permitida”.

O que senti pelos entrevistados é que, para a grande maioria, a religião não fazia parte de suas vidas, o regime não as afetando em especial. Sabina Č., por exemplo, explica:

O comunismo era um incrível anestésico para religião. Meu pai é ateu, minha mãe se tornou religiosa durante a guerra, eu sou atéia também. Mas de fato, para a minha geração³²¹ e a geração dos meus pais, depois da Segunda Guerra Mundial, o comunismo destruiu a religião. A religião ficou mais para os mais velhos, que iam às mesquitas ou igrejas. A geração dos meus pais, o *baby boom* pós-Segunda Guerra, 70%, 80% eram absolutamente não religiosos, se não, ateus. Certamente na parte velha da cidade, em casas tradicionais turcas, há pessoal mais religioso do que na minha parte da cidade. Pois eu cresci em prédio, na parte mais moderna, com muitas famílias de militares da JNA. Quando a JNA foi embora, no começo da guerra, o meu prédio ficou vazio. 30% dos apartamentos do bairro eram de famílias de militares. Eu cresci num meio bem misturado, se eu tivesse crescido na Bašćaršija, talvez eu tivesse sido influenciada por um meio bem muçulmano. E mesmo lá, há muitos sérvios ortodoxos, eles mantiveram a religião ao longo do tempo.

Zijad M. explica que somente quem era extremista na época de Tito, ou seja, quem queria potencializar a religião, colocá-la em primeiro plano, somente estes foram proibidos. “Ninguém era proibido de ir à igreja ou mesquita. Mas quando aumentou o nacionalismo, igrejas e mesquitas ficaram lotadas de religiosos e, cada dia mais, as pessoas se voltavam para a religião” (Zijad M.).

Para o Cardeal Vinko Puljić, foram tempos difíceis para quem era religioso. Quando decidiu ir para o Seminário, que só havia em Zagreb, seu pai perdeu o emprego e a família, a assistência médica.

Por outro lado, ser muçulmano e religioso hoje não significa não se lembrar com certa nostalgia os tempos de Tito.

Cito aqui uma conversa que tive com Ibro, um sujeito muito interessante. Ele é aposentado, mas trabalha como sapateiro junto com seu filho, Adnan. Ibro tem 70 anos e Adnan, 40. Ambos são religiosos. Em uma de nossas conversas, Ibro me disse que a Iugoslávia era ótima, “não tinha isso de sérvio, croata, judeu, muçulmano. Havia unidade, todos eram iguais. E cada um podia rezar para Deus

³²¹ Sabina Č. nasceu em 1970.

do seu jeito, sem problemas”. Ibro serviu ao exército durante o socialismo e lutou como soldado na guerra na Bósnia, mas o que ganha hoje? se pergunta e me pergunta: “uma pensão miserável!, isso nunca seria possível na época de Tito”. Perguntei como ele se identificava quando não existia a categoria “muçulmano” como nacionalidade. Ele disse que como “sem identificação”, e que quando foi servir à JNA, falava com orgulho, “sou muçulmano e circuncidado” e seus filhos também são.

Dubravko L. foi coroinha, seus pais eram religiosos. Mesmo assim, acredita que foi um tempo muito bom, “um tempo muito feliz para a Bósnia e para a Iugoslávia”.

Para Jakob F., líder da comunidade judaica, era um comunismo rosa, e não vermelho, pois não era ditadura, as pessoas podiam viajar, ter casa, casa de campo, carro. Explica que a religião não era proibida, mas não era bem vista. Ou seja, não era possível ser membro do Partido, se você fosse religioso (e ser membro do Partido geralmente significava maiores possibilidades de melhores postos de trabalho). A religião era considerada algo do âmbito da vida privada; ao exercê-la publicamente, todos saberiam, limitando assim, a sua possibilidade de ascensão social.

Nas palavras de Senad K., “era um socialismo elegante, mas no fundo era uma prisão. Não se podia pensar diferente, não havia liberdade, só polícia. Tiveram os que foram embora, mas os que ficaram, esperavam o dia em que ia acabar”. Contou que sim, as pessoas podiam ir à igreja ou à mesquita, mas na porta da igreja tinha um homem de terno e gravata anotando o nome de todo mundo que estava lá “e, claro, depois, se ele queria um emprego melhor, não podia ter, se ele queria ser membro do Partido, não podia ser. Era um socialismo elegante e policial.”

Se a pessoa era religiosa, mesmo se quisesse, não poderia ser membro do Partido, mas podia acontecer da pessoa simplesmente não querer ser membro do Partido. Ouvi assim histórias como a do pai de Elvis B., que não era membro (somente sua mãe era). Ele trabalhava na Energoinvest, como motorista de caminhão. Quando lhe ofereceram o cargo de chefia, foram descobrir que ele não

era membro do Partido e que não queria ser: continuou, portanto, no posto de motorista.

Mesmo os que não elogiaram a Iugoslávia, acreditam que viviam melhor naquela época (Miran J., Belmin K.). Samra L. conta que tinham uma “vida sólida”, pois podiam viajar e ela mesma costumava ir para a Itália para comprar sapatos³²². Mas sublinha que havia privilégios para membros do Partido, que possuíam imensas casas em Neum³²³ e em Jahorina³²⁴, mas que, no geral, eram todos uma grande classe média. Ela, particularmente, e diferente de sua família e da maioria, “que possuem uma visão romântica e vão te dizer que era maravilhoso, que nunca viveram melhor”, não gosta da Iugoslávia, pois pensa que não havia respeito aos direitos humanos, e citou o exemplo de que não poderia ter comprado um apartamento naquela época e que as pessoas esperavam décadas para ganhar o seu.

Para Amra H., se há “iugonostalgia” hoje é porque para muitos era realmente melhor. E deu o exemplo dos seus pais, que eram advogados e ganhavam mais ou menos o mesmo que um secretário, um faxineiro, um garçom. Hoje ela não sabe como essas pessoas conseguem viver com o que ganham, e que sim, para eles, a diferença é enorme, viviam muito melhor antes. Não disse se seus pais vivem melhor agora, de qualquer modo, a idéia é que seus pais tinham um alto padrão de vida e ganhavam bem, assim como todos, que hoje têm que viver com salários baixíssimos.

Eldar E. diz que era ótimo, mas que o nacionalismo não apareceu de um dia para o outro, a cada dia, segundo ele, era injetado um pouco de veneno, tanto que são os mesmos líderes que, ainda hoje, estão no poder.

Conversando com Dubravko L., professor de história da Universidade de Sarajevo, que em 1991, 1992 e 1994 trabalhou no Napredak, Associação Cultural Croata (*Hrvatsko kulturno društvo*) da Bósnia, indaguei sobre a fronteira entre o nacional e o nacionalismo, perguntando-lhe de que modo o Napredak era uma associação nacional, e não, nacionalista. Ele me respondeu que foi exatamente

³²² Aida A. também ia para a Itália comprar sapatos.

³²³ Única cidade da Bósnia no litoral.

³²⁴ Montanha próxima a Sarajevo, hoje na Republika Srpska, com estações de esqui.

por isso que deixou a associação. O Napredak, abolido por decreto em 1946, foi reaberto em 1991, como parte do processo de democratização da vida política na Bósnia, assim como outras associações, explica. Mas uma coisa é uma associação cultural da Bósnia e Herzegovina atenta para as especificidades da comunidade croata da Bósnia e Herzegovina, outra, é quando o centro dessa associação passa a ser Zagreb. Em suas palavras:

Eu saí do Napredak em 1994, quando percebi que o Napredak enquanto associação cultural croata não estava atentando para a especificidade de uma associação cultural dos croatas da Bósnia-Herzegovina, mas sim, para uma idéia integral, unitária do que é ser croata. Isso significa que croatas bósnios-herzegóvinos foram transformados em um apêndice somente, com seu centro em Zagreb. Eu não podia concordar com isso, mas não pude mudar nada, fiquei no Napredak enquanto ainda tinha a ilusão de que algo poderia mudar (...). Esse processo acompanhou a divisão étnica do país. Hoje não existe mais cultura bósnia-herzegóvinos, mas sim, cultura bosniac, sérvia e croata, que estão separadas entre si e que se fundamentam em falsas premissas. Não é algo, portanto, só da parte croata. Eu cito os croatas, pois me sinto mais responsável e por isso saí. Eu não quis aceitar isso, como não concordo ainda hoje.

O processo de democratização foi assim “substituído” pelo nacionalismo na sua forma mais clássica: uma nação, um estado, um território. Referências a Milošević, portanto, e à grande Sérvia são constantes. Ele teria insuflado o nacionalismo com o único objetivo de se manter no poder e a partir do slogan “todos os sérvios em um único território”.

E aqui paira a grande dúvida. Se não fosse pela Sérvia e pelo regime de Milošević, a Iugoslávia ainda existiria? Ou tudo começou no Kosovo em 1981? Ou a grande culpada é a Eslovênia, que iniciou a secessão? O quão inevitável foi esse processo, o quão inevitável foi a guerra? São perguntas sem respostas. Miran J., todavia, faz uma parábola interessante, de que após Tito, todos queriam ser Tito em sua república.

Nos anos que antecederam a guerra, quase não se ouve falar da Bósnia, talvez ainda embriagada pelo sucesso das Olimpíadas, talvez diante de reformulações no próprio partido comunista local, seguidas pelo processo de democratização de seu sistema político, ou apenas fervendo culturalmente, com uma alta produção artística e muito rock. Ou simplesmente, não sabia para onde

ir, diante da política nacionalista da Sérvia e das respostas nacionalistas da Croácia e da Eslovênia, que levariam às secessões.

A verdade é que quando se pergunta como tudo começou, poucos sabem exatamente. Aqui, as palavras “medo”, “muita propaganda” e “basta o primeiro tiro” ouvi diversas vezes. E de que era Tito quem mantinha a Iugoslávia coesa. Nas palavras de Zijad M.:

Tito foi um homem, para mim, que estava em condições de colocar em um país, diferentes nacionalidades – 25 milhões de pessoas, gente muito diferente, que se respeitava, que se adorava. Fez isso com pulso firme, ou talvez fora uma criação artística... Mas Tito era o único que podia manter isso. Enquanto ele estava vivo, ok. Logo que morreu, começaram os primeiros eventos no Kosovo. Sérvios eliminaram o direito dos albaneses de suas escolas e muitos perderam o emprego. E isso foi crescendo, em cada república, o aumento do nacionalismo.

Posto isto, nota-se que, ao mesmo tempo em que as pessoas louvam os bons tempos de Tito e explicam que não era como nos países comunistas do leste, pois havia liberdade, a idéia de que sem Tito, “a ditadura começou a relaxar” (Željko I.) e a liberdade e abertura democrática foram usadas pelos nacionalistas, (alguns deles) comunistas, no poder, pois queriam manter-se no poder, é interessante. Admite-se com essa construção a ditadura, mas a relativizando, afinal, antes havia paz. Além disso, diria Dražen S., “liberdade no capitalismo? Hoje não podemos viajar, antes podíamos. Hoje precisamos de dinheiro para tudo. Além do que, nos EUA, se quiserem, sabem até o jornal que você lê”.

A presidência colegiada na ex-Iugoslávia passou a vigorar desde 1974, com Tito ainda vivo. Nela, líderes das seis repúblicas e das duas províncias autônomas se revezavam no poder. Segundo Leila, a partir da morte de Tito, cada república queria proteger a si mesma. Com isso deve-se entender, acredito, questões muito práticas, tais como: como administrar o país e a crise pelo qual este passava, onde construir estradas, onde investir e em qual indústria, como dividir o dinheiro entre as repúblicas e províncias. O passo seguinte foi a preparação para as primeiras eleições democráticas multipartidárias, quando “fundaram-se partidos nacionais (no nome, ‘democráticos’) que, na realidade, eram profundamente nacionalistas” (Senad H.).

A década de 1980 viu-se portanto sem Tito, ou seja, sem o grande líder, com as repúblicas com alto grau de poder decisório e o país, como um todo, em grave crise econômica³²⁵ – que se verificou na prática, com a hiperinflação do começo dos anos 1980 e anos 1990.

Zijad M. lembra que até 1983, um pouco antes das Olimpíadas, a inflação era tamanha que não se podia viver normalmente, não se podia dirigir todo dia, pois não havia combustível, havia filas para comida (farinha, açúcar, óleo) e cada família tinha cotas de quanto podia comprar de comida, assim como de quanto podia usar de gasolina. As Olimpíadas vieram, segundo ele, para tentar “levantar a bola” novamente da Iugoslávia e houve um grande investimento na Bósnia “para não mostrar como estavam pobres”. Em suas palavras:

Não tinha chocolate, podia ter dinheiro, mas não tinha onde comprar chocolate. Não havia leite para comprar para as crianças. Em 1981, nasceu minha filha mais velha e eu tive que ir para todo lugar para tentar comprar leite, pois aqui não tinha. A inflação estava altíssima. Podia-se ter dinheiro, mas havia cotas para o mês. Depois das Olimpíadas, ficou mais estável e, alguns anos antes da guerra, apareceu Ante Marković, que foi ser primeiro-ministro da Iugoslávia e fez a reforma. Então passamos a ter salário, antes não tinha salário. Foi uma boa reforma, as pessoas puderam acreditar, sem inflação, mais estável, até antes da guerra, uns três anos. Então nacionalistas quiseram bagunçar as coisas, os partidos de Milošević, Tuđman... queriam destruir isso e tirar fora Marković, que era reformista, para que o nacionalismo ficasse por cima. Marković tinha um plano ótimo para que a Iugoslávia continuasse. (Zijad M.)

E aqui faço um parêntese, para explicar quem é Ante Marković e de que modo ele apareceu na pesquisa.

Em linhas gerais, em 1990 surgiram, ou foram legalizados, os primeiros partidos políticos nacionais, ou seja, partidos que foram criados para defender e lutar pelos interesses de seu grupo étnico/nacional em um contexto democrático. Assim, na Bósnia, como vimos, os três primeiros e principais partidos nacionais

³²⁵ Woodward (1996) acredita que o segredo da prosperidade da Iugoslávia de Tito estava associado menos ao carisma do grande líder ou à ditadura comunista, do que ao fato de que a Iugoslávia, durante três décadas, cresceu devido a empréstimos, particularmente do Ocidente, e ocupava posição privilegiada como Estado neutro e estratégico entre os dois blocos em conflito durante a Guerra Fria. Sobre a crise financeira e política que abateu a ex-Iugoslávia nos anos 1980 e 1990 e as respostas dos organismos internacionais (ONU, Comunidade Européia, EUA, Oriente Médio etc.), ver: Woodward (1996). Sobre o sistema econômico na ex-Iugoslávia e os fatores que levaram à desintegração do país, ver: Bojičić (1996). Sobre Ante Marković e as reformas econômicas, ver: *Ko je ubio Antu Markovića?* [Quem matou Ante Marković] (2003).

foram o SDA (Partido da Ação Democrática), bosniac/muçulmano, presidido por Alija Izetbegović, o SDS (Partido Democrático Sérvio), sérvio, e o HDZ (União Democrática Croata), croata. Além destes, concorreram para as eleições, o Partido Comunista reformado (SKBiH-SDP, Liga dos Comunistas da Bósnia-Herzegovina-Partido Social-Democrata) e os Reformistas (SRSJ, Liga das Forças Reformistas da Iugoslávia).

A Liga das Forças Reformistas era uma coalizão de partidos não-nacionais ou multiétnicos liderada por Ante Marković, então primeiro-ministro da ex-Iugoslávia, que encabeçara a reforma econômica que amenizara a crise e a hiperinflação que o país (ex-Iugoslávia, SFRJ) vinha sofrendo nos últimos anos – simbolizava democratização e modernização. Porém, mesmo os partidos políticos nacionais tinham democratização e modernização como objetivos, além de assegurar o direito dos “seus”. Os multiétnicos – comunistas e reformistas – saíram derrotados das eleições na Bósnia, os nacionais subiram ao poder.

Logo que cheguei à Bósnia, conversando sobre política com Amir T., ele comentou que não entende como os Reformistas perderam as eleições, se em Sarajevo, pelo menos, todos votaram neles. Conversando com meu co-orientador/supervisor na IUS, Professor Muhidin Mulalić, ele também me chamou a atenção para os Reformistas e sugeriu que seria significativo descobrir para quem meus entrevistados votaram.

Notei, todavia, que as pessoas, de modo geral, relutam em dizer para quem votam nas eleições e muitos até se ofendem com a pergunta. Podia conversar de tudo, o que acha da Bósnia, como foi a guerra etc., mas perguntas referentes a “que Deus rezam quando estão em casa” e “para quem votaram em determinada eleição” raramente vinham como uma resposta a uma pergunta, mas sim, vinham (quando vinham) naturalmente nos relatos.

De qualquer modo, passei a colocar tal pergunta nas entrevistas, supondo que, como meus informantes, em sua maioria, possuem um posicionamento contrário às políticas nacionalistas vigentes, eles teriam votado na Liga dos Reformistas, partido de Ante Marković, nas primeiras eleições multipartidárias que ocorreram na Bósnia no final de 1990.

Constrangidos, respondiam que o voto, assim como a religião, é do âmbito do privado e que preferiam não responder à pergunta. Os que respondiam diziam ter votado nos Reformistas.

Continuei perguntando, apesar de eu mesma começar a me sentir constrangida, invadindo o íntimo das pessoas. Isso até a minha conversa com Amra A., que trabalhou como tradutora para a Reuters e para a BBC durante a guerra, em Sarajevo. Após minha pergunta, ela imediatamente retrucou, “não conto, isso é privado, pessoal”, e depois, rindo, falou, “garanto que todo mundo te diz que votou no Ante Marković [Reformistas]. Se todos que falam que votaram nele, tivessem realmente o feito, ele teria ganho as eleições”.

Sua resposta, apesar de ser uma negação à minha pergunta, me fez pensar que essa questão sim remete ao que é do âmbito do privado e ao que pode ser público, mas também a um modo como se elabora um discurso coerente que tem como objetivo informar o posicionamento de determinado sujeito na guerra, posicionamento este, que nos remete a valores como secularismo, urbanidade, civilidade e multietnicidade, e que destoaria portanto do suporte aos partidos étnicos/nacionais, fazendo da guerra a obra de outros, que os agrediram, físico e moralmente.

A guerra como obra de outros

You don't have to read scores of books on Balkan politics to understand what happened in Bosnia. You don't have to speak Serbo-Croatian. You just have to think about Mr. Hot and ask, why would someone shoot him? The answer is prejudice. Perhaps at one time, in humanity's pre-history, it served as a survival mechanism. Today, it's a cancer. (KAMENICA, Senad. A lesson from Bosnia: How prejudice can destroy a nation, s.d., p. 2)

AGRESSÃO

Quando se reflete sobre a guerra na Bósnia, duas questões me incomodavam. Uma, era como foi possível de uma Iugoslávia “feliz”, chegar-se ao nacionalismo seguido de guerra, e uma guerra atroz, onde soldados matam e estupram civis, queimam vilas inteiras, destroem monumentos religiosos e históricos, bombardeiam cidades e cometem atrocidades inimagináveis. A outra questão era justamente como um indivíduo, seu ex-vizinho muitas vezes, pode ser o perpetrador dessas ações.

Responder a essas perguntas, do lugar de onde eu estava olhando, ou seja, de Sarajevo, a partir de intelectuais e jornalistas, é colocá-la no universo do outro. Poucos imputaram aos sérvios, características como *seljak*³²⁶, ignorantes, vingativos, “amantes da violência”. Mas ao responder como a guerra chegou ao indivíduo: este é ignorante, gosta de violência, é facilmente manipulável, é vingativo e é *seljak*.

Posto isso, os outros que fizeram a guerra. Neste sentido, não foi a Bósnia que começou. Os “outros” são manipuláveis, gente sem educação, camponeses, e não, “cidadinos”. Os “outros” cometem atrocidades, e mesmo quando fomos nós,

³²⁶ *Seljak* é aquele que vive no *selo*, e não na cidade. Na Bósnia, que é um país onde predominam rios, vales e montanhas, as cidades ficam geralmente nos vales e os *selo*, nas montanhas. O *selo* é um conjunto de habitações, geralmente casas, onde mora uma família estendida, como é comum na Bósnia (acredito que não apenas em famílias muçulmanas – a nora vai morar com o marido e os sogros). Quem vive no *selo* geralmente cultiva algo e tem animais de criação, como gado, cavalos, ovelhas, galinhas ou porcos (no caso de camponeses não-muçulmanos). No *selo* há muitas vezes uma parte “menos rural” (Cf. BRINGA, 1995), com a vendinha, a escola, a igreja, a mesquita etc.. Utilizarei aqui os termos “vila” ou “campo” para *selo* e “camponês” para *seljak*.

foram os mujahidins e não os nossos soldados. Ou simplesmente, “mas isso é Balcãs”.

Parece que aqui se tem dois consensos, pelo menos no lado da Federação, e desconsiderando o “lado croata”, no qual eu não fiz pesquisa de campo (apesar de conversar com croatas de/em Sarajevo): um, é que houve um plano para a criação da Grande Sérvia (e da Grande Croácia), cujos principais protagonistas foram Milošević, Tuđman e a JNA. O outro, é que as pessoas são facilmente manipuláveis, principalmente aquelas que não vivem nas cidades, mas nas vilas, ou, quando vivem nas cidades, “casa e rua dizem coisas diferentes”³²⁷, e aqui a suspeita se generaliza, e explicaria o fato de sarajevanos terem ido para Pale atirar nos seus vizinhos, ou mesmo, de algumas “gangues” terem matado civis não-muçulmanos em Sarajevo, como vimos anteriormente.

O âmbito da política e da relação entre as repúblicas na ex-Iugoslávia tratei em diversos momentos desta tese. Onde foi apontado o crescimento do nacionalismo na Sérvia até a subida de Milošević ao poder, paralelamente à absorção pelos nacionalistas dos meios de comunicação na Sérvia, primeiramente, e depois na Croácia, visto como principal instrumento de propaganda e propagação do medo. O nacionalismo na Sérvia levou então a uma resposta nacionalista por parte das outras repúblicas, que organizavam eleições multipartidárias, nas quais venceram partidos nacionalistas e pró-secessão. O golpe de Milošević, com a retirada das autonomias de Kosovo e Voivodina, tornou o equilíbrio de poder precário na ex-Iugoslávia, em que a Sérvia automaticamente passava a ter 50% dos votos nas instâncias decisórias de poder. A Federação (SFRJ), face o aumento de poder das repúblicas, a cada dia, era mais uma abstração do que um poder de fato. E o caminho para a secessão estava aberto, favorecido pela queda do muro de Berlim e pela Comissão Badinter da Comunidade Européia, que regulou as independências das repúblicas iugoslavas; ou seja, a independência seria aceita se ratificada em referendo pela maioria da população. As províncias autônomas da Iugoslávia não poderiam ter esta sorte. E

³²⁷ Sobre a suspeita aos judeus antes do Holocausto, anti-semitas diziam: são homens na rua e judeus em casa (Cf. ARENDT, 1989).

as minorias não seriam ouvidas, como não foram em cada uma das repúblicas que realizaram seus referendos³²⁸.

Eslovênia, Croácia, Macedônia e Bósnia-Herzegovina fizeram referendos e foram reconhecidas como estados independentes... (E aqui começam as histórias...). Enquanto isso, a Sérvia já planejava a ocupação e anexação dos territórios vizinhos que tinham população sérvia.

Milošević, “como Goebbels”, citado diversas vezes durante a pesquisa de campo, usou a mídia para provocar o medo, conta Eldina J., “As pessoas começaram a sentir medo umas das outras. Desde 1987, Milošević manipulou o mito de Kosovo e a noção de pureza. Não há *clash* de civilizações, mas manipulação”.

Entretanto, a possibilidade de uma nova guerra, acreditam, sempre esteve posta durante a ex-Iugoslávia, que combatia por todos os meios possíveis o nacionalismo (e o fascismo). Os elementos que seriam utilizados pelo nacionalismo estavam igualmente dados, das atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial, aos eventos transformados em mitos na Sérvia, o principal deles, a Batalha de Kosovo, entre outros elementos³²⁹, em um processo que se deu a partir da reescrita da história e do “confisco da memória” (Cf. UGREŠIĆ, 1998), que, no caso dos sérvios, os colocaria como vítimas desde sempre dos muçulmanos (bosniacs ou albaneses, ou simplesmente, turcos) e dos fascistas (croatas, ou latinos), anulando o período iugoslavo. (Processo semelhante teria se dado também na Croácia, quando nazistas do antigo NDH – o Estado Independente da Croácia – foram reabilitados na vida política croata nos anos 1990, e o Estado comunista iugoslavo passou a ser visto como uma interrupção histórica do Estado croata³³⁰).

³²⁸ Hayden (2000) vai mais longe e considera o referendo na Bósnia ilegítimo e anticonstitucional e a Bósnia, um estado fadado à destruição, a partir do momento em que grande parte da sua população rejeitou a independência.

³²⁹ Ivo Žanić, em *Flag on the mountain* (2007), aponta diversos elementos do que ele chama de “cultura vernacular”, presentes em uma história épica repleta de simbolismos, utilizados pelos líderes políticos na Bósnia já no momento anterior à guerra, para dotar o conflito de sentido e legitimidade.

³³⁰ Inúmeros exemplos poderiam ser aqui citados, como já o foram anteriormente. De todo modo, ver: Arnaut (2008), Cushman (2004), Denich (1994), Kurspahić (2003), Thompson (1999), Ugrešić (1998), entre outros.

A questão da Bósnia multiétnica e do acordo entre Milošević e Tuđman para dividi-la apareceu inúmeras vezes nos relatos (Aida Č., Samir K., entre outros). Mas como dividi-la, dado que as fronteiras geográficas eram distintas das fronteiras étnicas, que não existiam? Deste modo, “o que não é fácil cortar, você tem que matar, expulsar e lidar com um grupo que não quer ser sérvio ou croata, são os muçulmanos” (Aida Č.).

Foi uma guerra por território, segundo Miran J.. E porque ninguém queria ser minoria no país dos outros, disse Aida Č., citando “um grande cara, filho de Kiro Gligorov, um dos ex-presidentes da Macedônia, que bem definiu o fim da Iugoslávia, as guerras subseqüentes e a sua razão”³³¹.

A “agressão” à Bósnia aparece então com o objetivo de reorganizar o território para então dividi-lo. Seus perpetradores são Milošević, a Sérvia e os líderes sérvios-bósnios, de um lado, e a Croácia, Tuđman, e os líderes croatas-bósnios de outro. À Bósnia, ou o que sobrou dela, restou se defender.

A questão de como foi tudo planejado, não é uma questão, “sabe-se” que foi tudo planejado.

Sarajevo, no caso, é para Merdijana S. um exemplo de atrocidade militar, e de quem a comandava: “10 mil pessoas, civis, foram mortas”, conta.

Stanislav Ganić, general dos sérvios-bósnios, foi quem comandou o cerco de 1992 a 1994, no comando da unidade Romanija (*Romanijski korpus*), e não há muito tempo, recebeu a sentença mais longa do tribunal de Haia. Depois dele, veio Dragan Milošević, que agora está sendo julgado, e que ficou no comando entre 1994 e 1995.

Segundo Merdijana, somente agora, com o Tribunal Penal Internacional em Haia, percebe-se como de fato muito do que aconteceu, aconteceu de acordo com um plano. “Cogitava-se essa hipótese durante a guerra, quando se viu que um modelo se repetia, quando se ouviu o que acontecia nos campos de Omarska e Keraterm, e dos estupros de mulheres, centenas de bosniaquinhas”, conta Merdijana S., depois de Srebrenica, foi tudo, ainda mais, confirmado:

³³¹ “Why should we be a minority in your state when you can be a minority in ours?” (GLIGOROV, V., 1994, p. 31 apud VEJVODA, 1996, p. 260).

Srebrenica, por exemplo: não se poderia matar oito mil pessoas dessa forma, só chegando de manhã e falando “vamos matar oito mil pessoas”. É necessária uma estrutura enorme para fazer isso, para enterrar, para desenterrar e enterrar de novo. Pessoas que viviam nesse lugar, sérvios, quando aconteceu o julgamento [em Haia], falaram, anos depois da guerra, que nada fizeram. Eles não reagem! Cometiam crimes cotidianamente e continuam falando que não fizeram nada. (Merdijana S.)

Muitos continuam negando o que aconteceu, ou minimizando a extensão da catástrofe, como veremos a partir do relato dos jornalistas que conheci na Republika Srpska (capítulo 5) e como já apontei em linhas gerais anteriormente.

A idéia de que se defendiam, pois chegaram para lhes atacar, também não é uma idéia, “é um fato”. “Nós não fomos para a Sérvia ou Croácia para matar alguém. Chegaram aqui para nos atacar”, afirma Hakija H.. Foi uma guerra pela Grande Sérvia, acredita Samra L., “a agressão, o ataque, foi tudo planejado, as matanças, os estupros, e obrigar que as mulheres dessem a luz. Não fomos a lugar nenhum. A guerra foi um ataque contra nós, não foi uma guerra civil.”

Miran J. acredita que todas as guerras na ex-Iugoslávia foram logisticamente pensadas e planejadas e levadas a cabo pela, inicialmente, JNA, da Eslovênia até a Macedônia.

A JNA começou na Eslovênia, e depois na Croácia, e depois na Bósnia, e depois no Kosovo, e depois na Macedônia. Nenhuma das guerras começou sem antes a anterior ter terminado, isto porque Belgrado não tinha como agüentar duas guerras ao mesmo tempo. (Miran J.)

E não era só Slobodan Milošević, não eram somente dois generais da JNA, tinha muita gente que acreditava na idéia da Grande Sérvia e tinham poder militar suficiente para colocá-la em prática. E inacreditável é como não conseguiram, especialmente na Bósnia, que quase não tinha armas. Eles tinham um plano, o mais difícil é o primeiro tiro, depois dele, tudo é mais fácil. (Merdijana S.)

Porém, quem deu o primeiro tiro não foram os (sérvios) bósnios, como ouvi algumas vezes. Primeiramente, chegavam os grupos paramilitares sérvios da Sérvia, “eles vinham, limpavam a área, capturavam os não-sérvios, matavam a maioria deles e davam armas para os sérvios bósnios” (Srećko L., Merdijana S.).

“Šešelj e Arkan, que eram paramilitares da Sérvia, que chegaram e começaram a fazer o terror, não eram sérvios locais”, conta Merdijana,

eles chegavam e começavam a matar civis, bosniacs, croatas, e como chegou nos sérvios locais... isso foi depois, aí começa o caos e o mal brota do indivíduo. E aí você ouve a história do sujeito que pegou sua amiga de escola e estuprou e matou e torturou. Começa sempre com vizinhos e amigos. Terrível. Mas é sempre assim, alguns indivíduos, e antes disso, ideologia, que precisa da Grande Sérvia, como são todos inimigos, que os *balija*³³² são assim, assado, que a Sérvia não pode com os três juntos e que tem que matar os outros. E isso é ideologia, numa sociedade que é pobre. A mim isso não atinge, mas a ex-Iugoslávia era muito pobre. Então foi assim: ustashas mataram meu avô, um *balija* matou meu pai, e assim é ideologia, que quando se amplia da forma certa, vai achar suporte em pelo menos 10% das pessoas³³³. (Merdijana S.)

O medo estava instaurado, a propaganda nacionalista, presente em todos os meios de comunicação, e Alija Izetbegović, que havia sido preso em 1983 por nacionalismo, após escrever a Declaração Islâmica – escrita em 1970 e republicada em 1990 –, era o presidente da Bósnia³³⁴.

Posso imaginar o efeito que a presença de um religioso como Izetbegović teve em muitos não-muçulmanos bombardeados pela propaganda nacionalista, que afirmava que a Bósnia seria em breve uma República Islâmica, se permitissem.

Ivo Banac sublinha, entretanto, que a Declaração Islâmica é um manifesto pela reconciliação da tradição religiosa islâmica com o progresso, e que afirma que em comunidades de maioria muçulmana, minorias devem ser protegidas e a liberdade religiosa respeitada, e o mesmo vale para comunidades onde os muçulmanos são minorias, estes devem respeitar a comunidade, a menos que sejam prejudicados (1996, p. 147-148). Este autor concordaria com a defesa de

³³² *Balija* é um termo pejorativo, e mesmo, um xingamento, para muçulmano/bosniac. Não consegui encontrar a etimologia da palavra, mas diz respeito, de modo geral, a alguém sem educação, primitivo ou camponês. Sobre os termos pejorativos para bosniac, sérvio, croata, sandžaklije (aquele que é de Sandžak), rom/cigano, herzegóvino etc., ver Tinjak (2009).

³³³ Sobre isso, ver Bougarel (1996), que concorda com a explicação acima, sublinhando que geralmente quem começava a limpeza étnica eram milícias vindas de fora, mas que buscavam, contudo, participação das pessoas locais: “in spite of the spirit of *komšilik* [vizinhança], and indeed with the precise aim of destroying that spirit” (1996, p. 104). Esse autor sublinha ainda, que a limpeza étnica visava extirpar qualquer coisa que não condissesse com o espírito extremista nacionalista, por isso, atingia algumas vezes seu próprio grupo.

³³⁴ Izetbegović foi preso também em 1946, por fazer parte da organização anticomunista e religiosa Jovens Muçulmanos (*Mladi Muslimani*), que publicava ilegalmente o periódico *Mudžahid* (guerreiro). Além disso, muitos acreditam que jovens desta organização ajudaram a formar a Divisão SS Handžar, em 1943 (Cf. DŽAJA, 2004). Para a Declaração Islâmica e o processo contra Izetbegović, ver: Izetbegović (1990).

Izetbegović, por ocasião de seu julgamento em 1983, que sublinhava que ele não citara a Iugoslávia em momento algum do texto, além de levar em conta países com população de religiões diversas. Não acredito, entretanto, que a Declaração seja tão neutra assim em relação à ex-Iugoslávia, vide a crítica que faz a alguns países não-islâmicos e (mau-)islâmicos, onde o principal empecilho ao desenvolvimento e progresso é o desencontro em relação à própria tradição, entendida aqui como uma verdadeira cultura ou fé religiosa. Além disso, Izetbegović sublinha em dois ou três parágrafos (1990, p. 37-38) a questão das minorias em estados islâmicos e de muçulmanos em estados não-islâmicos. Mas alega nas outras dezenas de páginas que compõem o manifesto que os muçulmanos devem, em primeiro lugar, reacender o islã dentro de si e terem uma vida devota aos preceitos do Alcorão; e, quando o homem estiver pronto, a política naturalmente o acompanhará, pois o islamismo não vê discrepâncias entre a vida privada e a vida pública, é uma religião holística, que pensa ambas como uma só e como islâmica: o fim do estado é o estado islâmico. É um texto, portanto, fundamentalmente religioso. Não obstante, em sua atuação política, Izetbegović pregou uma Bósnia secular e multinacional, ou seja, um estado que deveria acolher e respeitar a religião (ou o ateísmo) do outro.

Dado a sua postura reconciliadora e unificadora, ao menos em termos retóricos, ele é considerado, de modo geral, herói nacional e símbolo da libertação.

Ao lado do cemitério onde está enterrado, em Kovači, em um cemitério para os mártires (*šehidi*) que foram mortos durante a guerra³³⁵, e cujo túmulo conta com um soldado imóvel que não pode falar com você (lembro-me de perguntar se podia fotografar o túmulo, ele nem olhou para mim...), foi construído, em 2007, um museu/memorial³³⁶, com fotos e presentes recebidos por Izetbegović ao longo de sua vida política.

³³⁵ “Šehidsko mezarje Kovači” (Cemitério de mártires Kovači). Ver fotos anexas (p. 412).

³³⁶ O museu foi construído na *Kapi-kula* (“torre-portal”), um dos portais antigos da cidade, datado do século XVIII, na Rua Ploča, em Kovači.

Um dos ícones do pop bósnio, Dino Merlin, que compôs várias canções patrióticas durante a guerra, com o objetivo de levantar o moral dos soldados³³⁷, compôs também uma em homenagem a Alija Izetbegović. A mensagem geral é que sem ele, nada teria sido possível, a Bósnia só existe porque existiu Alija³³⁸.

Se não fosse você, Alija³³⁹
(Dino Merlin)

Ali onde está o sol
ali onde estão as estrelas
ali onde o céu não tem nuvens
onde é o ninho das almas puras
onde os olhos não encontram escuridão

Para este lado, eu inclino a cabeça
nesta casa, uma voz me chama
fecho os olhos, estendo minhas mãos
deixo que os sonhos naveguem
fecho os olhos, estendo minhas mãos
deixo que os sonhos naveguem

Não brilharia tão intensamente
esse meu lindo quintal (*avlija*)
a luz, eu chamaria escuridão
se não fosse você, Alija

Pressenti palavras, pressenti canções
pensei que fosse pecado, que não poderia
pensei que não haveria quem ouvisse
há, como não há, ouve minha alma
pensei que não haveria quem ouvisse
há, como não há, escuta minha alma

³³⁷ Segundo Dražen S., Dino Merlin se aproveitou do momento (guerra) para “puxar o saco” dos líderes muçulmanos e alavancar sua carreira, e de grande bebedor antes da guerra, passou a se apresentar como um muçulmano respeitável e religioso.

³³⁸ Laušević (2000) aponta o lugar crucial das canções patrióticas na manutenção da coesão dos grupos e levantamento do moral, sendo poderosas na criação do medo e na definição da alteridade. Essa autora nota que o turbo-folk, caracterizado pelas melodias populares (*narodne*) mescladas a um ritmo eletrônico-árabe, era preferido nas rádios sérvias; o rock, por sua vez, só poderia ser tocado se a banda fosse sérvia (já que o rock, como vimos, foi muito forte na Bósnia, muitas das bandas sendo de Sarajevo; e o turbo-folk sérvio, a meu ver, seguramente é o melhor da região). Não é à toa que mesmo sem me ater especificamente à música, não pude, contudo, escapar de seu potencial comunicativo ao identificar e citar aqui algumas canções. Sobre o turbo-folk, ainda, indico um documentário produzido pela RTV B92, que ilustra como ele foi um elemento fortíssimo no interior da Sérvia para minimizar críticas ao nacionalismo, às guerras e à crise econômica sem precedentes decorrente do embargo total à Sérvia durante os anos de guerra – *Sav taj folk* (2004) (“Todo esse folk”). Sobre música, ver também Maners (2000).

³³⁹ Veja versão original dessa canção anexa (p. 431).

Não brilharia tão intensamente
esse meu lindo quintal
a luz, eu chamaria escuridão
se não fosse você, Alija
se não fosse você, Alija

Alija Izetbegović, entretanto, raras vezes era citado nas entrevistas e poucos o criticaram.

Na Republika Srpska, consideram-no responsável pelo “cerco” (entre aspas, pois não admitem que foi de fato cerco, o cerco, como veremos) e pelo grande número de mortes na Bósnia. Lá, ouvi mais de uma vez, que Sarajevo não estava totalmente bloqueada e que era interessante para o governo bósnio, liderado por Izetbegović, que assim fosse, ou seja, que as pessoas não morressem, mas sobrevivessem, e que não deixassem a cidade.

Nesse sentido, concordaria também Mladen P., “Alija não quis que as pessoas saíssem, se abrisse, todos fugiriam”. E também Vlado A., que explicou,

Muita gente que estava aqui queria sair da cidade, mas não podia, primeiro, pois os sérvios estavam em volta, segundo, pois a cidade não permitia, precisavam dele, ou como soldado, ou como vítima, para a imagem da Bósnia ficar cada vez pior e assim provocar a intervenção militar.

Amira S. não traz uma crítica a Izetbegović, especificamente, mas inclusive a ele. Em suas palavras,

Eu nunca apoiei o nacionalismo, incluindo Izetbegović. Eu não acredito em partidos nacionais, pois eles não são partidos reais. As pessoas votam neles, pois acham que os outros votam nos seus partidos nacionais: se muçulmanos não votarem no seu partido, os croatas vão fazê-lo e vão vencer. Isso não é política, isso é propaganda.

Para Dražen S., no entanto, Alija Izetbegović sempre quis a divisão da Bósnia e não a união entre os diferentes grupos. E citou o antigo comandante do Exército bósnio, Sefer Halilović – “discordavam sobre o futuro da Bósnia” – que foi substituído por Rasim Delić, em 1993, quando, como ouvi diversas vezes, o exército passava a ser cada dia mais muçulmano.

Elvis B., por sua vez, acredita que Alija Izetbegović foi o homem mais responsável pelo grande número de muçulmanos mortos. Isto, pois não levou a

sério as palavras de Karadžić de que haveria guerra³⁴⁰. Ele viu a JNA retirando todas as armas dos quartéis de Sarajevo e não se armou. Deixou que Srebrenica caísse, pois precisava dar um território em troca de Sarajevo³⁴¹. Foi responsável pelo grande número de criminosos no Exército. Segurou Sarajevo para que continuasse cercado, pois no começo poderia ter impedido o cerco. “E quando começaram a cair bombas sobre as nossas cabeças, ele disse, agora está tudo na mão de Deus”. Elvis acredita que ele foi um homem bom, mas um péssimo político.

Não obstante, exceto Elvis (que saiu de Sarajevo no final de 1992), os demais estavam em Sarajevo durante todo o cerco, Dražen e Elvis foram soldados, e todos consideram a Bósnia o seu país.

Pareceu-me, no entanto, em muitos momentos da pesquisa de campo, tabu criticar Alija Izetbegović, e os não-muçulmanos realmente têm maior facilidade para isso. De todo modo, a intervenção internacional no conflito, se no começo era a base do argumento de que não haveria guerra, ou que mesmo se houvesse, esta não duraria muito, durante a guerra, foi usada como argumento, principalmente pelos “agressores”, de que o próprio governo bósnio lançava bombas pela cidade, ou posicionava franco-atiradores em hospitais, pois achava interessante que civis fossem mortos, ou que as pessoas apenas sofressem de fome, e não morressem, para que a intervenção internacional finalmente ocorresse em prol dos muçulmanos. Mladen, Vlado, Dražen e Elvis não

³⁴⁰ Em 15 de outubro de 1991, o parlamento bósnio, com o apoio do SDA, do HDZ e dos partidos cívicos (não-nacionais), adota a declaração de soberania da Bósnia. Em resposta a esta, Karadžić reivindica que seja implementado o direito à autodeterminação e que plebiscitos sejam realizados entre os sérvios, entre os croatas e entre os muçulmanos, e faz a seguinte ameaça: “The road you have chosen is the same road that took Croatia into Hell, except that the war in Bosnia will take you into a worse Hell, and the Muslim nation may disappear altogether” (OSLOBODJENJE, 15 Oct. 1991 apud BOUGAREL, 1996, p. 100).

³⁴¹ Há várias histórias nesse sentido, de que tanto o SDA como a ABiH sacrificaram Srebrenica em troca dos subúrbios sob domínio sérvio ao redor de Sarajevo, ou de que as forças muçulmanas de lá tiveram pouco suporte ao longo da guerra, ou ainda o fato de Naser Orić (também indiciado pelo tribunal em Haia por ter cometido crimes de guerra contra a população sérvia da região) e outros oficiais terem deixado a defesa do enclave em maio de 1995, enfraquecendo as forças de defesa locais. Tais críticas foram levantadas especialmente pelas mulheres de Srebrenica, e foram de certo modo minimizadas, seja pelo apontamento dos culpados (criminosos sérvios, a ONU e o batalhão holandês), seja pelo desejo de verem seus homens encontrados e sepultados e os criminosos julgados. Cf. DUIJZINGS, 2007.

concordam com isso de maneira alguma, mas criticar Alija Izetbegović neste contexto, pode levar sim à conclusão de que concordariam com tais afirmações, e aqui nos deparamos com um dos grandes problemas do pós-guerra: o quanto posicionamentos críticos ao governo podem levar a acusações de traidores do país ou de que são contra os muçulmanos.

EM DEFESA DA CIDADE

los cosmopolitas también creemos en la verdad universal, aunque tenemos menos certeza de que ya la sepamos en su totalidad. Lo que nos guía no es el escepticismo respecto de la propia idea de verdad, sino el realismo respecto de la gran dificultad que entraña encontrar la verdad. Sin embargo, una verdad que sostenemos es que cada ser humano tiene obligaciones con todos los demás. Todos son importantes: ésa es nuestra idea central. Y esa idea limita severamente el alcance de nuestra tolerancia. (Anthony Appiah, 2007, p. 191)

Omar Thomaz (1997) já atentara, como outros autores, que a resistência em Sarajevo se traduzia, para além da defesa da cidade, na defesa da idéia de cidade:

Aquela que havia se constituído, modernamente, como a capital de todos os povos da Bósnia-Herzegovina, fossem estes muçulmanos, croatas (católicos), sérvios (ortodoxos) ou judeus. Aquela que traduzia o espaço da cidade no espaço da troca entre os diferentes, no espaço do conflito que se traduz em política, no espaço da cidadania, da civilidade, da urbanidade. (...) Pale tornou-se, assim, símbolo triste do seu reverso: a idéia de cidade se desfaz aqui naquele espaço homogêneo que nega a troca e as reciprocidades entre os grupos. (1997, p. 5)

Ivo Žanić trabalha esta oposição no seu livro “Flag on the mountain” (2007), onde as noções de terras altas e baixas adquirem um significado simbólico. As terras altas, ou montanhas, seria o lugar da cultura, do autêntico, do épico *versus* as terras baixas, como o lugar da civilização, no caso, da civilização em conjunção com a noção do invasor estrangeiro – em Sarajevo: otomanos, Áustria-Hungria, e mesmo a Iugoslávia, quando o sérvio autêntico foi banido das cidades. Sarajevo é concebida, deste modo, em oposição à Romanija, cadeia de montanhas nas proximidades, que simbolizaria a liberdade e o autêntico. A cidade deixa, assim,

de ser o lugar da cidadania e do moderno, como vimos na definição de Thomaz, e passa a ser símbolo do não-autêntico e do não-natural. A noção de civilização concordaria aqui, portanto, não com a divisão do que é mais ocidental (e moderno e cosmopolita) ou não, como vimos na parte 1, mas sim, com o caráter negativo do que não é autêntico, do que não é original. (E quem exemplificaria melhor a não-autenticidade, dentro desta concepção, do que os muçulmanos – “convertidos”, “túrcos”, “estrangeiros” – e os cidadãos?).

Fiz essa introdução para expor de que maneira indivíduos de uma Bósnia considerada “mix” podem ter uma visão diferenciada do que é ser “mix” na Bósnia.

Sim, as comunidades étnico-nacionais, ou nacionalidades, na Bósnia, conformavam comunidades de sentido, com práticas sociais, tradições diferenciadas, que o iugoslavismo e o ateísmo oficial não eliminaram, pelo contrário, transformaram-nas em “riquezas”³⁴².

Nesse sentido, por exemplo, havia uma enormidade de grupos folclóricos (os KUD, *Kulturno-umjetničko društvo*, ou Sociedade Culturais e Artísticas) que, independentemente da procedência do KUD e de seus integrantes, cantavam e dançavam músicas de todo o país, que se diferenciavam segundo repúblicas e províncias, mas também segundo religiões e regiões, com suas roupas e danças típicas, podendo incluir danças de outros países dos Bálcãs.

Asja R. fez parte de um KUD. Contou que viajavam muito, principalmente para fora da Iugoslávia, e que foi para todos os países da Europa, para a Tchecoslováquia, para Israel. Ficou doze anos no grupo. Quando começou a guerra, não havia mais como ensaiar e cada um foi para um canto: Alemanha, EUA, Inglaterra, Itália.

³⁴² Nas palavras de Sandra K., “O nacionalismo é uma grande idiotice. Fui educada numa cultura onde a diferença nacional não é vista como perigo, mas como riqueza. E morando em Sarajevo, muita gente vai te dizer isso”.

Explica que, como tudo “antes”, os nomes dos KUD tinham relação com algum herói da Segunda Guerra Mundial. Seu KUD era o “Pavle Goranin”³⁴³, nome do bairro onde viviam (hoje, Švrakino Selo).

Contou que as danças eram de toda a Iugoslávia: da Sérvia, Macedônia, Kosovo, Eslovênia, Voivodina, Croácia. E que eram bem diferentes umas das outras, a dança da Sérvia, ativa, rápida, com piadas, roupas diferentes; a da Bósnia, monótona, dois para a direita, dois para a esquerda... As que ela mais gostava eram as da Macedônia, a do Kosovo e a de Vranje (cidade na Sérvia famosa pelas suas canções), pois eram as melhores músicas e dança.

Lynn Maners explica que os KUD foram estabelecidos em toda a ex-Iugoslávia – em cidades e vilas – e eram financiados por organizações estatais, como universidades, e por organizações de trabalhadores. A idéia por detrás desses grupos era, nas palavras desse autor, “to literally create for its performers and audiences the symbolic experience of being a ‘new’ Yugoslav” (2000, p. 303)³⁴⁴.

Para além do folclore, incorporado na linguagem do estado, as nacionalidades estavam também ligadas a um universo moral, de práticas e costumes, que, no caso dos muçulmanos, os definia enquanto grupo e enquanto grupo que se diferenciava dos católicos e dos ortodoxos (Cf. BRINGA, 1997).

Tais “marcadores” de diferença podem ser percebidos tanto nos nomes que se dão aos filhos, como no que se cozinha dentro das casas.

Lembro-me da minha despedida com Željko I., que se considera um croata-bósnio-herzegóvino. Lamentei que deixava a Bósnia sem ter aprendido a fazer

³⁴³ Asja contou que quase todos os nomes de grupos e de ruas eram de heróis da Segunda Guerra Mundial. Pavle Goranin foi um deles, membro do Partido Comunista e da NOB (*Narodnooslobodilačka borba*, Luta de libertação nacional), foi morto durante a Segunda Guerra Mundial, assim como Vaso Miskin (Rua Vase Miskina), hoje a famosa Ferhadija (nome da mesquita), rua de passeio da cidade. E citou outros exemplos, onde não apenas heróis da Segunda Guerra aparecem, mas nomes que referenciavam as outras nações, como a Kralj Tomislav (Rei Tomislav, rei croata do século X), hoje Rua Koševo (nome do bairro), ou a Đuro Đaković, comunista da época da primeira Iugoslávia, morto por isso em 1929, hoje Rua Alipašina (nome da mesquita), ou a rua onde Asja morava, a *Prvomajska* (Primeiro de Maio), hoje, Safet Hadžić, um novo herói, morto em 1992. Etc..

³⁴⁴ Mais detalhes sobre como eram organizados os KUDs, como se diferenciavam, como eram administrados e especialmente a ligação das performances folclóricas com a política no regime socialista e sua continuidade nas políticas etno-nacionalistas subsequentes, ver: Maners (2000).

pita. Ele riu e disse que na casa dele nunca tem *pita*, que eles comem diferente que os muçulmanos, comem muita carne, e carne de porco inclusive. Ou seja, após dois anos em Sarajevo, eu acreditava que *pita* era algo comum nas casas de todos os bósnios, mas foi somente nesse momento que me dei conta de que não conhecera nenhuma casa não-muçulmana na Bósnia, apesar de ter conhecido muitos não-muçulmanos.

Lembro-me também quando aluguei meu segundo apartamento em Sarajevo, que estava no nome de Dragica Petrović, um nome claramente sérvio. Um amigo foi me visitar e respirou aliviado quando entrou em casa: “pensei que a sua casa fedia, pois sérvios cozinham muito carne de porco”.

Ou seja, mesmo no ambiente urbano, onde as diferenças não importam, não significa que elas não existam e que elas não convivam entre si. Uma colega da faculdade, a Azra, por exemplo, que é bem religiosa, disse que nunca serviria vinho em sua casa, mas isso não impede que quando ela venha na minha, eu sirva vinho para outros colegas.

A riqueza da cidade está nessa convivência, mas a riqueza da vila onde Tone Bringa fez sua pesquisa (que tratarei logo adiante) também estava nessa convivência. Na cidade, os que não a admitiam foram embora, os que ficaram, a defenderam.

Thomaz manifesta em seu artigo o mesmo tipo de inquietação que pode ser encontrado entre as pessoas que conversei, e nos livros de muitos intelectuais e jornalistas da região ou estrangeiros, ou seja, que a diferença não se traduz em violência ou massacres necessariamente, mas sim, traduziu-se em “imensos períodos da história nos quais essas comunidades conviveram, se não harmonicamente, regulando os seus conflitos a partir de um conjunto de reciprocidades que criavam verdadeiros laços sociais entre elas” (THOMAZ, 1997, p. 6).

O livro de Tone Bringa (1995) traz uma etnografia de uma vila na Bósnia antes da guerra, onde vivem croatas e muçulmanos. Ela mostra como, apesar de viverem na mesma vila, casamentos mistos ainda eram raros e mal vistos, tidos como transgressão e falta de fé, típicos das grandes cidades, influenciadas pelo

individualismo e secularismo ocidental. Porém, profundos laços de vizinhança se verificavam, concretizados em práticas cotidianas (e seculares) como, serem amigos, tomarem café juntos, cumprimentarem-se uns aos outros nos seus feriados religiosos, entre outras. Tais momentos, segundo ela, eram momentos quando as pessoas/grupos referiam-se também às suas diferenças: “entre nós é assim” ou “entre nós é diferente”... Para Bringa, a presença do outro grupo étnico era um elemento fundamental na construção da identidade cultural (1993, p. 120), e que a essência de ser bósnio (*bosaniac*) era, justamente, crescer neste meio multiétnico e plural.

Tal convivência, entretanto, não foi imune ao medo, que se alastrou pela vila, seguido da expulsão de todos os seus muçulmanos por soldados do HVO, que queimaram casas e mataram pessoas. Alguns desses soldados eram moradores da mesma vila, que, até algumas semanas antes, sentia-se inatingível pela guerra ao redor.

Nas cidades, por sua vez, não importava quem era quem, alguns me disseram inclusive que não sabiam quem era quem, no campo sim, sabia-se e importava, mas isso não implicava conflito e violência necessariamente, algo que a vila de Bringa³⁴⁵ então testemunhou.

Estas questões referentes à convivência e conflito entre as pessoas na Bósnia, apareceram nos relatos em Sarajevo. O não entendimento da guerra se revelaria aqui em dois tipos de explicação, um, que casa e rua dizem coisas diferentes, ou, nas palavras de Senad K, “existem pessoas diferentes: existe o lado urbano, educado, que pensava para frente; e existe o lado rural, onde essas idéias não entravam, e no final foi o que prevaleceu”. Outro tipo de explicação, que

³⁴⁵ Tone Bringa não diz o nome da vila e dá a ela um nome fictício, Dolina, para preservar o anonimato das pessoas com quem conversou. Ela fez um documentário (*We are all neighbours*, 1993) com as imagens que tinha de algumas semanas antes do HVO destruir as casas e expulsar e matar os muçulmanos e de depois, quando ela retorna à vila em um blindado da ONU, fato este, considerado por Andrej Đ. uma enorme afronta, já que o massacre se dera sob os olhos dos capacetes azuis, que não fizeram nada para impedi-lo. Por outro lado, não entendo que anonimidade é esta que Bringa quer preservar, produzindo um documentário onde as pessoas com quem conversou e imagens da vila são mostradas. Seguramente quem conhece a vila sabe que vila está sendo mostrada e nenhum anonimato está sendo preservado...

tratarei em seguida, é que “isso é Balcãs”, ou seja, no confronto entre civilização e balcanismo, o segundo teria prevalecido.

Não gosto de generalizações, não gosto de oposições simplistas, não gostaria de ter que escrever sobre isso. Foi mais fácil para mim na parte 1 tratar o balcanismo como um modo que o Ocidente olha o outro de si mesmo, citando Todorova (1997). Mas no final, pareceu-me que esse universo interpretativo foi o universo interpretativo usado pela cidade para entender o conflito, onde noções como barbarismo e civilização, revanchismo e modernidade, etnicismo e democracia, e toda uma avalanche de oposições vão dar sentido àquilo que não tem sentido.

“Todos se lembram, não esquecem, por muito tempo. E esperam a chance de se vingar: ‘olho por olho, dente por dente’, ‘Deus perdoa, mas nós não’”, disse-me uma vez Dražen S.. E mais:

Depois da Segunda Guerra Mundial, os comunistas erraram, não puniram até o fim todos os criminosos de guerra, somente os maiores. Se tivessem então eliminado sem piedade, sem exceção, até o último deles, talvez se encerrasse finalmente a espiral de ódio e matança. Assim... tudo continuou em 1992. Os comunistas foram ingênuos. Acreditaram na consciência e bondade das pessoas. Mas isso não existe. As pessoas são um bando de carneirinhos (*stoka*³⁴⁶). (Dražen S.)

Aleksandar V. deu um exemplo:

Imagina como isso funciona na Bósnia Oriental. Em 1941, chegam os ustashas em Goražde e matam todos os sérvios; em 1942, chegam os chetniks em Goražde e matam todos os muçulmanos e ustashas; e em 1944, chegam os partisanos em Goražde e matam ambos. E pense cada uma dessas famílias, comunistas, chetniks, ustashas, que sobreviveram. Esse avô chetnik fala para o neto, “eu lembro quando os muçulmanos nos mataram em 1941”³⁴⁷. E a mesma coisa acontece, o muçulmano diz para o neto que os partisanos os mataram... O que pensa que aconteceu em 1992, no começo da guerra na Bósnia? Cada um esperava que o outro pagasse pelo que aconteceu há 50 anos. Por exemplo, meu amigo silvicultor do Parque Nacional Sutjeska (*Nacionalni park Sutjeska*³⁴⁸). A família inteira de seu pai foi morta por

³⁴⁶ *Stoka* significa rebanho de gado, na maioria das vezes. O sentido da expressão em português seria o de “carneirinhos”, o de “maria-vai-com-as-outras” etc..

³⁴⁷ Muitos muçulmanos fizeram parte do movimento ustasha.

³⁴⁸ Este parque é uma zona de preservação ambiental de uma das últimas florestas nativas da Europa, a Perućica, na fronteira entre a Bósnia e Montenegro. Foi palco de uma das mais famosas batalhas entre partisanos e alemães durante a Segunda Guerra Mundial, ilustrada no filme *Sutjeska* (1973).

muçulmanos ustashas de Borač, na Herzegóvina, em 1941. Ele esperou 50 anos para se vingar. Em Korita, tem um buraco com uns 100 metros de profundidade, onde os ustashas de Borač, em 1941, mataram todos os sérvios de Korita e vilas ao redor, os jogando vivos neste buraco (tem uma placa lá hoje). (...) Em 1944, a Segunda Divisão Proletária Partisan veio e destruiu tudo em Borač. Mas ainda há muçulmanos de Borač e sérvios de Korita. E eles se lembram muito bem. O fato de que eles fizeram casamentos mistos, laços de família por 50 anos, em 1992 se esfacelou, pois todo grupo nacional na Bósnia estava com medo que 1941 ou 1942 acontecesse novamente. Tinham um medo profundo. O que você acha que eles sentem hoje em Sarajevo? Eles confiam em Banja Luka? Não. Banja Luka confia neles? Não. O que eles pensam dos croatas? Nada de bom também. Hoje eles se odeiam ainda mais do que se odiavam em 1992. 50 anos não é nem uma vida. Quem tinha 10 anos, lembra muito bem, quem tinha 15, lembra muito bem. Eles lembram tudo. Meu pai era criança e lembra quando os alemães entraram em 1941 em Belgrado, ele pode lembrar e descrever os rostos de cada soldado alemão que viu. Ele nasceu em 1929, tinha 11 anos. Ele lembra cada dia da guerra.

Edina K. acredita que o comunismo foi uma grande farsa. As pessoas eram uma coisa em casa e outra na rua, tinham uma vida dupla. No mesmo sentido, Senad K. explica que o nacionalismo não estava na rua, mas dentro das casas,

onde o fulano chegava e sentava no colo do avô, que contava histórias dos tempos da carochinha e esperava o dia em que a Iugoslávia não fosse mais dar certo. E o que aconteceu? Teve a crise econômica, começou a propaganda nacionalista, e sim, finalmente chegou esse dia. É o mesmo que um casamento. A pessoa casa, depois de dois anos começa a achar que não está mais dando certo, mas aí tem o filho pequeno, não pode se separar. Agüenta, agüenta, agüenta. E finalmente se separa. E quando se separa fala pro filho, seu pai era isso e aquilo, e no mais, ele é muçulmano e eu sou católica, não tinha como dar certo. E é isso que fica no final: ele é muçulmano, eu sou católica. Tudo aconteceu porque realmente as pessoas têm preconceitos e são ensinadas a terem preconceitos, além de serem facilmente manipuladas.

Segundo Jovan D., o conflito foi na realidade um conflito do campo contra a cidade. O maior número de matadores e agressores, segundo ele, era do campo, pois nas cidades “há pessoas mais tolerantes” e raramente as vilas eram de fato misturadas, viviam juntos, mas não, misturados.

Nas palavras de Sanja B.,

Muitas pessoas brigaram na Segunda Guerra Mundial, ustashas, chetniks. Nesta guerra, apareceram novamente estas divisões nacionalistas, entretanto, elas não puderam existir num lugar como Sarajevo. Sim, em alguma vila, pois são ingênuos, mas nunca em Sarajevo.

Posto isso, se a imprensa pré-guerra, como vimos, estava toda cooptada e sendo utilizada em prol do nacionalismo e do atijamento do medo, também não era aos sarajevanos que essa imprensa atingia. Zlatko D. contou que na cidade as pessoas achavam engraçado tudo isso, mas no campo o pessoal levou bem a sério a história, “são primitivos, e começaram a desconfiar e a temer seus vizinhos”, explicou.

O efeito desta imprensa, portanto, foi principalmente sobre os rurais, camponeses, “primitivos”, que não tinham boa formação e que “cresceram ouvindo histórias no colo do avô sobre as atrocidades que os chetniks, ou ustashas, ou turcos (muçulmanos)”, conforme o caso, cometeram no passado. E não somente na Bósnia. Quando estive em Belgrado, ouvi coisas semelhantes. Sava R., por exemplo, me disse:

Belgrado é especial. A Sérvia é diferente, pois estava muito mais sob influência de Milošević e de sua propaganda. Se você vive longe de Belgrado, você só pode assistir RTS [Rádio e Televisão da Sérvia], ou seja, o que Milošević quer dizer. Ninguém vai ouvir Radio Slobodna Europa [Radio Free Europe] em Lešak. Aqui, se você conversava com amigos, e muitos trabalhavam para agências estrangeiras, era possível ouvir todas as notícias. Em Belgrado, o desenvolvimento é diferente. E isso não aconteceu somente na Sérvia, mas também por vilas em toda a ex-Iugoslávia e na Bósnia, que era tudo misturado: não importava se sérvio, croata, muçulmano, judeu. Ninguém pensava que haveria guerra. Mas chegou o rural no urbano.

Esta identificação é, da mesma forma, apontada para explicar a imediata adesão de parte da população bósnia, ou seja, da população rural, aos novos “partidos étnicos/nacionais”, ou nacionalistas, que surgiram entre 1989 e 1990, segundo Andjelic (2003). Ou, nas palavras de Donia e Fine Jr., “peasants were drawn to the ethnic militias more readily than long-term urbanities. Many urban dwellers of all national allegiances perceive the conflict as one in which primitive peasants are seeking to destroy urban civilization in Bosnia” (1994, p. 187).

São carneirinhos, como me disseram mais de uma vez Dražen S., Senad K. e outros.

Ivo Žanić explica ainda que, se pensarmos na ex-Iugoslávia, atentando para o grande desenvolvimento industrial que várias cidades passaram, como chamei a atenção em um momento anterior, o que temos não é simplesmente a oposição

campo/cidade, rural/urbano, o que se tem é uma massa de trabalhadores rurais indo trabalhar nas cidades, muitos trabalhando nas fábricas durante a semana e voltando para suas vilas nos finais de semana, recebendo benefícios dos dois meios sócio-econômicos e com suas lealdades divididas entre uma “cultural vernacular” e uma nova sub-cultura urbana (Cf. ŽANIĆ, 2007, p. 75). Esse autor aponta que o número de pessoas que viviam da agricultura em 1953, foi reduzido de 68% para 47%, em 1971, na ex-Iugoslávia. E entre 1948-1981, 6,5 milhões de pessoas migraram do campo para a cidade.

Uma nova migração do campo para cidade vai se dar durante a guerra. Mas, diferentemente, se havia uma dupla lealdade, vinculada ao lugar onde se vive e ao lugar de origem nas migrações anteriores, como afirma Žanić, a lealdade dessas pessoas hoje é com suas próprias vidas. O retorno destas às suas vilas, na outra entidade, é algo que não se acredita que vá ocorrer tão cedo, e mesmo a memória da história de vida anterior é algo a ser refeito muitas vezes, para que a história seja inteligível. Memória esta, de um tempo quando “vivíamos todos juntos”, em uma mesma vila.

Mas afinal, isso é Balcãs

Balcãs³⁴⁹
(Bajaga & Instruktori)
1993

Isso aqui é Balcãs,
Terra dos sonhos,
Entre forças poderosas
Boas e más

Aqui cada um pode ser
Inimigo e irmão
E a cada 50 verões, explode uma guerra

Quem fez estes países foram
Guerreiros e poetas
E distintos deuses

Isso aqui é Balcãs,
Que cheira a flor,
Totalmente incompreensível para o mundo

E cada um pode ser
Inimigo e irmão,
A cada 50 verões, explode uma guerra

Quem fez estes países foram
Guerreiros e poetas
E distintos deuses.

<><><>

³⁴⁹ Ver canção original anexa (p. 432).

Inutilmente você passou um ano aqui, você não entendeu nada, mas não é a única. Nem tudo está nos livros e jornais (especialmente nos livros que você leu). Você não sabe o que as pessoas pensam, sabe somente o que te disseram. O fundamento da mentalidade bósnia é nunca dizer a um estrangeiro, mesmo que seja seu amigo, o que você realmente pensa. Isso só se diz dentro das famílias. Ok, não foi inutilmente, você aprendeu a língua e conheceu a melhor parte das pessoas, aquilo que elas mostram para os outros. O único problema, é que essa é a menor parte da verdade. (Dražen S.)

As pessoas com quem conversei de modo geral, não apenas os jornalistas, fixers e intelectuais, têm o domínio da palavra, no sentido de que sabem falar, argumentar, expor suas opiniões e certezas, e gostam de fazê-lo. Mas me pareceu algumas vezes que muito do que ouvi são falas prontas e deste modo compartilhadas. Elas nunca dizem “não sei”, pois não há dúvidas. O Acordo de Dayton, a guerra, o absurdo de tudo isso ou como tudo não passou de política, tudo é bem claro, e sabem também os detalhes, quantos mortos, de qual brigada, em qual linha de frente. Tudo sabem, pois não há o que não entender. E isso em face ao lamento: “você me pergunta o porquê de tudo isso, eu me faço essa pergunta até hoje”. Mas aí o que entra em questão não é tanto o porquê da guerra, mas o como foi possível tantos horrores e atrocidades. E então (talvez no lugar do “não sei”), aparece a exclamação que ouvi consideráveis vezes, “Mas afinal, isso aqui são os Bálcãs! O que você poderia esperar”, e então, mais uma vez, cultura e história passam a ser auto-explicativas – explica-se a história pela cultura e a cultura pela história dos Bálcãs – tornando assim inteligível o que não é.

Veena Das, em “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo” (1999), aponta que os relatos sobre a violência ocorrida e testemunhada durante a Partição da Índia aparecem ou como slides congelados, e aí os casos famosos e as narrativas heróicas, ou não aparecem. Há referências de como era a vida antes, mas não ao que fez com que esta fosse transformada. Das ainda diferencia o dizível do

indizível através das noções de violência horizontal e vertical. A violência horizontal, o trabalho do tempo pode resolver, é aquela que por pior que seja, acontece dentro de formas possíveis da vida cotidiana, e pode ser dita, por mais vergonhosa que seja, e assim, de algum modo compreendida; já a violência vertical desafia o que é próprio do humano e da vida, e por isso é indizível.

Cito Das aqui, pois acredito que nunca vou saber exatamente como foram os anos de cerco. As pessoas falam que trabalhavam, que estudavam, que se adaptaram às novas condições, que se mantiveram limpas e bonitas, mas o tamanho da dor causado pela perda gratuita de pessoas e pelo viver sob o cerco, acredito que não possa ser dito sem que seja antes, de algum modo, formatado e então compartilhado. E daí as histórias de como quase uma bomba caiu em sua cabeça, de casos engraçados, da vida cotidiana “normal” apesar da guerra, dos massacres rememorados, e da frase que descreve o cerco: “foram quase quatro anos sem água, sem eletricidade, sem gás, sem aquecimento, sem comida, com bombas caindo e franco-atiradores escolhendo quem iriam matar com a mira do fuzil”.

Nas entrevistas, apesar das conversas terem sido sobre o cerco e a guerra, o antes e o depois aparecem facilmente, o durante, geralmente como um “você sabe, tem nos livros, passou na televisão, não há muito que falar”. Eu mesma não insisti por detalhes, afinal, tem nos livros, filmes, documentários, preferi, portanto, os slides.

Os Bálcãs, deste modo, aparecem como um lamento, face ao indizível da guerra, enquanto geografia simbólica que dá compreensibilidade ao que é possível nesse espaço Bósnia-Herzegovina.

O possível é a convivência, o possível também é a guerra. Vários me disseram que sempre houve um conflito possível entre sérvios, croatas e muçulmanos na Bósnia, dado as memórias da Segunda Guerra Mundial, memórias estas colocadas, durante o regime socialista, nos termos de uma “luta de libertação nacional iugoslava”, e não, nos termos de um “conflito interétnico”.

Nos anos 1990, “a luta de libertação nacional” se dá novamente, e as memórias de uma Segunda Guerra, agora enquanto “conflito interétnico”, norteia a

política nacionalista, ainda vigente, e por isso, como ouvi inúmeras vezes, a guerra não acabou, acabou somente o confronto armado, e certamente haverá outra guerra³⁵⁰.

“Pensa na geografia dos Bálcãs”, disse-me uma vez Senad K., “não tem lugar no mundo onde há mais povos diferentes”. Retruquei dizendo que todo lugar é assim, não só os Bálcãs. Aí ele falou, “mas aqui a terra é seca, e não agüenta, e os homens são como a terra”. Afirmações ininteligíveis como essa, ganham sentido no universo onde lugar, pessoas e histórias convergem, ora em momentos de conflito, ora em momentos de paz. Nas palavras de Srećko L.,

Se você olha para o passado da região, você vê que o primeiro corte é quando os muçulmanos apareceram e, desde então, diferentes grupos étnicos prevaleceram. No período otomano, os muçulmanos eram ricos e os sérvios trabalhavam para eles. Entre as duas guerras, a situação muda e depois muda novamente, os croatas dominam. Depois, os sérvios que dominam. É uma história muito complexa. Em uns momentos, eles lutam uns contra os outros. No outro, eles estão em paz novamente.

Os Bálcãs aparecem assim como símbolo de convergência e cruzamento de civilizações, entre o Ocidente e o Oriente, como “ponte” ou “fronteira” entre mundos. A Bósnia, por sua vez, aparece, sim, como uma Iugoslávia em miniatura, mas também como um espelho do que são os Bálcãs.

A “diferença”, vista como riqueza nas cidades, no jogo político da guerra, passa a ser vista como ameaça, particularmente no campo.

“Civilização” e “barbárie”, deste modo, apontam não somente para o modo como a Europa, ou o Ocidente, olha para o outro de si (Cf. TODOROVA, 1997)³⁵¹ – explicando, por exemplo, por que os EUA demoraram quatro anos para intervirem na guerra: pois afinal “isso é Bálcãs”, é natural que guerreiem, está nos genes (Dražen S.). Mas apontam também para o modo como muitos sarajevanos vão tentar compreender o conflito bárbaro que se deu em torno deles, quando falam, por exemplo, que “nós” não somos isso, e resistem pela arte, pela cultura,

³⁵⁰ Nas palavras de Elvis B., “Querida Andrea, esse jogo não acabou e deve algum dia chegar ao fim. O fim não é agora, não é com o Acordo de Dayton. Você sabe o que foi isso? O juiz apenas apitou o fim do primeiro tempo”.

³⁵¹ Ver capítulo 1 da primeira parte desta.

pela convivência, pelo amor, e identificam no seu vizinho – o pobre, o camponês, o montanhês – o lugar em que o conflito e a vingança fazem algum sentido.

Paralelamente, os Bálcãs são ainda, ora o lugar onde vivem estranhas pessoas em ciclos históricos de vendeta e violência, como vimos, ora o ponto estratégico de conexão entre mundos, e exatamente onde se deu a reformulação da balança de poder após a derrocada dos países socialistas do Leste europeu.

Deste modo, nesse universo de estranhamento e suspeita, os “grandes poderes”, aqueles que no início não permitiriam o conflito, passam a ser aqueles que o permitiram e, no final, o legitimaram.

Permitiram por incompetência basicamente, ou porque tinham seus próprios interesses, vão dizer.

E aqui, a ex-lugoslávia aparece novamente, como um país muito bom, que não poderia durar para sempre, em face de uma Rússia enfraquecida e menos importante, muitas vezes, apesar de aliada potencial da Sérvia, e diante do avanço do capitalismo e dos interesses da Europa (França, Inglaterra e Alemanha, especialmente) e dos Estados Unidos em ampliar suas esferas de influência sobre os países do Leste europeu, pós-queda do muro de Berlim.

CAPÍTULO 4. Sarajevo hoje: rock *versus* turbo-folk

Gostamos de falar que somos metrópole, mas todos se comportam como *mahala*³⁵². (Samra L.)

Antes havia muito mais tolerância, mas não posso dizer que hoje em Sarajevo não haja tolerância, há, seguramente, mas qualquer sistema de grupo se afina de modo principalmente não tolerante, na medida em que o país está dividido etnicamente, as escolas, tudo está dividido de acordo com o princípio étnico. (Dubravko L.)

Muitos dos fixers e jornalistas que conheci ainda afirmam o caráter multiétnico de Sarajevo, incomodam-se com o rumo que as coisas estão tomando, mostram-se contrariados e irritados pelo fato dos partidos políticos não serem, de fato, políticos, mas nacionalistas (Amira S.), e sublinham que antes da guerra, “quem era quem” nunca fora uma questão, como passou a ser durante a guerra e como é hoje. Apontam que a quantidade de casamentos mistos era imensa³⁵³ e

³⁵² *Mahala* (sing.) era o termo utilizado no império otomano para designar os quarteirões na cidade, onde cada comunidade religiosa tinha o seu, havia assim as *mahale* (pl.) muçulmanas, católicas, judaicas e ortodoxas. Hoje, elas conformam o conjunto de ruelas de Sarajevo que sobem pelos morros, especialmente nos bairros antigos. Para além dessas noções, a palavra *mahala* diz respeito também ao espaço social onde todo mundo vê e sabe tudo de todo mundo. Seguramente, as ruelas ou *mahale* (pl.) de Sarajevo são mais propícias a isso do que a impessoalidade existente nos prédios de apartamentos – não que nestes, os vizinhos também não vejam o que acontece no apartamento ao lado, mas certamente o poder e controle são menores nestes espaços. A palavra derivada, *mahalaš*, significa, assim, aquele que mora na *mahala*, podendo significar também “fofoqueiro” (*mahalaš* ou *mahaluša*). Samra, em sua afirmação, está dialogando, a meu ver, com os dois sentidos da palavra *mahala*, ou seja, com o universo do rumor e do “primitivismo”, e com o universo do comunitarismo, com sinal negativo, em oposição ao civismo; civismo este, que o sarajevano diz que tem, mas não tem, segundo ela.

³⁵³ Donia e Fine Jr. (1994) dizem que 40% dos casamentos eram mistos nas cidades em 1990 e que, em muitos casos, os filhos destes se pensavam como iugoslavos ou bósnios. Nikolai Botev (2000), entretanto, analisa a falibilidade dos dados a respeito dos casamentos interétnicos e o quanto eles são indicativos de integração social na ex-Iugoslávia. Em primeiro lugar, em grupos menores, ou mesmo entre muçulmanos bósnios até a década de 1960, a identificação étnico-nacional era variável, assim, muitos casamentos registrados como exogâmicos, não eram. Além disso, verificava-se a preferência de parceiro, de uma mesma religião ou tradição cultural. Esse autor não fez pesquisa em Sarajevo, Mostar ou Vukovar, cidades citadas ao longo do trabalho campo como cidades com muitos casamentos mistos, eu também não tenho dados oficiais para acrescentar aqui, para além da percepção que as pessoas têm destes – que é o que nos interessa neste momento.

que ainda são usuais, embora ocorram em menor quantidade, já que “90% da cidade é muçulmana”.

Pouco antes da guerra, durante e depois, Sarajevo e outras cidades do país, como Banja Luka e Bijeljina, sofreram grandes mudanças populacionais.

Weine (2000, p. 406) aponta que a população pré-guerra de Sarajevo era de 500 mil habitantes e passou para 350 mil, sendo que, destas, estima-se que 120 mil sejam “deslocadas” de outras partes da Bósnia, a maioria, muçulmana, vinda de áreas rurais. Nas palavras de Weine, “As a consequence of this massive migration, you hear many people saying that Sarajevo no longer belongs to Sarajevans” (2000, p. 406).

Dados da UNHCR, citados por Maček (2007, p. 52), assemelham-se aos de Weine; de acordo com estes, a população de Sarajevo antes da guerra era de 525 mil pessoas e, em 1994, a ONU estima uma população de 440 mil, sendo que destas, 140 mil seriam refugiados de outras partes da Bósnia, ou seja, apenas pouco mais da metade da população original de Sarajevo encontrava-se então na cidade.

Dados de 2002 do site oficial de Sarajevo mostravam que o número de habitantes do cantão Sarajevo (que engloba cidadezinhas ao redor³⁵⁴) seria de 401.118, destes, 79,6% seriam bosniacs, 6,7% croatas, 11,2% sérvios e 2,5% classificados como “outros”. O site não apontava taxas de migração ou a procedência destes habitantes (Cf. KANTON..., 2007). Estes dados não estão mais disponíveis no site, certamente porque são números estimados e não reais, já que o último censo populacional é de 1991 (ou seja, anterior às guerras), e não há números oficiais, desde então, no que tange à nacionalidade dos habitantes. Stefansson, por sua vez, cita números da UNHCR e do ICG, que concordam que, de 50% de população bosniac antes da guerra, em 1997, esse percentual subiu

³⁵⁴ O cantão Sarajevo é dividido em nove municipalidades. Centar (Centro), Ilidža, Novi Grad (Cidade Nova), Stari Grad (Cidade Velha) e Novo Sarajevo (Sarajevo Novo) ficam na cidade propriamente dita. Ao redor, encontram-se Hadžići, Vogošća, Trnovo e Ilijaš. Pale pertencia à Sarajevo antes da guerra (quando ainda não se denominava “cantão Sarajevo”, apesar de ser dividido nas mesmas municipalidades), hoje faz parte da Republika Srpska.

para 87%, a maioria dos sérvios bósnios e “iugoslavos” teriam deixado a cidade (2007, p. 59).

Durante o tempo em que estive na Bósnia, apesar de procurar muito, não encontrei dados precisos em relação à mudança populacional da cidade no que tange à nacionalidade das pessoas, somente que o distrito de Sarajevo tinha em 2008, 423.645 habitantes (Cf. KANTON..., 2010) e que, de acordo com o censo de 1991 (Cf. NACIONALNI..., 1993), este número era 527.049 (com Pale), 510.694 (sem Pale). Sim, houve uma diminuição aparente no número de habitantes. Mas o que isso não revela é que de fato muitos saíram e muitos vieram para a cidade.

Independentemente de haver dados oficiais ou não, todos com quem conversei concordam com determinados números relacionados à mudança populacional de Sarajevo, que giram mais ou menos em torno dos números citados acima. Segundo os relatos, Sarajevo tem hoje novamente uns 500 mil habitantes. Milhares saíram da cidade no começo, durante ou logo depois da guerra, principalmente sérvios e croatas, mas também muitos bosniacs, e hoje parte significativa da população é de refugiados de outras partes da Bósnia. E, se antes da guerra pouco mais da metade da população era muçulmana, hoje, entre 80 e 90% da cidade é muçulmana/bosniac. Tais dados são consensuais, as pessoas assim percebem a cidade hoje. Nas palavras de Zijad M.,

Sarajevo era a cidade mais multiétnica e multicultural do mundo, não existia cidade assim, no sentido nacional, cultural e religioso. Hoje não é mais, infelizmente. Sarajevo ainda quer ser o que foi, mas será difícil. Karadžić e Milošević conseguiram cumprir seu objetivo, a limpeza étnica. Em Sarajevo, antes da guerra, 39% eram sérvios, hoje, de 15% a 20%. Croatas eram 10% a 15%, hoje são 5% da população.

Eldina J. também percebe essa mudança, e diz que não consegue decorar o nome de seus alunos, pois são todos muçulmanos, com nomes muito parecidos.

“Agora é tudo dividido, como em todo lugar depois da guerra, e muita gente hoje em Sarajevo não é daqui, mudou a cara (*slika*³⁵⁵) da cidade”, diz Hakija H..

Amra H. contou que seus filhos hoje estudam em uma das escolas mais misturadas de Sarajevo, de 23 alunos, 5 são não-muçulmanos, “90% da cidade é

³⁵⁵ *Slika* significa imagem. Prefiro o termo “cara”, pois acredito que traduz melhor o sentido da frase.

muçulmana hoje, menos de 10% da população da Bósnia-Herzegovina é croata. 30% dos casamentos eram mistos, hoje só 1%”, e diz isso pelos seus próprios amigos, “os de casamento misto, casaram-se antes da guerra”³⁵⁶.

Existe um debate sobre a realização de um novo censo populacional. Asja R. explica, contudo, que censo é algo muito caro para se fazer e não vale a pena, pois se espera que os refugiados voltem para suas casas, assim, se houvesse um censo agora, segundo ela, seria a legalização da situação atual:

Há muitos refugiados que vivem em Sarajevo e em outros lugares, a estatística não seria correta. Se se fizesse um censo hoje em Banja Luka, mostraria que de mil habitantes, 900 são sérvios, mas isto não é certo, pois bosniacs e croatas não voltaram ainda pra lá.

Samir K. aponta que certamente metade da população que vive hoje em Sarajevo é do campo. Sarajevo passara assim, segundo ele, por uma marcante transformação urbana.

Antes viviam aqui pessoas urbanas, que tinham uma vida urbana, mas com a guerra, estes saíram, e vieram pessoas do campo. A cidade, portanto, mudou. E quem veio é gente acostumada com a vida rural, tem fala feia, vestimentas próprias, sujam a cidade, jogam lixo da janela dos carros, dirigem feito loucos. A música, se antes 10% era *narodna* [ou turbo-folk], hoje só se toca isso: um lixo. Em Lisboa, por exemplo, você tem o centro onde vive a maioria das pessoas, aí você tem o morro onde só tem casarão e vive gente muito rica, e você tem um bairro onde moram angolanos, moçambicanos etc., imagina se o centro de Lisboa ficasse como esse bairro... foi isso que aconteceu em Sarajevo. Os caras que trabalhavam na televisão antes da guerra e eram bons foram embora do país, e os que entraram em seus lugares são do interior, e acabaram mudando o perfil de Sarajevo, na televisão, no jornalismo, na música. (Samir K.)

Amra H. descreveu a mudança da cidade igualzinho a Samir K., dizendo que é possível perceber quem são tais pessoas, pelo modo como dirigem, pela sujeira das ruas, porque jogam sacolas plásticas da janela do carro e ouvem turbo-folk, “que toca o tempo todo e que as pessoas gostam, e que é uma música produzida principalmente na Sérvia, e consumida em Belgrado, Sarajevo e Zagreb. Bem diferente do rock e pop dos anos 1980, *the golden 80s*”.

³⁵⁶ De qualquer modo, dos três casamentos de amigos meus quando eu estava em Sarajevo, dois foram mistos.

Para Leana L., essas pessoas são brutas, mal-educadas, sem cultura e agressivas, “trouxeram essa forma de comportamento egoísta para a cidade”. Sabina C. explica :

Quando as pessoas mudam para Nova York, elas se adaptam, aprendem as regras da cidade. Aqui, quando elas vêm das vilas, áreas rurais, para a cidade, elas não tentam se adaptar à cidade, mas tentam adaptar a cidade a elas. Isso aconteceu na Segunda Guerra Mundial, pessoas mudando com seus carneiros para os apartamentos, meus pais contaram isso, pessoas atirando lixo pelas janelas, ao invés de levar nos pontos de coleta. Nessa guerra, a mesma coisa, a cidade foi esvaziada, pessoal com dinheiro e educação foi embora, e novas pessoas vieram. E a história se repete. Você vê motoristas loucos, pessoas com maus modos, pessoal queimando lixo nas ruas. Quando você vive nas vilas, seu vizinho não mora tão perto. Mas aqui, você não pode viver como se estivesse sozinho, há uma comunidade que você tem que respeitar, você não pode ficar gritando ou tocando música alta, pois você se preocupa em não incomodar os outros. E mais, você muda para a cidade e resolve colocar janela no terraço, assim você cria um quarto, e seu vizinho faz o mesmo, mas uma janela diferente, então você muda a cara do prédio; ou você resolve mudar a porta do seu apartamento, aí uma é preta, a outra vermelha, a outra marrom, e de repente isso começa a parecer uma vila, e não mais uma cidade, sem nenhum senso de comunidade ou vizinhança.

Termos como “primitivos”, “provincianos”, “gente sem cultura ou educação” são falados, portanto, abertamente e sem pudores para descrever estes novos habitantes de Sarajevo e para descrever como a cidade mudou, como “a cara da cidade mudou” (metafórica e fisicamente: os rostos são outros, vão dizer). E estes estão em toda parte, acreditam, como “os melhores” foram embora, hoje eles estão nas rádios, na televisão, nos jornais, o que justifica a piora da qualidade dos meios de comunicação.

A elite educada foi embora, pois podiam, tinham habilidades que podiam vender pelo mundo afora. Outros vieram, não tão educados. Então você vê nos jornais, a linguagem é pobre, a produção de filmes pobre, a qualidade dos atores pior, dos dançarinos, é pior. Economia e política, pior. (Sabina C.)

E também por isso, os mesmos partidos e políticos nacionalistas e corruptos estão sempre no poder: as pessoas têm medo, e continuam votando nos mesmos nacionalistas de sempre (Senad K., Amira S.).

Anders Stefansson (2007, p. 60) explica que a clivagem sócio-cultural entre os locais e os de fora que vieram morar em Sarajevo “is related to the wider

Bosnian assumption of a ranking among cultural mentalities, placing urban and rural, as well as ‘cultured’ and ‘non-cultured’ behaviour at opposite ends of a normative hierarchy”. E mais, sublinha que o criticismo contra a falta de cultura do outro é freqüente, mas que é difícil ouvir algo do gênero contra outras nacionalidades, o que é considerado sinal de não-sarajevanidade, não-civilidade e mentalidade rural. Ou seja, segundo ele, há uma crença genuína no multiculturalismo, ligada a algo correto politicamente, e que tal mentalidade, de certo modo, estaria ligada a um costume iugoslavo socialista de não ter atitudes contra outras comunidades étnico-nacionais (o mesmo já não valeria para os co-nacionais, ou não, “menos sofisticados”).

Antes de encontrar o artigo de Stefansson, encontrei as falas citadas acima, e é incrível como as mesmas queixas foram ouvidas por mim e, anos antes (em 1999 e 2001), por este autor: o lixo, o fato de votarem nos nacionalistas ou o modo como “monopolizam” – e ruralizam – o espaço público.

Paralelamente, inúmeras vezes ouvi exemplos como o de Asja R., de que de 35 colegas da época de escola, somente cinco ainda estão em Sarajevo, ou de Miran J., que de 30 amigos, que estudaram juntos, ficaram uns três ou quatro na cidade: “foram para a Áustria, EUA, Canadá, Europa”. Da geração de Leana L., de 50, tem uns dois ou três. Dos colegas de Senka K. de escola, de 75, somente dois ainda estão em Sarajevo, e uma é sérvia: “foram pro Canadá, Austrália, República Tcheca, durante a guerra”.

Muitos contaram que não encontram mais conhecidos pela cidade. Zlatko D., antes da guerra, costumava levar uma hora para ir de Koševo, onde mora, até o centro³⁵⁷, isto porque, a cada passo que dava, encontrava alguém conhecido. Hoje, tem vezes que não vê nenhum rosto conhecido³⁵⁸. Segundo ele, Sarajevo mudou completamente, pois não se encontra mais conhecidos na rua e há uma divisão rígida entre sérvios, croatas e muçulmanos.

³⁵⁷ Uns 15 minutos seriam necessários para ir a pé de Koševo até o centro.

³⁵⁸ Também Maček (2009) notou que os sarajevanos se queixam que não conhecem mais ninguém na cidade e contam a história de que podem andar horas e horas sem encontrar ninguém conhecido...

Para além do incômodo em relação aos novos habitantes de Sarajevo – o que, de modo algum, é algo que todos apontaram – o principal problema, agora sim, apontado pela maioria durante a pesquisa, é que uma elite foi embora: “os melhores”. Dubravko L. aponta que 20% do quadro docente da Universidade de Sarajevo deixou a cidade. “Foi embora uma elite intelectual nos seus melhores anos, a geração dos 25 aos 35 anos. Ninguém sabe o que seria se tivessem ficado aqui”, disse Merdijana S., explicando que a “fuga de cérebros” já era um problema na ex-Iugoslávia, mas que com a guerra atingiu níveis sem precedentes. Estes que foram embora, por sua vez, “são excepcionalmente bem-sucedidos no exterior, nos EUA, na Inglaterra. Meu amigo Saša Savić é um dos maiores nomes no mundo do marketing nos EUA”, conta Merdijana S..

Segundo Vlado A., essa geração que desapareceu da Bósnia e de Sarajevo seriam pessoas-chaves na sociedade, com responsabilidades na política, na economia e na mídia.

Eram jovens e desapareceram, e quando chegaram como refugiados na Austrália, nos EUA, no Canadá, na Inglaterra, fizeram uma super carreira, pois eram super competentes, e saíram daqui, onde falta essa geração de pessoas e seus conhecimentos. E por isso na Bósnia hoje possui muita incompetência mesmo, do futebol à política. (Vlado A.)

E não foram somente os intelectuais que foram embora, mas várias bandas que contribuíam para o “espírito de Sarajevo”: Crvena jabuka (Maçã Vermelha) está em Zagreb, Plavi orkestar (Orquestra Azul) está na Eslovênia, Branko Đurić, dos Nadrealisti, está na Eslovênia etc. (Samira K.).

Embora a cidade esteja realmente diferente, a maioria continua a dizer que a cidade não perdeu seu cerne (Miran J.), não perdeu sua alma (*duh*), “ainda existe algo que faz com que Sarajevo seja ainda Sarajevo” (Sandra K.). Neste sentido, vão falar, com orgulho, como Edin K. e Amir T., da cidade que foi a primeira em tudo na Europa: a primeira cidade com canalização de água, com

banheiro público³⁵⁹, com bonde, com casa de banho. E, principalmente, a cidade onde no mesmo quarteirão, você tem a catedral católica, a catedral ortodoxa, a mesquita e a sinagoga (Amir T., Jovan D., Edin K. etc.).

Sendo assim, Sarajevo, como cidade, é a cidade que ainda é, pois é a cidade dos sarajevanos. Os sarajevanos cuidam da cidade, a eles, a cidade pertence, e aqui, não só a Sarajevo cidade, mas a Sarajevo “idéia de cidade”.

Quando percebi essa recorrência, passei a perguntar com mais frequência se a pessoa com quem conversava era de Sarajevo e de onde vieram seus pais. A grande maioria é de Sarajevo, mas a geração dos pais dessas pessoas, em sua grande maioria, não é de Sarajevo. Poucos têm famílias há gerações na cidade. Ser sarajevano é neste sentido menos uma questão de ancestralidade, e mais uma questão de valores, como urbanidade e secularidade. Deste modo, termos como *seljak* ou *papak*³⁶⁰ são utilizados freqüentemente como adjetivos para descrever pessoas “sem modos” ou “sem educação” que não correspondem, portanto, a essa idéia.

Os sérvios, por sua vez, são geralmente identificados com o lado rural dessa equação – não todos claro, “os que ficaram em Sarajevo não são como os outros, provincianos”.

O que é ser urbano e o que é ser rural na ex-lugoslávia³⁶¹, apesar de totalmente politicamente incorreto, aparece então como uma forma de dar

³⁵⁹ Ver foto anexa, p. 409.

³⁶⁰ *Seljak* quer dizer literalmente quem vem do *selo*, como vimos, ou seja, das pequenas vilas rurais. *Papak* é o termo pejorativo para *seljak*, o mesmo termo utilizado para descrever a parte das patas dos ruminantes que ficam em contato com a terra. *Seljak* ouvi algumas vezes nas entrevistas. *Papak* ouvi algumas vezes na rua

³⁶¹ Falo em ex-lugoslávia, pois quando estive em Zagreb e em Belgrado ouvi queixas semelhantes em relação aos novos habitantes pós-guerra. Boris K. de Zagreb, por exemplo, falou que tanto em Zagreb, como em Belgrado e Sarajevo, chegaram refugiados: “uns fugiram, outros foram expulsos. Diferente quando de cem, você tem um de fora (de lugares menores) e aos poucos se assimilam. Nessas cidades, vieram aos milhares. Alguns voltaram para suas cidades, outros não. E isso aconteceu em Sarajevo e em Belgrado, que também têm muitos refugiados. São sim, pessoas, mas pensam diferente do que aquele que nasceu belgradino, sarajevano e zagrebino”. Stefansson (2007) também identifica isso em seu artigo sobre os novos habitantes de Sarajevo, apontando que a estigmatização do rural, em prol do civilizado europeu, é muito forte em toda a ex-lugoslávia, que, nas franjas da Europa, tenta ela mesma escapar à estigmatização que a categoria Balcãs lhe imputa, enfatizando assim, particularmente nas grandes cidades (Belgrado, Zagreb e Sarajevo), a europeidade, o cosmopolitismo e o ideal de cultura, educação e refinamento próprios de uma imagem de Europa (e de um “ocidentalismo”) e de civilização. (Isso, apesar de na guerra dos anos

inteligibilidade ao incômodo de uma cidade que luta contra o fim da idéia de cidade, multiétnica, civilizada e laica.

Posto isso, independentemente da família ser ou não de Sarajevo há gerações, a grande maioria dos meus entrevistados são filhos de profissionais letrados, professores, juízes, advogados, engenheiros. Neste sentido, a grande maioria optou por continuar neste caminho. Alguns não tiveram a oportunidade de fazer ou terminar alguma faculdade, pois a guerra chegou antes; outros, simplesmente, não acharam necessário, pois já trabalhavam na área de telecomunicação³⁶², mas desde então, já eram fluentes em uma língua estrangeira, ou tinham mais conhecimento de outra língua que grande parte da população da cidade³⁶³.

Philippe D. comentou uma vez que os sarajevanos têm “um extremo complexo de superioridade”, pois odeiam gente do campo, que para os sarajevanos pode ser também cidades como Foča ou Višegrad, gente da Bósnia Oriental e gente de Sandžak.

Esse pessoal do campo perdia tudo e vinha para cá e como cuco ficava nos apartamentos vazios deixados pelos sérvios e croatas que foram embora da cidade. Mas, diferentemente dos sarajevanos, que podem passar o dia todo sem fazer nada, só tomando café, eles são ambiciosos, queriam construir uma nova vida, e rapidamente conseguiram os melhores empregos, compraram casa e carro do ano. Mas chegaram aqui com um ódio terrível dos sérvios, pois foram expulsos de suas casas e vilas. E para eles, sérvio é tudo igual. Deste modo, contribuíram muito para que muitos sérvios e croatas de Sarajevo deixassem a cidade, pois ameaçavam o sérvio que foi seu vizinho a vida toda e que era um cara legal. (Philippe D.)

Mais do que um ódio ou arrogância em relação a tudo que é rural (que na realidade, mais ouvi, do que vi), o que sinto é o extremo desconforto dessas pessoas em relação a como as coisas estão caminhando e em relação a

1990, existir uma atitude positiva na Sérvia, com respeito às populações rurais, que seriam a encarnação de um sérvio mais puro, como vimos) (Cf. HAYDEN, 2000; STEFANSSON, 2007, p. 65; ŽANIĆ, 2007).

³⁶² O que, muitas vezes, somente o ensino técnico secundário já o qualificava para o exercício de determinadas funções.

³⁶³ Apesar de todos terem acesso à educação durante o regime de Tito, inclusive estudavam línguas estrangeiras na escola, podendo escolher entre o inglês ou o russo, obrigatórias, e o francês e o alemão como optativas, somente alguns aprenderam a segunda língua, muitos estudaram russo, e muitos me disseram que foram aprender realmente a segunda língua trabalhando para os jornalistas estrangeiros durante a guerra.

elementos do convívio social que não faziam parte de suas vidas cotidianas, como ter que se definirem publicamente de acordo com uma presença étnico-nacional-religiosa (como tratarei no capítulo 6).

Posto isso, se algo de fato une essas pessoas, é que dizem não serem nacionalistas e pregam a urbanidade, a secularidade e a multiculturalidade como valores. As pessoas, de acordo com os relatos, são (ou deveriam ser) definidas pelos seus feitos, e não pela ancestralidade ou ascendência étnico-religiosa (Sabina Č, Aida A., Sabina N.).

Há um desencontro, portanto, entre essas pessoas, que defenderam sua cidade e a idéia de cidade, e o porvir, caracterizado por uma sociedade cada vez mais dividida e cheia de preconceitos. Para Boba L., neste sentido, “Sarajevo é hoje repulsiva”, devido ao nacionalismo e a um modo de vida que diverge do modo de vida que estava acostumada, quando todos viviam em um meio heterogêneo, onde não importava quem era quem.

Porém, não são somente essas pessoas, profissionais letrados, seculares, escolarizados, os “verdadeiros sarajevanos”.

Sarajevanos são também toda uma classe de artesãos, que moram nos bairros antigos da cidade ou nas ruelas (*mahale*) ao longo dos morros e têm suas lojinhas na Baščaršija e que são claramente religiosos. Sarajevanos são ainda pessoas que lincharam o primeiro festival gay da cidade, em setembro de 2008, dizendo que homossexualismo é doença, ou que quando a revista *Dani* trazia críticas ao *reisu-l-ulema* Mustafa Cerić, não sem fundamento, dizem que tais críticas não valem nada, pois essa revista é comunista...

Mas essas são outras histórias, que nos levaria às inúmeras divisões que se verificam dentro da própria cidade, entre seus habitantes.

Tais diferenças podem passar pelo “tipo” de pessoa que torce para FK Sarajevo ou FK Željezničar, os dois principais times de futebol da cidade, o primeiro, como já ouvi, mais elitista e cujo estádio de futebol se localiza no centro,

parte mais nobre da cidade, o outro mais operário (*željezničar* é aquele que trabalha na ferrovia), cujo estádio se localiza em Grbavica, Novo Sarajevo.

Podem nos remeter também à divisão entre *haustorče* e *mahalaši*, onde os primeiros são aqueles que moram nos prédios, nas partes mais novas da cidade, em Novo Sarajevo ou Novi Grad, bairros operários em sua origem (*haustor* é nome para o hall de entrada dos prédios)³⁶⁴, e os *mahalaši* são os que moram nas *mahala* (neste caso, o conjunto de ruas antigas na parte central/antiga da cidade), seriam os habitantes antigos, que estão, dizem, há séculos em Sarajevo.

Sabina Ć contou um pouco dessas famílias antigas de Sarajevo, que, segundo ela, existem sim e fazem questão de marcar que estão há quatro, cinco séculos em Sarajevo. Como há sobrenomes antigos, de família, pode-se reconhecê-las. Ela namorou um rapaz que era de uma dessas famílias e que gostava de lhe chamar de *haustorče*:

ele se achava melhor porque cresceu em *mahala*, mas eu nunca liguei para isso, nunca entendi essa distinção, não sei direito esses nomes, mas minha mãe sabe, e a maioria das pessoas sabe, minhas amigas também. É bem europeu isso, ancestrais, lordes... uma mentalidade de uma antiga Europa da idade média, quando privilégios passavam de uma geração para outra.

Maners (2000, p. 309), sobre isso, diz que os muçulmanos bósnios de modo algum aparecem como um grupo unificado,

Individuals of my acquaintance ranged in their self-descriptions from *mahala* Muslim (highly devout, living in Old Town *komšilik*, or neighborhood), to “suburban” Muslim (nonreligious intellectual of Muslim family), to “communist” Muslim (officially atheist, from a strong Party family).

Outra divisão mais recente, do pós-guerra, é a entre os leitores do *Oslobođenje* e os leitores do *Dnevni Avaz*, os dois principais jornais da cidade. O

³⁶⁴ Donia e Fine Jr. (1994) vão dizer que a expansão industrial na Bósnia levou a uma rápida expansão de suas áreas urbanas, e cidades como Sarajevo, Mostar, Travnik, Banja Luka e Tuzla cresceram consideravelmente. Novos prédios – no estilo stalinista do Leste europeu, que alguns dos meus visitantes do Brasil consideraram “feios” – foram construídos e tornaram-se crescentemente atrativos, inclusive para muitos residentes das partes velhas das cidades, que deixaram suas casas tradicionais para viverem nestes arranha-céus que surgiam. Esses novos bairros, diferente dos antigos bairros divididos etnicamente (herança das *mahale* otomanas), tornaram-se conglomerados etnonacionais, onde casamentos mistos passaram a ser comuns.

Avaz, como se usa chamá-lo, surgiu no final de 1995 e rapidamente ultrapassou o *Oslobođenje* em termos de tiragem/leitores. O *Avaz* nasceu como o jornal dos bosniacs, mas não-bosniacs o lêem também, possui menos artigos analíticos que o *Oslobođenje* e é menos crítico em relação ao maior partido bosniac de Sarajevo, o SDA³⁶⁵, à Associação Islâmica da Bósnia-Herzegovina (IZ, *Islamska zajednica*) e ao *reisu-l-ulema* Mustafa ef. Cerić, além de ser fortemente homofóbico e conservador – claro, essa é a minha opinião, outros vão dizer que é porque traz mais informações e notícias, o que também é verdade. O *Oslobođenje* em alguns sentidos também é conservador, mas bem menos que o *Avaz*, além de ser mais crítico e secular.

Esses são detalhes, contudo, que se por um lado podem nos dizer um pouco mais do lugar do fixer na comunidade sarajevana, por outro lado, ao mesmo tempo em que diversificam as diferenças, simplificam-nas novamente em categorias. De qualquer modo, não coloquei perguntas neste sentido para os jornalistas, mas acredito que sim, é significativo o fato da maioria deles preferirem o *Oslobođenje*.

Quanto ao lugar da cidade onde moram (e geralmente já moravam durante a guerra), alguns vivem nas partes novas, outros nas partes mais centrais e antigas, porém mesmos estas partes da cidade possuem sua heterogeneidade de bairros e de “tipos” de pessoas que moram em cada um deles. Não consegui descobrir mais detalhes para descrevê-los aqui e não acho que sejam realmente significantes para a análise que proponho.

Significantes para a análise que proponho são as “divisões” que tratarei nos dois capítulos seguintes, que fecham este longo relato: “Na Republika Srpska” e “Quem é quem, afinal?”.

³⁶⁵ De fato, o SDA financiou o jornal no começo, mas agora este vive do grande número de leitores que possui. Kurspahić (2003, p. 155) aponta quatro fatores que levaram ao crescimento deste diário. Primeiro, o alto investimento do SDA e sua distribuição apoiada pela polícia e pelo exército. Segundo, era mais fácil começar do zero uma nova publicação, do que continuar outra, arruinada pela guerra e cheia de dívidas. Terceiro, na ausência de uma economia que funcionasse, o *Avaz* vivia de favores políticos, tinha acesso a informações privilegiadas e publicidade. E, principalmente, o pouco espaço dentre os leitores, para um jornal como o *Oslobođenje*, que ainda clamava pela multietnicidade – fator este acarretado pelo êxodo de intelectuais (não-bosniacs e mistos) e o influxo de bosniacs na cidade, expulsos de suas casas, cheios de rancor e memórias do genocídio, fáceis presas, portanto, para um islamismo mais extremado.

CAPÍTULO 5. Na Republika Srpska

Setembro de 2007.

Após um mês em Sarajevo, a parte sérvia era algo que me atormentava. Ninguém sabia me informar como poderia chegar lá, uns diziam que não havia ônibus, outros, que os táxis de Sarajevo não cruzavam a fronteira³⁶⁶, e me olhavam com uma cara estranha, do tipo, não tem nada para fazer ou ver do lado de lá.

Conhecera então um chinês, amigo de uma garota da faculdade, que me dissera que a parte sérvia ficava bem perto da minha casa e que costumava ir lá comprar carne de porco.

Resolvi pegar a bicicleta um dia e ir. Porém, antes disso, sonhei. No sonho ia de bicicleta para a parte sérvia, porém chegava num muro gigante. A curiosidade era tanta que no sonho eu pulava esse muro gigante e machucava a perna. Do outro lado, finalmente, um policial sérvio vinha até mim e dizia, sorrindo, que logo adiante tinha uma passagem, que eu não precisava ter pulado o muro...

Antes de chegar à Bósnia, não havia pensado em fazer entrevistas com o “outro lado”. Pensava, claro, em ir até Banja Luka conhecer o Miloš Šolaja, um professor que eu estabelecera contato já no Brasil, a partir do professor da Universidade de São Paulo (USP), Aleksandar Jovanović; pensava também em conhecer Belgrado e Zagreb, no intuito de conhecer tais cidades, capitais da antiga Iugoslávia; porém, não pensava estas viagens como viagens para “conversar com os outros lados da guerra”, aliás, mesmo essa formulação era algo que eu desconhecia. Todavia, a presença deste “outro lado”, desde o início, foi tão forte, que lá fui eu. Primeiramente, de bicicleta, perto de casa³⁶⁷, depois para

³⁶⁶ De fato, Armakolas (2007) conta que até 2002 havia um acordo entre os taxistas de não trafegarem entre os dois lados, a pessoa tinha que trocar de táxi quando chegava na fronteira entre as entidades.

³⁶⁷ Como pode ser visto na foto anexa (p. 413), não há nem muro, nem passagem, somente uma placa informativa apontando a fronteira entre os municípios, no caso, entre o Cantão Sarajevo e Sarajevo Oriental (*Grad Istočno Sarajevo* ou *Град Источно Сарајево*). Esta foto, no caso, não é da parte próxima de casa, mas da parte próxima ao bairro de Vraca.

entrevistas com jornalistas/fixers que cobriram o lado de lá do cerco, na até então autodenominada Republika Srpska (daqui em diante, RS), oficialmente reconhecida no acordo de paz de 1995. Jornalistas estes, que trabalharam para as agências e redes de televisão e jornais estrangeiros, muitos deles, contatos dados pelos fixers que entrevistara em Sarajevo.

Não posso afirmar, todavia, que realizei pesquisa de campo na RS, pois estaria mentindo, principalmente se compararmos os dias que passei por lá com os dois anos que vivi em Sarajevo.

Planejara, contudo, este relato juntamente com os capítulos anteriores, separados por temas, mas a discrepância é tanta, que não só Sarajevo e a Bósnia estão divididos, como minha tese também, justifico assim a existência deste capítulo.

A primeira pessoa que conheci “do lado de lá” foi Miloš Šolaja, que vive em Banja Luka, atual capital da RS.

Logo em seguida, conheci Radul Radovanović, que trabalhou com Aida Čerkez durante a guerra, ele em Pale, ela em Sarajevo – ainda trabalham juntos. Ela quem me passou seu contato. Radul não apareceu sozinho naquele dia gelado de inverno, quando precisei encontrá-lo em uma rua de Pale, que ninguém sabia me informar qual era – Radul teve que ir me buscar na rodoviária e a rua era justamente a rua principal da rodoviária de Pale... nomes novos, para ruas nem tão novas...

Radul então me apresentou Vojislav Stjepanović, câmera, com quem sempre trabalhara junto, e com quem fiquei conversando enquanto Radul se preparava para ir ao escritório da AP em Sarajevo (o mesmo dirigido por Aida Čerkez). A conversa com Radul ficou marcada para depois, quando o meu “sérvio” estivesse melhor e quando ele tivesse um pouco mais de tempo. Conhecemo-nos em novembro de 2007, conversamos novamente em fevereiro de 2008. Interessante é que realmente meu sérvio estava melhor nesta segunda ocasião.

Via Miloš Š., conheci Ognjen Begović, que me colocou em contato com o desde sempre editor da Srna³⁶⁸, agência de notícias sérvia em Lukavica, Grad Istočno Sarajevo (Cidade Sarajevo Oriental³⁶⁹), Nevenko Erić.

Por fim, Valida V. me passara o contato de Duško Tubić, de Bijeljina, que fui conhecer no final da pesquisa de campo e que trabalhara durante muito tempo como fixer, produtor e intérprete de vários veículos de imprensa. Duško ajudara Valida a oficializar a compra de sua pensão em Sarajevo, que estava no nome de um sérvio que deixara a cidade durante a guerra.

Belgrado e Republika Srpska me proporcionaram experiências bem distintas. As entrevistas que realizei em Belgrado, consegui utilizar no decorrer dos capítulos anteriores, as entrevistas na Republika Srpska, não consegui. Se fosse utilizá-las, a cada vez que dissesse algo, teria que desdizer com algo que ouvira na RS... De qualquer modo, falar sobre a Bósnia e sobre o regime de Milošević com jornalistas em Belgrado é um tema mais simples, de certo modo, do que falar sobre a possível independência de Kosovo (que não era o tema da minha pesquisa), além de encontrar concordâncias com os relatos em Sarajevo, e não somente discrepâncias, como as que ouvi na RS e que discorrerei a seguir.

E aqui cabe mais um parêntese sobre Kosovo, que irá informar melhor o debate na Republika Srpska sobre a guerra na Bósnia.

Diante dos fracassos diplomáticos de Ibrahim Rugova (presidente do Kosovo) de colocar a questão kosovar na pauta das negociações de paz para a ex-Iugoslávia, o maior deles, por ocasião do Acordo de Dayton, quando muitos acreditavam que alguma solução para o Kosovo poderia ter sido imposta a Milošević, militantes kosovares (ou “albaneses étnicos”, como se consumou falar) começaram a se unir em torno de uma solução militar. Dentre eles, dois grupos, em 1996, destacaram-se: o Movimento Nacional de Libertação do Kosovo (LKCK)

³⁶⁸ Desde 1992, quando foi fundada a agência.

³⁶⁹ Daqui em diante escreverei somente Istočno Sarajevo.

e, principalmente, o Exército de Libertação do Kosovo (ELK, ou UCK), que passaram a promover atentados contra a polícia sérvia e forças de segurança.

O exército iugoslavo³⁷⁰ e a polícia sérvia local aumentaram assim a repressão à província, realizando ofensivas e matando grande número de civis.

Muitas pessoas passaram então a procurar refúgio na capital, Priština, e, no ápice da crise (e com os bombardeios da OTAN que se seguiram), praticamente todos os albaneses kosovares buscaram refúgio nas regiões de fronteira com a Albânia e Macedônia.

Novas sanções internacionais foram, em vão, impostas à Iugoslávia (Sérvia e Montenegro), para que esta cessasse a repressão na província. No entanto, diante do aumento da onda de violência (e do histórico de inação da comunidade internacional na Bósnia), a OTAN começa a bombardear o país.

Os bombardeios da OTAN foram realizados com “mísseis inteligentes”, que erraram, entretanto, várias vezes o alvo, no decorrer dos 72 dias de bombardeios³⁷¹, além de visaram especialmente alvos econômicos e não militares³⁷², causando revolta de muitos intelectuais, agora contrários ao uso da violência desmesurada contra a Iugoslávia e sem o apoio da ONU.

Os bombardeios começaram no dia 24 de março de 1999 e duraram até o dia 3 de junho deste ano. O fim da guerra é declarado pela OTAN no dia 20 de junho de 1999.

Kosovo passou então a ser um protetorado internacional, dividido em cinco regiões: a região de Mitrovica, que ficou sob comando/administração da França; a região de Peć, da Itália; a região de Prizren, da Alemanha; a região de Gnjilane,

³⁷⁰ Somente em fevereiro de 2003, o nome oficial da federação formada pela Sérvia, Montenegro, Voivodina e Kosovo, este, sob administração da ONU, passou de República Federativa da Iugoslávia, para Sérvia e Montenegro, este último com direito de votar a independência daí a três anos. O que de fato aconteceu. Em 2006, em referendo, Montenegro, com 55% de votos a favor, tornou-se um país independente.

³⁷¹ Cf. IUGOSLÁVIA..., 4 jun. 1999, p. 1-9; IUGOSLÁVIA..., 4 jun. 1999, p. A10.

³⁷² Segundo Hayden, a partir da terceira semana de maio, a OTAN passou, inclusive, a cometer crimes de guerra, privando a população civil da Sérvia de água e energia elétrica. Ou seja, “NATO’s strategy was not to attack Yugoslavia’s army directly but rather to destroy Yugoslavia itself, in order to weaken the army” (HAYDEN, 2000, p. 177).

dos EUA; e a região de Priština, do Reino Unido. Tropas russas atuariam nas regiões dos EUA, França e Alemanha, sob supervisão da OTAN³⁷³.

Em Sarajevo, os bombardeios da OTAN contra a então Iugoslávia (Sérvia e Montenegro) foram, no geral, vistos com bons olhos, dado que eles próprios tiveram que esperar quase quatro anos para que finalmente a comunidade internacional interviesse.

Belgrado, por sua vez, foi muito bombardeado e, apesar de ter finalmente deposto Milošević, em outubro de 2000, preserva tais “monumentos”. Pode-se ver ainda inúmeros prédios destruídos pelas bombas que caíram sobre a cidade e o próprio Museu do Tito (*Muzej 25. maja*) não tem banheiro, pois, segundo Vlada, zelador do museu, com quem conversei longamente, todo o fornecimento de água deles vinha do sistema de tubulação da casa de Tito, nas proximidades, que foi destruído juntamente com a casa, pelo bombardeio da OTAN – eles não arrumaram pois “é muito perigoso para a saúde se aproximar dos destroços, devido ao risco de contaminação pelos dejetos da bomba”, contou Vlada³⁷⁴.

O “mito de Kosovo” ou a “questão Kosovo”, entretanto, permanece, e pude presenciar em Belgrado manifestações monumentais contra a independência desta província, declarada em fevereiro de 2008 (agora sim, por um parlamento legítimo, com reconhecimento internacional).

Tratarei um pouco mais de Kosovo e Belgrado no final deste capítulo.

³⁷³ Cf. PERES, 2005.

³⁷⁴ Armamentos que utilizam urânio empobrecido em sua estrutura foram empregados pela OTAN nos bombardeios à Iugoslávia e já haviam sido utilizados na primeira Guerra do Golfo, pelos Estados Unidos, e na guerra na Bósnia, também pela OTAN. Armamentos à base de urânio empobrecido são considerados armamentos convencionais, no entanto, problemas renais, dermatológicos e câncer estariam ligados ao uso destes armamentos nestas guerras. Tais malefícios são negados pela aliança atlântica e não há provas de que essas doenças estejam relacionadas ao uso do urânio empobrecido, cuja radioatividade é irrisória, exceto se for ingerido ou inalado, o que pode acontecer quando ele explode (PERES, 2005, p. 149). Na Bósnia, “morre-se cedo depois da guerra”, como ouvi consideráveis vezes, devido ao stress da guerra, devido à má alimentação, ao medo e às condições precárias de existência durante a guerra e devido às “bombas americanas” com urânio empobrecido.

Lugares

Ir a Pale, Banja Luka, Lukavica (Istočno Sarajevo) e Bijeljina para conversar com fixers e jornalistas foi mais do que simplesmente conhecer estas pessoas, mas sentir um pouco do lugar, tendo como contraponto minha experiência em Sarajevo.

A ida a Pale é muito simples.

O transporte municipal de Sarajevo conta basicamente com os bondes, os trólebus, os ônibus e os microônibus. Há uma estação rodoviária e uma estação ferroviária. Em linhas gerais, os bondes ligam Ilidža (oeste) ao centro (leste); os trólebus ligam Dobrinja (oeste) ao centro (leste); os ônibus fazem um percurso mais local e cobrem outras municipalidades do cantão; e os microônibus sobem pelos morros e ruazinhas locais.

Em Lukavica, há também uma estação rodoviária (*Autobuska stanica Lukavica*). Apesar de haver ônibus na estação de Sarajevo (*Autobuska stanica Sarajevo*) que fazem o percurso Sarajevo-Pale ou Sarajevo-Belgrado, da estação de Lukavica saem ônibus que fazem esses percursos várias vezes ao dia, e não somente uma (para Belgrado) ou duas (para Pale), como é o caso dos da estação em Sarajevo.

Todas as vezes que fui à Republika Srpska ou na vez quando fui a Belgrado, fui por Istočno Sarajevo, pois, além de ter mais possibilidade de horários, era mais próximo de casa³⁷⁵.

Como tratei em algum momento anterior, Dobrinja foi linha de frente durante a guerra, com o Acordo de Dayton, parte ficou em Sarajevo, parte em Lukavica (Istočno Sarajevo). A estação de Lukavica fica na fronteira, praticamente, entre Dobrinja de Sarajevo e Dobrinja de Istočno Sarajevo. Os trólebus “Dobrinja”, no entanto, vão até esse limite. Chegando lá, atravessa-se a rua para Istočno Sarajevo (onde tudo passa a estar escrito em cirílico e pessoas vendem santinhos,

³⁷⁵ Tanto Mojnilo como Alipašino Polje, onde ficava o segundo apartamento que aluguei, são bem próximos de Lukavica, uns 10-15 minutos, de carro ou trólebus.

incensos e velas nas ruas, objetos que não se vê em Sarajevo, somente no interior das igrejas ortodoxas) e caminha-se menos que 50 metros até a estação.

O percurso de ônibus até Pale é muito interessante. Pale fica a 15 km a leste de Sarajevo. O caminho lógico para essa cidade é por dentro de Sarajevo (e foi deste modo que voltei de carona de Pale, com Radul R., uma vez), mas o ônibus para Pale, que sai de Lukavica, vai pela montanha Trebević, em um caminho lento e tortuoso. Uma vez somente o ônibus foi para Pale atravessando a cidade, cheguei muito mais rápido ao meu destino, mas reparei que o ônibus não parou em nenhum dos pontos de ônibus ao longo da cidade, como o faz quando vai por Trebević... Segundo Dražen Š., de Zagreb, é porque eles têm medo que alguém na cidade os reconheça. De qualquer modo, lembrei do relato de Nevenko E., que explicou que a mais forte fronteira entre a RS e a Federação está na “consciência das pessoas”,

Bosniacs dizem que não há uma fronteira entre a RS e a Federação, que não há em Dobrinja, onde vivo, mas há sim essa fronteira, a fronteira é que desse lado, 95% são sérvios, atravessa-se a rua, 95% são bosniacs. Essa fronteira é mais marcada que aquela que está escrita no mapa. Entre Eslovênia e Áustria, tem lá a fronteira, mas eles são iguais etnicamente, então essa fronteira não quer dizer nada. Aqui, não tem essa fronteira, mas as pessoas, quando atravessam a rua em Dobrinja, dizem, “vou para RS” ou “vou para a Federação”. A única possibilidade de lidar com isso é entrar na União Européia e apagar todas essas fronteiras. Para os sérvios, importante é não ter fronteira no [rio] Drina, com a Sérvia; para os croatas, é não ter fronteira com a Croácia. Precisa-se possibilitar isso. Deixa que vivam em Mostar, mas que não haja esse sentimento quando vão para Zagreb ou Dubrovnik; ou sérvios, quando vão para Belgrado ou para Niš. E vai ser melhor até para os bosniacs³⁷⁶.

A entrevista com Nevenko foi na Srna, em Lukavica.

³⁷⁶ Tais fronteiras, entre a Bósnia e os países vizinhos, na prática, não são tão rígidas. Em primeiro lugar, todas as pessoas dos países da ex-Iugoslávia podem viajar pelo território da ex-Iugoslávia apenas com a carteira de identidade (exceto para a Eslovênia, desde quando esta passou a integrar a UE). Em segundo lugar, sérvios bósnios podem ter passaporte da Sérvia, e croatas bósnios, passaporte da Croácia. Provavelmente, tais países virão a integrar a UE antes da Bósnia (a Croácia, daqui a dois anos, segundo um amigo). E mais, croatas não precisam de visto para entrar nos países da UE, e sérvios, desde dezembro de 2009, também não precisam – incluindo os da Bósnia que possuem dupla cidadania. Segundo Silajdžić (2009, p. 2), a Bósnia não integra a UE porque a RS atrapalha esse processo, colocando-se contra as políticas integrativas estipuladas pelo Alto Representante da ONU e contra, muitas vezes, o poder deste, sendo que, no final, a única nação dos Bálcãs que precisará de visto para a UE será a nação bosniac, muçulmana (esse artigo é de abril de 2009; em novembro de 2010, foi finalmente aprovada a abolição da necessidade de visto para a entrada de bósnios na UE).

A primeira vez que fui a Lukavica foi de bicicleta, depois do meu sonho, e fiquei bastante impressionada. De repente, a paisagem mudava e as letras mudavam. Parecia que eu estava entrando em outro país. Tudo em cirílico. As casas, com suas hortas, carneiros e cachorros³⁷⁷, muitas ainda em construção. Fui subindo o morro com a bicicleta e imaginando que outras pessoas seriam aquelas... E me perguntava o que é ser sérvio e não muçulmano numa Bósnia para mim até então tão muçulmana, ou “multiétnica”? Por outro lado, há mercadinhos muito parecidos com os de Sarajevo, e também *buregdžinicas* e *ćevabdžinicas*, e também buracos de balas nas paredes, mas bem menos que em Sarajevo.

Na segunda vez que fui para Lukavica, fui com um dos meus taxistas³⁷⁸, para a entrevista com o Nevenko E.. Parecia que eu estava levando o taxista da Zona Sul para alguma ruazinha desconhecida na Zona Leste de São Paulo.

Ele nunca havia ouvido falar da rua que eu ia e disse que ainda não havia dirigido para lá depois da guerra, era a sua primeira vez. Parou então na estação rodoviária de Lukavica e perguntou para outro taxista se este conhecia a rua. Ficaram pensando alto, aí lembrei que era próxima à Energoinvest (que já existia antes da guerra) e o meu taxista sabia onde era. Fiquei imaginando, quando ele pediu indicação para o taxista de Lukavica, que, até outro dia, eram, os dois, soldados em campos opostos das linhas de combate... No caminho, perguntei para ele o que era Lukavica antes da guerra. Ele me disse que se tinha uma vaca

³⁷⁷ Há casas assim também nos morros que cercam Sarajevo. Cada pedaço de terra é cultivado nesta cidade. Porém, na cidade, as casas antigas, ou nem tão antigas, de famílias muçulmanas, por mais que possuam um quintal grande, onde se pode plantar batatas e outros legumes ou frutas, geralmente possuem muros altos, já que as mulheres ficam sem o véu islâmico, teoricamente, dentro delas (não que todas usem o véu hoje em Sarajevo, somente uma minoria, mas é comum entre mulheres mais velhas, especialmente nas *mahale*, e cada dia mais comum, entre as mais jovens), deste modo, não pude vê-las por dentro – amigos que moram em tais casas que me contaram de seus quintais (Infelizmente não estive em nenhuma delas. As únicas casas que freqüentei foram apartamentos em Mojnilo, Otoka, Alipašino Polje, Dobrinja, Bijelave, Hrasno e Grbavica).

³⁷⁸ Chamo de “meus taxistas” aqueles que faziam ponto na frente do prédio onde eu morava, em Mojnilo. Conheci todos eles, e conversávamos muito sobre tudo: guerra, Iugoslávia, família, Brasil etc.. Poderia fazer uma tese somente com os relatos dos meus taxistas, que, por sua vez, não diferem muito dos relatos sobre a guerra em Sarajevo que ouvi dos fixers e jornalistas, salvo o lugar que ocuparam naquela época, já que foram todos soldados.

e duas galinhas era muito (apesar de já existir o prédio de escritórios da Energoinvest). O mesmo disse sobre Pale, “não havia nada”...

Toda vez que eu ia para Lukavica, como nas vezes em que estive em Pale, tinha uma sensação esquisita, como se algo tivesse sido tomado do tempo. Em Pale tudo é novo, por exemplo, numa arquitetura nova que parece de plástico. Ou tudo é velho, como o café que fui com uns amigos um dia. Nesta vez, em Lukavica, tive a mesma sensação, mas do velho. O escritório ficava no próprio prédio da Energoinvest e lembrava os escritórios dos meus pais da década de 1980: velho, o carpete puído, o telefone de discar e não de teclar, que fazia trim e aquele trim alto, ensurdecador, e o cheiro de cigarro misturado com o de mofo, e seus corredores gelados e escuros...

A minha ida a Banja Luka foi interessante também. Resolvi ir a Banja Luka em um feriado, o *Dan državnosti*, ou Dia da Pátria, feriado nacional que marca a fundação da República da Bósnia-Herzegovina em 25 de novembro 1943, por Tito³⁷⁹. Perguntei para um dos meus taxistas se o horário dos táxis seria o mesmo, por ocasião do feriado, e dado que sairia muito cedo de casa. Ele disse que sim. E perguntei para ele que feriado era esse. E ele me explicou direitinho, que foi quando Tito proclamou a República da Bósnia-Herzegovina em 1943. Perguntei se isso acontecera em Sarajevo. Ele disse que não, fora em Banja Luka³⁸⁰, mas que em Banja Luka não era feriado...

Neste momento, não me chamara a atenção que, paralelamente, o dia da assinatura do Acordo de Dayton passara despercebido por Sarajevo. Depois, em Banja Luka, conversando com Miloš Šolaja, ele me disse que é porque ninguém comemora Dayton em Sarajevo, do mesmo modo que ninguém comemora o Dia da Pátria em Banja Luka. Ao contrário, o feriado em Banja Luka havia sido alguns

³⁷⁹ Sobre a proclamação da República BiH: “A reunião do ZAVNOBiH [*Zemaljsko antifašističko vijeće narodnog oslobođenja Bosne i Hercegovine* / Conselho Antifascista Territorial para a Libertação Nacional da Bósnia-Herzegovina] começou no dia 25 de novembro de 1943 às 19 horas e terminou no dia 26 de novembro às 4 da manhã. O Conselho adotou a Resolução na qual se sublinha que os povos da BiH ‘desejam que seu país não seja nem sérvio, nem croata, nem muçulmano, mas sim, sérvio, croata e muçulmano’. Entre outras coisas, foi escrito como os povos da BiH querem viver numa Bósnia-Herzegovina livre e fraterna, na qual estejam garantidos igualdade e mesmos direitos entre Sérvios, Croatas e Muçulmanos” (BEČIROVIĆ, nov. 2007, p. 4).

³⁸⁰ Na realidade, fora em Mrkonjić Grad, na Republika Srpska, cidade próxima a Banja Luka.

dias antes, no dia 21 de novembro, dia do Acordo de Dayton, e, portanto, do reconhecimento da Republika Srpska (o Dia da República – ou *Dan Republike* – também é feriado nesta entidade, e se comemora em 9 de janeiro, quando a Republika Srpska foi auto-proclamada em 1992). E explicou-me que o feriado da pátria é o dia da Bósnia, ou seja, da Bósnia sem a Republika Srpska. Perguntei se antes da guerra era feriado lá também, ele disse que sim, mas que agora a luta é pela manutenção da Republika Srpska, contra a Federação, contra Haris Silajdžić³⁸¹.

E cabe aqui um parêntese. O reconhecimento da RS é considerado, pela grande maioria na Federação, uma afronta, ou a legalização da limpeza étnica. Silajdžić, como outros, opõe-se ao fato da Bósnia estar dividida em duas entidades quase-autônomas e prega “integridade territorial” e “soberania”, impossíveis de serem alcançadas se não há, segundo ele (Cf. 2009, p. 2), direito de governar, reforma constitucional, integração da BiH na UE e na OTAN e reforma econômica, elementos estes, sistematicamente bloqueados pelo governo da RS.

Chegando a Banja Luka, no caminho para o hotel, comecei a conversar com o taxista. Comentei que vinha de Sarajevo. Ele, então, começou a bater no peito e a dizer: “Banja Luka, Republika Srpska, Banja Luka, Republika Srpska”. Disse-me que Banja Luka é uma das cidades mais lindas que existem, e não é só ele quem acha isso, o pessoal de Sarajevo também. E me explicou que a cidade é sérvia, ortodoxa, há 500 anos.

De fato, Banja Luka é uma cidade antiga. Seu nome quer dizer, literalmente, os campos do Ban, o grande administrador local na Idade Média. E a cidade é realmente bonita, localizada no vale do lindíssimo rio Vrbas, possui um grande e antigo forte, belas igrejas ortodoxas, e é famosa inclusive por suas *sevdalinkas* – como vimos, antigas canções urbanas dos tempos do império otomano.

³⁸¹ Haris Silajdžić foi membro do SDA durante a guerra, quando ocupou o posto de ministro das relações exteriores e depois de primeiro-ministro. Rompeu com o SDA e fundou o partido *Stranka za BiH* (Partido para a BiH) em 1996. Durante minha pesquisa de campo, era o membro bosniac da presidência bósnia.

A sevdalinka que cito abaixo é sem autoria, como a maioria das sevdalinks, e é repleta de “turcizmos” (palavras originárias da língua turca), como *ašikluk*, *sevdah*, *rahatluk* e *šeher*, que era como se denominavam as então grandes cidades do império otomano, como Banja Luka e Sarajevo³⁸² (ver versão original, anexa, p. 433).

As sevdalinks são canções de amor. *Sevdah* significa amor, e a dor, angústia, saudade, que o acompanha muitas vezes. Tais canções cantam amores impossíveis, frustrados, proibidos, e paixões por belas mulheres e homens sedutores, além de cantarem a cidade e à cidade.

Grande cidade (*šeher*), querida Banjaluka
(sevdalinka, domínio público)

Grande cidade, querida Banjaluka
maravilhas toda a Bósnia
com tua canção e belos amores
com teu deleite e contentamento.

Por toda parte, canta-se tu em canções
linda que és, como o paraíso
cercas-te toda de verde
e em coloridas vestes, coloras-te

Banjaluka, tudo queima em teu brilho
como minha querida em meus braços
acenda-te sempre, nunca te apagues
e cante-nos sobre a bela Almasa

Ou seja, Banja Luka é uma cidade linda, repleta de cores, de prados, de flores e de canções, que cantam a cidade e a bela Almasa, entre outras lindas mulheres, cantadas em outras sevdalinks.

O centro de Banja Luka é um largo imenso, repleto de lojas e cafés. Ao longo do Vrbas, vê-se homens pescando, e muita gente nas ruas, passeando, parando para tomar café.

³⁸² Segundo minha professora Sandra, para ser considerada *šeher*, ou seja, uma grande cidade, a cidade tinha que ter pelo menos uma ponte, uma casa de banho, uma mesquita e uma madraçal.

No centro, deparei-me com uma foto do então recém-falecido cantor Toše Proeski, cercada de flores, onde as pessoas paravam alguns segundos, em sinal de respeito³⁸³.

Percebi também que Banja Luka, diferente de Sarajevo, ou mesmo, Mostar, é uma cidade que não fica nos lembrando da guerra. Há alguns monumentos do tempo do comunismo. E há um recente monumento, na frente da Assembléia Nacional da RS (*Narodna skupština Republike Srpske*), em homenagem aos mortos em Jasenovac, durante a Segunda Guerra Mundial, escrito em inglês, em hebraico e, como tudo em Banja Luka, em sérvio (cirílico).

Jasenovac foi um dos maiores campos de concentração na Croácia durante a Segunda Guerra Mundial, onde foram mortos milhares de sérvios, judeus, ciganos e comunistas pelos ustashas. Foi usado pela propaganda sérvia durante as guerras dos anos 1990, para incitar o medo dos sérvios em relação aos croatas e muçulmanos (muitos muçulmanos aliaram-se aos nazistas, possuíam inclusive sua própria unidade SS, a 13ª SS ou Divisão Handžar)³⁸⁴. Pode-se ler também por este mote a presença do monumento – recente – na capital da Republika Srpska.

Na rodoviária da cidade, na volta a Sarajevo, perguntando se estava entrando no ônibus certo, um senhor, novamente batendo no peito, me disse: “Republika Srpska, Republika Srpska!” e perguntou se eu era húngara. Disse que não, mas brasileira, e aí o assunto mudou, “Ronaldinho, Ronaldinho!”. Todos nós rimos e eu tomei meu ônibus de volta pra casa.

Por fim, a minha passagem por Bijeljina foi muito rápida. Fui lá especialmente para conversar com Duško Tubić. Cheguei em uma manhã incrivelmente gelada de outono e voltei no último ônibus do dia para Sarajevo. Era dia de eleições municipais. A cidade estava repleta de cartazes de propaganda

³⁸³ Toše Proeski morreu em um acidente de carro em outubro de 2007. Ele era um jovem cantor macedônio, que cantava em macedônio e sérvio-bósnio-croata. Cantava pop, rock, sevdalinks e outras canções urbanas antigas da região da Macedônia e Sérvia, que têm outros nomes, mas são muito parecidas com as sevdalinks. Ele era amado por todos, crianças, jovens, adultos, idosos, intelectuais, trabalhadores, mineiros, agricultores, nas cidades e nas vilas, em toda a ex-Iugoslávia. A comoção foi geral com a sua morte, não se falava em outra coisa. Para mim, nesse momento não existiu fronteiras. Toše unia as pessoas pela música. É uma pena que tenha morrido. Ver foto anexa (p. 415).

³⁸⁴ E foi usada pela propaganda croata, no intuito de minimizar estes crimes (op. cit. nota 177, p. 158). Ver fotos do monumento anexa (p. 415).

política. Em muitos deles, figurava Vojislav Šešelj, apoiando o candidato do seu partido (СПС, *Српска радикална странка Др. Војислав Шешељ*, Partido Radical Sérvio Dr. Vojislav Šešelj)³⁸⁵. O cartaz trazia Šešelj na foto (e não o candidato a prefeito) e o brasão da Sérvia ao fundo (a águia de duas cabeças e, em seu corpo, os 4 Ss³⁸⁶). Um detalhe: Šešelj está preso em Haia, sendo julgado por crimes de guerra e contra a humanidade.

Duško levou-me então para conhecer uma vila em miniatura, onde foi a nossa conversa, chama-se “*Etno selo Stanišić*” (Vila étnica Stanišić):

A vila étnica de “Stanišić” foi fundada em 2003, inspirada nas viagens de Boris Stanišić. Por anos, ele viajou por vilas sérvias na Bósnia Central procurando casas antigas e objetos que representariam o tempo e a cultura de fins do século XIX, começo do século XX. O resultado é uma autêntica vila de montanha em plena planície de Semberija³⁸⁷ (ETNO..., s.d.).

Esta vila, de acordo com o anúncio acima, teoricamente não é nada muçulmana, mas é impossível não notar elementos “bósnios” a mim já familiares. Em primeiro lugar, na vila há uma réplica da Ponte do Bode (*Kozija ćuprija* ou *Kozuja ћуприја*) de Sarajevo³⁸⁸, construída no século XVI durante o império otomano. Em segundo lugar, chamou-me a atenção a réplica do interior das casas. Infelizmente sou muito leiga quando o assunto é cultura material. De qualquer modo, além dessa vila, é comum em diversas cidades que visitei na Bósnia, a existência de casas antigas preservadas e transformadas em museus. Visitei a Casa Despić, em Sarajevo, de uma família ortodoxa (sérvia), e a Casa Turca (muçulmana), em Mostar, entre algumas outras, que não cabe citar aqui. Vê-se nestas, como a tapeçaria é semelhante, com seus desenhos geométricos e simétricos, o tipo de sofás, baixos, com a pequena mesinha na frente, as toalhas, cortinas e paninhos de rendas por toda a parte, o impressionante trabalho de entalhe nos móveis e portas. Mesmo nas casas da “vila sérvia” de Bijeljina, que

³⁸⁵ Este exemplo é da campanha eleitoral para as eleições locais que aconteceram no dia 5 de outubro de 2008.

³⁸⁶ *Samo sloga Srbina spašava* (Само слогa Србина спашава), ou: Somente a união pode salvar os sérvios. Ver foto anexa (p. 413).

³⁸⁷ Semberija é o nome da região onde fica Bijeljina, região plana no nordeste da Bósnia, quase na divisa com a Sérvia.

³⁸⁸ Veja, anexas, as fotos da réplica e da original (p. 410).

seriam casas simples, muito diferentes, portanto, dessas duas que cito acima, de famílias ricas, pode-se notar o apego pela tapeçaria e rendados. E nas paredes, retratos de família ou, no caso ortodoxo, também de santos ortodoxos³⁸⁹.

Bom, feito esse apanhado geral de minhas impressões sobre essas cidades, retornemos aos relatos.

A guerra

Se há algo que ambos os lados concordam é que, apesar da disputa por representação do que foi a guerra e do que é a Bósnia-Herzegovina se darem nos termos “lados do conflito”, todos sublinharam que para eu entender o que aconteceu, eu tenho que conhecer tais lados. Ou seja, é sim uma disputa, os termos não entram em acordo, mas não há segredo em relação a isso. As pessoas estão cientes disso e acham que para minha pesquisa ser boa, eu também devo estar.

Posto isso, conversar comigo sobre a guerra na Republika Srpska era geralmente uma tentativa de eles me explicarem por que eu não entendi nada em Sarajevo.

Nesses relatos, o cerco não existiu, o genocídio de Srebrenica não existiu, atrocidades foram cometidas de todos os lados, pois afinal, era guerra, e uma guerra civil entre muçulmanos, croatas e sérvios.

As datas citadas são também outras. Deste lado, os massacres no Markale não aconteceram, mas sim, o massacre na Rua Dobrovoljačka. E o primeiro tiro, em Sarajevo, quem deu foram os muçulmanos, no casamento sérvio na antiga igreja ortodoxa, na Baščaršija, no segundo dia do referendo pela independência da Bósnia³⁹⁰.

E mais, toda a fala sobre o multiculturalismo da Bósnia é desacreditada. O multiculturalismo camuflaria as diferenças que sempre existiram, camufla o fato de

³⁸⁹ Ver fotos anexas (p. 419).

³⁹⁰ Čelo (Ramiz Delalić) publicamente admitiu ter sido um dos que atiraram contra o casamento (Cf. GJELTEN, 1995; SACCO, 2005). Este evento, segundo Armakolas, foi utilizado pelo SDS como pretexto para estes erguerem barricadas ao redor da cidade e para ilustrar a ameaça que a independência bósnia representava aos sérvios (2007, p. 87).

que sérvios e muçulmanos nunca viveram juntos, poucos eram os casamentos mistos e a maioria não dava certo³⁹¹.

Cidades com grande número de muçulmanos antes da guerra, como Bijeljina e Banja Luka (que tinha também grande número de croatas e iugoslavos, de acordo com o censo de 1991³⁹²) são vistas, de acordo com estes relatos, como cidades desde sempre 90% sérvias.

Mesmo a Bósnia, como país, nunca existira, as pessoas moravam na Bósnia, mas o vínculo afetivo era com Belgrado, capital da Sérvia (Duško T.).

Do mesmo modo, muçulmanos ou bosniacs nada mais são do que sérvios (ou croatas) convertidos ao islã, o que põe em questão a definição desse grupo enquanto um grupo étnico-nacional.

E sim, a Iugoslávia era um bom país para todo mundo. E foi interessante para “os grandes poderes” que este país se acabasse.

“ENGENHARIA DE MÍDIA”

Isso é guerra. Os caras atiravam de lugares com civis ou com crianças, ou de hospitais, aí eles revidavam, e saía a notícia de que sérvios atacavam criancinhas e hospitais. (Duško T.)

Perguntava-lhes como não ficamos sabendo dessas outras histórias. A resposta era porque a mídia estrangeira estava toda em Sarajevo e do lado dos muçulmanos (Radul R., Miloš Š., Vojislav S.). Mesmo eles trabalhando para os mesmos veículos de imprensa, mesmo eles enviando matérias e imagens de cidades queimadas por muçulmanos, a mídia internacional simplesmente não divulgava isso.

Duško T. diz que não havia censura ou propaganda de fato, mas seleção da informação ou “engenharia de mídia”. Por isso, redes de televisão como a BBC e a ABC não eram bem-vindas na RS, pois eram “inimigas dos sérvios”: “eles não

³⁹¹ Nas palavras de Duško T., “casamentos mistos depois de cinco anos acabam, há muitos problemas com o nome da criança e em relação ao batismo...”.

³⁹² Para detalhes numéricos, ver: NACIONALNI..., 1993.

mentiam, mas não reportavam, por exemplo, a matança de sérvios em Zenica, Sarajevo e Bihać”.

Do mesmo modo, Radul R. conta que ele e Vojislav S. trabalhavam objetivamente, filmando o que acontecia, o problema é que não necessariamente publicavam ou transmitiam o material produzido.

Se você trabalha para a Reuters e a Inglaterra quer bombardear os sérvios, como você vai mostrar que os sérvios também são vítimas da história? Assim as vítimas ficaram sendo os muçulmanos, e os sérvios, os criminosos, agressores. (...) Tínhamos imagens exclusivas de Čemerno, por exemplo, onde uma unidade muçulmana incendiou a vila, mataram 40 civis e uma menina de dois anos morreu, mas essa imagem não foi tão utilizada. (Radul R.)³⁹³

Radul R. contou da cidade de Vareš, de como os muçulmanos expulsaram os croatas de lá. Contou que, mesmo em Sarajevo, caíam bombas em Grbavica, que matavam civis, mulheres, crianças. Eles filmavam tudo, porém não era divulgado. Contou de uma filmagem da CNN, em 1992, de um enterro em Pale, ao lado de uma igreja ortodoxa, quando a CNN noticiou que foram muçulmanos que morreram: “40 pessoas foram mortas aqui. Na filmagem, estava Karadžić e outros, e tinha a cruz! E eles falaram que eram muçulmanos. E as pessoas acreditam no que vêem, você não consegue apagar determinadas imagens”.

Segundo eles (Radul R., Nevenko E., Duško T.), Sarajevo não estava totalmente cercada, era Izetbegović que não achava interessante que as pessoas deixassem a cidade.

Para além do que não era divulgado, havia ainda o que era encenado, como os massacres no Markale e o massacre na fila do pão, na Rua Vase Miskina (atual Ferhadija), “encenados pelos muçulmanos” (Duško T.)³⁹⁴.

Radul R. me dizia tudo isso e sublinhava que não falava como sérvio, mas como jornalista, espectador, que via o que acontecia e registrava objetivamente.

³⁹³ Realmente, não consegui encontrar muita informação sobre Čemerno (vila em Ilijaš, subúrbio de Sarajevo), que não a de páginas da internet da Republika Srpska ou da Sérvia, que confirmam o relato de Radul, de que muitos foram mortos, casas incendiadas e o restante da população expulsa, e informam que ninguém mais vive nessa vila. Cf. ČEMERNO..., 2010; TOMIC, 2010.

³⁹⁴ Edo Hozić, em seu diário, conta como saíra da fila do pão dez segundos antes de cair a primeira granada (*minobacačka granata*), que matou umas 20 pessoas e feriu mais de 150 (2008, p. 41-42). O número de mortos e feridos varia um pouco, conforme o relato.

Jornalistas como Kurt Schork, “que ganhou nome de rua em Sarajevo”, de acordo com Radul, ajudaram bastante para que a imagem da mídia fosse útil para a Federação e para o lado “muçulmano”; e mais, a “mídia de guerra” em Sarajevo, colocava seu pessoal para trabalhar para as agências estrangeiras e fazer com que elas enfatizassem ainda mais o que esperavam que transmitissem.

Martin Bell (1996), correspondente da BBC, em um momento de seu livro, discorre sobre isso, dizendo que realmente não era possível ser neutro na guerra da Bósnia, pois não era possível ser indiferente ao que acontecia³⁹⁵. Por outro lado, os sérvios viam os jornalistas ocidentais com suspeita de que estes fossem espiões ou que estivessem do lado dos muçulmanos, dificultando muitas vezes sua cobertura quando cruzavam a linha de frente e iam para Pale ou para outras cidades sob domínio sérvio.

Our measure of Bosnia was approximately the length of a single street in its capital. Forays into Serb-land would be day trips only, usually unrewarding, and therefore attempted less frequently. In this self-critical mode I would ask myself, when had we ever shown a civilian victim of sniper fire on the Serb side of the lines? When had we reported from their hospitals? When had we heard from the *Sarajevo Serbian News* in Grbavica rather than *Oslobodjenje* (...)? (BELL, 1996, p. 114)

Bell acredita que no jornalismo deve haver comprometimento³⁹⁶, sendo assim, “Even to raise these questions is to risk being branded as an apologist for the Serbs, which I am not, and never was” (1996, p. 114). Sim, segundo este autor, os sérvios também sofreram, mas eram eles mesmos seus principais inimigos, pois quanto mais massacravam, mais perdiam aliados, “The Serbs had begun this war, they alone could end it; and while their side of the story needed telling, their sense of grievance made them particularly hard to deal with. In this as in so much else they were their own worst enemies.” (1996, p. 131)

³⁹⁵ Como mencionei no capítulo 1 desta parte, muitos enfatizaram que os veículos de imprensa estrangeiros eram mais objetivos, pois cobriam os demais lados da guerra. Nas palavras de Nerminka E., por exemplo, “a AP cobria a verdade, pois tinha equipe em Pale e em Sarajevo. O pessoal de Pale mandava as imagens, sem texto, e as imagens não mentem. Eram portanto mais objetivos”. Pelo que vemos nos relatos acima, não era tão simples assim...

³⁹⁶ Para o debate no jornalismo sobre objetividade e neutralidade e para uma análise do posicionamento de Martin Bell e outros jornalistas que admitiram não ser possível em alguns contextos não assumir posição, ou seja, não haver comprometimento, ver McLaughlin (2002).

Nevenko E. foi o único que admitiu que houve propaganda nacionalista sérvia via meios de comunicação, porém, sublinhou que as pessoas tinham acesso a outras mídias e que a propaganda, sozinha, não faz a guerra.

Certamente se eu tivesse conversado com mais pessoas desse lado da fronteira, inúmeros seriam os números de páginas desse capítulo, como foram os dos capítulos anteriores. Entretanto, esses relatos não divergem do que ouvi de maneira geral quando estive na RS, e nem da atmosfera que impera nas falas dos políticos da RS, especialmente Milorad Dodik³⁹⁷, e na RTRS (Rádio e Televisão Republika Srpska), que praticamente ignoram que sejam uma entidade dentro de um país, a Bósnia-Herzegovina³⁹⁸, não reconhecem Srebrenica como genocídio, minimizam ou simplesmente negam diversos massacres que ocorreram no decorrer da guerra.

COM OS JORNALISTAS ESTRANGEIROS

Duško T. trabalhou como tradutor, guia, assistente de produção (TV) para *The Washington Post*, ABC, BBC, *The New York Times*, *Le Figaro*, entre outros veículos de mídia. Trabalhou também como pesquisador para o documentário “A Cry from the Grave” (1999), da BBC, sobre Srebrenica, juntamente com Rialda M., que conversei para a pesquisa em Sarajevo, e Hendrina Praamsma, que não

³⁹⁷ Dodik, primeiro-ministro da RS, apesar de hoje representar o supra-sumo do nacionalismo sérvio na Bósnia, apareceu na política nos anos 1990, como representante da Liga dos Reformistas em Banja Luka. Em 1994, durante a guerra, formou um grupo independente no parlamento da Republika Srpska, em Banja Luka, que representava partidos cívicos e outros partidos de oposição ao SDS, que então, recusava-se a aceitar um novo plano de paz proposto, em julho deste ano, pelo Grupo de Contato (formado em abril de 1994 pelos EUA, Rússia, Inglaterra, Alemanha e França). Este plano foi aceito pela Sérvia, mas recusado pelos líderes na Republika Srpska. Dodik é um dos fundadores do SNSD (em 1996), um dos maiores partidos hoje na RS.

³⁹⁸ Cômica, para não dizer trágica, é a sessão da previsão do tempo no telejornal dessa rede de TV, onde o mapa em destaque é o da Republika Srpska (as fronteiras com os países vizinhos e com a Federação são marcadas de modo igual no mapa), e a previsão do tempo refere-se à Republika Srpska e às cidades desta entidade; não menciona, portanto, nem Sarajevo, nem Mostar, nem o país como um todo (tal informação diz respeito ao período em que estive em campo e confere com a situação atual de outubro de 2010).

conheço; e trabalhou como produtor associado para a seqüência deste documentário, “Srebrenica: Never Again?” (2005)³⁹⁹.

É incrível como mesmo após a realização de dois filmes sobre o genocídio em Srebrenica, Duško T. continua dizendo que não foi genocídio o que aconteceu lá... De qualquer forma, vê-se pelos filmes que, de fato, mantivera-se “neutro”, já que sua posição em relação ao que aconteceu não transparece de maneira alguma nos documentários.

Duško T. cobria combates, linhas de frente. Na crise dos reféns, em junho de 1995, foi para Pale, com a ABC, quando os reféns foram libertados. Cobriu também Kosovo, sobre o qual, mais do que omissão, acredita que a cobertura toda foi uma grande mentira.

Vojislav S. começou a trabalhar na Visnews⁴⁰⁰ em 1992, “quando agências internacionais começaram a aparecer por aqui e já achávamos que ia ter guerra”. Ele era câmera e cobria o lado sérvio: “todo o território de Sarajevo, sob domínio sérvio, Banja Luka e Krajina na Croácia, cujo acesso era por Belgrado”. Filmava combates, acordos políticos, ONU, vida etc., “queriam de tudo”. A Visnews, segundo ele, tinha um time em Sarajevo, “onde trabalhavam muçulmanos”, e “nós”, em Pale – o interessante desta frase é que ela revela como a idéia de uma Sarajevo multiétnica absolutamente não existe, eram “muçulmanos” que trabalhavam para os jornalistas estrangeiros em Sarajevo, o que destoa do universo “multi” de pessoas que eu encontrei por lá.

Radul R. conta que trabalharam juntos na RTV Sarajevo (“onde eu ocupava um alto cargo de gerência”⁴⁰¹), depois na Visnews/Reuters TV e, por fim, na AP, onde trabalham ainda hoje.

Radul R. era o produtor, organizava o trabalho, ia a campo, conseguia fotos e imagens de todos os lugares possíveis. No começo cobria somente lugares ao redor de Sarajevo, depois, todos os lugares onde estava o exército da RS (“então

³⁹⁹ Ambos, de Leslie Woodhead.

⁴⁰⁰ Comprada pela Reuters em 1992 e que em 1993 mudou o seu nome para Reuters Television.

⁴⁰¹ Zijad M. me disse que na realidade ele foi porteiro do prédio da televisão por bastante tempo, aí começou a estudar Direito à noite e quando terminou a faculdade foi ser (não tinha certeza) secretário do diretor da RTV.

República Sérvia da Bósnia-Herzegovina e não somente RS”, explica). Acredita que conseguiu o trabalho pois tinha contatos, conhecia pessoas, sabia chegar aos lugares.

Miloš Š. trabalhava para a Tanjug (agência de notícias iugoslava), como correspondente em Banja Luka.

Nevenko E. trabalhava para a agência de notícias local, a Srna, primeiramente em Pale, depois em Lukavica.

GUERRA CIVIL

Pensar a guerra na Bósnia na Republika Srpska leva-nos a pensar menos em termos de Bósnia, mais em termos de Iugoslávia e o esfacelamento desta, onde a JNA aparece como o exército iugoslavo defendendo a integridade do país, ou seja, a Iugoslávia.

Concordam, neste sentido, que a Eslovênia foi a primeira a “atacar” a JNA (Duško T.). Nas palavras de Radul R., “Na Eslovênia, a TO [Defesa Territorial] eslovena atacou o exército e matou mil e seiscentos soldados desarmados. Aí acharam uma solução de paz e foi curto o confronto”⁴⁰².

Em 1991, a guerra na Croácia teria começado quando esta atacou um quartel da JNA em Zagreb e uma vila sérvia (Duško T.). O objetivo da Croácia, segundo Radul R., era expulsar os *iugoslavos* de lá, os *sérvios* estavam apenas defendendo a sua terra e as suas casas⁴⁰³, “os croatas formaram uma forte força militar, tentaram uma, duas ofensivas, e em 1995 destruíram todos os sérvios da Croácia”. E explica: “houve um tempo em que na Croácia vivia quase um milhão

⁴⁰² O sociólogo Bogdan Denitch diz que menos que 50 pessoas, de ambos os lados, foram mortas no que ele chama de “peça de teatro política”, e não, “conflito armado” ou “guerra de libertação”. E foram “tantos”, segundo ele, pois os reservistas eslovenos gostavam de atirar e os soldados da JNA eram inexperientes e mal-treinados. (Cf. DENITCH, 1996, p. 227, 243-244).

⁴⁰³ Grifos meus. Muitos sérvios, segundo ele, se identificavam como iugoslavos. Ou ele confundiu os depois termos, ou utilizou ambos para marcar que, de fato, a Croácia começara uma guerra de independência da Iugoslávia e contra os sérvios que viviam no seu território.

de sérvios; em 1995, mais de 100 mil sérvios fugiram da Croácia e vieram para a RS”⁴⁰⁴.

Na Bósnia, por sua vez, quando Duško T. voltou para Bijeljina, de Belgrado, para comemorar seu aniversário, no dia 31 de março de 1992, já havia na cidade dois “cafés muçulmanos armados”. A guerra começou, “quando o primeiro tiro foi dado. Então, já estavam todos armados. Minha mãe ficou escondida por três semanas, pois seu vizinho, muçulmano, era um ‘macaco’, um ‘primata’, um ‘lobo’”. Lembra-se dos muçulmanos andando pelas ruas de Bijeljina com metralhadoras automáticas, M70, AB2 e *kalaš* (Kalashnikov, ou AK47).

Uma matéria do *Oslobođenje*, do dia 2 de abril de 1992, descreve o início dos combates em Bijeljina do seguinte modo: uma bomba foi atirada no café “Istambul”, ferindo sete pessoas. Após isso, no começo da noite, podia-se ouvir tiros nas proximidades deste café, cujo dono é Izet Ahmičić [nome muçulmano], e do café “Kasino”, cujo dono é Aleksandar Zekić [nome sérvio], onde, dizem, se reúne o Partido Radical Sérvio [*Srpske radikalne stranke*, de Šešelj]. Durante a noite, atirava-se de todos os lados. Há barricadas muçulmanas pela cidade; e nos acessos à mesma, barricadas sérvias (RIFATBEGOVIĆ, 1992, [p. 3?]). Acredita-se que são os grupos paramilitares sérvios de Arkan e de Šešelj e o grupo paramilitar muçulmano Zelene beretke (Os Boinas Verdes) que combatem entre si (M. B., 1992, p. 3).

Duško T. cita também Sijekovac, em Bosanski Brod, no norte da Bósnia, “onde foi a mesma coisa”. Segundo ele, as pessoas começaram a se armar e no dia 26 março de 1992 os muçulmanos massacraram os sérvios.

Em artigo do *Oslobođenje* do dia 29 de março, fala-se que é incerto o número de pessoas mortas no ataque à vila, onde homens mascarados, não se sabe de qual unidade (para)militar (uma testemunha viu o brasão do exército croata na manga da blusa de um deles) destruíram casas, pilharam o que puderam e aterrorizaram a vila, pelo menos doze sérvios foram mortos (MRKIĆ, 1992, p. 1).

⁴⁰⁴ Bideleux e Jeffries apontam que 165 mil pessoas fugiram então da Krajina, quase toda a população sérvia da região (2007, p. 253), esse número pode chegar a 200 mil conforme o relato.

“E em abril, a guerra começou em Sarajevo”, conta Radul R.,

apesar de alguns sérvios usarem para datar o começo dos confrontos, o ataque muçulmano ao casamento sérvio em Sarajevo. Sérvios faziam um casamento na Baščaršija, na igreja sérvia, quando um muçulmano atacou o casamento e matou Nikola Gardović, que foi a primeira vítima da guerra, um sérvio, no dia 1 de março de 1992.

Também no *Oslobođenje* noticiou-se tal acontecimento. Os tiros foram dados no casamento de Milan Gardović, onde seu pai foi morto e um dos convidados, ferido. A polícia anunciou o nome de três suspeitos, dois deles são criminosos e um deles é um “viciado” (Z. Đ., 1992). Após isso, como vimos, barricadas do SDS bloquearam todos os principais pontos de acesso à cidade (BARIKADE..., 1992, p. 1).

Duško T. foi para Sarajevo somente em 1996, pois desde 1993 não se podia ir para “a parte bósnio-croata”. E falou muito de Kosovo, inclusive para ilustrar com dados que testemunhara, o que sabia que acontecia também em Sarajevo...

Segundo ele, “O escândalo que foi 1998-1999⁴⁰⁵” foi na realidade “uma grande mentira”, pois os próprios albaneses fizeram com que as pessoas saíssem de Kosovo para conseguirem a intervenção internacional. Em suas palavras: “O êxodo foi planejado por soldados *šiptari*⁴⁰⁶, que chegaram com armas e fizeram com que a população fugisse de suas casas, causando assim a aparente catástrofe humanitária”.

Citou também o evento de outono de 1998, quando crianças albanesas (*šiptari*) foram mortas: “eles atiravam das casas!”, contou Duško T., e o mesmo acontecia em Sarajevo. As casas aparecem para ele (como para outros) como máquinas de guerra, pois soldados atiravam de casas com civis e crianças e quando os sérvios revidavam: “atrocidades!”, “sérvios matam criancinhas!”, causando comoção internacional generalizada e alcançando assim o objetivo almejado. Além das casas, Duško contou que “os muçulmanos” mantinham um

⁴⁰⁵ Quando a mídia no mundo inteiro divulgou a violência e os massacres contra os albaneses kosovares, que buscaram em massa refúgio na Albânia e Macedônia.

⁴⁰⁶ Apesar de *šiptar* ser o termo em albanês para “albanês”, trata-se de um termo pejorativo e ofensivo quando utilizado por falantes do servo-croata-bósnio-montenegrino.

franco-atirador no hospital de Koševo (bairro em Sarajevo), deste modo, quando os sérvios revidavam, “Oh! Os sérvios são terríveis! Atiram em hospitais!”.

Duško T. falou ainda do horror que foi o ataque ao casamento sérvio, citado acima, “quando muçulmanos mataram um sérvio”. E do ataque “a jovens soldados da JNA, quando saíam do quartel na Rua Dobrovoljačka”, em Sarajevo, no dia 1 de maio de 1992. Para Miloš Š., o ataque a esse comboio militar foi “o evento fatídico que detonou a guerra”.

Tanto Duško T. como Miloš Š. viram de fora os acontecimentos em Sarajevo, ou seja, de Bijeljina ou Belgrado, e de Banja Luka, respectivamente.

Vojislav S., por sua vez, conta:

Estive lá e vi. Sei tudo o que aconteceu em Sarajevo e como foi conduzido esse jogo. Mas não posso falar pelos muçulmanos, pois eles têm outra visão, pensam que a gente recebeu algo deles, o que não faz sentido algum. E dizem: “você não são sérvios, mas sérvios bósnios, o que vocês têm a ver com Belgrado?” Como eles podem dizer como a gente se sente!

Nevenko E. nasceu em Sarajevo, em 1965. Seus pais construíram a casa no bairro de Vraca, onde moraram até 1992. Em Sarajevo, terminou a escola básica, o ensino médio, fez faculdade. Contudo, acredita que Sarajevo nunca foi misturado de fato, pois cada bairro tinha a sua característica. Os sérvios viviam ao redor de Sarajevo, em bairros como Vraca (onde 95% eram sérvios, disse), Trebević, Ilidža e Pofalići. Os croatas viviam em Stup. Em Mojmiló e Dobrinja, havia muitos sérvios e croatas também. E na Baščaršija, Vratnik e Sedrenik, a maioria era bosniac.

E quando chegou o conflito, e todo o tempo da guerra, todas as mídias falavam de um certo cerco a Sarajevo. Mas em Sarajevo, as pessoas viviam como essa xícara [apontou a xícara de café e o pires]. O cerco, como chamam o que aconteceu em Sarajevo, não foi cerco. (Nevenko E.)

O cerco, para ele, era na realidade algo “natural”, já que os sérvios viviam ao redor da cidade. Em suas palavras: “Aqui eram bairros onde a maioria era bosniac [apontou a xícara], ao redor, os bairros de maioria sérvia [apontou o pires]”.

Estávamos em casa. Embaixo eram bairros onde estavam bosniacs. Nos primeiros dias, eu sei, atiravam de cima para baixo e de baixo para cima. E o que você faz quando debaixo alguém atira em você e você está na sua casa? Claro que você revida. Ninguém veio de outra parte e fez campo de batalha. Desde o começo a situação era assim. Esse era o lugar onde os sérvios moravam!

Nevenko E. falava comigo em uma sala onde havia pelo menos mais meia dúzia de pessoas, que participavam às vezes da conversa, concordando com ele, explicando alguma palavra que eu não entendera, ou complementando as informações que Nevenko E. passava.

Além de Sarajevo, “onde não houvera cerco”, além das vilas incendiadas por muçulmanos, como Čemerno, citada por Radul R., ou tomadas por muçulmanos armados, como Bijeljina, antes dos sérvios finalmente dominarem a cidade (Duško T.), também Srebrenica não aconteceu, ou pelo menos, genocídio não é a palavra certa para descrever o que acontecera nessa cidade, já que soldados que foram mortos (Duško T.).

“Soldados de 16 a 70 anos?”, perguntei a Duško. Sim, segundo ele, “os sérvios tomaram a cidade no dia 6 de julho de 1995, mas os muçulmanos continuaram guerreando, não queriam perder. Aí no dia 10 de julho, 12 mil homens armados se dirigiam a Tuzla quando perderam a batalha”⁴⁰⁷, e conclui, “quando é guerra, coisas acontecem, atrocidades acontecem, como aconteceram também contra os sérvios”⁴⁰⁸.

Finalmente, Miloš Š. contou de Banja Luka. Segundo ele, lá também não houve guerra⁴⁰⁹, e explicou que a cidade sempre fora 90% sérvia⁴¹⁰, assim como

⁴⁰⁷ Segundo Bougarel (2007), a maioria dos homens mortos em Srebrenica era sim soldados do Exército bósnio. Explica, contudo, que estavam desarmados e já haviam se rendido quando foram massacrados. São, portanto, retratados como vítimas, e não, como *šehidi* – “This semantic shift underscores the fact that the men of Srebrenica were slaughtered after their surrender and facilitates the presentation of the massacre as part of a genocidal project comparable to the Holocaust” (2007, p. 179).

⁴⁰⁸ De fato, no dia seguinte aos enterros coletivos em Potočari, nas vilas de Zalazje e Kravica, nas proximidades de Srebrenica, a RS rememora as vítimas dos ataques muçulmanos que, em 1992, mataram dezenas de sérvios... Sobre as políticas de rememoração na Bósnia, ver Duijzings (2007).

⁴⁰⁹ Pode não ter havido confronto armado na cidade, mas pode-se dizer que houve sim uma limpeza étnica gradual da sua população não-sérvia. Inúmeras igrejas católicas e mesquitas foram destruídas, e os não-sérvios foram sendo demitidos de seus postos de trabalho (os homens, por se recusarem a se alistarem no exército sérvio). Como já disse mais de uma vez, ser demitido significava, entre outras coisas, risco de perder o apartamento e assistência médica e, em época

toda a Republika Srpska. Em nenhum momento, ele, que é professor de Relações Internacionais em uma universidade local, me falou da limpeza étnica que foi realizada na Bósnia para que, sim, a Republika Srpska fosse Srpska/sérvia, e não, bósnia, como vimos no decorrer desta tese.

MAS, POR QUÊ?

De modo geral, assim como em Sarajevo, a época do socialismo, para eles, foi uma boa época.

“Todos tinham trabalho, podiam se planejar, ganhavam bem. A classe média vivia bem e com alto status. Tinha saúde, educação e moradia para todos. Não havia tensão entre as nacionalidades”, explica Vojislav S..

Radul R., na mesma linha, vai dizer que a Iugoslávia era um dos cinco maiores países do mundo em poderio militar, tinha grandes firmas, desenvolvimento, qualidade de vida. Era liderança entre os países não-alinhados, e não era capitalista. Portanto “certamente alguém temia que esta idéia se espalhasse para o mundo, e isso começou a incomodar. Então começou: ‘vamos provocar as nações que vivem na Iugoslávia, deixemos que elas façam guerra’, e assim foi”, conta Radul R..

Para Vojislav S., as diferenças existiam, mas não, necessariamente, implicavam “tensão entre as nacionalidades”. A tensão quem criou foram os de fora, que possuíam seus próprios interesses – como os americanos, como os mujahidins –, ou seja, “os estrangeiros provocaram para que a Iugoslávia se desintegrasse e prometeram aos muçulmanos um país. Toda essa tensão hoje é porque alguém prometeu algo que é impossível cumprir” (Vojislav S.).

de guerra, risco de passar fome. Empobrecidos e aterrorizados, alguns não-sérvios foram sendo mortos, os demais foram deixando a cidade. Sobre Banja Luka durante a guerra, ver Rieff (1996).

⁴¹⁰ De acordo com o censo de 1991, os sérvios somavam em toda a região de Banja Luka 54% (contando com as vilas ao redor). Se adicionarmos os então autodeclarados “iugoslavos”, que muitos dizem que eram sérvios, mas não sabemos de fato, esse número chega a 66%. Pensando na cidade de Banja Luka somente (sem contar com as vilas ao redor), os sérvios somam 49%. Ou seja, não havia 90% de sérvios nessa cidade. Cf. NACIONALNI..., 1993.

Para Duško T., sim, Milošević é responsável em grande medida pela guerra, mas certamente os EUA estavam interessados que a Iugoslávia se desintegrasse: “Em 1989, com o fim da Guerra Fria, os americanos ganharam, mas o que fazer com tantas armas? Então armaram diretamente a Croácia, em setembro de 1991, e deram dinheiro para os Zelene beretke (Os Boinas Verdes) comprarem armamentos pesados” (Duško T.).

Além disso, também internamente não havia mais interesse em manter a Iugoslávia, explica Radul R., já que partidos nacionais venceram as eleições e, na Bósnia, venceram Izetbegović e o SDA, que eram separatistas e contra a constituição.

A Bósnia-Herzegovina tinha que ter ficado na Iugoslávia ou, de modo pacífico, tinham que ter chegado à divisão do território. Mas alguns queriam a guerra. Izetbegović, especialmente, achava que “500 mil vítimas é pouco se conseguirmos criar o próprio país”, ele fez esta declaração. (Radul R.)

Para Nevenko E., “Tudo bem os eslovenos não quererem mais viver na Iugoslávia. Na Croácia, o mesmo não podia acontecer, pois 25% dos habitantes eram sérvios... Eles não querem viver no seu país, mas você tem que viver no deles?!”.

“Os sérvios queriam manter a Iugoslávia, os outros queriam ter seu país, a guerra foi então inevitável”, conclui Radul R..

A BÓSNIA NÃO EXISTE

Dayton dividiu a Bósnia em linhas étnicas e ponto final. Era isso que os sérvios queriam. A fronteira entre a RS e a Federação existe. Já é história. (Radul R.)

Os sérvios queriam a Iugoslávia. 1/3 não queria a independência da Bósnia. Mas eles eram mais independentes na ex-Iugoslávia do que são agora, que dependem dos americanos. O que se tem hoje não é um país, é uma piada. (Duško T.)

Se “quem é quem” é uma questão em Sarajevo, na RS não há debate: são todos sérvios. Mesmo Radul R., que sempre se pensou como iugoslavo e fora membro do Partido Comunista, quando este perdeu e os nacionalistas venceram, “ficou como sérvio” e viu que precisava ir embora de Sarajevo.

Na Bósnia, segundo Miloš Š., nunca existiu a identidade bósnia, “foram sempre sérvios, croatas e muçulmanos”. Pensava, entretanto, que a Bósnia seria dividida entre a Sérvia e a Croácia, “estranho foi o que aconteceu, e por isso a guerra civil”.

“A Bósnia era Sérvia na Idade Média”, explica Duško T., “Tvrtko Kotromanić⁴¹¹ também. Eram todos sérvios. Aí com os turcos, a Bósnia passou a não existir, a ser uma criação artificial”.

Radul R. data a criação da Bósnia-Herzegovina em 1944, “mais ou menos”, foi Tito que criou, e explica:

Eles fizeram a Iugoslávia dividida em seis repúblicas e duas províncias, e daí as fronteiras entre Sérvia, Croácia, Bósnia etc.. Depois de 80 anos essa fronteira passou a ser a fronteira entre países. Há, porém, umas fronteiras não-originais, como a saída da Bósnia para o mar, 50 km de litoral! – Neum, que era território croata. Hoje a Croácia é dividida e não pode chegar em parte de seu território. Isso é cômico!

Cômico a meu ver é um cidadão da Bósnia (sim, a Bósnia não existe...) não ficar contente que seu país tenha ao menos uma saída para o mar... Além do que, a história de Neum não é bem essa, este território era do império otomano desde final do século XVII e não há nenhuma reivindicação da Croácia no sentido de “voltar” este território para si.

Quanto ao termo “bosniac”, este também não faz sentido na RS, onde continuam chamando os bosniacs de “muçulmanos”⁴¹², que seriam, “na verdade”, sérvios e croatas que se converteram ao islã.

Realmente, o termo “bosniac” gera debate na própria Federação. Senad K., por exemplo, não gosta do termo, pois é um termo antigo, anterior aos turcos, que

⁴¹¹ Tvrtko Kotromanić foi um rei bósnio, na Idade Média, quando a Bósnia viveu um grande apogeu, com quase o mesmo território que tem hoje e grande parte do litoral dalmatino. Sobre a Bósnia na Idade Média, ver Donia e Fine Jr. (1994) e Malcolm (2002).

⁴¹² Exceto Nevenko E..

se referia a todos os habitantes da Bósnia, não somente aos muçulmanos. Nas palavras de Aida Č.,

É incrível como os três grupos tentam provar como têm separadamente uma história antiga, escolhendo nomes arcaicos. O termo “bosniac” é bósnio antigo. “Bosanac” [bósnio] é um termo recente, do século XIX. Todos eram bosniacs, hoje somente os muçulmanos, pois acreditam que são eles os bósnios ou bosniacs. Assim como “Republika Srpska”, que faz parecer algo antigo, mas é um total mau uso da língua, pois não existe tal construção gramatical na nossa língua – em sérvio, em bósnio e em croata – deveria ser Srpska Republika⁴¹³.

E claro, a língua bósnia também não existe. Na RS, a língua que se fala é o sérvio, e não o bósnio.

Aqui nessa região se fala uma língua que se chama sérvia e a variante servo-croata, isso já há mil anos. Tem *ijekavica* e *ekavica*. Nunca existiu a língua “bósnia”. Aqui vivem sérvios, croatas e muçulmanos. Sérvios não falam *srbijanski*, falam *srpski*. Croatas falam croata e croata-sérvio. Os muçulmanos tentam fazer algo misturado, sérvio e croata, croata e sérvio. (Radul R.)

Nessa afirmação (a título de esclarecimento), *srpski* ou sérvio é o nome da língua, ou o adjetivo para tudo que é sérvio. *Srbijanski* seria o termo para aquilo que é da Sérvia (o país). Radul, no caso, menospreza o termo *bósnio* para a língua, explicando que não faz sentido chamar uma língua com o nome do que é do país, pois a língua é algo maior do que isso. Na concepção dele, a língua é algo do povo sérvio (ou *srpski*) e croata (ou *hrvatski*), e o bósnio só existe enquanto território, e não enquanto nação e não enquanto língua, portanto. Há sim, segundo ele, “uma invenção da língua. Mas isso é política. Como fizeram o país, agora tentam fazer a língua. Como se no Brasil quisessem fazer a língua brasileira”.

Por fim, a Bósnia não existe como país para os sérvios da RS, pois, entre outros motivos, simplesmente não há mais sérvios na Bósnia (ou na Federação).

Todos esses homens com quem conversei na RS citaram números para demonstrar como não há mais sérvios em Sarajevo, como a cidade mudou, e como isso é um fato,

⁴¹³ Em bósnio-sérvio-croata, o adjetivo sempre precede o substantivo. Republika (República), no caso, é o substantivo, Srpska (sérvia), é o adjetivo. Até a reforma lingüística de Vuk Karadžić, no século XIX, quando foi estabelecido que a partir de então “escreve-se como se fala”, pode-se encontrar textos onde a ordem adjetivo/substantivo está invertida, como em “Republika Srpska”.

Chegou-se à divisão étnica do território, sabe-se onde cada um vive: sérvios, croatas e muçulmanos. A guerra que aconteceu aqui de 92 a 95 produziu isso. Em Banja Luka não é bom para muçulmano, assim como Sarajevo não é bom para sérvio. Os sérvios não se sentem seguros em Sarajevo. (Radul R.)

E vê-se essa mudança em todos os meios. Na televisão – BHT e FTV⁴¹⁴ – “antes eram 40% muçulmanos, 40% sérvios e 20% croatas. Hoje 5% são croatas e sérvios” (Radul R.).

Sarajevo hoje é muçulmana (Duško T., Radul R.).

Há alguns sérvios de Sarajevo Oriental que vão lá só para trabalhar, pois tem que haver paridade entre sérvios, croatas e muçulmanos. De qualquer modo, 2% da cidade hoje é de sérvio e croata, o resto é muçulmano. Antes, era a terceira maior cidade da Iugoslávia em número de sérvios, 175 mil sérvios viviam em Sarajevo⁴¹⁵, ou 30%. Era Belgrado, Niš e depois Sarajevo. Hoje talvez haja ainda 50 mil sérvios, mas em Istočno Sarajevo – Lukavica e parte de Dobrinja – e talvez alguns, em outros bairros. Em Grbavica não há mais. (Radul R.)

Nevenko E. vê a cidade como 95% bosniac, incluindo Vraca, onde morava, que segundo ele, “era 95% sérvio, e hoje é 95% bosniac”.

Vieram muitos bosniacs de áreas rurais (o mesmo aconteceu em Banja Luka, para onde foram sérvios de áreas rurais). Sobraram poucas famílias sérvias lá. Antes eram 50%, os sérvios em Sarajevo. (...) Muitos velhos ficaram, pois não têm para onde ir. Alguns voltaram por causa dos imóveis, para venderem e então comprarem na RS. Mas não há vontade de voltar. As pessoas não se sentem em casa, não se sentem parte da cidade, assim como os bosniacs que saíram de Banja Luka, Bijeljina e outras partes da Bósnia. Bosniacs dizem que os sérvios foram forçados a saírem por Krajišnik, ele pode sim ter tido influência política, mas as pessoas saíram por medo mesmo e sentimento de não-pertença. (Nevenko E.)

Quando estive em Belgrado, conheci várias pessoas da Bósnia que, quando eu dizia que morava em Sarajevo, sorriam e diziam que também eram de Sarajevo ou de outra cidade bósnia.

Entre estas, conheci Sanja, uma garota de uns 28 anos, da cidade de Trebinje. A cidade de Trebinje é uma cidade no sul da Herzegóvina, próxima da

⁴¹⁴ Televisão da Bósnia-Herzegóvina (*Televizija Bosne i Hercegovine*, BHT) e Televisão da Federação (*Televizija Federacije Bosne i Hercegovine*, FTV).

⁴¹⁵ Pelo censo de 1991, viviam 157143 sérvios em Sarajevo, ou 30%. Este número engloba as municipalidades ao redor da cidade: Ilijaš, Pale, Hadžići, Trnovo e Vogošća. Cf. NACIONALNI..., 1993, p. 7.

divisa com Montenegro e Croácia, hoje na RS. Pelo censo de 1991, possuía população majoritária sérvia, com uma minoria significativa de muçulmanos, croatas, iugoslavos e “outros”. Trebinje foi utilizada como base da JNA para atacar Dubrovnik na guerra na Croácia em 1991. Segundo Kapić (2000), a população não-sérvia foi expulsa do território durante a guerra, muitas propriedades foram saqueadas e destruídas e homens foram detidos.

Sanja era namorada de Gustavo, um brasileiro que mora em Belgrado, que antes de nos apresentar, contou que sua namorada era de Trebinje, e disse: “Sabe? Em Trebinje foi tranquilo, não teve limpeza étnica, não teve conflito, os muçulmanos saíram de lá porque quiseram”. Depois ele pensou um pouco e falou que foi melhor assim, pois certamente se eles não tivessem saído, teriam sido mortos ou expulsos...

Gostaria somente de saber o que eles acham que é limpeza étnica e o que eles acham que leva pessoas a “quererem” deixar suas casas, vidas, pertences, tudo, para simplesmente irem embora para outro lugar.

Sanja é da RS, em nenhum momento disse que é da Bósnia. Perguntei se ela se considera bósnia, ela disse que não, é *Srpkinja* (sérvia)⁴¹⁶, e falou, “os bósnios são burros!”. Quando brinquei que namorava um muçulmano, ela ficou perplexa, e disse para eu dispensar o muçulmano, pois ele ia tentar me converter e eu passaria o resto da vida fazendo *pita*.

Ioannis Armakolas (2007), que conduziu pesquisa de campo em Pale em 1999, afirma que a produção do espaço é um componente necessário para o sucesso do discurso nacionalista. A produção da RS se deu, nesse sentido, a partir da criação de um território físico e distinto, dentro da Bósnia, e pela produção de um universo simbólico, que o dotava de sentido, nacional e estatal. Em suas palavras:

⁴¹⁶ Aqui há uma diferença de como se denomina sérvios e sérvias da RS e da Sérvia. Na RS, são eles *Srbin* e *Srpkinja*, na Sérvia, *Srbijanac* e *Srbijanka*. Os dois primeiros termos, assim como o termo *srpski* possuem o sentido daquilo que é sérvio, ou *srpstvo*, sendo termos supra-estatais. Os termos *Srbijanac* e *Srbijanka* significam aquele ou aquela que é da Sérvia (o país).

For the years of the war and the early post-war period these people [da RS] would be informed by the foreign news section of their media about what was happening in the “neighbouring” state of Bosnia-Herzegovina, they would be taught in schools and universities about the geography of their country, the RS, and they would go about their everyday lives without encountering any signs of the Bosnian state or administration. Thus, for a population that had tried to resist the disintegration of Yugoslavia, the “disappearance” of Bosnia, and the appearance of “former Bosnia-Herzegovina”, came as a natural development, something that did not need to be disputed because it was evident in their daily lives. (2007, p. 82)

As coisas na Bósnia estão realmente divididas e essa realidade não dá para negar. Banja Luka e Republika Srpska não querem saber de Sarajevo e têm esse direito. (Miloš Š.)

Sarajevo, para os sarajevanos, mais do que apenas uma cidade, sempre foi símbolo da tolerância e do multiculturalismo da Bósnia, manifestos na frase “nunca foi importante quem é quem”, apesar de hoje ser e de admitirem que a cidade nunca fora tão muçulmana (bosniac).

A surpresa da guerra, “já que esta poderia acontecer em qualquer lugar, exceto em Sarajevo”, como ouvi diversas vezes, foi a primeira agressão a esta “mentalidade urbana” e “tolerante”, para usar os termos que ouvia em campo.

Após quase quatro anos de guerra e cerco a Sarajevo, o Acordo de Dayton é visto, portanto, como um prêmio aos “agressores” e à sua política de limpeza étnica, pogroms e genocídio, pois marco definitivo da divisão da Bósnia em duas (ou quase três) “entidades étnicas”.

Baseado numa concepção de “multiculturalismo”, segundo a qual importa sim quem é quem, o acordo de paz colocou fim à guerra, mas institucionalizou as diferenças, e apenas algumas delas. As pessoas são classificadas de acordo com a sua pertença étnico-nacional e devem se identificar de acordo com estas para votarem, para se candidatarem, para concorrerem a empregos que possuem como preceitos a paridade étnico-nacional em seus quadros. Ou seja, em uma cidade em que ninguém sabia quem era quem, onde grande parte dos

casamentos era misto (em torno de 30 a 40%) e onde muitas pessoas eram atéias ou simplesmente não-religiosas, todos passaram a ter que se identificar como sérvios, croatas, bosniacs ou “outros”. Todavia, não há lugar na política, por exemplo, pelo menos nos cargos mais altos, para esses “outros”, sejam eles judeus, ciganos ou outras minorias locais, e não há lugar para ateus, bósnios e pessoas que preferem não se denominar de modo algum, já que as nacionalidades sérvia, croata e bosniac estão intrinsecamente ligadas às adscrições religiosas cristã ortodoxa, católica e muçulmana.

Políticas de união, vistas muitas vezes como imposições na Republika Srpska, são vistas em Sarajevo como reflexos da divisão, já que geralmente baseadas no reconhecimento de tais diferentes grupos na esfera pública.

A institucionalização das diferenças, vista com incômodo em Sarajevo, não é colocada em questão na RS, afinal, “as diferenças existem e sempre existiram” e ninguém questiona quem é quem deste lado da fronteira.

O Alto Representante das Nações Unidas, cargo existente desde 1995, supervisiona o cumprimento do Acordo de Dayton (cujo anexo 4 nada mais é que a Constituição da Bósnia-Herzegovina), controla para que haja algum consenso entre as partes e possui altos poderes. Deste modo, políticas integrativas, como a união da moeda e do modelo das placas de carro, a unificação do exército, e ainda, um tribunal de justiça no âmbito do estado, e não das entidades, a regulamentação da indústria farmacêutica, entre outras políticas (Dražen S.), foram realizadas⁴¹⁷. Um acordo em relação aos feriados nacionais, ainda não.

⁴¹⁷ A primeira reforma realizada pelo Alto Representante da ONU foi a da unificação do dinheiro, pois havia o dinar iugoslavo na RS, o dinar bósnio, na Federação e em Sarajevo, e o kuna, moeda da Croácia, em áreas de maioria croata da Federação, sendo o marco alemão a única moeda comum (Cf. HAYDEN, 2000). A reforma monetária unificou o dinheiro utilizado na Bósnia em KM, ou marcos convertíveis, e trouxe para cada valor, dois modelos de figuras, uma de algum escritor sérvio, outra de algum escritor muçulmano ou croata, em latino e cirílico, exceto a nota de 200 KM, com Ivo Andrić, considerado sérvio pelos sérvios, croata pelos croatas, e bósnio pelos bósnios e bosniacs (ver fotos anexas, p. 426-428). Depois desta reforma, veio a da unificação do passaporte e a da carteira de identidade. Depois, foi a da placa dos carros, formada por 3 números, 1 letra e 3 números, nessa ordem (por exemplo, 345M783; as letras do meio são sempre A, E, K, M, T ou J, pois coincidem no alfabeto cirílico e latino) – antes, as placas dos carros traziam a sigla da cidade. Os carros devem ter ainda o adesivo “BiH”. De fato, estas reformas foram apontadas por muitos como positivas, pois contribuíram para aumentar a circulação das pessoas entre as entidades, tanto da Federação para a RS, como da RS para a Federação, como veremos (Cf. ARMAKOLAS, 2007; Cf. BOUGAREL, HELMS, DUIJZINGS, 2007, p. 8-9; ELDINA B., entre outros).

O dia 24 de novembro na Federação é o Dia da Pátria, feriado nacional que marca a fundação da República da Bósnia-Herzegóvina em 1943 por Tito. Mas não é na Republika Srpska, que comemora alguns dias antes o 21 de novembro, dia do Acordo de Dayton (ou Dia do Estabelecimento da Estrutura Geral do Acordo de Paz na Bósnia-Herzegóvina/*Dan uspostave Opšteg okvirnog sporazuma za mir u Bosni i Hercegovini*), quando foi reconhecida a Republika Srpska, data não comemorada na federação.

Esse fato é interessante se compararmos com a posição de vários dos entrevistados de Armakolas (2007, p. 83), em Pale, em 1999, que consideram o acordo um evento traumático, pois separou os sérvios-bósnios da Sérvia. Milošević, nesse sentido, é visto como um traidor, que sacrificou os sérvios da Bósnia para ter as sanções ao seu país abolidas. Armakolas, entretanto, nota que em 2002, as pessoas já estavam olhando com outros olhos para o acordo, ou seja, como uma linha de defesa para a preservação da RS como entidade separada e “quase-autônoma” dentro da Bósnia (2007, p. 97). De fato, não sei como se deu essa mudança de percepção, de qualquer forma, com a instauração dos *Bonn Powers* em 1997 e diante do risco de deixarem de ser “entidade” para serem reintegrados a uma Bósnia una, o Acordo de Dayton, do modo como foi estabelecido em 1995, parece ser mais interessante do que um futuro incerto “em um país governado pelos muçulmanos”...

O país, deste modo, existe em sua possibilidade e em sua utopia em Sarajevo e em partes da Federação, dado que alguns croatas da Federação reivindicam uma entidade própria na Herzegóvina e posto que o apego dos sarajevanos à integridade territorial, por sua vez, é e foi muitas vezes visto como reivindicação de um estado nacional muçulmano.

Posto isso, ainda se discute a criação de uma terceira entidade, a croata, que teria o aval da ONU, segundo conversa que tive com o consultor de Miroslav Lajčák, então Alto Representante das Nações Unidas para a Bósnia-Herzegóvina⁴¹⁸. Muitas escolas estão divididas, em um mesmo prédio algumas vezes, histórias e línguas distintas (sérvio, croata ou bósnio) são ensinadas.

⁴¹⁸ Entrevista com József Pandur, realizada em 16 de abril de 2008, em Sarajevo.

Poucos são os partidos políticos multiétnicos (ou cívicos ou não-nacionais, como os chamei anteriormente). A propaganda partidária ainda se dá em termos nacionais⁴¹⁹, como “Lute pelos seus” (*Izborimo svoje*), propaganda do HDZ (*Hrvatska Demokratska Zajednica*, União Democrática Croata), partido croata, ou “Minha casa *srpska*”⁴²⁰ (*Moja kuća srpska*), do SNSD (CHСД, *Savez nezavisnih socijaldemokrata*, Liga dos Social-Democratas Independentes), partido de Milorad Dodik, primeiro-ministro da Republika Srpska⁴²¹. Ou seja, não há consenso sobre o que aconteceu. Não há verdade a ser mostrada.

Segundo Miloš Š, tudo o que eles querem na RS, neste momento, é o cumprimento do acordo, ou seja,

a manutenção da RS enquanto entidade separada e autônoma, com amplos poderes, e que as coisas não sejam centralizadas em Sarajevo, porque Silajdžić quer acabar com a Republika Srpska: *to cancel Serbs and Croats and seize the country*.

Para Miloš, Dodik é um bom político, que está cumprindo o que prometeu. Disse que ia lutar pela existência da RS e que ia melhorar a economia, e, de fato, está fazendo os dois. As histórias que ouvi em Sarajevo, de que Dodik havia feito muito dinheiro na guerra com o tráfico de cigarros, para além do fato de que ele é um nacionalista clássico, não entram em questão.

Inúmeras vezes ouvi o exemplo do jogo de futebol – inclusive em Sarajevo. Se o time da Bósnia jogar contra a Sérvia, eles torcem pela Sérvia, se o time da Bósnia jogar contra a Croácia, eles torcem pela Croácia. Ou seja, eles torcem sempre para qualquer adversário da Bósnia. Miloš contou que Dodik chegou a dizer isso na televisão, e que afirmou que só torceria a favor da Bósnia se ela jogasse contra a Turquia.

⁴¹⁹ Esses exemplos são da campanha eleitoral para as eleições locais que aconteceram no dia 5 de outubro de 2008.

⁴²⁰ Como chamei a atenção anteriormente, “Srpska” se refere ao que é sérvio, e não, ao que é da Sérvia, mas também não ao que é da Bósnia, ou de todos.

⁴²¹ Como afirmei anteriormente, a Bósnia-Herzegovina é governada por uma presidência colegiada rotativa formada por um membro de cada uma das três principais nacionalidades, sérvia, croata e bosniac. A Federação e a Republika Srpska possuem cada uma seu primeiro-ministro e seus próprios ministérios.

O Acordo de Dayton é, deste modo, um mal necessário para a RS, pois apesar de colocá-los como entidade na Bósnia e forçar políticas de união mal vistas, reconheceu a RS.

Nas palavras de Vojislav S.,

Os muçulmanos, croatas e sérvios que devem pensar como tem que ser o país, e não as coisas que os estrangeiros metem aqui, assim não dá, pois não há vontade de sermos uma nação, mas outra coisa, e isso não pode na visão deles. Para mulher e marido viverem juntos, eles têm que conversar, concordar, acordar, se só um impõe sua vontade, não tem como durar.

Há, nesse sentido, um debate, e mesmo uma batalha política na RS para que Dayton seja o que ele realmente é, ou o que fora um dia (antes de tais reformas), ou seja, uma carta que concede quase-independência às entidades, já que até 1997, as entidades possuíam moedas próprias, exército próprio etc.. Atualmente (escrevo isso em junho de 2010), em face deste contexto, a RS ameaça realizar um referendo sobre a legitimidade do poder decisório e de atuação do Alto Representante da ONU. O que me parece, entretanto, vindo de fora, é que o governo da RS está sempre causando algum tipo de polêmica que faz com que a questão dos direitos do povo sérvio esteja em posição de destaque, ainda mais em um momento pré-eleições de outubro de 2010. (Dražen S. lembra, por exemplo, que Dodik, do mesmo modo, venceu as eleições de 2006, prometendo que iria realizar um referendo para a independência da RS...)

Ou seja, os termos do debates são sempre os mesmos, especialmente na RS: proteger a nação. Medo e suspeita ainda são a ordem do dia. E certamente, lembrando as eleições de 1991, as pessoas continuam votando em linhas nacionais, pois acreditam que os outros farão o mesmo.

IR A SARAJEVO

Podemos concluir pelos relatos acima, que os argumentos são muito fortes, a visão a respeito da guerra é antagônica ao que se ouve em Sarajevo e os projetos políticos divergentes, não obstante, isso não atrapalha em nada a convivência dos lados.

Lembro-me de um momento, durante a conversa com Elvis B., em Sarajevo, quando ele falava com Radul R. sobre trabalho pelo telefone, e comentei que o conhecera, ele riu e exclamou: “Radul Karadžić Radovanović!”. A associação simbólica de Radul a Karadžić não impede, todavia, que trabalhem lado a lado muitas vezes, como naquele dia, que haviam passado juntos em Pale⁴²².

Radul R., Ognjen B., Vojislav S. e muitos outros que moram em Lukavica ou Pale vão a Sarajevo, a trabalho, ou a passeio.

O dono do apartamento onde eu morava, de ascendência sérvia, esteve em Sarajevo durante todo o cerco, mas me contou que vai à faculdade em Lukavica encontrar amigos para tomarem café. Goran conheceu sua namorada, que mora lá, quando foi encontrar um desses seus amigos.

Ou seja, as pessoas circulam. De Sarajevo para a RS, da RS para Sarajevo.

Radul R. trabalha para a AP, a mesma AP que Aida Č. é chefe. Durante a guerra, Aida Č. falava com Julijana, a fixer da AP em Belgrado, que falava com Radul R., em Pale, para este lhe conseguir coisas que, via jornalista estrangeiro, chegava a Sarajevo. Contou rindo do dia em que pediu um alicate de unha para Radul e absorvente higiênico, e que “a senha” para absorvente era “com abas” ou “sem abas”, aí ele já sabia. Contou que ele mandava comida, perfume e tudo que ela precisasse, porque era muito mais fácil conseguir as coisas em Pale do que em Sarajevo. Estive com Radul R. em Pale. Ele não me disse nada de Aida, nem que telefonara para ela perguntando de mim (o que fiquei sabendo por Aida).

⁴²² Radul R. é Radul Radovanović. Radovan Karadžić foi o líder dos sérvios bósnios durante a guerra, e hoje está sendo julgado por crimes de guerra e genocídio em Haia. Colocar “Karadžić” como nome do meio de Radul foi certamente uma piada e uma citação.

Talvez, falar de Aida fosse contradizer seu relato ressentido em relação aos muçulmanos, que os expulsaram da cidade e colocaram sua vida e de sua família em risco. Ou, simplesmente, eram colegas de trabalho, e como tal, era natural que ele lhe enviasse algo, se precisasse.

Essas relações não contradizem as posições políticas que tais pessoas ocuparam no conflito, posições estas que ainda mantêm, ao menos no discurso, embora as práticas sejam diversas.

Ninguém me falou sobre ódio, ou qualquer termo do gênero. Para Nevenko E., o que não existe é confiança entre as nações (*narod*), “há medo da traição, pois é um fato histórico que bosniacs e croatas ao longo da história fizeram algo ruim contra sérvios”, embora possa haver confiança entre indivíduos, “conheço muitos bosniacs e croatas que talvez me ajudariam mais do que um sérvio”.

Armakolas (2007), em sua pesquisa, nota a especificidade de Pale e Istočno Sarajevo (Sarajevo Oriental) na RS, dado a proximidade de Sarajevo e a distância de Banja Luka e Belgrado, que poderiam ser cidades mais atrativas para estas pessoas. Há alguma oferta de trabalho em Sarajevo, se comparado com outros lugares, e muitas organizações internacionais têm sua sede nessa cidade, tornando-a atrativa às pessoas que moram lá perto⁴²³. E mais, ex-sarajevanos que deixaram a cidade no começo ou logo após a guerra, que simpatizam com o “modo urbano” de vida que Sarajevo proporcionava antes da guerra e de algum modo ainda proporciona hoje, vão à cidade passear e tomar café; ou, como tiveram suas propriedades – abandonadas durante a guerra – restituídas, voltam para vendê-las, trocá-las, ou mesmo, para viver nelas novamente. (Durante a guerra, como mencionei em algum momento anterior, as pessoas abandonaram suas casas e ocuparam outras em toda a parte na Bósnia, o mesmo se verificando em Sarajevo e Pale/Istočno Sarajevo. Com o fim da guerra, a troca de casas teve

⁴²³ Cito as organizações internacionais, e poderia também citar órgãos do governo, pois devem respeitar a paridade étnica nos seus quadros. Meldijana A., por exemplo, acredita que precisaria haver paridade também nas empresas privadas, já que com a política de retorno dos refugiados, um dos principais problemas que estes encontram é a falta de trabalho, “podem até ter suas casas restituídas, muitas vezes reconstruídas, mas não há emprego, então, o que fazer?”. Pelo que ouvi em Sarajevo, não há emprego nem para os locais, muito menos, imagino, para os retornados, que fugiram ou foram expulsos de suas casas durante a guerra, casas estas, hoje, na outra entidade – ou, na entidade do “outro”.

que ser oficializada de algum modo, seja pela compra/venda, seja pelas trocas, comuns durante o socialismo, comuns ainda hoje).

Porém, segundo Armakolas,

This should by no means necessarily be understood as an emotional reconnection of the divided people of Sarajevo, however. The war and its causes have left deep rifts which will hardly be overcome by forcing people together. The issue of security is still there for the Serbs, even those who have happily embarked on a new experience in the city. Security remains important, both as a factor in itself and for communicating difference. (2007, p. 98)

APÊNDICE: Sobre o Kosovo, pela televisão

Nós voltaremos para o Kosovo. E o que os *šiptari* fizeram para os sérvios, vão receber de volta em dobro. (Duško T.)

Dias que passam⁴²⁴. Sarajevo, 23 de fevereiro de 2008 (sábado).

No domingo (17/02/2008), acompanhei pela televisão a reunião do parlamento kosovar em que aprovaram a declaração de independência do Kosovo por unanimidade⁴²⁵. A declaração falava de paz e respeito às minorias. Veio seguida (na televisão) do pronunciamento de Boris Tadić, recém-eleito presidente da Sérvia, rechaçando a independência, ou melhor, “a declaração unilateral de independência”.

Na segunda-feira (18/02/2008), continuei vendo televisão: os Estados Unidos e os “principais países” da Europa reconhecendo a independência, e a reunião do Conselho de Segurança da ONU, onde Tadić, mais uma vez, se pronunciou contra a independência, assim como a Rússia e a Espanha.

Os argumentos utilizados pelos que são contra é o precedente a outras independências (inclusive, alguns dizem, a independência da própria RS). Os argumentos a favor é que a independência é algo inevitável e, como Condolezza

⁴²⁴ “Dias que passam” é o nome do meu caderno de campo.

⁴²⁵ As proclamações anteriores de independência não tiveram valor legal, pois Kosovo não tinha até então nem eleições, nem parlamento legítimo, entre outros elementos da jurisprudência nacional/internacional, que não é o caso debater aqui.

Rice, então Secretária de Estado norte-americana, disse ontem nos EUA, “1389 é muito tempo, a história da Sérvia tem que seguir em frente, como também a de Kosovo”, afirmando ainda que a independência do Kosovo não interferirá na estabilidade dos Bálcãs, inclusive pode contribuir para a sua estabilidade. A Croácia, igualmente, disse algo do gênero e reconheceu a independência.

Conversei com Musa, meu padeiro, kosovar. Ele estava muito feliz, com um grande sorriso no rosto, algo que, apesar dos bósnios fazerem piadas e brincarem uns com os outros o tempo todo, é difícil de ver por aqui. Vejo risadas, mas não sorrisos constantes. Musa disse que estava feliz por causa de Kosovo, e que a Sérvia vai ser só Belgrado daqui a um tempo, pois logo logo vão perder também a Voivodina.

Continuei vendo televisão. Zapeando os canais. Procurando informação sobre a posição da Bósnia e encontrando muito pouco. Somente a declaração de Željko Komšić (do SDP), presidente da presidência Bósnia, formalmente membro croata da presidência, mas de fato, eleito, segundo Amira S. (entre outros), pelos sarajevanos⁴²⁶. Komšić disse que não será agora que a Bósnia irá reconhecer a independência. No jornal impresso, Komšić explicou que a Bósnia não reconhecerá a independência em respeito à quase metade da população do país⁴²⁷.

Conversando pela cidade, sinto que as pessoas vêem a independência como um fato consumado, mas não se posicionam formalmente nem contra, nem a favor, ou contra os sérvios, como eu até poderia esperar. Dizem que é isso, e

⁴²⁶ Komšić foi eleito em outubro de 2010 novamente, por esmagadora maioria: 59% dos votos. O que pode ser visto com bons olhos, dado que o SDP é um partido considerado “multiétnico” ou não-nacional, pode ser visto também com maus olhos, dado que bosniacs são maioria na Federação e elegeram mais uma vez tanto o candidato bosniac à presidência, como o candidato croata, fato este, podendo ser interpretado, como o é, por lideranças croatas bósnias, como abuso do poder de voto da maioria (bosniac).

⁴²⁷ Elvis B., assim como muita gente em Sarajevo, concorda com a posição de Komšić. Em suas palavras: “Não podemos reconhecer. Não é o momento. Depois será o País Basco, depois a Catalunha, e [disse um palavrão] imagine o que será de nós se reconhecerem a independência, uma catástrofe! Mas sabe o que vai me acontecer agora quando eu for para lá de novo? Vai me parar o policial albanês e perguntar: ‘por que vocês não querem reconhecer Kosovo?’. E eu vou responder: ‘agora você tem o seu país, tudo bem, mas eu não quero arriscar o meu país por causa disso, seu idiota!’. Porém, eu te digo, eu tenho a sensação de que este lugar que se chama Bálcãs Ocidental, só pode funcionar, de modo correto, no princípio que funcionava a ex-Iugoslávia”.

ponto. E que a Sérvia vai fazer barulho, mas pouco poderá de fato fazer. Segundo Valida V., “se tem algum lugar que é da Sérvia por direito, esse lugar é o Kosovo, e a Sérvia vai perdê-lo também”.

Bom, vendo televisão na quinta-feira (21/02/2008), o Canal 99 da Federação passou e repassou dezenas de vezes a manifestação contra a independência em Belgrado, com os pronunciamentos de Vojislav Koštunica, presidente da Sérvia, de Tomislav Nikolić, rival derrotado de Tadić nas eleições presidenciais da Sérvia (considerado nacionalista, membro do SDS), de Emir Kusturica, diretor bósnio de cinema – que dizem que mudou de nome, chama-se hoje Nemanja⁴²⁸ e teria virado sérvio (e que sempre vi como porta-voz de uma mensagem de paz e do *non-sense* das guerras na Iugoslávia) –, e de Milorad Dodik, primeiro-ministro da Republika Srpska.

Mais precisamente, as falas de Kusturica e de Dodik me deixaram impressionadas, particularmente porque vindas de dois “bósnios”. Kusturica falou do “direito dos povos à sua mitologia”, no caso, ao Kosovo, e que não poderiam negar isso à Sérvia. Terminou o discurso com um “viva a Sérvia, viva o Kosovo” (“živjela Srbija, živjelo Kosovo”). Dodik falou da Republika Srpska, “Republika Srpska é Sérvia, Sérvia é Republika Srpska”, “que nos ajudemos mutuamente”, “Kosovo é Sérvia” e “viva a Sérvia!” (“živjela Srbija!”). Disse que sim, estão na Bósnia, mas isso não quer dizer nada. Falou mais do pertencimento da entidade à Sérvia do que de Kosovo propriamente. Ignorou a existência da Bósnia como um todo e disse que a RS não apóia a independência do Kosovo⁴²⁹.

Os pronunciamentos foram seguidos por uma manifestação, que se dizia pacífica, mas foi uma demonstração violenta, com queima de carros e ataque às embaixadas dos EUA e da Croácia, que haviam reconhecido a independência. Nos noticiários, falava-se da demonstração da população, mas não se falou muito dos pronunciamentos, que, a meu ver, incitaram a violência.

Após ver isso na televisão, continuei zapeando. Os canais mostravam mais ou menos a mesma coisa, quando não seguiam sua programação de rotina.

⁴²⁸ Nemanja é um nome típico sérvio; Emir, um nome comum entre muçulmanos.

⁴²⁹ E de fato, manifestações contra a independência do Kosovo ocorreram também na Republika Srpska, em Pale e em Istočno Sarajevo.

Resolvi colocar no canal da Sérvia, o RTS, e eis o que vejo: um extenso documentário sobre o *Dan mladosti*, o Dia da juventude, celebrado no mesmo dia do aniversário de Tito, aliás, o aniversário de Tito celebrado no mesmo dia do *Dan mladosti* (25 de maio)⁴³⁰. Foi um longo programa, que mostrou inclusive a menina de Kosovo, em 1987, entregando o bastão para o presidente da presidência iugoslava – o que achei simbólico frente aos acontecimentos do dia. Aquelas músicas patrióticas, a igualdade e união entre as nações e nacionalidades da Iugoslávia, os pioneiros, a coreografia, a presença do Exército nacional (JNA), enfim: Tito, Kosovo, Belgrado, todos ali, unidos.

Nos seis meses que estou aqui ainda não tinha visto nenhum documentário do gênero na televisão. E se não bastasse, na sexta-feira, outro documentário sobre Tito, na mesma RTS. Documentários louvando basicamente, e não analisando nada.

A Sérvia sempre argumentou, e conversando com alguns sérvios da RS pude ouvir a mesma história, que a luta da Sérvia, desde o começo, foi pela Iugoslávia, e não, pela Grande Sérvia. Guerra civil foi a sua consequência, e não, agressão, “como a Bósnia gosta de falar”. E vi nesse sentido, o motivo da emissão destes documentários, louvando a ex-Iugoslávia.

De fato a independência de Kosovo abre um precedente internacional. Pela primeira vez desde a criação dos estados nacionais após a queda dos impérios multinacionais em finais do século XIX, começo do XX, cria-se um Estado em uma região que historicamente pertence a outro Estado (Kosovo passou a pertencer oficialmente à Sérvia após sua (re)conquista pela Sérvia, em 1912, nas Guerras Balcânicas). Para a Sérvia é como amputar um pedaço de si. Para a Bósnia, é a possibilidade de que a RS proclame também sua independência e, quem sabe, seja “dada” à Sérvia em troca do Kosovo que perderam.

Tenho a sensação, entretanto, que Kosovo será sempre independente e será sempre sérvio. Como isso se dará na prática, veremos⁴³¹.

⁴³⁰ Sobre o Dia da Juventude, ver Capítulo 2, desta parte.

⁴³¹ Em 22 de julho de 2010, a Corte Internacional de Justiça considerou legal o pedido de independência de Kosovo (dizendo que este não viola o direito internacional). Para a independência ser ratificada são necessários, no mínimo, 100 votos a favor e nenhum veto dos

No BONDE em Sarajevo. Encontrei Sanela, a filha de Seka, minha vizinha. Tão linda e tão triste. A tristeza dela me perturba. Sempre com um sorriso que não sorri, pela metade. Ela me disse que sua mãe lhe falou que eu estava em Belgrado. Sim, concordei, e perguntei se ela já havia estado lá. Ela disse que sim, “*prije*” (antes), e sorriu pela metade de novo, explicando, “tudo aqui se divide em *prije* e *poslije* (depois)”. (Dias que passam, 27 mar. 2008)

Fui para Belgrado uns 20 dias depois da declaração de independência do Kosovo e presenciei uma manifestação contra a independência⁴³². Foi uma manifestação tranqüila, sem violência e com muitas canções patrióticas. A manifestação começou em uma das praças no centro e seguiu por uma das largas avenidas principais da cidade, reunindo milhares de pessoas – de todas as idades e “tipos” (jovens com orelha furada, cabelo pintado e coturno, meninas bonitas e maquiadas etc.).

Havia um pessoal carregando faixas e cartazes com dizeres como “Косово је Србија” (Kosovo é Sérvia), “Бог чува Србију”, (Deus cuida da Sérvia), “Било је, јесте и биће српско” (Foi, é e será sérvio), “USA LICE DECO UBICE” (EUA assassinos de crianças), “Косово Нато држава ужас” (Kosovo OTAN estado terror), “Остаће наше” (Permanecerá nosso). Havia um pessoal carregando cartazes com fotografias de igrejas ortodoxas destruídas por albaneses no Kosovo. E vi camisetas com a foto de Ratko Mladić e Draža Mihailović.

Depois, em Sarajevo, Elvis B., fotógrafo da AFP, me disse:

membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. A presença da China e da Rússia no Conselho de Segurança, certamente, entravarão o processo, já que são países que possuem potenciais países em seu seio, a Espanha é contra também, pelo mesmo motivo.

⁴³² Ver fotos anexas, p. 423.

A mim não surpreende essas pessoas dos partidos radicais, que querem a divisão política, que desestabilizam o governo na Sérvia. Mas quando a câmera mostra uma praça em Belgrado com 200 mil pessoas reunidas, isso é o tipo de coisa que me faz sentir-se triste, isso não me deixa nervoso, mas profundamente triste. Depois da guerra eu fui algumas vezes a Belgrado, conheci pessoas legais, gente normal, com quem você senta, conversa, almoça junto, curte, e de repente você vê 200 mil idiotas numa manifestação do Partido Radical. Ou seja, entre tanta gente, eu encontrei alguém consciente? Ou entre aqueles que estavam na praça, estavam também as pessoas com quem almocei? Há na Sérvia, principalmente em Belgrado, pessoas normais, legais, inteligentes, para quem essa guerra não foi boa para ninguém, mas por outro lado, sinto que o número de pessoas normais na Sérvia, na Republika Srpska então nem se fala, não é suficiente para que no total, a visão geral das coisas seja positiva. Existe muito mais gente com idéias totalmente doentes a respeito do que isso aqui deve ser.

CAPÍTULO 6. Quem é quem

“Quem é quem” pra mim não é importante, seu amigo e conhecido tem nome e sobrenome, mas são indivíduos e não membros de não sei o quê. Mas seguramente, tenho consciência de quem começou a guerra e matou e sei também quem é a maior vítima disso, nesse sentido sei quem é quem. Mas entre as pessoas que eu me relaciono, não penso se é sérvio, croata, ele é um indivíduo, isso não importa. Os políticos que fazem essa divisão. Espero que com o tempo, e não vai ser rápido, eles deixem de ter influência e que importante seja o que os políticos oferecem para a vida, e não, se eu sou bosniac, sérvio ou... (Senada K.)

Valida V., um dia, em uma conversa muito informal e em tom de brincadeira, explicou quem é quem na antiga Iugoslávia. Segundo ela, os sérvios são maus, mas têm boa música; os croatas vêm para Sarajevo porque lá é chato e Sarajevo é legal, pois tem cafés, bares, essas coisas; os eslovenos são uns chatos e Ljubljana não tem graça nenhuma; os ciganos são uns nada, mas quando ela foi para a Itália, até os ciganos conseguiram visto, pois tinham cidadania, e ela não; os albaneses fazem muito filho. E se tem algum lugar que é da Sérvia por direito, esse lugar é o Kosovo, e a Sérvia vai perdê-lo também.

Mas quem é quem na Bósnia, afinal?

Oficialmente não existe quem não é sérvio, croata ou muçulmano, ou seja, você não pode ser um bósnio. Para mim isso é terrível. Há 580 mil outros e eu não quero ser outro se eu morri por esse país. (Andrej Đ.)

PRÓLOGO. Dias que passam. 5 de outubro de 2009.

Ontem morreu Vedran Puljić, torcedor do FK Sarajevo (Sarajevo Futebol Clube), em Širok Brijeg. Foi morto com um tiro que parece que veio da polícia, no que foi divulgado como “briga entre torcidas” – FK Sarajevo X FK Širok Brijeg (Širok Brijeg Futebol Clube).

Fui à sapataria tomar café com meu amigo Adnan (sim, ele é sapateiro, e toma-se café em sua sapataria). Não se fala em outra coisa. Chega uma freguesa de Adnan e comenta que o rapaz que morreu era *Hrvat porijeklom* [de ascendência croata]. Pouco antes, Adnan me dissera que o rapaz era mestiço, filho de casamento misto. A mulher vai embora. Pergunto pro Adnan, “como assim, mestiço?”. “Vedran”, ele responde, “muçulmano com croata”. E pergunto, “mas quem matou sabia?”. Ele fica bravo, quase me chama de imbecil e explica: “não vem escrito na cara o que você é!”. E digo, “então o que tem a ver o fato dele ser mestiço? Vai ser enterrado na *mezarje* [cemitério muçulmano] ou no *groblje* [cemitério, termo genérico]?” pergunto. Ele respondeu que acha que no *groblje*.

Mudo de assunto. Dado a proximidade de minha volta ao Brasil, pergunto, “será que vamos nos ver de novo algum dia?”. Ele diz que pode haver guerra e ele, então, vai embora daqui. E explica: “Dodik [primeiro-ministro da Republika Srpska] é chetnik”. E resmunga lendo jornal, “*šiptar* [albanês]!”, sobre alguma outra coisa que ele leu ou ouviu no rádio enquanto falava comigo.

Chego em casa e vou pesquisar. O que tem a ver essa discussão sobre a nacionalidade do rapaz com a briga entre torcidas.

Širok Brijeg é perto de Mostar, na Herzegóvina, durante a guerra foi uma importante cidade do auto-proclamado território autônomo Herceg-Bosna, sob domínio croata.

Diz-se de modo geral, “matou-se sarajevano (*Sarajlija*)”.

No Facebook, um *site* de relacionamentos da internet, o debate: “pelo boicote à HRT e Nova TV”, canais de televisão da Croácia. Será que quem matou pensou que era bosniac – dado que a maioria dos sarajevanos são bosniacs – e por isso a discussão “mas era de ascendência croata” e o boicote aos canais de televisão da Croácia?

É impossível citar como deveria a discussão no Facebook – com referência, data, autoria. Em primeiro lugar, pois não a encontro mais, em segundo, pois são pessoas que não conheço e que não sei nem se apareceram com seus nomes verdadeiros, de qualquer modo, vale a pena citá-la, pois ela sintetiza o debate:

M. L.:

gluposti pricate kakav bojkot odma sve shvacate preko nacionalne i vjerske osnove i tu se jasno vidi vaš cilj. ja sam iz Zagreba i iskreno mi je zao sto se ovo desilo al ovo je cisit huliganizam a vi ste i novine ovo nam pumpali na nacionalnoj osnovi jebiga kad je ovo balkan.

TRADUZINDO: É besteira falar de boicote. Na mesma hora, tudo se entende segundo a base nacional e religiosa. E, claro, vê-se qual é o objetivo de vocês. Eu sou de Zagreb, e sinceramente sinto muito pelo que aconteceu. Mas isso é pura briga de torcidas, e vocês e os jornais ficam batendo na tecla nacional. Mas foda-se, afinal, isso é Bálcãs.

Z. Č.:

Hajde reci da nije na nacionalnoj bazi kad graktaju “Ubij balije” i Velezovi navijaci su se prije par dana takodjer zalili neefikasnoscu policajaca u Sirokom Brijegu jer su i oni bili napadnuti od strane istih koji su i Sarajlije doveli u cosak. Je li samo ovo huliganstvo, nije jer nestaju zivoti.

TRADUZINDO: Vai, diga que não há base nacional quando xingam: “Mate *balije*” [*balije* é um chamamento pejorativo para “muçulmanos”]. Torcedores do Velez [outro time de futebol] há alguns dias também se queixaram da polícia ineficaz em Širok Brijeg, pois foram também atacados pelos mesmos que encurralaram os sarajevanos. Isso é somente briga de torcidas? Não é, pois vidas são eliminadas.

Tudo está mais claro agora. Naturalizando as categorias do debate, percebo que a ignorante era eu na discussão com o Adnan: “mas o que tem a ver o fato do rapaz ser mestiço?”, “ou de ascendência croata?”. Tem sim a ver (quem

matou pensou que era bosniac, e imaginem se fosse...). E pode haver guerra um dia. E ele vai embora daqui.

No meu mundo de pesquisadora, sinto-me frustrada. Minha pergunta “o que tem a ver o fato do rapaz ser mestiço” prova como não entendi nada nesses dois anos em que estive aqui.

“CRIMES POLÍTICOS”

No ano anterior a esse evento, mataram o garoto Denis Mrnjavac, em uma briga dentro do bonde em Sarajevo. Para Amir T., a notícia na Nova TV (da Croácia) lembrou os tempos do [Franjo] Tuđman, dizendo que mataram um croata no bonde em Sarajevo, o crime aparecendo como um “crime político”, segundo ele, e não, como um crime comum.

Vem aumentando a criminalidade em Sarajevo, a delinquência juvenil, como muito se fala por aqui, relacionada principalmente ao uso de drogas e ao tráfico, e à máfia e ao crime organizado. Ainda é pouca, mas as pessoas estão ficando preocupadas. (Amir T.)

Poucas semanas antes da morte de Denis, uma senhora foi queimada viva em Dobrinja por uns “moleques”, “uns órfãos ciganos”, disse Amir T., “que queimaram a velha⁴³³ viva, jogaram gasolina e puseram fogo”. Esse crime foi noticiado como, “mataram a idosa sérvia”.

Segundo Amir T., na Croácia e Sérvia, ou na Republika Srpska, tudo vira “crime político”.

Pelo exemplo do torcedor do FK Sarajevo, acredito que na Federação também, cada dia mais.

⁴³³ Na Bósnia não se usa os termos “idosa/idoso” ou “senhora/senhor” para se referir educadamente, ou eufemisticamente, a alguém mais velho, usa-se os termos *stara/star*, ou seja, velha/velho, e isso não é feio, como pode nos parecer.

NOMES

“Vladimir”, para a gente, é um nome croata e sérvio, mas Vlada é o apelido para os sérvios e Vlado, para os croatas. A diferença é apenas uma letra, porém a implicação é bem maior. (Vlado A.)

Em um momento anterior, citei Samra L., que diz que atiravam em todo mundo em Sarajevo, não importando quem era quem, isto pois não está escrito na testa o que você é. O mesmo me disse Adnan, no prólogo acima.

Sim, não está escrito na testa, mas está escrito no nome. Poucos nomes, mesmo na época da ex-Iugoslávia, não dizem o que você é. Para mim, por exemplo, ninguém perguntava o que eu era, e me desejavam feliz natal, feliz páscoa etc., pois “Andrea” é um nome croata, católico portanto, e o Brasil é considerado um país católico, mas erravam.

Um dia ouvi um palavrão e não entendi. “Pergunta para sua professora Sandra o que é”, meu amigo respondeu. Aí retruquei, disse que ela é muçulmana e não gosta de palavrão. O amigo que conversava comigo somente exclamou, “mas como *Sandra* pode ser muçulmana, *Sandra* é um nome sérvio!”. Aí tive que explicar que seus pais eram ateus e que gostavam do nome Sandra.

Ou seja, rapidamente tive que aprender na Bósnia o que na maioria das vezes já vem escrito no nome: quem é quem.

Nunca fiz a pergunta “o que você é” para os meus entrevistados. Muitos me disseram “o que são” das mais variadas formas, muitos não disseram nada – ou porque era óbvio o que são, ou porque realmente não era importante, ou porque era considerada uma questão do âmbito do privado (como “sempre foi”, ou como era durante o regime socialista). Outros diziam “o que são” como forma de explicar por que não foram cobrir outros campos de batalha fora de Sarajevo, junto com os jornalistas estrangeiros: pois como muçulmanos podiam ser mortos se tentassem sair da cidade⁴³⁴ (Amra A., Eldina J., Rialda M., entre outros).

⁴³⁴ Como pelo nome pode-se e podia-se saber quem é quem na Bósnia-Herzegovina, durante a guerra, bastava ver a credencial do fixer, ou sua carteira de identidade, para saber se ele era muçulmano ou não. E foi também dessa maneira que listas foram feitas por vizinhos, conforme

De qualquer modo, se fôssemos “nativos”, assim como esse meu amigo, que pediu para eu perguntar para a *Sandra* o significado de um palavrão, eu, como vocês, a cada momento que lêssemos um nome nessa tese, seja ele Samra, Andrej, Duško, Aida, Adnan, Senada, Sabina, Igor, Željko, “saberíamos” de quem estávamos falando e imediatamente os colocaríamos em categorias étnico-nacionais determinadas. Por sorte, ou azar, não aprendi todos os nomes, alguns ainda tenho dúvida. Há ainda *Sandras* e *Andreas* que não são cristãs, como imaginavam. Há nomes neutros também, Jasna (clareza), Zlatko (dourado), Jagoda (morango), Esmeralda (personagem de novela), Elvis (nome internacional), entre outros, o que torna mais difícil a categorização do sujeito; “problema” este, que pode ser solucionado com o sobrenome – ou não, já que eles também podem atravessar categorias nacionais –, muitos deles patronímicos, ou seja, derivados também de um nome (há muito tempo atrás, o sobrenome formava-se a partir do nome do pai, o sufixo *ić* é indicativo de “filho ou filha de”).

Essa questão dos nomes, para muitos com quem conversei, beira a paranóia. Senad H., que foi âncora do noticiário da TVBiH, durante a guerra, e quando conversei com ele, tinha um programa na Hayat, emissora privada de televisão, conta: “você fala boa noite e lá embaixo está escrito seu nome, e a primeira coisa que as pessoas pensam é: ‘ah, esse é bosniac’. Isso é uma doença balcânica!”, exclama indignado, “antes era diferente, havia isso, mas não nessa dimensão”.

Aqui um parêntese, já que trato aqui de definições nativas, independente das definições existentes e da discussão em antropologia sobre o que é etnia, nacionalidade e religião – não que as definições nativas não estejam também informadas por estas – na Bósnia, cabem todas elas, mas seu uso varia conforme o que se queira enfatizar. Posto isso, as religiões na Bósnia são três, muçulmana,

histórias que ouvi, em Grbavica, Ilidža e Dobrinja, dos vizinhos muçulmanos que deveriam ser mortos ou expulsos. Bastava pegar a lista telefônica ou anotar os nomes da caixinha do correio.

cristã ortodoxa e católica, ou quatro, se resolvem citar os judeus⁴³⁵. Nacionalidades também são três: bosniac, sérvia e croata, e estão relacionadas à religião⁴³⁶. “Etnia” acaba por ser um termo explicativo/descritivo. Nunca ouvi alguém dizendo, por exemplo, minha etnia é bosniac, diz-se sim: eu sou bosniac, minha nacionalidade é bosniac, minha religião é muçulmana. Mas na hora de descrever o que aconteceu, termos como diferenças étnicas, pertença étnica, limpeza étnica, conflito étnico são utilizados, além do uníssono, em Sarajevo, de que “somos multiétnicos”.

Posto isso, e diante do relato até aqui fortemente marcado pelas categorias nacionais, onde sérvios, croatas e muçulmanos/bosniacs aparecem o tempo todo – não digo que para dotar de inteligibilidade o conflito, mas talvez, para torná-lo comunicável de algum modo – em Sarajevo, todos enfatizaram que tais categorias nunca importaram, e por isso também a “agressão”, e uma agressão à cidade e aos sarajevanos, quem quer que eles sejam.

E mais, se Sarajevo é menos misturada hoje do que costumava ser no passado, os fixers e jornalistas com quem conversei não são. “Sérvios”, “croatas”, “bosniacs”, “católicos”, “muçulmanos”, “croatas-bósnios-herzegóvinos”, “ateus”, “cristãos”, “misturados”, “montenegrinos”, “bósnios”, “agnósticos”, “sarajevanos”, “cristãos ortodoxos”⁴³⁷ e outros que não disseram nada a respeito, trabalharam para os jornalistas estrangeiros em Sarajevo. Ou seja, não conversei/entrevistei 90% de bosniacs em Sarajevo, apesar de a cidade ser assim descrita hoje em dia, também meus amigos não eram 90% bosniacs.

⁴³⁵ Independentemente se a pessoa pratica ou não a religião, acredita ou não em deus, a religião identifica a descendência da pessoa. Como no Brasil, quando nos perguntam: “você é descendente de quê?” ou “de onde é seu sobrenome?”. Identificamos geralmente o estado nacional de onde vieram nossos antepassados. Na Bósnia, a maioria é de lá mesmo, e, como vimos, o sistema classificatório nacional perdurou ao longo dos anos e tem sua origem na religião.

⁴³⁶ No sistema classificatório atual, judeus, ciganos, bósnios, entre outros têm como opção apenas a categoria “outros”, dado que, pela lei, existem somente “sérvios”, “croatas”, bosniacs” e “outros” na Bósnia-Herzegovina.

⁴³⁷ Todos estes, termos que ouvi em campo.

E aqui, a categoria “bósnio”, que oficialmente não existe, apareceu muitas e muitas vezes, utilizada por aqueles que não concordam com o sistema classificatório vigente, indicando um posicionamento político contrário ao modo como a sociedade bósnia foi estruturada durante e no pós-guerra.

Embora filhos de casamentos mistos sejam teoricamente incorporados pelo lado paterno, em função da patrilinearidade e patrilocalidade dominantes⁴³⁸, o termo “bósnio” (e o termo “sarajevano”) é também freqüentemente utilizado para definir tais “filhos”, assim como o termo “iugoslavo”, outrora.

Sim, em termos de nominação, as crianças recebem o sobrenome do pai apenas, e em termos do lugar de moradia, as esposas vão, geralmente, inclusive em áreas urbanas, em alguns casos, morar na casa do marido e sogros e os filhos do casamento são lá criados. A questão de como a patrilinearidade ou patrilocalidade operam na prática exigiria, contudo, uma pesquisa com as famílias e nas casas, o que, obviamente, não foi feito para a realização dessa tese. De todo modo, o que se pode concluir pelos relatos de meus entrevistados (que acredito que não morem com os pais ou sogros) é que eles não levam a patrilinearidade muito a sério, ao enfatizar que os filhos mestiços não se enquadram nas categorias nacionais, e mesmo eles, os pais, vão se tornar “mais misturados” ao se casarem com alguém de outra nacionalidade.

Miran J., por exemplo, começou nossa conversa dizendo que antes de tudo eu precisava entender o lugar dele na Bósnia. E explicou que ele é a quarta geração em Sarajevo. Seu bisavô era “esloveno” (*Slovenac*) e sua bisavó, esposa dele, “italiana”. Ambos católicos. Seu pai é “croata”. E sua esposa, *Srpkinja* (sérvia da Bósnia), *pravoslavna* (ortodoxa): “aqui, religião e nacionalidade se combinam”,

⁴³⁸ Andrei Simić (2000, p. 106), por exemplo, acredita que tais casamentos sejam pouco indicativos de integração social, pois, entre outros motivos, “that marriage in many parts of former Yugoslavia with its strong patrilineal bias simply provided a means of recruiting women into their husbands’ kinship group”. Encontra-se também nesse princípio a “lógica” – se é que há alguma lógica nisso – dos estupros durante a guerra e do fazer com que as mulheres tivessem as crianças. No caso do estupro de uma muçulmana por um sérvio, por exemplo, a criança é vista pelo estuprador como uma criança sérvia, corroborando para o processo de limpeza étnica e de humilhação/destruição da mulher. Por outro lado, como a afiliação étnico-nacional é também uma prática, e como não soube de casos de crianças, filhas de estupros, tiradas da mãe e criadas em um ambiente sérvio, essa teoria não vinga. Falta aqui, todavia, dados precisos e uma pesquisa sobre essa temática, que não foi realizada.

explica. Tem dois filhos que são “sarajevanos” (*Sarajlije*): um de 20 anos (nascido em 1988), que foi ferido durante a guerra, e outro de 10 (nascido em 1998).

Srećko L., por sua vez, contou que não é sérvio, nem croata, nem muçulmano, nem iugoslavo, sua família é parte italiana, parte montenegrina, parte da Rússia, e ele é casado com uma muçulmana.

Aida Č. diz-se misturada. Seu ex-marido, pai do seu filho, é sérvio, e seu filho, portanto, é misturado. Em cinco gerações de sua família, sua bisavó era turca, sua avó austríaca, sua mãe nasceu no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, ela nasceu na Iugoslávia, e seu filho, dois anos depois, já era da Bósnia, e isso, sem nunca terem deixado Sarajevo.

Para ela, “de todas estas substituições”, permaneceu o termo *gradska raja* (*raja* da cidade), os verdadeiros sarajevanos (*pravi sarajlija* ou *prava raja*), que não se enquadram em categorias. Vemos assim que a identificação, muitas vezes, para esses sarajevanos, é com o lugar, com a cidade; os impérios/regimes passam, eles ficam.

Raja (pronuncia-se *raia*) era um termo que significava ralé, gente comum. Hoje é um termo que significa “os nossos”, aqueles com quem nos relacionamos. Era comum eu ouvir esse termo nas minhas viagens com os aposentados do bairro, que organizavam excursões para praias e montanhas; na hora de voltar para o ônibus, diziam, “onde está nossa *raja*?”. Como ouvi também, infelizmente, durante o primeiro festival gay em Sarajevo (o *Queer festival*)⁴³⁹, que a *raja* iria destruir o festival.

⁴³⁹ O festival era para começar no dia 24 de setembro de 2008 e duraria alguns dias. A abertura do festival – que era uma exposição de fotografias e esculturas na Faculdade de Belas Artes de Sarajevo – contou com a proteção de forte força policial, após semanas de debate na mídia sobre o absurdo de um festival desses na cidade. Nesse debate, discutia-se basicamente se homossexuais são pessoas doentes ou não. E os menos radicais, criticavam o festival por este acontecer no mês do ramadã, particularmente no dia de *Lejletul-kadr* (ou *Laylatu Alqadr*, ou a Noite da Revelação), a noite mais importante deste mês, pois a noite da revelação do Alcorão a Muḥammad. Nesta noite, anjos descem do céu, acompanhados pelo arcanjo Gabriel (Cf. Alcorão, sura 97, 5 versículos). Os criadores do festival argumentaram que quando marcaram a data para o festival não repararam que ia ser durante o ramadã e, como havia muitos convidados internacionais, não puderam mudar a data. Eu acredito que houve um pouco de provocação na manutenção da data, se eles tivessem alterado a data, grande parte dos argumentos contra o festival seria anulada e o debate teria sido outro. De qualquer modo, o festival consistia simplesmente em algumas peças de teatro, filmes, performances fechadas (e não de rua) e a exposição de fotografias, citada acima. Mesmo com a força policial, um grupo de muçulmanos,

Tendo em vista os depoimentos acima, é interessante sublinhar que o casamento misto, ao contrário do que poderíamos a primeira vista pensar, imputa a cada um dos parceiros e não só aos filhos do casal, a condição de miscigenado, ou, ao menos, era assim utilizado retoricamente com o propósito de passar essa mensagem, de que as categorias nacionais não são importantes, e mais do que isso, pouco dizem sobre quem são as pessoas.

Todos vão, deste modo, dizer que mais ou menos 30% dos casamentos em Sarajevo eram mistos. Sim, “éramos realmente mix”, acreditam. Há, todavia, um consenso de que a guerra destruiu – ou quase – os muitos casamentos mistos ou a possibilidade destes: “hoje se leva em conta a nacionalidade antes de se casar” (Zijad M.); “os jovens se preocupam com isso, prestam atenção” (Senka K.); “o objetivo era destruir o cerne de Sarajevo” (Leila V.); “somente os casais que não aderiram ao nacionalismo que se mantiveram juntos” (Zijad M.).

Senad H. conta que o maior número de pessoas que saiu da Bósnia é de casais mistos. E eles são os que menos voltam. “Não há mais lugar para estes e seus filhos”, explica Frei Marko, que acredita que somem 10% da população da Bósnia hoje; e mais, quando morrem é uma questão muito complicada, pois só podem ser enterrados juntos, se for no cemitério ateu.

Andrej Đ. mostrou-me a igreja [católica] onde foi batizado – sua mãe é católica (de Dubrovnik, na Croácia) e seu pai, ortodoxo (de Montenegro) - e critica as formas atuais de rememoração da guerra em Sarajevo.

O problema é que antes e quando a guerra começou, você tem sarajevanos e não isso de grupos nacionais. As pessoas hoje esquecem, mesmo os locais, que no começo eram sarajevanos que defendiam a cidade. O que é triste é que hoje você tem esses cemitérios de mártires, mas como você pode cortar fora os defensores da cidade?, os não-muçulmanos que lutaram pela cidade? Em Washington, você tem a parede do Vietnã, estão todos lá, 50 mil. Politicamente, oficialmente, não existe quem não é sérvio, croata, muçulmano. Você não pode ser um bósnio. Para mim isso é terrível. Há 580 mil outros e eu não quero ser outro se eu morri por esse país. Se eu quiser votar, eu tenho que assinar qual desses três constituintes eu sou. E esses três são definidos

aparentemente wahabitas, com suas calças curtas e barbas, apareceram para fazer barulho, e houve alguns incidentes. Após esse evento, o festival foi cancelado. No ano seguinte, o segundo ano do festival foi na realidade um festival metalingüístico, pois anunciado pela cidade em outdoors, folders e revistas (*BH Dani*, especialmente), e este foi o festival, ou seja, a divulgação do festival foi o próprio festival.

pela religião. Você pode ter uma religião de origem, mas você não precisa ser religioso. De um modo normal, você poderia ser um bósnio católico ou um bósnio ortodoxo. Mas eles inovaram, você é bósnio-sérvio, bósnio-croata ou bósnio-muçulmano.

Sabina Ć., do mesmo modo, não sabe como se classificar:

Eu não me encaixava em nenhuma religião, e mesmo hoje. Eu me classifico como bósnia, *Bosnian*. Eu nasci e cresci em um país que agora se chama Bósnia-Herzegovina, eu me defino pela cidadania e não pela religião ou pelos chamados grupos étnicos. Mas não vivo aqui, fui embora⁴⁴⁰.

De fato, percebo que, em Sarajevo, entre os mais religiosos, a classificação nacional não é tão problemática, como é para filhos de casamentos mistos e ateus. O que não diminui a ênfase ao valor “multiculturalismo” e a crítica à situação atual. Como explicou Senad H.,

Antes éramos misturados. E depois, com o genocídio, a limpeza étnica, pogroms, estupros, mortes, expulsões, fizeram três partes limpas etnicamente. Esse país nunca tinha sido assim. (...) O pior do esfacelamento da ex-Iugoslávia é que acabou com o nosso *društvo*⁴⁴¹, havia de fato *društvo* entre sérvios, croatas e bosniacs, havia casamentos mistos, tinha um pouco de judeus, éramos mix. E mais ou menos pensávamos que éramos de alguma forma bósnios, iugoslavos. Não havia grandes nacionalistas. E quem vivia na cidade não curtia que alguém dissesse que você era bosniac, sérvio ou croata. Ok, isso é a identidade. Mas eu, por profissão, sou jornalista, e não, bosniac. E a maior dor disso tudo é que a desagregação da Bósnia e da Iugoslávia acabou com essa cultura comum, com essa crença numa comunhão, numa sociedade comum (*zajedničko društvo*). Antes da guerra, 90% das pessoas não ligam para como eu me chamo, mas vêem como eu falo. Hoje isso é diferente, primeiro vêem se você é bosniac, sérvio ou croata, e depois, como e o que você fala.

Com o fim da Iugoslávia, a Croácia e a Sérvia passam a dar cidadania para croatas e sérvios do outro lado da fronteira. Deste modo, croatas e sérvios da Bósnia podem ter dupla cidadania (pelo menos), ou dois passaportes, o da Bósnia e o da Croácia ou Sérvia.

Elvis B. explica que seu pai é bósnio, de religião católica, sua mãe, muçulmana. O avô materno que escolheu seu nome, pois é um nome neutro.

⁴⁴⁰ Sabina morava então em Washington D.C., nos EUA.

⁴⁴¹ Literalmente, *društvo* quer dizer “sociedade” ou “companhia”. É utilizado freqüentemente no sentido de “sociabilidade”, dos que saem juntos, são amigos, conversam, paqueram, tomam café etc..

Apesar de a religião ser algo, para ele, privado, seu pai tinha direito à cidadania croata, Elvis também, e seus filhos, se vier a tê-los, também.

Eu, hoje, apesar de não ter nascido nem vivido na Croácia, tenho documento de cidadania croata. Meu pai, porque é católico, ele é automaticamente croata. As últimas quatro gerações da minha família viveram na Bósnia-Herzegovina. Mas, como assim, “croata”?! Não temos relação nenhuma com a Croácia! Tudo é possível nos Bálcãs... (Elvis B.)

E contou a história de quando teve que ir se apresentar num órgão do Estado para o “registro pós-guerra”.

O homem me pergunta nome, sobrenome, data de nascimento, nome do pai, da mãe, e no final, “o que você é por nacionalidade” (*šta si po nacionalnosti*). Eu disse: “bósnio (*Bosanc*)”. Ele responde: “não tem *Bosanc*”. Aí eu tirei minha caderneta de soldado do tempo da guerra e falei: “Eu fui membro, por vontade própria, das forças armadas da Bósnia, da *Armija BiH*. O que eu fiz? Eu defendi a Bósnia-Herzegovina”. Legal. “E como não tem aquilo que eu defendi? Como não tem?! Mas para que Deus eu rezo quando eu entro em casa, isso você não tem o direito de saber, isso é algo profundamente pessoal. A mim, não interessa. Para mim, é importante que conversemos e que você não vai me matar ou roubar. Mas se você se curva perante Deus (*klanjaj*) ou se faz o sinal da cruz (*krstis se*), isso é problema seu. Não é civilizado (*nekulturno*) me perguntar isso. Eu te disse que eu sou *Bosanc*. Você escreve *Bosanc* ou não escreva nada”.

“Hoje é um horror”, exclama Sabina N., “não há identidade bósnia e todos têm que se definir de acordo com a religião/etnia”. Para ela, as pessoas devem ser pelo que constroem, e não pelo deus em que acreditam.

Nas palavras de Denitch,

(...) nationalism threatens both individual liberty and democracy. Liberty is negated because the citizens or subject is *assigned* to a national or ethnic category without having any choice in the matter. Democracy is threatened because individuals are ascribed – through birth – to national parties and groups, and therefore there can be no alternations in power based on democratic elections. Elections are reduced essentially to national censuses, and politics, at best, consists of deals and compromises made between leaders of national communities. (1996, p. 143)

Acredito que essa citação descreve bem o porquê do incômodo que notei em Sarajevo, e como, cada vez mais, torna-se mais difícil sair desta situação, onde “nação” contradiz o que se tem por “democracia” e “liberdade individual”, e

mais, o próprio Acordo de Dayton iria contra tais noções, ao institucionalizar as diferenças, e somente alguma delas.

MULTICULTURALISMO

Nós, pessoas normais, acreditávamos na nossa realidade, honestamente acreditávamos nisso. Acreditávamos que éramos uma comunidade multiétnica, e ainda acreditamos e vivemos desse modo. Eu me recuso a acreditar em outra coisa, pois isso implicaria mudar meu sistema de valores e eu não quero fazer isso. (Amira S.)

Ivana Maček, em sua pesquisa de campo durante o cerco a Sarajevo, nota a percepção da mudança de valores na cidade. Em suas palavras,

Sarajevans had to reconcile their own lived experiences as members of ethnocultural groups in a multicultural city with the mutually exclusive, even hostile constructions of ethnonational identity that political leaders formulated and the war increasingly forced upon them. Whatever position they chose, it was both existentially unstable and morally charged. (2009, p. 10)

Em um artigo do suplemento especial do jornal *Dnevni Avaz* de 2007, em homenagem a Alija Izetbegović, por ocasião dos quatro anos de sua morte, o jornalista afirma, citando Sulejman Tihić, presidente do SDA:

Segundo Tihić, ele [Izetbegović] foi de fato um líder nacional, pois sua primeira tarefa foi o reconhecimento da nação, o retorno da língua bósnia, do termo *bosniac*, dos direitos iguais ao povo *bosniac*. Porém... Ele, antes de muitos outros colegas de trabalho, viu a importância da luta pelo país *Bósnia-Herzegovina*⁴⁴², por suas instituições, e essa é a melhor proteção aos interesses nacionais, religiosos e todos os outros interesses. (KUKAN, 2007, p. 46)

Pensando a Bósnia como um todo, para além da disputa acerca da definição do que foi a guerra, se foi uma guerra étnica ou civil ou se foi uma agressão, o que chama a atenção nesses pontos elencados acima é o debate entre concepções distintas, mas nem por isso menos fluidas, de sociedade.

⁴⁴² Grifos meus. Tihić está falando da luta pelo país como um todo, e não por um país dos *bosniacs*.

De um lado, uma enormidade de intelectuais e jornalistas, particularmente aqueles em Sarajevo, vai dizer que pouco importam as diferenças nacionais, o importante é que são cidadãos de um país de nome Bósnia-Herzegovina e que são bósnios portanto, ou em primeiro lugar. Por outro lado, muitos outros, como Izetbegović, acreditam que importa sim o reconhecimento da nacionalidade. E aí, sérvios, croatas e bosniacs estariam de um mesmo lado, ou seja, dentre aqueles para quem o reconhecimento identitário nacional é importante.

Sarajevo é repleta de placas recordativas, com nomes de pessoas mortas na guerra. Estas estão ao lado da porta de escolas, em monumentos nos bairros, em locais de trabalho etc.. Outras placas não trazem nomes, apontam apenas que em determinado local foram mortas tantas pessoas.

Uma dessas, no centro, é interessante (ver foto anexa, p. 408):

“Na ovom su mjestu srpski zločinci 23.8.1992. ubili 8. građana Sarajeva”

TRADUZINDO: Neste lugar, em 23/08/1992, criminosos sérvios mataram oito cidadãos de Sarajevo⁴⁴³.

E continua:

“Rahmet pokoj
i šutnja mrtvima
proučite Fatihu
i pomolite se
pamtite i opominjite”

TRADUZINDO: Misericórdia, paz (*rahmet* e *pokoj*) e silêncio aos mortos, recitai (*proučite*) a *Fatiha* (Al-Fātihah⁴⁴⁴) e rezai (*pomolite se*), lembrai e não deixeis esquecer.

⁴⁴³ Oito pessoas foram então mortas e três feridas quando estavam na fila d'água na Rua Halači, na Baščaršija.

⁴⁴⁴ *Al Fātihah* é a primeira sura (ou *sūratu*) do Alcorão, que sintetiza elementos essenciais da fé islâmica. É a parte fundamental das cinco orações diárias do muçulmano, dentre outras orações.

Explicando. *Rahmet* é um termo árabe, *pokoj*, um termo sérvio-bósnio-croata, ambos se referem aos que já morreram, que recebam misericórdia e tenham paz/descanso; desses substantivos derivam os substantivos *rahmetli* e *pokojni*, que são os mortos propriamente ditos. É muito comum, em conversas triviais, antes do nome da pessoa falecida, dizer *rahmetli* para muçulmanos, ou *pokojni* para cristãos⁴⁴⁵. Silêncio (um minuto de silêncio, por exemplo) seria o termo genérico ou laico em respeito aos que morreram. Na seqüência, a placa pede que recitemos e rezemos – *proučite* e *pomolite se* –, para que não esqueçamos e nem deixemos que aconteça novamente. Os termos *proučiti* e *pomoliti se* informam claramente o lugar de onde se está falando: *recita-se* o Alcorão (*uči se*), *reza-se* na igreja (*moli se*). Nesta estrofe, colocar tais termos lado a lado informa a comunhão entre eles, ao mesmo tempo em que marca a diferença, revelando assim o universo “multi” e heterogêneo de Sarajevo.

Pode-se afirmar, portanto, que esta placa rememorativa é bem politicamente correta, dado que elementos da vida religiosa estão ao lado de elementos seculares e ambos nos lembram o que não pode ser esquecido: a agressão.

Neste sentido, não importa a fé dos que morreram, sim, o respeito e não-esquecimento do que aconteceu. Mas importa a fé dos que estão vivos, que os vão relembrar, cada um do seu modo, ou melhor, cada um de determinado modo.

Há, assim, inúmeros exemplos de práticas que destoam do discurso “do não importa quem é quem”, que podem ser vistos mesmo nessa placa, onde se faz questão de marcar o universo diverso de pessoas que há na cidade. Exemplos como a política de monumentos de guerra e dos cemitérios dos *šehidi*; ou a obrigatoriedade do ensino religioso no jardim da infância – que gerou debate e revolta por parte da maioria dos meus entrevistados, para quem, o lugar da religião é na casa e na igreja/mesquita, e não na rua, muito menos, na escola⁴⁴⁶ –

⁴⁴⁵ Talvez também entre judeus se diga *pokojni*, mas não saberia afirmar com certeza. Para ateus, seguramente não se diz *pokojni*.

⁴⁴⁶ Paralelamente ao estabelecimento da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas (desde o jardim da infância), houve, quando eu estava lá, a proibição do Papai Noel (*Deda Mraz* ou *Djed Mraz*, Vovô Pedacinhos de Gelo) nas escolas. A tradição do Papai Noel se manteve durante a ex-Iugoslávia e relacionava-se às festas de fim de ano, e não, ao natal católico. Sandra, minha

marcam uma sociedade pautada pela religião, para incômodo de muitos (especialmente, pela religião muçulmana).

Bougarel (2007) identifica várias destas políticas, que passaram a vigorar durante a guerra. Quando o SDA, por exemplo, transformou o islã em critério ideológico de seleção das novas elites políticas e militares. Ou quando ocorreu a islamização do próprio significado da guerra, ou seja, a guerra “porque somos muçulmanos”, e às vezes, “porque somos maus muçulmanos”. Ou a política de caracterizar muçulmanos mortos como *šehid*, a partir de 1994. E a própria ABiH como lugar de práticas reislamizatórias, dado o caráter compulsório de cerimônias ligadas aos feriados religiosos e a presença de imãs, como oficiais militares assistentes para questões morais e religiosas, além da formação de unidades militares religiosas, como a 7ª Brigada Muçulmana, em Zenica.

Elementos religiosos, particularmente do islã, passaram assim a ser visíveis na vida cotidiana e não eram anteriormente. Como, por exemplo, o foguete (ou rojão⁴⁴⁷), que durante o ramadã anuncia o fim do jejum (ou o horário do *iftar*) e pode ser ouvido todos os dias deste mês, em toda a cidade. E, especialmente, a partir de um vocabulário próprio e cotidiano, como afirmei anteriormente, com palavras derivadas do turco, algumas do próprio árabe, e aí, o *selam alejkum*, o *merhaba*, o *allahimanet*, entre outras.

A IUS (International University of Sarajevo), onde realizei estágio, é, nesse sentido, conhecida pelos meus taxistas como a Escola ou Faculdade Turca, pois destoa do aparente secularismo de Sarajevo⁴⁴⁸. Isto porque, de fora se vê que

professora, falando sobre isso, conta que não fazia a menor idéia, quando criança, que o Papai Noel tinha relação com o catolicismo. Para ela, ele chegava no final do ano, trazendo pacotinhos com doces e brinquedos, e que toda criança tinha a sua foto no colo do Papai Noel. Diante do debate a respeito da sua proibição, amigos indignados exclamavam: “Papai Noel morreu!” ou “Papai Noel se matou!”. O jornal *Oslobođenje* publicou, inclusive, a foto de seu obituário (3 mar. 2010), ver foto anexa (p. 409).

⁴⁴⁷ Em 2008 era um foguete, que, lançado da Bijela tabija (em Stari Grad, talvez da Žuta tabija neste ano, não tenho certeza), fazia um barulhão e atravessava a cidade. Em 2009, soltavam um rojão, também na Bijela tabija, não se podia ver em toda a cidade, como o foguete do ano anterior, mas o estrondo era tão alto que, do mesmo modo, podia-se ouvir em toda a parte.

⁴⁴⁸ Embora haja uma placa imensa com o nome International University of Sarajevo e em nenhum lugar apareça que a faculdade é turca... Apesar de hoje a Turquia ser um país (ainda) laico, foi o regime otomano que trouxe o islamismo para a Bósnia e eles sabem que a faculdade é turca e que os turcos, particularmente os religiosos, estão vindo em massa para a Bósnia, abrindo bancos, escolas, universidades... mas essa é outra história, e o mesmo poderia ser dito dos EUA e da

90% das estudantes usam o véu islâmico e são estrangeiras (há um modo de se vestir diferente das turcas e das bósnias que usam o véu e pode-se reconhecer quem é quem na maioria das vezes, além de não falarem bósnio e falarem turco entre si). Dentro da universidade, por sua vez, o “olá” oficial é o “*selam alejkum*”, apesar da língua de trabalho na universidade ser o inglês.

Mas não somente na IUS os cumprimentos turcos/árabes são parte da vida cotidiana. Na Bašćaršija, mais de uma vez, quando eu estava com mais gente, alguém se despedia com o *allahimanet*, eu respondia naturalmente com o *allahimanet*, e todos riam (pois sabiam que eu não era muçulmana). Por outro lado, essa situação pode ser extremamente ofensiva para os adeptos do multiculturalismo bósnio ou membros de outras nacionalidades.

Lembro-me de uma conversa com um amigo, cigano, e muçulmano por religião (seria “outro”, por nacionalidade), mas para quem nada disso importa, onde ele, revoltado, contou-me que não suporta mais seu vizinho, que não sabe mais dizer olá em bósnio, somente em árabe – *selam alejkum*.

Paralelamente, a Igreja Católica, por exemplo, sente-se extremamente excluída das políticas públicas⁴⁴⁹. O Cardeal Vinko Puljić acredita que os muçulmanos nessa guerra ganharam nacionalidade bosniac, “que não é certa”, segundo ele (pois na realidade seriam sérvios e croatas convertidos ao islã...), e ganharam muitos petrodólares dos países árabes, fazendo deste modo enormes mesquitas na cidade – de fato, há pelo menos duas grandes e novas mesquitas em Sarajevo, no modelo árabe, com dois minaretes, e financiada por países árabes, uma em Alipašino Polje, a outra em Otoka⁴⁵⁰. Atualmente a Associação Islâmica está construindo uma sede gigantesca, que será a residência do *reisu-l-*

Alemanha, com seus bancos e escolas pela cidade, entre outras instituições, que não caberia citar aqui.

⁴⁴⁹ Cabe sublinhar aqui que existem na Bósnia as Associações Religiosas (Associação Judaica, Associação Islâmica, Associação Católica, Associação Cristã Ortodoxa, além dos Franciscanos, que são uma instituição a parte), que competem por recursos públicos, que a princípio deveriam ser equitativos, ou proporcionais ao número de habitantes, porém suspeita-se que não sejam tão proporcionais.

⁴⁵⁰ Os países árabes financiaram muitas das reconstruções de mesquitas pela Bósnia. Chamou-me atenção, especialmente, duas mesquitas em Mostar, com a plaquinha ao lado dizendo que foram reconstruídas, uma, pela Arábia Saudita, e a outra, pela Jordânia.

ulema, em pleno Centro Velho (Stari Grad) de Sarajevo, também supostamente financiada por doações.

O Cardeal Puljić cita dados, contudo, que não pude confirmar. Em relação aos retornados, a ajuda, segundo ele, vai 10% para católicos, o resto, para muçulmanos. Sobre a construção de novas igrejas, disse-me que há dez anos espera uma resposta para fazer uma igreja, mas “os muçulmanos, onde quer que queiram mesquita, fazem”: “onde estão os direitos iguais?”, pergunta. Sarajevo tem seis igrejas – Stup, Novi Grad/Mojmilo, Brešće, Novo Sarajevo, Marijin Dvor e a Catedral – “enquanto são 160 mesquitas em Sarajevo⁴⁵¹, antes da guerra eram 70”. Segundo ele, antes da guerra havia 70 mil croatas em Sarajevo, hoje não tem nem 20 mil. No bispado (*biskupija*) de Banja Luka, antes eram 200 mil católicos croatas, hoje são 12 mil: “Isso é Dayton. É lei para a limpeza étnica” (Vinko P.)⁴⁵².

Amir T. mostrou-me o que entende por multiculturalismo. O multiculturalismo, para ele, está na heterogeneidade, na soma e na riqueza, como ouvimos inúmeras vezes. A cidade que ele me mostrou aparece, neste sentido, no quarteirão com seus templos muçulmanos, judaicos e cristãos – católicos e ortodoxos. Apresentou-me a cidade também por fotografias, onde ela aparece em sua beleza, em pores-do-sol, debaixo de neve, em suas pontes e templos religiosos. Ao mesmo tempo, mostrou-me os túmulos do Romeu e Julieta da Bósnia, o sérvio e a muçulmana que foram mortos durante a guerra tentando sair da cidade⁴⁵³. Apresentou-me uma Bósnia via páginas na internet, principalmente humorísticas, onde as diferenças são motivos de piadas, e não de conflito, e mesmo sobre o conflito, conta-se piadas, dado a sua absurdidade. E presenteou-

⁴⁵¹ Em matéria na revista *BH Dani*, fala-se em 98 mesquitas, 99 com a nova mesquita que se planeja construir em Ciglane, um bairro de Sarajevo (BEČIRBAŠIĆ, 2008, p. 26-28).

⁴⁵² O Cardeal esteve o tempo todo na Bósnia, durante a guerra, especialmente em Sarajevo. Para seus relatos sobre este período, ver “O stradanjima s nadom” (1994, 1997).

⁴⁵³ Ver na introdução desta a citação do artigo na *Folha de S. Paulo* sobre a morte deles (Cf. AMOR..., 1993, p. 10). E a foto anexa (p. 411), que Amir T. me enviou por email, do túmulo dos dois em Sarajevo.

me com sapatinhos de lã típicos bósnios (ou bosniacs), um calendário ortodoxo e uma miniatura da Hagadá de Sarajevo.

A Bósnia que Amir me apresentou foi como um país, onde as pessoas se ajudaram durante a guerra, onde sua brigada tinha um apelido sérvio e onde o país como um todo é marcado pela beleza.

Para Dubravko Lovrenović, “multiculturalismo” é as pessoas pertencerem a uma religião, a um grupo nacional e, ao mesmo tempo, compartilharem a idéia de um lugar comum. Segundo ele, essa idéia ainda perdura na Bósnia, mas não sabe por quanto tempo ainda, pois “a maior tragédia deste país é a matança”.

Sim, a guerra arruinou a idéia de um lugar comum na Republika Srpska, onde as pessoas, de modo geral, não se vêem como parte da Bósnia e são forçadas, nesse sentido, a esse país pertencer.

E essa idéia de multiculturalismo pode parecer mais presente na visão de Izetbegović⁴⁵⁴ do que na visão de outros intelectuais e jornalistas com quem conversei, para quem não importa quem é quem. Sim, não importa, desde que você possa ser quem você quiser e que isso não implique políticas discriminatórias; porém, aqui, tais políticas discriminatórias vão ser justamente aquelas que te sujeitam às políticas de reconhecimento.

Nesse sentido, é impossível não se lembrar de Appiah (1996), que afirma que para combatermos o racismo temos sim que nos racializar. Porém, políticas de reconhecimento fariam com que identidades passassem a ser normativas, ou seja, estivessem de acordo com a “cultura comum” reivindicada. O indivíduo, para se expressar, passa a fazê-lo conforme sua identidade coletiva, ou seja, conforme uma identidade reconhecida coletivamente, dentro da previsibilidade esperada e a despeito de sua identidade pessoal, pautada por parâmetros outros que não somente o étnico-racial. E daí o movimento negro, por exemplo, e o seu limite: “Racial identity can be the basis of resistance to racism; but even as we struggle against racism – and though we have made great progress, we have further still to

⁴⁵⁴ Maček (2009, p. 128-129) sublinha o caráter paradoxal do discurso e práticas dos líderes políticos: “On the one hand, it [the Bosnian war government] declared its ambition to achieve a multiethnic, secularized welfare state, but on the other hand, it promoted a capitalistic society and differentiated among its own citizens according to their ethnoreligious backgrounds”.

go – let us not let our racial identity subject us to new tyrannies” (APPIAH, 1996, p. 104).

Ou seja, políticas de reconhecimento levam a políticas de resistência que se tornam, elas mesmas, políticas de reconhecimento dentro das políticas de resistência.

Segundo Appiah, nós construímos nossa identidade a partir de um *kit* de opções disponível em nossa cultura e sociedade, há sim, escolha, porém “The large collective identities that call for recognition come with notions of how a proper person of that kind behaves: it is not that there is *one* way that blacks should behave, but that there are proper black modes of behaviour” (1996, p. 96-97).

Parece algumas vezes, a mim e a muitos com quem conversei, que esse kit “adequado” de comportamento é o que vigora hoje em Sarajevo. De acordo (ou desacordo) com este, a Sarajevo antes secular é vista, ora positivamente, pois todos viviam juntos e ninguém pensava quem é quem, ora negativamente, como uma Sarajevo atéia e comunista.

Sobre isso, comentei com um amigo muçulmano uma vez que havia lido um artigo que acusava o *reisu-l-ulema* Mustafa ef. Cerić (e o governo da Federação) de corrupção, pois este havia comprado uma casa enorme a preço de banana. Ele me perguntou, espantado, onde eu lera um absurdo desses. Respondi que na revista *BH Dani* (Cf. SELIMBEGOVIĆ, 2008). Ele então disse para eu não acreditar, pois essa revista não é boa, é comunista.

Zlatko D., que foi editor do *Oslobođenje* durante a guerra, pouco tempo depois dessa conversa que tive com meu amigo, contou-me que escrevera um artigo (isso foi em fevereiro de 2008) na revista *BH Dani* sobre o Monte Sinai e um monastério ortodoxo que tem lá (o Mosteiro de Santa Katarina)⁴⁵⁵. Zlatko contou que devido à grande quantidade de peregrinos ao Monte Sinai, há uma mesquita dentro do próprio monastério que, com paredes altas, proporciona mais segurança aos muçulmanos (no artigo, ele fala dos beduínos do deserto, que usam o monastério como abrigo): “Era um artigo bem tranquilo, bonito, turístico mesmo”, disse (e eu concordo). E contou que estava andando um dia no centro quando um

⁴⁵⁵ Cf. DIZDAREVIĆ, 2008.

homem o abordou e disse que não gostava mais dele, que estava realmente decepcionado por ele ter escrito o artigo na *Dani*. Aí comentei a conversa que tive com meu amigo sobre a revista. Zlatko explicou então que agora é assim mesmo, as pessoas pensam desse jeito, você não pode escrever na *Dani* porque automaticamente é visto como comunista; mesmo Mustafa Cerić (que realmente, segundo ele, é um criminoso) continua no poder, pois as pessoas só vêem que ele é muçulmano e que representa os muçulmanos, o resto, pouco importa.

Ou seja, o incômodo do quem é quem, é um incômodo relacionado ao fato de você ter que ser bosniac, sérvio ou croata, mas também ao fato de que tais pertenças devam condizer a modos de vida cada vez mais religiosos (especialmente, tenho a impressão, no caso bosniac). A vida política e pública tornou-se religiosa, e daí a dificuldade de identificação ou aceitação dos novos parâmetros de inserção social, ou seja, a essa necessidade de enquadramento a uma pertença nacional e, sobretudo, a uma religião.

Posto isso, se por um lado, muitos vêem que as pessoas ficaram mais religiosas durante a guerra, e que isso é normal, ou seja, “em momentos de crise, as pessoas recorrem a Deus” (neste sentido, ouvi de algumas vizinhas que começaram a jejuar no ramadã durante a guerra – por motivos práticos também, dado que não tinha comida para o dia todo). Por outro lado, qualquer crítica que você faça a Alija Izetbegović, qualquer artigo sobre monastério ortodoxo e mesmo o fato de você ler ou escrever na revista *BH Dani*, que é radicalmente contra o SDA e a figura do Mustafa Cerić, leva você a ser visto como anti-muçulmano ou anti-bosniac.

Neste sentido, alguns com quem conversei vão pensar esse momento como uma mera continuidade do regime anterior. Acreditam que houve sim uma substituição: a mesma relação que as pessoas tinham com o regime socialista, elas vão ter com o regime nacional, religioso.

É um turbo-catolicismo, pois de fachada. O mesmo vale para o islamismo. As pessoas vão às igrejas e mesquitas, mas não são verdadeiramente religiosas. Com o fim do Partido Comunista, criou-se um vácuo religioso, onde entrou a igreja e a mesquita. E mais, na busca por trabalho, a filiação a um partido político (SDA, HDZ, partido sérvio), que, por sua vez, está ligada a ida aos templos, e ser um bom religioso ajudam muito. (Vlado A.)

Andrej Đ. chega a dizer que “esse lance do ramadã é bem hipócrita, poucos ficam sem comer e chega no *Bajram* eles encham a cara. E não comem na rua, mas em casa comem sim. É moda fazer jejum”.

Para Samra L., a religião hoje é como um circo, está em toda parte, no restaurante, no escritório, e não somente em casa e na mesquita como deveria ser. “É *in* ser religioso”, explica Samra, “nunca foi assim o islã que praticamos aqui. Eu não fui educada desse modo, não fui educada como religiosa, muito menos no jardim da infância!”.

Há uma politização da vida religiosa. Ela é usada para fins políticos e está cada dia mais presente na vida pública. Todavia, conheci pessoas profundamente religiosas, e nem por isso, não liam a revista *BH Dani* ou eram menos multiculturais, na acepção local do termo.

E mais, mesmo se é *in* ser religioso, ir à mesquita às sextas-feiras⁴⁵⁶, jejuar durante o ramadã, há ainda uma relutância em relação a outras coisas. Por exemplo, como vimos na introdução, as pessoas vêem com maus olhos o aumento de mulheres vestindo o *nikab* ou da presença de wahabitas na cidade, com suas barbas, calças curtas, mulheres totalmente cobertas e crianças vestindo o véu islâmico. “Isso é um absurdo”, dizem – e “(má) influência do Oriente” –, até mesmo para amigos meus religiosos, que vão à mesquita às sextas-feiras, jejuam durante o ramadã, despedem-se com o “*Allahimane!*” e não se casariam com não-muçulmanas.

Tudo isso pode parecer meio confuso, mas de fato é confuso, pois sempre haverá matizes e narrativas e trajetórias pessoais, que se mesclam ou contrapõem-se às narrativas oficiais e não-oficiais. Há, contudo, questões, neste sentido, que não estão em disputa para os sarajevanos, como a agressão a que foram sujeitos durante o cerco, como a realidade de que em Sarajevo todos viviam juntos e em paz, como os valores (idealizados) de europeidade e urbanidade, e o multiculturalismo. A forma, contudo, como tais aspectos são vividos e narrados

⁴⁵⁶ Em árabe, o nome do dia sexta-feira ou *džuma* (*Al Jumua*) significa “reunião”. Nas sextas-feiras, os homens se reúnem na mesquita para a oração (*namaz*) do meio do dia (o horário varia conforme a época do ano).

será diferenciada, especialmente quando o que está em questão é ser bósnio ou ser bosniac, sérvio, ou croata, ou a relação desses sujeitos com deus, ou o modo como se julga ou se relaciona com o próximo com base nesses parâmetros. Sim, a imposição de um enquadramento te compele a rejeitá-lo ou de algum modo ajeitar-se a ele, mas este não te determina por completo (ainda?).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mora

Što to radiš sine?

Sanjam, majko. Sanjam, majko, kako pjevam,

a ti me pitaš, u mom snu: što to činiš, sinko?

O čemu, u snu, pjevaš, sine?

Pjevam, majko, kako sam imao kuću.

A sad nemam kuće. O tome pjevam, majko.

Kako sam, majko, imao glas, i jezik svoj imao.

A sad ni glasa, ni jezika nemam.

Glasom, koga nemam, u jeziku, koga nemam,

o kući, koju nemam, ja pjevam pjesmu majko.

Pesadelo

O que é isso que faz filho?

Sonho, mãe. Sonho, mãe, que canto,

E você me pergunta, no sonho: o que é que faz, meu filho?

Sobre que, no sonho, é seu canto, filho?

Canto, mãe, que eu tivera uma casa.

E agora não tenho casa. Sobre isso canto, mãe.

Que eu tivera, mãe, voz, e uma língua eu tivera.

E agora, nem voz, nem língua tenho.

Com a voz, que não tenho, na língua, que não tenho,

Sobre a casa, que não tenho, eu canto uma canção mãe.

(Abdulah Sidran*, 1997)

* Abdulah Sidran é escritor, poeta e roteirista. Nascido em Sarajevo.

Após esse longo relato em torno das histórias que ouvi, parece que o que temos são duas coberturas. Uma que acompanhamos na TV e jornais em nossas casas, longe de Sarajevo, após quem sabe quantas edições, reformulações, simplificações, generalizações; outra, a que essas pessoas fizeram na Bósnia-Herzegovina durante a guerra e que se tornou parte delas, de suas vidas e de suas reflexões sobre a história. A pesquisa acabou sendo, todavia, sobre nenhuma delas somente, mas, a partir delas, sobre a enormidade de detalhes que observei durante o tempo em campo.

Organizei essa tese em duas partes e oito capítulos, além da introdução, dessas considerações finais, um apêndice, um preâmbulo e notas.

Na primeira parte, visei apresentar ao leitor o universo de questões que informou minha ida a campo e as perguntas que faria quando lá chegasse. Apresentei assim a discussão sobre um imaginário que norteia as falas sobre os Bálcãs, e os estereótipos nelas implicados.

A história da região é, nessas falas, sobrepujada pela cultura e adquire um sentido quase mitológico, onde a guerra nada mais é do que uma de suas características.

Uma imagem de Ocidente e uma imagem de Bálcãs, transformadas em valores morais, são, assim, apresentadas como um pano de fundo para se pensar o processo histórico e para se posicionar no mesmo.

Foi possível assim apreender como as pessoas interagem com esses imaginários, e elaboram seus relatos em conformidade ou discordância com eles. Valores ideais de democracia, laicidade, multiculturalismo, paz, tolerância e harmonia entre os povos, condiriam com um Ocidente ideal, e estariam ligados à idéia de cidade. A cidade aparece como o lugar da heterogeneidade e do cosmopolitismo. Mas não sem entrar em conflito com a idéia também moderna de estado-nação, que tem na língua, na etnia, na nacionalidade, na religião e no autêntico, o seu fundamento.

A Bósnia aparece então (como vimos ainda no capítulo 1 da primeira parte), como o lugar onde se elabora uma forma, digamos que, alternativa de estado-nação, formado não por uma nacionalidade, mas por pelo menos três. Se a

nacionalidade sérvia e croata, no começo do século XX, era algo estável, por assim dizer, faltava construir um lugar político para aqueles que não eram nem sérvios, nem croatas, pois muçulmanos.

A comunidade muçulmana, frente à concepção de estado-nação moderno, também se moderniza, na forma de nação, em paralelo com as comunidades judaica, croata e sérvia na Bósnia-Herzegovina, e encontra lugar de atuação política no regime de Tito.

A comunidade judaica quase desaparece na Segunda Guerra Mundial, e mantém-se como minoria ao longo do tempo, assim como os ciganos, a minoria européia por excelência.

Podemos dizer que durante os 50 anos de SFRJ as pessoas viviam bem, desde que não fossem religiosas. Não se tratava de um estado secular, mas de um estado ateu. O regime reconhecia as diferentes comunidades, mas a atuação política destas diferentes comunidades se dava no âmbito do Partido comunista e do sistema econômico de autogestão. Fora da política, direitos a língua e a educação eram garantidos. Nos postos altos de trabalho, no Partido e no exército, a proporcionalidade entre as nações e nacionalidades era garantida.

A guerra nos anos 1990 eliminou a possibilidade do estado comum.

Os estados que deixavam a SFRJ elaboraram constituições, cada uma delas, altamente discriminatória, apesar de democrática. A democracia em sociedades “multi” mostrou-se inadequada, pois um sistema político que favorece a maioria dos cidadãos pode ser chamado de democrático, porém um sistema político que favorece a nação da maioria é, sim, discriminatório.

Porém, tais movimentos secessionistas se deram já em um momento nacionalista. Reivindicações econômicas adquiriam a cor nacionalista com grande facilidade. O Estado iugoslavo abria-se para a democracia e os partidos democráticos que surgiam eram partidos nacionais, para não dizer, também eles, nacionalistas.

Sobre este momento, há muitas perguntas sem respostas. A mais simples e difícil de ser respondida é o “como foi possível” o nacionalismo e a secessão seguidos de guerra. Desejo de poder? De continuidade? De melhoria econômica

diante de um momento de crise? Para não querer ser minoria no estado vizinho? Cada uma dessas respostas, possivelmente.

Informada pelo debate acerca do intermediário no trabalho de campo antropológico e pelo debate sobre a construção de uma explicação hegemônica sobre a guerra, resolvi conversar com os fixers.

O intermediário no trabalho de campo antropológico é fundamentalmente aquele que ouve, aquele que está imbricado em todos os pontos da construção de um pensamento. Entre o estrangeiro e o nativo, entre políticos, entre jornalistas, entre intelectuais, entre.

Não fui a campo, portanto, para entender o porquê da guerra, apesar de sempre nos fazermos essa pergunta. Fui a campo para tentar entender como foi construída uma explicação absolutamente culturalista e, ela mesma, nacionalista, para o que aconteceu na ex-Iugoslávia e na Bósnia, especificamente. Explicação esta que tinha sua matriz na associação entre diferença e perigo: diferentes não podem viver juntos, a guerra foi, portanto, inevitável.

Cheguei a campo, entretanto, e a primeira coisa que ouvi é que as diferenças existem, mas não te determinam por completo, não é o mais importante, vive-se junto, e justamente por isso não poderia haver guerra.

A guerra aparece assim como uma agressão em todos os sentidos e especialmente como uma agressão ao sujeito, que passa a ter que se identificar nacionalmente e para quem essa identificação passa a pautar sua atuação e lugar na sociedade.

Conversar com os fixers em Sarajevo, entretanto, era conversar sobre sua atuação como intermediários durante a guerra. Sobre essa atuação é o capítulo 1 da segunda parte (Jornalistas).

O jornalismo e o campo da produção da notícia é um campo considerado nobre para as pessoas nele envolvidas. O jornalista está onde ninguém está: ele está na guerra, ele está nos desastres naturais, ele está entre políticos, entre pobres e ricos, ele está idealmente em toda a parte. O jornalista vê, o jornalista escreve sobre o que vê, e divulga isso ao mundo. O ideal do fazer jornalístico é

contar a história, com objetividade e neutralidade de preferência, pois seu objetivo primeiro é a verdade.

Todos são ouvidos para se produzir essa verdade. E descobre-se rapidamente que a realidade deve algumas vezes adequar-se à verdade para que seja compreensível. Dizer o indizível, explicar o que não pode ser explicado é traduzido em um artigo de jornal, ou em 10 minutos de imagens na televisão. O lugar sobre o qual se fala é informado por diversas fontes, pelos bandidos e mocinhos, se for o caso, pela equipe de pessoas que trabalha na produção dessa verdade, pela formação do jornalista, pela competência do seu intérprete de traduzir para este o que ambos vêem, de modo que o jornalista entenda o que nem o tradutor por vezes pode entender, ou seja, o porquê da guerra.

Falar para mim sobre os jornalistas estrangeiros pareceu-me por vezes um exercício burocrático de contar a parte menos interessante da história. Jornalistas estrangeiros, sem nomes, na maior parte das vezes, foram para Sarajevo. Se tinham coragem, se eram covardes, se eram estúpidos, se sabiam muito bem do que falavam, se queriam adrenalina, se queriam contar quanto mais histórias melhor, se desejavam filmar alguém sendo morto etc., eram de todo modo pessoas bem intencionadas, que corriam riscos numa cidade sob cerco, que morreram cobrindo a guerra, muitas vezes, mas sobre quem, não há muito o que se dizer. Estavam em Sarajevo basicamente para mostrá-lo ao mundo, a chuva de granadas, que sim, chegava a nós sob a forma de destruições, horror e mortes, mas sempre com uma questão não respondida: é possível que estejam atirando neles mesmos... ou seja, versões de mesmas possíveis verdades.

Os locais, por sua vez, lutavam basicamente para colocar sua história no mundo, para fazer-se ouvir, para implorar que parassem a guerra e para conseguir dinheiro, comida e alguma suposta normalidade durante o cerco, traduzida aqui em trabalho.

Falar com fixers e jornalistas era, assim, falar sobre como foi trabalhar como jornalista e o que foi o jornalismo durante a guerra. A mídia local, transfigurada em mídia nacional, teve um papel emblemático no processo de desintegração da Iugoslávia. E essa história, escolheram me contar.

A abertura democrática levou a revisão de processos que incomodavam. Uma rica Eslovênia empobrecida. Um Kosovo problemático. A volta de nazistas croatas para a Croácia. O enterro ortodoxo de sérvios mortos na Segunda Guerra Mundial. Parecia que os três grandes – Sérvia, Croácia e Eslovênia – agiam e os demais assistiam. E a mídia, em cada um desses países, recontava sua história. Ugrešić (1998) fala de confisco da memória, ou reescrita da história, onde fatos tidos como certos são relativizados, distorcidos, esquecidos.

A política se dividiu, a história se dividiu, a mídia se dividiu, contanto cada uma a sua verdade, informada pela política.

O noticiário passou assim a ser porta-voz de seus estados-nacionais. Diz-se desse modo, que via mídia, Milošević e Tuđman divulgaram suas mensagens nacionalistas. A mídia local criou então o medo e a discórdia.

A verdade da Bósnia passou a ser várias. Uma que via a necessidade de divisão do Estado, outra, que o Estado continuasse na Iugoslávia, outra que clamava que na Bósnia sempre conviveram diferentes em harmonia e que isso nunca foi um problema.

Partidos nacionalistas venceram as eleições. Um referendo estabeleceu a vontade da maioria de ter seu país independente. Uma minoria não participou, pois não o reconhecia como instrumento legal para escolha de um futuro comum. A verdade aqui é que esse futuro comum não era visto como um mesmo futuro.

Sérvios, croatas e muçulmanos começaram a guerrear. Os primeiros em uma guerra civil pela manutenção da Bósnia na Iugoslávia. Os primeiros também em uma guerra étnica de estabelecimento de territórios homogêneos. Os segundos, com alinhamentos diversos, e que, no fim, buscavam também territórios homogêneos. Os terceiros, clamando por uma Bósnia una, multicultural, européia. Porém, vistos pelos demais como o bastião de um futuro estado islâmico, comandado por um sujeito (Izetbegović) religioso e tido como nacionalista, que fora membro dos Jovens Muçulmanos durante a Segunda Guerra e que fora preso por nacionalismo na década de 1980. Tuđman também havia sido expulso da Liga dos Comunistas, escrevera um livro dizendo que em Jasenovac não morreram tantos, abraçou o retorno de antigos nazistas para o país, suprimiu os direitos da

população sérvia, desde sempre em seu território. Milošević suprimiu as autonomias das províncias da Sérvia, reprimiu albaneses do Kosovo, cooptou todos os órgãos públicos (inclusive a JNA) e clamou por todos os sérvios em um mesmo território.

Na Bósnia, onde não se acreditava na possibilidade da guerra, foi onde ela se deu com mais força.

Falar sobre a guerra na Bósnia – e aqui entramos no capítulo 2 – é falar sobre várias guerras que ocorreram simultaneamente no território. É falar, portanto, sobre cada frente de combate, cada aliança local, cada liderança militar e política. Em Sarajevo, ela se deu sob a forma de cerco.

Falar sobre o cerco é falar sobre a suspeita que se generalizou em relação aos sérvios da cidade; é falar de amigos que viraram inimigos e outros que se mostraram mais amigos que os amigos, pois escolheram permanecer na cidade; é falar, por fim, de como seguiram vivendo apesar de tudo.

Falar do cerco a Sarajevo é falar, portanto, de pessoas que, em condições subumanas, sobreviveram e continuam achando tudo o que aconteceu um absurdo. O cerco foi uma agressão.

Porém, a pergunta permanece, mas por quê? E a resposta: o culpado são os outros. A Bósnia fora atacada, os outros cometeram atrocidades, camponeses votaram nos nacionalistas. Os mesmos nacionalistas que ainda hoje estão no poder, e os mesmos camponeses que hoje estão em toda parte e somam 50% da população de Sarajevo, e para quem, sim, importa quem é quem.

A sociedade foi assim dividida pela guerra e dividida pelo acordo de paz.

Versões dessa história são, entretanto, distintas. E Sarajevo aparece como um oásis (usando a expressão de Hare O.) no meio de nacionalistas (e camponeses?) que guerrearão e que hoje transformam essa cidade em uma cidade homogênea e muçulmana.

Ainda valora-se o multiculturalismo, mas o multiculturalismo e cosmopolitismo que foi um dia, e que hoje luta para sobreviver.

Claramente, tais fixers são parte de uma classe média intelectualizada, que têm na cidade o lugar onde o universal predomina e o lugar onde a vida privada não precisa ser pública para ser respeitada.

Ir à Republika Srpska é ver tudo que disse até agora como uma grande mentira.

Os sérvios defenderam suas casas e um lugar próprio, diante de uma Bósnia muçulmana. Abdicaram do cosmopolitismo da cidade, em prol da segurança de viver com os seus em um território homogêneo. Não acreditam que cometeram atrocidades, pelo menos, não mais que as demais partes do conflito, afinal, na guerra, coisas ruins acontecem: soldados são mortos, crianças são mortas, pessoas deixam suas casas pois sentem medo, não se sentem seguras. Desse modo, muitos deixaram suas casas em todo território bósnio, inclusive muitos desses com quem conversei na Republika Srpska e em Belgrado, que deixaram suas casas em Sarajevo ou em outras cidades.

É difícil concluir algo. Deixei que me contassem histórias, alguns temas predominaram, sobre eles, escrevi aqui. São questões inconclusas que merecem, entretanto, serem ditas, pois apontam para o universo de questões que está imbricado no cotidiano das pessoas. E não somente dos fixers e jornalistas com quem conversei.

Passaram-se 15 anos do fim da guerra – e 18 anos do começo. A impressão que se tem muitas vezes é que a guerra terminou ontem, ou, como muitos dizem, terminou o combate armado, mas a guerra ainda continua, no sentido de que o debate gira em torno de questões que o pós-guerra não resolveu. Ou seja: como reformular o Acordo de Dayton, a estrutura do Estado e da sociedade? Como lidar com o nacionalismo, sempre presente? Como lidar com os retornados, ou com o medo de voltar para casa, hoje em outra entidade, com outros vizinhos? Como lidar com o aumento populacional de cidades como Sarajevo, Banja Luka, Bijeljina, que se viram abarrotadas de migrantes “do campo”, fugidos de suas casas, de outras partes da Bósnia, vítimas de preconceitos e difamação nas grandes cidades? E até quando a Bósnia será tutelada pelo Alto Representante das Nações Unidas (OHR)? Somada a barganha

para a entrada da Bósnia na União Européia, que inclui justamente o fechamento do OHR. Condiciona-se assim a aceitação da candidatura da Bósnia a uma vaga na UE, ao cumprimento de uma agenda, onde a imposição de regulações via Bonn Powers é, de certo modo, substituída pela acessão voluntária a esta agenda⁴⁵⁷.

Tais questões referentes ao futuro convivem, por sua vez, com um presente marcado pelas rememorações oficiais da guerra (seja de Srebrenica, seja de uma brigada específica que defendeu um *front* específico em Sarajevo), por um espaço público repleto de memoriais e por uma vida cotidiana que foi transformada. Há as amizades de guerra, há as doenças da guerra e há o debate, sempre presente, sobre a divisão do país, na televisão, nos jornais, no dia-a-dia. A educação segue dividida, assim como as línguas e as histórias. E há ainda muita propaganda, onde um “nós” e um “eles” é o demarcador fundamental.

Contudo, algumas coisas ficaram da antiga Bósnia-Herzegovina, não importando a religião/etnia/nacionalidade: como a música – seja ela o turbo-folk, o rock n’roll, a música pop e a *narodna* –; os hábitos, como ir à praia no verão e ir para as montanhas no inverno; como tirar o sapato para entrar em casa; como o café, a *rakija* (cachaça), o cigarro, o doce, a *pita* e o *ćevapi*. No supermercado, a maioria dos produtos é dos hoje países da região – Eslovênia, Croácia, Sérvia e Montenegro, todos outrora repúblicas iugoslavas. Na televisão a cabo, a maioria dos canais também é da região: Montenegro, Sérvia, Macedônia, Croácia e Bósnia-Herzegovina (e os canais da Republika Srpska e da Federação). Literatura e artes, igualmente.

Posto isso, mais do que falar para mim como era então, os antigos fixers – que hoje trabalham ou com jornalismo, ou voltaram a suas antigas carreiras –, jornalistas locais, câmeras, intelectuais, e tantos outros, estão me contando como se situam no debate atual, pois suas falas estão sendo elaboradas em face do meio político circundante, em face do sem fim debate sobre a guerra e as fronteiras “étnicas” ou “históricas” ou “nacionais” da região, e claro, em face da minha indagação específica sobre o tema.

⁴⁵⁷ Ou AAE, ou Acordo de Associação e Estabilização. Para mais detalhes, ver Parish (2007).

Neste sentido, além de pensar como foi o trabalho dessas pessoas e seu papel durante o processo de construção da notícia, foi importante pensar como essas pessoas continuam formulando suas visões de mundo, suas interpretações sobre o que aconteceu, e procurando contá-las, se não para o mundo, para mim.

Dessas visões e interpretações, determinados pontos chamaram a atenção: como “versões da história”, onde cada lado tem a sua; “categorias étnico-nacionais”, onde fixers e jornalistas, de modo geral, colocam-se fora dessas categorias; além da questão da língua.

A aceitação ou negação de categorias, especialmente, esteve incrustada nas falas sobre a Bósnia-Herzegovina, que às vezes é pensada como uma não-nação, às vezes como uma nação formada por três diferentes grupos étnicos ou nacionais, e às vezes como a nação do “povo bósnio”. A Bósnia-Herzegovina é uma nação em construção, portanto, ou mais do que isso, uma nação ainda em disputa.

A pesquisa mostrou ainda que os intermediários de outrora são sujeitos especiais quando a questão é a construção de um universo explicativo para a guerra. Pois foram eles, fixers e demais entrevistados, que me abriram ao universo de temas presentes desde a guerra até hoje na Bósnia – muitos destes temas, eu não fazia a menor idéia que estivessem tão presentes.

Se poderia ter chegado ao mesmo lugar fazendo pesquisa com soldados, donas-de-casa, taxistas, ex-funcionários da Energoinvest, políticos, artesãos? Talvez. Mas não poderia ter discutido jornalismo sem eles, e a pesquisa nasceu justamente das indagações sobre o fazer jornalístico e a construção da história, onde as pessoas com quem escolhi conversar têm papel fundamental.

Cheguei assim a um grande slide, usando o termo de Veena Das (1999), que quer ser mostrado e não é segredo para ninguém. Em sua mensagem, vislumbra-se o que é Sarajevo e o que ele representa, vislumbra-se concepções diversas de estado e cidadania em debate, vislumbra-se o desejo de “sermos normais”, e o que tudo isso significa.

Foi uma pesquisa, portanto, sobre que imagem da Bósnia e da história eles querem passar; se são discursos, slides, deixemos que sejam, pelo menos nesse

momento, pois o que querem que eu ouça, é o que querem dizer, e se foram intermediários um dia, deixemos que sejam agora informantes, contando para nós suas histórias.

Algumas nuances, encontrei em seus próprios relatos, outras, no meu dia-a-dia pela cidade...

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: a guerra dos covardes*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1999.
- ALMEIDA, Mauro. A etnografia em tempos de guerra: contextos temporais e nacionais do objeto da antropologia. In: PEIXOTO, Fernanda Arêas, PONTES, Heloisa, SCHWARCZ, Lilia (Orgs.). *Antropologias, histórias, experiências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 61-81.
- AMOR e guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 maio 1993. Internacional, p. 10.
- ANDJELIC, Neven. *Bosnia-Herzegovina: the end of a legacy*. London: Frank Cass, 2003.
- ANDRIĆ, Ivo. *The bridge over the Drina*. Translated from the Serbo-Croat by Lovett F. Edwards. London: Harvill, 1995.
- APPIAH, K. Anthony. Identity, authenticity, survival: multicultural societies and social reproduction. In: GUTMANN, Amy (Ed.); TAYLOR, Charles. *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 149-163.
- _____. Race, culture, identity: misunderstood connections. In: _____. GUTMANN, Amy. *Colour conscious: the political morality of race*. Princeton: Princeton University Press, 1996. p. 30-105.
- _____. *Cosmopolitismo: la ética en un mundo de extraños*. Traducido por Lilia Mosconi. Buenos Aires: Katz, 2007.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARMAKOLAS, Ioannis. Sarajevo no more?: identity and the sense of place among Bosnian Serb Sarajevans in Republika Srpska. In: BOUGAREL, Xavier; HELMS, Elissa; DUIJZINGS, Ger (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 79-99.
- ARNAUT, Meldijana. *Uloga lista Srpske demokratke stranke "Javnost" u pripremi agresije na Bosnu i Hercegovinu*. Dissertação de Mestrado. 171 p. Univerzitet u Sarajevu, Sarajevo, 2008. [O papel do jornal do Partido Democrático Sérvio "Javnost" na preparação da agressão na Bósnia-Herzegovina].
- ASAD, Talal. The concept of cultural translation in British social anthropology. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Ed.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 141-164.
- AZINOVIĆ, Vlado. *Al-Kai'da u Bosni i Hercegovini: mit ili stvarna opasnost?* Sarajevo, Prag: Radio slobodna Europa: Centar za savremenu umjetnost, 2007. [Al-Qaida na Bósnia-Herzegovina: mito ou perigo real?]
- BAČANOVIĆ, Vuk. Genetska iliromanija. *BH Dani*, Sarajevo, n. 616, 3 abr. 2009, p. 38-39. [Ilírio-mania genética]
- BAKIĆ-HAYDEN, Milica. Nesting Orientalisms: The Case of Former Yugoslavia. *Slavic Review*, v. 54, n. 4, p. 917-931, winter 1995.
- _____. What's so Bizantine about the Balkans? In: BJELIĆ, Dušan I.; SAVIĆ, Obrad (Ed.). *Balkan as metaphor: between globalization and fragmentation*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2002. p. 61-78.

BALAKRISHNAN, Gopal. A imaginação nacional. In: _____ (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 209-225.

BANAC, Ivo. Post-Communism as post-yugoslavism: the Yugoslav non-revolutions of 1989-1990. In: _____ (Ed.). *Eastern Europe in revolution*. Ithaca: Cornell University Press, 1992. p. 168-187.

_____. *The national question in Yugoslavia: origins, history, politics*. Ithaca: Cornell University Press, 1994. With a new preface by the author.

_____. Bosnian Muslims: from religious community to socialist nationhood and postcommunist statehood, 1918-1992. In: PINSON, Mark (Ed.). *The Muslims of Bosnia-Herzegovina: their historic development from the Middle Ages to the dissolution of Yugoslavia*. 2. ed. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1996. p. 129-151.

BANKS, Marcus; MURRAY, Monica Wolf. Ethnicity and reports of 1992-95 Bosnian conflict. In: ALLEN, Tim; SEATON, Jean (Eds.). *The media of conflict: war reporting and representations of ethnic violence*. London: Zed Books, 1999. p. 147-161.

BARIKADE protiv Sarajeva. *Oslobođenje*, Sarajevo, 2 mar. 1992, p. 1. [Barricadas contra Sarajevo]

BARREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluvar (Sel., Introd., Rev.). *Desvendando máscaras sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990. p. 123-174.

BASCH, Gábor. *Assentados, estrangeiros e nativos: conflitos sobre nacionalidade e cidadania na Hungria e na Voivodina*. 2003, 170 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Unicamp, Campinas, 2003.

BEČIROVIĆ, Asaf. Bosanci, ne morate živjeti kao braća i sestre, živite kao ljudi!. *Oslobođenje*, Sarajevo, 25 nov. 2007, p. 4. [Bósnios, vocês não precisam viver como irmãos e irmãs, vivam como gente!]

BEČIROVIĆ, Hajriz (Ed.). *Opsada i odbrana Sarajeva 1992-1995: referati okruglog stola održanog 23. novembra 2005. godine*. Sarajevo: Institut za istraživanje zločina protiv čovječnosti i međunarodnog prava Univerziteta u Sarajevu, 2008. [Cerco e defesa a Sarajevo 1992-1995. Discussão em mesa redonda de 23 nov. 2005].

BEĆIRBAŠIĆ, Belma. 99. džamija za multietično Sarajevo. *BH Dani*, Sarajevo, n. 565, p. 26-28, 11 abr. 2008. [99ª mesquita para Sarajevo multiétnico]

BEEK, Walter E. A. van. Dogon restudied: a field evaluation of the work of Marcel Griaule. *Current Anthropology*, Chicago, v. 32, n. 2, p. 139-167, Apr. 1991.

BELL, Diane. Introduction 1: the context. In: _____, CAPLAN, Pat; KARIM, Wazir Jahan (Ed.). *Gendered fields: women, men, and ethnography*. London: Routledge, 1993. p. 1-18.

_____; CAPLAN, Pat; KARIM, Wazir Jahan (Ed.). *Gendered fields: women, men, and ethnography*. London: Routledge, 1993.

BELL, Martin. *In harm's way*. London: Penguin Books, 1996.

BENETTON opens store in war-torn Sarajevo. *Wilmington Morning Star*, Wilmington, NC, 14 Sept. 1995. p. 5C. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?nid=1454&dat=19950914&id=HrEsAAAAIBAJ&sjid=FxUEAAAAIBAJ&pg=5124,5693463>>. Acesso em: 31 maio 2010.

BENJAMIN, Walter. A tarefa - renúncia do tradutor. Tradução Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (Org.). *Antologia bilingüe: Clássicos da teoria da tradução*. Volume 1. Alemão-Português. Florianópolis: Núcleo de Tradução, 2001. p. 187-215.

BIDELEUX, Robert; JEFFRIES, Ian. *The Balkans: a post-communist history*. London: Routledge, 2007.

- BISHARA, Amahl. Local hands, international news: Palestinian journalists and the international media. *Ethnography*, London, v. 7, n. 1, p. 19-46, 2006.
- BJELIĆ, Dušan I. Introduction: blowing up the “bridge”. In: BJELIĆ, Dušan I.; SAVIĆ, Obrad (Ed.). *Balkan as metaphor: between globalization and fragmentation*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2002. p. 1-22.
- BOEHMER, George. Bundled out of Bosnia: boy still suffers nightmares. *Associated Press*, 16 jan. 1993. Arquivo de Aida Čerkez.
- BOJIČIĆ, Vesna. The disintegration of Yugoslavia: causes and consequences of dynamic inefficiency in semi-command economies. In: DYKER, David A.; VEJVODA, Ivan (Ed.). *Yugoslavia and after: a study in fragmentation, despair and rebirth*. Harlow: Pearson Education Limited, 1996. p. 28-47.
- BOTEV, Nicolai. Seeing past the barricades: ethnic intermarriage in former Yugoslavia. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 219-233.
- BOUGAREL, Xavier. Bosnia and Hercegovina: state and communitarianism. In: DYKER, David A.; VEJVODA, Ivan (Ed.). *Yugoslavia and after: a study in fragmentation, despair and rebirth*. Harlow: Pearson Education Limited, 1996. p. 87-115.
- _____. [BUGAREL, Ksavije]. *Bosna: anatomija rata*. Tradução do francês Jelena Stakić. Belgrado: Fabrika knjiga, 2004. [Bósnia: anatomia da guerra]
- _____. Death and the nationalist: martyrdom, war memory and veteran identity among Bosnian Muslims. _____. HELMS, Elissa; DUIJZINGS, Ger (Eds.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 167-191.
- _____. HELMS, Elissa; DUIJZINGS, Ger (Ed.). Introduction. *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 1-35.
- BRINGA, Tone. Nationality categories, identification and identity formation in “multinational” Bosnia. *Anthropology of East Europe Review*, v. 11, n. 1-2, p. 115-128, autumn 1993. Special issue: War among the Yugoslavs.
- _____. *Being Muslim the Bosnian way: identity and community in a Central Bosnian village*. Princeton: Princeton University Press, 1995.
- BUTUROVIC, Amila. Producing and annihilating the ethnos of Bosnian Islam. *Cultural Survival Quarterly*, Cambridge MA, v. 19, n. 2, Summer 1995. Special issue: Nationalism in Eastern Europe. Disponível em: <<http://www.culturalsurvival.org/ourpublications/csq/article/producing-and-annihilating-ethnos-bosnian-islam>>. Acesso em: 10 ago. 2010.
- CASAGRANDE, Joseph B. (Ed.). *In the company of man: twenty portraits by anthropologists*. New York: Harper & Brothers, 1960.
- CASE Information Sheet. “Višegrad” (IT-98-32/1): Milan Lukić and Sredoje Lukić. International Criminal Tribunal for the Former Yugoslavia. 2010. Disponível em: <http://www.icty.org/x/cases/milan_lukic_sredoje_lukic/cis/en/cis_lukic_lukic_en.pdf>. Acesso em: 11 set. 2010.
- CATHOLIC Church in Bosnia and Herzegovina: history, war suffering, persons and institutions. Sarajevo: Central Church Committee for the visit of Pope John Paul’s II, 1997.

- CERKEZ-ROBINSON, Aida. Courage emerges from the work journalists do. *Nieman Reports*, Cambridge MA, Summer 2006. Disponível em: <<http://www.nieman.harvard.edu/reportsitem.aspx?id=100408>>. Acesso em: 12 set. 2010.
- CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal. (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 227-238.
- _____. *Colonialismo, modernidade e política*. Tradução do inglês Fábio Baqueiro Figueiredo. Salvador: EDUFBA, CEAO, 2004.
- CLIFFORD, James. Introduction: partial truths. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Ed.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 1-26.
- _____; MARCUS, George E. (Ed.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- COHEN, Lenard J.. Bosnia's "tribal gods": the role of religion in nationalist politics. In: MOJZES, Paul (Ed.). *Religion and the war in Bosnia*. Atlanta, GA: Scholars Press, 1998. p. 43-73.
- COHEN, Roger. *Hearts grown brutal: sagas of Sarajevo*. New York: Random House, 1998.
- COLLIN, Matthew. *Rádio guerrilha: rock e resistência em Belgrado*. Tradução Marcelo Orozco. São Paulo: Barracuda, 2006.
- COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- COSTA NETTO, Fernando. Enjoy Sarajevo: 1994. *Boom*, São Paulo, p. 14-27, 1994.
- CRAPANZANO, Vincent. *Tuhami: portrait of a Moroccan*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.
- CUSHMAN, Thomas. Anthropology and genocide in the Balkans: an analysis of conceptual practices of power. *Anthropological Theory*, London, v. 4, n. 1, p. 5-28, 2004.
- ČEKIĆ, Smail. *The aggression against the Republic of Bosnia and Herzegovina: planning, preparation, execution*. Translation by Branka Ramadanović. Sarajevo: Institute for the Research of Crimes Against Humanity and International Law, 2005. 2 v.
- ČEMERNO: godišnjica masakra nad Srbima. *Vesti online*, Belgrado, 10 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.vesti-online.com/Vesti/Ex-YU/59689/Cemerno-Godisnjica-masakra-nad-Srbima>>. Acesso em: 16 set. 2010. [Čemerno: aniversário do massacre de sérvios]
- DANISZEWSKI, John. My name is Igor: war forces to Bosnian mother to plan for worst. *Associated Press*, 22 jul. 1992. Arquivo de Aida Čerkez.
- DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. New Delhi: Oxford University Press, 1995.
- _____. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 14, n. 40, p. 31-42, jun. 1999.
- _____. Violence and translation. *Anthropological Quarterly*, Washington, v. 75, n. 1, p. 105-112, 2002.
- DENICH, Bette. Dismembering Yugoslavia: nationalist ideologies and the symbolic revival of genocide. *American Ethnologist*, v. 21, n. 2, p. 367-390, May 1994.
- _____. Unmaking multiethnicity in Yugoslavia: media and metamorphosis. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on*

Yugoslav ethnicity, culture, and history. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 39-55.

DENITCH, Bogdan. *Ethnic nationalism: the tragic death of Yugoslavia*. Ed. rev. Minneapolis, MN: University of Minnesota, 1996.

DIVJAK, Jovan. Ekskluzivni intervju sa generalom Armije RBiH Jovanom Divjakom. 26 maio 2009. Entrevista concedida a Patriotska Liga BiH. Disponível em: <<http://www.plbih.info/cms/Jovan-Divjak.371.0.html>>. Acesso em: 12 set. 2010.

DIZDAREVIĆ, Raif. *A first-hand account: from the death of Tito to the death of Yugoslavia*. Translation Saba Risaluddin. Sarajevo: Šahinpašić, 2009.

DIZDAREVIĆ, Zlatko. I na nebu i na Zemlji. *BH Dani*, Sarajevo, n. 555, 1 fev. 2008. [Assim na Terra como no céu].

DONIA, Robert J. *Sarajevo: a biography*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2006.

_____.; FINE JR., John V. A. *Bosnia and Hercegovina: a tradition betrayed*. New York: Columbia University Press, 1994.

DUIJZINGS, Ger. Commemorating Srebrenica: histories of violence and the politics of memory in Eastern Bosnia. In: _____, BOUGAREL, Xavier, HELMS, Elissa (Eds.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 141-166.

DULLEY, Iracema. Suku onganga: divindade traduzida em feitiçaria e missão no colonialismo português em Angola. Texto apresentado na ABA em junho de 2006.

DŽAJA, Srećko. *Politička realnost jugoslavenstva (1918-1991): s posebnim osvrtom na Bosnu i Hercegovinu*. Tradução do alemão Ladislav Z. Fišić. Sarajevo, Zagreb: Svjetlo riječi, 2004. [Real política iugoslava: com enfoque especial à Bósnia-Herzegóvina].

DŽIHANA, Amer; JUSIĆ, Tarik. Bosnia and Herzegovina. In: BAŠIĆ-HRVATIN, Sandra; THOMPSON, Mark; JUSIĆ, Tarik (Edit.). *Diveded they fall: public service broadcasting in multiethnic states*. Tradução Kanita Halilović. Sarajevo: Mediacentar, 2008. p. 81-118.

ĐERKOVIĆ, Andrej. *Škuribanda*. Traduction Reuf Mustabašić et Nadia Đerković. Sarajevo: Buybook, 2004.

_____. *Slučajni razgovori*. Sarajevo: Buybook, 2007. [Conversas ao acaso].

ETNO selo Stanišić. *Turistička organizacija Bijeljina*, Bijelina. s.d. Disponível em: <http://www.bijeljinaturizam.org/6/bijeljinaturizam/Etno/turizam>. Acesso em: 10 set. 2010. [Vila Étnica Stanišić. Associação Turística de Bijeljina]

FABIAN, Johannes. *Time and other: how anthropology makes its object*. Nova York: Columbia University Press, 1983.

_____. Presence and representation: the other and the anthropological writing. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 16, n. 4, p. 753-772, summer 1990.

FILIPOVIĆ, Zlata. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Tradução do francês de Antonio de Macedo Soares e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FIRTH, Raymond. A Polynesian aristocrat (Tikopia). In: CASAGRANDE, Joseph B. (Ed.). *In the company of man: twenty portraits by anthropologists*. New York: Harper & Brothers, 1960. p. 1-40.

GARAŠANIN, Ilija (ГАРАШАНИН, Илија). Начертаније: Програм спољашне и националне политике Србије на концу 1844. године. Disponível em: <http://www.rastko.rs/istorija/garasanin_nacertanije_c.html>. Acesso em: 12 set. 2010. [Esboço: programa de política externa e nacional da Sérvia no fim de 1844]

- GARDE, Paul. *Vie et mort de la Yougoslavie*. éd. augmentée. Paris: Fayard, 1994.
- GASBARRO, Nicola. Missões: a civilização cristã em ação. In: MONTERO, Paula (Org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 67-109.
- GATALO, Veselin. *SFOR: Siesta, fiesta, orgasmo, riposo*. Sarajevo, Zagreb: Naklada Zoro, 2004.
- GEBERT, Konstanty. Telling Slavonia, Slovenia and Slovakia apart: how do you do it when you are a foreign correspondent, and how do you explain to your readers that it matters. In: RESEARCH TRAINING SEMINAR "MEDIA AND CONFLICT". Sarajevo: Mediacentar Sarajevo, 17-18 Sept. 2008. CD-ROM.
- GJELTEN, Tom. *Sarajevo daily: a city and its newspaper under siege*. New York, NY: HarperCollins, 1995.
- GLENNY, Misha. *The fall of Yugoslavia: the third Balkan war*. London: Penguin, 1996.
- GOLDE, Peggy (Ed.). *Women in the field: anthropological experiences*. 2. ed. aum. e atual. Berkeley: University of California Press, 1986.
- _____. Introduction. In: _____ (Ed.). *Women in the field: anthropological experiences*. 2. ed. aum. e atual. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 1-15.
- GOLDSWORTHY, Vesna. Invention and In(ter)vention: the rhetoric of Balkanization. In: BJELIĆ, Dušan I.; SAVIĆ, Obrad (Ed.). *Balkan as metaphor: between globalization and fragmentation*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2002. p. 25-38.
- GRANDITS, Hannes; PROMITZER, Christian. "Former comrades" at war: historical perspectives on "ethnic cleansing" in Croatia. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p.125-142.
- GREENBERG, Robert D.. *Language and identity in the Balkans: Serbo-Croatian and its disintegration*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- GRIAULE, Marcel. *Dieu d'eau: entretiens avec Ogotemmêli*. Paris: Fayard, 1966.
- GRIGOROV, Dimitar (ГРИГОРОВ, Димитар). „Рачунајте на нас“: „одломак“ о Титовој штафети или Штафети младости. Tradução Jasmina Jovanović (Јасмина Јовановић). *Годишњак за друштвену историју*, Belgrado, ano XV, n. 1-3, p. 105-136, 2008. Disponível em: <http://www.udi.rs/articles/d_grigorov_2008.pdf>. Acesso em: 12 set. 2010. [“Conte conosco”: “parágrafo” sobre o bastão de Tito ou Bastão da juventude. Anal de História Social]
- GUTMAN, Roy. *A witness to genocide: the 1993 Pulitzer Prize-winning dispatches on the "Ethnic Cleansing" of Bosnia*. New York, NY: Macmillan, 1993.
- HABERMAS, Jürgen. Struggles for recognition in the democratic constitutional state. Tradução Shierry Weber NicholSEN. In: TAYLOR, Charles. *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Princeton: Princeton University Press, 1994. Edit. by Amy Gutmann. p. 107-148.
- HADŽIFEJZOVIĆ, Senad. *Rat uživo: ratni televizijski dnevnik, 1992-1995. War: live on air: war television news, 1992-1995*. 2. ed. Sarajevo: autor, 2002.
- _____. “Pa, ko pobijedi u tom ratu, babo?”. *BH Dani*, Sarajevo, n. 254, 26 abr. 2002. Entrevista concedida a Emir Imamović e Ahmed Burić. [Mas afinal, quem vence nessa guerra, papai?]
- HANN, C. Introduction: social anthropology and socialism. In: HANN, C. M. (Ed.). *Socialism: ideals, ideologies, and local practice*. London: Routledge, 1993. p. 1-26.

- HANNERZ, Ulf. *Transnational connections: culture, people, places*. London: Routledge, 2000.
- _____. *Foreign news: exploring the world of foreign correspondents*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.
- HANSEN, Lene. *Security as practice: discourse analysis and the Bosnian war*. London: Routledge, 2006.
- HASIĆ, Duljko. *Ratne štete u Sarajevu: 1992.-1995*. Sarajevo: Institut za istraživanje zločina protiv čovječnosti i međunarodnog prava, 2006. [Danos da guerra em Sarajevo: 1992-1995]
- HAVIV, Ron. *Blood and honey: a Balkan war journal*. Essays by C. Sudetic and D. Rieff. Afterword by B. Kouchner. New York, NY: Umbrage Editions, TV Books, 2000.
- HAYDEN, Robert M. Constitutional nationalism in the formerly Yugoslav republics. *Slavic Review*, v. 51, n. 4, p. 654-673, winter 1992.
- _____. *Recounting the dead: the rediscovery and redefinition of wartime massacres in late and post-communist Yugoslavia*. In: WATSON, Rubie S. (Ed.). *Memory, history, and opposition under state socialism*. Santa Fe: School of American Research, 1994. p. 167-184.
- _____. *Blueprints for a house divided: the constitutional logic of the Yugoslav conflicts*. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2000.
- HELMS, Elissa. East and West Kiss: Gender, Orientalism, and Balkanism in Muslim-Majority Bosnia-Herzegovina. *Slavic Review*, v. 67, n. 1, p. 88-119, spring 2008.
- HERO, Mesud. et al. *Genocid u Srebrenici, sigurnoj zoni UN-a, jula 1995. godine*. *Genocide in UN safe area Srebrenica, July 1995*. Sarajevo: Institut za istraživanje zločina protiv čovječnosti i međunarodnog prava, 2007. [Genocídio em Srebrenica, zona de segurança da ONU, julho de 1995]
- HESS, Stephen. *International News & Foreign Correspondents*. Washington D.C.: The Brookings Institution, 1996.
- HICKS, Jim. What's it like there?: desultory notes on the representation of Sarajevo. Smith College: Jim Hicks, 2002. Disponível em: <<http://www.iath.virginia.edu/pmc/text-only/issue.102/12.2hicks.txt>>. Acesso em: 4 set. 2010.
- HIRSCH, Francine. *Empire of nations: ethnographic knowledge and the making of the Soviet Union*. Ithaca: Cornell University Press, 2005.
- HOBSBAWN, Eric J.. *A era dos impérios: 1875-1914*. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HODŽIĆ, Šefko. Vanzemaljci iznad Sarajeva. *Oslobođenje*, Sarajevo, 23 dez. 2007, p. 32-33. [Extraterrestres sobre Sarajevo].
- HOZIĆ, Edo. *Biografija Sarajeva '92-'93: iz dana u dan: izbor iz sarajevskih novina i magazina*. Sarajevo: Bemust, 2008. [Biografia de Sarajevo 1992-1993: dia-a-dia: seleção de artigos de jornais e revistas de Sarajevo]
- IDENTITY card of BiH. Bosnia and Herzegovina Presidency, 11 Oct. 2006. Disponível em: <http://www.predsjednistvobih.ba/o-bih/Template.aspx?cid=8143,1,1>. Acesso em: 12 set. 2010.
- INSIDE the Bosnian crisis: documents and analysis. *Journal of Intervention and Statebuilding*, v. 1, 103 p., 1 Dec. 2007. Special Supplement.
- IUGOSLÁVIA aceita o acordo de paz do G-8. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 jun. 1999. Internacional, p. A10.

IUGOSLÁVIA recua e aceita acordo de para Kosovo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jun. 1999. Mundo, p. 1-9.

IVANKOVIĆ, Željko. *700 dana opsade*: sarajevski dnevnik, 1992-1994. Zagreb: Durieux, 1995. [700 dias de cerco: diário de Sarajevo].

_____. *Na marginama kaosa (fin de millenium)*: studije i eseji. Sarajevo: Rabic, 2001. [Na margem do caos (fim de milênio): estudos e ensaios].

_____. Velikobošnjačka ideologija. *Oslobođenje*, Sarajevo, 19 maio 2009. p. 40-41. [Ideologia expansionista bosniac]

IZETBEGOVIĆ, Alija. *Islamska deklaracija*. Sarajevo: Bosna, 1990. [Declaração islâmica]

JAHIĆ, Dževad; HALILOVIĆ, Senahid; PALIĆ, Ismail. *Gramatika bosanskoga jezika za srednje škole*. Zenica: Dom Štampe, 2000. [Gramática da língua bósnia para o ensino médio].

JANSEN, Stef. Remembering with a difference: clashing memories of Bosnian conflict in everyday life. In: BOUGAREL, Xavier, HELMS, Elissa, DUIJZINGS, Ger (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 193-208.

JELAVICH, Barbara. *History of the Balkans: Eighteenth and Nineteenth centuries*. Volume 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. *History of the Balkans: Twentieth century*. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JERGOVIĆ, Miljenko. *Sarajevo Marlboro*. Translated from the Bosnian by Stela Tomašević. London: Penguin, 1997.

_____. Rudi I Rejhan. *BH Dani*, Sarajevo, n. 104, 28 maio 1999. Disponível em: <<http://www.bhdani.com/arhiva/104/citanka04.htm>>. Acesso em 23 set. 2010. [Rudi e Rejhan]

JOVANOVIĆ, Srdjan. Serbo-croato-bosno-montenegrin?: making order out of chaos. *Humanicus*, s.l., p. 72-95, May 2008.

JUDAH, Tim. *The Serbs: history, myth and the destruction of Yugoslavia*. New Haven: Yale University Press, 1997.

JUSTICE REPORT. ICTY: Prvostepena presuda Momčilu Krajišniku 27 godina. *BIRN*, Sarajevo, 28 set. 2006. Disponível em: <<http://www.bim.ba/bh/29/10/1012/>>. Acesso em: 8 set. 2010. [TPI: Primeira sentença é de 27 anos a Momčilo Krajišnik]

KADRIĆ, Šefko. *Bogomils as inspiration*. Värnamo: Hamlet-förlag, 2007.

KAMENICA, Senad. *Media as a tool of conflict resolution*. 2002. 127 p. Dissertation (Master of Arts in Post-War Recovery Studies). The University of York, London, 2002.

_____. A lesson from Bosnia: how prejudice can destroy a nation. Sarajevo: s.n., s.d.. Artigo dado a autora pelo autor.

KANTON Sarajevo. Sarajevo. Disponível em: <<http://www.ks.gov.ba/okantonu.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2007.

KANTON Sarajevo u brojkama. Sarajevo: Federalni zavod za statistiku, 2010. Disponível em: <<http://www.fzs.ba/Podaci/09.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2010. [Cantão Sarajevo em números].

KAPIĆ, Suada. *The siege of Sarajevo: 1992-1996*. Sarajevo: Fama, 2000.

_____. *Sarajevo Survival Map*. Sarajevo: Fama, 2006.

_____. Entrevista concedida a Andrej Đerković. In: ĐERKOVIĆ, Andrej. *Slučajni razgovori*. Sarajevo: Buybook, 2007. p. 142-145. [Conversas ao acaso].

- KARUP, Dženana. Posljedni dani “raja”. *BH Dani*, Sarajevo, n. 67, 19 jan. 1998. Disponível em: <<http://www.bhdani.com/arhiva/67/tekst567.htm>>. Acesso em: 5 set. 2010. [Os últimos dias de “paraíso”]
- KOLLER, Markus; KARPAT, Kemal H. (Ed.). *Ottoman Bosnia: a history in peril*. Madison, WI: Center of Turkish Studies: University of Wisconsin, 2004.
- KOWACIC, Jovan. Bandidos promovem a guerra na ex-Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 out. 1993. Mundo, p. 3-6. Da agência Reuter, de Belgrado.
- KUBERT, Joe. *Fax from Sarajevo: a story of survival*. Milwaukie, OR: Dark House Comics, 1996.
- KUKAN, M. Nikada nije tražio više nego što je bio spreman dati drugima. *Dnevni Avaz*, Sarajevo, 18 out. 2007. p. 46. [Nunca buscou mais do estivesse pronto para dar aos outros].
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. Tradução Rafael Varela Jr. 2. ed. 1. reimpr. São Paulo: Edusp, 2002.
- KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru: Edusc, 2002.
- KURSPAHIĆ, Kemal. *As long as Sarajevo exists*. Translated by Colleen London. Foreword Christopher Hitchens. Introduction Roy Gutman. Stony Creek, CT: The Pamphleteer's Press, 1997.
- _____. *Prime time crime: Balkan media in war and peace*. Washington, D.C.: United States Institute of Peace Press, 2003.
- KYMLICKA, Will. Introduction. In: KYMLICKA, Will (Org.). *The rights of minority cultures*. Oxford: Oxford University Press, 1995. p. 1-27.
- LAUŠEVIĆ, Mirjana. Some aspects of music and politics in Bosnia. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 289-301.
- LEŠIĆ, Zdenko (Ed.). *Children of Atlantis: voices from the former Yugoslavia*. Translation by Christina Pribičević-Zorić. Budapest: Central European University Press, 1995.
- LEUTLOFF-GRANDITS, Carolin. *Claiming ownership in postwar Croatia: the dynamics of property relations and ethnic conflict in the Knin region*. Berlin: Lit Verlag, 2006.
- LEXAU, Siw Skjold. *Bosnia and Herzegovina: adviser to the political department office of the high representative*. 2003-2004. Nordem Report, 16, 2004. Disponível em: <<http://www.jus.uio.no/smr/english/about/programmes/nordem/publications/nordem-report/2004/16.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2010.
- LOIZOS, Peter. A duty of care? Three Granada television films concerned with war. In: ALLEN, Tim; SEATON, Jean (Eds.). *The media of conflict: war reporting and representations of ethnic violence*. London: Zed Books, 1999. p. 102-124.
- LOONEY, Virgil. *A big plus for Bosnia and Herzegovina or perpetuating negative inter-ethnic relationships?* Earlham College. Especialização em Economia e Estudos Internacionais. 60 p. Spring 2009.
- LOVRENOVIĆ, Dubravko. *Povijest est magistra vitae: o vladavni prostora nad vremenom*. Sarajevo: Rabic, 2008. [História est magistra vitae: sobre o domínio do espaço sobre o tempo].
- _____. *Stećci: bosansko i humsko mramorje srednjeg vijeka*. Sarajevo: Rabic, 2009. [Stećci: túmulos bósnios e húmios da idade média].

- LOVRENOVIĆ, Ivan. The acquittal of Sefer Halilovic. Translated from: *Feral Tribune*, Split, 25 November 2005. *Bosnia report*, Bosnian Institute, London, n. 49-50, Dec./Mar. 2006. Disponível em <http://www.bosnia.org.uk/bosrep/report_format.cfm?articleid=3044&reportid=170>. Acesso em: 7 set. 2010.
- LOYD, Anthony. *My war gone by, I miss it so*. London: Penguin Books, 2001.
- LULE, Jack. News as myth: daily news and eternal stories. In: ROTHENBUHLER, Eric. W.; COMAN, Mihai (Eds.). *Media anthropology*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005. p. 101-110.
- MAČEK, Ivana. "Imitation of life": negotiating normality and the cultural transformation of Sarajevo. In: BOUGAREL, Xavier; HELMS, Elissa; DUIJZINGS, Ger (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 39-57.
- _____. *Sarajevo under siege: anthropology in wartime*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2009.
- MAHMUTČEHAJIĆ, Rusmir. *Une politique erronée: lecture de l'histoire ET La confiance em Bosnie*. Traduit du bosniaque par Mauricette Begić et Nicole Dizdarević. Zagreb: Durieux, 2005.
- MALCOLM, Noel. *Bosnia: a short history*. London: Pan Books, 2002.
- _____. *Kosovo: a short history*. New York: New York University Press, 1998.
- MANERS, Lynn D. Clapping for Serbs: nationalism and performance in Bosnia and Herzegovina. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 302-315.
- MANUAL geral da redação: Folha de S. Paulo. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.
- M. B.. Milicija i vojska po strani. *Oslobođenje*, Sarajevo, 2 abr. 1992, [p. 3?]. [Polícia e forças armadas de fora]
- MCLAUGHLIN, Greg. *The war correspondent*. London: Pluto Press, 2002.
- MEAD, Margaret. Weaver of the border. In: CASAGRANDE, Joseph B. (Ed.). *In the company of man: twenty portraits by anthropologists*. New York: Harper & Brothers, 1960. p. 175-210.
- MEHMEDINOVIĆ, Semezdin. *Sarajevo blues*. Sarajevo: Civitas, 2004.
- MERRY, Sally Engle. Transnational human rights and local activism: mapping the middle. *American Anthropologist*, s.l., v. 108, n. 1, p. 38-51, Mar. 2006.
- MERTUS, Julie. National minorities under the Dayton accord: lessons from history. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 234-252.
- METCALF, Peter. The book in the coffin: on the ambivalence of "informants". *Cultural Anthropology*, v. 13, n. 3, p. 326-343, Aug. 1998.
- MILOVANOVIĆ, Ante. *Prehrana Sarajeva u ospadi: 1992-1995*. Sarajevo: Institut za istraživanje zločina protiv čovječnosti i međunarodnog prava, 2007. [Alimentação em Sarajevo durante o cerco]
- MOJZES, Paul (Ed.). *Religion and the war in Bosnia*. Atlanta, GA: Scholars Press, 1998.

- _____. The camouflaged role of religion in the war in Bosnia and Herzegovina. _____ (Ed.). *Religion and the war in Bosnia*. Atlanta, GA: Scholars Press, 1998. p. 74-98.
- MONTERO, Paula (Org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. Introdução. Missionários, índios e mediação cultural. _____ (Org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 9-29.
- _____. Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural. _____ (Org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 31-66.
- MRKIĆ, Vlado. Tragedija sela Sijekovac. *Oslobođenje*, 29 mar. 1992, p. 1. [Tragédia na vila Sijekovac]
- MULIĆ-BUŠATLIJA, Snježana. Trči, Nora, trči!: o mostu, Suadi i Olgi... *BH Dani*, Sarajevo, specijalno izdanje "Sjećas li se Sarajevo", abr. 2008. [Corra, Nora, corra!: sobre a ponte Suada e Olga. Edição especial "Lembra-se de Sarajevo"]
- MURŠIĆ, Rajko. The Yugoslav dark side of humanity: a view from a Slovene blind spot. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 56-77.
- NACIONALNI sastav stanovništva: rezultati za republiku po opštinama i naseljenim mjestima 1991. Popis stanovništva, domaćinstava, stanova i polioprivrednih gazdinstava 1991. Sarajevo: Državni zavod za statistiku Republike Bosne i Hercegovine, dec./pros. 1993. Disponível em:
<http://www.bhas.ba/arhiva/census1991/Nac_Sast%20po%20naseljenim%20mjestima.pdf>. Acesso em: 12 set. 2010. [Composição nacional dos habitantes: resultado para a república por municipalidades e localidades 1991. Censo de habitantes, habitações (apartamentos e casas) e propriedades agrícolas 1991]
- NAJBOLJI vicevi. Belgrado: Aruna, s.d.. [As melhores piadas]
- NOLASCO, Sônia. ONU nada faz pela Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 jan. 1993. Internacional, p. 12.
- OLSEN, Mary Kay Gilliland. Bridge on the Sava: ethnicity in Eastern Croatia, 1981-1991. p. 90-105. *Anthropology of East Europe Review*, v. 11, n. 1-2, autumn 1993. Special issue: War among the Yugoslavs.
- ORŠOLIĆ, Marko. *Zlodusima unatoč*: intervjui 1988-2002. Sarajevo, Rijeka: IMIC, Adamić, 2003. [Apesar do mau: entrevistas 1988-2002].
- _____. *Zlodusima nasuprot*: religija i nationalsocijalizam. 2. ed. aum. Sarajevo: Maunagić, IMIC, 2008. [Ao contrário do mau: religião e nacional-socialismo]
- PALMER, Jerry; FONTAN, Victoria. "Our ears and our eyes": journalists and fixers in Iraq. *Journalism*, London, v. 8, n. 1, p. 5-24, 2007.
- PARISH, Matthew T.. The demise of the Dayton protectorate. *Journal of Intervention and Statebuilding*, v. 1, 1 Dec. 2007, p. 11-23. Special Supplement: Inside the Bosnian crisis: documents and analysis.
- PERES, Andréa Carolina Schvartz. *Enviado especial à...: uma análise antropológica da cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia (anos 90)*. 2005, 289 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- PINA CABRAL, João de. Semelhança e verossimilhança: horizontes da narrativa etnográfica. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 109-122, 2003.

- _____. Crises de fraternidade: literatura e etnicidade no Moçambique pós-colonial. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 229-253, jul./dez. 2005.
- PRATT, Mary Louise. Field work in common places. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Ed.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 27-50.
- PULJIĆ, Vinko. *O stradanjima s nadom*: misli, stajališta, poruke. Sarajevo: Hrvatsko kulturno društvo Napredak, 1994. [Às vítimas, com esperança: pensamentos, visões, mensagens].
- _____. *O stradanjima s nadom II*: misli, stajališta, poruke. Sarajevo: Hrvatsko kulturno društvo Napredak, 1997. [Às vítimas, com esperança II: pensamentos, visões, mensagens].
- RABINOW, Paul. *Reflections on fieldwork in Morocco*. Berkeley: University of California Press, 1977.
- RAMET, Sabrina P.. Balkan Babel: The disintegration of Yugoslavia from the death of Tito to the fall of Milošević. 4 ed. Cambridge, MA: Westview, 2002.
- RAZOVIĆ, Maja; WAGNER, Aleksandra (Ed.). *Sarajevo survival guide*. Sarajevo: Fama, 1993.
- RIEFF, David. *Slaughterhouse*: Bosnia and the failure of the West. With a new afterword by the author. New York, NY: Simon and Schuster, 1996.
- RIFATBEGOVIĆ, Halid. Ulične borbe u Bijeljini. *Oslobođenje*, Sarajevo, 2 abr. 1992, [p. 3?]. [Batalha nas ruas de Bijeljina]
- ROSALDO, Renato. From the door of his tent: the fieldwork and the inquisitor. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Ed.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986. p. 77-97.
- RUDIE, Ingrid. A hall of mirrors: autonomy translated over time in Malaysia. In: BELL, Diane; CAPLAN, Pat; KARIM, Wazir Jahan (Ed.). *Gendered fields: women, men, and ethnography*. London: Routledge, 1993. p. 103-116.
- RUFINO, Marcos Pereira. O código da cultura: o CIMI no debate da inculturação. In: MONTERO, Paula (Org.). *Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 235-275.
- SACCO, Joe. *Área de segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental, 1992-1995*. Tradução Sérgio Augusto Miranda. São Paulo: Conrad, 2001.
- _____. *Uma história de Sarajevo*. Tradução de Cris Siqueira. São Paulo: Conrad, 2005.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SARAJEVO Survival Guide (Excerpts). Disponível em: <<http://www.friends-partners.org/bosnia/surintro.html>>. Acesso em: 30 jun. 2009.
- SARAJEVO Survival Map. In: FAMA International. Sarajevo, 1999. Disponível em: <<http://www.famainternational.com/map/map-ff.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2009.
- SARHANDI, Daoud; BOBOC, Alina. *Evil doesn't live here*: posters from the Bosnian war. Foreward David Rohde. New York: Princeton Architectural Press, 2001.
- SCHWARTZ, Stephen. *Sarajevo Rose: a Balkan Jewish notebook*. London: Saqi, 2005.
- SCOTT, Victoria. *The front page on the front line*: international intervention in post-conflict media in the Central Balkans. 2007, 146 p. Dissertação (Mestrado em "Post-war recovery studies"). University of York, Post-War Reconstruction and Development Unit, England. 2007.

SEATON, Jean. The new “ethnic” wars and the media. In: _____, ALLEN, Tim (Eds.). *The media of conflict: war reporting and representations of ethnic violence*. London: Zed Books, 1999. p. 43-63.

SECURITY Council. Resolution 824. 1993. Disponível em: < <http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N93/262/07/IMG/N9326207.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 3 set. 2010.

_____. Resolution 1037, 1996. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N96/007/55/PDF/N9600755.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 3 set. 2010.

SELIMBEGOVIĆ, Vildana. Fudbalski teren po cijeni garaže. *BH Dani*, Sarajevo, n. 554, 25 jan. 2008. [Campo de futebol pelo preço de uma garagem].

SERVA, Leão. Guerra ameaça forças da ONU. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1992. Mundo, p. 3-1. Enviado especial a Sarajevo.

_____. Guerra cria novos “homens das cavernas”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1992. Mundo, p. 2-13. Enviado especial a Sarajevo.

SÉRVIOS atacam Bihac com napalm. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 nov. 1994. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.

SILAJDŽIĆ, Haris. Prudskim sporazumom Dodik je htio ugasiti OHR. *Oslobođenje*, Sarajevo, 6 abr. 2009, p. 2-3. Entrevista concedida a Vildana Selimbegović. [Através do acordo de Prud, Dodik quis acabar com a OHR]

SILBER, Laura; LITTLE, Allan. *The death of Yugoslavia*. Ed. rev. London: Penguin, BBC, 1996.

SIMIĆ, Andrei. Nationalism as a folk ideology: the case of former Yugoslavia. HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 103-115.

SOFTIĆ, Elma. *Sarajevo days, Sarajevo nights*. Translated by Nada Conić. Saint Paul, MN: Hungry Mind Press, 1996.

SORABJI, Cornelia. Managing memories in postwar Sarajevo: individuals, bad memories, and new wars. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, London, v. 12, n. 1, p. 1-18, Mar. 2006.

STEFANSSON, Anders. Urban exile: locals, newcomers and the cultural transformation of Sarajevo. In: BOUGAREL, Xavier; HELMS, Elissa; DUIJZINGS, Ger (Ed.). *The new Bosnian mosaic: identities, memories and moral claims in a post-war society*. Hampshire: Ashgate, 2007. p. 59-77.

SUDETIC, Chuck. *Blood and vengeance: one family's story of the war in Bosnia*. New York: W. W. Norton & Company, 1998.

TAYLOR, Charles. The politics of recognition. In: TAYLOR, Charles. *Multiculturalism: examining the politics of recognition*. Princeton: Princeton University Press, 1994. Edit. by Amy Gutmann. p. 25-73.

TELIBEČIROVIĆ, Amir. Kako razlikovati Srbe, Hrvate, Bošnjake...?. *Start*, Sarajevo, ano XII, n. 275, p. 56-57, jun. 2009. [Como diferenciar sérvios, croatas e bosniacs...?].

THOMAZ, Omar Ribeiro. Bósnia-Herzegovina: a vitória da política do medo. *Novos Estudos CEBPAP*, São Paulo, n. 47, p. 3-18, mar. 1997.

THOMPSON, Mark. *Forging war: the media in Serbia, Croatia, Bosnia and Hercegovina*. Luton: Article 19, 1999.

TINJAK, Ekrem. Za uvrede uvijek spremni. *Start*, Sarajevo, ano XII, p. 28-31, aug. 2009. [Sempre prontos para insultos]

TODOROVA, Maria. *Imaging the Balkans*. New York: Oxford University Press, 1997.

TOMIC, Zeljko. Obeležena 18. godišnjica masakra Srba na Čemernu. Sokolac, 24762, 10 ago. 2010. Disponível em: <http://sokolac.slavicnet.com/sokolac/sokolac_cemerno_forum.html>. Acesso em: 16 set. 2010. [Comemoração dos 18 anos do massacre de sérvios em Čemerno]

TRADUÇÃO do sentido do nobre Alcorão para a língua portuguesa. Realizada por Helmi Nasr. Complexo do Rei Fahd. s.d..

TURNER, Victor W. Muchona the hornet, interpreter of religion. In: CASAGRANDE, Joseph B. (Ed.). *In the company of man: twenty portraits by anthropologists*. New York: Harper & Brothers, 1960. p. 333-355.

UGREŠIĆ, Dubravka. *The culture of lies: antipolitical essays*. Tradução Celia Hawkesworth. University Park, PA: The Pennsylvania State University, 1998.

VASIĆ, Miloš. The Yugoslav Army and the Post-Yugoslav Armies. In: DYKER, David A.; VEJVODA, Ivan (Ed.). *Yugoslavia and after: a study in fragmentation, despair and rebirth*. Harlow: Pearson Education Limited, 1996. p. 116-137.

VEJVODA, Ivan. By way of conclusion to avoid the extremes of suffering... In: DYKER, David A.; VEJVODA, Ivan (Ed.). *Yugoslavia and after: a study in fragmentation, despair and rebirth*. Harlow: Pearson Education Limited, 1996. p. 248-263

VELIČKOVIĆ, Nenad. *Konačari*. Sarajevo: Omnibus, 2006. [sem tradução: neologismo do autor, *konačar* seria aquele que dorme cada noite em um lugar diferente].

VERDERY, Katherine. Ethnic relations, economies of shortage, and the transition in Eastern Europe. In: HANN, C. M. (Ed.). *Socialism: ideals, ideologies, and local practice*. London: Routledge, 1993. p. 172-186.

VICKERS, Miranda. *Between Serb and Albanian: a history of Kosovo*. New York: Columbia University Press, 1998.

VLAISAVLJEVIĆ, Ugo. The South Slav identity and the ultimate war-reality. In: BJELIĆ, Dušan I.; SAVIĆ, Obrad (Ed.). *Balkan as metaphor: between globalization and fragmentation*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2002. p. 191-207.

VUCETIC, Srdjan. Identity is a joking matter: intergroup humour in Bosnia. *Spaces of Identity*, Toronto ON, v. 4, n. 1, p. 7-34, 2003. Disponível em: <<http://pi.library.yorku.ca/ojs/index.php/soi/article/view/8011/7168>>. Acesso em: 12 set. 2010.

VULLIAMY, Ed. *Seasons in hell: understanding Bosnia's war*. New York, NY: St. Martin's Press, 1994.

WAGLEY, Charles. Champukwi of the village of Tapirs. In: CASAGRANDE, Joseph B. (Ed.). *In the company of man: twenty portraits by anthropologists*. New York: Harper & Brothers, 1960. p. 397-415.

WEINE, Stevan. Redefining *merhamet* after a historical nightmare. In: HALPERN, Joel M.; KIDECKEL, David A. (Eds.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 401-412.

WITCHEL, Elisabeth. The fixers. *Dangerous Assignments*, New York, p. 6-8, fall/winter 2004.

WOLFF, Larry. *Inventing Eastern Europe: the map of civilization on the mind of Enlightenment*. Stanford: Stanford University Press, 1994.

WOODWARD, Susan L.. The West and the international organisations. In: DYKER, David A.; VEJVODA, Ivan (Ed.). *Yugoslavia and after: a study in fragmentation, despair and rebirth*. Harlow: Pearson Education Limited, 1996. p. 155-176.

ZAIMOVIĆ, Karim. Robert Cappa je lagao. *BH Dani*, Sarajevo, specijalno izdanje "Sjećas li se Sarajevo", abr. 2008. [Robert Cappa mentiu. Edição especial "Lembra-se de Sarajevo"]. Artigo de março de 1993.

_____. *Tajna džema od malina*. Sarajevo: Civitas, 2005. [O segredo da geléia de framboesas]

Z. Ѓ. (З. Ѓ.). Почело пуцањем на свадби. *Oslobođenje*, Sarajevo, 2 mar. 1992. [Começou com tiros no casamento].

ŽANIĆ, Ivo. *Flag on the mountain: a political anthropology of war in Croatia and Bosnia-Herzegovina, 1990-1995*. Translated from the Croatian by Graham McMaster with Celia Hawkesworth. London: Saqi, 2007.

FILMES CITADOS

25 godina Akademije scenskih umjetnosti u Sarajevu (25 years of the Academy of Performing Arts in Sarajevo). Bosna I Hercegovina, 2007. Direção de Damir Janeček, Kenan Kulenović, Amra Mehić, Elvir Muminović, Srđan Rodić, Selma Spahić, Mirela Trebanić. 53 min.

Azra. Iugoslávia, 1988. Direção de Mirza Idrizović. 97 min.

Bem-vindo a Sarajevo (Welcome to Sarajevo). EUA/GB, 1997. Direção de Michael Winterbottom. 102 min.

Bitka na Neretvi. Iugoslávia, 1969. Direção de Veljko Bulajić. 165 min. [A batalha no Neretva]

A Cry from the Grave. London, 1999. Direção de Leslie Woodhead. 104 min.

Grbavica. Bósnia-Herzegóvina, Áustria, Croácia e Alemanha, 2006. Direção de Jasmila Žbanić. 90 min.

Igmanski marš. Iugoslávia, 1983. Direção de Zdravko Šotra. [A marcha no Igman]

Klopka za generala, 1971. Iugoslávia. Direção de Miomir Stamenković. [Cilada para o general]

Ko je ubio Antu Markovića?. Sérvia: RTV B92, 2003. Direção de Janko Baljak. Documentário em 10 episódios. [Quem matou Ante Marković?]

Rat uživo: ratni televizijski dnevnik. 1992-1995. Senad Hadžifejzović. Sarajevo, s.d.. [Guerra ao vivo: noticiário de guerra]

Remake. Bósnia-Herzegóvina, França e Turquia, 2003. Direção de Dino Mustafić. 102 min.

Sav taj folk. Sérvia: RTV B92, 2004. Direção de Bojan Vuletić. Documentário em 8 episódios. [Todo esse folk].

Srebrenica: Never Again?. GB, 2005. Direção de Leslie Woodhead. 79 min.

Sutjeska. Iugoslávia, 1973. Direção de Stipe Delić. 125 min.

Tunel nade. Bósnia-Herzegóvina/Eslovênia, 2007. Direção de Matjaž Fistravec. 53 min. [O túnel da esperança]

Užička republika. Iugoslávia, 1974. Direção de Živorad 'Žika' Mitrović. 158 min. [A república de Užice]

Valter brani Sarajevo. Iugoslávia, 1972. Direção de Hajrudin Krvavac. 134 min. [Valter defende Sarajevo]

Warriors. GB, 1999. Direção de Peter Kosminsky. 170 min.

We are all neighbours. Norway, 1993. Direção de Tone Bringa. 52 min.

APÊNDICE

I. Relação dos entrevistados

II. Mapas

1. Bósnia-Herzegóvina
2. Cantões – Federação da Bósnia-Herzegóvina
3. Plano Vance-Owen – 1993
4. Mapas do cerco
5. República Sérvia da Krajina e Republika Srpska – 1992-1995
6. SFRJ – 1945-1991
7. Segunda Guerra Mundial: partição da Iugoslávia
8. Banovinas

III. Fotografias

IV. Músicas e textos originais

I. Relação dos entrevistados⁴⁵⁸

nome	durante a guerra	atualmente ⁴⁵⁹	quem indicou
Aida Alibalić	Fixer - Sarajevo	Promotora de moda	Erich Rathfelder
Aida Čerkez	Fixer e jornalista - Sarajevo	Chefe AP Sarajevo	Dražen Simić
Aleksandar Vasović	Fixer e jornalista - Belgrado e BiH	Jornalista - Balkan Investigative Report Network	Dražen Simić
Amir Telibečirović (Lunjo) *	Soldado - Sarajevo	Jornalista	Adriana Marcolini - jornalista brasileira
Amira Sadiković (Maca)	Tradutora ONU - Sarajevo	Professora / tradutora	Suada Kapić
Amra Abadžić	Fixer - Sarajevo	Professora	Valida
Amra Hadžiosmanović	Fixer - Sarajevo	Jornalista AFP Sarajevo	Sabina Nikšić
Amra Kebo ⁴⁶⁰	Jornalista - Zagreb	Diretora de comunicação	Eldina Jašarević
Andrej Đerković	Fixer - Sarajevo	Artista	
Antonio Prlenda	Soldado e jornalista - Sarajevo	Jornalista	Amra Kebo
Asaf Bečirović *	Soldado - Sarajevo	Jornalista	Edina Kamenica
Asja Rasovac	Fixer - Sarajevo	Economista	Samir Krilić
Belmin Karamehmedović	Fixer - Sarajevo	Jornalista	Zijad Mehić
Boba Lizdek	Fixer - Sarajevo	produtora	Antonio Prlenda
Boris Kavić	Fixer - Zagreb e BiH	Jornalista	Suzana Sabljic
Boro Kontić	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	
Cardeal Vinko Puljić	Cardeal - Igreja católica	Cardeal - Igreja católica	Erich Rathfelder
Damir Omeragić	Apoio TV estrangeiras no prédio da televisão -	Tradutor	Sabina Nikšić e Sanja Baranac

* Amigos (jornalistas e fixers) que não foram entrevistados, ou que foram entrevistados e depois se tornaram amigos. Ou seja, as citações destes ao longo da tese não necessariamente foram de entrevistas.

⁴⁵⁸ Demais amigos e vizinhos que foram citados ao longo da tese, não estão nesta tabela. São eles: Halide, Emina, Azra, Ibro, Adnan, Adisa, Adila, Sandra, Irina, Frei Mirko, Fata, Ševala, Igor, Seka, Sanela, Senada e Damir. Além destes, recorri novamente a algumas entrevistas realizadas durante o mestrado (PERES, 2005) com os jornalistas Fernando Costa Netto, Rebeca Kritsch, Marcelo Spina e Kennedy Alencar.

⁴⁵⁹ Por ocasião da entrevista. Atualmente podem estar fazendo outra coisa.

⁴⁶⁰ Não foi entrevistada, mas me passou muitos contatos.

	Sarajevo		
Dražen Simić *	Soldado e jornalista - Sarajevo	Jornalista	
Dražen Šimić	Câmera - Zagreb	Câmera	Nerminka Emrić
Dubravko Lovrenović	Historiador	Historiador	Erich Rathfelder
Duško Tubić	Fixer - Bijeljina	Médico	Valida
Edin Karahusić	Fotógrafo do exército / guia - Sarajevo	Fotógrafo	Jadranko Katana
Edina Bečirević	Fixer - Sarajevo	Professora criminalística	Hana Prguda
Edina Kamenica *	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Amra Kebo
Eldar Emrić	Câmera - Sarajevo	Câmera	Sabina Nikšić
Eldina Jašarević	Fixer - Sarajevo	Professora de alemão	Aida Čerkez
Eli Tauber *	Comunidade judaica	Comunidade judaica	Frei Marko Oršolić
Elvis Barukčić	Fixer, câmera, fotógrafo - BiH	Fotógrafo	Sabina Nikšić
Erich Rathfelder *	Jornalista alemão	Jornalista	
Fahira Fejzić-Čengić	Jornalista	Professora jornalismo	IUS
Frei Marko Oršolić *	Igreja franciscana	Igreja franciscana	Jakob Finci
Hakija Hadžalić	Câmera - Sarajevo	Câmera	Sabina Nikšić
Hana Prguda (Umihana)	Fixer - Sarajevo	Trabalha com saúde	Sabina Nikšić, Eldar Emrić, Damir Omeragić
Hare Osmanagić (Muharem)	Câmera - Sarajevo	Câmera	Sabina Nikšić
Jadranko Katana	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Amra Kebo
Jakob Finci	Comunidade judaica	Comunidade judaica	Erich Rathfelder
Jovan Divjak *	Comandante do exército - Sarajevo	Presidente ONG	Erich Rathfelder, Suada Kapić
József Pandur		OHR	Veran Matić
Konstanty Gebert	Jornalista polonês	Jornalista	
Leana Lugić	Fixer - Sarajevo	Tradutora	Pregrag Doder, Eldar Emrić
Leila Viteskić *	Jornalista - Sarajevo	Jornalista - EUA	Edina Kamenica
Marcus Tanner	Jornalista inglês	Jornalista	
Meldijana Arnaut	Soldado - Sarajevo	Pesquisadora	Eli Tauber
Merdijana Sadović	Fixer - Sarajevo	Jornalista	Samra Lučkin, Edina Bečirević
Miloš Šolaja	Jornalista - Banja Luka	Professor	Prof. Aleksandar Jovanović (USP)
Miran Jelenek	Fixer e câmera - Sarajevo	Câmera	Darija - Reuters
Mladen Pehar	Técnico de som – Sarajevo	Câmera e técnico de som	Eldar Emrić

Nerminka Emrić	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Eldar Emrić
Nevenko Erić	Jornalista - Pale	Jornalista	Ognjen Begović
Ognjen Begović *	Jornalista - Pale	Jornalista	Miloš Šolaja
Philippe Deprez	Jornalista belga	Jornalista	Erich Rathfelder
Predrag Doder	Técnico de som - Sarajevo	Técnico de som	Eldar Emrić
Radul Radovanović	Fixer - Pale	Jornalista	Dražen Simić, Aleksandar Vasović
Rialda Musaefendić	Fixer - Sarajevo	Jornalista	Sabina Nikšić, Belmin Karamehmedović
Sabina Ćosić	Fixer - Sarajevo	Investimentos - EUA	Aida Čerkez
Sabina Nikšić	Fixer - Sarajevo	Jornalista	Aida Čerkez
Samir Krilić	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Aida Čerkez
Samira Krehić	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Azra (IUS)
Samra Lučkin	Fixer - Sarajevo	Diretora rádio	Amra Kebo
Sandra Kukić	Fixer, jornalista - Sarajevo	Psicóloga	Amra Kebo
Sanja Baranac	Fixer - Sarajevo	Embaixada EUA	Philippe Deprez
Sanja Mahač	Fixer - Zagreb	Jornalista	Suzana Sabljic – Reuters
Sava Radovanović	Fixer, fotógrafo - Belgrado / BiH	Fotógrafo	Samir Krilić
Senad Hadžifejzović	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Amira Sadiković, Nerminka Emrić
Senad Kamenica *	Jornalista - Sarajevo	Consultor EUFOR	Amira Sadiković
Senada Kreso	Tradutora, jornalista - Sarajevo	Tradutora	Suada Kapić
Senka Kurtović	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Eldina Jašarević, Zijad Mehić
Srećko Latal	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Dražen Simić
Suada Kapić *	Enciclopédia do cerco	Enciclopédia do cerco	Andrej Đerković
Šefko Hodžić	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Asaf Bećirović
Valida Vilić *	dona de pensão / intérprete - Sarajevo	dona de pensão	Adriana Marcolini - jornalista brasileira
Veran Matić	Jornalista - Belgrado	Jornalista	Vladimir Brasanac - B92
Vlada Marjanović	Fixer - Belgrado / BiH	Tradutor	Vladimir Brasanac - B92
Vlado Azinović	Jornalista, fixer - Sarajevo	Jornalista	Prof. Ahmet Alibašić (IUS)
Vojislav Stjepanović	Câmera - Pale	Câmera	Radul Radovanović
Zdravko Grebo	Jornalista - Sarajevo	Professor Direito	Erich Rathfelder, Philippe Deprez

Zdravko Ljubas	Jornalista - Sarajevo	Jornalista	Sabina Nikšić
Zenit Đozić	Top lista nadrealista	Produtor	Eldar Emrić
Zijad Mehić	Editor - Sarajevo	Reitor Faculdade de Artes Cênicas - Univ. Sarajevo	Eldina Jašarević
Zlatko Dizdarević	Jornalista - Sarajevo	Embaixador	Suada Kapić
Željko Ivanković *	Jornalista, escritor – Sarajevo	Jornalista, escritor	Dubravko Lovrenović

II. Mapas

1. Bósnia-Herzegovina⁴⁶¹



2. Cantões – Federação da Bósnia-Herzegovina⁴⁶²

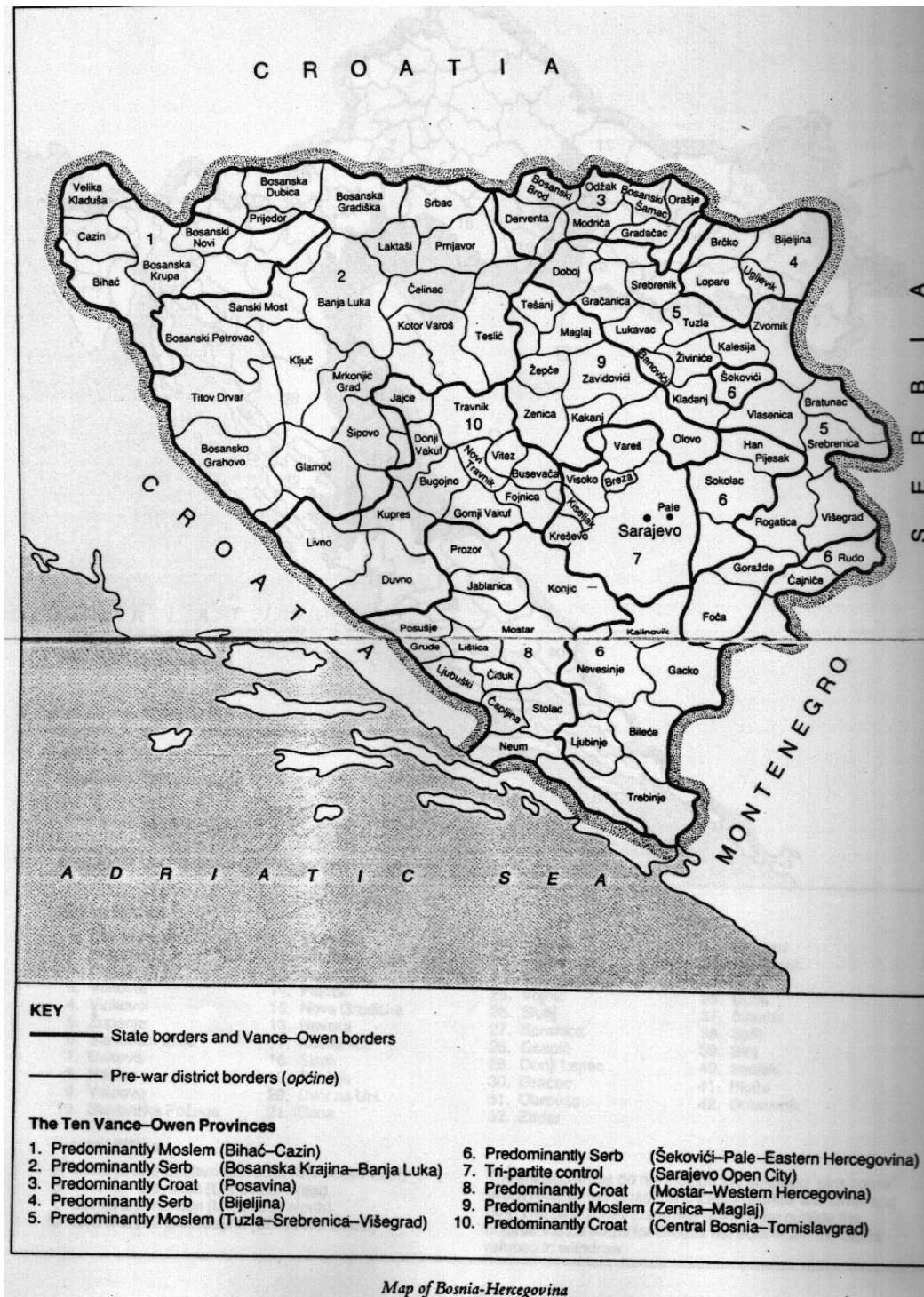
1. Unskosanski
2. Posavski
3. Tuzla
4. Zeničko-dobojski
5. Bosansko-Podrinjski
6. Srednjobosanski
7. Hercegovačko-neretvanski
8. Zapadnohercegovački
9. Sarajevo
10. Kanton 10 (Cantão 10)



⁴⁶¹ Mapa disponível em: <<http://www.un.org/Depts/Cartographic/map/profile/bosnia.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2010.

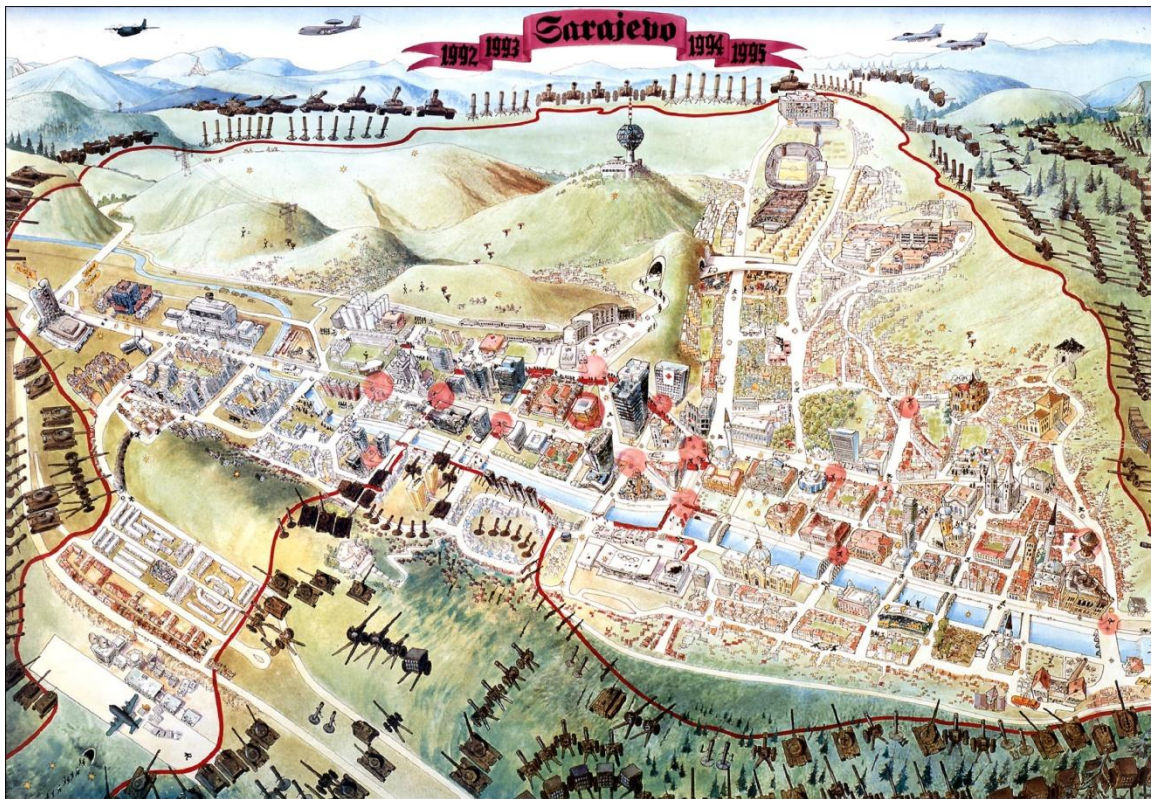
⁴⁶² Mapa disponível em: <<http://www.fzs.ba/fzsb.htm>>. Acesso em: 24 set. 2010.

3. Plano Vance-Owen – 1993

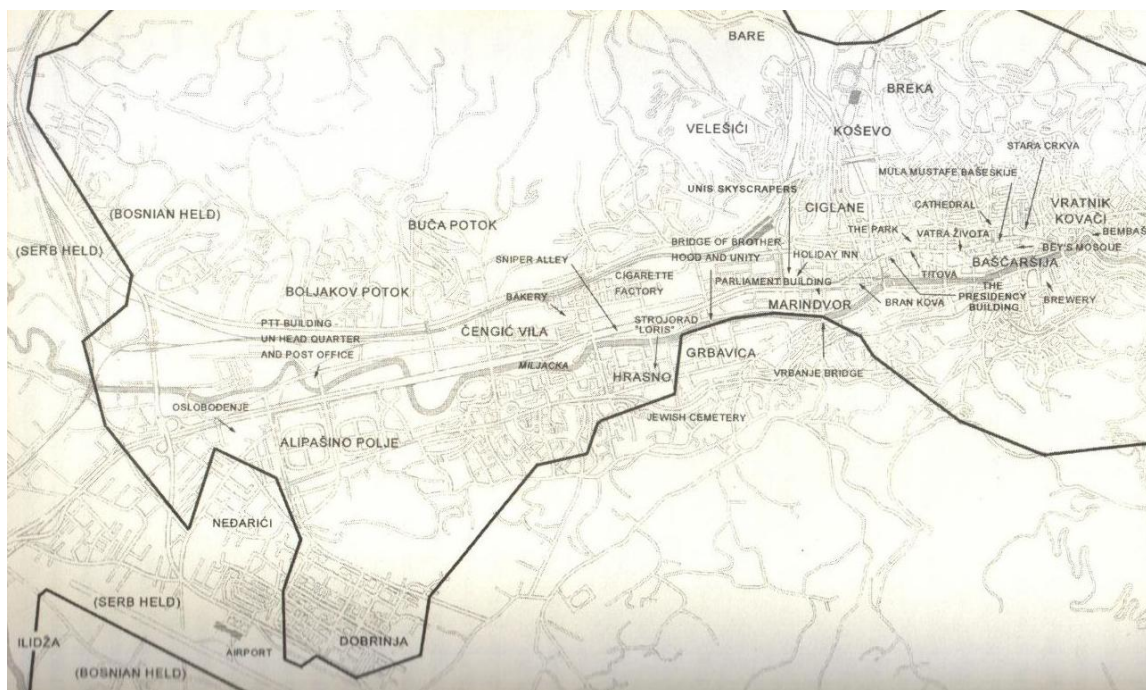


Cf. GLENNY, 1996, p. XIV-XV

4. Mapas do cerco



Cf. SARAJEVO Survival Map, 2009.



Cf. MAČEK, 2009, p. 24

5. República Sérvia da Krajina e Republika Srpska – 1992-1995



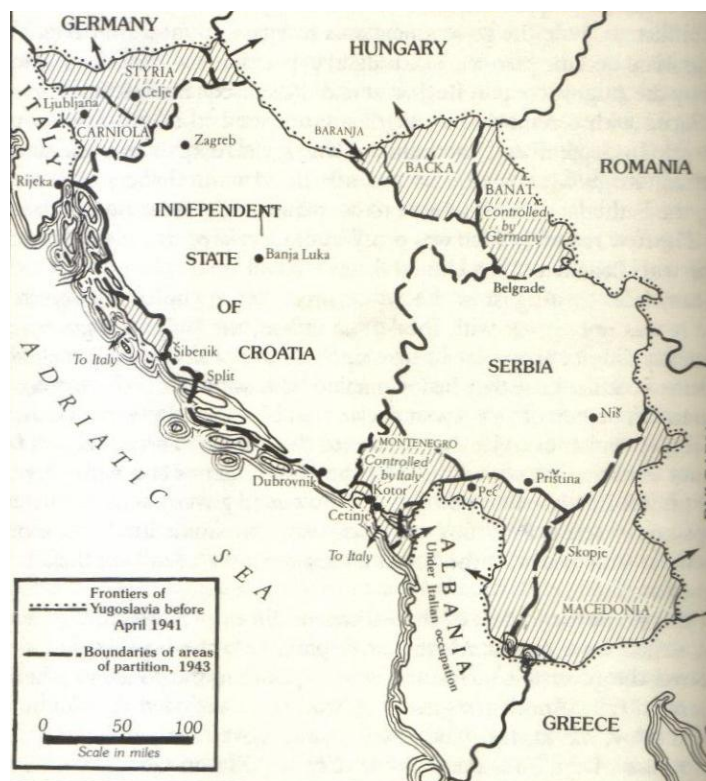
Cf. JUDAH, 1997, p. 289

6. SFRJ – 1945-1991



Cf. GARDE, 1994, p. 12

7. Segunda Guerra Mundial: partição da Iugoslávia



Cf. JELAVICH, 1983, v. 2, p. 262.

8. Banovinas



Cf. MALCOLM, 2002, p. XVI

III. Fotografias

Sarajevo



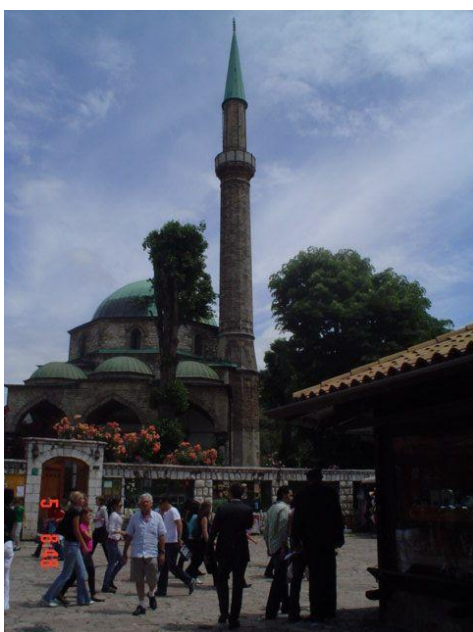
Latinska ćuprija
(Ponte Latina)



Sebilj (fonte)
Baščaršija



Baščaršija



Baščaršija
Mesquita da Baščaršija (*Baščaršijska džamija*
ou Džamija Havadže Duraka)



Vijećnica
Omar Ribeiro Thomaz



Vijećnica
Exposição Edo Murtić
(set. 2008)



Markale ⁴⁶³

⁴⁶³ Essa e outras fotos onde eu apareço, algum amigo que estava comigo ou algum transeunte que tirou. Prefiro colocá-las aqui, ao invés de buscar por fotos na internet de autores desconhecidos, apesar de recorrer a estas algumas vezes. A vontade de colocar essas fotos na tese nasceu, portanto, depois do trabalho de campo. O ideal teria sido voltar à Bósnia para fazer novas fotos, infelizmente não foi possível.



Vječna vatra / A chama eterna
(Rua Ferhadija com Rua Marechal Tito)

“Bravamente e unidos pelo sangue derramado de bósnios-herzegóvinos, croatas, montenegrinos e sérvios, que lutaram na brigada do glorioso exército iugoslavo, juntos e diligentes, e às vítimas sérvias, muçulmanas e croatas patriotas de Sarajevo. 6 de abril de 1945, Sarajevo, capital da república popular da Bósnia-Herzegóvina, foi libertado. Glória eterna e gratidão aos heróis que morreram pela libertação de Sarajevo e de nossa pátria, no primeiro ano de sua libertação. Grato Sarajevo”



Rua Ferhadija
Suada Kapić e Andrej
Đerković

Bonde
Catedral católica ao fundo



Catedral ortodoxa
(Saborna crkva Presvete Bogorodice)

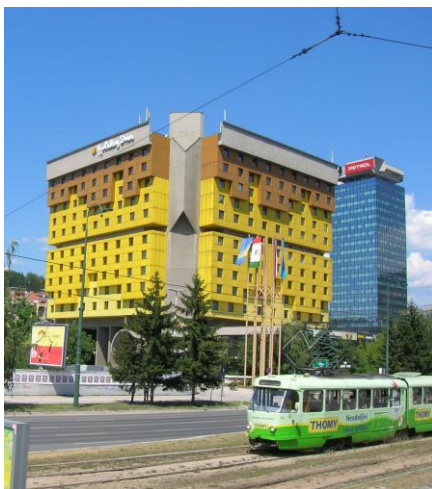


Antiga sinagoga sefardita (Stari
Jevrejski hram)

Vilsonovo šetalište



Skenderija



Hotel Holiday Inn

Unitic / Antes: Torres UNIS
Conhecidas como: Momo i
Uzeir
(Momo, muçulmano, Uzeir,
ortodoxo, personagens de um
antigo programa de rádio. Cf.
JERGOVIĆ, 1999)

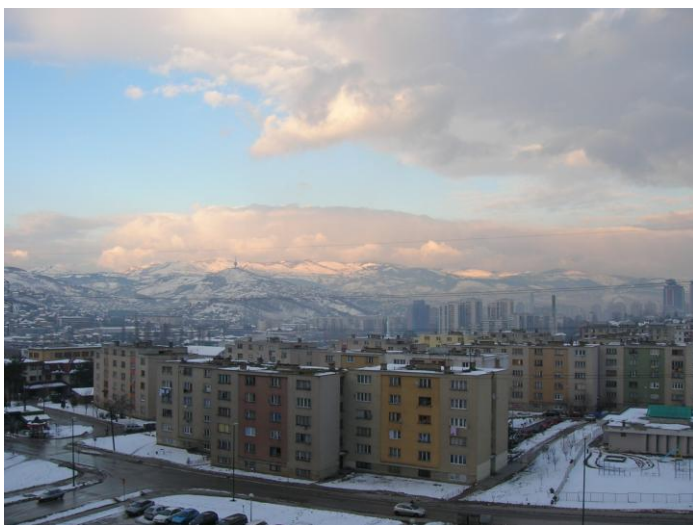




Alguns prédios de Mojnilo



Alguns prédios de Alipašino Polje



Vista de Alipašino Polje para Švrakino selo



Prédio da televisão ⁴⁶⁴



Prédios do *Oslobođenje* e do Avaz



Vrelo Bosne

⁴⁶⁴ Foto da internet. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.mojevijesti.ba/novost/25592/usvojen-izvjestaj-o-reviziji-javnog-rtv-servisa>>. Acesso em 23 set. 2010.



Entrada para o túnel em Butmir
(um trecho do túnel permanece aberto
para visitação)



Túnel



Cemitério judaico
(linha de frente durante a
guerra)



Rosas de Sarajevo⁴⁶⁵

Placa comemorativa (spomen ploča) na Rua Halači, Baščaršija

“Neste lugar, em 23/08/1992, criminosos sérvios mataram oito cidadãos de Sarajevo.

Misericórdia, paz e silêncio aos mortos, recitai a *Fatiha* (Al-Fātihah) e rezai, lembrai e não deixeis esquecer.

Cidadãos de Sarajevo”



⁴⁶⁵ Foto da internet. Autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.sarajevo-x.com/bih/sarajevo/clanak/081102033>>. Acesso em 23 set. 2010.



Escola em Grbavica

Dia da Pátria – 25 de novembro de 2009



Placa no primeiro Banheiro Público de Sarajevo
“BANHEIRO PÚBLICO
Este é o primeiro banheiro público de Sarajevo
Construído em 1530
Destruído em 1992
Reconstruído em 2001”

Obituário:

“É com pesar que anunciamos a todos os cidadãos e cidadãs de nossa divina BiH que o Papai Noel, no dia 26/12/2008, com 77 anos, faleceu [preselio na ahiret – ala rahmetelje > é como se fala quando um muçulmano morre: passou para o outro mundo, que Allah tenha misericórdia].

O préstito fúnebre [dženaza = cerimonial de sepultamento islâmico] parte da frente da Mesquita do Begue [na Baščaršija], e o enterro será realizado às 14 horas no cemitério municipal, e sem cerimônia de sepultamento!

Condolências de: Companhia Coca Cola, Vaticano, São Nicolau, SDP e audiência do programa de noticiário político “60 minutos” – os demais: nem uma lágrima.

(Sarajevo, Alipašino Polje, 2 mar. 2010)”



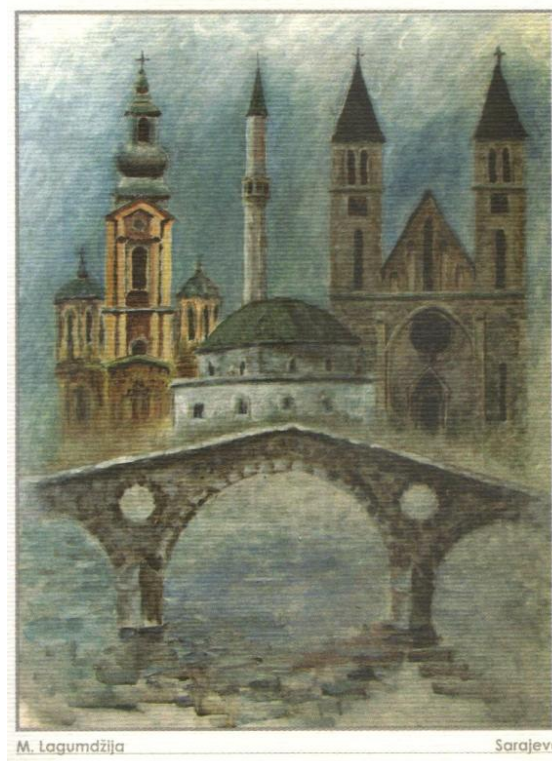
No comment

(Sarajevo, Alipašino Polje, 2. marta 2010. godine)

Kozija ćuprija (Ponte do Bode)



Réplica (*Etno selo Stanišić*, Bijeljina)



Cartão postal:
Catedral
ortodoxa
Mesquita do
Begue (Begova
džamija / Gazi-
Husrev-begova)
Catedral católica
Ponte do Bode
(Kozija ćuprija)

Por Amir T.⁴⁶⁶



Romeu e Julieta / Boško e Admira

De dentro da sinagoga, a torre do
relógio islâmico (*Sahat- kula*)



Vista da cidade

⁴⁶⁶ Fotos enviadas por email por Amir Telibečirović.

Šehidsko mezarje Kovači (Cemitério de mártires Kovači)



Túmulo de Alija Izetbegović ⁴⁶⁷

Cemitério *šehid*, com Žuta tabija
ao fundo



“Monumento em homenagem aos que lutaram na ABiH e deram a vida defendendo a BiH durante a agressão 1992-1995”

⁴⁶⁷ Foto da internet. Autor desconhecido. Disponível em: <http://www.bih.net.ba/newsarea_vijest+M5e6d5d3399e.html>. Acesso em 23 set. 2010.

Na Republika Srpska



Divisa Cantão Sarajevo / Istočno Sarajevo (Vraca)



Eleições municipais out. 2008
(Bijeljina)

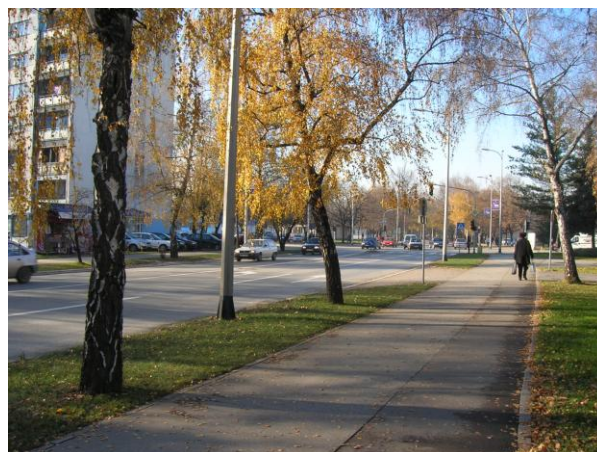


Bijeljina

Banja Luka



Rio Vrbas e forte ao fundo



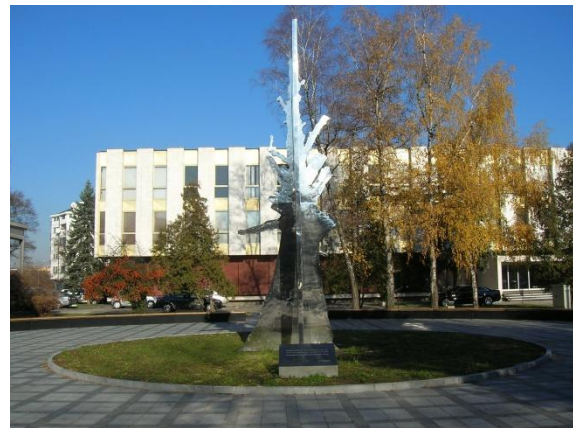
Pela cidade



Pela cidade



Toše Proeski



Monumento aos mortos em Jasenovac



“Às vítimas de Jasenovac, pela eterna lembrança 1941-1945
Cidade de Banja Luka
22/04/2007”

Monumento aos partisanos mortos
na Segunda Guerra Mundial

“Glória aos combatentes mortos,
pela liberdade da pátria, pela
fraternidade e por uma vida melhor
ao nosso povo”



Igreja ortodoxa (*Hram Hrista
spasitelja*, Templo de Cristo, o
Salvador)

Mesquita



Mostar



Mesquita Koski Mehmed-pašina



Stari most (Ponte Velha)



Igreja franciscana de
São Pedro e Paulo



Pela cidade



Vista da cidade
Cruz no alto e minaretes



Cemitério partisan

Casas



Despića kuća (casa dos Despić - ortodoxa)
Sarajevo



Casa sérvia (*Etno selo Stanišić*, Bijeljina)



Casa turca (Mostar)

Pela Bósnia



Stećci na vila de Biskup, Konjic



Suvenires em Jajce



Rio Neretva, nas proximidades de Konjic

Srebrenica



A cidade



Escavações - vala comum

Potočari, 11 de julho de 2008.





foto: Halide Velioglu



foto: Halide Velioglu

Belgrado – manifestação contra a independência do Kosovo (17 mar. 2008)



"Kosovo Otan estado terror"

No broche: "Não quero Europa"
(Нећу y Европу)



Fotos de igrejas ortodoxas destruídas
no Kosovo

Tito



Túmulo do Tito (Museu do Tito / Museu 25 de maio / *Muzej 25. maja*, Belgrado, Sérvia)

Bastões do Dia da Juventude
(Museu do Tito / Museu 25 de maio /
Muzej 25. maja, Belgrado, Sérvia)



Dia da Juventude (25/5/2008)
(Campus da Universidade de
Sarajevo)



Amigos ⁴⁶⁸



1



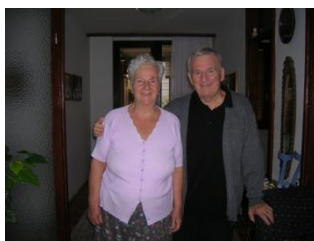
2



3



4



5



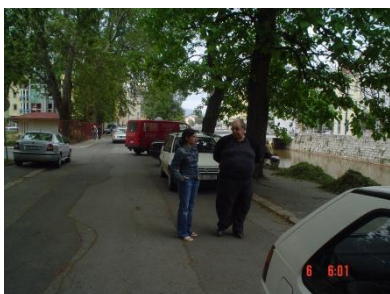
6



7



8



10



11



12



13



14



15

⁴⁶⁸ 1 e 2. Bjelašnica, com aposentados / 3. Neum, com Adila, Azra, Fata, Jadranka e Ševala / 4. Ibro, Advija e Ado / 5. vizinhos Seka e Hajro / 6. Senad K. / 7. Igor e amigos na galeria / 8. Jovan Divjak / 9. Leila V. e Edina K. / 10. Frei Marko / 11. Valida V. / 12. Asaf B. no *Oslobođenje* / 13. Ibro na sapataria / 14. Amir T. e Irina / 15. Sandra na exposição de Edo Murtić

Dinheiro ⁴⁶⁹



10 KM

Mehmedalija Mak Dizdar (escritor) /
verso: stećak Radimlja

Aleksa Šantić (escritor) / verso: pão



20 KM

Antun Branko Šimić (escritor) / verso:
stećak Radimlja

Filip Višnjić (tocador de guzla e
cantador) / verso: guzla (instrumento
musical)



⁴⁶⁹ Imagens da página na internet do Banco Central da Bósnia (Centralna banka Bosne i Hercegovine): <http://www.cbbh.ba/index.php?id=19&lang=bs>. Acesso em: 23 set. 2010.



50 KM

Musa Ćazim Ćatić (escritor) /
verso: pedra esculpida

Jovan Dučić (escritor) / verso:
óculos, livro e caneta



100 KM

Nikola Šop (escritor) / verso:
stećak Zgošća

Petar Kočić (escritor) / verso:
óculos, livro e caneta





200KM

Ivo Andrić (escritor)

verso: ponte sobre o Drina, em Višegrad

IV. Músicas e textos originais

1. Quem uma vez bebe das águas da Baščaršija (p. 17)

Ko se jednom napije vode sa Baščaršije (Sevdalinka, domínio público)

Jednom dođoh
da upoznam Sarajevo grad
tada bijah momak
neženjen i mlad
mislio sam da ostanem
samo dan il dva
al' mi prođe u Sarajvu
mladost moja sva

Ko se jednom napije vode sa Baščaršije
nikad više iz Sarajva taj otići ne umije

Žeđ ljubavi
česmu nađe
u šeheru tom
priđoh bliže
zadrhta mi
srce snagom svom
Sarajka mi ponudi
đugum vode pun
zaboravih gdje sam poš'o
kud me vodi put

Ko se jednom napije vode sa Baščaršije
nikad više iz Sarajva taj otići ne umije

Žeđ ljubavi
lako plane
kao vatre plam
za đugum sam morao
burmu da joj dam
oženih se mlađan
ostah Sarajlija
odakle je ljubav moja
odakle sam ja

Ko se jednom napije vode sa Baščaršije
nikad više iz Sarajva taj otići ne umije

2. Toque de recolher (p. 214)

Policijski sat

Semezdin Mehmedinović (*Sarajevo blues*, 2004, p. 33)

Nakon policijskog sati, Titova ulica je mrtva. Zvuk vjetrova u najlonima prozora bez stakla. Kad prestane puhati, čuje se hod mačke na asfaltu. Onda se, iz mraka, javi čovjek: „Ko si ti?“, pita. Tankim snopom svjetla baterijske lampe traži na meni akreditaciju. Jedno drugom u susret ide – međusobno se osvjetljavaju: vozač pod crnom kacigom u džipu bez i jednog stakla, i – kombi, sav obložen željeznim pločama; na njemu žutim slovima piše: dobrinja. Kad skrenem u usku ulicu, mislim o tome, kako se negdje upravo animira ovakav dekor za sf-film; statist u tom filmu je manje smrtno od Sarajeva. Manje stvaran. Po glavnoj ulici sam išao oprezno iz straha da ću se, u mraku, zaplesti u pokidane tramvajske žice; u ovoj ulici ih nema, ali svejedno koračam se prstima. Ništa se ne vidi, a znam da je, sa moje lijeve strane, trafika: stakla su polupana, vrata skinuta, a njena unutrašnjost je ispražnjena. Police od panela istrgnute vise sa zida. Od onoga što ostalo, neka ruka je napravila tamo instalaciju: na izlogu bez stakla, štupaljkama je uz silk povezan red koloriranih fotografija Sarajeva. Već dani tu stoje. Autor instalacije, on je anonimn. Dovoljno je pružiti ruku i pokupiti razglednice; upravo je čudo da se to do sada nije dogodilo.

3. Conte conosco (p. 244)

Računajte na nas (Đorđe Balašević)

U ime svih nas iz pedeset i neke
Za zakletvu Titu ja spevao sam stih
Ne spominjem prošlost ni bitke daleke
Jer rođen sam tek posle njih

Al život pred nama još bitaka skriva
I preti nam preti ko duboki vir
Ja znam da nas čeka još sto ofenziva
Jer moramo čuvati mir

Računajte na nas
Sumnjaju neki da nosi nas pogrešan tok

Jer slušamo ploče i sviramo rock
Al' negde u nama je bitaka plam
I kažem vam šta dobro znam
Računajte na nas

U ime svih nas iz pedeset i neke
Za zakletvu Titu sam spevala stih
Ne spominjem prošlost ni bitke daleke
Jer rođena sam posle njih

U nama je sudbina budućih dana
I neki se možda i plaše za nju
Kroz vene nam protiče krv partizana
I mi znamo zašto smo tu
Računajte na nas

Sumnjaju neki da nosi nas pogrešan tok
Jer slušamo ploče i sviramo rock
Al' negde u nama je bitaka plam
I kažem vam šta dobro znam
Računajte na nas

(Rani Mraz, Računajte na nas, 1978)

4. Se não fosse você, Alija (p. 264)

**Da te nije Alija
(Dino Merlin)**

Tamo gdje je sunce
tamo gdje su zvijezde
tamo gdje je nebo bez oblaka
gdje se čiste duše gnijezde
gdje se oči odmiču od mraka

Na tu stranu ja okrećem glavu
u te dvore glas me zove
sklapam oči, pružam ruke
pustim snove da zaplove
sklapam oči, pružam ruke
pustim snove da zaplove

Ne bi sjala ovako jako
ova moja lijepa avlija
ja bi svjetlo zvao mrakom
da te nije Alija

Slutio sam riječi, slutio sam pjesme

mislio da grijeh je, da se ne smije
mislio sam nema ko da sluša
ima kako nema, sluša moja duša
mislio sam nema ko da sluša
ima kako nema, čuje moja duša

Ne bi sjala ovako jako
ova moja lijepa avlija
ja bi svjetlo zvao mrakom
da te nije Alija

5. Bálcās (p. 276)

Balkan (Bajaga)

Ovo je ovde Balkan,
Zemlja iz sna,
Između moćnih sila
Dobra i zla.

Tu svako može biti
Dušman i brat;
Svaki pedeset leta izbija rat.

Ovu su zemlju pravili
I ratnici i pesnici
I različiti bogovi.

Ovo je ovde Balkan,
Mirisni cvet,
Totalno nerazumljiv za ceo svet.
I svako može biti
Dušman i brat;
Svaki pedeset leta izbija rat.

Ovu su zemlju pravili
I ratnici i pesnici
I različiti bogovi.

(Bajaga & Instruktori, Muzika na struju, 1993)

6. Grande cidade, querida Banjaluka (p. 303)

Šeher grade, Banjaluko mila (Sevdalinka, domínio público)

Šeher grade, Banjaluko mila,
cijelu Bosnu ti si zadivila
svojom pjesmom i lijepim sevdahom,
ašiklukom pa i rahatlukom.

Svud se pjesme o tebi pjevaju
u tebi je lijepo ko u raju,
zelenilom svud si opasana,
i šarenim ruhom prošarana.

Banjaluko, sva goriš u sjaju,
kao draga u mom zagrljaju,
uvijek gori nikad se ne gasi
i pjevaj nam o lijepoj Almasi.

7. Pesadelo (p. 361)

Mora (Abdulah Sidran)

Što to radiš sine?
Sanjam, majko. Sanjam, majko, kako pjevam,
a ti me pitaš, u mom snu: što to činiš, sinko?
O čemu, u snu, pjevaš, sine?
Pjevam, majko, kako sam imao kuću.
A sad nemam kuće. O tome pjevam, majko.
Kako sam, majko, imao glas, i jezik svoj imao.
A sad ni glasa, ni jezika nemam.
Glasom, koga nemam, u jeziku, koga nemam,
o kući, koju nemam, ja pjevam pjesmu majko.